Allan Kardec

O LIVRO DOS MÉDIUNS

Tradução de Evandro Noleto Bezerra

feb

Allan Kardec

O LIVRO DOS MÉDIUNS

Tradução de Evandro Noleto Bezerra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

O Livro dos Médiuns

O Livro dos Médiuns

OU
GUIA DOS MÉDIUNS E DOS EVOCADORES

O ENSINO ESPECIAL DOS ESPÍRITOS SOBRE A TEORIA DE TODOS OS GÊNEROS DE MANIFESTAÇÕES, OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COM O MUNDO INVISÍVEL, O DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE, AS DIFICULDADES E OS ESCOLHOS QUE SE PODEM ENCONTRAR NA PRÁTICA DO ESPIRITISMO, CONSTITUINDO O SEGUIMENTO DE O LIVRO DOS ESPÍRITOS.

Por
Allan Kardec

Tradução de Evandro Noleto Bezerra

Federação Espírita Brasileira

Copyright 2008 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA - FEB
Brasília (DF) - Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do copyright.

ISBN (versão ePub): 978-85-7945-186-7

Titulo do original francês:

LE LIVRE DES MÉDIUMS ou Guide des Médiums et des Évocateurs

(Paris, 15 de janeiro de 1861)

Tradução: Evandro Noleto Bezerra

Capa: Agadyr Torres Pereira (seguindo projeto de Julio Moreira)
eBook desenvolvido por: Rones José Silvano de Lima

Edição do CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL
SGAN Q. 909 - Conjunto F
70790-090 - Brasília (DF) - Brasil
www.edicei.com
edicei@edicei.com
55 61 3038 8400

Primeira Edição – 5/2011

Edição autorizada pela Federação Espírita Brasileira.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA FONTE - CIP

K27l

Kardec, Allan, 1804-1869.

O livro dos médiuns, ou, Guia dos médiuns e dos evocadores: espiritismo experimental [recurso eletrônico] / por Allan Kardec ; [tradução de Evandro Noleto Bezerra]. – Dados eletrônicos. – Brasília : Conselho Espírita Internacional, 2011.

672 p. ; 18 cm

Tradução de: Le livre des médiums

ISBN 978-85-7945-186-7 (ebook)

1. Espiritismo. 2. Médiuns. I. Bezerra, Evandro Noleto, 1949-. II. Federação Espírita Brasileira. III. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7

Introdução

Todos os dias a experiência nos traz a confirmação de que as dificuldades e os desenganos encontrados na prática do Espiritismo resultam da falta de conhecimento dos princípios desta ciência, e felizes nos sentimos por haver podido comprovar que o nosso trabalho, feito com o objetivo de prevenir os adeptos contra os perigos do aprendizado, produziu frutos e muitos conseguiram evitar os escolhos, graças à leitura atenta desta obra.

Um desejo muito natural entre as pessoas que se ocupam com o Espiritismo é o de poderem entrar em comunicação com os Espíritos. Esta obra se destina a lhes facilitar o caminho, levando-as a tirar proveito dos nossos longos e laboriosos estudos, porquanto formaria ideia muito falsa quem julgasse que, para tornar-se perito nesta matéria, basta saber colocar os dedos sobre uma mesa, a fim de fazê-la girar, ou segurar um lápis para escrever.

Enganar-se-ia igualmente quem pensasse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. Embora cada um traga em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que criatura alguma pode provocar à vontade. As regras da poesia, da pintura e da música não fazem que se tornem poetas, pintores ou músicos os que não possuem o gênio dessas artes; apenas os guiam no emprego de suas faculdades naturais. Dá-se a mesma coisa com o nosso trabalho; seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolver a faculdade mediúnica, tanto quanto o permitam as disposições de cada um e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de maneira proveitosa, quando existir a faculdade. Este, porém, não é o único objetivo a que nos propusemos.

Ao lado dos médiuns propriamente ditos, aumenta diariamente o número de pessoas que se ocupam com as manifestações espíritas. Guiá-las em suas observações, assinalar-lhes os obstáculos que certamente encontrarão por se tratar de uma coisa tão nova, iniciá-las na maneira de conversarem com os Espíritos, ensinar-lhes os meios de conseguirem boas comunicações, tal é a

esfera que devemos abranger, sob pena de fazermos trabalho incompleto. Ninguém se surpreenda, pois, se nele encontrar instruções que, à primeira vista, pareçam descabidas; a experiência mostrará a sua utilidade. Quem estudar cuidadosamente este livro compreenderá melhor os fatos de que venha a ser testemunha, parecendo-lhe menos estranha a linguagem de alguns Espíritos. Como instrução prática, portanto, ele não se destina exclusivamente aos médiuns, mas a todos os que estejam em condições de observar os fenômenos espíritas.

Algumas pessoas gostariam que tivéssemos publicado um manual prático muito sucinto, contendo em poucas palavras a indicação dos processos que se devem empregar para entrar em comunicação com os Espíritos. Pensam elas que um livrinho dessa natureza, em razão do seu baixo custo e pela possibilidade de se espalhar profusamente, representaria um poderoso meio de propaganda, pela multiplicação do número de médiuns. A nosso ver, semelhante obra, em vez de ser útil, seria nociva, ao menos por enquanto. A prática do Espiritismo é cercada de muitas dificuldades e nem sempre é isenta de perigos, que só um estudo sério e completo pode prevenir. Seria, pois, de temer que uma indicação muito resumida provocasse experiências feitas com leviandade, das quais os experimentadores viessem a arrepender-se; são atitudes *inconvenientes* e imprudentes, com as quais não se deve brincar, de modo que julgaríamos prestar mau serviço, pondo-as ao alcance do primeiro estouvado que achasse divertido conversar com os mortos. Dirigimo-nos aos que veem no Espiritismo um objetivo sério, aos que compreendem toda a sua gravidade e não fazem mero passatempo das comunicações com o mundo invisível.

Havíamos publicado uma *Instrução Prática*[1] com o objetivo de guiar os médiuns. Essa obra está hoje esgotada e, embora a tenhamos feito com um fim grave e sério, não a reimprimiremos, porque ainda não a consideramos bastante completa para esclarecer acerca de todas as dificuldades que se possam encontrar. Substituímo-la por esta, na qual reunimos todos os dados que uma longa experiência e conscienciosos estudos nos permitiram colher. Esperamos que ela contribua para imprimir ao Espiritismo o caráter sério que constitui a sua essência e para evitar que haja quem nele veja objeto de frivolidade e de divertimento.

A essas considerações ainda acrescentaremos outra, muito importante: a má impressão que produzem nos novatos as experiências feitas com leviandade e sem conhecimento de causa. Elas apresentam o inconveniente de gerar ideias

falsas acerca do mundo dos Espíritos e de se prestarem à zombaria e à crítica, quase sempre fundada. É por isso que os incrédulos raramente saem convertidos dessas reuniões e pouco dispostos a reconhecer que haja alguma coisa de sério no Espiritismo. A ignorância e a leviandade de certos médiuns têm gerado mais prejuízos do que se pensa na opinião de muita gente.

Nos últimos anos o Espiritismo tem realizado grandes progressos, imensos progressos, sobretudo os que conseguiu efetivar depois que tomou o rumo filosófico, porque passou a ser apreciado pelas pessoas esclarecidas. Hoje, já não é um espetáculo, mas uma Doutrina de que não mais riem os que zombavam das mesas girantes. Esforçando-nos por levá-lo para esse terreno e aí mantê-lo, estamos certos de que lhe conquistaremos mais adeptos úteis, do que provocando a torto e a direito manifestações que se prestariam a abusos. Temos a prova disso todos os dias pelo número de adeptos conquistados pela simples leitura de *O Livro dos Espíritos*.

Depois de havermos exposto a parte filosófica da ciência espírita em *O Livro dos Espíritos*, damos nesta obra a parte prática, para uso dos que queiram ocupar-se com as manifestações, seja por iniciativa própria, seja para se inteirarem dos fenômenos a que sejam chamados a observar. Verão aí as dificuldades que podem encontrar e terão também um meio de evitá-las. Estas duas obras, embora uma seja a continuação da outra, são independentes até certo ponto. Diremos, porém, a quem desejar ocupar-se seriamente da matéria, que primeiro leia *O Livro dos Espíritos*, porque contém princípios fundamentais sem os quais talvez seja difícil a compreensão de algumas partes desta obra.

Importantes melhorias foram introduzidas na segunda edição, muito mais completa do que a primeira. Foi corrigida com especial cuidado pelos Espíritos, que lhe acrescentaram grande número de notas e instruções do mais alto interesse. Como eles reviram tudo, aprovando-a ou modificando-a à vontade, pode-se dizer que ela é, em grande parte, obra deles, porque a sua intervenção não se limitou a alguns artigos que assinaram. Só indicamos os nomes quando isso nos pareceu necessário para assinalar que algumas citações um tanto extensas procederam deles textualmente. A não ser assim, teríamos de citá-los quase que em todas as páginas, especialmente em seguida a todas as respostas dadas às perguntas que lhes foram feitas, providência que julgamos inútil. Em tais assuntos, como se sabe, os nomes têm pouca importância. O essencial é que o conjunto do trabalho corresponda aos objetivos a que nos propusemos. O acolhimento dado à primeira edição, embora imperfeita, faz-nos esperar que a

presente seja considerada, pelo menos, com a mesma benevolência.

Como lhe acrescentamos muitas coisas e muitos capítulos inteiros, suprimimos alguns artigos, que ficariam em duplicata, entre outros o que tratava da “Escala espírita”, que já se encontra em *O Livro dos Espíritos*. Suprimimos igualmente do “Vocabulário Espírita” o que não se ajustava bem ao plano desta obra, substituindo vantajosamente o que foi excluído por coisas mais práticas. Esse vocabulário, além do mais, não estava completo, sendo nossa intenção publicá-lo mais tarde, em separado, sob o formato de um pequeno dicionário de filosofia espírita. Conservamos nesta edição apenas as palavras novas ou especiais, relativas ao assunto com o qual nos ocupamos.

[1]**N. do T.:** Trata-se da obra *Instrução prática sobre as manifestações espíritas*, traduzida e publicada pela FEB.

Primeira Parte

Noções Preliminares

Cap. I – Há Espíritos?
Cap. II – O Maravilhoso e o Sobrenatural
Cap. III – Método
Cap. IV – Sistemas

CAPÍTULO I

Há Espíritos?

1. A dúvida relativa à existência dos Espíritos tem como causa principal a ignorância acerca da sua verdadeira natureza. Geralmente, são figurados como seres à parte na Criação e cuja necessidade não está demonstrada. Muitas pessoas somente os conhecem pelos contos fantásticos com que foram acalentadas em criança, mais ou menos como as que só conhecem a História pelos romances. Sem indagarem se tais contos, desprovidos dos acessórios ridículos, encerram algum fundo de verdade, essas criaturas só se deixam impressionar pelo lado absurdo que eles revelam. Não se dando ao trabalho de tirar a casca amarga, para achar a amêndoa, rejeitam o todo, como fazem, em relação à Religião, os que, chocados por certos abusos, englobam tudo na mesma reprovação.

Seja qual for a ideia que se faça dos Espíritos, a crença neles necessariamente se baseia na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, pois, como ponto de partida, a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, que têm no *espiritualismo* a sua demonstração teórica e dogmática e, no *Espiritismo*, a demonstração positiva. Contudo, deixemos de lado, por alguns instantes, as manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a que consequências chegaremos.

2. Desde que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, é preciso que se admita, também: 1º, que a sua natureza é diferente da do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo; 2º, que goza da consciência de si mesma, pois é passível de alegria ou sofrimento, sem o que seria um ser inerte e de nada nos valeria possuí-la. Isto posto, tem-se que admitir que essa alma vai para alguma parte. Que vem a ser feito dela e para onde vai?

Segundo a crença vulgar, a alma vai para o Céu, ou para o inferno. Mas, onde ficam o Céu e o inferno? Antigamente se dizia que o Céu era em cima e o inferno embaixo. Porém, o que são o alto e o baixo no Universo, uma vez que se conhece a redondeza da Terra e o movimento dos astros, movimento que faz com que em dado instante o que está no alto esteja, doze horas depois, embaixo,

e o infinito do espaço, através do qual o olhar penetra, indo a distâncias consideráveis? É verdade que por lugares inferiores também se designam as profundezas da Terra. Mas, que vêm a ser essas profundezas, desde que a Geologia as investigou? Que ficaram sendo, igualmente, as esferas concêntricas chamadas céu de fogo, céu das estrelas, desde que se verificou que a Terra não é o centro dos mundos, que mesmo o nosso Sol não é único, que milhões de sóis brilham no Espaço, constituindo cada um o centro de um turbilhão planetário? A que ficou reduzida a importância da Terra, perdida nessa imensidade? Por que injustificável privilégio este imperceptível grão de areia, que não se distingue pelo seu volume, nem pela sua posição, nem por um papel particular, seria o único planeta povoado de seres racionais? A razão se recusa a admitir essa inutilidade do infinito e tudo nos diz que esses mundos são habitados. Ora, se são povoados, também fornecem seus contingentes para o mundo das almas. Mas, ainda uma vez, que terá sido feito dessas almas, depois que a Astronomia e a Geologia destruíram as moradas que lhes estavam destinadas e, sobretudo, depois que a teoria, tão racional, da pluralidade dos mundos, as multiplicou ao infinito?

Não podendo a doutrina da localização das almas harmonizar-se com os dados da Ciência, outra doutrina mais lógica lhes deve marcar o domínio, não um lugar determinado e circunscrito, mas o espaço universal: é todo um mundo invisível, no meio do qual vivemos, que nos cerca e nos acotovela incessantemente. Haverá nisso alguma impossibilidade, alguma coisa que repugne à razão? De modo nenhum; tudo, ao contrário, nos diz que não pode ser de outra maneira.

Mas, então, em que se transformam as penas e recompensas futuras, se lhes suprimis os lugares especiais onde se efetivam? Notai que a incredulidade, com relação ao local das penas e recompensas, é provocada pelo fato de umas e outras serem apresentadas, em geral, em condições inadmissíveis. Dizei, em vez disso, que as almas tiram de si mesmas a sua felicidade ou a sua desgraça; que a sorte delas está subordinada ao estado moral de cada uma; que a reunião das almas boas e afins constitui para elas uma fonte de felicidade; que, de acordo com o grau de purificação que tenham alcançado, penetram e entreveem coisas que almas grosseiras não distinguem, e todo mundo compreenderá sem dificuldade. Dizei também que as almas não atingem o grau supremo senão pelos esforços que façam para se melhorarem e depois de uma série de provas adequadas à sua purificação; que os anjos são almas que alcançaram o último

grau da escala, grau que todas podem atingir, desde que tenham boa vontade; que os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de velar pela execução de seus desígnios em todo o Universo, que se sentem felizes com o desempenho dessas missões gloriosas, e tereis dado à felicidade deles um fim mais útil e mais atraente, do que a fazendo consistir numa contemplação perpétua, que não passaria de perpétua inutilidade. Dizei, finalmente, que os demônios são simplesmente as almas dos maus, ainda não purificadas, mas que podem, como as outras, alcançar o mais alto grau da perfeição, e isto parecerá mais conforme à Justiça e à Bondade de Deus, do que a doutrina que os apresenta como seres criados para o mal e perpetuamente devotados ao mal. Ainda uma vez: tendes aí o que a mais severa razão, a mais rigorosa lógica, o bom senso, em suma, podem admitir.

Ora, essas almas que povoam o espaço são justamente aquilo a que chamamos *Espíritos*. Assim, pois, os Espíritos são apenas as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo. Se os Espíritos fossem seres à parte, sua existência seria mais hipotética. Se, porém, se admitir que há almas, há que se admitir também os Espíritos que são simplesmente as almas e nada mais. Se se admitir que as almas estão por toda parte, ter-se-á que admitir igualmente que os Espíritos estão por toda parte. Não se pode, pois, negar a existência dos Espíritos sem negar a das almas.

3. Tudo isto, é verdade, não passa de uma teoria mais racional do que a outra. Porém, já é muito que seja uma teoria que nem a razão nem a Ciência contradizem. Além disso, ela é corroborada pelos fatos e tem a seu favor a sanção do raciocínio e da experiência. Encontramos esses fatos nos fenômenos das manifestações espíritas, que constituem, assim, a prova patente da existência e da sobrevivência da alma. Entretanto, a crença de muita gente não passa desse ponto; admitem a existência das almas e, conseguintemente, a dos Espíritos, mas negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles, pela razão, dizem, de que seres imateriais não podem atuar sobre a matéria. A dúvida tem como causa a ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais em geral fazem ideia muito falsa, supondo-os seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é verdade.

Figuremos, primeiramente, o Espírito em sua união com o corpo. Ele é o ser principal, pois é o *ser que pensa e sobrevive*. O corpo não passa de um *acessório* do Espírito, de um envoltório, de uma veste, que ele deixa quando está usada. Além desse envoltório material, o Espírito tem um segundo, semimaterial, que o

liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, porém não do outro, a que damos o nome de *perispírito*. Esse envoltório semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração, mas um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável para se assemelhar aos seres humanos. Por quê, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Porém, não é entre os fluidos mais rarefeitos, mesmo entre os que se consideram imponderáveis, como a eletricidade, que o homem encontra seus mais possantes motores? A luz imponderável não exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Imaginemo-lo, todavia, formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto esta; por que, quando dirigido por uma vontade, não teria a mesma propriedade daquela matéria?

4. Como a existência da alma e a de Deus, consequência uma da outra, constituem a base de todo o edifício, antes de iniciarmos qualquer discussão espírita, precisamos saber se o nosso interlocutor admite essa base. Se a estas questões:

Credes em Deus?

Credes que tendes uma alma?

Credes na sobrevivência da alma após a morte?

Ele responder negativamente, ou, mesmo se disser simplesmente: *Não sei; desejaria que fosse assim, mas não tenho a certeza disso*, o que, quase sempre, equivale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos categórica, para não chocar bruscamente aquilo a que ele chama preconceitos respeitáveis, seria inútil ir além, tão inútil quanto querer demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a existência daquela. Porque, em síntese, as manifestações espíritas não passam de efeitos das propriedades da alma. Assim, se não quisermos perder tempo com semelhante interlocutor, teremos de seguir uma ordem de ideias muito diversa. Se, porém, a base for admitida, não como simples *probabilidade*, mas como coisa evidente, incontestável, a existência dos Espíritos decorrerá muito naturalmente dessa base.

5. Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se com este pode trocar ideias. Por que não? Que é um homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que o Espírito livre não poderia

comunicar-se com o Espírito cativo, como o homem livre se comunica com o prisioneiro? Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional não admitirdes a sobrevivência das afeições? Visto que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios que estejam à sua disposição? Enquanto vivo não atuava sobre a matéria do corpo? Não era ele que lhe dirigia os movimentos? Por que razão não poderia a alma, após a morte, entrar em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, utilizar-se desse corpo vivo, para manifestar o seu pensamento, como um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido?

6. Deixemos de lado, por alguns instantes, os fatos que, a nosso ver, tornam incontestável a sua realidade; admitamos a comunicação apenas como hipótese. Pedimos aos incrédulos que nos provem, não por simples negativas, visto que suas opiniões pessoais não podem constituir lei, mas por meio de razões categóricas, que tal coisa não é possível. Colocando-nos sobre o terreno em que eles se colocam, uma vez que desejam apreciar os fatos espíritas com o auxílio das leis da matéria, que tirem desse arsenal qualquer demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica, e provem, por *a* mais *b*, partindo sempre do princípio da existência e da sobrevivência da alma:

1º que o ser pensante, que existe em nós durante a vida, não deve mais pensar depois da morte;

2º que, se continua a pensar, não deve mais pensar nos que amou;

3º que, se pensa nos que amou, não deve mais querer comunicar-se com eles;

4º que, se pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

6º que não pode, por meio de seu envoltório fluídico, atuar sobre a matéria inerte;

7º que, se pode atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado;

8º que, se pode atuar sobre um ser animado, não pode dirigir sua mão para fazê-lo escrever;

9º que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas, nem

lhe transmitir seus pensamentos.

Quando os adversários do Espiritismo nos demonstrarem que isto é impossível, por meio de razões tão evidentes quanto as de que se serviu Galileu para provar que não era o Sol que gira em torno da Terra, então poderemos dizer que suas dúvidas têm fundamento. Infelizmente, até hoje, toda a argumentação deles se resume nestas palavras: Não creio, logo isto é impossível. Sem dúvida, retrucarão que cabe a nós provar a realidade das manifestações. Ora, nós lhes damos, pelos fatos e pelo raciocínio, a prova de que elas são reais. Se não admitem nem uma nem outra coisa, se negam até o que veem, compete a eles provar que o nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

CAPÍTULO II

O Maravilhoso e o Sobrenatural

7. Se a crença nos Espíritos e em suas manifestações fosse uma concepção isolada, o produto de um sistema, poderia, com certa razão, merecer a suspeita de ilusória. Que nos digam, então, por que a encontramos tão vivaz entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? É, respondem alguns críticos, porque, desde todos os tempos, o homem teve amor ao maravilhoso. – Mas que entendeis por maravilhoso? – O que é sobrenatural. – Que entendeis por sobrenatural? – O que é contrário às Leis da Natureza. – Conheceis, porventura, tão bem essas leis, que possais marcar limite ao poder de Deus? Pois bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às Leis da Natureza; que não é, nem pode ser uma destas Leis. Acompanhai a Doutrina Espírita e vede se esse encadeamento não apresenta todas as características de uma lei admirável, que resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver.

O pensamento é um dos atributos do Espírito. A possibilidade, que eles têm, de atuar sobre a matéria, de nos impressionar os sentidos e, por conseguinte, de nos transmitir seus pensamentos, resulta, se assim nos podemos exprimir, da sua própria constituição fisiológica. Logo, nada há de sobrenatural neste fato, nem de maravilhoso. Que um homem morto e bem morto volte a viver corporalmente, que seus membros dispersos se reúnam para lhe formarem de novo o corpo, isto sim, seria maravilhoso, sobrenatural, fantástico. Haveria aí uma verdadeira derrogação da lei, o que somente por milagre Deus poderia praticar. Não existe, porém, coisa alguma de semelhante na Doutrina Espírita.

8. Não obstante, objetarão, admitis que um Espírito pode suspender uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio. Não constitui isto uma derrogação da lei de gravidade? – Sim, mas da lei conhecida; a Natureza, contudo, já vos disse a sua última palavra? Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma máquina pesada, carregando muitos homens, fosse capaz de vencer a força da atração? Aos olhos do povo, tal coisa não pareceria maravilhosa, diabólica? Aquele que há um século se tivesse proposto a transmitir um telegrama a 500 léguas de distância e a receber a resposta alguns minutos depois, teria passado por louco. Se o fizesse, todos acreditariam ter ele o diabo às suas ordens, visto que, naquela

época, só o diabo era capaz de andar tão depressa. Por quê, então, um fluido desconhecido não poderia, em dadas circunstâncias, ter a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Notemos, de passagem, que isto é uma comparação, não uma assimilação, e unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível. Ora, foi exatamente por quererem proceder por assimilação que os sábios se transviaram na observação que fizeram dessas espécies de fenômenos. De qualquer modo, o fato aí está e não há negação que possa fazer que ele não seja real, porque negar não é provar. Para nós, não há coisa alguma de sobrenatural. É tudo o que podemos dizer no momento.

9. Se o fato ficar comprovado, dirão eles, nós o aceitaremos. E aceitaríamos até mesmo a causa que lhe atribuís, a de um fluido desconhecido. Mas quem nos prova a intervenção dos Espíritos? Aí é que está o maravilhoso, o sobrenatural.

Precisaríamos, neste caso, de uma demonstração completa, que, no entanto, não seria cabível, constituindo, além disso, uma repetição, porque ressalta de todas as outras partes do ensino. Todavia, para resumi-la em algumas palavras, diremos que ela se baseia, do ponto de vista teórico, no princípio de que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente e, do ponto de vista prático, na observação de que os fenômenos ditos espíritas, por terem dado provas de inteligência, hão de ter sua causa fora da matéria; mais ainda: que essa inteligência, não sendo a dos assistentes – o que a experiência atesta – havia de estar fora deles. Visto que não se via o ser que atuava, deveria tratar-se, necessariamente, de um ser invisível. Assim foi que, de observação em observação, se chegou a reconhecer que esse ser invisível, a que deram o nome de Espírito, não é senão a alma dos que viveram corporalmente, aos quais a morte despojou de seu grosseiro envoltório visível, deixando-lhes apenas um envoltório etéreo, invisível no seu estado normal. Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua expressão mais simples.

Uma vez comprovada a existência dos seres invisíveis, a ação deles sobre a matéria resulta da natureza do corpo fluídico que os reveste. Essa ação é inteligente porque, ao morrerem, eles perderam tão somente o corpo, conservando a inteligência que lhes constitui a própria essência. Aí está a chave de todos esses fenômenos tidos erroneamente por sobrenaturais. A existência dos Espíritos não é, portanto, um sistema preconcebido, uma hipótese imaginada para explicar os fatos: é o resultado de observações e consequência natural da existência da alma. Negar essa causa é negar a alma e seus atributos. Os que

pensam que podem encontrar, para esses efeitos inteligentes, uma solução mais racional, apontando, sobretudo, a razão de *todos os fatos*, tenham a bondade de fazê-lo. Só então será possível discutir-se o mérito de cada uma.

10. Para os que consideram a matéria a única potência da Natureza, *tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural*. Para eles, maravilhoso é sinônimo de *superstição*. Se fosse assim, a Religião, que se baseia na existência de um princípio imaterial, seria um mosaico de superstições. Não ousam dizê-lo em voz alta, mas o dizem baixinho e julgam salvar as aparências ao condescenderem com uma religião necessária ao povo e às crianças, a fim de que estas se tornem ajuizadas. Ora, de duas, uma: ou o princípio religioso é verdadeiro, ou falso. Se for verdadeiro, ele o será para todo o mundo; se for falso, não terá maior valor para os ignorantes do que para os instruídos.

11. Os que atacam o Espiritismo em nome do maravilhoso se apoiam geralmente no princípio materialista, uma vez que, negando qualquer efeito extramaterial, negam, automaticamente, a existência da alma. Sondai-lhes, porém, o fundo das consciências, perscrutai bem o sentido de suas palavras e descobrireis quase sempre esse princípio, se não categoricamente formulado, despontar por baixo da capa de uma pretensa filosofia racional, com a qual se cobrem. Lançando à conta do maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, são, pois, consequentes consigo mesmos; não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos. Daí, entre eles, uma opinião preconcebida que os torna impróprios a julgar com isenção o Espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo o que não seja material. Quanto a nós, pela simples razão de admitirmos os efeitos que são a consequência da existência da alma, deveríamos aceitar todos os fatos qualificados de maravilhosos? Seríamos, porventura, os campeões de todos os sonhadores, os adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Pensar assim é conhecer bem pouco o Espiritismo. Mas os nossos adversários não atentam nisto muito de perto. A necessidade de conhecerem aquilo de que falam é a menor de suas preocupações.

Segundo eles, o maravilhoso é absurdo. Ora, o Espiritismo se apoia em fatos maravilhosos; logo o Espiritismo é absurdo. E consideram sem apelação essa sentença. Acham que opõem um argumento irretorquível quando, depois de terem realizado eruditas pesquisas acerca dos convulsionários de Saint-Médard, dos calvinistas das Cévennes, ou das religiosas de Loudun, chegaram à descoberta de evidentes trapaças, que ninguém contesta. Semelhantes histórias,

porém, serão o evangelho do Espiritismo? Terão os seus partidários negado que o charlatanismo tem explorado, em proveito próprio, alguns fatos? que outros sejam fruto da imaginação? que muitos tenham sido exagerados pelo fanatismo? Ele não é mais solidário com as extravagâncias que se cometem em seu nome do que a verdadeira ciência com os abusos da ignorância, ou a verdadeira religião pelos excessos do fanatismo. Muitos críticos só julgam o Espiritismo pelos contos de fada e pelas lendas populares que lhes são as ficções. Dar-se-ia a mesma coisa com quem quisesse julgar a História pelos romances históricos ou pelas tragédias.

12. Em lógica elementar, para se discutir uma coisa é preciso conhecê-la, porquanto a opinião de um crítico só tem valor quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. Só então a sua opinião, ainda que errônea, poderá ser tomada em consideração. Mas que peso terá quando ele tratar de matéria que não conhece? A verdadeira crítica deve dar provas, não só de erudição, mas também de profundo conhecimento do objeto tratado, de isenção no julgamento e de imparcialidade a toda prova. A não ser assim, qualquer músico de feira poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini e um aprendiz de pintor o de censurar Rafael.

13. O Espiritismo, portanto, não aceita todos os fatos considerados maravilhosos. Longe disso, demonstra a impossibilidade de grande número deles e o ridículo de certas crenças que constituem, propriamente falando, a superstição. É verdade que, naquilo que ele admite, há coisas que, para os incrédulos, são puramente do domínio do maravilhoso, ou, por outra, da superstição. Seja. Mas pelo menos discuti apenas esses pontos, pois, com relação aos demais, ele nada tem a dizer e pregais em vão. Atacando o que ele próprio refuta, provais ignorar o assunto e os vossos argumentos erram o alvo. Porém, até onde vai a crença do Espiritismo? Perguntarão. Vede, observai e sabereis. A aquisição de qualquer ciência exige tempo e estudo. Ora, o Espiritismo, que toca nas mais graves questões da Filosofia, em todos os ramos da ordem social, que abrange tanto o homem físico quanto o homem moral, é, em si mesmo, uma ciência, uma filosofia, que já não podem ser aprendidas em algumas horas, como nenhuma outra ciência. Haveria tanta ingenuidade em se querer ver todo o Espiritismo numa mesa girante, como toda a Física em alguns brinquedos infantis. Quem não quiser ficar na superfície, precisará, não de algumas horas somente, mas de meses e anos, para sondar todos os seus segredos. Por aí se pode apreciar o grau de saber e o valor da opinião dos que se atribuem o direito

de julgar, só porque viram uma ou duas experiências, na maioria das vezes como distração ou passatempo. Dirão, certamente, que não dispõem do tempo necessário para tais estudos. Seja; nada os obriga a isso. Mas quem não tem tempo de aprender uma coisa não deve discorrer sobre ela e, ainda menos, julgá-la, se não quiser que o acusem de leviano. Ora, quanto mais elevada seja a posição que ocupemos na Ciência, tanto menos desculpável é que tratemos, levianamente, de um assunto que não conhecemos.

14. Resumimos o assunto tratado nas seguintes proposições:

1º todos os fenômenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações;

2º fundando-se numa Lei da Natureza, esses fenômenos nada têm de *maravilhosos* nem de *sobrenaturais*, no sentido vulgar dessas palavras;

3º muitos fatos só são tidos por sobrenaturais porque a sua causa não é conhecida. Ao atribuir-lhes uma causa, o Espiritismo os restitui ao domínio dos fenômenos naturais;

4º entre os fatos qualificados de sobrenaturais, há muitos cuja impossibilidade o Espiritismo demonstra, incluindo-os no rol das crenças supersticiosas;

5º embora reconheça um fundo de verdade em muitas crenças populares, o Espiritismo não avaliza de modo algum todas as histórias fantásticas criadas pela imaginação;

6º julgar o Espiritismo pelos fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar todo o valor à opinião do crítico;

7º a explicação dos fatos que o Espiritismo admite, de suas causas e consequências morais, constitui toda uma ciência e toda uma filosofia, reclamando estudo sério, perseverante e aprofundado;

8º o Espiritismo só pode considerar como crítico sério quem tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador conscienciosо; que tenha tanto conhecimento do assunto quanto o adepto mais esclarecido; que haja, por conseguinte, haurido seus conhecimentos fora dos romances da ciência; aquele a quem não se possa opor *fato algum*, que lhe seja desconhecido, nenhum argumento de que já não tenha cogitado e cuja reputação faça, não por simples negação, mas por meio de outros argumentos

mais categóricos; aquele, finalmente, que possa indicar, para os fatos averiguados, causa mais lógica do que a que lhes aponta o Espiritismo. Tal crítico ainda está por aparecer.

15. Pronunciamos há pouco a palavra *milagre*; uma ligeira observação sobre o assunto não será despropositada, neste capítulo que trata do maravilhoso.

Na sua acepção primitiva e por etimologia, o vocábulo milagre significa *coisa extraordinária, coisa admirável de se ver*. Mas, como tantas outras, essa palavra se afastou do seu sentido originário. Por milagre se entende hoje, segundo a Academia, *um ato do poder divino, contrário às Leis comuns da Natureza*. Tal é, com efeito, a sua acepção usual e apenas por comparação e por metáfora ela é aplicada às coisas vulgares que nos surpreendem e cuja causa não se conhece. Não entra de modo algum em nossas cogitações examinar se Deus terá julgado útil, em certas circunstâncias, derrogar as leis que Ele mesmo estabelecera. Nosso objetivo é unicamente demonstrar que os fenômenos espíritas, por mais extraordinários que sejam, não derrogam de maneira alguma essas leis e não têm nenhum caráter miraculoso, assim como não são maravilhosos ou sobrenaturais. O milagre não se explica; os fenômenos espíritas, ao contrário, se explicam da maneira mais racional. Não são, pois, milagres, mas simples efeitos, cuja razão de ser se encontra nas leis gerais. O milagre apresenta ainda outro caráter, o de ser inusitado e isolado. Ora, desde que um fato se reproduz, por assim dizer, à vontade e por diversas pessoas, já não pode ser um milagre.

Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. É por isso que, antigamente, os que sabiam mais do que o vulgo passavam por feiticeiros; e, como naquela época se acreditava que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, eles eram queimados. Hoje, que já estamos muito mais civilizados, contentamo-nos em enviá-los para os hospícios.

Se um homem realmente morto, como dissemos no início, ressuscitar por intervenção divina, haverá aí verdadeiro milagre, porque isso é contrário às Leis da Natureza. Se, porém, esse homem só tem da morte a aparência, se ainda há nele um resto de *vitalidade latente* e a Ciência ou uma ação magnética consegue reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas isso será um fenômeno muito natural. Todavia, aos olhos do vulgo ignorante, o fato passará por milagroso e seu autor será perseguido a pedradas, ou venerado, conforme o caráter dos indivíduos. Solte um físico, em campo aberto, um papagaio elétrico e faça, por esse meio,

cair um raio sobre uma árvore e esse novo Prometeu será tido certamente como senhor de um poder diabólico. E, seja dito de passagem, Prometeu nos parece, muito singularmente, ter sido um precursor de Franklin; mas Josué, detendo o movimento do Sol, ou, antes, da Terra, esse teria operado verdadeiro milagre, pois não conhecemos nenhum magnetizador dotado de tão grande poder para realizar tal prodígio.

De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é, incontestavelmente, o da escrita direta e um dos que demonstram de modo mais evidente a ação das inteligências ocultas. Mas, pelo fato de ser esse fenômeno produzido por seres ocultos, não significa que seja mais miraculoso do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos, que povoam o espaço, são uma das potências da Natureza, potências cuja ação é incessante sobre o mundo material, como sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos a respeito dessa potência, o Espiritismo nos dá a chave de uma infinidade de coisas não explicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, à falta de explicação, passaram por prodígios nos tempos antigos. Do mesmo modo que o magnetismo, ele nos revela uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, de uma lei que não se conhecia, embora se conhecessem os seus efeitos, visto que estes sempre se produziram em todos os tempos, tendo a ignorância da lei gerado a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas, ao fazerem que uma mesa se mova, ou que os mortos escrevam, não operam maior milagre do que opera o médico que restitui a vida a um moribundo, ou o físico que faz cair o raio. Aquele que pretendesse, com o auxílio desta ciência, *fazer milagres*, ou seria ignorante do assunto ou trapaceiro.

16. Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos, tiveram que passar por prodígios, antes que se lhes conhecesse a causa. Ora, do mesmo modo que os céticos, os Espíritos fortes, isto é, os que gozam do privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não admitem que uma coisa seja possível, desde que não a compreendam. É por isso que todos os fatos considerados prodigiosos são objeto de suas zombarias. Visto que a Religião contém grande número de fatos desse gênero, não creem nela e daí à incredulidade absoluta não há mais que um passo. Explicando a maioria desses fatos, o Espiritismo lhes dá uma razão de ser. Vem, pois, em auxílio da Religião, ao demonstrar a possibilidade de certos fatos que, por não terem mais o caráter miraculoso, nem

por isso deixam de ser menos extraordinários, e Deus não fica sendo menor nem menos poderoso, por não haver derrogado suas leis. De quantos gracejos não foram objeto as levitações de São Cupertino! Ora, a suspensão etérea dos corpos pesados é um fato explicado pela lei espírita. Fomos *testemunha ocular* desse fato, e o Sr. Home, assim como outras pessoas de nosso conhecimento, repetiram muitas vezes o fenômeno produzido por São Cupertino. Logo, este fenômeno pertence à ordem das coisas naturais.

17. Entre os fenômenos deste gênero, precisamos colocar em primeira linha as aparições, porque são as mais frequentes. A de Salette, que divide o próprio clero, nada tem para nós de extraordinária. Certamente não podemos afirmar com segurança a realidade do fato, porque não temos a sua prova material; para nós, contudo, ele é possível, tendo em vista os milhares de outros casos análogos *recentes* que conhecemos. Acreditamos neles não só porque lhes verificamos a realidade, como, sobretudo, porque sabemos perfeitamente de que maneira se produzem. Quem se reportar à teoria das aparições, que expomos mais adiante, reconhecerá que este fenômeno se mostra tão simples e plausível, como um sem-número de fenômenos físicos, que só parecem prodigiosos por falta de uma chave que permita explicá-los. Quanto à personagem que se apresentou às pastorinhas, em Salette, é outra questão. Sua identidade não nos foi absolutamente demonstrada. Apenas reconhecemos que pode ter havido uma aparição; o resto não é de nossa competência. A esse respeito, cada qual pode guardar as suas convicções, nada tendo o Espiritismo que ver com isso. Dizemos tão somente que os fatos que o Espiritismo produz nos revelam leis novas e nos dão a explicação de uma porção de coisas que pareciam sobrenaturais. Se alguns desses fatos que passavam por miraculosos encontram, assim, uma explicação lógica, isso é motivo suficiente para que ninguém se apresse a negar o que não compreende.

Algumas pessoas contestam os fenômenos espíritas precisamente porque tais fenômenos lhes parecem estar fora da lei comum e porque não encontram nenhuma explicação para eles. Dai-lhes uma base racional e a dúvida desaparecerá. A explicação, neste século em que ninguém se contenta com palavras, constitui, pois, poderoso motivo de convicção. É por isso que vemos, todos os dias, pessoas que não testemunharam nenhum fato, não observaram uma mesa agitar-se, nem um médium escrever, se tornarem tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se só devêssemos acreditar no que vemos com os olhos, nossas convicções se reduziriam a bem

pouca coisa.

CAPÍTULO III

Método

18. É muito natural e louvável nos adeptos o desejo de fazer prosélitos, desejo que nunca será demais estimular. Visando facilitar-lhes essa tarefa, aqui nos propomos examinar o caminho que nos parece mais seguro para se atingir esse objetivo, a fim de lhes pouparmos esforços inúteis.

Dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia. Portanto, quem quiser conhecê-lo seriamente deve, como primeira condição, dispor-se a um estudo sério e convencer-se de que ele não pode, como nenhuma outra ciência, ser aprendido como se estivéssemos brincando. Também já dissemos que o Espiritismo diz respeito a todas as questões que interessam à Humanidade. Seu campo é imenso e devemos encará-lo principalmente pelas suas consequências. A crença nos Espíritos constitui sem dúvida a sua base, mas essa crença não basta para fazer de alguém um espírita esclarecido, como a crença em Deus não é suficiente para fazer um teólogo. Vejamos, então, de que maneira convém proceder com o seu ensino, para que as pessoas sejam levadas à convicção com mais segurança.

Que os adeptos não se assustem com a palavra ensino. Também há ensino fora do que é dado do púlpito e da tribuna. A simples conversação é um ensino. Toda pessoa que busca convencer outra, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências, está ensinando. O que desejamos é que seu esforço produza frutos e é por isto que julgamos por bem dar alguns conselhos, de que também poderão aproveitar os que queiram instruir-se por si mesmos. Aqui eles encontrarão o meio de chegar com mais segurança e presteza ao objetivo visado.

19. Acredita-se geralmente que, para convencer, basta apresentar os fatos. Esse, com efeito, parece ser o caminho mais lógico. A experiência, porém, mostra que nem sempre é o melhor, pois muitas vezes se encontram pessoas que não se deixam convencer nem mesmo pelos fatos mais patentes. A que se deve atribuir isso? É o que vamos tentar demonstrar.

No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva, não constituindo o seu o ponto de partida. É exatamente este o erro em que caem muitos adeptos e que leva certas pessoas ao insucesso. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é a existência da alma.

Ora, como pode o materialista admitir a existência de seres que vivem fora do mundo material, quando ele próprio acredita não passar de matéria? Como pode crer na existência de Espíritos ao seu redor, quando não acredita ter um dentro de si? Em vão se amontoarão aos seus olhos as provas mais palpáveis; ele as contestará todas, já que não admite o princípio.

Todo ensino metódico deve partir do conhecido para o desconhecido. Para o materialista, o conhecido é a matéria; parti, pois, da matéria e tratai, antes de tudo, de convencê-lo, pela observância da própria matéria, de que há nele alguma coisa que escapa às leis da matéria. Numa palavra, *antes que o torneis* ESPÍRITA, cuidai de torná-lo ESPIRITUALISTA. Mas, para isso, é necessária outra ordem de fatos, um ensino muito especial que deve ser dado por outros processos. Falar-lhe dos Espíritos, antes que esteja convencido de que tem uma alma, é começar por onde se deve acabar, pois não lhe será possível aceitar a conclusão, sem que admita as premissas. Antes, pois, de tentarmos convencer um incrédulo, mesmo por meio dos fatos, convém nos certificarmos de sua opinião relativamente à alma, isto é, se ele acredita na sua existência, na sua sobrevivência ao corpo e na sua individualidade após a morte. Se a resposta for negativa, falar-lhe dos Espíritos seria pura perda de tempo. Eis aí a regra. Não dizemos que não comporte exceções. Mas, neste caso, provavelmente haverá outra causa que o torna menos refratário.

20. Entre os materialistas, é preciso distinguir duas classes: colocamos na primeira os materialistas *por sistema*. Nesses, sem dúvida, há a negação absoluta, raciocinada a seu modo. Para eles, o homem é simples máquina, que funciona enquanto está bem aparelhada, mas que se desarranja e da qual, após a morte, só resta a carcaça. Felizmente, seu número é restrito e não forma escola abertamente confessada. Não precisamos insistir nos deploráveis efeitos que resultariam para a ordem social da vulgarização de semelhante doutrina. Já nos estendemos bastante sobre esse assunto em *O Livro dos Espíritos* (questão 147 e § III da “Conclusão”).

Quando dissemos que a dúvida dos incrédulos desaparece diante de uma explicação racional, devemos excetuar os materialistas radicais, os que negam a existência de qualquer força e de qualquer princípio inteligente fora da matéria. A maioria deles se obstina e persiste nessa opinião por orgulho e amor-próprio. E persistem, apesar de todas as provas contrárias, porque não querem ficar em desvantagem. Com tal gente, nada há que fazer. Nem mesmo se deve levar em conta o falso tom de sinceridade dos que dizem: fazei que eu veja, e acreditarei.

Outros são mais francos e dizem sem rodeios: ainda que eu visse, não acreditaria.

21. A segunda classe de materialistas, muito mais numerosa do que a primeira, porque o verdadeiro materialismo é um sentimento antinatural, compreende os que são materialistas por indiferença e, pode-se dizer, *por falta de coisa melhor*. Não o são deliberadamente e o que mais desejam é crer, pois a incerteza os atormenta. Há neles uma vaga aspiração pelo futuro; mas esse futuro lhes foi apresentado com cores tais, que a razão deles se recusa a aceitá-lo. Daí a dúvida e, como consequência da dúvida, a incredulidade. Para eles, portanto, a incredulidade não constitui um sistema. Logo que lhes apresentardes alguma coisa racional, eles a aceitarão com ardor. Esses podem nos compreender, porque estão mais perto de nós do que eles próprios imaginam. Aos primeiros – os materialistas por espírito de sistema – não faleis de revelação, nem de anjos, nem de paraíso: não vos compreenderiam. Colocai-vos, porém, no terreno em que eles se encontram e provai-lhes primeiramente que as leis da Fisiologia são impotentes para explicar tudo; o resto virá depois. A situação é totalmente diversa, quando a incredulidade não é preconcebida, porque então a crença não é de todo nula; há um gérmen latente, abafado pelas ervas más, e que uma centelha pode reavivar. É o cego a quem se restitui a vista e que se alegra por tornar a ver a luz; é o náufrago a quem se lança uma tábua de salvação.

22. Ao lado dos materialistas propriamente ditos, há uma terceira classe de incrédulos que, embora espiritualistas, pelo menos de nome, são tão refratários quanto aqueles: são os *incrédulos de má vontade*. Esses preferem não acreditar, porque isso lhes perturbaria a tranquilidade nos prazeres materiais. Temem deparar com a condenação de suas ambições, de seu egoísmo e das vaidades humanas com que se deliciam. Fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Só podemos lamentá-los.

23. Apenas para não deixar de mencioná-la, falaremos de uma quarta categoria, a que chamaremos de *incrédulos interesseiros* ou de *má-fé*. Estes sabem muito bem como proceder em face do Espiritismo, mas ostensivamente o condenam por motivos de interesse pessoal. Nada temos a dizer deles, nem a fazer com eles. Se o materialista puro se engana, tem ao menos a desculpa da boa-fé; podemos desenganá-lo, provando-lhe o erro. Já com os *incrédulos interesseiros*, há uma firme determinação, contra a qual todos os argumentos irão chocar-se. O tempo se encarregará de lhes abrir os olhos e de lhes mostrar, talvez

à própria custa, onde estavam seus verdadeiros interesses, porque, não podendo impedir a expansão da verdade, eles serão arrastados pela torrente, juntamente com os interesses que julgavam salvaguardar.

24. Além dessas diversas categorias de opositores, há uma infinidade de gradações, entre as quais se podem incluir: os *incrédulos por covardia*, que terão coragem, quando virem que os outros não se queimam; *os incrédulos por escrúpulos religiosos*, aos quais um estudo esclarecido ensinará que o Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da Religião e respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é inspirar sentimentos religiosos nos que não os possuem e fortalecê-los nos vacilantes. Depois vêm os incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por negligência, por leviandade etc. etc.

25. Não podemos omitir uma categoria a que chamaremos *incrédulos por decepções*. Abrange os que passaram da confiança exagerada à incredulidade, porque sofreram desenganos. Então, desanimados, abandonaram tudo e tudo rejeitaram. Estão no caso de alguém que negasse a boa-fé, por ter sido enganado. É ainda o resultado de um estudo incompleto do Espiritismo e da falta de experiência. Aquele a quem os Espíritos mistificam, geralmente é mistificado por lhes perguntar o que eles não devem ou não podem dizer, ou porque não se acha bastante instruído sobre o assunto, para distinguir a verdade da impostura. Muitos, aliás, só veem no Espiritismo um novo meio de adivinhação e imaginam que os Espíritos existem para predizer a sorte de cada um. Ora, os Espíritos levianos e zombeteiros não perdem ocasião para se divertirem à custa dos incrédulos desse gênero. É assim que anunciarão maridos às solteiras; honras, heranças, tesouros ocultos, etc., aos ambiciosos, resultando daí um sem-número de decepções desagradáveis, das quais, entretanto, o homem sério e prudente sempre sabe preservar-se.

26. Uma classe muito numerosa, a mais numerosa mesmo de todas, mas que não poderia ser incluída entre a dos opositores, é a dos *indecisos*. São, em geral, espiritualistas por princípio. Na maioria deles há uma vaga intuição das ideias espíritas, uma aspiração de qualquer coisa que não podem definir. Falta-lhes apenas coordenar e formular os pensamentos. Para eles o Espiritismo é um traço de luz, a claridade que dissipa o nevoeiro. Por isso mesmo o acolhem com avidez, porque ele os liberta das angústias da incerteza.

27. Se, agora, projetarmos o olhar sobre as diversas categorias de *crentes*, encontraremos primeiro *os espíritas sem o saberem*. A bem dizer, constituem

uma variedade ou uma subdivisão da classe precedente. Sem jamais terem ouvido falar da Doutrina Espírita, possuem o sentimento inato dos seus grandes princípios e esse sentimento se reflete em algumas passagens de seus escritos e de seus discursos, a tal ponto que os seus ouvintes presumem que eles são completamente iniciados. Encontramos numerosos exemplos desse fato nos escritores profanos e sagrados, nos poetas, oradores, moralistas e nos filósofos antigos e modernos.

28. Entre os que se convenceram pelo estudo direto do Espiritismo, podemos distinguir:

1º os que creem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos. Chamar-lhes-emos *espíritas experimentadores*;

2º os que veem no Espiritismo mais do que fatos; compreendem sua parte filosófica, admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam. A influência da Doutrina sobre o caráter deles é insignificante ou nula. Não modificam em nada os seus hábitos e não se privam de um só prazer. O avarento continua sovina, o orgulhoso se conserva cheio de si, o invejoso e o ciumento são sempre hostis. Consideram a caridade cristã apenas uma bela máxima. São os *espíritas imperfeitos*;

3º os que não se contentam em admirar a moral espírita, mas a praticam e aceitam todas as suas consequências. Convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar pela senda do progresso, única que os pode elevar na hierarquia do mundo dos Espíritos, esforçando-se por fazer o bem e reprimir seus maus pendores. Suas relações são sempre seguras, porque a convicção que nutrem os afasta de todo pensamento do mal. A caridade é, em tudo, a sua regra de conduta. São os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas cristãos*.

4º há, finalmente, os *espíritas exaltados*. A espécie humana seria perfeita, se sempre tomasse o lado bom das coisas. O exagero é prejudicial em tudo. No Espiritismo ele incute confiança demasiado cega e frequentemente pueril, no tocante aos fenômenos do mundo invisível, levando a aceitar, com muita facilidade e sem verificação, aquilo que a reflexão e o exame demonstrariam ser absurdo e mesmo impossível. O entusiasmo, porém, não reflete: deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos aptos para convencer a quem quer que seja, porque todos desconfiam, e

com razão, do julgamento deles. Graças à boa-fé que os anima, são iludidos pelos Espíritos mistificadores e pelos homens que procuram explorar a sua credulidade. Se apenas eles devessem sofrer as consequências, o mal seria menor. O pior é que, mesmo não o desejando, dão armas aos incrédulos, que buscam ocasiões apenas para zombar, e não para se convencerem e que não deixam de atribuir a todos o ridículo de alguns. Sem dúvida, isto não é justo, nem racional; mas, como se sabe, os adversários do Espiritismo só reconhecem como boa a razão de que desfrutam, pouco se importando em conhecer a fundo o assunto sobre o qual discorrem.

29. Os meios de convicção variam extremamente, conforme os indivíduos. O que convence a uns, nada produz em outros; este se convenceu observando algumas manifestações materiais, aquele por meio de comunicações inteligentes, a maior parte pelo raciocínio. Podemos até dizer que, para a maioria dos que não se preparam pelo raciocínio, os fenômenos materiais têm pouco peso. Quanto mais extraordinários são esses fenômenos, quanto mais se afastam das leis conhecidas, tanto maior é a oposição que encontram, e isto por uma razão muito simples: é que todos somos levados naturalmente a duvidar de um fato que não tem sanção racional. Cada um o considera do seu ponto de vista e o explica a seu modo: o materialista o atribui a uma causa puramente física ou a um embuste; o ignorante e o supersticioso a uma causa diabólica ou sobrenatural, ao passo que uma explicação prévia tem o efeito de destruir as ideias preconcebidas e de mostrar, se não a realidade, pelo menos a possibilidade do fenômeno, que, assim, é compreendido antes de ser visto. Ora, desde que se reconhece a possibilidade de um fato, três quartos da convicção estão assegurados.

30. Será útil tentar convencer um incrédulo obstinado? Já dissemos que isso depende das causas e da natureza da sua incredulidade. Muitas vezes, a insistência em querer convencê-lo o leva a crer em sua importância pessoal, o que constitui razão para que ele se obstine ainda mais. Com relação ao que não se convenceu pelo raciocínio nem pelos fatos, a conclusão a tirar-se é que ainda lhe cumpre sofrer a prova da incredulidade. Deve-se deixar à Providência o encargo de encaminhá-lo a circunstâncias mais favoráveis. Há tanta gente querendo receber a luz! Por que perder tempo com os que a repelem? Dirigi-vos, pois, aos homens de boa vontade, cujo número é maior do que se pensa, e o exemplo de suas conversões, multiplicando-se, vencerá mais facilmente as resistências do que as palavras. O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem. Há corações aflitos a aliviar, consolações a dispensar, desesperos a acalmar,

reformas morais a operar. Essa é a sua missão e aí ele encontrará a verdadeira satisfação. O Espiritismo está no ar; espalha-se pela força das coisas, porque torna felizes os que o professam. Quando os seus adversários sistemáticos o ouvirem repercutir em torno de si mesmos, entre seus próprios amigos, compreenderão o isolamento em que se acham e serão forçados a calar-se ou a render-se.

31. Para se proceder, no ensino do Espiritismo, como se procederia com relação às ciências ordinárias, seria preciso passar em revista toda a série dos fenômenos que possam produzir-se, começando pelos mais simples, para chegar sucessivamente aos mais complexos. Ora, isto não é possível, porque não se pode fazer um curso de Espiritismo experimental, como se faz um curso de Física ou de Química. Nas ciências naturais, opera-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade e quase sempre se tem a certeza de poder regular-se os seus efeitos. No Espiritismo, temos que lidar com inteligências que gozam de liberdade e que nos provam, a cada instante, que não estão submetidas aos nossos caprichos. É preciso, pois, observar, esperar os resultados e colhê-los enquanto se verificam. É por isso que dizemos, alto e bom som, que *quem quer que se envaideça de os obter à vontade só pode ser ignorante ou impostor*. Esta a razão por que o *verdadeiro* Espiritismo jamais se dará em espetáculo, nem se apresentará nos teatros de feira.

Há mesmo qualquer coisa de ilógico em supor-se que os Espíritos venham exibir-se e submeter-se a investigações, como objetos de curiosidade. Pode acontecer que os fenômenos não ocorram quando mais os desejamos, ou que se apresentem numa ordem muito diversa da que gostaríamos. Acrescentemos ainda que, para serem obtidos, há necessidade da intervenção de pessoas dotadas de faculdades especiais, que variam ao infinito, conforme a aptidão dos indivíduos. Ora, como é extremamente raro que a mesma pessoa tenha todas as aptidões, isso aumenta a dificuldade, pois precisaríamos ter sempre à mão uma verdadeira coleção de médiuns, o que não é possível.

O meio de prevenir esse inconveniente é muito simples. Basta começar pela teoria. Aí todos os fenômenos são apreciados e explicados; compreende-se a sua possibilidade e se sabe em que condições podem produzir-se. Então, qualquer que seja a ordem em que se apresentem, nada terão que surpreenda. Esse caminho ainda oferece outra vantagem: a de poupar muitas decepções ao experimentador. Precavido contra as dificuldades, ele saberá manter-se em guarda e não precisará conquistar a experiência à sua própria custa.

Desde que nos ocupamos com o Espiritismo, foram tantas as pessoas que vieram ter conosco que seria difícil calcular o seu número. Entre elas, quantas se conservaram indiferentes ou incrédulas diante dos fatos mais positivos e só mais tarde se convenceram, mediante uma explicação racional; quantas outras se predispuseram à convicção, pelo raciocínio; quantas, enfim, se convenceram sem nada terem visto, unicamente porque haviam compreendido! Falamos, portanto, por experiência, e por isso afirmamos que o melhor método de ensino espírita é o que se dirige à razão e não aos olhos. É o método que seguimos em nossas lições e pelo qual só temos que nos felicitar.[1]

32. O estudo prévio da teoria apresenta ainda outra vantagem: a de mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e o alcance desta ciência. Aquele que começa por ver uma mesa a girar, ou a bater, se sente mais inclinado à zombaria, porque dificilmente imaginará que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da Humanidade. Temos notado sempre que os que creem, antes de ter visto, apenas porque leram e compreenderam, longe de superficiais, são, ao contrário, os que mais refletem. Dando maior atenção ao fundo do que à forma, para eles a parte filosófica é o principal, sendo acessórios os fenômenos propriamente ditos. Chegam mesmo a dizer que se os fenômenos não existissem, nem por isso esta filosofia deixaria de ser a única que resolve todos os problemas até hoje insolúveis; que só ela apresenta a teoria mais racional do passado do homem e do seu futuro. Como é natural, preferem uma doutrina que realmente explica, às que nada explicam, ou explicam mal.

Quem quer que reflita compreende perfeitamente que se poderiam deixar de lado as manifestações, sem que a Doutrina deixasse de subsistir. As manifestações corroboram e confirmam o Espiritismo, porém, não constituem a sua base essencial. O observador criterioso não as repele; ao contrário, aguarda circunstâncias favoráveis, que lhe permitam testemunhá-las. A prova disto é que grande número de pessoas, antes de ouvirem falar das manifestações, já tinham a intuição dessa doutrina, que não fez mais do que lhes dar um corpo, um conjunto às suas ideias.

33. Aliás, não seria exato dizer-se que os que começam pela teoria se privam do objeto das observações práticas. Pelo contrário, os fenômenos não lhes faltam e, certamente, os que eles dispõem têm mais peso aos seus olhos do que os que pudessem vir a ser produzidos em sua presença. Referimo-nos aos numerosos fatos das *manifestações espontâneas*, de que falaremos nos capítulos seguintes. Raras são as pessoas que não as conhecem, ao menos por ouvir dizer,

e muitas as que observaram os fatos espíritas, sem lhes prestar a devida atenção. A teoria vem lhes dar a explicação. E afirmamos que esses fatos têm grande peso, quando se apoiam em testemunhos irrecusáveis, porque não se pode supô-los devidos a arranjos, nem a conivências. Mesmo que os fenômenos provocados não existissem, nem por isso deixaria de haver os espontâneos e o Espiritismo já se daria por satisfeito se apenas servisse para lhes oferecer uma solução racional. Assim, a maioria dos que leem previamente reportam suas recordações a esses fatos, que são para eles uma confirmação da teoria.

34. Enganar-se-ia redondamente quanto à nossa maneira de ver, quem imaginasse que estamos aconselhando que se desprezem os fatos. Foi pelos fatos que chegamos à teoria. É certo que para isso tivemos de nos consagrar a um trabalho assíduo durante vários anos e de fazer milhares de observações. Mas justamente porque os fatos nos serviram e nos servem todos os dias seríamos inconsequentes conosco mesmos se contestássemos a sua importância, sobretudo agora, quando fazemos um livro para torná-los conhecidos de todos. Dizemos apenas que, sem o raciocínio, eles não bastam para levar as pessoas à convicção; que uma explicação prévia, pondo fim às prevenções e mostrando que os fatos não se contrapõem à razão, *predispõe* os indivíduos a aceitá-los.

Tanto isto é verdade que em dez pessoas completamente novatas no assunto, que assistam a uma sessão de experimentação, ainda que das mais satisfatórias na opinião dos adeptos, nove sairão sem estar convencidas e algumas mais incrédulas do que antes, porque as experiências não corresponderam ao que esperavam. Dar-se-á o inverso com as que puderem compreender os fatos, mediante conhecimento teórico antecipado. Para estas pessoas, a teoria constitui um meio de controle, sem que coisa alguma as surpreenda, nem mesmo o insucesso, porque sabem em que condições os fenômenos se produzem e que não se deve exigir deles o que não podem dar. A compreensão prévia dos fatos não só as torna capazes de perceberem todas as anomalias, mas também de apanharem uma infinidade de detalhes, de matizes quase sempre delicados, que lhes servirão de elementos de convicção, mas que escapam ao observador ignorante. São esses os motivos que nos levam a somente admitir em nossas sessões experimentais indivíduos que possuam suficientes noções preparatórias, para compreender o que ali se faz, pois estamos convencidos de que os outros perderiam o seu tempo, ou nos fariam perder o nosso.

35. Aos que quiserem essas noções preliminares, pela leitura das nossas

obras, aconselhamos que as leiam nesta ordem:

1ª *O que é o Espiritismo* – Esta brochura, de uma centena de páginas somente, é uma exposição sumária dos princípios da Doutrina Espírita, uma visão geral que permite ao leitor abranger o conjunto dentro de um quadro restrito. Em poucas palavras ele percebe o seu objetivo e pode julgar o seu alcance. Além disso, aí se encontram respostas às principais questões ou objeções que os novatos costumam fazer. Esta primeira leitura, que consome muito pouco tempo, é uma introdução que facilita um estudo mais aprofundado.

2ª *O Livro dos Espíritos* – Contém a doutrina completa, tal como a ditaram os próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas consequências morais. É a revelação do destino do homem, a iniciação no conhecimento da natureza dos Espíritos e nos mistérios da vida de além-túmulo. Quem o lê compreende que o Espiritismo tem um fim sério, que não constitui frívolo passatempo.

3ª *O Livro dos Médiuns* – Destina-se a guiar os que queiram entregar-se à prática das manifestações, dando-lhes o conhecimento dos meios mais apropriados para se comunicarem com os Espíritos. É um guia, tanto para os médiuns como para os evocadores, e o complemento de *O Livro dos Espíritos*.

4ª *Revista Espírita* – Variada coletânea de fatos, de explicações teóricas e de trechos isolados, que completam o que se encontra nas duas obras precedentes, e que representam, de certo modo, a sua aplicação. Sua leitura pode ser feita ao mesmo tempo que a daquelas obras, porém será mais proveitosa e, sobretudo, mais inteligível, se for feita depois de *O Livro dos Espíritos*.

Isto pelo que nos diz respeito. Os que desejem conhecer tudo de uma ciência devem ler necessariamente tudo o que se ache escrito sobre a matéria, ou, pelo menos, as coisas principais, não se limitando a um único autor. Devem mesmo ler os prós e os contras, as críticas como as apologias, iniciar-se nos diferentes sistemas, a fim de poderem julgar por comparação. Sob esse aspecto, não preconizamos, nem criticamos obra alguma, pois não queremos influenciar, de nenhum modo, a opinião que dela se possa formar. Trazendo nossa pedra ao edifício, colocamo-nos nas fileiras. Não nos cabe ser juiz e parte e não alimentamos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor da luz. Compete ao leitor separar o bom do mau, o verdadeiro do falso.

[1]**N. de A. K.:** O nosso ensino teórico e prático é sempre gratuito.

CAPÍTULO IV

Sistemas

36. Quando os estranhos fenômenos do Espiritismo começaram a produzir-se, ou, dizendo melhor, quando esses fenômenos voltaram a repetir-se nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que despertaram foi o da dúvida sobre a sua realidade e, mais ainda, sobre a causa que lhes dava origem. A partir do momento em que foram comprovados por testemunhos irrecusáveis e pelas experiências que todos puderam fazer, cada um passou a interpretá-los a seu modo, de acordo com suas ideias pessoais, suas crenças, ou suas prevenções. Daí o aparecimento de numerosos sistemas, que uma observação mais atenta viria reduzir ao seu justo valor.

Os adversários do Espiritismo julgaram encontrar um argumento nessa divergência de opiniões, dizendo que os próprios espíritas não se entendiam entre si. Era uma razão muito pobre, desde que se reflita que os primeiros passos de qualquer ciência são necessariamente incertos, até que o tempo haja permitido a reunião e a coordenação dos fatos, sobre os quais se possa firmar a opinião.

À medida que os fatos se completam e vão sendo mais bem observados, as ideias prematuras se apagam e a unidade se estabelece, pelo menos com relação aos pontos fundamentais, quando não sobre os detalhes. Foi o que aconteceu com o Espiritismo, que não podia fugir à lei comum e tinha mesmo que se prestar, por sua natureza e mais do que qualquer outro assunto, à diversidade das interpretações. Pode-se até dizer que, a este respeito, ele andou mais depressa do que as outras ciências mais antigas, do que a Medicina, por exemplo, que ainda hoje divide os maiores sábios.

37. Para acompanhar a marcha progressiva das ideias, de maneira metódica, convém colocar na primeira linha dos sistemas os que se podem classificar como *sistemas de negação*, isto é, os dos adversários do Espiritismo. Já refutamos as suas objeções na “Introdução” e na “Conclusão” de *O Livro dos Espíritos*, bem como no opúsculo que intitulamos: *O que é o Espiritismo*. Seria supérfluo voltar ao assunto aqui. Limitar-nos-emos a lembrar, em duas palavras, os motivos sobre os quais eles se apoiam.

Os fenômenos espíritas são de duas espécies: os de efeitos físicos e os de efeitos inteligentes. Não admitindo a existência dos Espíritos, por não admitirem

coisa alguma fora da matéria, compreende-se que os adversários neguem os efeitos inteligentes. Quanto aos efeitos físicos, eles os comentam do ponto de vista em que se colocam e seus argumentos podem ser resumidos nos quatro sistemas seguintes.

38. Sistema do charlatanismo – Entre os antagonistas do Espiritismo, muitos atribuem aqueles efeitos ao embuste, pela razão de que alguns puderam ser imitados. Esta suposição transformaria todos os espíritas em mistificados e todos os médiuns em mistificadores, independentemente da posição, do caráter, do saber e da honradez das pessoas. Se isto merecesse resposta, diríamos que alguns fenômenos da Física também são imitados pelos prestidigitadores, o que nada prova contra a verdadeira ciência. Além disso, há pessoas cujo caráter afasta toda suspeita de fraude e que seria dar provas de incivilidade e falta de urbanidade alguém vir dizer-lhes na face que são cúmplices do charlatanismo.

Num salão muito respeitado, um senhor, que se dizia bem-educado, tendo-se permitido fazer uma reflexão dessa natureza, ouviu da dona da casa o seguinte: “Senhor, já que não estais satisfeito, vosso dinheiro vos será restituído à porta”. E, com um gesto, lhe indicou o melhor que tinha a fazer. Dever-se-á concluir por isso que nunca houve abuso? Para crê-lo, seria necessário admitir-se que os homens são perfeitos. Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais santas. Por que não abusariam do Espiritismo? Porém, o mau uso que se faça de uma coisa não é motivo para que ela seja prejulgada desfavoravelmente. Para se julgar da boa-fé com que as pessoas atuam e, desse modo, chegar-se à convicção, deve-se atentar nas razões que determinaram o seu procedimento. Onde não há especulação, o charlatanismo nada tem a fazer.

39. Sistema da loucura – Alguns, por condescendência, concordam em pôr de lado a suspeita de embuste, mas sustentam que os que não iludem são iludidos, o que equivale a chamá-los de imbecis. Quando os incrédulos falam sem rodeios, declaram, pura e simplesmente, que os que creem são loucos, atribuindo-se desse modo e sem qualquer cerimônia, o privilégio do bom senso. Esse é o grande argumento dos que não encontram nenhuma razão plausível a apresentar. Afinal, semelhante maneira de atacar se tornou ridícula, tal a sua banalidade, e não merece que se perca tempo em refutá-la. Os próprios espíritas pouco se importam com isso; tomam corajosamente seu partido e se consolam, lembrando-se de que têm por companheiros de infortúnio muitas pessoas de mérito incontestável.

Realmente, é preciso convir em que essa loucura, se loucura existe, apresenta uma característica muito singular: a de atingir de preferência as classes instruídas, em cujo seio se encontra, até o presente, a imensa maioria dos adeptos do Espiritismo. Se, nesse número, se manifestam algumas excentricidades, elas nada provam contra a Doutrina, do mesmo modo que os loucos religiosos nada provam contra a religião, nem os melomaníacos contra a música, ou os loucos matemáticos contra a matemática. Todas as ideias sempre tiveram fanáticos exagerados e é preciso que se seja dotado de juízo muito obtuso, para confundir o exagero de uma coisa com a própria coisa.

Para mais amplas explicações a este respeito, recomendamos ao leitor a nossa brochura: *O que é o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos* (“Introdução”, § XV).

40. Sistema da alucinação – Outra opinião, menos ofensiva por trazer um ligeiro colorido científico, consiste em atribuir os fenômenos a uma ilusão dos sentidos. Assim, o observador estaria de muita boa-fé; apenas julgaria ver o que não vê. Quando diz que viu uma mesa levantar-se e manter-se no ar, sem ponto de apoio, na verdade a mesa nem sequer se mexeu. Ele a viu no ar, por efeito de uma espécie de miragem, ou por uma refração, semelhante à que nos faz ver, na água, um astro ou um objeto qualquer fora da sua posição real. Isto, a rigor, seria possível; mas, os que já testemunharam fenômenos espíritas puderam certificar-se do isolamento da mesa suspensa, passando por debaixo dela, o que parece difícil de se conseguir, caso o móvel não tivesse deixado o solo. Por outro lado, muitas vezes já aconteceu de a mesa quebrar-se, ao cair. Dirão, também, que isso é um simples efeito de óptica?

Uma causa fisiológica bem conhecida pode fazer, sem dúvida, que uma pessoa julgue ver em movimento um objeto que não se moveu, ou que ela própria suponha mover-se, embora permaneça imóvel. Mas, quando muitas pessoas, colocadas em volta de uma mesa, a veem arrastada por um movimento tão rápido que se torna difícil acompanhá-la, e que algumas sejam até mesmo derrubadas, poder-se-á dizer que todas foram acometidas de vertigem, como o bêbado, que acredita estar vendo passar diante dos olhos a própria casa em que reside?

41. Sistema do músculo estalante – Se as coisas se passassem assim, com relação à visão, não poderiam dar-se de outro modo, pelo que respeita à audição. Quando pancadas são ouvidas por toda uma assembleia, não há como atribuí-las

razoavelmente a uma ilusão. Descartamos, evidentemente, toda ideia de fraude, supondo que uma atenta observação tenha verificado a impossibilidade de qualquer causa fortuita ou material na gênese das pancadas.

É verdade que um sábio médico deu uma explicação desse fenômeno, categórica em sua opinião.[1] “A causa”, disse ele, “está nas contrações, voluntárias ou involuntárias, do tendão do músculo pequeno perônio”. E entra nas mais completas minúcias anatômicas para demonstrar o mecanismo pelo qual esse tendão é capaz de produzir os ruídos, imitar o rufo do tambor e, até, executar árias ritmadas. Conclui daí que os que julgam ouvir pancadas numa mesa são vítimas de uma mistificação ou de uma ilusão. O fato, em si mesmo, não é novo. Infelizmente para o autor dessa pretensa descoberta, sua teoria é incapaz de explicar todos os casos.

Digamos, em primeiro lugar, que os que gozam da estranha faculdade de fazer que o seu músculo pequeno perônio, ou qualquer outro, estale à vontade, ou execute árias por esse meio, são indivíduos excepcionais, enquanto é muito comum a aptidão para fazer que uma mesa dê pancadas. Além disso, nem todas as pessoas que desfrutam desta última faculdade são dotadas da primeira.

Em segundo lugar, o sábio doutor esqueceu de explicar como o estalido muscular de uma pessoa imóvel e afastada da mesa pode produzir nela vibrações sensíveis ao tato; como esse ruído pode repercutir, à vontade dos assistentes, nas diferentes partes da mesa, nos outros móveis, nas paredes, no forro etc.; e como, finalmente, a ação daquele músculo pode atingir uma mesa em que ninguém toca e fazê-la mover-se. Esta explicação, aliás, se realmente explicasse alguma coisa, apenas invalidaria o fenômeno das pancadas, não se aplicando de maneira alguma a qualquer dos outros muitos modos de comunicação. De tudo isso concluímos que o autor julgou sem ter visto, ou sem ter observado tudo e observado bem. É sempre lamentável que homens de ciência se precipitem a dar, sobre o que não conhecem, explicações que os fatos podem desmentir. O próprio saber de que dispõem deveria torná-los mais comedidos em seus juízos, já que esse saber lhes amplia os limites do desconhecido.

42. Sistema das causas físicas – Aqui saímos do sistema da negação absoluta. Constatada a realidade dos fenômenos, a primeira ideia que naturalmente acorreu ao espírito dos que os verificaram foi a de atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade, ou à ação de um fluido qualquer; numa palavra, a uma causa inteiramente física e material. Esta opinião nada

apresentava de irracional e teria prevalecido, se o fenômeno se tivesse limitado a efeitos puramente mecânicos. Uma circunstância parecia mesmo confirmá-la: a do aumento que, em certos casos, experimentava a força atuante, na razão direta do número das pessoas presentes. Assim, cada uma delas podia ser considerada como um dos elementos de uma pilha elétrica humana. Já dissemos que o que caracteriza uma teoria verdadeira é poder explicar a razão de todos os fatos. Se, porém, um só fato que seja a contradiz, é que ela é falsa, incompleta, ou por demais absoluta. Foi o que logo se reconheceu quanto a esta teoria.

Os movimentos e as pancadas deram sinais inteligentes, obedecendo à vontade e respondendo ao pensamento. Deviam, pois, ter uma causa inteligente. Desde que o efeito deixava de ser puramente físico, a causa, por isso mesmo, tinha que ser outra. Tanto é assim, que o sistema da ação *exclusiva* de um agente material foi abandonado, persistindo apenas entre os que julgam *a priori*, sem nada terem visto. O ponto capital, portanto, consiste em verificar-se a ação inteligente, cuja realidade é capaz de convencer qualquer pessoa que se der ao trabalho de observar.

43. Sistema do reflexo – Reconhecida a ação inteligente, restava saber de onde provinha essa inteligência. Julgou-se que bem podia ser a do médium, ou a dos assistentes, a se refletirem, como o fazem as ondas sonoras. Isso era possível e só a experiência poderia dizer a última palavra. Mas notemos, antes de tudo, que esse sistema já se afasta por completo da ideia puramente materialista. Para que a inteligência dos assistentes pudesse reproduzir-se por via indireta, seria preciso que se admitisse, no homem, a existência de um princípio exterior ao organismo.

Se o pensamento manifestado fosse sempre o dos assistentes, a teoria da reflexão estaria confirmada. Ora, mesmo reduzido a essa proporção, o fenômeno já não seria do mais alto interesse? O pensamento a repercutir num corpo inerte e a se traduzir pelo movimento e pelo ruído não seria um fato bastante notável? Já não haveria aí o que excitasse a curiosidade dos sábios? Por que então o desprezaram, eles que se consomem na pesquisa de uma simples fibra nervosa?

Só a experiência, dizemos, podia confirmar ou condenar essa teoria e a experiência a condenou, porque demonstra, a cada instante e com os fatos mais positivos, que o pensamento expresso pelo ser invisível, não somente pode ser estranho ao dos assistentes, mas quase sempre lhes é inteiramente contrário; que contradiz todas as ideias preconcebidas e frustra todas as previsões. De fato,

quando penso no branco e me falam em preto, é difícil acreditar que a resposta provenha de mim mesmo. Os que se apoiam nesta teoria costumam invocar certos casos de perfeita identidade entre o pensamento manifestado e o dos assistentes. Mas que prova isso, senão que os assistentes podem pensar como a inteligência que se comunica? Não há por que se pretender que as duas opiniões devam ser sempre opostas. Quando, no curso de uma conversação, o interlocutor emite um pensamento análogo ao vosso, direis, por isso, que tal pensamento provém de vós? Bastam alguns exemplos em contrário, bem constatados, para provar que essa teoria não pode ser absoluta.

Como explicar, pela reflexão do pensamento, as escritas feitas por pessoas que não sabem escrever? as respostas do mais alto alcance filosófico, obtidas por indivíduos iletrados? as respostas dadas a perguntas mentais, ou em língua que o médium desconhece, e mil outros fatos que não podem deixar dúvida sobre a independência da inteligência que se manifesta? A opinião oposta só pode resultar de falta de observação.

Se a presença de uma inteligência diferente da dos médiuns está provada moralmente pela natureza das respostas, também está provada, materialmente, pelo fenômeno da escrita direta, isto é, da escrita obtida espontaneamente, sem caneta nem lápis, sem contato e apesar de todas as precauções tomadas contra qualquer subterfúgio. O caráter inteligente não pode ser posto em dúvida; logo, há nele mais alguma coisa do que uma ação fluídica. Depois, a espontaneidade do pensamento expresso contra toda expectativa e sem que alguma questão tenha sido formulada, não permite que se possa tomá-lo como um reflexo do pensamento dos assistentes.

Em alguns casos, o sistema do reflexo é muito desagradável. Quando, numa reunião de pessoas honestas, surge inesperadamente uma dessas comunicações de revoltante falta de urbanidade, atribuí-la a um dos assistentes seria cometer grave indelicadeza, e é provável que todos a repudiassem imediatamente. (Veja-se *O Livro dos Espíritos*, “Introdução”, § XVI.)

44. Sistema da alma coletiva – É uma variante do precedente. Segundo esse sistema, apenas a alma do médium se manifesta, porém, identificada com a de muitos outros vivos, presentes ou ausentes, para formar um todo *coletivo* que reuniria as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de cada um. Embora a brochura que expõe essa teoria se intitule *A Luz*,[2] o seu estilo nos pareceu bastante obscuro. Confessamos que quase não a compreendemos e dela falamos

unicamente de memória. Em suma, trata-se de uma opinião pessoal, como tantas outras e que conta poucos prosélitos. Pelo nome de Émah Tirpsé, o autor designa o ser coletivo criado pela sua imaginação. Por epígrafe, tomou a seguinte sentença: *Nada há oculto que não venha a ser conhecido*. Esta proposição é evidentemente falsa, pois há uma infinidade de coisas que o homem não pode nem deve saber, e bem presunçoso seria aquele que pretendesse devassar todos os segredos de Deus.

45. Sistema sonambúlico – Este sistema teve mais partidários e ainda conta alguns. Como o anterior, admite que todas as comunicações inteligentes provêm da alma ou Espírito do médium. Mas para explicar o fato de o médium tratar de assuntos que estão fora do âmbito de seus conhecimentos, em vez de supô-lo dotado de uma alma múltipla, atribui essa aptidão a uma superexcitação momentânea de suas faculdades mentais, a uma espécie de estado sonambúlico ou extático que exalta e desenvolve a sua inteligência. Não se pode negar, em certos casos, a influência desta causa. Quem, porém, tenha observado como opera a maioria dos médiuns, sabe perfeitamente que aquela causa não explica todos os fatos; que ela constitui exceção e não regra.

Poder-se-ia acreditar que fosse assim, se o médium tivesse sempre o ar de inspirado ou de extático, aparência que ele poderia perfeitamente simular, se quisesse representar uma comédia. Como, porém, se há de crer na inspiração, quando o médium escreve como uma máquina, sem ter a mínima consciência do que está obtendo, sem a menor emoção, sem se ocupar com o que faz, distraído, rindo e conversando de uma coisa e de outra? Concebe-se a superexcitação das ideias, mas não se compreende que ela possa fazer que uma pessoa escreva sem saber escrever e, ainda menos, quando as comunicações são transmitidas por pancadas ou com o auxílio de uma prancheta, de uma cesta.

No curso desta obra, teremos ocasião de mostrar a parte que se deve atribuir à influência das ideias do médium. Todavia, são tão numerosos e evidentes os fatos em que a inteligência estranha se revela por meio de sinais incontestáveis, que não podem deixar dúvidas a respeito. O erro da maior parte dos sistemas que surgiram nos primeiros tempos do Espiritismo deveu-se ao fato de haverem tirado conclusões gerais, a partir de alguns fatos isolados.

46. Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco – Entramos aqui numa outra ordem de ideias. Comprovada a intervenção de uma inteligência estranha, tratava-se de saber de que natureza era essa inteligência. Sem dúvida, o meio

mais simples consistia em lhe perguntar isso. Algumas pessoas, contudo, entenderam que esse processo não oferecia garantia suficiente e só quiseram ver nas manifestações uma obra diabólica. Segundo essas pessoas, apenas o diabo, ou o demônio, pode comunicar-se. Embora esse sistema encontre poucos ecos atualmente, gozou por certo tempo de algum crédito, em virtude do próprio caráter dos que tentaram fazer que ele prevalecesse. Salientamos, no entanto, que os partidários do sistema demoníaco não devem ser classificados entre os adversários do Espiritismo: ao contrário. Sejam demônios ou anjos, os seres que se comunicam são sempre seres incorpóreos. Ora, admitir a manifestação dos demônios é admitir a possibilidade de comunicação do mundo visível com o mundo invisível, ou, pelo menos, com uma parte deste último.

Compreende-se que a crença na comunicação exclusiva dos demônios, por mais irracional que seja, não tivesse parecido impossível aos que consideravam os Espíritos como seres criados fora da Humanidade. Desde, porém, que se sabe que os Espíritos são simplesmente as almas dos homens que já viveram, ela perdeu todo o seu prestígio e, pode-se dizer, toda a verossimilhança. Admiti-la seria reconhecer que todas essas almas eram demônios, embora fossem as de um pai, de um filho ou de um amigo, e que nós mesmos, morrendo, nos tornaríamos demônios, doutrina pouco lisonjeira e nada consoladora para muita gente. Será bem difícil convencer a uma mãe de que o filho querido que ela perdeu, e que lhe vem dar, depois da morte, provas de sua afeição e de sua identidade, seja um demônio. É verdade que, entre os Espíritos, existem os que são muito maus e que não valem mais do que os chamados *demônios*, por uma razão bem simples: a de que há homens muito maus que, pelo simples fato de morrerem, não se tornam bons imediatamente. A questão está em saber se só eles podem comunicar-se conosco. Aos que pensam assim, dirigimos as seguintes perguntas:

1ª Há ou não Espíritos bons e maus?

2ª Deus é ou não é mais poderoso do que os Espíritos maus, ou do que os demônios, se assim lhes quiserdes chamar?

3ª Afirmar que só os Espíritos maus se comunicam é dizer que os bons não o podem fazer. Sendo assim, de duas uma: ou isto se dá pela vontade, ou contra a vontade de Deus. Se é contra a sua vontade, os Espíritos maus são mais poderosos do que Ele; se é por sua vontade, por que Deus, em sua bondade, não permitiria que os bons fizessem o mesmo, para contrabalançar a influência dos outros?

4ª Que provas podeis apresentar da impossibilidade de os Espíritos bons se comunicarem conosco?

5ª Quando vos opomos a sabedoria de certas comunicações, respondeis que o demônio usa de todas as máscaras para melhor seduzir. Sabemos, realmente, haver Espíritos hipócritas, que dão à sua linguagem um falso verniz de sabedoria; mas admitis que a ignorância possa simular o verdadeiro saber e uma natureza má imitar a verdadeira virtude, sem deixar vestígio que denuncie a fraude?

6ª Se apenas o demônio se comunica, e sendo ele o inimigo de Deus e dos homens, por que recomenda que se ore a Deus, que nos submetamos à vontade de Deus, que suportemos sem queixas as tribulações da vida, que não ambicionemos as honras, nem as riquezas, que pratiquemos a caridade e todas as máximas do Cristo, em suma: que façamos tudo o que é preciso para destruir o seu império? Se é o demônio quem dá semelhantes conselhos, temos de admitir que, por mais manhoso que seja, ele é bastante inábil ao fornecer armas contra si mesmo.[3]

7ª Visto que os Espíritos se comunicam, é que Deus o permite. Vendo as boas e as más comunicações, não será mais lógico admitir-se que Deus permita umas para nos experimentar e outras para nos aconselhar ao bem?

8ª Que diríeis de um pai que deixasse o filho à mercê dos exemplos e conselhos perniciosos, que o afastasse de si e o proibisse de ter contato com as pessoas que pudessem desviá-lo do mal? Um bom pai não faria isso. Será lógico, então, admitir-se que Deus, a bondade por excelência, faça menos do que faria um homem?

9ª A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da Virgem e de outros santos, em aparições, visões, comunicações orais etc. Esta crença não está em contradição com a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios?

Acreditamos que algumas pessoas hajam professado de boa-fé essa teoria; mas também cremos que muitos a adotaram unicamente para não terem que se ocupar com estas coisas, em virtude das más comunicações que todos estão sujeitos a receber. Dizendo que só o diabo se manifesta, quiseram aterrorizar, mais ou menos como se faz com uma criança a quem se diz: não toques nisto, porque queima. A intenção pode ter sido louvável, mas não atingiu o objetivo, visto que a proibição só serve para excitar a curiosidade e o temor do diabo já não reprime quase ninguém. Todos querem vê-lo, ao menos para saber como é

feito e ficam muito espantados por não o acharem tão feio como imaginavam.

E não se poderia achar também outro motivo para essa teoria exclusiva do diabo? Para muitas pessoas estão errados todos os que não pensam igual a elas. Ora, os que pretendem que todas as comunicações são obra do demônio não serão induzidos a isso pelo receio de que os Espíritos não estejam de acordo com eles sobre todos os pontos, mais ainda sobre os que se referem aos interesses deste mundo, do que sobre os que dizem respeito aos interesses do outro? Não podendo negar os fatos, quiseram apresentá-lo sob forma assustadora, mas esse meio não produziu melhor resultado do que os outros. Onde o temor do ridículo é impotente, deve-se deixar que as coisas sigam seu curso.

O muçulmano que ouvisse um Espírito falar contra certas leis do *Alcorão,* certamente acreditaria tratar-se de um Espírito mau. O mesmo se daria com um judeu, no tocante a algumas práticas da lei de Moisés. Quanto aos católicos, ouvimos um deles dizer que o Espírito que se comunicava só podia ser o *diabo*, porque se dava ao luxo de pensar de modo diverso do dele, acerca do poder temporal, embora só houvesse pregado a caridade, a tolerância, o amor ao próximo e a abnegação das coisas deste mundo, que o Cristo ensinou em suas máximas.

Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens e não sendo estes perfeitos, deve-se concluir que há Espíritos igualmente imperfeitos, cujo caráter se reflete nas suas comunicações. Entre eles, é incontestável a existência de Espíritos maus, astuciosos, profundamente hipócritas, contra os quais é preciso que estejamos em guarda. Mas o fato de se encontrarem homens perversos no mundo é motivo para nos afastarmos de toda a sociedade? Deus nos deu a razão e o discernimento para apreciarmos os Espíritos e os homens. O melhor meio de nos precavermos contra os inconvenientes que a prática do Espiritismo pode apresentar consiste em fazê-lo compreendido, e não em proibir o seu exercício. Um temor imaginário só impressiona por um instante e não atinge a todos, ao passo que todos compreendem a realidade claramente demonstrada.

47. Sistema otimista – Ao lado dos que só veem nesses fenômenos a ação dos demônios, existem outros que só viram a manifestação dos Espíritos bons. Presumem que a alma, por se achar liberta da matéria, deve possuir a soberana ciência e a soberana sabedoria, já que não dispõe mais de nenhum véu a lhe encobrir as coisas. A confiança cega nessa superioridade absoluta dos seres do mundo invisível tem sido, para muitas pessoas, a causa de não poucas

decepções. Esses aprenderão à própria custa a desconfiar de certos Espíritos e a não confiar em certos homens.

48. Sistema uniespírita ou monoespírita – Uma variedade do sistema otimista consiste na crença de que um único Espírito se comunica com os homens, sendo esse Espírito o *Cristo*, que é o protetor da Terra. Diante das comunicações da mais baixa trivialidade, de revoltante grosseria, cheias de malevolência e de maldade, haveria profanação e impiedade em supor-se que pudessem emanar do Espírito do bem por excelência. Ainda se poderia admitir a ilusão, se os que assim creem só tivessem recebido comunicações inatacáveis. A maioria deles, porém, confessa ter recebido algumas muito ruins, explicando tratar-se de uma prova a que o Espírito bom os submete, ao lhes ditar coisas absurdas. Assim, enquanto uns atribuem todas as comunicações ao diabo, que pode dizer coisas excelentes para tentar, outros pensam que só Jesus se manifesta e que pode dizer coisas abomináveis, para experimentar os homens. Entre estas duas opiniões tão opostas, quem decidirá? O bom senso e a experiência. Dizemos: a experiência, porque é impossível que os que professam ideias tão exclusivas tenham visto tudo e visto bem.

Quando lhes objetamos com os fatos de identidade, que atestam, por meio de manifestações escritas, visuais ou outras, a presença de parentes, amigos ou conhecidos, respondem que é sempre o mesmo Espírito – o diabo, segundo uns; o Cristo, segundo outros – que toma todas as formas. Mas não nos dizem por que razão os outros Espíritos não podem comunicar-se, e com que objetivo o Espírito de Verdade viria nos enganar, apresentando-se sob falsas aparências para iludir uma pobre mãe, fazendo-lhe crer que tem ao seu lado o filho por quem derrama lágrimas. A razão se nega a admitir que o mais santo de todos os Espíritos se rebaixe a ponto de representar semelhante comédia. Além disso, negar a possibilidade de qualquer outra comunicação não seria tirar do Espiritismo o que ele tem de mais suave: a consolação dos aflitos? Digamos, pura e simplesmente, que tal sistema é irracional e não suporta exame sério.

49. Sistema multiespírita ou poliespírita – Todos os sistemas que passamos em revista, sem excetuar os de sentido negativo, apoiam-se em algumas observações, embora incompletas ou mal interpretadas. Se uma casa for vermelha de um lado e branca do outro, aquele que a houver visto apenas por um lado afirmará que ela é vermelha, outro declarará que é branca. Ambos estarão em erro e terão razão. No entanto, aquele que a tenha visto dos dois lados dirá que a casa é vermelha e branca e só ele estará com a verdade. Dá-se a mesma

coisa com a opinião que se forme do Espiritismo: pode ser verdadeira, com relação a certos aspectos, e falsa, se generalizarem o que é parcial, se tomarem como regra o que constitui exceção, e como o todo o que é apenas parte. É por isso que dizemos: quem quiser estudar seriamente esta ciência, deve observar muito e durante muito tempo. Só o tempo lhe permitirá apanhar os detalhes, notar os matizes delicados, observar uma porção de fatos característicos, que lhe serão outros tantos raios de luz. Se, porém, se detiver na superfície, expõe-se a formular juízo prematuro e, conseguintemente, errôneo.

Eis aqui as consequências gerais deduzidas de uma observação completa e que agora formam a crença, pode-se dizer, da universalidade dos espíritas, visto que os sistemas restritivos não passam de opiniões isoladas:

1ª os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências extracorpóreas, ou seja, pelos Espíritos;

2ª os Espíritos constituem o mundo invisível; estão em toda parte; povoam os espaços infinitos; muitos estão continuamente à nossa volta e com eles nos achamos em contato;

3ª os Espíritos reagem incessantemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral e são uma das potências da Natureza;

4ª os Espíritos não são seres à parte na Criação, mas as almas dos que viveram na Terra, ou em outros mundos, e que se despojaram do invólucro corpóreo. Conseguintemente, as almas dos homens são Espíritos encarnados, e nós, morrendo, nos tornamos Espíritos;

5ª há Espíritos de todos os graus de bondade e de malícia, de saber e de ignorância;

6ª todos estão submetidos à lei do progresso e podem todos chegar à perfeição; mas, como têm livre-arbítrio, lá chegam em tempo mais ou menos longo, segundo os esforços e a vontade de cada um;

7ª são felizes ou infelizes, de acordo com o bem ou o mal que praticaram durante a vida e com o grau de adiantamento a que chegaram. A felicidade perfeita e sem mescla é privilégio dos Espíritos que atingiram o grau supremo da perfeição;

8ª todos os Espíritos, em dadas circunstâncias, podem manifestar-se aos homens; o número dos que podem comunicar-se é indefinido;

9ª os Espíritos se comunicam por meio dos médiuns, que lhes servem de instrumento e de intérpretes;

10ª reconhece-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos pela linguagem: os bons só aconselham o bem e só dizem coisas proveitosas; tudo neles lhes atesta a elevação; os maus enganam e todas as suas palavras trazem a marca da imperfeição e da ignorância.

Os diferentes graus por que passam os Espíritos se acham indicados na "Escala espírita" (*O Livro dos Espíritos*, Livro segundo, cap. I, questão 100). O estudo dessa classificação é indispensável para se apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, assim como suas boas e más qualidades.

50. Sistema da alma material – Consiste apenas numa opinião particular sobre a natureza íntima da alma. Segundo esta opinião, a alma e o perispírito não seriam distintos uma do outro, ou, melhor, o perispírito seria a própria alma, a se depurar gradualmente por meio das transmigrações sucessivas, como o álcool se depura por meio de diversas destilações. A Doutrina Espírita, entretanto, considera o perispírito como o envoltório fluídico da alma ou do Espírito. Sendo matéria o perispírito, embora muito etérea, a alma seria de uma natureza material mais ou menos essencial, de acordo com o grau de sua purificação.

Este sistema não invalida nenhum dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, visto nada alterar com relação ao destino da alma; as condições de sua felicidade futura são as mesmas. Como a alma e o perispírito formam um todo, sob a denominação de Espírito, a exemplo da semente e da polpa, que também formam um todo sob o nome de fruto, toda a questão se resume em considerar o todo como homogêneo, em vez de considerá-lo formado de duas partes distintas.

Como se vê, tal opinião não leva a consequência alguma e, se dela nos ocupamos, foi porque encontramos pessoas inclinadas a ver uma nova escola no que não passa, afinal, de simples interpretação de palavras. Semelhante modo de ver, aliás muito restrito, mesmo que se achasse mais generalizado, não constituiria uma cisão entre os espíritas, do mesmo modo que as duas teorias da emissão e das ondulações da luz não dividem os físicos. Os que quisessem formar grupo à parte, por uma questão tão pueril, provariam, só com isso, que ligam mais importância ao acessório do que ao principal e que se acham compelidos à desunião por Espíritos que não podem ser bons, visto que os Espíritos bons jamais insuflam a acrimônia e a cizânia. É por isso que conclamamos todos os verdadeiros espíritas a se manterem em guarda contra tais

sugestões e a não darem a certos pormenores mais importância do que merecem. O essencial é o fundo.

Não obstante, sentimo-nos na obrigação de dizer algumas palavras acerca dos fundamentos em que repousa a opinião dos que consideram a alma e o perispírito como coisas distintas. Ela se baseia no ensino dos Espíritos, que nunca divergem a esse respeito. Referimo-nos aos Espíritos esclarecidos, porquanto, entre os Espíritos em geral, há uma multidão que não sabe mais e até sabe menos do que os homens, ao passo que a teoria contrária é de concepção humana. Não inventamos, nem imaginamos o perispírito para explicar os fenômenos. Sua existência nos foi revelada pelos Espíritos e a experiência no-la confirmou (*O Livro dos Espíritos*, questão 93). Apoia-se também no estudo das sensações dos Espíritos (*O Livro dos Espíritos*, questão 257) e, sobretudo, no fenômeno das aparições tangíveis que, segundo outra opinião, implicaria a solidificação e a desagregação das partes constitutivas da alma e, por conseguinte, a sua desorganização.

Além disso, seria preciso admitir-se que esta matéria, que pode ser percebida pelos nossos sentidos, fosse o próprio princípio inteligente, o que não nos parece mais racional do que confundir o corpo com a alma ou a roupa com o corpo. Quanto à natureza íntima da alma, nada sabemos. Quando se diz que a alma é *imaterial*, deve-se entendê-lo em sentido relativo, não em sentido absoluto, visto que a imaterialidade absoluta seria o nada. Ora, a alma, o Espírito, é alguma coisa. Isto equivale a dizer que sua essência é de tal modo superior que não apresenta qualquer analogia com o que chamamos matéria, de forma que, para nós, ela é imaterial (*O Livro dos Espíritos*, questões 23 e 82).

51. Eis a resposta de um Espírito a respeito deste assunto:

“O que uns chamam *perispírito*, outros chamam envoltório material fluídico. Para me fazer compreendido de maneira mais lógica, eu diria que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das ideias. Falo aqui dos Espíritos elevados, pois os Espíritos inferiores ainda se acham completamente impregnados dos fluidos terrestres; logo, são matéria. Daí os sofrimentos da fome, do frio etc., sofrimentos que os Espíritos superiores não podem experimentar, visto que os fluidos terrenos estão depurados em torno do pensamento, isto é, da alma. Para progredir, a alma necessita sempre de um agente; sem agente, ela nada seria para vós, ou, melhor, não a poderíeis conceber. O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio

do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma. Daí, a infinita variedade de médiuns e de comunicações.

“Resta agora o ponto de vista científico, ou seja, a essência mesma do perispírito. Isso é outra questão. Compreendei primeiro moralmente. Só falta uma discussão sobre a natureza dos fluidos, coisa por ora inexplicável. A Ciência ainda não sabe bastante, porém lá chegará, se quiser marchar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito. A alma é o pensamento: não muda de natureza. Não avanceis mais quanto a este aspecto, pois se trata de um ponto que não pode ser explicado. Supondes que, como vós, eu também não indague? Vós pesquisais o perispírito; nós outros, agora, pesquisamos a alma. Esperai, pois”.

Lamennais

Assim, Espíritos que consideramos adiantados ainda não conseguiram sondar a natureza da alma. Como poderíamos fazê-lo? É, portanto, perder tempo querer perscrutar o princípio das coisas que, como foi dito em *O Livro dos Espíritos* (questões 17 e 49), está nos segredos de Deus. Pretender investigar, com o auxílio do Espiritismo, o que ainda não é da alçada da Humanidade, é desviá-lo do seu verdadeiro objetivo, é fazer como a criança que quisesse saber tanto quanto o velho. O essencial é que o homem aplique o Espiritismo em aperfeiçoar-se moralmente; tudo mais não passa de curiosidade estéril e muitas vezes orgulhosa, cuja satisfação não o faria avançar um passo. O único meio de nos adiantarmos consiste em nos tornarmos melhores. Os Espíritos que ditaram o livro que lhes traz o nome demonstraram a sua sabedoria, mantendo-se, no tocante ao princípio das coisas, dentro dos limites que Deus não nos permite ultrapassar, deixando aos Espíritos sistemáticos e presunçosos a responsabilidade das teorias prematuras e errôneas, mais sedutoras do que sólidas, e que um dia vão cair, em face da razão, como tantas outras surgidas dos cérebros humanos. Eles só disseram justamente o que era preciso para que o homem compreendesse o futuro que o aguarda e, dessa maneira, encorajá-lo à prática do bem. (Veja-se, a seguir, na Segunda parte, o cap. I, “Ação dos Espíritos sobre a Matéria”.)

[1]**N. de A. K.:** Sr. Jobert (de Lamballe). Para sermos justos, devemos dizer que esta descoberta se deve ao Sr. Schiff. O Sr. Jobert lhe deduziu as consequências perante a Academia de Medicina, desferindo assim o golpe de morte nos Espíritos batedores. Na *Revista Espírita*, do mês de junho de 1859, “O músculo estalante”, encontram-se todos os pormenores da explicação do Sr. Jobert.

[2]**N. de A. K.:** Comunhão. A luz do fenômeno do Espírito. Mesas falantes, sonâmbulos, médiuns,

milagres. Magnetismo espiritual: poder da prática da fé. Por *Émah Tirpsé*, uma alma coletiva que escreve por intermédio de uma prancheta. Bruxelas, 1858, editora Devroye.

[3]**N. de A. K.:** Esta questão foi tratada em *O Livro dos Espíritos* (questões 128 e seguintes); mas, com relação a este assunto, como acerca de tudo que se refere à parte religiosa, recomendamos a brochura intitulada: *Carta de um católico sobre o Espiritismo,* do Dr. Grand, ex-cônsul da França (à venda na livraria Ledoyen, in-18; preço: 1 fr.), bem como a que vamos publicar sob o título: *Os contraditores do Espiritismo, do ponto de vista da religião, da ciência e do materialismo*.

Segunda Parte

Manifestações Espíritas

Cap. I – Ação dos Espíritos sobre a Matéria
Cap. II – Manifestações Físicas. Mesas Girantes
Cap. III– Manifestações Inteligentes
Cap. IV – Teoria das Manifestações Físicas
Cap. V – Manifestações Físicas Espontâneas
Cap. VI – Manifestações Visuais
Cap. VII – Bicorporeidade e Transfiguração
Cap. VIII – Laboratório do Mundo Invisível
Cap. IX – Lugares Assombrados
Cap. X – Natureza das Comunicações
Cap. XI – Sematologia e Tiptologia
Cap. XII – Pneumatografia ou Escrita Direta. Pneumatofonia
Cap. XIII – Psicografia
Cap. XIV – Médiuns
Cap. XV – Médiuns Escreventes ou Psicógrafos
Cap. XVI – Médiuns Especiais
Cap. XVII – Formação dos Médiuns
Cap. XVIII – Inconvenientes e Perigos da Mediunidade
Cap. XIX – O Papel dos Médiuns nas Comunicações Espíritas
Cap. XX – Influência Moral do Médium
Cap. XXI – Influência do Meio
Cap. XXII – Mediunidade nos Animais
Cap. XXIII – Obsessão
Cap. XXIV – Identidade dos Espíritos
Cap. XXV – Evocações
Cap. XXVI – Perguntas que se Podem Fazer aos Espíritos
Cap. XXVII – Contradições e Mistificações
Cap. XXVIII – Charlatanismo e Embuste
Cap. XXIX – Reuniões e Sociedades Espíritas

Cap. XXX – Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas
Cap. XXXI – Dissertações Espíritas
Cap. XXXII – Vocabulário Espírita

CAPÍTULO I

Ação dos Espíritos sobre a Matéria

52. Posta de lado a opinião materialista, já que a razão e os fatos a condenam, tudo se resume em saber se a alma, depois da morte, pode manifestar-se aos vivos. Reduzida assim à sua expressão mais simples, a questão se torna muito menos complicada. Caberia, antes de tudo, perguntar por que seres inteligentes, que de certa maneira vivem no nosso meio, embora invisíveis por natureza, não poderiam atestar a sua presença de um modo ou de outro. Diz a simples razão que isto nada tem de impossível, o que já é alguma coisa. Além do mais, essa crença tem a seu favor a adesão de todos os povos, pois a encontramos em toda parte e em todas as épocas. Ora, uma intuição não poderia generalizar-se tanto, nem sobreviver ao tempo, se não se apoiasse em alguma coisa. Ela é ainda sancionada pelo testemunho dos livros sagrados e pelos Pais da Igreja, tendo sido preciso o ceticismo e o materialismo do nosso século para relegá-la entre as crenças supersticiosas. Se estivermos em erro, aquelas autoridades igualmente estarão erradas.

Mas tudo isso não passa de considerações de ordem moral. Uma causa tem contribuído, de modo especial, para fortalecer a dúvida, numa época tão positiva como a nossa, em que as criaturas fazem questão de se inteirar de tudo, em que se quer saber o porquê e o como de todas as coisas. Essa causa é a ignorância da natureza dos Espíritos e dos meios pelos quais eles podem manifestar-se. Conquistado esse conhecimento, as manifestações nada mais apresentam de extraordinário e entram na ordem dos fatos naturais.

53. A ideia que geralmente se faz dos Espíritos torna à primeira vista incompreensível o fenômeno das manifestações. Como estas não podem ocorrer sem a ação do Espírito sobre a matéria, os que julgam que o Espírito implica a ideia de ausência completa de tudo que seja matéria perguntam, com certa aparência de razão, como ele pode agir materialmente. Ora, aí está o erro, pois o Espírito não é uma abstração, mas um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo constitui a alma. Quando o deixa, por ocasião da morte, não sai dele despido de todo o envoltório. Todos nos dizem que conservam a forma humana e, de fato, quando nos aparecem, é sob essa forma que os reconhecemos.

Se os observarmos atentamente, no instante em que acabam de deixar a vida, veremos que eles se encontram em estado de perturbação e que tudo é confuso à sua volta; veem o próprio corpo, perfeito ou mutilado, conforme o gênero da morte; por outro lado, se reconhecem e se sentem vivos; alguma coisa lhes diz que aquele corpo lhes pertence e não compreendem como podem estar separados dele. Continuam a ver-se sob a forma que tinham antes de morrer e essa visão produz em alguns, durante certo tempo, singular ilusão: a de se crerem ainda vivos. Falta-lhes a experiência do novo estado em que se encontram, para se convencerem da realidade. Passado esse primeiro momento de perturbação, o corpo se torna para eles uma veste imprestável, de que se despiram e da qual não guardam saudades. Sentem-se mais leves e como que aliviados de um fardo. Não sofrem mais as dores físicas e se consideram felizes por poderem elevar-se e transpor o Espaço, como tantas vezes o fizeram em sonho, quando vivos.[1] Entretanto, apesar da falta do corpo, constatam suas personalidades; têm uma forma, mas que não os importuna nem os embaraça; têm, finalmente, a consciência do seu *eu* e de sua individualidade. Que devemos concluir daí? Que a alma não deixa tudo no túmulo; que leva consigo alguma coisa.

54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram-nos à conclusão de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente no qual reside o senso moral; 2º, o corpo, envoltório material e grosseiro que reveste temporariamente a alma para o cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo.

A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação do envoltório grosseiro, daquele que a alma abandona. O outro se desliga do corpo e acompanha a alma que, assim, fica sempre com um envoltório. Este último, embora fluídico, etéreo, vaporoso, invisível para nós em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até o presente não tenhamos podido apoderar-nos dele e submetê-lo à análise.

Esse segundo envoltório da alma, ou *perispírito*, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que

desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Por considerar apenas o elemento material ponderável na apreciação dos fatos, a Medicina se priva de uma causa incessante de ação. Não cabe aqui, porém, o exame desta questão. Somente faremos notar que o conhecimento do perispírito é a chave de inúmeros problemas até hoje não explicados.

O perispírito não constitui uma dessas hipóteses de que a Ciência costuma valer-se para a explicação de um fato. Sua existência não foi revelada apenas pelos Espíritos, já que resulta de observações, como teremos ocasião de demonstrar. Por ora, e para não antecipar fatos que teremos de relatar, limitar-nos-emos a dizer que, seja durante a sua união com o corpo, seja depois de separar-se deste, a alma nunca está desligada do seu perispírito.

55. Disseram que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, ao qual não se poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza à medida que ele se depura e se eleva na hierarquia espiritual. Para nós, portanto, a ideia de forma é inseparável da ideia de Espírito, de sorte que não podemos conceber uma sem conceber a outra. Desse modo, o perispírito faz parte integrante do Espírito, assim como o corpo faz parte integrante do homem. Mas o perispírito, considerado isoladamente, não é o Espírito, da mesma forma que, sozinho, o corpo não constitui o homem, já que o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo representa para o homem: o agente ou instrumento de sua ação.

56. A forma do perispírito é a forma humana e, quando nos aparece, geralmente é com a que revestia o Espírito na condição de encarnado. De acordo com isso, seria de se esperar que o perispírito, uma vez separado de todas as partes do corpo, mantivesse o modelo deste corpo; entretanto, não parece que seja assim. Com pequenas diferenças quanto às particularidades, a forma humana se nos depara entre os habitantes de todos os globos, à exceção das modificações orgânicas exigidas pelo meio no qual o ser é chamado a viver, pelo menos é o que dizem os Espíritos. Essa é também a forma de todos os Espíritos não encarnados, que só têm o perispírito; a forma com que, em todos os tempos, se representaram os anjos ou Espíritos puros. Devemos concluir de tudo isso que a forma humana é a forma típica de todos os seres humanos, seja qual for o grau

de evolução a que pertençam. Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade nem a rigidez da matéria compacta do corpo; ela é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, de modo que a forma que toma, embora decalcada na do corpo, não é absoluta; modela-se à vontade do Espírito, que pode lhe dar a aparência que bem entender, ao passo que o envoltório sólido lhe oferece insuperável resistência.

Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma; numa palavra, presta-se a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que atua sobre ele. É graças a essa propriedade do seu envoltório fluídico que o Espírito pode fazer-se reconhecer, quando necessário, tomando a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os defeitos corpóreos que possam servir de sinais para o reconhecerem.

Como se vê, os Espíritos são seres semelhantes a nós, constituindo, ao nosso redor, toda uma população invisível no estado normal. Dizemos no *estado normal*, porque, conforme veremos, essa invisibilidade não é absoluta.

57. Voltemos à natureza do perispírito, porque é essencial à explicação que vamos dar. Dissemos que, embora fluídico, o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria, e isso resulta dos casos de aparições tangíveis, sobre os quais voltaremos a falar. Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que, como estas, são dotadas de calor, podem ser palpadas, oferecem a resistência de um corpo sólido, agarram os circunstantes e, de repente, se dissipam como uma sombra. A ação inteligente dessas mãos, que evidentemente obedecem a uma vontade, executando certos movimentos, tocando até melodias num instrumento, prova que elas são a parte visível de um ser inteligente invisível. A tangibilidade que revelam, a temperatura, a impressão, em suma, que causam aos sentidos, pois se verificou que deixam marcas na pele, que dão pancadas dolorosas ou acariciam delicadamente, provam que são de uma matéria qualquer. Sua desaparição instantânea comprova, além disso, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem passar, alternativamente, do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa.

58. A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, nos é inteiramente desconhecida. Ele se nos revela pelos seus atos e esses atos não podem impressionar os nossos sentidos, a não ser por um intermediário material. O Espírito precisa, pois, de matéria, para atuar sobre a matéria. Tem

por instrumento direto de sua ação o perispírito, como o homem tem o corpo. Ora, o perispírito é matéria, conforme acabamos de ver. Depois, serve-lhe também de agente intermediário o fluido universal, espécie de veículo sobre o qual ele atua, como nós atuamos sobre o ar para obter determinados efeitos, por meio da dilatação, da compressão, da propulsão ou das vibrações.

Considerada dessa maneira, facilmente se concebe a ação do Espírito sobre a matéria. Compreende-se, desde então, que todos os efeitos que daí resultam pertencem à ordem dos fatos naturais e nada têm de maravilhosos. Só pareceram sobrenaturais porque sua causa era desconhecida. Conhecida esta, desaparece o maravilhoso e essa causa se encontra inteiramente nas propriedades semimateriais do perispírito. É uma nova ordem de fatos que uma nova lei vem explicar e dos quais, dentro de algum tempo, ninguém mais se admirará, como ninguém se admira hoje de se corresponder com outra pessoa a grande distância, em alguns minutos, por meio da eletricidade.

59. Talvez alguém pergunte como pode o Espírito, com o auxílio de matéria tão sutil, atuar sobre corpos pesados e compactos, suspender mesas etc. Certamente não será um homem de ciência que fará semelhante objeção, visto que, sem falar das propriedades desconhecidas que esse novo agente pode possuir, não temos exemplos análogos sob as vistas? Não é nos gases mais rarefeitos, nos fluidos imponderáveis que a indústria encontra os seus mais possantes motores? Quando vemos o ar derrubar edifícios, o vapor deslocar enormes massas, a pólvora gaseificada levantar rochedos, a eletricidade lascar árvores e fender paredes, por que estranhar que o Espírito, com o auxílio do seu perispírito, possa levantar uma mesa, sobretudo quando se sabe que esse perispírito pode tornar-se visível, tangível e comportar-se como um corpo sólido?

[1]**N. de A. K.:** Quem quiser se reportar a tudo o que dissemos em *O Livro dos Espíritos* sobre os sonhos e o estado do Espírito durante o sono (questões 400 a 418), compreenderá que esses sonhos, que quase toda gente tem, em que nos vemos transportados através do Espaço e como que voando, são a recordação do que o nosso Espírito experimenta, quando, durante o sono, deixara momentaneamente o corpo material, levando consigo apenas o corpo fluídico, aquele que conservará depois da morte. Esses sonhos podem, pois, nos dar uma ideia do estado do Espírito, quando se houver desembaraçado dos entraves que o retêm ao solo.

CAPÍTULO II

Manifestações Físicas. Mesas Girantes

60. Dá-se o nome de manifestações físicas às que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como ruídos, movimentos e deslocamento de corpos sólidos. Umas são espontâneas, isto é, independem da vontade de quem quer que seja; outras podem ser provocadas. Inicialmente, só falaremos destas últimas.

O efeito mais simples, e um dos primeiros que foram observados, consiste no movimento circular impresso a uma mesa. Esse efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas sendo a mesa, por sua comodidade, o móvel mais utilizado, a designação de *mesas girantes* prevaleceu, para indicar essa espécie de fenômenos.

Quando dizemos que este efeito foi um dos primeiros a serem observados, queremos dizer nos últimos tempos, pois não há dúvida de que todos os gêneros de manifestações eram conhecidos desde os tempos mais longínquos. E nem podia ser de outra maneira; por se tratarem de efeitos naturais, necessariamente se produziram em todas as épocas. Tertuliano refere-se de maneira clara às mesas girantes e falantes.

Durante algum tempo esse fenômeno alimentou a curiosidade dos salões; depois, aborreceram-se dele e passaram a cultivar outras distrações, já que o consideravam como simples passatempo. Duas causas contribuíram para que as mesas girantes fossem deixadas de lado. Com relação às pessoas frívolas, a causa foi a moda, que raramente lhes permite conservar por dois invernos seguidos o mesmo divertimento, mas que, por um prodígio qualquer, deixou que lhe consagrassem três ou quatro! Quanto às pessoas criteriosas e observadoras, estas abandonaram as mesas girantes para se ocuparem com as consequências bem mais importantes que o fenômeno acarretava, tendo em vista que delas nascia algo muito sério, destinado a prevalecer. Deixaram o alfabeto pela Ciência: eis todo o segredo desse aparente abandono, de que fazem tanto barulho os zombadores.

Seja como for, as mesas girantes representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita e, por essa razão, nós lhes devemos algumas explicações, tanto mais que, mostrando os fenômenos na sua maior simplicidade, o estudo de suas causas será mais fácil e a teoria, uma vez estabelecida, nos dará a chave para a

compreensão dos efeitos mais complicados.

61. Para que o fenômeno se produza, é indispensável a intervenção de uma ou muitas pessoas dotadas de aptidão especial, que se designam pelo nome de *médiuns*. O número dos cooperadores é indiferente, a não ser que exista entre eles alguns médiuns ignorados. Quanto aos que não têm mediunidade, sua presença não produz nenhum resultado, podendo mesmo ser mais prejudicial do que útil, pela disposição de espírito em que muitas vezes se encontram.

Sob este aspecto, os médiuns gozam de maior ou menor poder, produzindo, por conseguinte, efeitos mais ou menos pronunciados. Muitas vezes, um poderoso médium produzirá sozinho mais do que vinte outros reunidos. Basta-lhe colocar as mãos na mesa para que, no mesmo instante, ela se mova, se levante, revire, dê saltos ou gire com violência.

62. Não há nenhum sinal pelo qual se reconheça a existência da faculdade mediúnica; só a experiência pode revelá-la. Quando se quer fazer experiência numa reunião, basta que os participantes se sentem ao redor da mesa e coloquem sobre ela as mãos espalmadas, sem pressão nem esforço muscular. A princípio, como se ignorassem as causas do fenômeno, recomendavam muitas precauções, que depois se constatou serem totalmente inúteis. Tal, por exemplo, a alternância dos sexos; tal, também, o contato entre os dedos mínimos das diferentes pessoas, de modo a formar uma cadeia ininterrupta. Esta última precaução parecia necessária, quando se acreditava na ação de uma espécie de corrente elétrica. Depois, a experiência demonstrou a sua inutilidade. A única prescrição de rigor obrigatório é o recolhimento, absoluto silêncio e, sobretudo, a paciência, caso o efeito demore. Pode acontecer que ele se produza em alguns minutos, como pode tardar meia hora ou uma hora. Isso depende da força mediúnica dos coparticipantes.

63. Acrescentemos ainda que a forma da mesa, a substância de que é feita, a presença de metais, da seda na roupa dos assistentes, os dias, as horas, a obscuridade ou a luz etc., são tão indiferentes como a chuva ou o bom tempo. Apenas o volume da mesa deve ser levado em conta, mas somente no caso em que a força mediúnica seja insuficiente para vencer-lhe a resistência. No caso contrário, uma pessoa só, até uma criança, pode fazer que uma mesa de cem quilos se levante, ao passo que, em condições menos favoráveis, doze pessoas não conseguirão que uma mesinha de centro se mova.

Estando as coisas assim preparadas, quando o efeito começa a produzir-se é

muito frequente ouvir-se um pequeno estalido na mesa; sente-se uma espécie de estremecimento, que é o prelúdio do movimento. Tem-se a impressão de que ela se esforça por desgarrar-se do chão; depois, o movimento de rotação se acentua e acelera a ponto de adquirir tal rapidez que os assistentes se veem na maior dificuldade para acompanhá-lo. Desencadeado o movimento, os assistentes podem até afastar-se da mesa, pois ela continuará a mover-se em todos os sentidos, sem qualquer contato.

De outras vezes, a mesa se ergue e se firma, ora num pé, ora noutro, para em seguida retomar suavemente a sua posição natural. De outras, ainda, ela passa a oscilar, imitando o balanço de um navio. Finalmente – mas para isto é indispensável força mediúnica considerável – há ocasiões em que a mesa se destaca completamente do solo e se mantém equilibrada no espaço, sem nenhum ponto de apoio, chegando mesmo, algumas vezes, a elevar-se até o forro da casa, de modo que é possível passar-se por baixo dela. Depois, desce lentamente, balançando-se no ar como o faria uma folha de papel; ou, então, cai violentamente e se quebra, o que prova, de modo evidente, que ninguém foi joguete de uma ilusão de óptica.

64. Outro fenômeno que se produz com frequência, de acordo com a natureza do médium, é o das pancadas vibradas na própria substância da madeira, sem que a mesa faça qualquer movimento. Essas pancadas, às vezes muito fracas, outras vezes muito fortes, também são ouvidas nos outros móveis do aposento, nas portas, nas paredes e no forro. Voltaremos brevemente a esta questão. Quando as pancadas se dão na mesa, produzem nela uma vibração muito apreciável por meio dos dedos, muito distinta, sobretudo quando se aplica o ouvido contra a mesa.

CAPÍTULO III

Manifestações Inteligentes

65. Nada certamente nos revela, nos fatos que acabamos de analisar, a intervenção de uma potência oculta. Esses efeitos poderiam explicar-se perfeitamente pela ação de uma corrente magnética, ou elétrica, ou ainda pela de um fluido qualquer. Tal foi, precisamente, a primeira solução dada a tais fenômenos e que, com razão, podia passar por muito lógica. Sem dúvida ela teria prevalecido, se outros fatos não tivessem vindo demonstrar a sua insuficiência. Esses fatos são as provas de inteligência que eles deram. Ora, como todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente, ficou evidenciado que, mesmo admitindo-se, em tais casos, a intervenção da eletricidade, ou de outro fluido qualquer, outra causa se achava associada. Qual seria? Que inteligência era essa? Foi o que demonstrou a continuidade das nossas observações.

66. Para uma manifestação ser inteligente, não é preciso que seja eloquente, espirituosa ou sábia. Basta que prove ser um ato livre e voluntário, exprimindo uma intenção ou correspondendo a um pensamento. Certamente, quando se vê uma ventoinha agitada pelo vento, todos sabem que apenas obedece a uma impulsão mecânica; entretanto, se fossem reconhecidos nos seus movimentos sinais intencionais, se ela girasse para a direita ou para a esquerda, depressa ou devagar, conforme as ordens que recebesse, forçoso seria admitir-se que a ventoinha obedecia a uma inteligência; nunca, porém, que ela fosse inteligente. Foi o que aconteceu com a mesa.

67. Sob a influência de um ou de vários médiuns, vimos a mesa mover-se, levantar-se e dar pancadas. O primeiro efeito inteligente observado foi a obediência desses movimentos a uma ordem dada. Assim é que, sem mudar de lugar, ela se erguia alternativamente sobre o pé que lhe era indicado; depois, caindo, batia um número determinado de pancadas, respondendo a uma pergunta. De outras vezes, sem o contato de pessoa alguma, a mesa passeava sozinha pelo aposento, indo para a direita ou para a esquerda, para adiante ou para trás, executando movimentos diversos, conforme as ordens que recebia dos assistentes. Desnecessário dizer que afastamos qualquer suposição de fraude e admitimos a perfeita lealdade das testemunhas, atestada pela honradez e pelo absoluto desinteresse de todas. Mais tarde falaremos das trapaças, contra as quais manda a prudência que estejamos precavidos.

68. Por meio de pancadas e, principalmente, por meio dos estalidos, de que há pouco tratamos, produzidos na parte interna da madeira, obtêm-se efeitos ainda mais inteligentes, tais como a imitação dos rufos do tambor, da fuzilaria de descarga por fila ou por pelotão, de uma canhonada; depois, a do ranger da serra, dos golpes de martelo, do ritmo de diferentes árias etc. Era, como bem se compreende, um vasto campo a ser explorado. Admitiu-se que, se naquilo havia uma inteligência oculta, ela seria capaz de responder a perguntas e de fato respondeu, por um sim, por um não, dando o número de pancadas que se convencionara para cada caso. Como essas respostas eram insignificantes demais, conceberam a ideia de fazer que a mesa indicasse as letras do alfabeto, de modo a compor palavras e frases.

69. Reproduzidos à vontade por milhares de pessoas, em todos os países, esses fatos não podiam deixar dúvida quanto à natureza inteligente das manifestações. Foi então que surgiu um novo sistema, segundo o qual essa inteligência seria a do médium, do interrogador ou mesmo dos assistentes. A dificuldade estava em explicar como semelhante inteligência podia refletir-se na mesa e se expressar por pancadas. Depois de se constatar que os golpes não eram dados pelo médium, deduziu-se que eram desferidos pelo pensamento. Ora, atribuir as pancadas ao pensamento era admitir um fenômeno ainda mais prodigioso do que todos os que até então haviam sido observados. Não tardou que a experiência demonstrasse a inadmissibilidade de tal opinião. De fato, as respostas se mostravam com muita frequência em oposição formal às ideias dos assistentes, fora do alcance intelectual do médium e dadas até mesmo em línguas que ele ignorava, ou fazendo referência a fatos que todos desconheciam. Os exemplos são tão numerosos que é quase impossível aos que se ocupam com as manifestações espíritas não os terem testemunhado algumas vezes. Citaremos apenas um, que nos foi relatado por uma testemunha ocular.

70. Em um navio da marinha imperial francesa, estacionado nos mares da China, toda a tripulação, dos marinheiros ao estado-maior, se ocupava em fazer que as mesas falassem. Tiveram, então, a ideia de evocar o Espírito de um tenente que pertencera à guarnição do mesmo navio e que havia morrido há dois anos. O Espírito veio e, depois de várias comunicações que encheram de espanto toda aquela gente, declarou o que se segue, por meio de pancadas: “Peço-vos com insistência que mandeis pagar ao capitão a soma de... (indicava a cifra), que lhe devo e que lamento não ter podido restituir-lhe antes da minha morte”. Ninguém conhecia o fato; o próprio capitão esquecera esse débito, que aliás era

mínimo. Mas, verificando nas suas contas, encontrou o registro da dívida do tenente, cuja importância era exatamente igual à que fora indicada pelo Espírito. Perguntamos: do pensamento de quem essa indicação podia ser o reflexo?

71. A arte de obter comunicações pelo processo das pancadas alfabéticas foi sendo aperfeiçoada, mas o meio era sempre muito demorado. Mesmo assim, obtiveram-se algumas comunicações de certa extensão, bem como interessantes revelações sobre o mundo dos Espíritos. Outros meios foram indicados pelos Espíritos e a eles se deve o método das comunicações escritas.

As primeiras comunicações desse gênero foram obtidas depois que se adaptou um lápis ao pé de uma mesinha leve, colocada sobre uma folha de papel. Posta em movimento pela influência de um médium, a mesma começou a traçar letras e, em seguida, palavras e frases. Esse processo foi sendo simplificado continuamente pelo emprego de mesinhas do tamanho da mão, feitas especialmente para isso; a seguir, passou-se a utilizar cestas, caixas de papelão e, finalmente, simples pranchetas. A escrita era tão fluente, tão rápida e tão fácil como a obtida com a mão. Mais tarde, porém, reconheceu-se que todos aqueles objetos não passavam, afinal, de meros apêndices, de verdadeiras lapiseiras, perfeitamente dispensáveis, bastando ao médium segurar o lápis com sua própria mão. Tomada de um movimento involuntário, a mão escrevia sob o impulso que o Espírito lhe transmitia, sem o concurso da vontade nem do pensamento do médium. A partir de então, as comunicações de além-túmulo se tornaram ilimitadas, tal como a correspondência habitual entre os vivos.

Mais tarde voltaremos a tratar destes diferentes meios, a fim de explicá-los minuciosamente. Por ora, limitamo-nos a esboçá-los, para mostrar a evolução dos fatos que levaram os observadores a reconhecer, nesses fenômenos, a intervenção de inteligências ocultas, ou seja, dos Espíritos.

CAPÍTULO IV

Teoria das Manifestações Físicas

• Movimentos e suspensões

• Ruídos

• Aumento e diminuição do peso dos corpos

72. Demonstrada a existência dos Espíritos, pelo raciocínio e pelos fatos, bem como a possibilidade que têm de atuar sobre a matéria, trata-se agora de saber como se efetua essa ação e como eles procedem para fazer que se movam as mesas, assim como outros corpos inertes.

Uma ideia se apresenta muito naturalmente e nós a tivemos também. Os Espíritos a combateram, dando-nos uma explicação muito diversa, pela qual estávamos longe de esperar, provando, assim, que a teoria deles não refletia a nossa opinião. Ora, essa primeira ideia todos a podiam ter, como nós; quanto à teoria dos Espíritos, não cremos que alguma vez tenha ocorrido à mente de alguém. Facilmente se reconhecerá quanto é superior à nossa, embora menos simples, porque dá solução a inúmeros outros fatos que não encontravam explicação satisfatória.

73. Desde que se tornaram conhecidas a natureza dos Espíritos, sua forma humana, as propriedades semimateriais do perispírito, a ação mecânica que este pode exercer sobre a matéria; desde que, em casos de aparição, se viram mãos fluídicas e mesmo tangíveis agarrar objetos e transportá-los, julgou-se, como era natural, que o Espírito se servia muito simplesmente de suas próprias mãos para fazer que a mesa girasse, e da força dos braços, para que ela se erguesse no espaço. Mas, então, qual a necessidade de médium? O Espírito não poderia agir por si mesmo? Até porque o médium, que geralmente põe as mãos sobre a mesa em sentido contrário ao do seu movimento, ou mesmo nem chega a pousá-las, não pode secundar o Espírito por meio de uma ação muscular qualquer. Deixemos, porém, que falem primeiro os Espíritos a quem interrogamos sobre esta questão.

Movimentos e suspensões[1]

74. As respostas seguintes nos foram dadas pelo Espírito São Luís e depois confirmadas por muitos outros.

1. *O fluido universal é uma emanação da Divindade?*[2]

“Não.”

2. *Será uma criação da Divindade?*

“Tudo é criado, exceto Deus.”

3. *O fluido universal será ao mesmo tempo o elemento universal?*

“Sim, é o princípio elementar de todas as coisas.”

4. *Ele tem alguma relação com o fluido elétrico, cujos efeitos conhecemos?*

“É o seu elemento.”

5. *Em que estado o fluido universal se nos apresenta, na sua maior simplicidade?*

“Para o encontrarmos na sua simplicidade absoluta, precisamos remontar aos Espíritos puros. No vosso mundo, ele se acha mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que vos cerca. Entretanto, podeis dizer que o estado em que se encontra mais próximo daquela simplicidade é o do fluido a que chamais *fluido magnético animal*.”

6. *Já disseram que o fluido universal é a fonte da vida. Será ao mesmo tempo a fonte da inteligência?*

“Não; esse fluido apenas anima a matéria.”

7. *Visto que o perispírito se compõe desse fluido, parece que no perispírito o fluido universal se acha numa espécie de condensação que de certa maneira o aproxima da matéria propriamente dita?*

“Até certo ponto, como dizes, já que ele não possui todas as propriedades da matéria. É mais ou menos condensado, conforme os mundos.”

8. *Como um Espírito pode mover um corpo sólido?*

“Combinando uma parte do fluido universal com o fluido que se desprende do médium, apropriado a produzir aquele efeito.”

9. *Será com os seus próprios braços, de certo modo solidificados, que os Espíritos levantam a mesa?*

“Esta resposta ainda não te levará até onde desejas. Quando uma mesa se move sob vossas mãos, o Espírito evocado vai extrair do fluido universal o que é necessário para lhe dar uma vida artificial. Assim preparada, o Espírito atrai a mesa e a move sob a influência do fluido que de si mesmo desprende, por efeito da sua vontade. Quando a massa que deseja mover é muito pesada para ele, chama em seu auxílio outros Espíritos, cujas condições sejam idênticas às suas. Em virtude da sua natureza etérea, o Espírito, propriamente dito, não pode atuar sobre a matéria grosseira, sem intermediário, isto é, sem o elemento que o liga à matéria. Esse elemento, que constitui o que chamais perispírito, vos faculta a chave de todos os fenômenos espíritas de ordem material. Creio que me expliquei com bastante clareza, para ser compreendido.”

Observação – Chamamos a atenção para a seguinte frase, primeira da resposta acima: *Esta resposta* ainda *não te levará até onde desejas*. O Espírito compreendera perfeitamente que todas as questões precedentes só haviam sido formuladas para chegarmos a esta última. Faz alusão ao nosso pensamento que, de fato, esperava por outra resposta muito diversa, isto é, a confirmação da ideia que tínhamos sobre a maneira pela qual o Espírito é capaz de movimentar as mesas.

10. *Os Espíritos chamados em auxílio daquele que deseja mover uma mesa são inferiores a ele? Estão sob as suas ordens?*

“Quase sempre são seus iguais, e muitas vezes o auxiliam espontaneamente.”

11. *Todos os Espíritos são capazes de produzir fenômenos deste gênero?*

“Os Espíritos que produzem tais efeitos são sempre inferiores, e ainda não se libertaram completamente de toda a influência material.”

12. *Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupem com coisas que estão muito abaixo deles. Entretanto, perguntamos se, uma vez que estão mais desmaterializados, teriam o poder de fazê-lo, desde que o quisessem?*

“Os Espíritos superiores têm a força moral, como os outros têm a força física. Quando precisam desta força, servem-se dos que a possuem. Já não vos foi dito que eles se servem dos Espíritos inferiores, assim como vos servis dos carregadores?”

Observação – Já foi explicado que a densidade do perispírito, se assim se pode dizer, varia de acordo com o estado dos mundos. Parece que também varia, em um mesmo mundo, de indivíduo para indivíduo. Nos Espíritos *moralmente* adiantados, é mais sutil e se aproxima da densidade dos Espíritos elevados; nos Espíritos inferiores, ao contrário, aproxima-se da matéria, e é isso que faz que os Espíritos de baixa categoria conservem por muito tempo as ilusões da vida terrena. Eles pensam e agem como se ainda estivessem encarnados; experimentam os mesmos desejos e quase que se poderia dizer a mesma sensualidade. Essa densidade maior do perispírito, dando-lhe mais *afinidade* com a

matéria, torna os Espíritos inferiores mais aptos às manifestações físicas. É pela mesma razão que um homem de sociedade, habituado aos trabalhos da inteligência, franzino e delicado de corpo, não pode suspender fardos pesados, como faz um carregador. Nele, a matéria é, de certo modo, menos compacta e os órgãos são menos resistentes; há menos fluido nervoso. Sendo o perispírito, para o Espírito, o que o corpo é para o homem, e sendo a sua densidade diretamente proporcional à inferioridade do Espírito, essa densidade substitui no Espírito a força muscular, isto é, dá-lhe sobre os fluidos necessários às manifestações um poder maior do que o poder de que dispõem aqueles cuja natureza é mais etérea. Se um Espírito elevado quiser produzir tais efeitos, fará o que fazem entre nós as pessoas delicadas: chama para executá-los um *profissional do ramo*.

13. *Se bem compreendemos o que dissestes, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito tira desse fluido o envoltório semimaterial que constitui o seu perispírito e é ainda por meio desse fluido que ele atua sobre a matéria inerte. É isso mesmo?*

“Sim. Vale dizer que ele anima a matéria de uma espécie de vida artificial; a matéria se anima da vida animal. A mesa que se move sob as vossas mãos, vive como animal; obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é o Espírito que a impele, como faz o homem com um fardo. Quando a mesa se eleva do solo, não é o Espírito que a levanta, com o esforço do seu braço: é a própria mesa que, animada, obedece à impulsão que o Espírito lhe dá.”

14. *Qual o papel do médium nesse fenômeno?*

“Eu já disse que o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal que o Espírito acumula. É necessária a união desses dois fluidos, isto é, do fluido animalizado e do fluido universal para dar vida à mesa. Mas notai bem que essa vida é apenas momentânea; extingue-se com a ação e, às vezes, antes que esta termine, logo que a quantidade de fluido deixa de ser suficiente para animá-la.”

15. *O Espírito pode atuar sem o concurso de um médium?*

“Pode atuar à revelia do médium. Isto significa que muitas pessoas servem de auxiliares aos Espíritos, para a produção de certos fenômenos, mesmo sem o saberem. Os Espíritos extraem delas, como se extraíssem de uma fonte, o fluido animalizado de que necessitam. É por isso que o concurso de um médium, tal como o entendeis, nem sempre é preciso, principalmente no que se refere aos fenômenos espontâneos.”

16. *A mesa animada age com inteligência? Pensa?*

“Ela não pensa, tanto quanto não pensa a bengala com que fazes um sinal inteligente. Entretanto, a vitalidade de que se acha animada lhe permite obedecer

à impulsão de uma inteligência. Ficai, pois, sabendo que a mesa que se move não se torna *Espírito*, e que não tem, em si mesma, capacidade de pensar, nem de querer.”

Observação – Muitas vezes, na linguagem usual, servimo-nos de uma expressão semelhante. Quando uma roda gira em alta velocidade, dizemos que está animada de um movimento rápido.

17. *Qual a causa preponderante na produção desse fenômeno: o Espírito ou o fluido?*

“O Espírito é a causa, o fluido é o instrumento, mas ambos são necessários.”

18. *Nesse caso, que papel desempenha a vontade do médium?*

“O de atrair os Espíritos e secundá-los no impulso que dão ao fluido.”

18-a. *A ação da vontade é sempre indispensável?*[3]

“Ela aumenta a força, mas nem sempre é necessária, já que o movimento pode produzir-se contra essa vontade e mesmo à sua revelia, o que comprova a existência de uma causa independente do médium.”

Observação – Nem sempre é necessário o contato das mãos para que um objeto se mova. Na maioria das vezes esse contato só é requerido para dar o primeiro impulso. Desde, porém, que esteja animado, o objeto pode obedecer à vontade do Espírito, sem contato material, dependendo da potencialidade do médium, ou da natureza do Espírito. Aliás, nem mesmo esse primeiro contato é indispensável em todos os casos, e a prova disto está nos movimentos e deslocamentos espontâneos, que ninguém cogitou de provocar.

19. *Por que nem todos podem produzir o mesmo efeito e nem todos os médiuns têm o mesmo poder?*

“Isto depende da organização e da maior ou menor facilidade com que se pode operar a combinação dos fluidos. Influi também a maior ou menor simpatia do médium para com os Espíritos que encontram nele a força fluídica necessária. Dá-se com esta força a mesma coisa que se dá com a força dos magnetizadores, que não é igual em todos. A esse respeito, há pessoas que são completamente refratárias; outras com as quais a combinação só se opera por um esforço de vontade da parte delas; outras, finalmente, com quem a combinação dos fluidos se efetua tão natural e facilmente, que nem mesmo se dão conta do fato, servindo de instrumento sem o suspeitarem, como já dissemos.” (Veja-se adiante o capítulo das “Manifestações Físicas e Espontâneas”.)

Observação – Não há dúvida de que estes fenômenos têm por princípio o magnetismo, mas não como geralmente o entendem. Temos a prova disto na existência de poderosos magnetizadores, que não

conseguem movimentar uma simples mesinha de centro, e na de pessoas, inclusive crianças que, embora incapazes de magnetizar, basta que ponham os dedos sobre uma mesa pesada para que ela se agite. Logo, se a força mediúnica não guarda proporção com a força magnética, é que existe outra causa.

20. *As pessoas qualificadas de elétricas podem ser consideradas médiuns?*

“Essas pessoas tiram de si mesmas o fluido necessário à produção do fenômeno e podem atuar sem o concurso de outros Espíritos. Não são, portanto, médiuns, no sentido que se atribui a esta palavra. Mas também pode acontecer que um Espírito as assista e se aproveite de suas disposições naturais.”

Observação – Dá-se com essas pessoas o que se dá com os sonâmbulos, que podem atuar com ou sem o concurso de Espíritos estranhos. (Veja-se, no capítulo sobre os “Médiuns”, o artigo relativo aos “Médiuns Sonambúlicos”.)

21. *O Espírito que atua sobre os corpos sólidos, para movê-los, penetra na própria substância dos corpos, ou permanece fora dela?*

“Dá-se uma e outra coisa. Já dissemos que a matéria não constitui obstáculo para os Espíritos. Eles penetram em tudo. Uma porção do perispírito se identifica, por assim dizer, com o objeto em que penetra.”

22. *Como faz o Espírito para bater? Serve-se de algum objeto material?*

“Assim como o Espírito não utiliza os braços para levantar a mesa, também não se serve de objetos materiais para bater. Sabeis perfeitamente que o Espírito não tem nenhum martelo à sua disposição. Seu martelo é o fluido combinado posto em ação pela sua vontade, para mover ou bater. Quando move um objeto, a luz vos dá a percepção do movimento; quando bate, o ar vos traz o som.”

Ruídos[4]

23. *Concebemos que seja assim, quando o Espírito bate num corpo duro; mas como pode fazer que se ouçam ruídos ou sons articulados na massa instável do ar?*

“Desde que atua sobre a matéria, o Espírito pode agir tanto sobre uma mesa como sobre o ar. Quanto aos sons articulados, pode imitá-los, como quaisquer outros ruídos.”

24. *Dizes que o Espírito não se serve de suas mãos para deslocar a mesa. Entretanto, já se tem visto, em certas manifestações visuais, aparecerem mãos a*

dedilhar um teclado, a percutir as teclas e produzir sons. Neste caso, o movimento das teclas não será devido, como parece, à pressão dos dedos? Essa pressão não é tão direta e real quanto a pressão que sentimos em nós mesmos, quando as mãos que a exercem deixam marcas na pele?

"Não podeis compreender a natureza dos Espíritos, nem a maneira pela qual eles atuam, a não ser por meio de comparações, que vos dão apenas uma ideia incompleta. É, pois, um erro assimilar os vossos métodos aos processos de que eles se utilizam, processos que devem corresponder à organização que lhes é própria. Já não vos dissemos que o fluido do perispírito penetra a matéria e com ela se identifica, animando-a de uma vida artificial? Pois bem! Quando o Espírito põe os dedos sobre as teclas, realmente os põe e de fato as movimenta. Porém, não é por meio da força muscular que exerce a pressão; ele as anima, como o faz com a mesa, de modo que as teclas, obedecendo-lhe à vontade, se abaixam e fazem vibrar as cordas do piano. Aliás, passa-se aqui um fato de difícil compreensão para vós: é que alguns Espíritos são de tal forma materiais e tão pouco avançados, em comparação com os Espíritos elevados, que ainda conservam as ilusões da vida terrena e julgam atuar como quando estavam no corpo. Não percebem a verdadeira causa dos efeitos que produzem, do mesmo modo que um homem do campo é incapaz de compreender a teoria dos sons que articula. Perguntai-lhes como é que tocam piano e vos responderão que é batendo com os dedos nas teclas, porque julgam ser assim que o fazem. O efeito se produz instintivamente neles, sem que saibam de que maneira, embora lhes resulte da ação da vontade. Dá-se a mesma coisa quando eles se exprimem por palavras."

Observação – Resulta destas explicações que os Espíritos podem produzir todos os efeitos que nós mesmos produzimos, mas por meios apropriados à sua organização. Algumas forças, que lhes são próprias, substituem os músculos de que precisam para atuar, da mesma forma que a mímica, nos surdos, substitui a palavra que lhes falta.

25. *Entre os fenômenos citados como provas da ação de uma potência oculta, existem alguns que são evidentemente contrários a todas as Leis conhecidas da Natureza. A dúvida, então, não será legítima?*

"É que o homem está longe de conhecer todas as Leis da Natureza. Se as conhecesse todas, seria Espírito superior. Cada dia que passa oferece um desmentido aos que, supondo tudo saberem, pretendem impor limites à Natureza, sem que por isso, entretanto, se tornem menos orgulhosos. Desvendando-lhes incessantemente novos mistérios, Deus adverte o homem de

que deve desconfiar de suas próprias luzes, pois chegará o dia em que *a ciência do mais sábio será confundida*. Não tendes todos os dias, sob os olhos, exemplos de corpos animados de um movimento que domina a força da gravitação? A bala de canhão, atirada para o ar, não supera por alguns momentos aquela força? Pobres homens, que vos considerais muito sábios e cuja tola vaidade é a todo instante confundida, ficai sabendo que ainda sois pequenos demais.”

75. Estas explicações são claras, categóricas e sem ambiguidade. Delas ressalta, como ponto capital, que o fluido universal, onde se contém o princípio da vida, é o agente principal das manifestações, agente que recebe impulsão do Espírito, seja encarnado, seja errante. Esse fluido condensado constitui o perispírito ou envoltório semimaterial do Espírito. No estado de encarnação, o perispírito está unido à matéria do corpo; na erraticidade está livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito se acha mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, se assim podemos dizer. Em algumas pessoas, em razão de suas organizações, há uma espécie de emanação desse fluido, e é isso, propriamente falando, que constitui os médiuns de efeitos físicos. A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante e mais ou menos fácil a sua combinação, resultando daí médiuns mais ou menos poderosos. Essa emissão não é permanente, o que explica a intermitência do poder mediúnico.

76. Façamos uma comparação. Quando se tem vontade de atuar materialmente sobre um ponto qualquer, colocado a distância, quem quer é o pensamento, mas o pensamento por si só não irá percutir o ponto. Ele precisa de um intermediário, posto sob a sua direção: um bastão, um projétil, uma corrente de ar etc. Notai também que o pensamento não atua diretamente sobre o bastão, visto que, se este não for tocado, não se moverá. O pensamento, que nada mais é do que o Espírito encarnado, está unido ao corpo pelo perispírito e não pode atuar sobre o corpo sem o perispírito, como não pode agir sobre o bastão sem o corpo. Atua sobre o perispírito, por ser esta a substância com que tem mais afinidade; o perispírito atua sobre os músculos, os músculos tomam o bastão e o bastão bate no ponto visado. Quando o Espírito não está encarnado, é preciso que se sirva de um auxiliar estranho, e este auxiliar é o fluido, mediante o qual ele torna o objeto apropriado a obedecer ao impulso da sua vontade.

77. Assim, quando um objeto é posto em movimento, levantado ou atirado para o ar, não é que o Espírito o agarre, empurre e suspenda, como faríamos com a nossa mão. O Espírito o *satura*, por assim dizer, com o seu fluido, combinado

com o fluido do médium, e o objeto, momentaneamente vivificado desta maneira, age como o faria um ser vivo, com a diferença apenas de que, não tendo vontade própria, segue o impulso que lhe dá a vontade do Espírito.

Considerando-se que o fluido vital, que de certo modo o Espírito emite, dá uma vida artificial e momentânea aos corpos inertes, e levando-se em conta que o perispírito nada mais é que esse mesmo fluido vital, conclui-se que é o próprio Espírito, quando está encarnado, quem dá vida ao seu corpo, por meio do seu perispírito, conservando-se unido a esse corpo, enquanto a organização deste o permitir; quando se retira, o corpo morre. Se, agora, em vez de uma mesa esculpirmos uma estátua de madeira e sobre ela atuarmos, teremos uma estátua que se moverá, que baterá, que responderá com os seus movimentos e pancadas. Teremos, em suma, uma estátua animada momentaneamente de uma vida artificial. Em lugar de mesas falantes, vamos ter estátuas falantes. Quanta luz esta teoria não projeta sobre uma imensidade de fenômenos até agora sem solução! Quantas alegorias e efeitos misteriosos ela não explica!

78. Os incrédulos ainda objetam que o fenômeno da suspensão das mesas, sem ponto de apoio, é impossível, por ser contrário à lei de gravitação. Responder-lhes-emos, em primeiro lugar, que a negação não constitui uma prova; em segundo lugar, que sendo real o fato, por mais que contrarie todas as leis conhecidas, isto provará apenas uma coisa: que ele decorre de uma lei desconhecida e que os negadores não podem ter a pretensão de conhecerem todas as Leis da Natureza.

Acabamos de explicar uma dessas leis, mas isso não é razão para que os incrédulos a aceitem, precisamente porque ela nos é revelada por Espíritos que deixaram a veste terrena, em vez de o ser por Espíritos que ainda trazem essa veste e têm assento na Academia. Tanto isso é verdade que, se o Espírito Arago, vivo na Terra, houvesse enunciado essa lei, eles a teriam admitido de olhos fechados; mas, desde que vem do Espírito Arago, morto, é uma utopia. Por que isto? Porque acreditam que, tendo Arago morrido, tudo o que nele havia também morreu. Não temos a pretensão de os dissuadir; entretanto, como tal objeção pode causar embaraço a certas pessoas, tentaremos dar-lhes respostas, colocando-nos no ponto de vista em que elas se colocam, isto é, fazendo abstração, por algum instante, da teoria da animação artificial.

79. Quando se produz o vácuo na campânula da máquina pneumática, essa campânula adere com tal força ao seu suporte que é impossível suspendê-la,

devido ao peso da coluna de ar que faz pressão sobre ela. Deixe-se entrar o ar e a campânula pode ser levantada com a maior facilidade, porque o ar que lhe fica por baixo contrabalança o ar que a comprime, pela parte exterior. Entretanto, abandonada a si mesma, ela permanecerá grudada ao suporte, por efeito da lei de gravidade. Comprima-se agora o ar que está no seu interior, dando-lhe uma densidade maior que a do ar que está por fora, e a campânula se erguerá, apesar da gravidade. Se a corrente de ar for rápida e violenta, a mesma campânula se manterá suspensa no espaço, sem nenhum ponto *visível* de apoio, tal como esses bonecos que rodopiam em cima de um repuxo d'água. Por que então o fluido universal, *que é o elemento básico de toda a matéria,* acumulado em torno da mesa, não poderia ter a propriedade de diminuir ou aumentar o seu peso específico relativo, como faz o ar com a campânula da máquina pneumática, como faz o gás hidrogênio com os balões, sem que para isso seja necessária a derrogação da lei de gravidade? Conheceis, porventura, todas as propriedades e todo o poder desse fluido? Não! Pois, então, não negueis a realidade de um fato, apenas por não o poderdes explicar.

80. Voltemos à teoria do movimento da mesa. Se, pelo meio indicado, o Espírito pode suspender uma mesa, também pode suspender qualquer outra coisa: uma poltrona, por exemplo. Se pode levantar uma poltrona, também é capaz, se tiver força suficiente, de levantá-la com uma pessoa assentada nela. Aí está a explicação do fenômeno que o Sr. Home produziu inúmeras vezes consigo mesmo e com outras pessoas. Ele o repetiu durante uma viagem a Londres e, para provar que os espectadores não eram joguetes de uma ilusão de óptica, fez no forro da casa uma marca a lápis e deixou que passassem por baixo dele, enquanto estava suspenso no ar. Sabe-se que o Sr. Home é um poderoso médium de efeitos físicos. Naquele caso, ele era, ao mesmo tempo, a causa eficiente e o objeto.

Aumento e diminuição do peso dos corpos[5]

81. Há pouco falamos do possível aumento de peso. Trata-se, efetivamente, de um fenômeno que às vezes se produz e que nada apresenta de mais anormal do que a prodigiosa resistência da campânula sob a pressão da coluna atmosférica. Têm-se visto, sob a influência de certos médiuns, objetos muito leves oferecerem a mesma resistência e, em seguida, cederem de repente ao menor esforço. Na experiência que relatamos acima, a campânula não se torna

realmente nem mais nem menos pesada em si mesma, embora pareça ter maior peso, por efeito da causa exterior que atua sobre ela. O mesmo provavelmente se dá aqui. A mesa tem sempre o mesmo peso intrínseco, porque sua massa não aumentou; porém, uma força estranha se opõe ao seu movimento e essa causa pode residir nos fluidos ambientes que a penetram, como reside no ar a causa que aumenta ou diminui o peso aparente da campânula. Fazei a experiência da campânula pneumática diante de um camponês ignorante, incapaz de compreender que o agente é o ar, que ele não vê, e não vos será difícil convencê-lo de que aquilo é obra do diabo.

Por ser imponderável, talvez se diga que um acúmulo desse fluido não pode aumentar o peso de um objeto qualquer. De acordo; mas notai que, se nos servimos do termo *acúmulo*, foi por comparação, e não porque tivéssemos assimilado em absoluto aquele fluido com o ar. Ele é imponderável: seja; entretanto, nada prova que o é. Desconhecemos a sua natureza íntima e estamos longe de conhecer todas as suas propriedades. Antes que se houvesse experimentado o peso do ar, ninguém suspeitava dos efeitos desse peso. A eletricidade também se classifica entre os fluidos imponderáveis; no entanto, um corpo pode ser fixado por uma corrente elétrica e oferecer grande resistência a quem queira suspendê-lo. Tornou-se, assim, aparentemente mais pesado. Seria ilógico concluir-se que o suporte não existe, simplesmente por não ser visível. O Espírito pode, pois, ter alavancas que nos sejam desconhecidas. A Natureza nos prova todos os dias que o seu poder ultrapassa os limites do testemunho dos sentidos.

Só por uma causa semelhante se pode explicar o notável fenômeno, tantas vezes observado, de uma jovem fraca e delicada levantar com dois dedos, sem esforço e tal qual se fosse uma pena, um homem forte e robusto, juntamente com a cadeira em que está assentado. As intermitências da faculdade provam que a causa é estranha à pessoa que produz o fenômeno.

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. do T.:** Para facilitar a visualização das perguntas feitas por Allan Kardec e das respostas dadas pelos Espíritos, grafamos as primeiras em itálico ao longo desta obra.

[3]**N. do T.:** O texto original francês não contempla com letras as perguntas numeradas que aparecem nesta tradução. Assim procedendo, tivemos em vista facilitar ao leitor a localização de cada uma delas dentro dos capítulos deste livro.

[4]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[5]N. do T.: Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

CAPÍTULO V

Manifestações Físicas Espontâneas

• Ruídos, barulhos e perturbações

• Arremesso de objetos

• Fenômeno de transporte

82. Os fenômenos de que acabamos de falar são provocados, embora possam ocorrer, algumas vezes, de maneira espontânea, sem intervenção da vontade e até mesmo contra a vontade, pois frequentemente se tornam muito inconvenientes. O que exclui, além disso, a suposição de que possam ser efeito de imaginação superexcitada pelas ideias espíritas é a circunstância de que se produzem entre pessoas que nunca ouviram falar disso e quando menos esperavam por semelhante coisa. Esses fenômenos, a que se poderia dar o nome de Espiritismo prático natural, são muito importantes, por não permitirem a suspeita de conivência. Por isso mesmo, recomendamos às pessoas que se ocupam com os fatos espíritas, que registrem todos os fenômenos desse gênero, de que tiverem conhecimento, sobretudo pela verificação cuidadosa da sua realidade, mediante estudo detalhado das circunstâncias, a fim de se assegurarem de que não são joguetes de uma ilusão ou de uma mistificação.

Ruídos, barulhos e perturbações[1]

De todas as manifestações espíritas, as mais simples e mais frequentes são os ruídos e as pancadas. É principalmente neste caso que se deve temer a ilusão, já que uma porção de causas naturais pode produzi-los: o vento que sibila ou que agita um objeto, um corpo que se move por si mesmo sem que ninguém perceba, um efeito acústico, um animal oculto, um inseto etc., e até mesmo a malícia dos brincalhões de mau gosto. Aliás, os ruídos espíritas apresentam um caráter especial, revelando intensidade e timbre muito variado, que os tornam facilmente reconhecíveis e não permitem que sejam confundidos com os estalidos da madeira, com as crepitações do fogo, ou com o tique-taque monótono do relógio. São pancadas secas, ora surdas, fracas e leves, ora claras, distintas, às vezes

retumbantes, que mudam de lugar e se repetem sem nenhuma regularidade mecânica. De todos os meios de controle, o mais eficaz, o que não pode deixar dúvida quanto à origem do fenômeno, é a obediência deste à vontade de quem o observa. Se as pancadas forem ouvidas no lugar que indicarmos, se responderem ao nosso pensamento pelo número de batidas solicitadas, ou pelo aumento ou diminuição da sua intensidade, não lhes podemos negar uma causa inteligente, embora nem sempre a falta de obediência constitua prova em contrário.

84. Admitamos agora que, por uma comprovação minuciosa, se adquira a certeza de que os ruídos, ou outros efeitos quaisquer, são manifestações reais: será racional, por isso, que nos amedrontemos? Não, certamente, porque em caso algum oferecerão o menor perigo. Só se deixam abalar de modo deplorável os que estão convencidos de que tais manifestações são obras do demônio, como acontece com as crianças a quem atemorizamos com o lobisomem ou com o bicho-papão. Inegavelmente, tais manifestações adquirem, em certas circunstâncias, proporções e persistências desagradáveis, provocando, nos que as experimentam, o desejo muito natural de se verem livres delas. Cabe aqui uma explicação a respeito.

85. Já havíamos dito que as manifestações físicas têm por fim chamar a nossa atenção para alguma coisa e convencer-nos da presença de uma força superior ao homem. Também dissemos que os Espíritos elevados não se ocupam com esta ordem de manifestações; que se servem dos Espíritos inferiores para produzi-las, como nos servimos dos criados para os trabalhos pesados, e isso com o fim que acabamos de indicar. Alcançado esse fim, cessa a manifestação material, por já não ser necessária. Um ou dois exemplos tornarão mais compreensível a questão.

86. Há muitos anos, quando iniciava meus estudos sobre o Espiritismo, estando certa noite entregue a um trabalho relativo a esta matéria, ouvi pancadas à minha volta, durante quatro horas consecutivas. Era a primeira vez que tal coisa me acontecia. Constatei que não eram devidas a nenhuma causa acidental, mas, na ocasião, foi só o que pude saber. Por essa época, eu tinha contatos frequentes com um excelente médium escrevente. Logo no dia seguinte perguntei ao Espírito, que se comunicava por seu intermédio, qual era a causa daquelas pancadas. Respondeu-me ele: – *Era o teu Espírito familiar, que deseja falar contigo.* – Que queria dizer-me? – Resposta: Podes perguntar a ele mesmo, já que está aqui. – Interroguei-o e ele se deu a conhecer sob um nome alegórico. (Vim a saber depois, por outros Espíritos, que pertence a uma categoria muito

elevada e que desempenhou na Terra importante papel.) Apontou erros no meu trabalho, indicando-me *as linhas* onde se encontravam; deu-me úteis e sábios conselhos e acrescentou que estaria sempre comigo e atenderia ao meu chamado todas as vezes que eu quisesse interrogá-lo. De fato, a partir de então esse Espírito nunca mais me abandonou. Dele recebi muitas provas de grande superioridade e sua intervenção *benévola* e *eficaz* em meu favor foi evidente, tanto nos assuntos da vida material, como no tocante às questões metafísicas. Desde a nossa primeira entrevista, as pancadas cessaram. O que desejava ele, realmente? Pôr-se em comunicação regular comigo; mas para isso precisava avisar-me. Dado e explicado o aviso, estabelecidas as relações regulares, as pancadas se tornaram inúteis e por isso cessaram. Não se toca mais o tambor para despertar os soldados quando todos já estão de pé.

Fato quase semelhante ocorreu com um dos nossos amigos. Havia algum tempo que se ouviam ruídos diversos no seu quarto, que já se tornavam cansativos. Tendo-lhe apresentado ocasião de interrogar o Espírito de seu pai, por um médium escrevente, soube o que queriam dele, fez o que foi recomendado e daí em diante nada mais ouviu. É de notar-se que as pessoas que dispõem de meio regular e fácil de comunicação com os Espíritos só muito raramente estão sujeitas a manifestações desse gênero, o que é perfeitamente compreensível.

87. As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a ruídos e pancadas, degenerando, algumas vezes, em verdadeiro estardalhaço e em perturbações. Móveis e objetos diversos são derrubados, projéteis de toda sorte são atirados de fora para dentro, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, vidraças são quebradas, e tudo isso não pode ser levado à conta de ilusão.

Muitas vezes essa desordem é real, mas em outras ocasiões é apenas aparente. Ouve-se gritaria em aposentos contíguos, barulho de louça que cai e se quebra com estrondo, toras de madeira que rolam pelo assoalho. As pessoas da casa acorrem para ver do que se trata e encontram tudo calmo e em ordem. Contudo, mal se retiram do local, o tumulto recomeça.

88. As manifestações desta espécie não são raras nem novas, sendo poucas as crônicas locais que não contemplem alguma história de tal natureza. Não há dúvida de que o medo tem exagerado muitos fatos que, passando de boca em boca, assumiram proporções altamente ridículas. Com o auxílio da superstição,

as casas onde eles ocorrem foram consideradas como assombradas pelo diabo, resultando daí todos os contos maravilhosos ou terríveis de fantasmas. Por outro lado, a velhacaria não deixou escapar tão bela ocasião para explorar a credulidade e quase sempre em proveito pessoal. Aliás, é facilmente compreensível a impressão que tais fatos, mesmo dentro dos limites da realidade, podem produzir em caracteres fracos e predispostos, pela educação, a alimentar ideias supersticiosas. O meio mais seguro de remediar os inconvenientes que possam gerar, já que não se pode impedir a sua ocorrência, consiste em tornar conhecida a verdade. Os fatos mais simples se convertem em coisas assustadoras, quando ignoramos suas causas. A partir do momento em que todos estiverem familiarizados com os Espíritos e quando as pessoas a quem eles se manifestam deixarem de acreditar que estão às voltas com uma legião de demônios, ninguém mais terá medo deles.

A Revista Espírita contempla a narração de muitos fatos autênticos deste gênero, entre outros a história do Espírito batedor de Bergzabern, cujas diabruras duraram mais de oito anos (números de maio, junho e julho de 1858); a de Dibbelsdorf (agosto de 1858); a do padeiro das Grandes-Ventes, perto de Dieppe (março de 1860); a da Rua des Noyers, em Paris (agosto de 1860); a do Espírito de Castelnaudary, sob o título de “História de um danado” (fevereiro de 1860); a do fabricante de São Petersburgo (abril de 1860) e muitas outras.

89. Tais fatos assumem, muitas vezes, o caráter de verdadeiras epidemias. Conhecemos seis irmãs que moravam juntas e que, todas as manhãs, durante vários anos, encontravam suas roupas espalhadas pela casa, inclusive no teto, rasgadas e cortadas em pedaços, por mais que tomassem a precaução de guardá-las à chave. Muitas pessoas já deitadas e preparando-se para dormir, embora *completamente acordadas*, têm visto os cortinados da cama se agitarem, as cobertas e os travesseiros serem arrancados com violência e até mesmo atirados fora do leito. Esses fatos são mais frequentes do que se pensa, pois suas vítimas raramente se atrevem a falar do assunto, pelo temor do ridículo. Tomamos conhecimento de que, por causa desses fenômenos, alguns indivíduos foram submetidos ao tratamento a que estão sujeitos os alienados, o que os deixou realmente loucos, visto não se tratar de alucinação, como pensavam. A Medicina é incapaz de compreender estas coisas, porque só admite, entre as causas que as determinam, o elemento material, o que explica a razão dos erros tão frequentes e funestos que comete. Um dia a História descreverá alguns tratamentos que eram ministrados no século dezenove, como se narram hoje certos processos de

cura em voga na Idade Média.

Admitimos perfeitamente que alguns casos são obra da malícia ou da malvadez. Porém, depois de tudo averiguado, se ficar provado que não resultam da ação do homem, forçoso é admitir que são obra do diabo, como dirão alguns, ou dos Espíritos, como dizemos nós. Mas de que Espíritos?

90. Os Espíritos superiores, tal como entre nós os homens retos e sérios, não se divertem em fazer algazarra. Algumas vezes temos chamado os Espíritos batedores, para lhes perguntar por que motivo perturbam assim a tranquilidade dos outros. A maioria deles não tem outro objetivo, senão divertir-se. São mais levianos do que maus. Riem dos terrores que causam e das investigações inúteis que realizamos para descobrir a razão do tumulto. Agarram-se com frequência a um indivíduo, tão só pelo prazer de o atormentarem e perseguirem de casa em casa. De outras vezes, apegam-se a um lugar por mero capricho. Por vezes, também, fazem tudo isso por vingança, como teremos ocasião de ver. Em alguns casos, a intenção é mais louvável: querem chamar a atenção de certas pessoas e estabelecer comunicação com elas, seja para lhes darem um aviso proveitoso, seja para lhes pedirem qualquer coisa para si mesmos. Temos visto muitos que pedem preces, outros que solicitam o cumprimento, em nome deles, de votos que não puderam cumprir; outros, enfim, que desejam, no interesse do próprio repouso, reparar uma ação má que praticaram quando vivos.

Em geral, é um erro termos medo deles. A presença desses Espíritos pode ser importuna, mas não perigosa. É compreensível, aliás, que todos queiram se ver livres deles; mas, geralmente, os que assim desejam fazem o contrário do que deveriam fazer. Tratando-se de Espíritos que se divertem, quanto mais se levar as coisas a sério, tanto mais eles persistirão, tal como crianças travessas, que assustam os medrosos e molestam cada vez mais as pessoas que se impacientam. Se todos tomassem a sábia decisão de rir de seus embustes, eles acabariam por se cansar e ficar quietos. Conhecemos alguém que, longe de se irritar, os excitava, desafiando-os a fazerem tal ou tal coisa, de modo que, ao cabo de poucos dias, não voltaram mais.

Entretanto, como dissemos acima, alguns Espíritos procedem dessa maneira por motivos menos frívolos. Por isso é sempre bom saber o que eles desejam. Se pedem alguma coisa, pode-se estar certo de que não renovarão as visitas, uma vez satisfeitos os seus desejos. A melhor maneira de nos informarmos a tal respeito consiste em evocarmos o Espírito, por meio de um bom médium

escrevente. Pelas suas respostas, veremos imediatamente com quem estamos tratando e agiremos de acordo com o esclarecimento colhido. Se for um Espírito infeliz, manda a caridade que lhe dispensemos as atenções que merece. Se for um engraçadinho de mau gosto, podemos agir com ele sem qualquer cerimônia; se for um malvado, devemos pedir a Deus que o torne melhor. Qualquer que seja o caso, a prece nunca deixa de dar bom resultado, o que não acontece com as fórmulas graves de exorcismo, que os fazem rir e às quais eles não dão a menor importância. Sendo possível entrar em comunicação com eles, deve-se sempre desconfiar dos *qualificativos burlescos* ou *apavorantes* que algumas vezes dão a si mesmos, para se divertirem com a credulidade dos assistentes.

Voltaremos a tratar deste assunto com mais detalhes, bem como das razões da ineficácia das preces em muitos casos, nos capítulos referentes aos *lugares assombrados* e às *obsessões*.

91. Esses fenômenos, embora executados por Espíritos inferiores, muitas vezes são provocados por Entidades de ordem mais elevada, com o fim de demonstrarem a existência de seres incorpóreos e de uma potência superior ao homem. A repercussão que eles têm, o próprio temor que causam, chamam a atenção e acabarão por abrir os olhos dos mais incrédulos. Estes acham mais simples considerar tais fatos como produto da imaginação, explicação muito cômoda e que dispensa outras. Entretanto, quando objetos são espalhados por toda parte ou atirados à cabeça de alguém, só uma imaginação muito complacente poderia supor que tais coisas sejam reais, quando na verdade não o são. Desde que se nota um efeito qualquer, ele tem necessariamente uma causa. Se uma observação *fria e calma* nos demonstra que esse efeito independe de toda vontade humana e de toda causa material; se, além disso, nos dá *evidentes* sinais de inteligência e de vontade livre, *o que constitui o sinal mais característico*, não há razão para deixar-se de atribuí-lo a uma inteligência oculta. Que seres misteriosos são esses? É o que os estudos espíritas nos ensinam do modo quase indiscutível, pelos meios que nos facultam de nos comunicarmos com eles.

Esses estudos, além disso, nos ensinam a distinguir o que é real do que é falso, ou exagerado, nos fenômenos de que não fomos testemunha. Se um efeito estranho se produz, tal como um ruído, um movimento, ou mesmo uma aparição, a primeira ideia que se deve ter é a de que seja devido a uma causa inteiramente natural, por ser a mais provável. É preciso então buscar essa causa com o maior cuidado, não admitindo a intervenção dos Espíritos senão depois de bem

investigada. Esse é o meio de se evitar qualquer ilusão. Alguém, por exemplo, que recebesse uma bofetada, ou uma bengalada nas costas, mesmo sem se haver aproximado de quem quer que fosse, como tem acontecido, não poderia duvidar da presença de um ser invisível.

Devemos resguardar-nos não somente das narrativas que contenham exageros, mas também das nossas próprias impressões, não atribuindo origem oculta a tudo quanto escape à nossa compreensão. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais pode produzir efeitos aparentemente estranhos, e seria verdadeira superstição ver por toda parte Espíritos ocupados em derrubar móveis, quebrar louças, provocar, enfim, as inúmeras perturbações que ocorrem nos lares, quando mais racional é atribuí-las à negligência de seus moradores.

92. A explicação que foi dada do movimento dos corpos inertes se aplica naturalmente a todos os efeitos espontâneos que acabamos de ver. Os ruídos, embora mais fortes do que as pancadas na mesa, têm a mesma causa; os objetos derrubados ou deslocados são produzidos pela mesma força que levanta qualquer objeto. Há mesmo aqui uma circunstância que apoia esta teoria. Poder-se-ia perguntar onde se encontra o médium, nessa circunstância. Os Espíritos nos disseram que, em tal caso, há sempre alguém cujo poder se exerce à sua revelia. As manifestações espontâneas raramente acontecem em lugares isolados; quase sempre se produzem nas casas habitadas, em virtude da presença de certas pessoas que exercem influência, ainda que não tenham consciência disso. Essas pessoas são verdadeiros médiuns; ignoram suas faculdades e por esta razão lhes chamamos *médiuns naturais*. São, com referência aos outros médiuns, o que são os sonâmbulos naturais com relação aos sonâmbulos magnéticos e tão dignos, como aqueles, da nossa observação.

93. A intervenção voluntária ou involuntária de uma pessoa dotada de aptidão especial para a produção destes fenômenos parece necessária, na maioria dos casos, embora haja aqueles em que o Espírito parece agir sozinho. Porém, mesmo nesses casos, ele poderia tirar o fluido animalizado de uma pessoa ausente à reunião. Isto explica por que os Espíritos, que nos cercam incessantemente, não produzem perturbação a todo instante. Primeiro, é preciso que o Espírito queira, que tenha um objetivo, um motivo, sem o que nada faz. Depois, que encontre, exatamente no local em que pretende agir, alguém capaz de ajudá-lo, coincidência que só ocorre com muita raridade. Se essa pessoa aparece inesperadamente, ele se aproveita dela. Todavia, mesmo que todas as circunstâncias sejam favoráveis, ainda assim poderia acontecer que o Espírito se

visse impedido por uma vontade superior, que não lhe permitisse agir como gostaria. É possível, também, que só lhe seja permitido atuar dentro de certos limites e no caso de tais manifestações serem julgadas úteis, quer como meio de convicção, quer como prova para a pessoa que ele tem em vista.

Arremesso de objetos[2]

94. Citaremos a respeito apenas o diálogo provocado pelos fatos ocorridos em junho de 1860, na Rua des Noyers, em Paris. Seus detalhes se encontram registrados na *Revista Espírita* do mês de agosto do mesmo ano.

1. [A São Luís]. *Teríeis a bondade de nos dizer se são reais os fatos que se dizem ter passado na Rua des Noyers? Quanto à sua possibilidade, não temos dúvida.*

"Sim, esses fatos são reais, embora a imaginação dos homens os tenha exagerado, seja por medo, seja por ironia. Mas, repito, são reais. O Espírito que os produz se diverte um pouco à custa dos habitantes do lugar."

2. *Haverá na casa alguma pessoa que dê motivo a tais manifestações?*

"Elas são sempre causadas pela presença da pessoa visada. É que o Espírito perturbador se vincula ao morador do lugar onde ele se acha; trata então de fazer-lhe maldades ou mesmo procura obrigá-lo a mudar-se."

3. *Perguntamos se, entre os moradores da casa, existe alguém que seja a causa desses fenômenos, por efeito de uma influência mediúnica espontânea e involuntária?*

"É mesmo necessário, pois, sem isso, o fato não poderia ocorrer. Um Espírito habita um lugar de sua predileção; conserva-se inativo enquanto nesse lugar não se apresenta uma pessoa que lhe convenha. Quando essa pessoa surge, ele se diverte o quanto pode."

4. *Será indispensável a presença dessa pessoa no próprio lugar?*

"É o caso mais comum e é o que acontece no fato citado. Foi por isso que eu disse que, a não ser assim, o fato não teria ocorrido. Mas não pretendi generalizar. Há casos em que a presença imediata não é necessária."

5. *Sendo sempre de ordem inferior esses Espíritos, a aptidão para lhes servir de auxiliar é uma presunção desfavorável a uma pessoa? Isto não denota*

a simpatia de alguém para com os seres dessa natureza?

“Não exatamente, porquanto tal aptidão depende de uma disposição física. Entretanto, muitas vezes denuncia uma tendência material que seria preferível não se ter, pois quanto mais elevada moralmente, mais a pessoa atrai a si os Espíritos bons, que necessariamente afastam os maus.”

6. *Onde o Espírito vai buscar os projéteis de que se serve?*

“Na maioria das vezes esses objetos são colhidos nos próprios lugares dos fenômenos ou nas proximidades. Uma força que sai do Espírito os lança no espaço e eles vão cair no local designado pelo mesmo Espírito.”

7. *Já que as manifestações espontâneas geralmente são permitidas e até provocadas com o objetivo de convencer os homens, parece-nos que, se fossem pessoalmente o seu alvo, alguns incrédulos se veriam forçados a render-se à evidência. Eles costumam queixar-se de não haverem testemunhado fatos concludentes. Não dependeria dos Espíritos dar-lhes uma prova evidente?*

“Os ateus e os materialistas não são a todo instante testemunhas dos efeitos do poder de Deus e do pensamento? Isso não impede que neguem Deus e a alma. Os milagres de Jesus converteram todos os seus contemporâneos? Os fariseus, que lhe diziam: ‘Mestre, faze-nos ver algum prodígio’, não se assemelham aos que hoje vos pedem para ver algumas manifestações? Se não se convertem pelas maravilhas da Criação, também não se converterão, ainda que os Espíritos lhes aparecessem do modo mais evidente, pois o orgulho os torna quais cavalos manhosos que não querem andar. Se procurassem de boa-fé, não lhes faltaria ocasião de ver, uma vez que Deus não julga conveniente fazer por eles mais do que faz pelos que sinceramente buscam instruir-se. O Pai só concede recompensa aos homens de boa vontade. A incredulidade deles não impedirá que a vontade de Deus se cumpra. Bem vedes que não impediu a expansão da Doutrina. Deixai, pois, de inquietar-vos com a oposição que lhe movem. Essa oposição é, para a Doutrina, semelhante à sombra numa pintura: dá-lhe maior realce. Que mérito teriam tais pessoas, se fossem convencidas à força? Deus lhes deixa toda a responsabilidade pela teimosia em que se obstinam e essa responsabilidade é mais terrível do que podeis supor. Felizes os que creem sem ter visto, disse Jesus, porque esses não duvidam do poder de Deus.”

8. *Achas conveniente que evoquemos esse Espírito, para lhe pedirmos algumas explicações?*

“Evocai-o, se quiserdes, mas é um Espírito inferior, que só vos dará respostas muito insignificantes.”

95. Diálogo com o Espírito perturbador da Rua des Noyers:

1. *Evocação.*

“Por que me chamais? Quereis pedradas? Seria, então, um salve-se quem puder, não obstante o vosso ar de valentia.”

2. *Ainda que nos atirasses pedras aqui, isso não nos amedrontaria. Pedimos até, se puderes, que nos atires algumas.*

“Aqui talvez não pudesse; tendes um guarda que vela por vós.”

3. *Na Rua des Noyers havia alguém que te servia de auxiliar, facilitando-te as peças que pregavas aos moradores da casa?*

“Certamente; encontrei um bom instrumento e não havia nenhum Espírito douto, sábio ou virtuoso para me impedir. Porque sou alegre; gosto às vezes de me divertir.”

4. *Qual era a pessoa que te servia de instrumento?*

“Uma criada.”

5. *Ela te auxiliava sem saber de nada?*

“Oh, sim! Pobre menina! Era a mais apavorada.”

6. *Agias com algum propósito hostil?*

“Não; eu não agia com nenhum propósito hostil. Mas os homens, que de tudo se apoderam, saberão tirar vantagem do fato.”

7. *Que pretendes dizer com isso? Não te compreendemos.*

“Eu cuidava apenas de me divertir. Vós outros, porém, estudareis a coisa e tereis mais um fato a mostrar que nós existimos.”

8. *Dizes que não alimentavas nenhum propósito hostil. Entretanto, quebraste todas as vidraças da casa, causando, desse modo, um prejuízo real.*

“Foi um acidente.”

9. *Onde conseguias os objetos que atiraste?*

“São muito comuns. Encontrei-os no pátio e nos jardins vizinhos.”

10. *Encontraste* todos, *ou fabricaste alguns?* (Ver adiante o capítulo VIII.)

“Nada criei, nada compus.”

11. *Se não os tivesses encontrado, terias podido fabricá-los?*

“Teria sido mais difícil. Mas, a rigor, misturam-se matérias e com isso fazemos qualquer coisa.”

12. *Agora, conta-nos como os atiraste.*

“Ah! Isto é mais difícil de explicar. Servi-me da natureza elétrica daquela menina, juntando-a à minha, que é menos material. Assim, pudemos ambos transportar aqueles diversos materiais.”

13. *Gostaríamos que nos desses algumas informações acerca da tua pessoa. Dize-nos, primeiramente, se morreste já há muito tempo.*

“Há muito tempo; há bem uns cinquenta anos.”

14. *Que eras quando vivias na Terra?*

“Não era grande coisa; simples trapeiro naquele bairro; às vezes me diziam tolices, porque eu gostava muito do licor vermelho do velho Noé. Assim, eu queria que todos sumissem dali.”

15. *Foi por ti mesmo e de bom grado que respondeste às nossas perguntas?*

“Eu tinha um orientador.”

16. *Quem é esse orientador?*

“O vosso bom rei Luís.”

Observação – Esta pergunta foi motivada pela natureza de certas respostas, que nos pareceram ultrapassar o alcance do Espírito, tanto pela substância das ideias, como pela forma da linguagem. Nada há de admirar que ele tenha sido auxiliado por um Espírito mais esclarecido, que quis aproveitar a ocasião para nos instruir. Isto é um fato muito comum, mas o que constituiu notável particularidade nesse caso é que a influência do outro Espírito se fez sentir na própria caligrafia. A escrita das respostas em que ele interveio é mais regular e mais corrente; a do trapeiro é angulosa, grossa, irregular, muitas vezes pouco legível, denotando caráter muito diferente.

17. *Que fazes agora? Ocupas-te com o teu futuro?*

“Ainda não; fico a andar sem destino. Pensam tão pouco em mim na Terra, que ninguém ora por mim. Como ninguém me ajuda, não trabalho.”

Observação – Veremos mais tarde quanto se pode contribuir para o progresso e o alívio dos Espíritos inferiores, por meio da prece e dos conselhos.

18. *Qual era teu nome quando vivias?*

“Jeannet.”

19. *Muito bem, Jeannet! Vamos orar por ti. Dize-nos se a nossa evocação te deu prazer ou te contrariou?*

“Antes prazer, porque sois criaturas boas, alegres, embora um tanto austeros. Pouco importa: ouviste-me, estou contente.”

Jeannet

Fenômeno de transporte

96. Este fenômeno não difere dos que acabamos de falar, a não ser pela intervenção benévola do Espírito que o produz, pela natureza dos objetos, quase sempre graciosos, de que ele se serve e pela maneira suave, delicada mesmo, por que são trazidos. Consiste no transporte espontâneo de objetos inexistentes no lugar onde estão os observadores. Quase sempre são flores, algumas vezes frutos, doces, joias etc.

97. Digamos, para começar, que este fenômeno é um dos que melhor se prestam à imitação e que, por conseguinte, devemos estar prevenidos contra o embuste. Sabe-se até onde pode ir a arte da prestidigitação, em se tratando de experiências deste gênero. Porém, mesmo que não tenhamos de lidar com um profissional do ramo, poderemos ser facilmente enganados por uma manobra hábil e interesseira. A melhor de todas as garantias se acha no *caráter*, *na honestidade notória*, *no absoluto desinteresse* das pessoas que obtêm tais efeitos. Vem depois o exame atento de todas as circunstâncias em que os fatos se produzem; e, finalmente, o conhecimento esclarecido do Espiritismo, único meio de descobrir o que fosse suspeito.

98. A teoria do fenômeno dos transportes e das manifestações físicas em geral se acha resumida, de maneira notável, na seguinte dissertação feita por um Espírito, cujas comunicações trazem o cunho incontestável de profundeza e lógica. Muitas delas aparecerão no curso desta obra. Ele se dá a conhecer pelo nome de *Erasto*, discípulo de São Paulo, e como protetor do médium que lhe serviu de intérprete:

“Para a obtenção de fenômenos desta ordem, é indispensável que se

disponha de médiuns a que chamarei *sensitivos*, isto é, dotados, no mais alto grau, das faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade, porque o sistema nervoso facilmente excitável de tais médiuns lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar abundantemente, em torno de si, o fluido animalizado que lhes é próprio.

"As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram à menor impressão, à mais insignificante sensação; as que se deixam sensibilizar pela influência moral ou física, interna ou externa, são muito mais aptas a se tornarem excelentes médiuns para os efeitos físicos de tangibilidade e de transportes. De fato, o sistema nervoso dessas pessoas as torna capazes para a produção destes diversos fenômenos, em razão de não dispor aquele sistema do envoltório refratário que o isola na maioria dos outros encarnados. Em consequência, com um indivíduo de tal natureza e cujas demais faculdades não sejam hostis à mediunidade, facilmente se obterão os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos *inteligentes* e mesmo a suspensão no espaço da mais pesada matéria inerte. Com mais forte razão ainda se obterão os mesmos resultados se, em vez de um médium, pudermos contar com o auxílio de muitos outros, igualmente bem-dotados.

"Mas, da produção de tais fenômenos à obtenção da variedade de transporte há grande distância, porque, neste caso, não só o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, como ele ainda se vê na contingência de operar por meio de um único aparelho mediúnico, já que se torna impossível o concurso simultâneo de vários médiuns para a produção do mesmo fenômeno. Ao contrário, a presença de algumas pessoas antipáticas ao Espírito operador pode entravar radicalmente a sua ação. Além desses motivos que, como se vê, são importantes, deve-se acrescentar o fato de os transportes reclamarem sempre maior concentração e, ao mesmo tempo, maior difusão de certos fluidos, que só podem ser obtidos com médiuns superiormente dotados, com aqueles, em suma, cujo aparelho *eletromediúnico* ofereça melhores condições.

"Em geral, os fenômenos de transporte são e continuarão a ser extremamente raros. Não preciso demonstrar porque eles são e serão menos frequentes do que os outros fatos de tangibilidade; vós mesmos podeis deduzi-lo, com base no que afirmo. Aliás, esses fenômenos são de tal natureza que nem todos os médiuns são capazes de produzi-los; direi mais: nem todos os Espíritos estão aptos a realizá-los. Com efeito, é preciso que exista certa afinidade, certa analogia, certa semelhança entre o Espírito e o médium influenciado, capaz de

permitir que a parte expansiva do fluido *perispirítico*[3] do encarnado se misture, se una, se combine com o fluido do Espírito que queira fazer um transporte. Esta fusão deve ser tal que a força resultante dela se torne, por assim dizer, *una*, do mesmo modo que, agindo sobre o carvão, a corrente elétrica produz um só foco, uma só claridade. Por que essa união, essa fusão? – perguntareis. É que, para a produção de tais fenômenos, faz-se necessário que as propriedades essenciais do Espírito motor sejam aumentadas com algumas das propriedades do médium; é que o *fluido vital*, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é atributo *exclusivo* do encarnado e que, por conseguinte, o Espírito operador fica obrigado a se impregnar dele. Só então ele pode, por meio de algumas propriedades do vosso ambiente, desconhecidas para vós, isolar, tornar invisíveis e fazer que se movam alguns objetos materiais e mesmo os encarnados.

"Não me é permitido, por enquanto, desvendar-vos as leis particulares que regem os gases e os fluidos que vos cercam; mas, antes que alguns anos tenham decorrido, antes que uma existência de homem se tenha esgotado, a explicação destas leis e destes fenômenos vos será revelada e vereis surgir e produzir-se uma nova variedade de médiuns, que cairão num estado cataléptico especial ao serem mediunizados.

"Vedes, assim, de quantas dificuldades está cercada a produção do fenômeno dos transportes. Muito logicamente podeis concluir, tal como eu já havia dito, que os fatos desta natureza são extremamente raros, sobretudo em razão de os Espíritos se prestarem muito pouco a produzi-los, uma vez que isso requer, da parte deles, a execução de um trabalho quase material, que lhes causa aborrecimento e fadiga. Por outro lado, e isto é muito frequente, o estado do próprio médium opõe aos Espíritos uma barreira intransponível, apesar da energia e da vontade que os animam.

"É, pois, evidente, e o vosso raciocínio sem dúvida o confirmará, que os fatos de tangibilidade, como pancadas, suspensão e movimentos de objetos, são fenômenos simples, que se operam mediante a concentração e a dilatação de certos fluidos e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e pelo trabalho dos médiuns aptos a isso, quando secundados por Espíritos amigos e benevolentes, ao passo que os fatos de transporte são múltiplos, complexos, exigem o concurso de circunstâncias especiais, só podem ser realizados por um único Espírito e um único médium e necessitam, além dos recursos para a produção da tangibilidade, de uma combinação muito especial para isolar e

tornar invisíveis o objeto ou os objetos a serem transportados.

“Todos vós, espíritas, compreendeis as minhas explicações e entendeis perfeitamente o que seja essa concentração de fluidos especiais, para a locomoção e a tatilidade da matéria inerte. Acreditais nisso, como acreditais nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos mediúnicos têm grande analogia e de que são, por assim dizer, a confirmação e o desenvolvimento. Quanto aos incrédulos e aos sábios, estes piores do que aqueles, não me compete convencê-los e com eles não me ocupo. Um dia se deixarão convencer pela força da evidência, pois é preciso que se curvem diante do testemunho unânime dos fatos espíritas, como já se inclinaram diante de outros fatos, que a princípio repeliram.

“Resumindo: os fenômenos de tangibilidade são frequentes, mas os fatos de transporte são raríssimos, porque as condições para a produção destes últimos são muito difíceis. Consequentemente, nenhum médium pode dizer que em tal hora ou em tal momento obterá um transporte, porque muitas vezes o próprio Espírito se encontra impedido de fazê-lo. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque aí quase sempre se encontram elementos energicamente refratários, que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, a ação do médium. Tende, ao contrário, como certo, que esses fenômenos se produzem quase sempre espontaneamente nas reuniões particulares, na maioria das vezes à revelia dos médiuns e sem premeditação, sendo muito mais raros quando esses estão prevenidos. Deveis concluir daí que há motivo legítimo de suspeição todas as vezes que um médium se vangloria de os obter à vontade, ou, por outra, de dar ordens aos Espíritos, como se fossem seus empregados, o que é simplesmente absurdo. Tende ainda como regra geral que os fenômenos espíritas não se produzem para constituir espetáculo, nem para divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a tais coisas, só pode ser para a produção de fenômenos simples, não para os que, como os de transporte e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

“Lembrai-vos, espíritas, de que assim como é absurdo repelir sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, também não é prudente aceitá-los todos, cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de aparição, de visibilidade ou de transporte se manifesta espontaneamente e de modo instantâneo, aceitai-o. Porém, nunca será demasiado repetir: não aceiteis coisa alguma às cegas; submetei cada fato a um exame minucioso, aprofundado e severo, pois o Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada

tem a ganhar com essas pequenas manifestações, que prestidigitadores hábeis podem imitar.

“Direis, certamente, que esses fenômenos são úteis para convencer os incrédulos. Mas, ficai sabendo, se não dispusésseis de outros meios de convicção, não contaríeis hoje a centésima parte dos espíritas que existem. Falai ao coração: por aí é que fareis maior número de conversões sérias. Se, para certas pessoas, julgardes conveniente a utilização de fatos materiais, ao menos os apresentai de tal maneira que não possam dar motivo a nenhuma interpretação falsa e, sobretudo, não vos afasteis das condições normais dos mesmos fatos, porque, apresentados em más condições, eles fornecem argumentos aos incrédulos, em vez de convencê-los.”

Erasto

99. O fenômeno de transporte apresenta uma particularidade notável: alguns médiuns só o obtêm em estado sonambúlico, o que facilmente se explica. Há no sonâmbulo um desprendimento natural, uma espécie de isolamento do Espírito e do perispírito, que deve facilitar a combinação dos fluidos necessários. É o caso dos transportes de que temos sido testemunha.

As perguntas seguintes foram dirigidas ao Espírito que os havia produzido, mas as respostas se ressentem por vezes da deficiência dos seus conhecimentos. Nós as submetemos ao Espírito *Erasto*, muito mais instruído do ponto de vista teórico, e que as completou com observações bastante judiciosas. Um é o artista, o outro é o sábio. A própria comparação dessas duas inteligências constitui um estudo instrutivo, pois demonstra que não basta ser Espírito para tudo compreender.

1. *Poderias dizer-nos por que os transportes que acabaste de executar só se produzem quando o médium se encontra em estado sonambúlico?*

“Isto depende da natureza do médium. Os fatos que produzo, quando o meu médium está dormindo, poderia produzi-los também com outro medianeiro em estado de vigília.”

2. *Por que demoras tanto a trazer os objetos e por que despertas a cobiça do médium, excitando-lhe o desejo de obter o objeto prometido?*

“Preciso de tempo para preparar os fluidos que servem para o transporte. Quanto à excitação, quase sempre só tem por objetivo divertir as pessoas

presentes e o próprio sonâmbulo.”

Nota de Erasto – O Espírito que respondeu não sabe mais do que isso; não percebe o motivo dessa cobiça, que ele aguça instintivamente, sem lhe compreender o efeito. Julga divertir as pessoas, quando na verdade provoca, sem o suspeitar, uma emissão maior de fluido. É uma consequência da dificuldade que o fenômeno apresenta, dificuldade sempre maior quando o fato não é espontâneo, sobretudo com certos médiuns.

3. *A produção do fenômeno depende da natureza especial do médium? Poderia ser produzido por outros médiuns com mais facilidade e presteza?*

“A produção depende da natureza do médium e o fenômeno só se produz por meio de naturezas que se correspondem. Quanto à prontidão, o hábito que adquirimos, comunicando-nos frequentemente com o mesmo médium, nos é de grande vantagem.”

4. *A influência das pessoas presentes exerce algum efeito na produção do fenômeno?*

“Quando há incredulidade e oposição da parte deles, muitos podem nos embaraçar. Preferimos apresentar nossas provas aos crentes e a pessoas versadas no Espiritismo; mas não quero, com isso, dizer que a má vontade consiga paralisar-nos completamente.”

5. *Onde foste buscar as flores e os bombons que trouxeste?*

“Apanhei as flores nos jardins, onde me agradam.”

6. *E os bombons? O dono da confeitaria não terá percebido sua falta?*

“Apanho-os onde quero. O confeiteiro não percebeu coisa alguma, porque pus outros no lugar dos que tirei.”

7. *Mas os anéis têm valor. Onde foste buscá-los? Não terás causado prejuízo àquele de quem os tiraste?*

“Tirei-os de lugares que ninguém conhece, e de forma a não causar prejuízo a pessoa alguma.”

Nota de Erasto – Creio que o fato foi explicado de modo incompleto, em virtude da deficiência de conhecimento do Espírito que respondeu. Sim, pode ter havido de fato um prejuízo real, mas o Espírito não quis dar a impressão de ter desviado alguma coisa. Um objeto só pode ser substituído por outro objeto idêntico, da mesma forma, do mesmo valor. Consequentemente, se um Espírito tivesse a faculdade de substituir um objeto por outro igual, já não teria razão para se apossar dele, visto que poderia dar o que iria servir para substituir o objeto retirado.

8. *Será possível trazer flores de outro planeta?*

“Não; a mim isso não é possível.”

[A Erasto]. *Outros Espíritos teriam esse poder?*

“Não, isso é impossível, em virtude da diferença dos meios ambientes.”

9. *Poderias trazer-nos flores de outro hemisfério; dos trópicos, por exemplo?*

“Desde que seja da Terra, posso.”

10. *Poderias fazer que os objetos trazidos desaparecessem da nossa vista e levá-los novamente?*

“Assim como os trouxe aqui, posso levá-los de volta, se quiser.”

11. *A produção do fenômeno dos transportes não te causa algum embaraço, uma dificuldade qualquer?*

“Não nos causa nenhum problema, quando temos permissão para operá-los. Poderia causar-nos muitos embaraços, se quiséssemos produzir efeitos para os quais não estivéssemos autorizados.”

Nota de Erasto – Ele não quer admitir que isso lhe cause dificuldade ou embaraço, embora a dificuldade e o embaraço sejam reais, já que se vê forçado a executar uma operação por assim dizer material.

12. *Quais são as dificuldades que encontras?*

“Nenhuma outra, a não ser as más disposições fluídicas, que nos podem ser contrárias.”

13. *Como trazes o objeto? Segurando-o com as mãos?*

“Não; envolvo-o em mim mesmo.”

Nota de Erasto – O Espírito não explica de modo claro a sua operação. Ele não envolve o objeto com a sua própria personalidade; porém, como seu fluido pessoal é dilatável, penetrável e expansível, combina uma parte desse fluido com parte do fluido animalizado do médium e é nesta combinação que oculta e transporta o objeto que escolheu para transportar. Assim, ao dizer que envolve em si o objeto, ele não exprime o fato com exatidão.

14. *Trarias com a mesma facilidade um objeto de peso considerável, de 50 quilos por exemplo?*

“O peso nada representa para nós. Trazemos flores, porque agrada mais do que um volume pesado.”

Nota de Erasto – É exato. Pode trazer objetos de cem ou duzentos quilos, porque a gravidade que existe para vós não existe para os Espíritos. Mas, ainda aqui, ele não percebe bem o que se passa. A

massa dos fluidos combinados é proporcional à massa dos objetos. Numa palavra, a força deve ser proporcional à resistência. Desse modo, quando o Espírito traz uma flor ou um objeto leve, é quase sempre por não encontrar em si mesmo ou no médium os elementos necessários para um esforço mais considerável.

15. *Podemos responsabilizar os Espíritos por certas desaparições de objetos, cuja causa permanece ignorada?*

“Isso acontece muitas vezes e com mais frequência do que supondes. A ação do Espírito pode ser remediada, pedindo-se a ele que traga de novo o objeto desaparecido.”

Nota de Erasto – É verdade. Algumas vezes, porém, o que é subtraído continua subtraído, pois os objetos que desaparecem de uma casa são levados para muito longe, de sorte que o dono não mais consegue achá-los. Entretanto, como a subtração dos objetos exige praticamente as mesmas condições fluídicas requeridas pelos transportes, ela só pode efetivar-se com o concurso de médiuns dotados de faculdades especiais. Por isso, quando alguma coisa desaparece, é mais provável que o fato se deva a descuido vosso do que à ação dos Espíritos.

16. *Serão devidos à ação de certos Espíritos alguns efeitos que se consideram como fenômenos naturais?*

“Vossos dias estão cheios de fatos dessa ordem, fatos que não percebeis porque não pensais neles, mas que, com um pouco de reflexão, percebereis claramente.”

Nota de Erasto – Não atribuais aos Espíritos o que é obra do homem. Acreditai, porém, na influência que exercem, oculta, constante, gerando em torno de vós mil circunstâncias, mil incidentes necessários ao cumprimento dos vossos atos, da vossa existência.

17. *Entre os objetos que os Espíritos costumam trazer, não haverá alguns que eles próprios possam fabricar, isto é, produzidos espontaneamente pelas modificações que os Espíritos possam operar no fluido ou no elemento universal?*

“Não por mim, que não tenho permissão para isso. Só um Espírito elevado é capaz de fazê-lo.”

18. *Como conseguiste introduzir aqueles objetos, já que o aposento estava fechado?*

“Levei-os comigo, envoltos, por assim dizer, na minha substância. Nada mais posso dizer, visto que o fato não é explicável.”

19. *Como fizeste para tornar visíveis estes objetos que, um momento antes, eram invisíveis?*

“Tirei a matéria que os envolvia.”

Nota de Erasto – Não é a matéria propriamente dita que os envolve, mas um fluido tirado, metade do perispírito do médium e metade do Espírito que opera.

20. [A Erasto]. *Um objeto pode ser trazido a um lugar completamente fechado? Numa palavra: o Espírito pode espiritualizar um objeto material, de maneira que se torne capaz de penetrar a matéria?*

“Esta questão é complexa. O Espírito pode tornar invisíveis os objetos que transporta, mas não penetráveis; não pode quebrar a agregação da matéria, porque seria a destruição do objeto. Tornando-o invisível, o Espírito pode transportá-lo quando quiser e só o liberar no momento oportuno, para fazê-lo aparecer. As coisas se passam de modo muito diverso com relação aos objetos que compomos. Como neles só introduzimos a matéria; como esses elementos são essencialmente penetráveis; e como nós mesmos penetramos e atravessamos os corpos mais condensados, com a mesma facilidade com que os raios solares atravessam as vidraças, podemos perfeitamente dizer que introduzimos o objeto num lugar, por mais fechado que esteja. Mas isso só acontece neste caso.”

Nota – Quanto à teoria da formação espontânea dos objetos, veja-se adiante o capítulo intitulado: “Laboratório do Mundo Invisível”.

[1]N. do T.: Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[3]**N. de A. K.:** Como se vê, quando se trata de exprimir uma ideia nova, para a qual faltam termos na língua, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos. Estas palavras: eletromediúnico, perispirítico, não são de invenção nossa. Os que nos têm criticado por havermos criado os termos espírita, espiritismo, perispírito, que não tinham termos análogos, poderão fazer também a mesma crítica aos Espíritos.

CAPÍTULO VI

Manifestações Visuais

• Perguntas sobre as aparições

• Ensaio teórico sobre as aparições

• Espíritos glóbulos

• Teoria da alucinação

Perguntas sobre as aparições[1]

100. Seguramente, de todas as manifestações espíritas as mais interessantes são aquelas por meio das quais os Espíritos se tornam visíveis. Veremos, pela explicação desse fenômeno, que ele não é mais sobrenatural do que os outros. Vamos apresentar primeiramente as respostas que os Espíritos deram sobre o assunto.

1. *Os Espíritos podem tornar-se visíveis?*

"Sim, principalmente durante o sono. Entretanto, algumas pessoas os veem quando acordadas, porém isso é mais raro."

> Observação – Enquanto o corpo repousa, o Espírito se desprende dos laços materiais; fica mais livre e pode mais facilmente ver os outros Espíritos, com os quais entra em comunicação. O sonho é apenas uma recordação desse estado. Quando não nos lembramos de nada, dizemos que não sonhamos, mas, nem por isso a alma deixou de ver e de gozar da sua liberdade. Tratamos aqui mais particularmente das aparições no estado de vigília.[2]

2. *Espíritos que se manifestam à nossa visão pertencem mais a uma categoria do que a outra?*

"Não; podem pertencer a todas as classes, tanto às mais elevadas como às mais inferiores."

3. É permitido a todos os Espíritos se manifestarem visivelmente?

"Todos o podem, mas nem sempre têm permissão ou vontade para fazê-lo."

4. *Com que fim os Espíritos se manifestam visivelmente?*

“Isso depende; de acordo com as suas naturezas, o fim pode ser bom ou mau.”

5. *Como lhes pode ser permitido manifestar-se, quando o fim é mau?*

“Nesse caso é para experimentar as pessoas a quem eles aparecem. A intenção do Espírito pode ser má, mas o resultado pode ser bom.”

6. *Qual pode ser o fim que tem em vista o Espírito que se torna visível com má intenção?*

“Amedrontar e muitas vezes vingar-se.”

6-a. *Qual o objetivo dos Espíritos que vêm com boa intenção?*

“Consolar as pessoas que sentem saudades deles, provar-lhes que existem e estão perto delas; dar conselhos e, algumas vezes, pedir assistência para si mesmos.”

7. *Haveria algum inconveniente para os homens, se a possibilidade de ver os Espíritos fosse permanente e geral? Não seria esse um meio de tirar a dúvida aos mais incrédulos?*

“Estando o homem constantemente cercado de Espíritos, a visão incessante destes o perturbaria, embaraçá-lo-ia em suas ações e lhe tiraria a iniciativa na maioria dos casos, ao passo que, julgando-se só, ele age com mais liberdade. Quanto aos incrédulos, dispõem de muitos meios para se convencerem, caso queiram aproveitá-los e se não estiverem cegos pelo orgulho. Sabes da existência de pessoas que viram e que nem por isso acreditam, pois dizem que são ilusões. Não te inquietes por elas; Deus se encarregará de todas.”

Observação – Haveria tantos inconvenientes em vermos constantemente os Espíritos, como em vermos o ar que nos cerca ou as miríades de animais microscópicos que pululam à nossa volta e mesmo sobre nós. Conclusão: o que Deus faz é bem feito. Ele sabe melhor do que nós o que nos convém.

8. *Se há inconveniente em vermos os Espíritos, por que, em certos casos, isso é permitido?*

“Para dar ao homem uma prova de que nem tudo morre com o corpo, e que a alma conserva a sua individualidade após a morte. A visão passageira é suficiente para dar essa prova e para atestar a presença de amigos ao vosso lado; porém, não oferece os inconvenientes da visão constante.”

9. *Nos mundos mais adiantados do que o nosso, a visão dos Espíritos é mais frequente?*

“Quanto mais o homem se aproxima da natureza espiritual, tanto mais facilmente se põe em comunicação com os Espíritos. A grosseria do vosso envoltório é que dificulta e torna mais rara a percepção dos seres etéreos.”

10. *Será racional nos assustarmos com a aparição de um Espírito?*

“Quem refletir deverá compreender que um Espírito, seja qual for, é menos perigoso do que um ser vivo. Ademais, os Espíritos podem ir e vão a toda parte, não sendo necessário que alguém os veja para saber que alguns estão a seu lado. O Espírito que queira causar dano a uma pessoa pode fazê-lo, e até com mais segurança, sem se dar a ver. Ele não é perigoso pelo fato de ser Espírito, e sim pela influência que pode exercer sobre o pensamento do homem, desviando-o do bem e impelindo-o ao mal.”

Observação – As pessoas que têm medo quando estão sozinhas, ou em lugares escuros, raramente se dão conta da causa de seus pavores. Não seriam capazes de dizer do que é que têm medo. Deveriam temer muito mais o encontro com homens do que com Espíritos, pois um malfeitor é bem mais perigoso quando vivo, do que depois de morto. Uma senhora do nosso conhecimento teve certa noite, em seu quarto, uma aparição tão bem caracterizada que julgou estar na presença de alguém. Sua primeira sensação foi de terror. Certificando-se de que ali não havia ninguém, disse: “Parece que é apenas um Espírito; posso dormir tranquila”.

11. *A pessoa a quem um Espírito aparece poderá conversar com ele?*

“Perfeitamente, e é mesmo o que se deve fazer em tal caso, perguntando ao Espírito quem ele é, o que deseja e o que podemos fazer para lhe ser útil. Se se tratar de um Espírito infeliz e sofredor, nosso testemunho de comiseração o aliviará. Se for um Espírito benévolo, é possível que venha com a intenção de dar bons conselhos.”

11-a. *Nesse caso, como o Espírito poderia responder?*

“Algumas vezes ele responde por meio de sons articulados, como faria uma pessoa viva. Na maioria dos casos, porém, pela transmissão dos pensamentos.”

12. *Os Espíritos que aparecem com asas realmente as possuem, ou essas asas nada mais são do que uma aparência simbólica?*

“Os Espíritos não têm asas; não precisam delas, visto poderem ir a toda parte como Espíritos. Aparecem desta ou daquela forma, segundo a maneira pela qual desejam impressionar a pessoa a quem se mostram. Uns aparecerão com os seus trajes habituais, outros envolvidos em amplas roupagens, alguns com asas, como atributo da categoria espiritual que representam.”

13. *As pessoas que vemos em sonho são sempre aquelas cujo aspecto*

guardamos?

“Quase sempre são as mesmas pessoas que o teu Espírito vai encontrar ou que vêm ao teu encontro.”

14. *Os Espíritos zombeteiros não poderiam tomar a aparência das pessoas que nos são caras, para nos induzirem ao erro?*

“Eles só tomam aparências fantásticas para se divertirem à vossa custa, mas há coisas com as quais não lhes é permitido brincar.”

15. *Por se tratar de uma espécie de evocação, compreende-se que o pensamento possa atrair a presença do Espírito em que se pensa. Entretanto, por que as pessoas em quem mais pensamos, que ardentemente desejamos tornar a ver, quase sempre jamais se apresentam a nós em sonho, ao passo que vemos outras que nos são indiferentes e nas quais nunca pensamos?*

“Nem sempre os Espíritos podem manifestar-se visivelmente, mesmo em sonho e apesar do desejo que tenhais de vê-los. Causas independentes da vontade deles podem impedi-los de se apresentarem. Frequentemente, é também uma prova, que nem o mais ardente desejo é capaz de vencer. Quanto às pessoas que vos são indiferentes, embora não penseis nelas, é possível que pensem em vós. Aliás, não podeis formar ideia das relações que se contam no mundo dos Espíritos. Lá encontrareis novamente uma multidão de conhecidos íntimos, antigos ou recentes, de cuja existência não suspeitais quando despertos.”

Observação – Quando não dispomos de nenhum meio de controle para constatarmos a realidade das visões ou aparições, podemos sem dúvida lançá-las à custa da alucinação. Entretanto, quando são confirmadas pelos acontecimentos, ninguém tem o direito de atribuí-las à imaginação. Tais são, por exemplo, as aparições, que temos em sonho ou em estado de vigília, de pessoas em quem absolutamente não pensávamos, produzidas no momento em que morrem, e que vêm, por meio de sinais diversos, revelar as circunstâncias totalmente inesperadas do seu falecimento. Têm-se visto cavalos empinarem e empacarem, diante de aparições que assustam os seus condutores. Se a imaginação pode desempenhar algum papel entre os homens, certamente ela não representará coisa alguma para os animais. Aliás, se as imagens que vemos em sonho não passassem de efeito das nossas preocupações de vigília, nada explicaria o fato, tão frequente, de jamais sonharmos com aquilo em que mais pensamos.

16. *Por que certas visões são mais frequentes quando estamos doentes?*

“Elas também ocorrem quando gozais de perfeita saúde. Na doença, porém, os laços materiais se afrouxam e a fraqueza do corpo faculta ao Espírito maior liberdade, permitindo-lhe entrar mais facilmente em comunicação com os outros Espíritos.”

17. *As aparições espontâneas parecem mais frequentes em certas regiões. Será que alguns povos são mais bem-dotados do que outros para receberem este tipo de manifestações?*

“Já fizeste, porventura, um registro histórico de cada aparição? Assim como os ruídos e as demais manifestações, as aparições se produzem igualmente em todos os pontos da Terra, embora apresentem características distintas, de conformidade com os povos entre os quais se verificam. Em alguns, por exemplo, onde o uso da escrita está pouco espalhado, não há médiuns escreventes, enquanto eles são abundantes no seio de outros povos; noutros, observam-se mais os ruídos e os movimentos de objetos do que comunicações inteligentes, por serem estas menos apreciadas e procuradas.”

18. *Por que as aparições ocorrem mais à noite? Não seria efeito do silêncio e da obscuridade sobre a imaginação?*

“Pela mesma razão por que enxergais as estrelas durante a noite e não as divisais em pleno dia. A claridade intensa pode ofuscar uma aparição ligeira. Mas é errôneo supor-se que a noite tenha alguma coisa a ver com isso. Interrogai as pessoas que tiveram visões e constatareis que a maioria delas se deu durante o dia.”

> Observação – Os fenômenos de aparições são muito mais frequentes e gerais do que se pensa; porém, muitas pessoas deixam de confessá-los por medo do ridículo, enquanto outras os atribuem à ilusão. Se parecem mais numerosos entre alguns povos é porque aí eles conservam as tradições com mais cuidado, verdadeiras ou falsas, quase sempre ampliadas pelo poder de sedução do maravilhoso a que mais ou menos se preste o aspecto das localidades. A credulidade então faz que se vejam efeitos sobrenaturais nos fenômenos mais vulgares: o silêncio da solidão, os acidentes do terreno, o canto da floresta, as rajadas da tempestade, o eco das montanhas, a forma fantástica das nuvens, as sombras, as miragens, tudo enfim se presta à ilusão, em se tratando de imaginações simples e ingênuas, que de boa-fé narram o que viram ou julgaram ver. Mas, ao lado da ficção, há a realidade. O estudo sério do Espiritismo leva o homem a se desembaraçar de todos os acessórios ridículos da superstição.

19. *A visão dos Espíritos se produz no estado normal ou somente no estado de êxtase do vidente?*

“Pode ocorrer em condições perfeitamente normais. Entretanto, as pessoas que os veem se encontram frequentemente num estado particular, próximo do êxtase, estado que lhes faculta uma espécie de dupla vista.” (*O Livro dos Espíritos*, questão 447.)

20. É com os olhos que os videntes enxergam os Espíritos?

“Assim o imaginam, quando, na realidade, é a alma quem vê. A prova disto

é que podem vê-los com os olhos fechados.”

21. *Como o Espírito pode tornar-se visível?*

“O princípio é o mesmo de todas as manifestações; reside nas propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações, ao sabor do Espírito.”

22. *O Espírito propriamente dito pode tornar-se visível, ou isto só lhe é possível com o auxílio do perispírito?*

“No estado material em que vos encontrais, o Espírito só pode manifestar-se com o auxílio do seu envoltório semimaterial, por meio do qual ele atua sobre os vossos sentidos. Graças a esse envoltório é que eles aparecem, algumas vezes, sob a forma humana ou outra qualquer, seja nos sonhos, seja no estado de vigília, tanto em plena luz como na obscuridade.”

23. *Poder-se-á dizer que é pela condensação do fluido do perispírito que o Espírito se torna visível?*

“Condensação não é o termo. Trata-se apenas de uma comparação que pode vos ajudar a compreender o fenômeno, pois na realidade não há condensação. Pela combinação dos fluidos, o perispírito assume uma disposição especial, sem qualquer analogia para vós e que o torna perceptível.”

24. *Os Espíritos que aparecem são sempre inapreensíveis e imperceptíveis ao tato?*

“Em seu estado normal são inapreensíveis, como num sonho. Entretanto, podem impressionar o nosso tato, deixar vestígios de sua presença e até, em certos casos, tornar-se momentaneamente tangíveis, o que prova haver matéria entre vós e eles.”

25. *Todas as pessoas têm aptidão para ver os Espíritos?*

“Durante o sono, sim; em estado de vigília, não. Quando estais dormindo, a alma vê sem intermediário; quando estais acordados ela sofre, em maior ou menor grau, a influência dos órgãos corpóreos. É por isso que as condições não são totalmente idênticas nos dois casos.”

26. *De que depende a faculdade de ver os Espíritos, quando estamos acordados?*

“Depende da organização física e da maior ou menor facilidade que tem o fluido do vidente para se combinar com o do Espírito. Assim, não basta que o

Espírito queira mostrar-se; é preciso também que encontre a necessária aptidão na pessoa a quem deseje fazer-se visível.”

26-a. *Essa faculdade pode desenvolver-se pelo exercício?*

“Pode, como todas as outras faculdades; mas pertence ao número daquelas com relação às quais é melhor que se espere o desenvolvimento natural, do que provocá-lo, a fim de não superexcitar a imaginação. Sendo uma faculdade excepcional, a visão geral e permanente dos Espíritos não faz parte das condições normais do homem.”

27. *Pode-se provocar a aparição dos Espíritos?*

“Algumas vezes, sim, mas muito raramente. A aparição é quase sempre espontânea. Para que alguém veja os Espíritos, precisa ser dotado de uma faculdade especial.”

28. *Os Espíritos podem tornar-se visíveis sob outra aparência que não seja a humana?*

“A forma humana é a forma normal. O Espírito pode variar a sua aparência, mas conservando sempre o tipo humano.”

28-a. *Não podem manifestar-se sob a forma de chamas?*

“Podem produzir chamas, clarões, como todos os outros efeitos, para atestar sua presença; mas não são os próprios Espíritos que assim aparecem. Muitas vezes, a chama não passa de uma miragem ou de uma emanação do perispírito. Em todo caso, é apenas uma parcela do perispírito, que só se mostra integralmente nas visões.”

29. *Que pensar da crença que atribui aos fogos-fátuos a presença de almas ou Espíritos?*

“Superstição produzida pela ignorância. A causa física dos fogos-fátuos é bem conhecida.”

29-a. *A chama azul que, segundo dizem, apareceu sobre a cabeça de Servius Tulius, quando criança, é uma fábula ou foi real?*

“Era real e foi produzida por um Espírito familiar, que desejava dar um aviso à mãe do menino. Médium vidente, essa mãe percebeu uma irradiação do Espírito protetor de seu filho. Assim como os médiuns escreventes não escrevem todos a mesma coisa, também os médiuns videntes não têm o mesmo grau de

vidência. Enquanto aquela mãe viu apenas uma chama, outro médium poderia ter visto o próprio corpo do Espírito.”

30. *Os Espíritos poderiam apresentar-se sob a forma de animais?*

“Isto pode acontecer; mas somente Espíritos muito inferiores tomam essas aparências. Em todos os casos, a forma animalesca não passará de uma aparência momentânea, pois seria absurdo acreditar que um animal verdadeiro, qualquer que seja, pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais e nada mais do que isto.”

Observação – Somente a superstição pode levar as pessoas à crença de que certos animais são animados por Espíritos. É preciso uma imaginação muito complacente, ou muito impressionada para ver qualquer coisa de sobrenatural nas circunstâncias um pouco extravagantes em que eles algumas vezes se apresentam. O medo faz que muitas vezes se veja o que não existe, embora não constitua a única fonte dessa ideia. Conhecemos uma senhora, muito inteligente, aliás, que consagrava excessiva afeição a um gato preto, porque acreditava que ele fosse dotado de uma natureza *superanimal.* Entretanto, essa senhora jamais ouvira falar do Espiritismo. Se o tivesse conhecido, teria compreendido o ridículo da causa de sua predileção pelo animal, pois a Doutrina lhe demonstraria a impossibilidade de tal metamorfose.

Ensaio teórico sobre as aparições

101. As manifestações aparentes mais comuns ocorrem durante o sono, por meio dos sonhos: são as visões. Os limites deste estudo, porém, não comportam o exame de todas as particularidades que os sonhos podem apresentar. Resumiremos tudo, dizendo que eles podem ser: uma visão atual das coisas presentes ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. Muitas vezes, ainda, são quadros alegóricos que os Espíritos nos põem sob as vistas, para nos dar úteis avisos e salutares conselhos, se são Espíritos bons; ou para nos enganar, lisonjeando as nossas paixões, se são Espíritos imperfeitos. A teoria que se segue aplica-se aos sonhos, como a todos os outros casos de aparições. (Veja-se *O Livro dos Espíritos*, questões 400 e seguintes.)

Acreditamos que estaríamos ofendendo os nossos leitores se nos propuséssemos a demonstrar o que há de absurdo e ridículo no que vulgarmente se chama de interpretação dos sonhos.

102. As aparições propriamente ditas ocorrem quando o vidente se acha em estado de vigília e no gozo de plena e inteira liberdade das suas faculdades. Apresentam-se, em geral, sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e

imprecisa, inicialmente como uma claridade esbranquiçada, cujos contornos pouco a pouco se vão delineando. De outras vezes as formas se mostram claramente acentuadas, distinguindo-se os menores traços da fisionomia, a ponto de se poder descrevê-las com precisão. As maneiras, o aspecto, são semelhantes ao que tinha o Espírito quando encarnado.

Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob aquela que melhor nos faça reconhecê-lo, se tal é o seu desejo. Assim, embora como Espírito não tenha nenhum defeito corpóreo, ele se mostrará estropiado, coxo, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário para provar a sua identidade. Esopo, por exemplo, como Espírito, não é disforme; porém, se o evocarmos como Esopo, por mais existências que tenha tido depois daquela, aparecerá feio e corcunda, com suas vestes tradicionais.

Uma particularidade notável das aparições é que, salvo em circunstâncias especiais, as partes menos acentuadas são os membros inferiores, enquanto a cabeça, o tronco, os braços e as mãos aparecem com nitidez. É por isso que quase nunca são vistos a andar, mas a deslizar como sombras. Quanto às roupas, compõem-se geralmente de um amontoado de gaze, terminando em longo pregueado flutuante. Completa a aparência uma cabeleira ondulante e graciosa. Pelo menos, é assim que se apresentam os Espíritos que nada conservam das coisas terrenas. Os Espíritos vulgares, porém, os das pessoas que aqui conhecemos, aparecem com os trajes que usavam no último período de sua existência.

Frequentemente, os Espíritos mostram atributos característicos da elevação que alcançaram. Os que são tidos por anjos apresentam auréola e asas, enquanto outros trazem os sinais indicativos de suas ocupações terrenas. Assim, um guerreiro poderá aparecer com a sua armadura, um sábio com livros, um assassino com um punhal etc. O semblante dos Espíritos superiores é belo, nobre e sereno; a aparência dos mais inferiores denota alguma coisa de feroz e bestial, trazendo ainda, algumas vezes, os vestígios dos crimes que praticaram, ou dos suplícios que padeceram. A questão do traje e dos objetos acessórios com que os Espíritos aparecem é talvez a que mais surpreende. Voltaremos a essa questão em capítulo especial, porque ela se liga a outros fatos muito importantes.

103. Dissemos que as aparições têm algo de vaporoso. Em alguns casos poderíamos compará-las à imagem que se reflete num espelho sem aço, cuja nitidez não impede que se vejam os objetos que lhe estão por detrás. Geralmente,

é assim que os médiuns videntes as percebem. Eles as veem ir e vir, entrar num aposento, sair dele e circular por entre a multidão, assumindo ares de quem participa de tudo o que os homens fazem à sua volta, interessando-se por tudo e ouvindo a conversa de todos; pelo menos, é desse modo que se comportam os Espíritos mais comuns. Com frequência são vistos a se aproximar de uma pessoa para soprar ideias ou exercer uma influência qualquer, consolando-a, se são Espíritos bons; zombando dela, se são Espíritos maus, e se mostrando tristes ou satisfeitos com os resultados obtidos. Em resumo: tais Espíritos constituem a cópia perfeita da sociedade do mundo material.

É esse o mundo oculto que nos envolve, dentro do qual vivemos sem perceber, como vivemos em meio das miríades de seres do mundo microscópico, sem desconfiar de coisa alguma. O microscópio nos revelou o mundo dos infinitamente pequenos, de cuja existência não suspeitávamos; o Espiritismo, com o auxílio dos médiuns videntes, nos revelou o mundo dos Espíritos, que, por sua vez, também constitui uma das forças ativas da Natureza. Com a ajuda dos médiuns videntes, pudemos estudar o mundo invisível e conhecer os seus hábitos, assim como um povo de cegos pode estudar o mundo visível, auxiliado por alguns homens que gozem da faculdade de ver. (Veja-se adiante, no capítulo referente aos “Médiuns”, o item que trata dos “Médiuns videntes”.)

104. Quando o Espírito deseja ou pode aparecer, reveste por vezes uma forma ainda mais precisa, com todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de causar completa ilusão, levando o observador a crer que tem diante de si um ser corpóreo. Em alguns casos, finalmente, e sob o império de certas circunstâncias, a tangibilidade pode tornar-se real, o que significa que podemos tocar, palpar e sentir, na aparição, a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, o que não impede que a tangibilidade se desvaneça com a rapidez do relâmpago.

Nesses casos, já não é somente com o olhar que se nota a presença do Espírito, mas também pelo tato. Se pudéssemos atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição simplesmente visual, a dúvida já não seria possível quando conseguimos segurá-la, palpá-la, e quando ela mesma nos segura e abraça.

Os casos de aparições tangíveis são os mais raros; porém, os que têm havido nestes últimos tempos, pela influência de alguns médiuns de grande poder[3] e absolutamente autenticados por testemunhos irrecusáveis, provam e

explicam os relatos históricos acerca de pessoas que, depois de mortas, se mostraram com todas as aparências da realidade. Aliás, conforme já dissemos, por mais extraordinários que sejam, tais fenômenos perdem inteiramente todo caráter de maravilhosos, quando se conhece a maneira pela qual se produzem e quando se compreende que, longe de representarem uma derrogação das Leis da Natureza, nada mais são do que uma nova aplicação dessas leis.

105. Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível. Isso é comum a uma porção de fluidos que sabemos existir, mesmo que jamais os tenhamos visto. Entretanto, ele pode também, à semelhança de certos fluidos, sofrer modificações que o tornem perceptível à vista, seja por meio de uma espécie de condensação, seja devido a uma mudança na disposição de suas moléculas. Aparece-nos então sob uma forma vaporosa. A condensação[4] pode ser tal que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível, conservando, porém, a possibilidade de retomar seu estado etéreo e invisível. Podemos entender esse processo, assimilando-o ao do vapor, que pode passar da invisibilidade ao estado brumoso, depois ao estado líquido, em seguida ao sólido e *vice-versa*.

Esses diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior, como sucede com os nossos gases. O Espírito só nos aparece depois de ter imprimido ao seu perispírito as condições necessárias para torná-lo visível. Mas, para isso, não basta a sua vontade, pois a modificação do perispírito se opera mediante sua combinação com o fluido específico do médium. Ora, essa combinação nem sempre é possível, o que explica não ser generalizada a visão dos Espíritos. Assim, não basta que o Espírito queira mostrar-se; também não basta que uma pessoa queira vê-lo. É necessário que os dois fluidos possam combinar-se, que haja entre eles uma espécie de afinidade e, talvez, que a emissão do fluido da pessoa seja suficientemente abundante para operar a transformação do perispírito, além de outras prováveis condições que desconhecemos. É preciso, enfim, que o Espírito tenha a permissão de aparecer para aquela pessoa, o que nem sempre lhe é concedido, ou só é permitido em certas circunstâncias, por motivos que não podemos apreciar.

106. Outra propriedade do perispírito inerente à sua natureza etérea é a penetrabilidade. Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo: ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. É por isso que não existe lugar, por mais fechado que seja, capaz de impedir a entrada dos Espíritos. Eles visitam o

prisioneiro na sua cela com a mesma facilidade com que visitam um homem em pleno campo.

107. As aparições no estado de vigília não são raras nem constituem novidade. Elas se produziram em todos os tempos e a História as registra em grande número. Não precisamos, porém, remontar ao passado, tamanha é a frequência com que ocorrem nos dias de hoje. Muitas pessoas as tiveram e as tomaram, no primeiro momento, pelo que se convencionou chamar alucinações. São frequentes, sobretudo, nos casos de morte de pessoas ausentes, que vêm visitar seus parentes ou amigos. Muitas vezes as aparições não trazem um fim determinado, mas, em geral, podemos dizer que os Espíritos que assim aparecem são atraídos pela simpatia. Interrogue cada um as suas recordações, pois é bastante reduzido o número de pessoas que não conheçam alguns fatos desse gênero, cuja autenticidade não pode dar margem a qualquer dúvida.

Espíritos glóbulos[5]

108. Às considerações precedentes, acrescentaremos o exame de alguns efeitos de óptica, que deram origem ao singular sistema dos *Espíritos glóbulos*.

Nem sempre o ar apresenta limpidez absoluta e há ocasiões em que as correntes das moléculas aeriformes são perfeitamente visíveis, assim como a agitação que nelas produz a ação do calor. Algumas pessoas tomaram isto por aglomerações de Espíritos a se agitarem no espaço. Basta-nos citar esta opinião, para que ela fique desde logo refutada. Há, porém, outra espécie de ilusão não menos estranha, contra a qual devemos estar igualmente prevenidos.

O humor aquoso do olho apresenta pontos quase imperceptíveis, que perderam alguma coisa da sua natural transparência. Esses pontos são como corpos opacos em suspensão no líquido, cujos movimentos eles acompanham. Produzem no ar ambiente e a distância, por efeito do aumento e da refração, a aparência de pequenos discos, cujos diâmetros variam de um a dez milímetros e que parecem nadar na atmosfera. Vimos pessoas tomarem esses discos por Espíritos que as seguiam e acompanhavam a toda parte. No seu entusiasmo, elas tomavam como figuras os matizes da irisação, o que é quase tão racional como ver uma figura na Lua. Bastaria uma simples observação, feita por elas mesmas, para reconduzi-las ao terreno da realidade.

Afirmam aquelas pessoas que esses discos, ou medalhões, não somente as

acompanham, como seguem todos os seus movimentos: vão para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, ou então param, conforme o movimento que elas fazem com a cabeça. Isto nada tem de surpreendente. Como a sede da aparência é no globo ocular, ela tem que acompanhar todos os movimentos do olho. Se fossem Espíritos, seríamos forçados a admitir que o papel que desempenham é mecânico demais para seres inteligentes e livres, além de muito cansativo, mesmo para Espíritos inferiores. Portanto, e com mais forte razão, trata-se de um papel incompatível com a ideia que fazemos dos Espíritos superiores.

É verdade que algumas pessoas tomam por Espíritos maus os pontos escuros ou moscas amauróticas. Esses discos, do mesmo modo que as manchas negras, têm um movimento ondulatório, cuja amplitude não vai além de um certo ângulo, concorrendo para a ilusão o fato de não acompanharem bruscamente os movimentos da linha visual. Sua razão é bem simples. Como dissemos, os pontos opacos do humor aquoso, causa primeira do fenômeno, se acham em suspensão e tendem sempre a descer. Sobem quando impelidos pelo movimento dos olhos, porém, chegados a certa altura, os discos descem por si mesmos e depois se imobilizam. A mobilidade deles é extrema, pois basta um movimento imperceptível do olho para fazê-los mudar de direção e percorrer rapidamente toda a amplitude do arco, no espaço em que se produz a imagem. Enquanto não se provar que uma imagem tem movimento próprio, espontâneo e inteligente, não se poderá ver no fato mais do que um simples fenômeno óptico ou fisiológico.

Dá-se a mesma coisa com as centelhas que se produzem algumas vezes em feixes mais ou menos compactos, pela contração dos músculos do olho, e que são devidas, provavelmente, à eletricidade fosforescente da íris, pois geralmente se limitam à circunferência do disco desse órgão.

Tais ilusões só podem resultar de uma observação incompleta. Quem quer que tenha estudado seriamente a natureza dos Espíritos, por todos os meios que a ciência prática faculta, compreenderá tudo o que elas têm de pueril. Do mesmo modo que combatemos as teorias arrojadas com que se atacam as manifestações, quando essas teorias decorrem da ignorância dos fatos, também devemos destruir as ideias falsas, que denotam mais entusiasmo do que reflexão e que, por isso mesmo, causam mais dano do que bem, com relação aos incrédulos, já naturalmente predispostos a buscar o lado ridículo das coisas.

109. Como se vê, o perispírito é o princípio de todas as manifestações. O conhecimento dele foi a chave que explicou uma porção de fenômenos e permitiu que a ciência espírita desse largo passo, fazendo-a enveredar por novo caminho, ao lhe tirar todas as características de maravilhosa. Foram os próprios Espíritos – e eles mesmos nos indicaram o caminho – que explicaram a ação do Espírito sobre a matéria, do movimento dos corpos inertes, dos ruídos e das aparições. Aí encontraremos também a explicação de muitos outros fenômenos que examinaremos antes de passarmos ao estudo das comunicações propriamente ditas. Quanto mais nos inteirarmos de suas causas fundamentais, tanto melhor as compreenderemos. Bem compreendido aquele princípio, facilmente o aplicaremos aos diversos fatos que se apresentam à observação.

110. Longe estamos de considerar a teoria que apresentamos como absoluta e como sendo a última palavra da Doutrina. Novos estudos sem dúvida a completarão ou retificarão mais tarde. Entretanto, por mais incompleta ou imperfeita que seja ainda hoje, sempre pode auxiliar o estudioso a reconhecer a possibilidade dos fatos, por efeito de causas que nada têm de sobrenaturais. Mesmo sendo uma hipótese, não se lhe pode negar o mérito da racionalidade e da probabilidade e, como tal, vale tanto quanto todas as explicações que os negadores oferecem, para provar que nos fenômenos espíritas só há ilusão, fantasmagoria e subterfúgios.

Teoria da alucinação

111. Os que não admitem a existência do mundo incorpóreo e invisível julgam explicar todos os fenômenos espíritas com a palavra *alucinação*. A definição dessa palavra é conhecida. Ela exprime o erro, a ilusão de uma pessoa que julga ter percepções que realmente não tem. Origina-se do latim *allucinari*, errar, que vem de *ad lucem*. Mas, ao que saibamos, os sábios ainda não apresentaram a razão fisiológica desse fato.

Até parece que a Óptica e a Fisiologia não têm mais segredos para eles. Entretanto, como é que ainda não explicaram a natureza e a origem das imagens que se mostram ao espírito em determinadas circunstâncias? Querem explicar todos os fenômenos pelas leis da matéria. Que o façam, mas que deem, com o auxílio dessas leis, uma teoria da alucinação. Boa ou má, será sempre uma explicação.

112. A causa dos sonhos jamais foi explicada pela Ciência. Ela os atribui a um efeito da imaginação, mas não nos diz o que é a imaginação, nem como se dá a produção dessas imagens tão claras e tão nítidas que às vezes nos aparecem. Equivale a explicar uma coisa que não é conhecida, por outra mais desconhecida ainda. A questão, portanto, ainda está por resolver.

Dizem ser uma recordação das preocupações da véspera. Porém, mesmo que se admita esta solução, que nada resolve, ainda restaria saber qual o espelho mágico que conserva assim a impressão das coisas. Como explicar, sobretudo, essas visões de coisas reais, que a pessoa nunca viu no estado de vigília e nas quais jamais pensou? Só o Espiritismo nos poderia dar a solução desse estranho fenômeno, que passa despercebido em razão da sua própria vulgaridade, como sucede com todas as maravilhas da Natureza que não merecem do homem a devida atenção.

Os sábios não se dignaram de ocupar-se com a alucinação. Entretanto, quer seja real, quer não, ela constitui um fenômeno que a Fisiologia tem que se mostrar capaz de explicar, sob pena de confessar a sua inabilidade. Se algum dia um sábio resolver dar desse fenômeno, não uma definição – entendamo-nos bem – mas uma explicação fisiológica, veremos se a sua teoria resolve todos os casos, sobretudo se não omite os fatos tão comuns de aparições de pessoas no momento da morte, e se esclarece a razão da coincidência da aparição com a morte da pessoa. Se fosse um fato isolado, poder-se-ia atribuí-lo ao acaso; como, porém, é muito frequente, o acaso não se presta a essas reincidências. Se ao menos aquele que viu a aparição tivesse pensado que a pessoa que lhe apareceu estava prestes a morrer, tudo bem. Mas, quase sempre, quem aparece é justamente a pessoa em quem menos se pensa. Logo, a imaginação não se aplica ao caso. Mais difícil ainda é explicar, pela imaginação, as circunstâncias em que se deu a morte, quando não se tem a menor ideia do que de fato aconteceu.

Mas – retrucarão os partidários da alucinação – a alma, se é que existe uma alma, tem momentos de superexcitação em que suas faculdades se exaltam. Estamos de pleno acordo; porém, quando o que ela vê é real, já não pode haver ilusão. Se, na sua exaltação, a alma vê uma coisa que não está presente, é que ela se transportou para aquele lugar. Ora, se a nossa alma pode transportar-se para junto de uma pessoa ausente, por que não poderia a alma dessa pessoa transportar-se para junto de nós? Dignem-se eles, na sua teoria da alucinação, de levar em conta estes fatos, e não se esqueçam de que uma teoria, a que se podem opor fatos que a contrariem, é necessariamente falsa ou incompleta.

Enquanto aguardamos a explicação que os partidários da alucinação venham a oferecer, vamos tentar emitir algumas ideias a esse respeito.

113. Os fatos comprovam que há aparições verdadeiras, perfeitamente explicáveis pela teoria espírita e que só podem ser negadas pelos que nada admitem fora do organismo. Mas, a par das visões reais, não haverá alucinações, no sentido que se atribui a esta palavra? Sem a menor dúvida. Qual a sua origem? Os Espíritos é que irão nos apontar o caminho, pois parece que a explicação do fenômeno está toda nas respostas que eles deram às seguintes perguntas:

1. *As visões são sempre reais? Não serão, algumas vezes, efeito da alucinação? Quando se veem, por exemplo, em sonho ou de outra maneira, o diabo e outras coisas fantásticas – que não existem – não será isso produto da imaginação?*

"Sim, algumas vezes. Quando alguém se deixa impressionar por certas leituras ou por histórias de feitiçaria, ao se lembrar mais tarde dessas coisas, julga ver o que não existe. Mas já dissemos também que o Espírito, sob o seu envoltório semimaterial, pode assumir todas as formas para se manifestar. Um Espírito zombeteiro pode aparecer com chifres e garras, se assim o desejar, para se divertir à custa da credulidade daquele que o vê, do mesmo modo que um Espírito bom pode mostrar-se com asas e com uma figura radiosa."

2. *Poder-se-ão considerar como aparições as figuras e outras imagens que se apresentam a certas pessoas, quando estão levemente adormecidas, ou quando apenas fecham os olhos?*

"Quando os sentidos se entorpecem, o Espírito se desprende e pode ver longe, ou perto, aquilo que não lhe seria possível ver com os olhos. Com muita frequência, tais imagens são visões, mas também podem ser efeito das impressões que a vista de certos objetos deixou no cérebro, cujos vestígios conserva, como conserva os dos sons. O Espírito liberto vê então no seu próprio cérebro as impressões que aí se fixaram como numa chapa fotográfica. A variedade e a mistura dessas impressões formam conjuntos estranhos e fugazes, que se desfazem quase imediatamente, apesar dos esforços que se façam para retê-los. É a uma causa semelhante que se devem atribuir certas aparições fantásticas, que nada têm de reais e que muitas vezes se produzem durante uma enfermidade."

Admite-se que a memória seja o resultado das impressões que o cérebro

conserva. Mas por que singular fenômeno essas impressões, tão variadas, tão múltiplas, não se confundem? Eis um mistério impenetrável, porém não mais estranho do que o das ondulações sonoras que se cruzam no ar e que, no entanto, se conservam distintas. Num cérebro saudável e bem organizado, essas impressões são claras e precisas; em condições menos favoráveis, elas se apagam e se confundem; daí a perda de memória ou a confusão das ideias. Isto ainda parecerá menos extraordinário se admitirmos, como admite a frenologia, uma destinação especial a cada parte e, até mesmo, a cada fibra do cérebro.

As imagens que chegam ao cérebro através dos olhos deixam ali uma impressão, em virtude da qual uma pessoa se lembra de um quadro, como se o tivesse diante de si. Trata-se de uma questão de memória, pois nada se vê. Ora, em certos estados de emancipação, a alma vê o que está no cérebro e aí torna a encontrar aquelas imagens, sobretudo as que mais a chocaram, segundo a natureza das preocupações ou as disposições de espírito. É assim que lá encontra de novo a impressão de cenas religiosas, diabólicas, dramáticas, mundanas, figuras de animais esquisitos, que ela viu noutra época em pinturas ou mesmo em narrações, já que estas últimas também deixam impressões. A alma, pois, vê realmente, mas vê apenas uma imagem fotografada no cérebro. Em condições normais essas imagens são fugazes, efêmeras, porque todas as partes cerebrais funcionam livremente; porém, no curso de doenças o cérebro se acha mais ou menos enfraquecido, o equilíbrio entre todos os órgãos deixa de existir, conservando somente alguns a sua atividade, enquanto outros permanecem de certa forma paralisados. Daí a persistência de certas imagens, que as preocupações da vida exterior não mais conseguem apagar, como acontece no estado normal. Eis aí a verdadeira alucinação e causa principal das ideias fixas.

Conforme se vê, explicamos esta anomalia por meio de uma lei muito conhecida, inteiramente fisiológica, a das impressões cerebrais, embora nos fosse necessário lançar mão da intervenção da alma. Ora, se os materialistas ainda não puderam dar uma solução satisfatória para este fenômeno, é porque não querem admitir a alma. Por isso mesmo, dirão que a nossa explicação é má, já que nos apoiamos em um princípio que é contestado. Contestado por quem? Por eles, mas admitido pela imensa maioria das criaturas, desde que houve homens na Terra. A negação de alguns, portanto, não pode constituir lei.

Nossa explicação é boa? Apresentamos a nossa pelo que ela possa valer, em falta de outra e, se quiserem, a título de simples hipótese, enquanto não aparece coisa melhor. Tal como foi dada, pode explicar todos os casos de visão? Claro

que não. Desafiamos, porém, os fisiologistas a apresentarem uma explicação que, do seu ponto de vista exclusivo, resolva todos os casos, já que nada dizem quando pronunciam as palavras sacramentais: superexcitação e exaltação. Sendo assim, e levando-se em conta que todas as teorias da alucinação se mostram incapazes de explicar todos os fatos, é que existe alguma coisa além da alucinação propriamente dita. Nossa teoria seria falsa se a aplicássemos a todos os casos de visão, porque alguns poderiam contradizê-la. É, porém, legítima, desde que restrita a alguns efeitos.

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no "Sumário" da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. de A. K.:** Veja-se, para maiores detalhes sobre o estado do Espírito durante o sono, *O Livro dos Espíritos*, o capítulo "Emancipação da alma", questão 409.

[3]**N. de A. K.:** Entre outros, o Sr. Home.

[4]**N. de A. K.:** Não se deve tomar esta palavra ao pé da letra. Somente a empregamos por falta de outra e a título de comparação.

[5]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no "Sumário" da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

CAPÍTULO VII

Bicorporeidade e Transfiguração

• Aparições de Espíritos de pessoas vivas

• Homens duplos

• Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua

• Vespasiano

• Transfiguração

• Invisibilidade

114. A bicorporeidade e a transfiguração são variedades do fenômeno das manifestações visuais e, por mais maravilhosos que possam parecer à primeira vista, facilmente se reconhecerá, pela explicação que deles se pode dar, que não estão fora dos fenômenos naturais. Ambos se fundamentam no princípio de que tudo o que foi dito sobre as propriedades do perispírito após a morte também se aplica ao perispírito dos vivos. Sabemos que durante o sono o Espírito recobra parcialmente a sua liberdade, isto é, isola-se do corpo, e foi nesse estado que, em muitas ocasiões, tivemos a chance de observá-los. Mas o Espírito, quer o homem esteja vivo, quer morto, traz sempre o seu envoltório semimaterial que, pelas mesmas causas que já narramos, pode adquirir a visibilidade e a tangibilidade. Há fatos bastante positivos, que não podem deixar qualquer dúvida a tal respeito. Citaremos apenas alguns exemplos, que conhecemos pessoalmente e cuja exatidão podemos garantir. Aliás, se consultarem as suas recordações, todas as pessoas haverão de registrar outros fatos análogos.

Aparições de Espíritos de pessoas vivas[1]

115. A mulher de um amigo nosso viu inúmeras vezes entrar no seu quarto, durante a noite, houvesse ou não claridade, uma vendedora de frutas da vizinhança, que ela conhecia de vista, mas com quem jamais havia falado. Essa aparição lhe causou grande pavor, não só porque na época em que se deu ela não conhecia o Espiritismo, como também porque se repetia com muita frequência.

Ora, a vendedora de frutas estava perfeitamente viva e provavelmente dormia naquela hora. Assim, enquanto o seu corpo material repousava na sua casa, seu Espírito, com o respectivo corpo fluídico, se dirigia à casa da senhora em questão. Por que motivo? É o que não se sabe. Diante de tal fato, um espírita familiarizado com esse tipo de fenômeno já teria interrogado a aparição, mas a referida senhora nem mesmo teve essa ideia. Invariavelmente a aparição se desfazia, sem que ela soubesse como, certificando-se aquela dama, após cada desaparecimento, de que todas as portas estavam bem fechadas, de modo que ninguém poderia ter entrado no seu quarto. Esta precaução lhe deu a prova de que estava completamente acordada na ocasião e de que não fora joguete de um sonho.

De outras vezes ela viu, da mesma maneira que havia visto a vendedora de frutas, um homem que lhe era desconhecido. Certo dia viu seu próprio irmão, que se encontrava na Califórnia. A aparência era tão perfeita, tão real, que no primeiro momento ela acreditou que o irmão havia regressado. Quis dirigir-lhe a palavra, mas logo o vulto desapareceu, sem lhe dar tempo para isso. Uma carta recebida depois lhe trouxe a prova de que o irmão, que ela vira antes, não havia morrido. Essa senhora era o que se pode chamar um médium vidente natural. Mas, como já dissemos, naquela época ela ainda não ouvira falar de médiuns.

116. Outra senhora, que reside no interior, estando gravemente enferma, viu certa noite, por volta das dez horas, um senhor idoso que residia na mesma cidade e com o qual já havia se encontrado algumas vezes em reuniões sociais, embora não existissem relações mais estreitas entre ambos. Estava sentado numa poltrona ao pé de sua cama e, de vez em quando, tomava uma pitada de rapé. Parecia velar por ela. Surpreendida com semelhante visita àquela hora, quis perguntar-lhe por que motivo ali estava, mas o senhor lhe fez sinal para que não falasse e tratasse de dormir. Tentou falar com ele várias vezes, mas, com o mesmo gesto, era sempre impedida de fazê-lo. A senhora acabou por adormecer. Alguns dias depois, já restabelecida, recebeu a visita do referido senhor, mas em hora conveniente; dessa vez, era ele realmente quem estava lá. Usava a mesma roupa, a mesma caixa de rapé e os modos eram os mesmos. Certa de que ele a visitara durante sua enfermidade, agradeceu-lhe o incômodo a que se dera. Bastante surpreso, o homem declarou que há muito tempo não tinha a satisfação de vê-la. A senhora, que já conhecia os fenômenos espíritas, compreendeu o fato que se passara, mas, não querendo entrar em maiores explicações com ele, limitou-se a dizer que provavelmente havia sonhado.

É o mais provável, dirão os incrédulos, os “espíritos fortes”, para quem essa expressão é sinônimo de pessoas esclarecidas. O que é certo, entretanto, é que aquela senhora não dormia, como também não dormia a outra de que já falamos. Então é porque sonhava acordada, ou... teve uma alucinação! Aí está a palavra mágica, a explicação universal de tudo o que não se compreende. Como já refutamos bastante essa objeção, prosseguiremos com o nosso estudo, dirigindo-nos aos que nos podem compreender.

117. Eis, porém, outro fato ainda mais característico. Estamos mesmo curiosos em saber como poderiam explicá-lo por meio de um simples jogo da imaginação.

Trata-se de um senhor do interior que, apesar do empenho da família, jamais quis casar-se. Pediam insistentemente que desposasse uma moça que residia numa cidade vizinha e que ele jamais vira. Certo dia, estando no seu quarto, teve a enorme surpresa de se ver em presença de uma jovem vestida de branco e com a cabeça enfeitada por uma coroa de flores. Disse-lhe que era sua noiva e lhe estendeu a mão, que ele tomou nas suas, notando que ela usava um anel. Em poucos instantes tudo desapareceu. Surpreendido com aquela aparição, e depois de certificar-se de que estava perfeitamente acordado, perguntou se alguém estivera ali durante o dia, sendo informado de que nenhuma pessoa fora vista em sua casa. Um ano depois, cedendo a novas solicitações de uma parenta, resolveu conhecer a moça que lhe propunham. Chegou à cidade onde ela morava no dia de Corpus Christi; todos já haviam voltado da procissão. Uma das primeiras pessoas que lhe surgiram diante dos olhos, ao entrar na casa que ia visitar, foi uma jovem, que ele logo reconheceu como a mesma moça que lhe havia aparecido. Usava roupas idênticas à da aparição, que também se dera num dia de Corpus Christi. Ficou muito perturbado, e a mocinha, por seu lado, gritou e sentiu-se mal. Voltando a si, disse já ter visto aquele senhor, um ano antes. O casamento foi realizado. Isso se deu por volta de 1835, época em que ainda não se cogitava de Espíritos. Por outro lado, os dois protagonistas deste episódio são extremamente positivistas e dotados da imaginação menos exaltada que há no mundo.

Talvez aleguem que o casal tivesse o espírito despertado pela ideia da união proposta e que essa preocupação determinou uma alucinação. Não devemos esquecer, porém, que o futuro marido se conservara tão indiferente ao caso, que deixou passar um ano sem ir ver a sua pretendida. Todavia, mesmo que se admita esta hipótese, restaria explicar ainda a dupla aparição, a coincidência do

vestuário com o dia de Corpus Christi e, por fim, o reconhecimento físico e recíproco que se deu entre pessoas que jamais se viram, circunstâncias que não podem ser produto da imaginação.

118. Antes de prosseguirmos, devemos responder imediatamente a uma pergunta que não deixará de ser feita: como o corpo pode viver, enquanto o Espírito está ausente? Poderíamos dizer que o corpo vive a vida orgânica, que independe da presença do Espírito, e a prova disto é que as plantas vivem e não têm Espírito. No entanto, devemos acrescentar que, durante a vida, o Espírito nunca se acha completamente separado do corpo. Do mesmo modo que alguns médiuns videntes, os Espíritos reconhecem o Espírito de uma pessoa viva por um rastro luminoso que termina no corpo, fenômeno que jamais ocorre quando o corpo está morto, porque, então, a separação é completa. É por meio dessa comunicação que o Espírito é avisado imediatamente da necessidade de voltar ao corpo, seja qual for a distância que os separe, dando-se o regresso com a rapidez do relâmpago. Consequentemente, o corpo não pode morrer durante a ausência do Espírito, nem pode acontecer que o Espírito, ao regressar, encontre a porta fechada, conforme têm dito alguns romancistas em suas histórias recreativas. (*O Livro dos Espíritos*, questões 400 e seguintes.)

Homens duplos[2]

119. Voltemos ao nosso assunto. Quando isolado do corpo, o Espírito de uma pessoa viva, do mesmo modo que o Espírito de alguém que morreu, pode mostrar-se com todas as aparências da realidade. Além disso, pelos mesmos motivos que já explicamos, pode adquirir tangibilidade momentânea. Foi esse fenômeno, designado pelo nome de *bicorporeidade*, que deu motivo às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar. Citamos aqui dois exemplos, tirados, não das lendas populares, mas da história eclesiástica.

Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua[3]

Santo Afonso de Liguori foi canonizado antes do tempo exigido, por se haver mostrado simultaneamente em dois locais diferentes, o que passou por milagre.

Santo Antônio de Pádua estava na Itália e no instante em que ali pregava, seu pai, que se encontrava em Lisboa, ia ser supliciado, sob a acusação de haver cometido um assassínio. No momento da execução, o santo aparece e demonstra a inocência do pai, dando a conhecer o verdadeiro criminoso, que mais tarde sofreu o castigo. Comprovou-se que, naquele instante, Santo Antônio não havia deixado a Itália.[4]

Resolvemos evocar e interrogar Santo Afonso acerca do fato acima. Eis as respostas que ele nos deu:

1. *Poderias explicar-nos esse fenômeno?*

"Perfeitamente. Quando o homem, por suas virtudes, chegou a desmaterializar-se completamente; quando conseguiu elevar sua alma para Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: ao sentir que lhe vem o sono, o Espírito encarnado pode pedir a Deus que lhe seja permitido transportar-se a um lugar qualquer. Seu Espírito, ou sua alma, como quiseres, abandona então o corpo, acompanhado de uma *parte* do seu perispírito, e deixa a matéria impura num estado próximo do da morte. Digo *próximo* do da morte, porque no corpo ficou um laço que liga o perispírito e a alma à matéria, laço este que não pode ser definido. O corpo aparece, então, no lugar desejado. Creio que seja o tudo o que queres saber."

2. *Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.*

"Estando desprendido da matéria, de acordo com o seu grau de elevação, o Espírito pode tornar-se tangível à matéria."

3. *O sono do corpo é indispensável para que o Espírito apareça em outros lugares?*

"A alma é capaz de dividir-se, desde que se sinta atraída para um lugar diferente daquele onde se acha seu corpo. Pode acontecer que o corpo não durma, embora isto seja muito raro. Em todo caso, jamais se encontrará num estado perfeitamente normal; estará sempre num estado mais ou menos extático."

> Observação – A alma não se divide, no sentido literal da palavra. Irradia-se para diversos lados e pode assim manifestar-se em muitos pontos, sem se haver fracionado. Dá-se a mesma coisa que se dá com a luz, que pode refletir-se simultaneamente em muitos espelhos.

4. *Imaginemos um homem mergulhado no sono, enquanto seu Espírito*

aparece em outro lugar. O que aconteceria se alguém o despertasse de repente?

"Isso não aconteceria, porque, se alguém tivesse a intenção de despertar o homem, o Espírito seria prevenido dessa intenção e retornaria ao corpo, pois o Espírito lê os pensamentos."

Observação – Muitas vezes já nos foi dada explicação idêntica, por Espíritos de pessoas mortas ou vivas. Santo Afonso explica o fato da dupla presença, mas não a teoria da visibilidade e da tangibilidade.

Vespasiano[5]

120. Tácito refere um fato análogo:

Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria, aguardando a volta periódica dos ventos estivais e da estação em que o mar oferece segurança, muitos prodígios aconteceram, pelos quais se manifestaram a proteção do céu e o interesse que os deuses pareciam tomar por aquele príncipe...

Esses prodígios redobraram em Vespasiano o desejo de visitar a morada sagrada dos deuses, para consultá-los sobre as coisas do Império. Ordenou que o templo fosse fechado para todos e, tendo nele entrado, estava muito atento ao que ia dizer o oráculo, quando percebeu, por detrás de si, um dos eminentes egípcios, chamado Basílide, que ele sabia estar doente em lugar distante muitos dias de Alexandria. Perguntou aos sacerdotes se Basílide viera ao templo naquele dia, informou-se com os transeuntes se o tinham visto na cidade e, por fim, despachou alguns homens a cavalo para colher informações sobre ele, vindo a saber que, no momento em que Basílide lhe aparecera, estava a oitenta milhas de distância. Desde então não teve mais dúvida de que a visão era sobrenatural e o nome de Basílide lhe ficou valendo por um oráculo. (Tácito: *Histórias*, livro IV, caps. 81 e 82. Tradução de Burnouf.)

121. O indivíduo que se mostra simultaneamente em dois lugares diferentes tem, portanto, dois corpos. Mas, desses dois corpos, somente um é real, o outro é simples aparência. Pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e que o segundo tem a vida da alma. Quando o indivíduo desperta, os dois corpos se reúnem e a vida da alma volta ao corpo material. Não parece possível – pelo menos não temos exemplo algum do fato e a razão o demonstra – que, quando separados, os dois corpos possam gozar, simultaneamente e no mesmo grau, da

vida ativa e inteligente. Além disso, pode-se deduzir, com base no que acabamos de falar, que o corpo real não poderia morrer, enquanto o corpo aparente se conservasse visível, uma vez que a aproximação da morte sempre atrai o Espírito para o corpo, ainda que apenas por um instante. Do mesmo modo, o corpo aparente não poderia ser assassinado, porque não é orgânico, não é formado de carne e osso. Desapareceria no momento em que o quisessem matar.[6]

Transfiguração[7]

122. Passemos ao segundo fenômeno, o da *transfiguração*. Consiste na mudança de aspecto de um corpo vivo. Eis um fato dessa natureza, cuja perfeita autenticidade podemos garantir, ocorrido durante os anos de 1858 e 1859, nos arredores de Saint-Étienne:

Uma jovem de cerca de quinze anos gozava da singular faculdade de se transfigurar, isto é, de tomar, em dados momentos, todas as aparências de certas pessoas mortas. A ilusão era tão completa que se acreditava ter diante de si a própria pessoa, cuja aparência ela tomava, tal a semelhança dos traços fisionômicos, do olhar, do som da voz e, até mesmo, de certas expressões coloquiais. Esse fenômeno se repetiu centenas de vezes, sem qualquer participação da vontade da jovem. Tomou várias vezes a aparência de seu irmão, falecido alguns anos antes. Reproduzia-lhe não somente o semblante, como também o porte e a corpulência. Um médico do lugar, que muitas vezes havia presenciado esses estranhos efeitos, querendo assegurar-se de que não era vítima de ilusão, fez interessante experiência. Colhemos as informações dele mesmo, do pai da moça e de diversas outras testemunhas oculares, muito honradas e dignas de crédito. O médico teve a ideia de pesar a jovem no seu estado normal e durante a transfiguração, quando apresentava a aparência do irmão, que contava, ao morrer, vinte e tantos anos, e que era mais alto do que ela e de compleição mais forte. Pois bem! Verificou que o peso da jovem quase dobrava, quando estava transfigurada. A experiência era conclusiva, de modo que se tornava impossível atribuir-se aquela aparência a uma simples ilusão de óptica.

Tentemos explicar esse fato, que em outro tempo teria sido qualificado de milagre e que hoje chamamos simplesmente de fenômeno.

123. Em alguns casos, a transfiguração pode originar-se de uma simples contração muscular, capaz de dar à fisionomia uma expressão muito diferente da

habitual, a ponto de tornar a pessoa quase irreconhecível. Já o observamos diversas vezes com alguns sonâmbulos; mas, nesse caso, a transformação não é radical. Uma mulher poderá aparecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre uma mulher e, sobretudo, seu peso não aumentará, nem diminuirá. No caso de que tratamos, é evidente que existe mais alguma coisa. A teoria do perispírito vai nos esclarecer.

Admite-se, em princípio, que o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências; que, mediante uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, por conseguinte, a *opacidade*; que o perispírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, é passível das mesmas transformações; e que essa mudança de estado se opera pela combinação dos fluidos. Imaginemos, agora, o perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas irradiando-se em volta do corpo, de maneira a envolvê-lo numa espécie de vapor. Nesse estado, o perispírito pode sofrer as mesmas modificações que sofreria, caso estivesse separado do corpo. Se perder a sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível e ficar velado, como se estivesse mergulhado num nevoeiro. Poderá mesmo mudar de aspecto, fazer-se brilhante, se tal for a vontade ou o poder do Espírito. Um outro Espírito, combinando seus próprios fluidos com os do primeiro, poderá imprimir a aparência que lhe é própria, de tal sorte que o corpo real desaparecerá sob o envoltório fluídico exterior, cuja aparência pode variar à vontade do Espírito. Esta parece ser a verdadeira causa do estranho e raro fenômeno da transfiguração.

Quanto à diferença de peso, explica-se da mesma maneira por que explicamos o peso dos corpos inertes. O peso intrínseco do corpo não variou, porque não aumentou nele a quantidade de matéria. Sofreu, porém, a influência de um agente exterior, que pode aumentar ou diminuir o seu peso relativo, conforme explicamos nos itens 78 e seguintes. É provável, portanto, que se a transfiguração tivesse tomado o aspecto de uma criança, o peso teria diminuído proporcionalmente.

Invisibilidade[8]

124. Compreende-se que o corpo possa tomar uma aparência maior do que a sua ou das mesmas dimensões. Como, entretanto, poderia assumir uma aparência de dimensão menor, a de uma criança, conforme acabamos de dizer?

Neste caso, não será de prever que o corpo real ultrapasse os limites do corpo aparente? Por isso mesmo não dizemos que o fato se tenha produzido; apenas quisemos mostrar, quando nos referimos à teoria do peso específico, que o peso aparente poderia ter diminuído. Quanto ao fenômeno em si, não afirmamos nem a sua possibilidade nem a sua impossibilidade. Supondo que viesse a ocorrer, o fato de não se poder explicá-lo satisfatoriamente não o infirmaria de modo algum. Não se deve esquecer que nos achamos no começo da ciência e que ela está longe de haver dito a última palavra sobre esse ponto, como sobre muitos outros. Afinal de contas, as partes excedentes poderiam muito bem ser tornadas invisíveis.

A teoria do fenômeno da invisibilidade ressalta naturalmente das explicações precedentes e das que foram dadas nos itens 96 e seguintes, a respeito do fenômeno dos transportes.

125. Resta-nos falar do estranho fenômeno dos agêneres que, por mais extraordinário nos pareça à primeira vista, não é mais sobrenatural do que os outros. Como, porém, já o explicamos na *Revista Espírita* (fevereiro de 1859), julgamos inútil tratar dele aqui em detalhes. Diremos apenas que é uma variedade da aparição tangível. É o estado em que certos Espíritos podem revestir momentaneamente as formas de uma pessoa viva, a ponto de causar completa ilusão. (Do grego *a*, privativo, e *geine*, *geinomai*, gerar: que não foi gerado.)

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. do T.:** Estes subtítulos não faziam parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Constam, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual os inserimos nesta versão.

[3]**N. do T.:** Estes subtítulos não faziam parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Constam, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual os inserimos nesta versão.

[4]**N. do T.:** O fato histórico ocorreu exatamente como relatamos acima, embora no original francês Allan Kardec o tenha narrado sob a seguinte versão: “Santo Antônio de Pádua estava na **Espanha** e no instante em que ali pregava, seu pai, que se encontrava em **Pádua**, ia ser supliciado, sob a acusação de haver cometido um assassínio. No momento da execução, o santo aparece e demonstra a inocência do pai, dando a conhecer o verdadeiro criminoso, que mais tarde sofreu o castigo. Comprovou-se que, naquele instante, Santo Antônio não havia deixado a **Espanha**”. (Grifos nossos.)

[5]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta

versão.

[6]**N. de A. K.:** Ver na *Revista Espírita,* janeiro de 1859: “O louquinho de Bayonne”; fevereiro de 1859: “Os agêneres”, “Meu amigo Hermann”; maio de 1859: “Ligação entre Espírito e corpo”; novembro de 1859: “A alma errante”; janeiro de 1860: “O Espírito de um lado e o corpo do outro”; março de 1860: “Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas: o Dr. V. e a Srta. I.”; abril de 1860: “O fabricante de São Petersburgo”, “Aparições tangíveis”; novembro de 1860: “História de Maria Agreda”; julho de 1861: “Uma aparição providencial”.

[7]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[8]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

CAPÍTULO VIII

Laboratório do Mundo Invisível

• Vestuário dos Espíritos

• Formação espontânea de objetos tangíveis

• Modificação das propriedades da matéria

• Ação magnética curadora

Vestuário dos Espíritos[1]

126. Já dissemos que os Espíritos se apresentam vestidos de túnicas, envoltos em amplas roupagens, ou mesmo com os trajes que usavam em vida. O envolvimento em tecidos de gaze parece ser um costume geral no mundo dos Espíritos. Mas onde eles vão buscar esses vestuários, semelhantes em tudo aos que usavam quando vivos, com todos os acessórios que os completavam? É claro que não levaram consigo esses objetos, pois que os objetos reais ainda se encontram sob as nossas vistas. De onde então provêm os que eles usam no outro mundo? Esta questão era bastante intrigante, mas, para muita gente, não passava de simples motivo de curiosidade. Não obstante, confirmava uma importante questão de princípio, porque sua solução nos encaminhou à descoberta de uma lei geral, que também encontra aplicação no nosso mundo corpóreo. Numerosos fatos vieram complicar o assunto e demonstrar a insuficiência das teorias com que tentaram explicá-lo.

Até certo ponto se poderia compreender a existência do traje, porque de algum modo pode ser considerado como fazendo parte do indivíduo. O mesmo, porém, não acontece com os objetos acessórios, como a caixa de rapé do visitante da senhora doente, por exemplo, tratada no item 116. Notemos, a propósito, que ali não se tratava de um morto, mas de um vivo, e que o referido senhor, quando voltou em pessoa, trazia na mão uma caixa de rapé semelhante em tudo à da aparição. Onde, pois, o seu Espírito havia encontrado a que tinha consigo, quando estava sentado junto ao leito da doente? Poderíamos citar grande número de casos em que Espíritos de mortos ou de pessoas vivas

apareceram com diversos objetos, tais como bengalas, armas, cachimbos, lanternas, livros etc.

Veio-nos então a ideia de que, possivelmente, os corpos inertes do mundo material poderiam ter correspondentes etéreos no mundo invisível; que a matéria condensada que forma os objetos poderia ter uma parte quintessenciada, que nos escapa aos sentidos. Esta teoria não era destituída de verossimilhança, mas não explicava todos os fatos. Um deles, principalmente, parecia frustrar todas as interpretações. Até então, não se tratara senão de imagens ou aparências. Vimos perfeitamente bem que o perispírito pode adquirir as propriedades da matéria e tornar-se tangível, mas essa tangibilidade é apenas momentânea e o corpo sólido se desvanece como uma sombra. Já é um fenômeno extraordinário; porém, o que é ainda mais extraordinário é a produção de matéria sólida persistente, provada por numerosos fatos autênticos, notadamente o da escrita direta, de que trataremos com minúcias em capítulo especial. Todavia, como este fenômeno se liga intimamente ao assunto de que agora tratamos, constituindo uma de suas mais positivas aplicações, anteciparemos a ordem em que deveria aparecer.

127. A escrita direta, ou *pneumatografia*, é a que se produz espontaneamente, sem o concurso da mão do médium nem do lápis. Basta que se tome de uma folha de papel em branco, o que pode ser feito com as precauções necessárias para se prevenir qualquer fraude, dobrá-la e depositá-la em qualquer parte, numa gaveta ou simplesmente sobre um móvel. Feito isso, se a pessoa estiver em condições favoráveis, dentro de algum tempo aparecerão, traçados no papel, letras, sinais diversos, palavras, frases e até dissertações, na maioria das vezes com uma substância escura semelhante à grafita; ou, então, com lápis vermelho, tinta comum e mesmo tinta de impressão. Eis o fato em toda a sua simplicidade e cuja reprodução, embora pouco comum, não é tão rara assim, visto que há pessoas que a obtêm com grande facilidade. Se, juntamente com o papel, se pusesse um lápis, poder-se-ia supor que o Espírito se servira dele para escrever. Desde, porém, que o papel é deixado inteiramente só, torna-se evidente que a escrita se formou por meio de uma matéria depositada sobre ele. De onde o Espírito tirou essa matéria? Eis o problema, a cuja solução fomos levados pela caixa de rapé a que nos referimos pouco atrás.

Formação espontânea de objetos tangíveis[2]

128. Foi o Espírito São Luís que nos deu essa solução, por meio das seguintes respostas:

1. *Citamos um caso de aparição do Espírito de uma pessoa viva. Esse Espírito tinha uma caixa de rapé, cujo pó aspirava. A sensação que ele experimentava era idêntica à que sente um indivíduo quando cheira rapé?*

"Não."

2. *A caixa de rapé tinha a mesma forma da tabaqueira de que ele se servia habitualmente e que estava guardada em sua casa. Que vinha a ser aquela caixa nas mãos da aparição?*

"Uma aparência. Era para que a circunstância fosse notada, como realmente foi, e não tomassem a aparição por uma alucinação devida ao estado de saúde da vidente. O Espírito queria que a senhora em questão acreditasse na realidade da sua presença, tomando, para isso, todas as aparências da realidade."

3. *Disseste que era uma aparência; mas uma aparência nada tem de real, é como uma ilusão de óptica. Gostaríamos de saber se aquela caixa de rapé era apenas uma imagem sem realidade ou se nela havia alguma coisa de material?*

"Certamente. É com auxílio deste princípio material que o perispírito toma a aparência de vestuários semelhantes aos que o Espírito usava quando encarnado."

> Observação – É evidente, neste caso, que devemos entender a palavra aparência no seu sentido de aspecto, de imitação. A caixa de rapé real não estava lá; a que o Espírito segurava era apenas a representação da verdadeira. Era, pois, com relação à caixa original, uma simples aparência, embora formada de um princípio material.

A experiência nos ensina que nem sempre devemos tomar ao pé da letra certas expressões utilizadas pelos Espíritos. Interpretando-as de acordo com as nossas ideias, nós nos expomos a grandes equívocos. É por isso que precisamos aprofundar o sentido de suas palavras, todas as vezes que apresentarem a menor ambiguidade. Trata-se de uma recomendação que os próprios Espíritos nos fazem constantemente. Sem a explicação que provocamos, o termo *aparência*, incessantemente repetido nos casos análogos, poderia prestar-se a uma interpretação falsa.

4. *A matéria inerte pode desdobrar-se? Porventura haveria no mundo invisível uma matéria essencial, capaz de tomar a forma dos objetos que vemos? Numa palavra, esses objetos terão o seu duplo etéreo no mundo invisível, como*

os homens são nele representados pelos Espíritos?

“Não é assim que as coisas se passam. Os Espíritos dispõem, sobre os elementos materiais disseminados por todos os pontos do espaço, na vossa atmosfera, de um poder que estais longe de suspeitar. Podem, pois, concentrar à vontade esses elementos e dar-lhes a forma aparente que corresponda à dos objetos materiais.”

Observação – Como se pode ver, esta pergunta era a tradução do nosso pensamento, isto é, da ideia que formávamos da natureza de tais objetos. Se as respostas fossem o reflexo do pensamento, conforme pretendem alguns, teríamos obtido a confirmação da nossa teoria e não uma teoria contrária.

5. *Faço novamente a pergunta, de modo categórico, a fim de evitar todo e qualquer equívoco: as vestes com que os Espíritos se cobrem são alguma coisa?*

“Creio que a minha resposta precedente resolve a questão. Não sabeis que o próprio perispírito é alguma coisa?”

Modificação das propriedades da matéria[3]

6. *Presume-se, com base nesta explicação, que os Espíritos submetem a matéria etérea às transformações que bem entendam. Assim, por exemplo, com relação à caixa de rapé, o Espírito não a encontrou completamente feita; ele mesmo a fez, no momento em que teve necessidade dela, por ato de sua vontade. E, do mesmo modo que a fez, pôde desfazê-la. É isso mesmo que acontece com todos os outros objetos, como vestuários, joias etc.?*

“Mas evidentemente.”

7. *A caixa de rapé era tão perfeita que produziu na mulher a ilusão de uma tabaqueira material. O Espírito poderia torná-la tangível para ela?*

“Poderia.”

8. *Já que é assim, aquela senhora poderia tomá-la nas mãos, certa de estar segurando uma caixa de rapé verdadeira?*

“Sim.”

9. *Se abrisse a caixa, encontraria rapé no seu interior? E se aspirasse o rapé, ele a faria espirrar?*

“Sim.”

10. *Então o Espírito pode dar a um objeto não somente a forma, mas também propriedades especiais?*

“Se o quiser. Foi baseado neste princípio que respondi afirmativamente às perguntas anteriores. Tereis provas da poderosa ação que os Espíritos exercem sobre a matéria, ação que estais longe de suspeitar, como eu disse há pouco.”

11. *Suponhamos, então, que quisesse fazer uma substância venenosa. Se uma pessoa a ingerisse, ficaria envenenada?*

“Embora fosse capaz de fazê-la, o Espírito não o faria, porque isso não lhe é permitido.”

12. *Poderá fazer uma substância salutar que sirva para curar uma enfermidade? E já se terá apresentado algum caso destes?*

“Sim, muitas vezes.”

13. *Então, poderia fazer também uma substância alimentar? Suponhamos que tenha feito uma fruta, uma iguaria qualquer: se alguém pudesse comer a fruta ou a iguaria, ficaria saciado?*

“Ficaria, sim; mas não procureis tanto para achar o que é tão fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis aos vossos órgãos grosseiros essas partículas materiais que enchem o espaço onde viveis. Não sabeis que o ar contém vapores d’água? Se os condensardes, eles voltarão ao estado normal. Privai do calor essas moléculas impalpáveis e invisíveis e elas se tornarão um corpo sólido e bem sólido; e, assim, muitas outras substâncias de que os químicos tirarão maravilhas ainda mais surpreendentes. É que os Espíritos dispõem de instrumentos mais perfeitos do que os vossos: a vontade e a permissão de Deus.”

Observação – A questão da saciedade é aqui muito importante. Como uma substância pode produzir a saciedade, se sua existência e propriedades são meramente temporárias e, de certo modo, convencionais? O que acontece é que essa substância, pelo seu contato com o estômago, produz a *sensação* da saciedade, mas não a saciedade que resulta da plenitude. Desde que uma substância dessa natureza pode atuar sobre a economia e modificar um estado mórbido, também pode, perfeitamente, atuar sobre o estômago e produzir aí a impressão da saciedade. Rogamos, todavia, aos senhores farmacêuticos e donos de restaurantes que não se sintam enciumados, nem creiam que os Espíritos lhes venham fazer concorrência. Esses casos são raros, excepcionais e nunca dependem da vontade. Se não fosse assim, todos se alimentariam e se curariam a preço baratíssimo.

14. *Os objetos que se tornam tangíveis graças à vontade do Espírito poderiam permanecer com esse caráter e serem usados como objetos comuns?*

“Isso poderia acontecer, *mas não se faz*. Está fora das leis.”

15. *Todos os Espíritos detêm, no mesmo grau, o poder de produzir objetos tangíveis?*

“É fora de dúvida que quanto mais elevado é o Espírito, tanto mais facilmente o consegue. Porém, ainda aqui, tudo depende das circunstâncias: Espíritos inferiores podem ter esse poder.”

16. *O Espírito tem sempre o conhecimento exato da maneira pela qual compõe suas vestes ou dos objetos cuja aparência ele torna visível?*

“Não. Muitas vezes contribui para a formação de todas essas coisas, praticando um ato instintivo, que ele próprio não compreende, se já não estiver bastante esclarecido para isso.”

17. *Já que o Espírito pode extrair do elemento universal os materiais que lhe são necessários à produção de todas essas coisas e dar-lhes uma realidade temporária, com as propriedades que lhes são peculiares, também pode tirar dali o que for preciso para escrever, possibilidade que nos daria a explicação da escrita direta?*

“Afinal, chegaste aonde querias!”

Observação – Realmente, era aí que queríamos chegar com todas as nossas questões preliminares. A resposta prova que o Espírito havia lido o nosso pensamento.

18. *Se a matéria de que se serve o Espírito não tem persistência, por que os traços da escrita direta não desaparecem?*

“Não vos deixeis confundir pelas palavras. Primeiramente, não empreguei o termo ‘nunca’. Tratava-se de um objeto material volumoso, ao passo que aqui se trata de sinais que, por ser útil preservá-los, são conservados. O que eu quis dizer foi que os objetos assim compostos pelos Espíritos não poderiam tornar-se objetos de uso comum por não haver neles, realmente, agregação de matéria, como existe nos vossos corpos sólidos.”

129. A teoria acima pode ser resumida assim: o Espírito atua sobre a matéria; da matéria cósmica universal tira os elementos necessários para formar, como bem entenda, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar sobre a matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades. Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes

a exerce de modo instintivo, quando necessário, sem nada perceber. Os objetos que o Espírito forma têm existência temporária, subordinada à sua vontade ou a uma necessidade qualquer de sua parte. Pode fazê-los e desfazê-los à vontade. Em certos casos, esses objetos podem apresentar, aos olhos das pessoas vivas, todas as aparências da realidade, isto é, tornarem-se momentaneamente visíveis e até mesmo tangíveis. Há formação, e não criação, já que do nada o Espírito não pode tirar coisa alguma.

130. A existência de uma matéria elementar única está hoje praticamente admitida pela Ciência e confirmada pelos Espíritos, como acabamos de ver. Essa matéria dá origem a todos os corpos da Natureza e também produz, pelas transformações que sofre, as diversas propriedades desses mesmos corpos. Tanto é assim que, por efeito de simples modificação, uma substância salutar pode tornar-se venenosa, conforme numerosos exemplos que a Química nos oferece. Todos sabem que duas substâncias inofensivas, combinadas em certas proporções, podem dar origem a uma que seja deletéria. Uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, ambos inofensivos, formam a água. Juntai um átomo de oxigênio e tereis um líquido corrosivo. Mesmo sem mudar as proporções, basta muitas vezes a simples alteração no modo de agregação molecular para modificar as propriedades. É dessa forma que um corpo opaco pode tornar-se transparente *e vice-versa*. Ora, assim como o Espírito, servindo-se apenas da sua vontade, é capaz de exercer uma ação tão poderosa sobre a matéria elementar, por que não admitir que ele possa não só formar substâncias, mas também alterar as suas propriedades, usando como reativo a própria vontade?

Ação magnética curadora[4]

131. Esta teoria nos dá a solução de um fato bem conhecido em magnetismo, mas até hoje não explicado: o da mudança das propriedades da água pela ação da vontade. O Espírito atuante é o do magnetizador, quase sempre assistido por outro Espírito. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como já dissemos, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica ou elemento universal. Ora, se o magnetizador é capaz de operar uma modificação nas propriedades da água, também pode produzir um fenômeno análogo com os fluidos do organismo. Daí o efeito curativo da ação magnética, convenientemente dirigida.

Sabe-se do papel capital que desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Porém, como explicar a ação material de um agente tão sutil? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; não é nem mesmo uma propriedade da matéria mais etérea que exista. A vontade é atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre os seus componentes, possibilitando assim a transformação de suas propriedades íntimas.

A vontade é atributo do Espírito encarnado, tanto quanto do Espírito errante. Daí o poder do magnetizador, poder que se sabe estar na razão direta da força de vontade. Assim como o Espírito encarnado pode agir sobre a matéria elementar, também pode, dentro de certos limites, modificar as suas propriedades, o que explica a faculdade de cura pelo contato e pela imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem em grau mais ou menos elevado. (Veja-se, no capítulo sobre os “Médiuns”, o parágrafo referente aos “Médiuns curadores”. Veja-se também a *Revista Espírita*, de julho de 1859, os artigos: “O zuavo de Magenta”, “Um oficial do exército da Itália”.)

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[3]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[4]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

CAPÍTULO IX

Lugares Assombrados

132. As manifestações espontâneas, que em todos os tempos se têm produzido, bem como a persistência de alguns Espíritos em darem sinais ostensivos de sua presença em certas localidades, constituem a origem da crença na existência de lugares mal-assombrados. As respostas que se seguem foram dadas às perguntas que dirigimos aos Espíritos sobre este assunto:

1. *Os Espíritos se apegam somente às pessoas ou também às coisas?*

“Depende da elevação deles. Certos Espíritos podem apegar-se aos objetos terrenos. Os avarentos, por exemplo, que esconderam seus tesouros e que ainda não se acham bastante desmaterializados, podem vigiá-los e montar-lhes guarda.”

2. *Os Espíritos errantes têm predileção por alguns lugares?*

“O princípio continua sendo o mesmo. Os Espíritos que já não estão apegados à Terra preferem os lugares onde possam exercitar o amor. São atraídos mais pelas pessoas do que pelos objetos materiais. Entretanto, alguns deles podem ter, durante certo tempo, preferência por determinados lugares. Esses, porém, são sempre Espíritos inferiores.”

3. *Já que o apego dos Espíritos por um lugar é um sinal de inferioridade, não constituirá também uma prova de que sejam Espíritos maus?*

“Certamente que não. Um Espírito pode ser pouco adiantado, sem que por isso seja mau. Não se observa a mesma coisa entre os homens?”

4. *A crença de que os Espíritos têm preferência pelas ruínas apresenta algum fundamento?*

“Nenhum. Os Espíritos vão a tais lugares, como a qualquer outro. A imaginação dos homens, porém, despertada pelo aspecto lúgubre de certos locais, atribui à presença dos Espíritos o que quase sempre não passa de um efeito muito natural. Quantas vezes o medo não tem feito que se tome por fantasma a sombra de uma árvore, e por alma do outro mundo o grito de um animal ou o sopro do vento? Os Espíritos gostam da presença dos homens e por isso preferem os lugares habitados aos desabitados.”

4-a. *Entretanto, pelo que sabemos da diversidade de temperamento dos Espíritos, deve haver misantropos entre eles, que podem preferir a solidão.*

“Foi por isso que não respondi de modo absoluto à pergunta. Eu disse que eles podem ir aos lugares desertos, como a toda parte. É evidente que, se alguns se mantêm isolados, é porque assim lhes apraz, o que não constitui motivo para que forçosamente tenham predileção pelas ruínas. Os Espíritos se acham em muito maior número nas cidades e nos palácios do que no interior dos bosques.”

5. *Em geral, as crenças populares guardam um fundo de verdade. Qual terá sido a origem da crença em lugares mal-assombrados?*

“O fundo de verdade está na manifestação dos Espíritos, na qual o homem acreditou instintivamente desde todos os tempos. Mas, conforme já dissemos, o aspecto lúgubre de certos locais fere a sua imaginação, levando-o naturalmente a colocar nesses lugares os seres que ele considera sobrenaturais. Essa crença supersticiosa é alimentada pelas narrativas poéticas e pelos contos fantásticos com que o acalentaram na infância.”

6. *Os Espíritos têm predileção por determinados dias e horas para se reunirem?*

“Não. Os dias e as horas são medidas de tempo para uso dos homens e para a vida corpórea, das quais os Espíritos não necessitam e nem fazem nenhum caso.”

7. *De onde se originou a ideia de que os Espíritos aparecem de preferência à noite?*

“Da impressão que o silêncio e a obscuridade produzem na imaginação. Todas essas crenças são superstições que o conhecimento racional do Espiritismo destruirá. O mesmo se dá com os dias e as horas que muitos julgam lhes serem mais favoráveis. Ficai certo de que a influência da meia-noite jamais existiu, a não ser nos contos.”

7-a. *Sendo assim, por que então alguns Espíritos anunciam sua vinda para dias certos e determinados, como a sexta-feira, por exemplo?*

“São Espíritos que se aproveitam da credulidade dos homens para se divertirem. É pela mesma razão que uns se dizem o diabo ou dão a si mesmos nomes infernais. Mostrai-lhes que não sois tolos e eles não voltarão mais.”

8. *Os Espíritos preferem frequentar os túmulos onde repousam seus*

corpos?

“O corpo não era mais que uma vestimenta. Do mesmo modo que o prisioneiro não sente a menor atração pelas correntes que o prendem, os Espíritos também não ligam nenhuma importância ao envoltório que os fazia sofrer.”

8-a. *As preces que por eles fazemos junto de seus túmulos lhes são mais agradáveis e os atraem mais do que as feitas em outros lugares?*

“Como sabeis, a prece é uma evocação que atrai os Espíritos. Sua ação será tanto maior quanto mais fervorosa e sincera for. Ora, diante de um túmulo venerado, as pessoas se concentram mais facilmente do que em outra parte, e a conservação piedosa de relíquias é um testemunho de afeição que se dá ao Espírito e que nunca deixa de o sensibilizar. É sempre o pensamento que atua sobre o Espírito, e não os objetos materiais. Esses objetos exercem mais influência sobre aquele que ora do que sobre o Espírito, porque fixam melhor a atenção do encarnado.”

9. *À vista disso, parece que não se deve considerar absolutamente falsa a crença em lugares mal-assombrados.*

“Dissemos que certos Espíritos podem sentir-se atraídos por coisas materiais e também por certos locais, onde parecem estabelecer domicílio, até que desapareçam as circunstâncias que os faziam buscar esses lugares.”

9-a. *Quais as circunstâncias que podem levá-los a buscar tais lugares?*

“A simpatia por algumas das pessoas que os frequentam ou o desejo de se comunicarem com elas. Entretanto, nem sempre são louváveis as intenções que os animam. Quando são Espíritos maus, podem querer vingar-se das pessoas de quem guardam queixas. A permanência em determinado lugar também pode ser, para alguns Espíritos, uma punição que lhes é infligida, sobretudo se ali cometeram um crime, a fim de que o tenham constantemente diante dos olhos.”[1]

10. *São sempre os antigos moradores que assombram os lugares mal-assombrados?*

“Sempre, não; algumas vezes, sim. Se o antigo morador de um desses lugares for Espírito elevado, não se preocupará com a sua habitação terrena nem com o seu corpo. Os Espíritos que assombram certos lugares quase sempre o

fazem por mero capricho, a menos que para lá sejam atraídos pela simpatia que lhes inspirem certas pessoas.”

10-a. *Eles podem estabelecer-se num lugar desses, com vistas a protegerem uma pessoa ou a própria família?*

“Certamente, se forem Espíritos bons. Porém, neste caso, nunca manifestam sua presença por meios desagradáveis.”

11. *Haverá qualquer coisa de real na história da Dama Branca?*

“Apenas um conto, extraído de mil fatos verdadeiros.”

12. *Será racional o homem temer os lugares assombrados pelos Espíritos?*

“Não. Os Espíritos que assombram certos lugares e neles produzem desordens querem mais se divertir à custa da credulidade e da covardia dos homens, do que propriamente lhes fazer mal. Aliás, deveis lembrar-vos de que, havendo Espíritos por toda parte, sempre os tereis ao vosso lado, onde quer que estejais, mesmo nas casas mais sossegadas. Quase sempre, eles só assombram certas casas porque encontram nelas a oportunidade de manifestarem sua presença.”

13. *Haverá meios de os expulsar?*

“Sim, mas quase sempre o que se faz para afastá-los os atrai ainda mais. O melhor meio de expulsar os Espíritos maus consiste em atrair os bons. Atraí, pois, os Espíritos bons, praticando todo o bem que puderdes e os maus fugirão, visto que o bem e o mal são incompatíveis. Sede sempre bons e só tereis Espíritos bons ao vosso lado.”

13-a. *Entretanto, há pessoas muito bondosas que vivem às voltas com as estripulias dos Espíritos maus. Por quê?*

“Se essas pessoas são realmente boas, isso acontece talvez como prova, para exercitar a paciência delas e estimulá-las a se tornarem ainda melhores. Não acrediteis, porém, que as que falam das virtudes sejam as que mais as possuem. Aquele que é possuidor de qualidades reais quase sempre o ignora ou nunca fala a respeito.”

14. *Que pensar da eficácia do exorcismo para expulsar os Espíritos maus dos lugares mal-assombrados?*

“Já viste alguma vez esse meio dar resultado? Não tens visto, ao contrário,

as estripulias aumentarem de intensidade depois das cerimônias de exorcismo? É que os Espíritos se divertem ao serem tomados pelo diabo.

“Os Espíritos que não se apresentam com intenções malévolas também podem manifestar sua presença por meio de ruídos e até se tornando visíveis, mas nunca praticam estripulias que incomodam. Na maioria das vezes são Espíritos sofredores, que podeis aliviar orando por eles. De outras vezes são Espíritos benfazejos, que desejam provar a sua presença junto de vós, ou, então, Espíritos levianos que querem brincar. Como quase sempre os que perturbam o repouso são Espíritos que se divertem, o que melhor se tem a fazer é rir do que eles fazem. Logo se cansarão, quando perceberem que não conseguem amedrontar, nem impacientar ninguém.” (Veja-se atrás o capítulo V, “Manifestações Físicas Espontâneas”.)

Com base nas explicações acima, concluímos que há Espíritos que se apegam a certos lugares, preferindo permanecer neles, embora não tenham necessidade de manifestar sua presença por meio de efeitos sensíveis. Qualquer lugar pode servir de morada obrigatória ou predileta de um Espírito, mesmo que seja mau, sem que isso implique necessariamente a produção de alguma manifestação da parte deles.

Os Espíritos que se prendem a certas localidades, ou a certas coisas materiais nunca são Espíritos superiores, o que não significa que sejam maldosos, ou que alimentem alguma intenção má. Não raro, são até comensais mais úteis do que prejudiciais, já que podem proteger as pessoas pelas quais se interessam.

[1]**N. do A. K.:** Veja-se a Revista Espírita, de fevereiro de 1860: “História de um danado”.

CAPÍTULO X

Natureza das Comunicações

• Comunicações grosseiras

• Comunicações frívolas

• Comunicações sérias

• Comunicações instrutivas

133. Dissemos que todo efeito que revela, na sua causalidade, um ato de livre vontade, demonstra, por isso mesmo, uma causa inteligente, por mais insignificante que seja essa ação. Assim, um simples movimento de mesa, que responda ao nosso pensamento ou manifeste caráter intencional, pode ser considerado uma manifestação inteligente. Se o resultado se limitasse a isso, só despertaria em nós interesse muito secundário; contudo, já seria alguma coisa termos a prova de que há, em tais fenômenos, mais que uma ação puramente material, não obstante seja nula, ou muito restrita, a utilidade prática que daí possamos tirar. O quadro muda completamente de aspecto quando essa inteligência se desenvolve, permitindo troca regular e contínua de ideias. Já não se trata de simples manifestações inteligentes, mas de verdadeiras *comunicações*. Os meios de que hoje dispomos permitem que se obtenham comunicações tão extensas, tão explícitas e tão rápidas como as que mantemos com os homens.

Quem estiver bem compenetrado da variedade infinita que apresentam os Espíritos (*O Livro dos Espíritos*, questão 100, “Escala espírita”), sob o duplo aspecto da inteligência e da moralidade, facilmente se convencerá de que deve haver diferença entre as comunicações que eles dão, a se refletirem na elevação ou na baixeza de suas ideias, de seu saber e de sua ignorância, de seus vícios e de suas virtudes. Numa palavra, elas não devem assemelhar-se mais do que as dos homens, desde o selvagem até o europeu mais esclarecido. Podemos agrupá-las em quatro categorias principais, de acordo com as características distintivas que cada uma apresenta: *grosseiras*, *frívolas*, *sérias* e *instrutivas*.

Comunicações grosseiras[1]

134. *Comunicações grosseiras* são as que se traduzem por expressões que ferem o decoro. Só podem provir de Espíritos de baixa condição, ainda cobertos de todas as impurezas da matéria, e em nada diferem das comunicações dadas por homens viciosos e grosseiros. Repugnam a quem quer que tenha um mínimo de delicadeza de sentimentos. De acordo com o caráter dos Espíritos que as transmitem, serão triviais, ignóbeis, obscenas, insolentes, arrogantes, malévolas e mesmo ímpias.

Comunicações frívolas[2]

135. As *comunicações frívolas* emanam de Espíritos levianos, zombeteiros ou brincalhões, mais maliciosos do que maus, e que não ligam a menor importância ao que dizem. Como nada contêm de indecoroso, essas comunicações agradam a certas pessoas, que com elas se divertem, porque encontram prazer nas conversações fúteis, em que muito se fala e nada se diz. Tais Espíritos saem-se às vezes com tiradas espirituosas e mordazes e, por entre facécias vulgares, não raro dizem duras verdades, que quase sempre ferem com justeza. Esses Espíritos levianos pululam ao nosso redor e se aproveitam de todas as ocasiões para se intrometerem nas comunicações. Como a verdade é o que menos os preocupa, sentem malicioso prazer em mistificar os que têm a fraqueza e mesmo a presunção de acreditar nas suas palavras. As criaturas que se comprazem nesse gênero de comunicações naturalmente dão acesso aos Espíritos levianos e mistificadores. Os Espíritos sérios se afastam delas, do mesmo modo que, em nossa sociedade, os homens sérios se afastam das pessoas inconvenientes.

Comunicações sérias[3]

136. As *comunicações sérias* são dignas de atenção quanto ao assunto e elevadas quanto à forma. Toda comunicação que exclui frivolidade e grosseria e que tem em vista um fim útil, mesmo que seja de caráter particular, é uma comunicação séria, o que não significa que esteja sempre isenta de erros. Nem todos os Espíritos sérios são igualmente esclarecidos; há muitas coisas que eles ignoram e sobre as quais podem enganar-se de boa-fé. É por isso que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam sem cessar que submetamos todas as comunicações ao controle da razão e da mais rigorosa

lógica.

Com relação às comunicações sérias, precisamos distinguir as *verdadeiras* das *falsas*, o que nem sempre é fácil, porquanto é graças à própria gravidade da linguagem que certos Espíritos presunçosos ou pseudossábios, procuram impor as mais falsas ideias e os mais absurdos sistemas. E, para se fazerem mais acreditados e importantes, não têm escrúpulo de se adornarem com os mais respeitáveis nomes e até com os mais venerados. Esta é uma das maiores dificuldades da ciência prática; dela trataremos mais adiante, com todos os desenvolvimentos que a sua importância reclama, ao mesmo tempo que daremos a conhecer os meios de prevenção contra o perigo das falsas comunicações.

Comunicações instrutivas[4]

137. *As comunicações instrutivas* são comunicações sérias que têm como principal objetivo um ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos, sobre as ciências, a moral, a filosofia etc. São mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de *desmaterialização* do Espírito. Para se retirarem frutos reais dessas comunicações é preciso que elas sejam regulares e seguidas com perseverança. Os Espíritos sérios se apegam aos que desejam instruir-se e os ajudam em seus esforços, deixando aos Espíritos levianos a tarefa de divertirem os que só veem nas comunicações uma forma de distração passageira. É somente pela regularidade e frequência daquelas comunicações que se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais nos comunicamos. Ora, se é preciso experiência para julgar os homens, de muito mais habilidade necessitamos para julgar os Espíritos.

Dando a essas comunicações a qualificação de instrutivas, partimos da suposição de que elas sejam *verdadeiras*, pois o que não for *verdadeiro* não pode ser *instrutivo*, ainda que dito na mais imponente linguagem. Consequentemente, não poderíamos incluir nessa categoria certos ensinos que de sério só têm a forma, muitas vezes empolada e enfática, por meio da qual os Espíritos, mais presunçosos do que sábios, pretendem iludir os que os recebem. Porém, não conseguindo suprir a substância que lhes falta, são incapazes de sustentar por muito tempo o papel que procuram desempenhar, traindo-se logo e pondo a nu sua fraqueza, por pouca sequência que apresentem os seus ditados ou que se saiba empurrá-los até os seus últimos redutos.

138. Os meios de comunicação são bastante variados. Atuando sobre os nossos órgãos e sobre todos os nossos sentidos, os Espíritos podem manifestar-se à nossa visão por meio das aparições; ao nosso tato, por impressões tangíveis, visíveis ou ocultas; à audição pelos ruídos; ao olfato por meio de odores sem causa conhecida. Este último modo de manifestação, apesar de muito real, é, indiscutivelmente, o mais duvidoso, pelas múltiplas causas que podem induzir ao erro. Por isso, não nos deteremos em tratar dele. O que devemos examinar com cuidado são os diversos meios de se obterem comunicações, isto é, uma permuta regular e continuada de pensamentos. Esses meios são: *as pancadas*, *a palavra* e *a escrita*, que estudaremos em capítulos especiais.

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[3]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[4]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

CAPÍTULO XI

Sematologia e Tiptologia

• Linguagem dos sinais e das pancadas

• Tiptologia alfabética

Linguagem dos sinais e das pancadas[1]

139. As primeiras manifestações inteligentes foram obtidas por meio de pancadas ou da tiptologia. Esse meio primitivo, que se ressentia das condições iniciais da arte, só oferecia recursos muito limitados, tudo se reduzindo, nas comunicações, a respostas monossilábicas, por *sim*, ou por *não*, mediante convencionado número de pancadas. Mais tarde, como já dissemos, esse método foi aperfeiçoado.

As pancadas podem ser obtidas de duas maneiras, com o concurso de médiuns especiais. Geralmente, esse modo de operar exige certa aptidão para as manifestações físicas. A primeira, que se poderia chamar *tiptologia basculante*, consiste no movimento da mesa, que se levanta de um só lado e cai batendo com um dos pés. Basta para isso que o médium ponha a mão na sua borda. Se desejar conversar com determinado Espírito, será necessário evocá-lo. Caso contrário, manifesta-se o primeiro a chegar ou o que esteja acostumado a apresentar-se habitualmente. Tendo convencionado, por exemplo, que uma pancada significará *sim*, e duas *não* – ou vice-versa, o que é indiferente – o experimentador dirigirá ao Espírito as perguntas que quiser. Mais tarde, veremos as perguntas que devem ser evitadas. O inconveniente deste método está na brevidade das respostas e na dificuldade de formular a pergunta de modo a permitir a resposta por um *sim* ou por um *não*. Suponhamos que se pergunte ao Espírito: Que desejas? Ele só poderia responder com uma frase. Será preciso então dizer: desejas isto? Não. – Aquilo? Sim. E assim por diante.

140. Convém notar que, quando se emprega esse meio, o Espírito usa também de uma espécie de *mímica*, isto é, exprime a energia da afirmação ou da negação pela força das pancadas. Também expressa a natureza dos sentimentos que o animam: a violência, pela brusquidão dos movimentos; a cólera e a

impaciência, por meio de pancadas fortes e repetidas, como alguém que batesse os pés com raiva, chegando às vezes a jogar a mesa ao chão. Se for um Espírito amável e delicado, a mesa se inclinará no começo e no final da sessão, como se estivesse saudando alguém; se quiser dirigir-se diretamente a um dos assistentes, a mesa se moverá em sua direção com brandura ou violência, conforme deseje testemunhar-lhe afeição, ou antipatia. É essa, propriamente falando, a *sematologia*, ou linguagem dos sinais, como a tiptologia é a linguagem das pancadas.

Eis aqui um exemplo notável do emprego espontâneo da sematologia:

Certo dia, na sua sala de visitas, onde muitas pessoas se ocupavam com as manifestações, um senhor do nosso conhecimento recebeu uma carta nossa. Enquanto a lia, a mesinha de três pés que servia para as experiências veio repentinamente colocar-se ao seu lado. Concluída a leitura da carta, ele foi colocá-la sobre uma outra mesa, do lado oposto da sala. Logo a mesinha o acompanhou e se dirigiu para onde estava a carta. Surpreendido com essa coincidência, ele deduziu que havia alguma relação entre a carta recebida e aquele movimento. Interrogou o Espírito, que respondeu ser o nosso Espírito familiar. Informado do ocorrido, perguntamos, por nossa vez, a esse Espírito, qual o motivo da visita que fizera àquele senhor. A resposta foi: “É natural que eu visite as pessoas com as quais te achas em relações, a fim de poder, se for preciso, dar a ti e a elas os avisos necessários”.

É, pois, evidente que o Espírito quisera chamar a atenção da pessoa a quem nos referimos e procurava uma ocasião de certificá-la de que estava lá. Um mudo não teria agido com mais acerto.

Tiptologia alfabética[2]

141. Não tardou que a tiptologia se aperfeiçoasse e enriquecesse com um meio de comunicação mais completo, o da *tiptologia alfabética*. Trata-se de uma técnica em que as letras do alfabeto são indicadas mediante um número convencional de pancadas, sendo então possível obter-se palavras, frases e até discursos inteiros. De acordo com o método adotado, a mesa dará tantas pancadas quantas forem necessárias para indicar cada letra, isto é, uma pancada para o *a*, duas pancadas para o *b*, e assim por diante. Enquanto isso, uma pessoa irá escrevendo as letras, à medida que forem sendo indicadas. Quando termina o

ditado, o Espírito adverte os assistentes por meio de um sinal que se haja convencionado para isso.

Como se vê, esse modo de proceder é muito lento e demanda longo tempo para as comunicações de certa extensão. Entretanto, há pessoas que têm tido a paciência de se utilizarem dele para obter ditados de muitas páginas. A prática, porém, levou à descoberta de abreviaturas que permitiram trabalhar com mais rapidez. A mais frequente consiste na utilização de um alfabeto e da série de algarismos indicadores das unidades. Estando o médium sentado em volta da mesa, uma outra pessoa percorre sucessivamente as letras do alfabeto, se a intenção for obter uma palavra, ou a série de algarismos, quando se tratar da indicação de um número. Apontada a letra escolhida, a mesa, por si mesma, bate uma pancada e escreve-se a letra. Recomeça-se a operação para obter-se a segunda, depois a terceira letra e assim sucessivamente. Se houver engano na indicação de alguma letra, o Espírito previne o equívoco por meio de pancadas repetidas ou de um movimento especial da mesa; o processo, então, recomeça. Com o hábito, chega-se a andar bem depressa, principalmente quando se consegue adivinhar o fim de uma palavra começada, cuja dedução é facilitada pelo próprio sentido da frase. Em caso de dúvida, pergunta-se ao Espírito se foi esta ou aquela a palavra que ele quis empregar e o Espírito responde por *sim* ou por *não*.

142. Todos os efeitos que acabamos de indicar podem ser obtidos de maneira ainda mais simples, por meio de pancadas produzidas na própria madeira da mesa, sem nenhuma espécie de movimento, processo que já descrevemos no capítulo das manifestações físicas, item 64. É a *tiptologia interna*. Nem todos os médiuns são igualmente aptos às manifestações deste último gênero; muitos só obtêm as pancadas pelo movimento basculatório da mesa. Entretanto, com o exercício, a maioria deles conseguirá operar o fenômeno conhecido como tiptologia interna. Este método tem a dupla vantagem de ser mais rápido e menos sujeito à suspeição do que o processo do básculo, que pode ser atribuído a uma pressão voluntária. É verdade que as pancadas no interior da madeira também podem ser imitadas por médiuns de má-fé. As melhores coisas podem ser simuladas, o que nada prova contra elas. (Veja-se, no fim deste volume, o capítulo intitulado: “Charlatanismo e Embuste”.)

Quaisquer que sejam os aperfeiçoamentos que se possam introduzir nessa maneira de proceder, jamais se conseguirá fazê-la alcançar a rapidez e a facilidade que apresenta a escrita, sendo esta a razão por que hoje é tão pouco

empregada. Não obstante, ela é muito interessante quanto ao aspecto fenomênico, sobretudo para os novatos, além de ter a vantagem de provar, de maneira indiscutível, a absoluta independência do pensamento do médium. Muitas vezes se obtêm com esse processo respostas tão imprevistas, tão surpreendentes, que só uma prevenção irredutível será capaz de impedir que os assistentes se rendam à evidência. É por isso que esse processo constitui, para muitas pessoas, forte motivo de convicção. Entretanto, qualquer que seja o método empregado, os Espíritos não se prestam em caso algum ao capricho dos curiosos, que desejem experimentá-los por meio de questões despropositadas.

143. Com vistas a melhor garantir a independência do pensamento do médium, imaginaram-se diversos instrumentos em forma de mostradores, sobre os quais se traçam as letras, à maneira dos usados nos telégrafos elétricos. Uma agulha móvel, que a influência do médium põe em movimento, mediante um fio condutor e uma polia, indica as letras. Só conhecemos esses instrumentos pelos desenhos e descrições que têm sido publicados na América, de modo que nada podemos dizer quanto ao valor deles. Aliás, a complicação que denotam constitui, por si só, um inconveniente. Achamos que a independência do médium é perfeitamente comprovada pelas pancadas internas e, ainda melhor, pelo imprevisto das respostas, do que por todos os meios materiais. Acresce notar que os incrédulos, sempre dispostos a ver artifícios por toda parte, estarão muito mais inclinados a supô-los num mecanismo especial do que numa mesa desprovida de todo e qualquer acessório.

144. Um aparelho muito simples, porém, do qual a má-fé pode facilmente abusar, conforme veremos no capítulo das fraudes,[3] é o que designaremos sob o nome de *Mesa-Girardin*, em atenção ao uso que dele fazia a Sra. Émile de Girardin nas numerosas comunicações que obtinha como médium. É que essa senhora, embora fosse uma mulher de espírito, tinha a fraqueza de crer nos Espíritos e nas suas manifestações... O instrumento consiste num tampo móvel de mesinha de centro, de trinta a quarenta centímetros de diâmetro, girando livre e facilmente em torno de um eixo, tal como uma roleta. Sobre a sua superfície e acompanhando-lhe a circunferência se acham traçados, à maneira de um mostrador de relógio, as letras do alfabeto, os algarismos e as palavras *sim* e *não*. No centro existe uma agulha fixa. Quando o médium põe os dedos na borda do disco móvel, este gira e para, quando a letra desejada está sob a agulha. As letras indicadas são anotadas, umas após outras, formando-se, assim, muito rapidamente, palavras e frases.

É de notar-se que o disco de madeira não desliza sob os dedos do médium; que os dedos dele se apoiam no disco e acompanham o seu movimento. Talvez um médium poderoso consiga obter um movimento independente, o que não nos parece impossível, embora nunca o tenhamos observado. Se pudéssemos fazer a experiência dessa maneira, ela seria infinitamente mais concludente, porque eliminaria toda possibilidade de embuste.

145. Resta-nos desfazer um erro muito espalhado: o de se confundirem com os Espíritos batedores todos os Espíritos que se comunicam por meio de pancadas. A tiptologia constitui um meio de comunicação como qualquer outro, e que não é mais indigno dos Espíritos elevados do que o da escrita ou da palavra. Todos os Espíritos, bons ou maus, podem servir-se dele tão bem quanto dos demais meios existentes. O que caracteriza os Espíritos superiores é a elevação das ideias e não o instrumento de que se utilizem para transmiti-las. Sem dúvida, eles preferem os meios mais cômodos e, sobretudo, mais rápidos; porém, em falta de lápis e papel, não hesitarão em valer-se da vulgar mesa falante, e a prova disso é que, por esse meio, se têm obtido os mais sublimes ditados. Se não nos servimos dele, não é porque o consideremos desprezível, mas unicamente porque, como fenômeno, já nos ensinou tudo quanto poderíamos aprender, nada mais podendo acrescentar às nossas convicções, e também porque a extensão das comunicações que recebemos exige uma rapidez incompatível com a tiptologia.

Assim, nem todos os Espíritos que se manifestam por pancadas são Espíritos batedores. Essa expressão deve ser reservada para os que poderíamos chamar batedores *profissionais* e que, por este meio, se deleitam em pregar peças para divertir os outros, em causar aborrecimentos com as suas importunações. Podem, algumas vezes, soltar ditos espirituosos; nunca, porém, coisas profundas. Seria, por conseguinte, pura perda de tempo fazer-lhes perguntas de certo alcance científico ou filosófico. A ignorância e a inferioridade que lhes são peculiares levaram os outros Espíritos, com justa razão, a qualificá-los de palhaços ou saltimbancos do mundo espiritual. Acrescentemos que, além de agirem quase sempre por conta própria, também são, com muita frequência, instrumentos de que se servem os Espíritos superiores quando querem produzir efeitos materiais.

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[3]**N. do T.:** Na verdade Kardec se refere ao cap. XXVIII, item Fraudes espíritas.

CAPÍTULO XII

Pneumatografia ou Escrita Direta. Pneumatofonia

• Escrita direta

• Pneumatofonia[1]

Escrita direta

146. *A pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário. Difere da *psicografia* por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium.

O fenômeno da escrita direta é, incontestavelmente, um dos mais extraordinários do Espiritismo. Contudo, por mais anormal que pareça à primeira vista, é hoje um fato comprovado e indiscutível. Se a teoria é sempre necessária para nos inteirarmos da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, talvez se torne ainda mais necessária neste caso, sem dúvida um dos mais estranhos até agora apresentados, mas que deixa de parecer sobrenatural quando compreendemos o princípio em que se fundamenta.

Da primeira vez que este fenômeno se produziu, a impressão dominante que deixou foi a de desconfiança. Imediatamente a ideia de embuste veio à mente dos que o presenciaram. De fato, todos conhecem a ação das tintas chamadas *simpáticas*, cujos traços, a princípio completamente invisíveis, aparecem depois de algum tempo. É possível que tenham utilizado esse meio para abusar da credulidade dos assistentes, de modo que não podemos garantir que isto jamais tenha acontecido. Estamos até convencidos de que algumas pessoas empregaram subterfúgios, seja com intuitos mercenários, seja apenas por amor-próprio ou para convencer os outros quanto aos seus poderes. (Veja-se o capítulo sobre o “Charlatanismo e Embuste”.)

Entretanto, pelo fato de se poder imitar uma coisa, é absurdo concluir-se que a coisa não exista. Nestes últimos tempos, não se conseguiu encontrar meio de imitar a lucidez sonambúlica, a ponto de causar ilusão? É verdade que esse

processo de escamoteação já se exibiu em todas as feiras; mas, por esse motivo, se deverá concluir que não haja verdadeiros sonâmbulos? O fato de alguns comerciantes venderem vinho falsificado será uma razão para que não exista vinho puro? Dá-se a mesma coisa com a escrita direta. As precauções a serem tomadas para garantir a realidade do fato são muito simples e fáceis; graças a elas, aquele fenômeno já não pode ser objeto de qualquer dúvida.

147. Uma vez que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atributos do Espírito; que os Espíritos sempre existiram desde todos os tempos e em todos os tempos produziram os diversos fenômenos que conhecemos, por certo haverão de ter produzido também, na Antiguidade, o da escrita direta, como fazem até hoje. É desse modo que se pode explicar o aparecimento das três palavras no festim de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que eram abafados pelas fogueiras, também deve ter conhecido a escrita direta. Talvez encontremos, na teoria das modificações que os Espíritos podem operar na matéria – teoria que desenvolvemos no capítulo VIII – o fundamento da crença na transmutação dos metais.

Todavia, quaisquer que tenham sido os resultados obtidos em diversas épocas, foi somente depois da vulgarização das manifestações espíritas que se tomou a sério a questão da escrita direta. Ao que parece, o primeiro a torná-la conhecida, nestes últimos anos, em Paris, foi o barão de Guldenstubbe, que publicou uma obra muito interessante sobre o assunto, com grande número de *fac-símiles* [reproduções] das escritas que obteve.[2] O fenômeno já era conhecido na América, havia algum tempo. A posição social do Sr. Guldenstubbe, sua independência, a consideração de que desfruta na alta sociedade afastam qualquer suspeita de fraude intencional, já que não poderia ser impelido por nenhum motivo interesseiro. Poder-se-ia admitir, no máximo, que fora vítima de uma ilusão; a isto, porém, se opõe um fato decisivo: o de haverem outras pessoas obtido o mesmo fenômeno, cercadas de todas as precauções necessárias para evitar qualquer embuste e qualquer causa de erro.

148. Obtém-se a escrita direta, como em geral a maior parte das manifestações espíritas *não espontâneas*, por meio do recolhimento, da prece e da evocação. Têm sido produzidas em igrejas, sobre os túmulos, no pedestal de estátuas e em retratos de pessoas evocadas. Evidentemente, o local não exerce a menor influência sobre o fenômeno, a não ser facultar maior recolhimento espiritual e maior concentração dos pensamentos, pois está provado que a escrita direta pode ser obtida igualmente sem esses acessórios e nos lugares mais

comuns, sobre um simples móvel caseiro, desde que os interessados se achem nas devidas condições morais e que entre eles se encontre alguém que possua a necessária faculdade mediúnica.

Julgou-se, inicialmente, que era preciso colocar aqui ou ali um lápis com papel. O fato, então, podia ser explicado até certo ponto. Sabe-se que os Espíritos produzem o movimento e a deslocação de objetos; que os apanham e atiram longe. Por que não poderiam pegar um lápis e servir-se dele para traçar letras? Já que o impulsionam, utilizando-se da mão do médium, de uma prancheta etc., podiam, da mesma forma, impulsioná-lo diretamente. Não tardou, porém, se reconhecesse que o lápis não era necessário e que bastava um simples pedaço de papel, dobrado ou não, para que em alguns minutos aparecessem letras sobre ele. Aqui, o fenômeno já muda completamente de figura e nos transporta a uma ordem inteiramente nova de coisas. As letras hão de ter sido traçadas com uma substância qualquer. Ora, desde que ninguém forneceu ao Espírito essa substância, deduz-se que ele próprio a compôs. De onde a tirou? Eis o problema.

Se nos reportarmos às explicações dadas no capítulo VIII, itens 127 e 128, encontraremos a teoria completa do fenômeno. Para escrever dessa maneira, o Espírito não se serve das nossas substâncias nem dos nossos instrumentos. Ele próprio fabrica a matéria e os instrumentos de que precisa, tirando os seus materiais do elemento primitivo universal e fazendo-os sofrer, pela ação da sua vontade, as modificações necessárias à produção do efeito desejado. Assim, tanto pode fabricar o lápis vermelho, a tinta de impressão tipográfica, a tinta comum, como o lápis preto e até mesmo caracteres tipográficos bastante resistentes para darem relevo à escrita, conforme tivemos ocasião de verificar. A filha de um senhor que conhecemos, menina de 12 a 13 anos, obteve páginas inteiras, escritas com uma substância análoga ao pastel.

149. Tal o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, descrito no capítulo VII, item 116, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque nele percebemos a oportunidade de sondar uma das leis mais importantes do Espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, mesmo do mundo visível. É assim que de um fato aparentemente vulgar pode sair a luz. Basta observar com cuidado e isso todos podem fazer, como nós, desde que não se limitem a observar efeitos, sem procurarem suas causas. Se a nossa fé se fortalece de dia para dia, é porque compreendemos. Tratai, pois, de compreender, se quiserdes conquistar adeptos sérios. A compreensão das causas

tem ainda outro resultado: o de estabelecer uma linha divisória entre a verdade e a superstição.

Considerando a escrita direta do ponto de vista das vantagens que possa oferecer, diremos que, até o momento, sua principal utilidade tem sido a comprovação material de um fato sério: a intervenção de um poder oculto que encontra nesse processo um meio a mais de se manifestar. Contudo, as comunicações assim obtidas raramente são extensas. Em geral são espontâneas e se limitam a palavras, sentenças e sinais ininteligíveis. Têm sido dadas em todas as línguas: em grego, em latim, em siríaco, em caracteres hieroglíficos etc., mas ainda não se prestaram a dissertações seguidas e rápidas, como permite a psicografia ou a escrita pela mão do médium.

Pneumatofonia

150. Já que os Espíritos podem produzir ruídos e pancadas, podem igualmente fazer que se ouçam gritos de toda espécie e sons vocais que imitam a voz humana, tanto ao nosso lado como no ar. Damos a este fenômeno o nome de *pneumatofonia*. Pelo que sabemos da natureza dos Espíritos, podemos supor que alguns deles, de ordem inferior, se iludem e julgam falar como quando viviam. (Veja-se a *Revista Espírita*, fevereiro de 1858: “História do fantasma da Srta. Clairon”.)

Devemos, entretanto, ser cautelosos para não tomar por vozes ocultas todos os sons que não tenham causa conhecida, os zumbidos comuns e, principalmente, que haja qualquer fundamento na crença vulgar de que, quando o ouvido nos zune, é porque alguém está falando mal de nós em algum lugar. Aliás, esses zunidos, cuja causa é puramente fisiológica, não têm nenhum significado, ao passo que os sons pneumatofônicos exprimem pensamentos, o que nos faz reconhecer que são devidos a uma causa inteligente e não acidental. Pode-se estabelecer, como princípio, que os efeitos *notoriamente inteligentes* são os únicos capazes de atestar a intervenção dos Espíritos. Quanto aos outros, há pelo menos cem probabilidades contra uma de serem devidos a causas acidentais.

151. Acontece frequentemente ouvirmos, com perfeita nitidez, quando nos achamos meio adormecidos, palavras, nomes, às vezes frases inteiras, ditas com tal intensidade que despertamos sobressaltados. Embora em alguns casos se trate

realmente de uma manifestação, nada há de tão positivo nesse fenômeno que não possa ser atribuído a uma causa semelhante à que expusemos na teoria da alucinação, capítulo VI, itens 111 e seguintes. Além disso, o que se ouve dessa maneira não apresenta nenhuma sequência. O quadro muda completamente de aspecto quando estamos de fato acordados, porque, então, se é um Espírito que se faz ouvir, quase sempre podemos trocar ideias com ele e estabelecer uma conversação regular.

Os sons espirituais ou pneumatofônicos se produzem de duas maneiras bem distintas. Às vezes, é uma voz interior que repercute no nosso foro íntimo; embora sejam claras e distintas, as palavras nada têm de material. Outras vezes, são exteriores e nitidamente articuladas, como se procedessem de uma pessoa que estivesse ao nosso lado. Entretanto, seja qual for a forma da sua produção, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e só muito raramente pode ser provocado.

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte do cabeçalho da 2ª edição francesa, que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no "Sumário" da obra e no corpo deste capítulo, razão por que o inserimos neste livro.

[2]**N. de A. K.:** *A realidade dos Espíritos e de suas manifestações,* demonstrada pelo fenômeno da escrita direta. Pelo Sr. Barão de Guldenstubbe, 1 vol. in-8, com 15 estampas e 93 *fac-símiles.* Preço: 8 fr. Em Paris: livrarias Franck (Rua Richelieu) e Ledoyen.

CAPÍTULO XIII

Psicografia

• Psicografia indireta: cestas e pranchetas

• Psicografia direta ou manual

Psicografia indireta: cestas e pranchetas[1]

152. A ciência espírita tem progredido como todas as outras e mais rapidamente do que as outras. Alguns anos apenas nos separam da época em que se empregavam esses meios primitivos e incompletos, a que trivialmente se dava o nome de “mesas falantes”, e já podemos nos comunicar com os Espíritos tão fácil e rapidamente como fazem os homens entre si, e pelos mesmos meios: a escrita e a palavra. A escrita, sobretudo, tem a vantagem de assinalar, de modo mais material, a intervenção de uma força oculta e de deixar traços que se podem conservar, como fazemos com a nossa própria correspondência. O primeiro meio utilizado foi o das pranchetas e cestas munidas de lápis, com a disposição que passamos a descrever.

153. Já dissemos que uma pessoa, dotada de aptidão especial, pode imprimir movimento de rotação a uma mesa ou a um objeto qualquer. Tomemos, em vez de uma mesa, uma cestinha de quinze a vinte centímetros de diâmetro (de madeira ou de vime, a substância pouco importa). Se fizermos passar um lápis pelo fundo dessa cesta e o prendermos bem, com a ponta de fora e para baixo; se mantivermos o aparato assim formado em equilíbrio sobre a ponta do lápis, apoiado este sobre uma folha de papel, e colocarmos os dedos nas bordas da cesta, ela se porá em movimento; mas, em vez de girar, fará que o lápis percorra o papel em diversos sentidos, traçando letras ou riscos sem significação. Se um Espírito for evocado e quiser comunicar-se, ele responderá não mais por meio de pancadas, como na tiptologia, porém, escrevendo palavras. O movimento da cesta já não é automático, como no caso das mesas girantes; torna-se inteligente. Com esse dispositivo o lápis não volta ao ponto de partida para começar outra linha, quando chega à extremidade do papel; continua a mover-se circularmente, de sorte que a linha escrita forma uma espiral, o que nos

obriga a girar o papel várias vezes para lermos o que está grafado. A escrita assim obtida nem sempre é muito legível, já que as palavras não ficam separadas. Entretanto, por uma espécie de intuição, o médium facilmente a decifra. Por economia, o papel e o lápis comum podem ser substituídos por uma placa de ardósia e por um lápis fabricado com o mesmo material. Designaremos este gênero de cesta pelo nome de *cesta-pião*. Às vezes, em lugar da cesta, emprega-se uma caixa de papelão muito semelhante às usadas para acondicionar doces; o lápis forma o seu eixo, como no brinquedo chamado *pião*.

154. Muitos outros dispositivos foram imaginados para a obtenção do mesmo resultado. O mais cômodo é o que chamaremos *cesta de bico* e que consiste em adaptar-se à cesta uma haste inclinada, de madeira, em posição semelhante à dos mastros que, num veleiro, se lançam do bico da proa para frente. Por um buraco aberto na extremidade dessa haste, ou bico, passa-se um lápis bastante comprido para que sua ponta assente no papel. Quando o médium põe os dedos sobre a borda da cesta, o aparelho todo se agita e o lápis escreve, como no caso anterior, porém com a diferença de que, em geral, a escrita é mais legível e as palavras são separadas, formando linhas paralelas, como na escrita comum, e não mais em espiral, já que o médium pode levar o lápis de uma linha a outra com mais facilidade. Obtêm-se assim dissertações de muitas páginas, tão rapidamente como se fossem escritas com a mão.

155. A inteligência que se manifesta pode revelar-se ainda por outros sinais inequívocos. Chegando ao fim da página, o lápis faz espontaneamente um movimento para virar o papel. Se o Espírito quer se reportar a uma passagem já escrita, na mesma página, ou em outra, procura-a com a ponta do lápis, como faria qualquer pessoa com a ponta do dedo, e depois a sublinha. Se, enfim, o Espírito quer dirigir-se a alguém, a extremidade da haste de madeira se dirige para esse alguém. Para abreviar, exprime frequentemente as palavras *sim* e *não* pelos sinais de afirmação e negação, como fazemos com a cabeça. Se quer expressar cólera, ou impaciência, dá repetidas pancadas com a ponta do lápis, quase sempre lhe quebrando a ponta.

156. Em vez de cesta, algumas pessoas se servem de uma espécie de mesa em miniatura, feita de propósito, de doze a quinze centímetros de comprimento, por cinco a seis de altura, com três pés, a um dos quais se adapta um lápis. Os dois outros são arredondados ou munidos de uma bolinha de marfim, para deslizar mais facilmente sobre o papel. Outros se utilizam simplesmente de uma *prancheta* de quinze a vinte centímetros quadrados, triangular, retangular ou

oval. Num dos bordos há um furo *oblíquo* para se introduzir o lápis. Colocada em posição de escrever, ela fica inclinada e se apoia por um dos lados no papel. Algumas trazem desse lado rodízios para facilitar o seu movimento. Esses dispositivos, aliás, nada têm de absoluto. O melhor é o que for mais cômodo.

Com qualquer desses aparelhos, quase sempre há necessidade de dois operadores; mas não é preciso que ambos sejam dotados de faculdades mediúnicas. Um deles serve unicamente para manter o equilíbrio do aparelho e poupar ao médium excesso de fadiga.

Psicografia direta ou manual[2]

157. Chamamos *psicografia indireta* à escrita assim obtida, em contraposição à *psicografia direta* ou *manual*, obtida pelo próprio médium. Para se compreender este último processo, é preciso levar em conta o que se passa na operação. O Espírito comunicante atua sobre o médium que, debaixo dessa influência, move *maquinalmente* o braço e a mão para escrever, sem ter – pelo menos é o caso mais comum – a menor consciência do que escreve. A mão atua sobre a cesta e a cesta sobre o lápis. Assim, *não é a cesta que se torna inteligente*; ela é apenas um instrumento manejado por uma inteligência. De fato, a cesta não passa de uma lapiseira, de um apêndice da mão, de um intermediário entre a mão e o lápis. Se suprimirmos esse intermediário e colocarmos o lápis na mão do médium, teremos o mesmo resultado, com um mecanismo muito mais simples, pois ele passa a escrever como o faz habitualmente; de sorte que toda pessoa que escreve com o auxílio de uma cesta, de uma prancheta ou de qualquer outro objeto, pode escrever diretamente.

De todos os meios de comunicação, a *escrita manual*, que alguns denominam *escrita involuntária*, é, indubitavelmente, a mais simples, a mais fácil e a mais cômoda, porque não exige nenhum preparativo e se presta, como a escrita comum, às mais extensas dissertações. Voltaremos ao assunto quando tratarmos dos médiuns.

158. No começo das manifestações, quando ninguém ainda tinha ideias exatas sobre o assunto, muitos escritos foram publicados com este título: *Comunicações de uma cesta, de uma prancheta, de uma mesa* etc. Hoje se compreende quanto são impróprias e errôneas tais expressões, sem falar do caráter pouco sério que revelam. Efetivamente, como acabamos de ver, as mesas,

pranchetas e cestas são instrumentos desprovidos de *inteligência*, embora animados momentaneamente de uma vida artificial, que nada podem comunicar por si mesmos. Dizer o contrário é tomar o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio. É como se um autor declarasse, no título da sua obra, que ela fora escrita com uma pena metálica ou com uma pena de ganso. Aliás, esses instrumentos não são exclusivos. Conhecemos alguém que, em vez da *cesta-pião*, de que já tratamos, se servia de um funil, em cujo gargalo introduzia o lápis. Assim, conforme o instrumento utilizado, poder-se-ia receber comunicações de um funil, do mesmo modo que de uma caçarola ou de uma saladeira. Se elas forem dadas por meio de pancadas com uma cadeira ou uma bengala, já não teremos mesa falante, mas uma cadeira ou uma bengala falantes. O que importa que se conheça não é o instrumento, mas a maneira como são obtidas as comunicações. Se a comunicação vem por meio da escrita, seja qual for o suporte do lápis, o que há, para nós, é *psicografia*; se chega por meio de pancadas, é *tiptologia*. O Espiritismo precisa de uma linguagem científica, porque já assumiu as proporções de uma ciência.

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

CAPÍTULO XIV

Médiuns

• Médiuns de efeitos físicos

• Pessoas elétricas

• Médiuns sensitivos ou impressionáveis

• Médiuns audientes

• Médiuns falantes

• Médiuns videntes

• Médiuns sonambúlicos

• Médiuns curadores

• Médiuns pneumatógrafos

159. Médium é toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos. Essa faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não constitui um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que não possuam alguns rudimentos dessa faculdade. Pode-se, pois, dizer que todos são mais ou menos médiuns. Usualmente, porém, essa qualificação só se aplica àqueles em quem a faculdade se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela da mesma maneira em todos os sensitivos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, de modo que há tantas variedades quantas são as espécies de manifestações. As principais são: *médiuns de efeitos físicos*; *médiuns sensitivos ou impressionáveis*; *médiuns audientes*; *médiuns falantes*; *médiuns videntes*; *médiuns sonambúlicos*; *médiuns curadores*; *médiuns pneumatógrafos*; *médiuns escreventes ou psicógrafos*.

Médiuns de efeitos físicos

160. Os *médiuns de efeitos físicos* são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos dos corpos inertes, os ruídos etc. Podem ser divididos em *médiuns facultativos* e *médiuns involuntários*. (Veja-se a Segunda parte, capítulos II e IV.)

Os *médiuns facultativos* têm consciência do seu poder e produzem fenômenos espíritas por ato da própria vontade. Embora inerente à espécie humana, conforme já dissemos, semelhante faculdade está longe de existir em todos com a mesma intensidade. Porém, se são poucas as pessoas em quem ela seja absolutamente nula, mais raras ainda são as que produzem os grandes efeitos, como a suspensão de corpos pesados no espaço, a translação aérea e, sobretudo, as aparições. Os efeitos mais simples são a rotação de um objeto, pancadas produzidas mediante o levantamento desse objeto ou na sua própria substância. Apesar de não darmos importância capital a esses fenômenos, recomendamos que não sejam desprezados, pois podem ensejar oportunidade a observações interessantes e contribuir para a convicção das pessoas que os observem. Convém notar, entretanto, que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente se manifesta entre os que dispõem de meios de comunicação mais perfeitos, como a escrita e a palavra. Em geral, a faculdade diminui num sentido à proporção que se desenvolve em outro.

161. *Os médiuns involuntários ou naturais* são aqueles cuja influência se exerce à revelia deles. Não têm consciência alguma do poder que possuem e, muitas vezes, o que se passa de anormal em torno deles não lhes parece de modo algum extraordinário. Isso é próprio da natureza que os anima, exatamente como se dá com as pessoas que, sem de nada desconfiarem, são dotadas de dupla vista. Esses indivíduos são muito dignos de observação e ninguém deve descuidar-se de recolher e estudar os fatos deste gênero que lhe cheguem ao conhecimento. Manifestam-se em todas as idades e, frequentemente, em crianças ainda muito novas. (Veja-se o capítulo V, “Manifestações Físicas Espontâneas”.)

Tal faculdade não constitui, em si mesma, indício de estado patológico, visto que não é incompatível com uma saúde perfeita. Se aquele que a possui é doente, isso se deve a uma causa estranha; por isso mesmo, os meios terapêuticos empregados são impotentes para fazê-la desaparecer. Em alguns casos, pode manifestar-se depois de uma certa fraqueza orgânica, embora nunca seja a sua causa determinante. Não há, portanto, do ponto de vista da saúde, qualquer razão plausível para nos inquietarmos com ela. Só poderia causar algum problema se aquele que a possui abusasse dela, depois de se haver tornado

médium facultativo, porque então poderia haver excessiva emissão de fluido vital, com o consequente enfraquecimento do organismo.

162. A razão se revolta à lembrança das torturas morais e corpóreas a que a Ciência tem submetido algumas criaturas fracas e delicadas, para se certificar da existência de fraude da parte delas. Tais *experimentações*, feitas maldosamente na maior parte das vezes, são sempre prejudiciais às organizações sensitivas, podendo mesmo acarretar graves desordens à economia orgânica. Fazer semelhantes experiências é brincar com a vida. O observador de boa-fé não precisa empregar esses meios. Aquele que está familiarizado com os fenômenos desta espécie sabe, além disso, que eles são mais de ordem moral do que de ordem física e que seria inútil buscar a sua solução nas nossas ciências exatas.

Justamente porque tais fenômenos são mais de ordem moral, deve-se evitar com escrupuloso cuidado tudo quanto possa superexcitar a imaginação. Como se sabe, o medo pode ocasionar muitos acidentes, de forma que o homem cometeria menos imprudências se conhecesse todos os casos de loucura e de epilepsia, cuja origem se encontra nos contos de lobisomens e bichos-papões. Imagine-se, então, o que não acontecerá se convencerem todas as pessoas de que o agente dos aludidos fenômenos é o *diabo*! Os que propagam semelhantes ideias não sabem a responsabilidade que assumem: *podem matar*. Ora, o perigo não existe apenas para o paciente, mas também para os que o cercam, os quais podem ficar aterrorizados, ao pensarem que a casa onde moram se tornou um covil de demônios. Foi esta crença funesta que causou tantos atos de atrocidade nos tempos de ignorância. Entretanto, se houvesse um pouco mais de discernimento, muitos teriam raciocinado, ao queimarem corpos supostamente possuídos pelo demônio, que não queimavam o diabo. Já que queriam livrar-se do diabo, é o diabo que deviam matar. A Doutrina Espírita, ao nos esclarecer sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, dá-lhe o golpe de misericórdia. *Longe, pois, de estimular tal ideia, todas as pessoas – e este é um dever de moralidade e de humanidade – devem combatê-la, onde quer que ela exista*.

O que se deve fazer em todos os casos, quando uma faculdade dessa natureza se desenvolve espontaneamente num indivíduo, é deixar que o fenômeno siga o seu curso natural: a Natureza é mais prudente do que os homens. Aliás, a Providência tem os seus planos e a mais humilde criatura pode servir de instrumento aos desígnios divinos. É inegável, porém, que algumas vezes o fenômeno assume proporções fatigantes e importunas para todo mundo. [1] No capítulo V, “Manifestações Físicas Espontâneas”, já demos alguns

conselhos a respeito, dizendo ser preciso entrar em comunicação com o Espírito, para saber dele o que deseja. O meio seguinte também se baseia na observação.

Geralmente, são de ordem inferior os seres invisíveis que revelam sua presença por meio de efeitos sensíveis, e esses Espíritos podem ser dominados pelo ascendente moral do médium. É este ascendente que devemos procurar adquirir.

Para alcançá-lo, é preciso que o indivíduo passe do estado de *médium natural* ao de *médium facultativo*. Produz-se, então, efeito análogo ao que se observa no sonambulismo. Como se sabe, o sonambulismo natural cessa geralmente quando é substituído pelo sonambulismo magnético. Não se suprime a faculdade que tem a alma de emancipar-se: apenas se dá a ela outra diretriz. O mesmo acontece com a faculdade mediúnica. Para isso, em vez de dificultar ou impedir os fenômenos, coisa que raramente se consegue e que nem sempre é isenta de perigo, o que se deve fazer é estimular o médium a produzi-los à sua vontade, impondo-se ao Espírito. Por esse meio, o médium chega a subjugá-lo e, de um dominador às vezes tirânico, faz um ser submisso e, não raro, bastante dócil. Fato digno de nota, confirmado pela experiência, é que, em tal caso, uma criança tem tanta e, por vezes, mais autoridade do que um adulto. Esta é mais uma prova a favor deste ponto capital da Doutrina: que o Espírito só é criança pelo corpo; que tem por si mesmo um desenvolvimento necessariamente anterior à sua encarnação atual, desenvolvimento que lhe pode dar ascendente sobre Espíritos que lhe são inferiores.

A moralização do Espírito, pelos conselhos de uma pessoa influente e experiente, caso o médium não se ache em condições de fazê-lo, constitui quase sempre meio muito eficaz. Mais tarde voltaremos a tratar deste assunto.

Pessoas elétricas[2]

163. Ao que parece, é nesta categoria de médiuns que se deviam incluir as pessoas dotadas de certa dose de eletricidade natural, verdadeiros *torpedos humanos*, a produzirem, por simples contato, todos os efeitos de atração e repulsão. Seria equívoco, porém, considerá-las *médiuns*, porque a verdadeira mediunidade supõe a intervenção direta de um Espírito. Ora, no caso de que falamos, experiências concludentes têm provado que a eletricidade é o único agente desses fenômenos. Esta estranha faculdade, que quase se poderia

considerar uma enfermidade, pode às vezes estar aliada à mediunidade, como se verifica na história do “Espírito batedor de Bergzabern”, embora, muitas vezes, seja completamente independente de qualquer faculdade mediúnica. Conforme já dissemos, a única prova da intervenção dos Espíritos é o caráter inteligente das manifestações. Desde que este caráter não exista, estamos autorizados a atribuí-las a causas puramente físicas. A questão é saber se as *pessoas elétricas* estarão mais aptas, do que quaisquer outras, a se tornarem *médiuns de efeitos físicos*. Acreditamos que sim, mas só a experiência poderia demonstrá-lo.

Médiuns sensitivos ou impressionáveis

164. Assim são denominadas as pessoas capazes de sentir a presença dos Espíritos por meio de uma vaga impressão, uma espécie de leve atrito, de discreto arrepio sobre todos os seus membros, sensação que elas não podem explicar. Esta variedade não apresenta caráter bem definido. Todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, de forma que a impressionabilidade é mais uma qualidade geral do que especial: é a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras. Difere da impressionabilidade puramente física e nervosa, com a qual não deve ser confundida, pelo fato de haver pessoas que, mesmo não tendo nervos delicados, sentem mais ou menos o efeito da presença dos Espíritos, ao passo que outras, irritáveis em demasia, não os pressentem de modo algum.

Esta faculdade se desenvolve pelo hábito e pode adquirir tal sutileza que aquele que a possui reconhece, pela impressão que experimenta, não só a natureza boa ou má do Espírito que está ao seu lado, mas até a sua individualidade, como o cego reconhece, por uma sensação que não sabe definir, a aproximação de tal ou tal pessoa. Torna-se, com relação aos Espíritos, um verdadeiro sensitivo. Um Espírito bom produz sempre uma impressão suave e agradável; a de um Espírito mau, pelo contrário, é penosa, angustiante e desagradável. Há como que um cheiro de impureza.

Médiuns audientes

165. São os que ouvem a voz dos Espíritos. Conforme já dissemos ao falar da pneumatofonia, trata-se de uma voz interior que se faz ouvir no foro íntimo

das pessoas. De outras vezes é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem, assim, conversar com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com determinados Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pela natureza da voz. Quem não seja dotado desta faculdade, pode, igualmente, conversar com um Espírito, desde que disponha, para auxiliá-lo, de um médium audiente que desempenhe a função de intérprete.

Esta faculdade é muito agradável quando o médium só ouve Espíritos bons, ou somente aqueles por quem chama. Entretanto, o quadro muda por completo quando um Espírito mau se agarra a ele, fazendo-lhe ouvir a cada minuto as coisas mais desagradáveis e não raro as mais inconvenientes. Em tal caso, cumpre ao médium livrar-se desses Espíritos, pelos meios que indicaremos no capítulo sobre a “Obsessão”.

Médiuns falantes

166. Os médiuns audientes, os que apenas transmitem o que ouvem, não são, a bem dizer, *médiuns falantes*. Estes últimos, na maior parte das vezes, nada ouvem. Neles o Espírito atua sobre os órgãos da palavra, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. Quando quer comunicar-se, o Espírito se serve dos órgãos mais flexíveis que encontra no médium. De um, utiliza a mão; de outro, a palavra; de um terceiro, os ouvidos. O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e, até mesmo, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente se lembra do que disse. Em suma, nele a palavra é um instrumento de que se serve o Espírito, com o qual uma terceira pessoa pode comunicar-se, como o faz com o auxílio de um médium audiente.

Nem sempre, porém, a passividade do médium falante é tão completa assim. Alguns têm intuição do que dizem, no momento exato em que pronunciam as palavras. Voltaremos a falar desta variedade de médiuns quando tratarmos dos médiuns intuitivos.

Médiuns videntes

167. Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos.

Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam a lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambúlico ou próximo do sonambulismo. É raro que esta faculdade seja permanente; resulta, quase sempre, de uma crise passageira. Podemos incluir, na categoria dos médiuns videntes, todas as pessoas dotadas de dupla vista. A possibilidade de ver os Espíritos quando sonhamos não deixa de ser uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, a mediunidade de vidência. Já explicamos esse fenômeno no capítulo VI, “Manifestações Visuais”.

O médium vidente julga ver com os olhos, como os que são dotados de dupla vista; mas, na realidade, é a alma quem vê, razão pela qual eles tanto veem com os olhos fechados como com os olhos abertos. Consequentemente, um cego pode ver os Espíritos, da mesma forma que outro que tem visão normal. Seria interessante fazer-se um estudo sobre este último ponto, a fim de se verificar se esta faculdade é mais frequente nos cegos. Espíritos que na Terra foram cegos nos disseram que, quando vivos, tinham, pela alma, a percepção de certos objetos e que não se encontravam mergulhados em *completa* escuridão.

168. É preciso distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras são frequentes, sobretudo no momento da morte das pessoas que o vidente amou ou conheceu e que o vêm prevenir de que já não pertencem a este mundo. Há inúmeros exemplos de fatos deste gênero, sem falar das visões durante o sono. De outras vezes, são parentes ou amigos que, embora mortos há mais ou menos tempo, aparecem para avisar de um perigo, dar um conselho ou pedir um serviço. O serviço que o Espírito pode solicitar consiste, geralmente, na execução de uma coisa que não lhe foi possível fazer em vida ou o socorro das preces. Estas aparições constituem fatos isolados, que apresentam sempre um caráter individual e pessoal, e não efeito de uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, se não permanente, pelo menos muito frequente, de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que seja absolutamente estranho ao vidente. É esta faculdade que constitui, propriamente falando, o médium vidente.

Entre esses médiuns, existem aqueles que só veem os Espíritos evocados, cuja descrição podem fazer com minuciosa exatidão, com todas as suas particularidades, gestos, expressão da fisionomia, os traços do semblante, as roupas e até mesmo os sentimentos de que parecem animados. Há outros em quem a faculdade da vidência é ainda mais ampla: veem toda a população

espiritual do ambiente, a se mover em todos os sentidos, como se estivesse cuidando de seus afazeres habituais.

169. Certa noite assistimos à representação da ópera *Obéron*, em companhia de um médium vidente muito bom. Havia no salão grande número de lugares vazios, muitos dos quais, no entanto, estavam ocupados por Espíritos que pareciam participar do espetáculo. Alguns se colocavam junto de certos espectadores, dando a entender que escutavam as suas conversas. No palco se desenrolava outra cena: por trás dos atores muitos Espíritos, de humor jovial, se divertiam em arremedá-los, imitando seus gestos de modo grotesco; outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços para lhes dar mais energia. Um deles se conservava sempre junto de uma das principais cantoras. Julgamos as suas intenções um tanto levianas e o evocamos após o término do ato. Ele nos atendeu ao chamado e reprovou com severidade o nosso julgamento temerário: "Não sou o que pensas: sou o seu Guia e seu Espírito protetor e estou encarregado de dirigi-la". Depois de alguns minutos de uma palestra muito séria, ele nos deixou, dizendo: "Adeus; ela está em seu camarim; é preciso que eu vá vigiá-la". Em seguida, evocamos o Espírito Weber, autor da ópera, e lhe perguntamos o que achava da execução de sua obra. "Não foi de todo má, mas foi fraca. Os atores se limitam a cantar. Faltou inspiração." Depois acrescentou: "Espera, vou tentar dar-lhes um pouco do fogo sagrado". Logo foi visto no palco, pairando acima dos atores. Partindo dele, uma espécie de eflúvio se derramava sobre os intérpretes, aumentando-lhes consideravelmente a energia.

170. Eis outro fato que prova a influência que os Espíritos exercem sobre os homens, sem que estes o percebam. Assistíamos, como naquela noite, a uma representação teatral, com outro médium vidente. Conversando com um *Espírito espectador*, disse-nos ele: "Estás vendo aquelas duas senhoras que estão sozinhas, naquele camarote de primeira classe? Pois bem! Posso fazer que deixem o salão". Dizendo isso, o médium o viu ir colocar-se no camarote em questão e falar às duas. De repente as damas, que se mostravam muito atentas ao espetáculo, se entreolharam, parecendo consultar-se mutuamente. Depois se foram e não mais voltaram. O Espírito então nos fez um gesto cômico, para mostrar que cumprira a palavra. Não o tornamos a ver, para pedir-lhe maiores explicações. É assim que muitas vezes testemunhamos o papel que os Espíritos desempenham entre os vivos. Observamo-los em diversos lugares de reunião, em bailes, concertos, sermões, funerais, casamentos etc., e por toda parte os encontramos atiçando paixões más, soprando discórdias, provocando rixas e se

regozijando com as suas proezas. Outros, ao contrário, combatiam essas influências perniciosas, porém, raramente eram ouvidos.

171. A faculdade de ver os Espíritos pode, sem dúvida, desenvolver-se, mas é uma daquelas cujo desenvolvimento deve processar-se naturalmente, e não provocado, caso não se queira ser joguete da própria imaginação. Quando o gérmen de uma faculdade existe, ela se manifesta por si mesma. Em princípio, devemos nos contentar com as que Deus nos concedeu, sem procurarmos o impossível. Quem quer ter demais, acaba correndo o risco de perder o que já tem.

Quando dissemos que os casos de aparições espontâneas são frequentes (item 107), não quisemos dizer que sejam muito comuns. Quanto aos médiuns videntes propriamente ditos, ainda são mais raros e há muito que desconfiar dos que pretendem gozar dessa faculdade. É prudente só lhes dar crédito diante de provas positivas. Não nos referimos sequer aos que alimentam a ridícula ilusão de ver os Espíritos glóbulos, que descrevemos no item 108; falamos apenas dos que dizem ver os Espíritos de modo racional. Algumas pessoas, sem dúvida, podem enganar-se de boa-fé, mas outras também podem simular esta faculdade por amor-próprio ou por interesse. Neste caso, deve-se levar em conta principalmente o caráter, a moralidade e a sinceridade habituais; todavia, é sobretudo nas particularidades que se pode encontrar o meio mais seguro de controle das manifestações, já que existem algumas que não podem dar margem a qualquer suspeita, como a exatidão em retratar Espíritos que o médium jamais conheceu quando encarnados. O fato seguinte pertence a esta categoria:

Uma senhora viúva, cujo marido se comunica frequentemente com ela, estava certa vez em companhia de um médium vidente que não a conhecia nem a sua família. Em dado momento, o médium lhe disse: “Vejo um Espírito perto da senhora. – Ah! – disse ela por sua vez: – Com certeza é meu marido, que quase nunca me deixa. – Não – respondeu o médium –, é uma mulher de certa idade; está penteada de modo estranho; traz uma faixa branca na testa”.

Por essa particularidade e outros detalhes descritos, a viúva reconheceu sua avó, em quem absolutamente não pensava naquele momento, de maneira tal a não deixar qualquer dúvida. Se o médium quisesse simular a faculdade, ser-lhe-ia mais fácil concordar com o pensamento da senhora. Entretanto, em vez do marido, que ocupava sua mente, o médium vê uma mulher, com uma particularidade no penteado, da qual coisa alguma lhe podia dar ideia. Este fato

prova também que a visão do medianeiro não era reflexo de qualquer pensamento estranho. (Veja-se o item 102.)

Médiuns sonambúlicos

172. O sonambulismo pode ser considerado como uma variedade da faculdade mediúnica, ou melhor, são duas ordens de fenômenos que frequentemente se acham reunidos. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. Ele tira de si mesmo o que expressa. Em geral, suas ideias são mais justas do que no estado normal, e mais amplos os seus conhecimentos, porque sua alma está livre. Numa palavra, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo, e o que diz não vem dele. Em resumo, o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, ao passo que o médium expressa o pensamento de outrem. Mas o Espírito que se comunica com um médium comum também pode fazê-lo com um sonâmbulo; aliás, o estado de emancipação da alma provocada pelo sonambulismo facilita essa comunicação. Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão quanto os médiuns videntes. Podem conversar com eles e transmitir-nos o seu pensamento. O que dizem, fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais, quase sempre lhes é sugerido por outros Espíritos. Aqui está um exemplo notável, em que a dupla ação do Espírito do sonâmbulo e do outro Espírito se revela de modo inequívoco:

173. Um de nossos amigos utilizava como sonâmbulo um rapaz de 14 a 15 anos, de inteligência muito vulgar e instrução extremamente precária. Entretanto, no estado de sonambulismo, deu provas de lucidez extraordinária e de grande perspicácia. Distinguia-se principalmente no tratamento das enfermidades tendo feito grande número de curas consideradas impossíveis. Certo dia, dando consulta a um doente, descreveu a moléstia com absoluta exatidão. – Não basta – disseram-lhe –, agora é preciso que indiques o remédio. – Não posso – respondeu –, *meu anjo doutor não está aqui*. – Quem é esse anjo doutor de quem falas? – O que dita os remédios. – Então, não és tu que vês os remédios? – Oh! não; eu já não disse que é o meu anjo doutor quem os indica?

Assim, nesse sonâmbulo, a ação de *ver* o mal era do seu próprio Espírito

que, para isso, não precisava de assistência alguma, embora a indicação dos remédios lhe fosse dada por outro Espírito. Não estando presente esse outro, ele nada podia fazer. Quando só, era apenas um *sonâmbulo*; assistido por aquele a quem chamava seu anjo doutor, era *sonâmbulo-médium*.

174. A lucidez sonambúlica é uma faculdade que depende do organismo e que nada tem a ver com a elevação, o adiantamento e mesmo o estado moral do indivíduo. Pode, pois, um sonâmbulo ser muito lúcido e ao mesmo tempo incapaz de resolver certas questões, se o seu Espírito for pouco adiantado. O sonâmbulo que fala por si próprio pode, portanto, dizer coisas boas ou más, exatas ou falsas, demonstrar mais ou menos delicadeza e escrúpulo nos processos de que use, conforme o grau de elevação ou de inferioridade do seu próprio Espírito. É então que a assistência de outro Espírito pode suprir as suas deficiências. Entretanto, como acontece com os médiuns, um sonâmbulo pode ser assistido por um Espírito mentiroso, leviano ou mesmo mau. É principalmente neste caso que as qualidades morais exercem grande influência, para atraírem os Espíritos bons. (Veja-se *O Livro dos Espíritos*, "Sonambulismo", questão 425; e, neste livro, o capítulo sobre a "Influência Moral do Médium".)

Médiuns curadores

175. Somente para não deixar de mencioná-la, falaremos aqui desta variedade de médiuns, porque o assunto exigiria desenvolvimento excessivo para os limites em que devemos nos restringir. Aliás, estamos informados de que um médico, amigo nosso, se propõe a tratá-lo em obra especial sobre a medicina intuitiva. Diremos apenas que este gênero de mediunidade consiste principalmente no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. Certamente dirão que se trata simplesmente de magnetismo. Evidentemente, o fluido magnético desempenha aí importante papel; porém, quando se examina o fenômeno com cuidado, facilmente se reconhece que há mais alguma coisa. A magnetização ordinária é um verdadeiro tratamento regular, seguido e metódico. No caso que apreciamos, as coisas se passam de modo inteiramente diverso. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam conduzir-se convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a faculdade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de

magnetismo. A intervenção de uma potência oculta, que caracteriza a mediunidade, torna-se evidente em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação. (Veja-se o item 131.)

176. Eis as respostas que nos deram os Espíritos às perguntas que lhes dirigimos sobre este assunto:

1. *Podemos considerar as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?*

"Sem a menor dúvida."

2. *Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem. Ora, o magnetizador, haurindo de si mesmo a força de que se utiliza, não parece servir de intermediário a nenhuma potência estranha.*

"É um erro. A força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um Espírito bom que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias."

3. *Entretanto, há excelentes magnetizadores que não creem nos Espíritos.*

"Pensas então que os Espíritos só atuam nos que creem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados pelos Espíritos bons. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, mesmo sem se dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus."

4. *O magnetizador que acreditasse na intervenção dos Espíritos agiria com maior eficácia?*

"Faria coisas que consideraríeis milagres."

5. *Algumas pessoas têm realmente o dom de curar pelo simples toque, sem o emprego dos passes magnéticos?*

"Certamente; não tens numerosos exemplos disso?"

6. *Nesse caso, há também ação magnética ou apenas influência dos Espíritos?*

"Ambas as coisas. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois atuam sob a influência dos Espíritos, o que não quer dizer que sejam médiuns curadores,

conforme o entendes.”

7. *Esse poder pode ser transmitido?*

“O poder, não; mas o conhecimento de que necessita para exercê-lo aquele que o possua, sim. Há pessoas que nem sequer desconfiam de que têm esse poder, se não acreditarem que ele lhes foi transmitido.”

8. *Podem obter-se curas unicamente por meio da prece?*

“Sim, algumas vezes, desde que Deus o permita. Pode acontecer, no entanto, que o bem do doente esteja em sofrer por mais tempo e então julgais que a vossa prece não foi ouvida.”

9. *Haverá para isso fórmulas de preces mais eficazes do que outras?*

“Somente a superstição pode atribuir virtudes a certas palavras e somente Espíritos ignorantes ou mentirosos podem alimentar semelhantes ideias, prescrevendo fórmulas. Entretanto, em se tratando de pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, pode acontecer que o uso de determinada fórmula contribua para lhes infundir confiança. Neste caso, a eficácia não está na fórmula, mas na fé, que aumenta por conta da ideia associada ao uso da fórmula.”

Médiuns pneumatógrafos

177. Dá-se esse nome aos médiuns que têm aptidão para obter a escrita direta, o que não é possível a todos os médiuns escreventes. Por enquanto, essa faculdade é muito rara. Provavelmente se desenvolve pelo exercício, mas, como já dissemos, sua utilidade prática se limita a uma comprovação evidente da intervenção de uma força oculta nas manifestações. Só a experiência é capaz de revelar se alguém a possui. Pode-se, portanto, experimentar, como também se pode interrogar um Espírito protetor a respeito do assunto, por outros meios de comunicação. Conforme seja maior ou menor o poder do médium, obtêm-se simples traços, sinais, letras, palavras, frases e mesmo páginas inteiras. Geralmente, basta colocar uma folha de papel dobrada num lugar qualquer, ou indicado pelo Espírito, durante dez minutos, ou um quarto de hora, às vezes mais. A prece e o recolhimento são condições essenciais; é por isso que se pode considerar impossível a obtenção da escrita direta, numa reunião de pessoas pouco sérias, ou que não estejam animadas de sentimentos de simpatia e

benevolência. (Veja-se a teoria da escrita direta, capítulo VIII, “Laboratório do Mundo Invisível”, item 127 e seguintes, e capítulo XII, “Pneumatografia ou Escrita Direta. Pneumatofonia”.)

Trataremos de modo especial dos médiuns escreventes nos capítulos seguintes.

[1]**N. de A. K.:** Um dos fatos mais extraordinários desta natureza, pela variedade e singularidade dos fenômenos, é, incontestavelmente, o que ocorreu em 1852, em Bergzabern, perto de Wissemburg (Palatinado – Baviera renana). É tanto mais notável porque reúne, no mesmo indivíduo, quase todos os gêneros de manifestações espontâneas: estrondos de abalar a casa, derribamento dos móveis, arremesso de objetos a distância por mãos invisíveis, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos tocando sem contato, comunicações inteligentes etc. e, o que não é menos importante, a comprovação destes fatos, durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares, dignas de fé pelo saber e pelas posições sociais que ocupavam. O relato autêntico de tais fenômenos foi publicado, naquela época, em muitos jornais alemães e, especialmente, numa brochura hoje esgotada e raríssima. Na *Revista Espírita de 1858* se encontra a tradução completa dessa brochura, com os comentários e explicações indispensáveis. Salvo engano, essa é a única publicação feita em francês do folheto a que nos referimos. Além do interesse fascinante que tais fenômenos despertam, eles são eminentemente instrutivos, do ponto de vista do estudo prático do Espiritismo.

[2]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

CAPÍTULO XV

Médiuns Escreventes ou Psicógrafos

• Médiuns mecânicos

• Médiuns intuitivos

• Médiuns semimecânicos

• Médiuns inspirados ou involuntários

• Médiuns de pressentimentos

178. De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. É para ele que devem tender todos os esforços, por permitir que se estabeleçam com os Espíritos relações tão continuadas e regulares, como as que existem entre nós. Deve ser estimulado com insistência, pois é por esse meio que os Espíritos revelam melhor a sua natureza e o grau de perfeição ou de inferioridade que os caracterizam. Pela facilidade com que podem exprimir-se, eles nos revelam seus mais íntimos pensamentos e nos facultam apreciá-los em seu justo valor. Além disso, entre as faculdades mediúnicas, a de escrever é a mais suscetível de ser desenvolvida pelo exercício.

Médiuns mecânicos

179. Quem examinar certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta ou da prancheta que escreve não poderá duvidar de uma ação exercida diretamente pelo Espírito sobre esses objetos. Algumas vezes, a cesta se agita com tanta violência que escapa das mãos do médium e não raro se dirige a certas pessoas da assistência para nelas bater. De outras vezes, seus movimentos revelam um sentimento afetuoso. Dá-se a mesma coisa quando o lápis está colocado na mão do médium; frequentemente é atirado longe com força, ou então a mão, bem como a cesta, se agitam convulsivamente e batem na mesa de modo colérico, mesmo quando o médium se encontra bastante calmo e se admira de não poder controlar-se. Digamos, de passagem, que tais efeitos demonstram

invariavelmente a presença de Espíritos imperfeitos. Os Espíritos realmente superiores são sempre calmos, dignos e benévolos; se não são ouvidos de maneira conveniente, retiram-se e outros lhes tomam o lugar. O Espírito pode, pois, exprimir diretamente suas ideias, quer movimentando um objeto a que a mão do médium serve de simples ponto de apoio, quer acionando a própria mão.

Quando o Espírito atua diretamente sobre a mão do médium, ele lhe dá uma impulsão completamente independente da vontade deste último. Enquanto o Espírito tiver alguma coisa a dizer, a mão se move sem interrupção e à revelia do médium, parando somente quando o ditado termina.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. Essa inconsciência absoluta é peculiar aos chamados *médiuns passivos* ou *mecânicos*. Trata-se de faculdade preciosa, por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve.

Médiuns intuitivos

180. A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou melhor, de sua alma, já que designamos por esse nome o Espírito encarnado. O Espírito comunicante não atua sobre a mão para fazê-la escrever; não a toma, nem a guia. Atua sobre a alma, com a qual se identifica. A alma do médium, sob esse impulso, dirige sua mão e a mão dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante: o Espírito comunicante não substitui a alma do médium, visto que não poderia deslocá-la; domina-a, à revelia dela, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é inteiramente passivo; é ela quem recebe o pensamento do Espírito comunicante e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. É o que se chama *médium intuitivo*.

Se for assim, retrucarão, nada prova que seja um Espírito estranho quem escreve, e não a alma do médium. De fato, algumas vezes a distinção é bastante difícil de se fazer, o que tem pouca importância. Todavia, é possível reconhecer-se o pensamento sugerido, pelo fato de nunca ser preconcebido; surge à medida que a escrita vai sendo traçada e, não raras vezes, é contrário à ideia que o médium fazia do assunto, antes de começar a escrevê-lo. Pode, inclusive, estar fora dos conhecimentos e capacidades do médium.

O papel do médium mecânico é o de uma máquina; o médium intuitivo age como faria um intérprete. Este, de fato, para transmitir o pensamento, precisa compreendê-lo e, de certo modo, apropriar-se dele, para traduzi-lo fielmente. Entretanto, esse pensamento não é seu, apenas lhe atravessa o cérebro. É exatamente este o papel do médium intuitivo.

Médiuns semimecânicos

181. No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico participa de ambos esses gêneros. Sente que sua mão é impulsionada contra sua vontade, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro, o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, antes da escrita; no terceiro, ao mesmo tempo que a escrita. Estes últimos médiuns são os mais numerosos.

Médiuns inspirados ou involuntários

182. Todo aquele que recebe, pelo pensamento, tanto no seu estado normal como no de êxtase, comunicações estranhas às suas ideias preconcebidas, pode ser incluído na categoria dos médiuns inspirados. Trata-se, como se vê, de uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta é aí muito menos sensível, porque é ainda mais difícil de se distinguir, no inspirado, o pensamento próprio daquele que lhe é sugerido. O que caracteriza este último gênero é, sobretudo, a espontaneidade. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam, para o bem, ou para o mal, mas procede principalmente dos que querem o nosso bem e cujos conselhos rejeitamos com muita frequência. Ela se aplica a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar. Sob esse aspecto, pode-se dizer que todos são médiuns, porque não há quem não tenha seus Espíritos protetores e familiares, que tudo fazem para sugerir ideias salutares aos seus protegidos. Se todos estivessem bem convencidos desta verdade, ninguém deixaria de recorrer com frequência à inspiração do seu anjo da guarda, nos momentos em que não sabe o que dizer ou fazer. Que cada um invoque o seu Espírito protetor com *fervor* e *confiança*, caso seja necessário, e muitas vezes se admirará das ideias que lhe surgem como que por encanto, quer se trate de uma resolução a tomar, quer de alguma coisa a

fazer. Se não surge nenhuma ideia imediatamente, é que se deve esperar. A prova de que a ideia que sobrevém é estranha ao médium está no fato de que ela não se manifesta à vontade dele, como seria de esperar se já existisse na sua mente, porquanto ele poderia dominá-la a qualquer momento e utilizá-la como bem entendesse. Quem não é cego nada mais precisa fazer do que abrir os olhos, para ver quando quiser. Do mesmo modo, aquele que possui ideias próprias sempre as terá à sua disposição. Se elas não lhe vêm quando quer, é que está obrigado a buscá-las em outra parte, e não na sua intimidade.

Também se podem incluir nesta categoria as pessoas que, sem serem dotadas de inteligência fora do comum e sem saírem do estado normal, têm lampejos de lucidez intelectual que lhes dá momentaneamente uma facilidade inusitada de concepção e de alocução e, em certos casos, o pressentimento de coisas futuras. Nesses momentos, justamente considerados de inspiração, as ideias são abundantes, contínuas e, a bem dizer, se encadeiam por si mesmas, sob um impulso involuntário e quase febril. Parece que uma inteligência superior nos vem ajudar e que o nosso espírito se desembaraçou de um fardo.

183. Os homens de gênio, de todas as espécies, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de compreender por si mesmos e de conceber grandes coisas. Ora, é justamente por julgá-los capazes que os Espíritos, quando querem executar certos trabalhos, lhes sugerem as ideias necessárias, de modo que eles são, na maioria das vezes, *médiuns sem o saberem*. Não obstante, eles têm vaga intuição de uma assistência estranha, visto que todo aquele que apela para a inspiração mais não faz do que uma evocação. Se não esperasse ser atendido, por que exclamaria, com tanta frequência: meu bom gênio, vem em meu auxílio?

As respostas seguintes confirmam esta asserção:

1. *Qual a causa principal da inspiração?*

“O Espírito que se comunica pelo pensamento.”

2. *A inspiração não tem por objetivo senão revelar as grandes coisas?*

“Não. Muitas vezes ela se relaciona com as mais corriqueiras circunstâncias da vida. Por exemplo, queres ir a alguma parte; uma voz secreta te diz que não o faças, porque correrás perigo; ou então te diz que faças uma coisa em que não pensavas. É a inspiração. Há bem poucas pessoas que não tenham sido mais ou menos inspiradas em certos momentos.”

3. *Um autor, um pintor, um músico, por exemplo, poderiam, nos momentos de inspiração, ser considerados como médiuns?*

“Sim, porque nesses momentos eles têm a alma mais livre e como que desprendida da matéria; a alma recobra parcialmente as suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos outros Espíritos que a inspiram.”

Médiuns de pressentimentos

184. O pressentimento é uma vaga intuição das coisas futuras. Algumas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. Pode ser devida a uma espécie de dupla vista, que lhes permite entrever as consequências das coisas atuais e o desenrolar natural dos acontecimentos. Mas, muitas vezes, também é resultado de comunicações ocultas, e é principalmente neste caso que se pode dar aos que dela são dotados o nome de *médiuns de pressentimentos*, que constituem uma variedade dos *médiuns inspirados*.

CAPÍTULO XVI

Médiuns Especiais

• Aptidões especiais dos médiuns

• Quadro sinótico das diferentes espécies de médiuns

Aptidões especiais dos médiuns[1]

185. Além das categorias de médiuns que acabamos de enumerar, a mediunidade apresenta uma variedade infinita de nuanças, que constituem os chamados médiuns especiais, dotados de aptidões particulares, ainda não definidas, salvo as qualidades e conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A natureza das comunicações guarda sempre relação com a natureza do Espírito e traz a marca da sua elevação ou da sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância. Mas, em igualdade de merecimento, do ponto de vista hierárquico, há nele incontestavelmente uma propensão para se ocupar de uma coisa de preferência a outra. Os Espíritos batedores, por exemplo, raramente se afastam das manifestações físicas e, entre os que dão comunicações inteligentes, há Espíritos poetas, músicos, desenhistas, moralistas, sábios, médicos etc. Referimo-nos aos Espíritos de mediana categoria, pois as aptidões se confundem na unidade da perfeição, quando eles atingem certo grau de elevação. Mas, ao lado da aptidão do Espírito, existe a do médium, que é, para o primeiro, instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível e no qual ele descobre qualidades particulares que não podemos apreciar.

Façamos uma comparação. Um músico muito hábil tem ao seu alcance diversos violinos que, para as pessoas comuns, são todos bons instrumentos, embora sejam muito diferentes uns dos outros para o artista consumado, que neles descobre variações de extrema delicadeza, levando-o a escolher uns e rejeitar outros, variações que ele percebe por intuição, mas que não consegue definir. Dá-se a mesma coisa em relação aos médiuns. Em igualdade de condições quanto à força mediúnica, o Espírito dará preferência a um ou a outro, de acordo com o gênero de comunicação que queira transmitir. Assim, por exemplo, há indivíduos que, como médiuns, escrevem admiráveis poesias;

entretanto, em condições ordinárias, nunca foram capazes ou souberam fazer dois versos. Outros, ao contrário, são poetas, mas, como médiuns, só escrevem prosa, apesar do desejo que nutrem de escrever poesias. Acontece a mesma coisa com o desenho, com a música etc. Há médiuns que, sem possuírem conhecimentos científicos, demonstram especial aptidão para receber comunicações eruditas; outros, para os estudos históricos; outros servem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos moralistas. Em suma, qualquer que seja a flexibilidade do médium, as comunicações que ele recebe mais facilmente trazem uma marca especial. Há ainda os que nunca saem de uma certa ordem de ideias e, quando delas se afastam, só obtêm comunicações incompletas, lacônicas e quase sempre falsas. Além da questão das aptidões, os Espíritos que se comunicam dão preferência a tal ou qual médium, de acordo com as suas simpatias. Assim, em igualdade de condições, o mesmo Espírito será muito mais explícito com certos médiuns, apenas porque estes lhe convêm mais.

186. Enganar-se-ia totalmente quem pretendesse obter boas comunicações de todos os gêneros, simplesmente por ter ao seu alcance um bom médium, por mais facilidade que tenha para escrever. A primeira condição, sem dúvida, é nos certificarmos da fonte de onde elas procedem, isto é, das qualidades do Espírito que as transmite. Porém, não é menos indispensável ter em vista as qualidades do instrumento oferecido ao Espírito. Precisamos, portanto, estudar a natureza do médium, como estudamos a do Espírito, porque são esses os dois elementos essenciais para a obtenção de um resultado satisfatório. Existe ainda um terceiro elemento, que desempenha papel igualmente importante: é a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável de quem interroga, e isso é fácil de compreender. *Para que uma comunicação seja boa, é preciso que proceda de um Espírito bom; para que esse Espírito bom* **possa** *transmiti-la, é indispensável que disponha de um bom instrumento; para que ele* **queira** *transmiti-la, é necessário que o fim visado lhe convenha*. O Espírito, que lê no pensamento, julga se a questão que lhe propõem merece resposta séria e se a pessoa que a formula é digna de recebê-la. Caso contrário, não perde seu tempo em lançar boas sementes em terreno pedregoso, e é então que os Espíritos levianos e zombeteiros entram em ação, porque, pouco se importando com a verdade, não a encaram de muito perto e geralmente se mostram pouco escrupulosos quanto aos objetivos e meios empregados.

Vamos fazer um resumo dos principais gêneros de mediunidade, a fim de apresentarmos, de alguma maneira, o seu quadro sinótico, compreendendo as

que já descrevemos nos capítulos anteriores e a indicação do número em que foram tratadas com mais detalhes.

Agrupamos as diferentes espécies de médiuns por analogia de causas e efeitos, sem que esta classificação tenha algo de absoluta. Algumas se encontram com facilidade; outras, ao contrário, são raras e excepcionais, o que teremos cuidado de indicar. Estas últimas indicações foram todas feitas pelos Espíritos, que, aliás, reviram este quadro com particular atenção e o completaram por meio de numerosas observações e novas categorias, de sorte que o referido quadro é, a bem dizer, obra deles. Destacamos entre aspas as observações textuais que eles fizeram, sempre que nos pareceu conveniente assinalá-las. São, na sua maioria, de *Erasto* e de *Sócrates*.

Quadro sinótico das diferentes espécies de médiuns[2]

187. Podem dividir-se os médiuns em duas grandes categorias:

Médiuns de efeitos físicos – Os que têm o poder de provocar efeitos materiais ou manifestações ostensivas. (Item 160.)

Médiuns de efeitos intelectuais – Os que são mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes. (Item 65 e seguintes.)

Todas as outras variedades se prendem mais ou menos a uma ou outra dessas duas categorias; algumas participam de ambas. Se analisarmos os diferentes fenômenos produzidos sob a influência mediúnica, veremos que, em todos, há um efeito físico, e que aos efeitos físicos se associa quase sempre um efeito inteligente. Algumas vezes é difícil determinar o limite entre os dois, mas isso não apresenta nenhuma consequência. Incluímos sob a denominação de *médiuns de efeitos intelectuais* os que podem, mais particularmente, servir de intermediários para as comunicações regulares e contínuas. (Item 133.)

188. Espécies comuns a todos os gêneros de mediunidade:

Médiuns sensitivos – Pessoas que são capazes de sentir a presença dos Espíritos, por uma impressão geral ou local, vaga ou material. A maioria delas distingue os Espíritos bons dos maus, pela natureza da impressão. (Item 164.)

“Os médiuns delicados e muito sensíveis devem abster-se das comunicações com os Espíritos violentos, ou cuja impressão é penosa, por causa

da fadiga que daí resulta.”

Médiuns naturais ou inconscientes – Os que produzem os fenômenos espontaneamente, sem nenhuma participação da própria vontade e, na maioria das vezes, à sua revelia. (Item 161.)

Médiuns facultativos ou voluntários – Os que têm o poder de provocar os fenômenos por ato da própria vontade. (Item 160.)

“Seja qual for essa vontade, eles nada podem, se os Espíritos se recusam, o que prova a intervenção de uma força estranha.”

189. Variedades especiais para os efeitos físicos:

Médiuns tiptólogos – Aqueles sob cuja influência se produzem os ruídos e as pancadas. Variedade muito comum, com ou sem intervenção da vontade.

Médiuns motores – Os que produzem o movimento dos corpos inertes. Muito comuns. (Item 61.)

Médiuns de translações e de suspensões – Os que produzem a translação aérea e a suspensão dos corpos inertes no espaço, sem ponto de apoio. Entre eles há os que podem elevar-se a si mesmos. Mais ou menos raros, conforme a amplitude do fenômeno; raríssimos, no último caso. (Item 75 e seguintes; item 80.)

Médiuns de efeitos musicais – Os que provocam a execução de composições musicais, sem qualquer contato com os instrumentos. Muito raros. (Item 74; pergunta 24.)

Médiuns de aparições – Os que podem provocar aparições fluídicas ou tangíveis, visíveis para os assistentes. Excepcionais. (Item 100, pergunta 27; item 104.)

Médiuns de transporte – Os que podem servir de auxiliares aos Espíritos para o transporte de objetos materiais. Variedade de médiuns motores e de translações. Excepcionais. (Item 96.)

Médiuns noturnos – Os que só obtêm certos efeitos físicos na obscuridade. Eis a resposta de um Espírito à pergunta que fizemos sobre a possibilidade de se considerarem esses médiuns como constituindo uma variedade:

“Certamente se pode fazer disto uma especialidade, mas esse fenômeno depende mais das condições ambientes do que da natureza do médium ou dos

Espíritos. Devo acrescentar que alguns escapam a essa influência do meio e que a maioria dos médiuns noturnos poderiam chegar, pelo exercício, a agir tão bem no claro quanto na obscuridade. Esta variedade de médiuns é pouco numerosa e, cumpre dizer claramente, é graças a essa condição, que oferece plena liberdade ao emprego dos truques da ventriloquia e dos tubos acústicos, que os charlatães têm abusado bastante da credulidade, fazendo-se passar por médiuns, a fim de ganharem dinheiro. Mas que importa? Os mágicos de gabinete, como os da praça pública, serão cruelmente desmascarados e os Espíritos lhes provarão que agem mal, intrometendo-se na obra deles. Repito: alguns charlatães receberão, de modo bastante rude, o castigo que os fará detestar o ofício de falsos médiuns. Aliás, isso é uma questão de tempo."

Erasto

Médiuns pneumatógrafos – Os que obtêm a escrita direta. Fenômeno muito raro e, sobretudo, muito fácil de ser imitado pelos trapaceiros. (Item 177.)

> Observação – Os Espíritos insistiram, contra a nossa opinião, em incluir a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, disseram eles, de que: "Os efeitos inteligentes são aqueles para cuja produção o Espírito se serve dos materiais existentes no cérebro do médium, o que não é o caso da escrita direta. A ação do médium é aqui toda material, ao passo que no médium escrevente, ainda que completamente mecânico, o cérebro desempenha sempre um papel ativo".

Médiuns curadores – Os que têm o poder de curar ou de aliviar o doente, tão só pela imposição das mãos ou pela prece.

"Essa faculdade não é essencialmente mediúnica. Todos os verdadeiros crentes a possuem, sejam médiuns ou não. Na maioria das vezes, é apenas uma exaltação do poder magnético, fortalecido, se necessário, pelo concurso de Espíritos bons." (Item 175.)

Médiuns excitadores – Os que têm o poder de desenvolver nos outros, por influência própria, a faculdade de escrever.

"É mais um efeito magnético do que um caso de mediunidade propriamente dita, já que nada prova a intervenção de um Espírito. Seja como for, pertence à categoria dos efeitos físicos." (Veja-se o capítulo, "Formação dos Médiuns".)

190. Médiuns especiais para efeitos intelectuais. Aptidões diversas:

Médiuns audientes – Os que ouvem os Espíritos. Muito comuns. (Item 165.)

"Há muitas pessoas que imaginam ouvir o que só existe na sua

imaginação.”

Médiuns falantes – Os que falam sob a influência dos Espíritos. Muito comuns. (Item 166.)

Médiuns videntes – Os que veem os Espíritos, em estado de vigília. A visão acidental e inesperada de um Espírito, numa circunstância particular, é muito frequente; mas a visão habitual ou facultativa dos Espíritos, sem qualquer distinção, é excepcional. (Item 167.)

“É uma aptidão a que se opõe o estado atual dos órgãos. É por isso que nem sempre se deve acreditar na palavra dos que dizem ver os Espíritos.”

Médiuns inspirados – São aqueles cujos pensamentos são sugeridos pelos Espíritos à revelia do medianeiro, seja com relação aos atos comuns da vida, seja os que dizem respeito aos grandes trabalhos da inteligência. (Item 182.)

Médiuns de pressentimentos – Pessoas que, em certas circunstâncias, têm uma vaga intuição de coisas vulgares que ocorrerão no futuro. (Item 184.)

Médiuns proféticos – Variedade dos médiuns inspirados ou de pressentimentos. Recebem, com a permissão de Deus e com mais exatidão do que os médiuns de pressentimentos, a revelação das coisas futuras de interesse geral. Estão encarregados de transmiti-las aos homens, em benefício da instrução destes.

“Se há profetas verdadeiros, há também os falsos, muito mais numerosos, que consideram revelações os devaneios da própria imaginação, e isto quando não são embusteiros que, por ambição, se apresentam como tais.” (Veja-se, em *O Livro dos Espíritos*, questão 624, “Caráter do verdadeiro profeta”.)

Médiuns sonâmbulos – Os que, em estado de sonambulismo, são assistidos por Espíritos. (Item 172.)

Médiuns extáticos – Os que, em estado de êxtase, recebem revelações da parte dos Espíritos.

“Muitos extáticos são joguetes da própria imaginação e de Espíritos enganadores que se aproveitam da exaltação deles. São raríssimos os que merecem inteira confiança.”

Médiuns pintores ou desenhistas – São os que pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos. Falamos dos que obtêm trabalhos sérios, visto não se

poder dar esse nome a certos médiuns que Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que desabonariam o mais atrasado estudante.

Os Espíritos levianos são imitadores. Na época em que apareceram os notáveis desenhos de Júpiter, surgiu grande número de pretensos médiuns desenhistas, que Espíritos levianos induziram a fazer as coisas mais ridículas. Um deles, entre outros, querendo suplantar os desenhos de Júpiter, se não pela qualidade, ao menos nas dimensões, fez que um médium desenhasse um monumento que ocupava muitas folhas de papel para chegar à altura de dois andares. Muitos outros se divertiram fazendo que os médiuns pintassem supostos retratos, que eram verdadeiras caricaturas. (*Revista Espírita*, agosto de 1858.)

Médiuns músicos – Os que executam, compõem ou escrevem músicas, sob a influência dos Espíritos. Há médiuns músicos mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados, como os há para as comunicações literárias. (Veja-se *Médiuns de efeitos musicais*.)

Variedades dos médiuns escreventes:

191. 1º) Segundo o modo de execução:

Médiuns escreventes ou psicógrafos – Os que têm a faculdade de escrever por si mesmos sob a influência dos Espíritos.

Médiuns escreventes mecânicos – Aqueles cuja mão recebe um impulso involuntário e que não têm a menor consciência do que escrevem. Raríssimos. (Item 179.)

Médiuns semimecânicos – Aqueles cuja mão se move involuntariamente, mas que têm, instantaneamente, consciência das palavras ou das frases, à medida que escrevem. São os mais comuns. (Item 181.)

Médiuns intuitivos – Aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é conduzida voluntariamente. Diferem dos médiuns inspirados em virtude de estes últimos não precisarem escrever, ao passo que o médium intuitivo escreve o pensamento que lhe é sugerido instantaneamente, sobre um assunto determinado e provocado. (Item 180.)

“São muito comuns, mas também muito sujeitos a erro, porque nem sempre conseguem discernir o que provém dos Espíritos do que procede deles mesmos.”

Médiuns polígrafos – Aqueles cuja escrita muda com o Espírito que se comunica, ou aptos a reproduzir a escrita que o Espírito tinha em vida. O

primeiro caso é muito comum; o segundo, o da identidade da escrita, é mais raro. (Item 219.)

Médiuns poliglotas – Os que têm a faculdade de falar ou escrever em línguas que lhes são desconhecidas. Muito raros.

Médiuns iletrados – Os que escrevem, como médiuns, sem saberem ler, nem escrever, no seu estado habitual.

"Mais raros que os precedentes. Há maior dificuldade material a vencer."

192. 2º) Segundo o desenvolvimento da faculdade:

Médiuns novatos – Aqueles cujas faculdades não estão ainda completamente desenvolvidas e não possuem a experiência necessária.

Médiuns improdutivos – Os que só conseguem obter coisas insignificantes, monossílabos, traços ou letras incoerentes. (Veja-se o capítulo "Formação dos Médiuns".)

Médiuns feitos ou formados – Aqueles cujas faculdades mediúnicas estão completamente desenvolvidas, transmitindo as comunicações que recebem com facilidade e presteza, sem hesitação. Compreende-se que este resultado só pode ser conseguido pelo hábito, ao passo que nos *médiuns novatos* as comunicações são lentas e difíceis.

Médiuns lacônicos – Aqueles cujas manifestações, embora recebidas com facilidade, são breves e sem desenvolvimento.

Médiuns explícitos – As comunicações que recebem têm toda a amplitude e toda a extensão que se podem esperar de um escritor consumado.

"Esta aptidão resulta da expansão e da facilidade de combinação dos fluidos. Os Espíritos os procuram para tratar de assuntos que comportam grandes desenvolvimentos."

Médiuns experimentados – A facilidade de execução é uma questão de hábito, que se adquire em pouco tempo, ao passo que a experiência resulta de um estudo sério de todas as dificuldades que se apresentam na prática do Espiritismo. A experiência dá ao médium o tato necessário para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, para julgar suas qualidades boas ou más, pelos mais minuciosos sinais, para distinguir o embuste dos Espíritos zombeteiros, que se acobertam com as aparências da verdade. Facilmente se

compreende a importância desta qualidade, sem a qual todas as outras perdem a sua verdadeira utilidade. O mal é que muitos médiuns confundem a experiência, fruto do estudo, com a aptidão, produto da organização física. Julgam-se mestres, porque escrevem com facilidade; repelem todos os conselhos e se tornam presas de Espíritos mentirosos e hipócritas, que os conquistam, lisonjeando-lhes o orgulho. (Veja-se, adiante, o capítulo “Obsessão”.)

Médiuns maleáveis – Aqueles cuja faculdade se presta mais facilmente aos diversos gêneros de comunicações e pelos quais todos os Espíritos, ou quase todos, podem manifestar-se, espontaneamente ou por evocação.

“Esta variedade de médiuns se aproxima bastante dos médiuns sensitivos.”

Médiuns exclusivos – Aqueles pelos quais se manifesta de preferência um Espírito, e até mesmo com exclusão de todos os demais, o qual responde pelos outros que são chamados.

“Isso resulta sempre de falta de maleabilidade. Quando o Espírito é bom, pode ligar-se ao médium por simpatia ou com uma intenção louvável. Quando é mau, tem sempre em vista submeter o médium à sua dependência. É mais um defeito do que uma qualidade e se aproxima bastante da obsessão.” (Veja-se o capítulo “Obsessão”.)

Médiuns de evocações – Os médiuns maleáveis são naturalmente os mais apropriados para este gênero de comunicação e para responder a questões específicas que se podem propor aos Espíritos. Sob este aspecto, há médiuns especialíssimos.

“Suas respostas se restringem quase sempre a um campo limitado, incompatível com o desenvolvimento de assuntos mais abrangentes.”

Médiuns de ditados espontâneos – Os que recebem de preferência comunicações espontâneas, isto é, de Espíritos que se apresentam sem ser chamados. Quando esta faculdade é especial num médium, torna-se difícil e, às vezes, até impossível, fazer-se uma evocação por seu intermédio.

“Entretanto, são mais bem aparelhados que os da classe precedente. Por aparelhagem queremos nos referir aos elementos cerebrais, porque quase sempre se precisa, para não dizer em todos os casos, de maior soma de inteligência para os ditados espontâneos do que para as evocações. Entenda-se aqui, por ditados espontâneos, os que realmente merecem esse nome e não algumas frases incompletas ou alguns pensamentos banais que se encontram em todos os

escritos humanos.”

193. 3º) Segundo o gênero e a particularidade das comunicações:

Médiuns versificadores – São os que obtêm, mais facilmente do que outros médiuns, comunicações em verso. Muito comuns para versos ruins, e muito raros para versos bons.

Médiuns poéticos – Embora não recebam comunicações em verso, as mensagens que chegam por intermédio deles têm qualquer coisa de vaporoso, de sentimental; nada que mostre indelicadeza. São, mais do que os outros médiuns, apropriados à expressão de sentimentos ternos e afetuosos. Tudo é vago nas comunicações que obtêm, sendo inútil pedir-lhes ideias precisas. Muito comuns.

Médiuns positivos – Suas comunicações têm, geralmente, um caráter de nitidez e precisão, que se presta bastante aos detalhes circunstanciados, aos informes exatos. Muito raros.

Médiuns literários – Não apresentam o que há de impreciso nos médiuns poéticos, nem o terra a terra dos médiuns positivos, mas dissertam com sagacidade. Têm estilo correto, elegante e, frequentemente, de notável eloquência.

Médiuns incorretos – Podem obter excelentes coisas, pensamentos de elevada moralidade, mas num estilo prolixo, incorreto, cheio de repetições e de termos impróprios.

“A incorreção material do estilo decorre geralmente da falta de cultura intelectual do médium que, nesse caso, não é um bom instrumento para o Espírito, embora este não ligue maior importância ao fato. Para o Espírito, o essencial é o pensamento, de modo que ele vos deixa a liberdade de dar-lhe a forma que convenha. Isto, porém, não se aplica às ideias falsas e ilógicas que uma comunicação possa conter, as quais constituem sempre um indício da inferioridade do Espírito que se manifesta.”

Médiuns historiadores – Os que revelam aptidão especial para as explanações históricas. Como todas as outras, esta faculdade independe dos conhecimentos do médium, pois não é raro se verem pessoas sem instrução e até crianças tratar de assuntos que estão fora do seu alcance. Variedade rara dos médiuns positivos.

Médiuns científicos – Não dizemos *sábios*, porque podem ser muito

ignorantes. Apesar disso, eles se mostram especialmente aptos para receber comunicações da esfera das ciências.

Médiuns receitistas – Têm a especialidade de servirem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos para as prescrições médicas. Não se deve confundi-los com os *médiuns curadores*, visto que nada mais fazem do que transmitir o pensamento do Espírito, sem exercerem por si mesmos nenhuma influência. Muito comuns.

Médiuns religiosos – Recebem especialmente comunicações de caráter religioso ou que tratam de questões religiosas, não obstante suas crenças e hábitos.

Médiuns filósofos e moralistas – As comunicações que recebem têm geralmente por objeto as questões de moral e de alta filosofia. Muito comuns, quanto à moral.

"Todas essas nuanças constituem variedades de aptidões dos bons médiuns. Quanto aos que têm uma aptidão especial para comunicações científicas, históricas, médicas e outras, fora do alcance de suas especialidades atuais, podeis estar certos de que possuíam esses conhecimentos em existência anterior e os conservaram em estado latente, fazendo parte dos elementos cerebrais necessários à manifestação do Espírito. Esses elementos abrem caminho ao Espírito para a transmissão de ideias que lhe são próprias, de sorte que em tais médiuns ele encontra instrumentos mais inteligentes e mais maleáveis do que num médium ignorante."

Erasto

Médiuns de comunicações triviais e obscenas – Estas palavras indicam o gênero de comunicações que alguns médiuns recebem habitualmente e a natureza dos Espíritos que as transmitem. Quem haja estudado o mundo dos Espíritos, em todos os graus da escala, sabe que há Espíritos cuja perversidade se iguala à dos homens mais depravados e que se comprazem em exprimir seus pensamentos nos mais grosseiros termos. Outros, menos ignóbeis, se contentam com expressões triviais. É natural que esses médiuns sintam o desejo de se verem livres da preferência de que são objeto por parte de semelhantes Espíritos, e que devem invejar os que, nas comunicações que recebem, jamais escreveram uma palavra inconveniente. Só por uma estranha aberração mental e falta de bom senso se poderia acreditar que semelhante linguagem possa ser usada por

Espíritos bons.

194. 4º) Segundo as qualidades físicas do médium:

Médiuns calmos – Escrevem sempre com certa lentidão e sem experimentar a mais ligeira agitação.

Médiuns velozes – Escrevem com rapidez maior do que normalmente o fariam em seu estado habitual. Os Espíritos se comunicam por meio deles com a rapidez do relâmpago. Dir-se-ia haver neles uma superabundância de fluido, que lhes permite identificação instantânea com o Espírito. Esta qualidade apresenta, às vezes, o inconveniente de tornar muito difícil a leitura da mensagem, salvo se for lida pelo próprio médium, em virtude da rapidez com que foi obtida.

"É muito fatigante, porque o médium gasta muito fluido inutilmente."

Médiuns convulsivos – Ficam num estado de superexcitação quase febril. A mão e algumas vezes todo o corpo se agitam num tremor que não conseguem dominar. A causa primeira desse fato está sem dúvida no organismo, mas também depende muito da natureza dos Espíritos que por eles se comunicam. Os Espíritos bons e benevolentes produzem sempre uma impressão suave e agradável; os maus, ao contrário, uma impressão penosa.

"Só muito raramente esses médiuns devem servir-se de sua faculdade mediúnica, pois o uso muito frequente dela lhes poderia afetar o sistema nervoso." (Capítulo "Identidade dos Espíritos", distinção entre os Espíritos bons e os maus.)

195. 5º) Segundo as qualidades morais dos médiuns:

Mencionamo-las sumariamente e de memória, apenas para completar o quadro, visto que serão tratadas adiante, especialmente nos capítulos: "Influência Moral do Médium", "Obsessão", "Identidade dos Espíritos" e outros, para os quais chamamos particularmente a atenção do leitor. Aí se verá a influência que as qualidades e os defeitos dos médiuns pode exercer na segurança das comunicações e quais os que com razão se podem considerar *médiuns imperfeitos* ou *bons médiuns*.

196. Médiuns imperfeitos:

Médiuns obsidiados – Os que não podem livrar-se de Espíritos importunos e enganadores, mas que não se deixam iludir.

Médiuns fascinados – Os que são iludidos por Espíritos enganadores e se iludem sobre a natureza das comunicações que recebem.

Médiuns subjugados – Os que sofrem uma dominação moral e, muitas vezes, material por parte de Espíritos maus.

Médiuns levianos – Os que não levam a sério suas faculdades e delas só se servem por divertimento ou para futilidades.

Médiuns indiferentes – Os que não tiram nenhum proveito moral das instruções que recebem, nem modificam em coisa alguma o proceder e os hábitos.

Médiuns presunçosos – Os que têm a pretensão de se relacionarem unicamente com Espíritos superiores. Julgam-se infalíveis e consideram inferior e errôneo tudo que não venha por seu intermédio.

Médiuns orgulhosos – Os que se envaidecem das comunicações que lhes são dadas. Julgam que nada mais têm a aprender no Espiritismo e não tomam para si as lições que recebem frequentemente dos Espíritos. Não se contentam com as faculdades que possuem, querem tê-las todas.

Médiuns suscetíveis – Variedade dos médiuns orgulhosos. Melindram-se com as críticas de que sejam objeto as comunicações que recebem e se irritam com a menor contradição. Se mostram o que obtêm, não é para pedir a opinião de ninguém, mas para que o trabalho deles seja admirado. Geralmente, tomam aversão pelas pessoas que não os aplaudem sem restrições e fogem das reuniões onde não possam impor-se e dominar.

“Deixai que se exibam onde quiserem. Que procurem ouvidos mais complacentes ou que se isolem; nada perdem as reuniões que ficam privadas da presença deles.”

Erasto

Médiuns mercenários – Os que exploram suas faculdades.

Médiuns ambiciosos – Os que, embora não mercadejem com as faculdades que possuem, esperam tirar delas uma vantagem qualquer.

Médiuns de má-fé – Os que, possuindo faculdades reais, simulam faculdades que não têm, para se darem mais importância. Não se podem designar pelo nome de médium as pessoas que, não tendo nenhuma faculdade mediúnica,

só produzem certos efeitos por meio do charlatanismo.

Médiuns egoístas – Os que só se servem de suas faculdades para uso pessoal e guardam para si as comunicações que recebem.

Médiuns invejosos – Os que olham com despeito a maior consideração que é dispensada a outros médiuns, que lhes são superiores.

Todas estas más qualidades têm necessariamente a sua contraparte no bem.

197. Bons médiuns:

Médiuns sérios – Os que só se servem de suas faculdades para o bem e para fins verdadeiramente úteis. Utilizar-se delas para satisfação de curiosos e indiferentes, ou para futilidades é, para eles, uma profanação.

Médiuns modestos – Os que não se atribuem nenhum mérito pelas comunicações que recebem, por mais belas que sejam. Consideram-se estranhos a elas e não se julgam livres das mistificações. Longe de fugirem das opiniões desinteressadas, eles as solicitam.

Médiuns devotados – Os que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando necessário, sacrificar gostos, hábitos, prazeres, tempo e mesmo interesses materiais em favor dos outros.

Médiuns seguros – Os que, além da facilidade de execução, merecem toda a confiança, pelo próprio caráter, pela natureza elevada dos Espíritos que os assistem, e que, portanto, se acham menos expostos a ser enganados. Veremos mais tarde que esta segurança não depende de modo algum dos nomes mais ou menos respeitados com que os Espíritos se manifestam.

“É incontestável, bem o sentis, que expondo assim as qualidades e os defeitos dos médiuns, suscitareis contrariedades e até a animosidade de alguns; mas que importa? A mediunidade se espalha cada vez mais e o médium que levasse a mal estas reflexões provaria apenas uma coisa: que não é bom médium, ou seja, que é assistido por Espíritos maus. Aliás, como eu já disse, tudo isto é passageiro e os maus médiuns, os que abusam ou usam mal de suas faculdades, sofrerão tristes consequências, conforme já tem acontecido com alguns. Aprenderão à própria custa o que resulta de aplicarem, no interesse de suas paixões terrenas, um dom que Deus lhes concedera unicamente para o adiantamento moral deles. Se não puderdes reconduzi-los ao bom caminho, lamentai-os, porque – posso dizê-lo – Deus os reprova.”

Erasto

“Este quadro é de grande importância, não só para os médiuns sinceros que procurem de boa-fé preservar-se dos escolhos a que estão expostos, mas também para todos os que se servem dos médiuns, porque a leitura dele lhes dará a medida do que podem racionalmente esperar. Ele deverá estar constantemente sob as vistas de quem quer que se ocupe de manifestações, do mesmo modo que a *escala espírita*, de que é o complemento. Esses dois quadros resumem todos os princípios da Doutrina e contribuirão, mais do que imaginais, para trazer o Espiritismo ao verdadeiro caminho.”

Sócrates

198. Todas estas variedades de médiuns apresentam uma infinidade de graus em sua intensidade. Muitas, em verdade, não passam de nuanças de outras, mas que nem por isso deixam de resultar de aptidões especiais. É muito raro que a faculdade de um médium se circunscreva rigorosamente a um único gênero, o que se compreende facilmente. Um médium pode, sem dúvida, ter muitas aptidões, mas sempre haverá a predominância de uma, e essa é que ele deve tratar de cultivar, se for útil. É erro grave querer forçar a todo custo o desenvolvimento de uma faculdade que não se possua. A pessoa deve cultivar todas aquelas cujos germens reconheça possuir. Procurar ter as outras é, antes de tudo, perder tempo; em segundo lugar, é correr o risco de perder, ou, com certeza, enfraquecer as faculdades de que já seja dotado.

“Quando existe o princípio, o gérmen de uma faculdade, esta se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, o médium pode distinguir-se e obter grandes e belas coisas; ocupando-se de tudo, nada de bom obterá. Notai, de passagem, que o desejo de ampliar indefinidamente o círculo de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos nunca deixam impune. Os bons abandonam sempre os presunçosos, que se tornam então joguete de Espíritos mentirosos. Infelizmente, não é raro verem-se médiuns que, não contentes com os dons que receberam, aspiram, por amor-próprio ou ambição, à posse de faculdades excepcionais, capazes de os tornarem notados. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de *médiuns seguros*.”

Sócrates

199. O estudo da especialidade dos médiuns não só lhes é necessário, como

também ao evocador. Conforme a natureza do Espírito que se deseja chamar e as perguntas a serem feitas a ele, convém que se escolha o médium mais apto àquilo que se tem em vista. Interrogar o primeiro que se apresente é expor-se a receber respostas incompletas ou errôneas. Por exemplo: Ninguém confiará a redação de qualquer trabalho, nem mesmo uma simples cópia, ao primeiro que apareça, apenas porque saiba escrever. Suponhamos um músico, que queira a execução de um trecho de canto por ele composto. Tem à sua disposição muitos cantores, todos eles hábeis; entretanto, não os tomará ao acaso: escolherá, para seu intérprete, aquele cuja voz, cuja expressão, cujas qualidades, enfim, correspondam melhor à natureza do trecho musical. Os Espíritos fazem a mesma coisa com relação aos médiuns, e nós devemos fazer como os Espíritos.

Cumpre notar, além disso, que as variações que a mediunidade apresenta e às quais outras mais se poderiam acrescentar nem sempre guardam relação com o caráter do médium. Assim, por exemplo, um médium naturalmente alegre, jovial, pode obter habitualmente comunicações graves, mesmo severas e vice-versa. É ainda uma prova evidente de que age sob a impulsão de uma influência estranha. Voltaremos ao assunto no capítulo que trata da “Influência Moral do Médium”.

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

CAPÍTULO XVII

Formação dos Médiuns

• Desenvolvimento da mediunidade

• Mudança de caligrafia

• Perda e suspensão da mediunidade

Desenvolvimento da mediunidade

200. Trataremos aqui, especialmente, dos médiuns escreventes, por ser o gênero de mediunidade mais espalhado e, além disso, porque é, ao mesmo tempo, o mais simples, o mais cômodo, o que dá resultados mais satisfatórios e completos. É também o que todos ambicionam possuir. Infelizmente, não dispomos até hoje de nenhum meio para diagnosticar, ainda que de forma aproximada, que alguém possua essa faculdade. Os sinais físicos, que algumas pessoas tomam por indícios, nada têm de infalíveis. Ela se manifesta nas crianças e nos velhos, em homens e mulheres, sejam quais forem o temperamento, o estado de saúde e o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só existe um meio de se comprovar sua existência: é experimentar.

Pode-se obter a escrita, como já vimos, com o auxílio das cestas e pranchetas ou diretamente com a mão. Como este último meio é o mais fácil e, podemos dizer, o único empregado hoje, é ele que recomendamos à preferência de todos. O processo é dos mais simples: consiste unicamente em alguém pegar um lápis e papel e pôr-se na posição de quem escreve, sem qualquer outro preparativo. Entretanto, para que alcance êxito, muitas recomendações se fazem indispensáveis.

201. Como disposição material, recomendamos que se evite tudo o que possa embaraçar o movimento da mão. É preferível mesmo que esta não descanse inteiramente no papel. A ponta do lápis deve tocar na folha o suficiente para traçar alguma coisa, mas não tanto que ofereça resistência. Todas essas precauções se tornam inúteis quando se começa a escrever correntemente, porque então nenhum obstáculo detém mais a mão. São simples preliminares

para o aprendiz.

202. É indiferente que se use pena ou lápis. Alguns médiuns preferem a pena, embora ela só possa servir para os que estejam formados e escrevem pausadamente. Outros, porém, escrevem com tanta velocidade que o uso da pena seria quase impossível ou, pelo menos, muito incômodo. Dá-se a mesma coisa quando a escrita é entrecortada e irregular, ou quando se manifestam Espíritos violentos, que batem com a ponta do lápis e a quebram, rasgando o papel.

203. O desejo natural de todo aspirante a médium é o de poder conversar com os Espíritos das pessoas que lhe são caras; deve, porém, moderar a sua impaciência, porque a comunicação com determinado Espírito apresenta muitas vezes dificuldades materiais que a tornam impossível ao principiante. Para que um Espírito possa comunicar-se, é preciso que haja relações fluídicas entre ele e o médium, que nem sempre se estabelecem instantaneamente. Só à medida que a faculdade se desenvolve é que o médium adquire pouco a pouco a aptidão necessária para pôr-se em comunicação com o Espírito que se apresente. Pode acontecer, portanto, que aquele com quem o médium deseje comunicar-se não esteja em condições propícias a fazê-lo, *embora se ache presente,* como também pode suceder que não tenha possibilidade, nem permissão para atender ao pedido que lhe é feito. Convém, por isso, no começo, que o médium não se obstine em chamar determinado Espírito, com exclusão de qualquer outro, pois muitas vezes acontece não ser com esse que as relações fluídicas se estabelecem mais facilmente, por maior que seja a simpatia que lhe devote o encarnado. Antes, pois, de pensar em obter comunicações de tal ou tal Espírito, é preciso que o aspirante se empenhe em desenvolver a sua faculdade, fazendo, para isso, um apelo geral e se dirigindo principalmente ao seu anjo da guarda.

Não há, para esse fim, nenhuma fórmula sacramental. Quem quer que pretenda indicar alguma pode ser tachado, sem receio, de impostor, visto que a forma não tem nenhum valor para os Espíritos. Contudo, a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus. Pode-se fazê-la nos termos seguintes ou outros equivalentes: *Rogo a Deus todo-poderoso que permita a um Espírito bom vir comunicar-se comigo e fazer-me escrever; rogo também ao meu anjo da guarda que me assista e afaste os Espíritos maus*. Formulada a súplica, espera-se então que um Espírito se manifeste, fazendo o médium escrever alguma coisa. Pode acontecer que compareça aquele que se deseja, como pode ocorrer também que venha um Espírito desconhecido ou o anjo da guarda. Qualquer que ele seja, porém, dar-se-á a conhecer em todos os casos. Mas, então, apresenta-se a

questão da *identidade*, uma das que requerem mais experiência, pois raros são os principiantes que não estejam expostos a ser enganados. Trataremos disso logo adiante, em capítulo especial.

Quando o médium deseja chamar determinados Espíritos, é essencial que comece a dirigir-se somente aos que ele sabe serem bons e simpáticos e que podem ter motivo para atender ao apelo, como parentes ou amigos. Neste caso, a evocação pode ser formulada assim: *Em nome de Deus todo-poderoso, peço que tal Espírito se comunique comigo*. Ou então: *Peço a Deus todo-poderoso que permita a tal Espírito comunicar-se comigo*; ou qualquer outra fórmula que corresponda ao mesmo pensamento. Não é menos necessário que as primeiras perguntas sejam concebidas de tal maneira que as respostas possam ser dadas por um *sim* ou por um *não*. Por exemplo: *Estás aí? Queres responder-me? Podes fazer-me escrever?* etc. Mais tarde essa precaução se torna inútil. No princípio, trata-se apenas de estabelecer uma relação. O essencial é que a pergunta não seja fútil, não trate de questões de interesse particular e, sobretudo, que seja a expressão de um sentimento de benevolência e simpatia pelo Espírito a quem é dirigida. (Veja-se adiante o capítulo especial sobre as “Evocações”.)

204. Uma coisa ainda mais importante a ser observada, do que o modo de fazer a evocação, é a calma, o recolhimento que se deve ter, aliados ao desejo ardente e à firme vontade de conseguir-se o que se quer. Por vontade, não entendemos aqui uma vontade efêmera, que age com intermitências e que outras preocupações interrompem a cada momento, mas sim uma vontade séria, perseverante, contínua, *sem impaciência nem desejo febricitante*. A solidão, o silêncio e o afastamento de tudo que possa ser causa de distração favorecem o recolhimento. Então, nada mais resta fazer, senão renovar todos os dias a tentativa, por dez minutos, ou um quarto de hora, no máximo, de cada vez, durante quinze dias, um mês, dois meses e mais, se for preciso. Conhecemos médiuns que só se formaram depois de seis meses de exercício, ao passo que outros escrevem correntemente logo da primeira vez.

205. Para se evitarem tentativas inúteis, pode-se interrogar, por outro médium, um Espírito sério e adiantado. Mas, é bom lembrar, quando se propõe aos Espíritos a questão de saber se temos ou não mediunidade, eles quase sempre respondem afirmativamente, o que não impede que muitas vezes os ensaios resultem infrutíferos. Isso se explica naturalmente. Desde que se faça ao Espírito uma pergunta de ordem geral, ele responde de modo geral. Ora, como se sabe, nada é mais elástico do que a faculdade mediúnica, já que pode apresentar-se sob

as mais variadas formas e em graus muito diferentes. Uma pessoa pode, pois, ser médium sem o saber, e num sentido diverso daquele que imagina. A esta pergunta vaga: Sou médium?, o Espírito pode responder: Sim. A esta outra mais precisa: Sou médium escrevente?, pode responder: Não. Deve-se levar em conta também a natureza do Espírito a quem é feita a pergunta. Há Espíritos tão levianos e ignorantes que respondem a torto e a direito, como verdadeiros estouvados. Por isso, aconselhamos que o interrogante se dirija a Espíritos esclarecidos que, geralmente, respondem de boa vontade a essas perguntas e indicam o melhor caminho a seguir, caso haja possibilidade de sucesso.

206. Um meio que muito frequentemente dá bom resultado consiste em empregar-se, como auxiliar momentâneo, um médium escrevente, maleável, já formado. Se ele puser a mão, ou os dedos, sobre a mão daquele que deve escrever, é raro que esta última não o faça imediatamente. Compreende-se o que se passa em tal circunstância: a mão que segura o lápis se torna, de certo modo, um apêndice da mão do médium, como o seria uma cesta ou uma prancheta. Isto, porém, não impede que esse exercício seja muito útil, quando é possível empregá-lo, visto que, repetido com frequência e regularidade, ajuda a vencer o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade. Algumas vezes, basta mesmo que o médium magnetize, com essa intenção, o braço e a mão daquele que quer escrever. Muitas vezes, o magnetizador se limita a colocar a mão no ombro daquele, e nós o temos visto escrever prontamente sob essa influência. O mesmo efeito pode produzir-se também sem nenhum contato, apenas por efeito da vontade do auxiliar. Compreende-se facilmente que a confiança do magnetizador no seu poder, para produzir tal resultado, há de desempenhar aí importante papel, e que um magnetizador incrédulo exercerá fraca ou nenhuma ação.

O concurso de um guia experimentado é, além disso, muito útil algumas vezes, para apontar ao principiante uma série de pequenas precauções que ele frequentemente despreza, em detrimento da rapidez de seus progressos. É útil, sobretudo, para esclarecê-lo sobre a natureza das primeiras perguntas e sobre a maneira de propô-las. Seu papel é o de um professor, que o aprendiz dispensará logo que esteja bem habilitado.

207. Outro meio, que também pode contribuir fortemente para desenvolver a faculdade, consiste em reunir-se certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo e comungando na mesma intenção. Feito isso, todas simultaneamente, guardando absoluto silêncio e num recolhimento religioso,

devem tentar escrever, apelando cada uma para o seu anjo da guarda ou para qualquer Espírito simpático. Ou, então, uma delas poderá fazer, sem designação especial e em nome de todos os membros da reunião, um apelo geral aos Espíritos bons, dizendo por exemplo: *Em nome de Deus todo-poderoso, rogamos aos Espíritos bons que se dignem de comunicar-se por intermédio das pessoas aqui presentes*. É raro que entre estas não haja algumas que deem prontos sinais de mediunidade, ou que até escrevam correntemente em pouco tempo.

Compreende-se facilmente o que acontece em tal caso. As pessoas que se reúnem com a mesma intenção formam um todo coletivo, cuja força e sensibilidade se encontram acrescidas por uma espécie de influência magnética, que auxilia o desenvolvimento da faculdade. Entre os Espíritos atraídos por esse concurso de vontades estarão, provavelmente, alguns que descobrirão nos assistentes o instrumento que lhes convenha. Se não for este, será outro e eles o aproveitam.

Esse meio deve ser empregado principalmente nos grupos espíritas que não dispõem de médiuns ou que não os possuam em número suficiente.

208. Tem-se procurado processos para a formação de médiuns, como se têm procurado diagnósticos, mas, até o momento, não conhecemos nenhum mais eficaz do que aqueles que indicamos. Convencidas de que o obstáculo ao desenvolvimento da faculdade é uma resistência de ordem toda material, algumas pessoas pretendem vencê-la por meio de uma espécie de ginástica, a ponto de quase desarticularem o braço e a cabeça. Não descrevemos esse processo, que nos vem do outro lado do Atlântico, não só porque não possuímos nenhuma prova de sua eficácia, como também por estarmos convencidos de que pode oferecer perigo às pessoas de compleição delicada, em virtude do abalo que produzem no sistema nervoso. Se não existirem rudimentos da faculdade, nada poderá produzi-los, nem mesmo a eletrização, que já foi empregada sem sucesso com o mesmo objetivo.

209. No médium aprendiz, a fé não é condição rigorosa; sem dúvida lhe secunda os esforços, mas não é indispensável; a pureza de intenção, o desejo e a boa vontade bastam. Têm-se visto pessoas inteiramente incrédulas ficarem espantadas de escreverem à sua revelia, ao passo que crentes sinceros não o conseguiam, o que prova que esta faculdade depende de uma predisposição orgânica.

210. O primeiro indício de disposição para escrever é uma espécie de

frêmito no braço e na mão. Pouco a pouco, a mão é arrastada por uma impulsão que ela não consegue dominar. Muitas vezes, não é capaz de traçar senão riscos insignificantes; depois, os caracteres se tornam cada vez mais nítidos e a escrita acaba por adquirir a rapidez da escrita normal. Em todos os casos, deve-se entregar a mão ao seu movimento natural, não oferecendo resistência nem propulsão.

Alguns médiuns escrevem correntemente e com facilidade desde o princípio, às vezes mesmo desde a primeira sessão, o que é muito raro. Outros, durante muito tempo, traçam riscos e fazem verdadeiros exercícios caligráficos. Dizem os Espíritos que é para lhes soltar a mão. Se esses exercícios se prolongarem demais, ou degenerarem em sinais ridículos, não há dúvida de que se trata de um Espírito que se diverte, porque os Espíritos bons nada fazem de inútil. Neste caso, é preciso redobrar o fervor no apelo à assistência dos Espíritos bons. Se, apesar de tudo, não houver nenhuma alteração, o médium deve parar, desde que reconheça que nada obtém de sério. Pode-se recomeçar a tentativa todos os dias, mas convém cessar aos primeiros sinais equívocos, a fim de não se dar essa oportunidade aos Espíritos zombeteiros.

A estas observações, acrescenta um Espírito: “Há médiuns cuja faculdade não consegue ir além desses sinais. Quando, depois de alguns meses, continua obtendo apenas coisas insignificantes, ora um *sim*, ora um *não*, ou letras isoladas, é inútil continuarem, pois será gastar papel sem proveito. São médiuns, mas *médiuns improdutivos*. Aliás, as primeiras comunicações obtidas devem considerar-se meros exercícios, tarefa que é confiada a Espíritos secundários; não se deve dar a elas muita importância, visto que procedem de Espíritos empregados, por assim dizer, como mestres de escrita, para treinarem o médium principiante. Jamais acrediteis que sejam Espíritos elevados os que se dedicam a fazer com o médium esses exercícios preparatórios. Se, porém, o médium não tiver um objetivo sério, esses Espíritos secundários acabam por se ligar a ele. Quase todos os médiuns passaram por essa prova para se desenvolverem; cabe-lhes fazer o que seja preciso para conquistar a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores”.

211. O escolho com que se defronta a maioria dos médiuns principiantes é o de terem de lidar com Espíritos inferiores, e feliz do medianeiro quando se trata apenas de Espíritos levianos. Devem estar muito atentos para que tais Espíritos não assumam predomínio, porque, caso isso aconteça, nem sempre lhes será fácil desembaraçar-se deles. Este ponto é de tal modo importante, sobretudo no

começo, que, não sendo tomadas as precauções necessárias, podem-se perder os frutos das mais belas faculdades.

O primeiro ponto consiste em colocar-se o médium sob a proteção de Deus e, cheio de sincera fé, solicitar a assistência do seu anjo da guarda, que é sempre bom, ao passo que os Espíritos familiares, por simpatizarem com as suas boas ou más qualidades, podem ser levianos ou mesmo maus.

O segundo ponto é aplicar-se, com meticuloso cuidado, a reconhecer, por todos os indícios que a experiência faculta, a natureza dos primeiros Espíritos que se comunicam, dos quais é sempre prudente desconfiar. Se forem suspeitos esses indícios, o médium deve dirigir fervoroso apelo ao seu anjo da guarda e repelir o Espírito mau com todas as forças, provando-lhe que não conseguirá enganá-lo, a fim de que ele desanime. Esta a razão pela qual é indispensável o estudo prévio da teoria para todo aquele que queira evitar os inconvenientes peculiares à experiência. A este respeito, há instruções bem desenvolvidas nos capítulos “Obsessão” e “Identidade dos Espíritos”. Aqui nos limitaremos a dizer que, além da linguagem, se podem considerar provas *infalíveis* da inferioridade dos Espíritos: todos os sinais, figuras, emblemas inúteis ou pueris; toda escrita extravagante, irregular, intencionalmente deformada, de dimensões exageradas, apresentando formas ridículas ou pouco usuais. A escrita pode ser muito ruim, até mesmo pouco legível, sem que isso represente qualquer anormalidade, já que o fato depende mais do médium do que do Espírito. Temos visto médiuns enganados de tal maneira, que medem a superioridade dos Espíritos pelas dimensões das letras e que ligam grande importância às letras bem talhadas, como se fossem letras de imprensa, infantilidade evidentemente incompatível com uma superioridade real.

212. Se o médium deve fazer tudo para não cair sob a dependência dos Espíritos maus, mesmo que de forma involuntária, mais ainda deve fazê-lo para não cair voluntariamente. Um desejo incontrolável de escrever não deve levá-lo a dirigir-se ao primeiro Espírito que apareça, na crença de que isto seja indiferente, salvo para se desembaraçar dele mais tarde, caso não lhe convenha. Não se pede impunemente a assistência de um Espírito mau, seja para o que for, pois ele pode exigir pagamento muito caro pelos seus serviços.

Algumas pessoas, impacientes com o desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas, que consideram muito demorado, tiveram a ideia de pedir o auxílio de um Espírito qualquer, pensando em despedi-lo logo em seguida. Muitos

foram servidos como queriam e escreveram imediatamente. Mas o Espírito evocado, pouco se incomodando por ter sido chamado nessas condições, mostrou-se menos dócil na hora de sair do que na hora de chegar. Conhecemos algumas criaturas que foram punidas pela presunção de se julgarem bastante fortes para afastá-los quando quisessem, por anos de obsessão de toda espécie, pelas mais ridículas mistificações, por uma fascinação tenaz e até por desgraças *materiais* e pelas mais cruéis decepções. O Espírito se mostrou, no início, francamente mau, depois hipócrita, a fim de fazer crer na sua conversão ou no pretenso poder do seu subjugado para expulsá-lo quando bem entendesse.

213. A escrita é algumas vezes bem legível, as palavras e as letras perfeitamente destacadas; mas, com certos médiuns, é difícil que outra pessoa, a não ser ele próprio, decifre a mensagem, antes que haja adquirido o hábito de fazê-lo. É formada, frequentemente, de grandes traços; os Espíritos não têm o hábito de economizar papel. Quando uma palavra ou uma frase é quase de todo ilegível, pede-se ao Espírito o favor de recomeçá-la, o que ele em geral faz de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este chega quase sempre a obtê-la mais nítida, por meio de exercícios frequentes e demorados, *onde põe toda a sua vontade*, e rogando com fervor ao Espírito para que seja mais correto. Alguns Espíritos adotam sinais convencionais que passam a ser de uso nas reuniões habituais. Para mostrarem que uma pergunta lhes desagrada e que não querem responder a ela, fazem, por exemplo, um risco longo ou outra coisa equivalente.

Quando o Espírito conclui o que tinha a dizer, ou não quer mais responder, a mão fica imóvel e o médium, quaisquer que sejam seu poder e sua vontade, não consegue obter nem mais uma palavra. Ao contrário, enquanto o Espírito não conclui, o lápis se move sem que a mão consiga detê-lo. Se o Espírito quiser dizer espontaneamente alguma coisa, a mão pega convulsivamente o lápis e começa a escrever, sem que o médium possa opor-se a isso. Aliás, o médium sente quase sempre em si alguma coisa que lhe indica se houve apenas uma parada momentânea, ou se o Espírito concluiu o que tinha a dizer. É raro que não sinta quando o Espírito partiu.

São estas as explicações essenciais que tínhamos a dar, no tocante ao desenvolvimento da psicografia. A experiência revelará, na prática, alguns detalhes que, por inúteis, não devem ser tratados aqui e a cujo respeito os princípios gerais servirão de guia. Se muitos experimentarem, haverá mais médiuns do que em geral se pensa.

214. Tudo o que acabamos de dizer se aplica à escrita mecânica. É, com razão, a faculdade que todos os médiuns procuram obter. Mas o processo mecânico puro é raríssimo, pois a ele se associa, com muita frequência e em maior ou menor grau, a intuição. Tendo consciência do que escreve, o médium é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade; não sabe se o que lhe sai do lápis vem dele mesmo, ou de outro Espírito. Não tem absolutamente que se preocupar com isso e deve prosseguir apesar de tudo. Se observar a si mesmo com atenção, facilmente descobrirá no que escreve uma porção de coisas que não passavam pela sua mente e que até são contrárias às suas ideias, prova evidente de que tais coisas não provêm do seu Espírito. Que continue, pois, e a dúvida se dissipará com a experiência.

215. Se o médium não foi contemplado com a mediunidade exclusivamente mecânica, serão infrutíferas todas as tentativas para chegar a esse resultado. No entanto, ele cometeria grande erro se com isso se julgasse deserdado. Se é dotado apenas de mediunidade intuitiva, deve contentar-se com a que tem, pois ela não deixará de lhe prestar grandes serviços, caso saiba aproveitá-la e não a repelir.

Se, depois de inúteis experimentações, realizadas seguidamente durante algum tempo, não se produzir nenhum indício de movimento involuntário, ou se os movimentos que se produzem são fracos demais para dar resultados, o médium não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe for sugerido, sem se preocupar em saber se esse pensamento procede do seu Espírito ou de uma fonte estranha a ele: a experiência lhe ensinará a distinguir. Aliás, é frequente acontecer que o movimento mecânico se desenvolva algum tempo depois.

Dissemos acima haver casos em que é indiferente saber se o pensamento provém do médium ou de outro Espírito. Isso acontece sobretudo quando o médium, puramente intuitivo ou inspirado, executa por si mesmo um trabalho de imaginação. Pouco importa que atribua a si próprio um pensamento que lhe foi sugerido. Se lhe ocorrem boas ideias, deve agradecer ao seu bom gênio, que não deixará de lhe sugerir outras. Tal é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos sábios.

216. Suponhamos agora que a faculdade mediúnica esteja completamente desenvolvida; que o médium escreva com facilidade; que seja, em suma, o que se chama um médium feito. Seria grande erro de sua parte crer-se dispensado de

novas instruções, pois apenas terá vencido uma resistência material. É aí que começam para ele as verdadeiras dificuldades, que vai precisar cada vez mais dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe serão preparadas. Se pretender voar muito cedo com suas próprias asas, não tardará em ser vítima de Espíritos mentirosos, que buscarão explorar a sua presunção.

217. Uma vez desenvolvida a faculdade, é essencial que o médium não abuse dela. A satisfação que proporciona a alguns principiantes provoca neles um entusiasmo que precisa ser moderado. Devem lembrar-se de que ela lhes foi dada para o bem, e não para satisfação de vã curiosidade. Convém, portanto, que só se utilizem dela nas ocasiões oportunas, e não a todo o momento. Como os Espíritos não estão constantemente às suas ordens, os médiuns correm o risco de ser enganados por mistificadores. É bom que adotem, para evitar esse mal, o sistema de só trabalhar em dias e horas determinados, porque assim se entregarão ao trabalho em condições de maior recolhimento; além disso, os Espíritos que os queiram auxiliar, estando prevenidos do horário das reuniões, se disporão melhor a prestar esse auxílio.

218. Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se revelar de modo algum, deverá o aspirante renunciar a ser médium, como renuncia ao canto quem reconhece não ter voz. Do mesmo modo que aquele que ignora uma língua se vale de um tradutor, o recurso para o dito aspirante será servir-se de outro médium. Mas, se por falta de médiuns não puder recorrer a nenhum, nem por isso deverá considerar-se privado da assistência dos Espíritos. Para estes, a mediunidade representa um meio de se exprimirem, mas não um meio exclusivo de serem atraídos. Os que nos consagram afeição se acham ao nosso lado, sejamos ou não médiuns. Um pai não abandona um filho porque, sendo este surdo e cego, não o pode ouvir nem ver; cerca-o, ao contrário, de toda solicitude, como fazem conosco os Espíritos bons. Se não podem transmitir-nos materialmente seus pensamentos, auxiliam-nos por meio da inspiração.

Mudança de caligrafia

219. Um fenômeno muito comum nos médiuns escreventes é a mudança de caligrafia, conforme os Espíritos que se comunicam. O que há de mais notável é que uma certa caligrafia se reproduz constantemente com determinado Espírito,

sendo às vezes idêntica à que ele tinha em vida. Veremos mais tarde as consequências que daí se pode tirar, com relação à identidade dos Espíritos. A mudança de caligrafia só se dá com os médiuns mecânicos ou semimecânicos, porque neles o movimento da mão é involuntário e dirigido pelo Espírito. O mesmo já não acontece com os médiuns puramente intuitivos, visto que, neste caso, o Espírito atua unicamente sobre o pensamento, sendo a mão dirigida, como nas circunstâncias habituais, pela vontade do médium. Mas a uniformidade da caligrafia, mesmo em se tratando de um médium mecânico, não prova absolutamente nada contra a sua faculdade, porque a variação da forma da escrita não é condição absoluta na manifestação dos Espíritos; depende de uma aptidão especial, de que nem sempre são dotados os médiuns, por mais mecânicos que sejam. Designamos os que a possuem de *médiuns polígrafos*.

Perda e suspensão da mediunidade

220. A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e a suspensões temporárias, quer para as manifestações físicas, quer para a escrita. Eis a resposta dos Espíritos a algumas perguntas feitas sobre este ponto:

1. *Os médiuns podem perder a faculdade que possuem?*

“Isso acontece frequentemente, seja qual for o gênero da faculdade. Mas também, muitas vezes, verifica-se apenas uma interrupção passageira, que cessa com a causa que a produziu.”

2. *A causa da perda da mediunidade estará no esgotamento do fluido?*

“Seja qual for a faculdade que o médium possua, ele nada pode fazer sem o concurso simpático dos Espíritos. Quando nada mais obtém, nem sempre é porque a faculdade lhe falta; frequentemente, são os Espíritos que não querem ou não podem servir-se dele.”

3. *Qual a causa que pode determinar o abandono de um médium por parte dos Espíritos?*

“O uso que ele faz da sua faculdade é o que mais influi para que os Espíritos o abandonem. Podemos abandoná-lo, quando dela se serve para coisas frívolas ou com propósitos ambiciosos; quando se nega a transmitir as nossas palavras, ou os fatos por nós produzidos, aos encarnados que para ele apelam, ou que têm necessidade de ver para se convencerem. Este dom de Deus não é

concedido ao médium para o seu deleite e, ainda menos, para satisfação de suas ambições, mas para a sua melhora espiritual e para que os homens conheçam a verdade. Se o Espírito percebe que o médium já não corresponde aos seus propósitos e já não aproveita das instruções nem dos conselhos que lhe dá, afasta-se, em busca de um protegido mais digno."

4. *O Espírito que se afasta não pode ser substituído? Nesse caso, como se poderia compreender a suspensão da faculdade?*

"Não faltam Espíritos que não desejam outra coisa senão comunicar-se e que, portanto, estão sempre prontos a substituir os que se retiram; mas, quando o que abandona o médium é um Espírito bom, pode acontecer que o seu afastamento seja apenas temporário, para privá-lo, durante certo tempo, de toda comunicação, a fim de lhe servir de lição e de lhe provar que sua faculdade *não depende dele, médium,* de modo que não há razão para se vangloriar dela. Essa impossibilidade temporária também serve para dar ao médium a prova de que ele escreve sob uma influência estranha, sem o que não haveria intermitências.

"Além do mais, a interrupção da faculdade nem sempre é uma punição; demonstra, às vezes, a solicitude do Espírito para com o médium a quem se afeiçoou, tendo por objetivo proporcionar-lhe um repouso material de que o julgou necessitado, caso em que não permite que outros Espíritos o substituam."

5. *No entanto, existem médiuns de grande mérito, moralmente falando, que não sentem qualquer necessidade de repouso e que se contrariam bastante com essas interrupções, cujo objetivo não compreendem.*

"Serve para lhes experimentar a paciência e lhes pôr à prova a perseverança. É por isso que em geral os Espíritos não fixam nenhum termo à suspensão da faculdade mediúnica; é para verem se o médium desanima. Muitas vezes é também para lhes dar tempo de meditar sobre as instruções recebidas. É por essa meditação dos nossos ensinos que reconhecemos os espíritas verdadeiramente sérios. Não podemos dar esse nome aos que, na realidade, não passam de amadores de comunicações."

6. *Nesse caso, o médium deverá prosseguir nas suas tentativas para escrever?*

"Se o Espírito lhe aconselhar isto, sim; se disser que se abstenha, não deverá prosseguir."

7. *Haveria meio de abreviar essa prova?*

“A resignação e a prece. Basta, aliás, que faça cada dia uma tentativa de alguns minutos, visto que será inútil perder seu tempo em ensaios infrutíferos. A tentativa tem o único objetivo de verificar se já recobrou, ou não, a faculdade.”

8. *A suspensão da faculdade não implica o afastamento dos Espíritos que habitualmente se comunicam?*

“De modo algum. Nesse caso, o médium se encontra na situação de uma pessoa que, tendo perdido temporariamente a vista, nem por isso deixará de estar rodeada de amigos, embora não os possa ver. O médium pode e deve continuar a comunicar-se pelo pensamento com seus Espíritos familiares e convencer-se de que é ouvido, pois a falta da mediunidade pode privá-lo das comunicações ostensivas com certos Espíritos, mas não das comunicações morais.”

9. *Assim, a interrupção da faculdade mediúnica nem sempre significa uma censura da parte dos Espíritos?*

“Não, sem dúvida, visto que pode ser uma prova de benevolência.”

10. *Por meio de que sinal se pode reconhecer a censura nesta interrupção?*

“Basta o médium interrogar a sua consciência e perguntar a si mesmo qual o uso que tem feito da sua faculdade, qual o bem que dela tem resultado para os outros, *que proveito tem tirado dos conselhos que eles lhe dão*, e terá a resposta.”

11. *O médium que ficou impossibilitado de escrever não poderá recorrer a outro médium?*

“Depende da causa da interrupção, que tem por fim, quase sempre, deixar-vos algum tempo sem comunicações, depois dos conselhos que vos foram dados, a fim de que não vos habitueis a só fazer as coisas com o nosso concurso. Se for este o caso, o médium nada obterá recorrendo a outro médium. Isto também ocorre com o fim de vos provar que os Espíritos são livres e que não podeis obrigá-los a agir à vossa vontade. É ainda por esta razão que as pessoas que não são médiuns nem sempre recebem todas as comunicações que desejam.”

Observação – De fato, deve-se observar que aquele que recorre a terceiros para obter comunicações, muitas vezes nada consegue de satisfatório, ao passo que, em outras ocasiões, as respostas são muito explícitas. Isso depende de tal modo da vontade do Espírito, que nada se consegue mudando de médium. Parece que os próprios Espíritos obedecem, nesse caso, a uma palavra de ordem, porquanto o que não se obtém de um, não se obterá de nenhum outro. Que nos abstenhamos, então, de insistir; que sejamos pacientes, se não quisermos ser vítimas de Espíritos enganadores, que responderão, se exigirmos resposta a qualquer preço, pois os bons deixarão que eles o façam, a fim de punirem a nossa

teimosia.

12. *Com que objetivo a Providência dotou certas pessoas com o dom especial da mediunidade?*

“É uma missão de que se incumbiram e da qual se sentem felizes. Eles são os intérpretes entre os Espíritos e os homens.”

13. *Entretanto, há médiuns que sentem repugnância pelo emprego de suas faculdades.*

“São médiuns imperfeitos; desconhecem o valor da graça que lhes é concedida.”

14. *Se é uma missão, por que semelhante faculdade não é privilégio dos homens de bem, sendo concedida a pessoas que não merecem nenhuma consideração e que dela podem abusar?*

“A faculdade lhes é concedida porque precisam dela para se melhorarem e, também, para que possam receber bons ensinamentos. Se não aproveitam da concessão, sofrerão as consequências. Jesus não pregava de preferência aos pecadores, dizendo ser preciso dar aos que não têm?”

15. *As pessoas que gostariam muito de escrever como médiuns, mas não o conseguem, poderão concluir daí alguma coisa contra si mesmas, com relação à benevolência dos Espíritos para com elas?*

“Não, pois pode acontecer que Deus lhes haja negado essa faculdade, como pode ter negado o dom da poesia ou da música, por exemplo. Contudo, se não gozam desse favor, podem gozar de outros.”

16. *Como um homem pode aperfeiçoar-se mediante o ensino dos Espíritos, quando não tem, nem por si mesmo nem com o auxílio de outros médiuns, os meios de receber de modo direto esse ensinamento?*

“Não tem ele os livros, como o cristão tem o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus, não é preciso que o cristão tenha ouvido suas palavras no instante mesmo em que saíam da boca do Mestre.”

CAPÍTULO XVIII

Inconvenientes e Perigos da Mediunidade

• Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde

• Influência do exercício da mediunidade sobre o cérebro

• Influência do exercício da mediunidade sobre as crianças

Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde[1]

221. 1. *A faculdade mediúnica é indício de um estado patológico qualquer ou simplesmente de um estado anormal?*

“Anormal, às vezes, mas não patológico. Há médiuns de saúde perfeita; os doentes o são por outras causas.”

2. *O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga?*

“O exercício muito prolongado de qualquer faculdade provoca fadiga. A mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos. Ela necessariamente ocasiona um dispêndio de fluido, que traz a fadiga, mas que se repara pelo repouso.”

3. *Do ponto de vista higiênico, o exercício da mediunidade pode ter inconvenientes em si mesmo, excluindo-se os casos de abuso?*

“Há casos em que é prudente, necessário mesmo, a abstenção, ou, pelo menos, o exercício moderado; vai depender do estado físico e moral do médium. Aliás, o médium o sente geralmente e, quando isso acontece, deve abster-se.”

4. *Haverá pessoas para quem esse exercício seja mais inconveniente do que para outras?*

“Eu já disse que isso depende do estado físico e moral do médium. Há pessoas que devem evitar qualquer causa de superexcitação e o exercício da

mediunidade é uma delas.” (Itens 188 e 194.)

Influência do exercício da mediunidade sobre o cérebro[2]

5. *A mediunidade poderia produzir a loucura?*

“Não mais do que qualquer outra coisa, desde que não haja predisposição para isso, em virtude de fraqueza cerebral. A mediunidade não produzirá a loucura, se esta já não existir em estado rudimentar. Porém, se o seu princípio já existe, o que facilmente se reconhece pelo estado moral da pessoa, o bom senso nos diz que devemos ser cautelosos, sob todos os pontos de vista, pois qualquer abalo pode ser prejudicial.”

Influência do exercício da mediunidade sobre as crianças[3]

6. *Será inconveniente desenvolver-se a mediunidade nas crianças?*

“Certamente. E sustento mesmo que seria muito perigoso, visto que esses organismos débeis e delicados sofreriam fortes abalos e as imaginações infantis excessiva superexcitação. Assim, os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias ou, pelo menos, só lhes falar do assunto do ponto de vista das consequências morais.”

7. *Entretanto, há crianças que são médiuns naturalmente, quer de efeitos físicos, quer de escrita e de visões. Esses casos apresentam o mesmo inconveniente?*

“Não. Quando a faculdade se manifesta espontaneamente numa criança, é que está na sua natureza e porque a sua constituição se presta a isso. O mesmo não acontece quando é provocada e superexcitada. Notai que a criança que tem visões pouco se importa com elas, pois lhe parecem coisas muito naturais, a que dá pouquíssima atenção e quase sempre esquece. Mais tarde, o fato lhe volta à memória e ela o explica facilmente, caso conheça o Espiritismo.”

8. *Em que idade se pode ocupar, sem inconvenientes, de mediunidade?*

“Não há idade precisa. Isso depende inteiramente do desenvolvimento físico e, mais ainda, do desenvolvimento moral. Há crianças de doze anos que serão menos afetadas pela faculdade mediúnica do que algumas pessoas já formadas. Falo da mediunidade em geral, pois a de efeitos físicos é mais fatigante para o corpo. A escrita tem outro inconveniente: o que resulta da própria inexperiência da criança, caso ela queira praticá-la sozinha ou fazer disso um brinquedo.”

222. A prática do Espiritismo, como veremos mais adiante, requer muito tato para que sejam desfeitas as tramas dos Espíritos enganadores. Se até homens maduros são iludidos por eles, mais expostos ainda se acham a infância e a juventude, em virtude da própria inexperiência da idade. Sabe-se, além disso, que o recolhimento é uma condição sem a qual não se pode lidar com Espíritos sérios. As evocações feitas levianamente e por gracejo constituem verdadeira profanação, que facilita o acesso aos Espíritos zombeteiros ou malfazejos. Como não se pode esperar de uma criança a gravidade necessária a semelhante ato, seria de temer que, entregue a si mesma, ela fizesse disso um brinquedo. Mesmo nas condições mais favoráveis, é desejável que uma criança dotada de faculdade mediúnica não a exercite senão sob a vigilância de pessoas experientes, que lhe ensinarão, pelo exemplo, o respeito devido às almas dos que viveram. Por aí se vê que a questão da idade tanto está subordinada às condições de temperamento quanto às de caráter. Todavia, o que ressalta com clareza das respostas acima é que não se deve forçar o desenvolvimento dessas faculdades nas crianças, quando não é espontânea, e que, em todos os casos, importa empregá-la com grande prudência, não convindo excitá-la nem estimulá-la nas pessoas débeis.

Devem ser afastadas do exercício da mediunidade, por todos os meios possíveis, as pessoas que apresentem sintomas, ainda que mínimos, de excentricidade nas ideias, ou de enfraquecimento das faculdades mentais, porquanto, nessas pessoas, há predisposição evidente para a loucura, que pode manifestar-se por efeito de qualquer superexcitação. As ideias espíritas não têm, a esse respeito, maior influência do que outras, mas, vindo a loucura a declarar-se, tomará o caráter de preocupação dominante, como tomaria o caráter religioso, se a pessoa se entregasse em excesso às práticas de devoção, e a responsabilidade seria lançada ao Espiritismo. O que de melhor se tem a fazer com todo indivíduo que mostre tendência à ideia fixa é dar outra diretriz às suas preocupações, a fim de proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos.

A propósito deste assunto, chamamos a atenção dos nossos leitores para o §

XII da “Introdução” de *O Livro dos Espíritos*.

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[3]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

CAPÍTULO XIX

O Papel dos Médiuns nas Comunicações Espíritas

• Influência do Espírito pessoal do médium

• Sistema dos médiuns inertes

• Aptidão de certos médiuns para coisas que não conhecem, como línguas, música, desenho etc.

• Dissertação de um Espírito sobre o papel dos médiuns

Influência do Espírito pessoal do médium[1]

223. 1. *No momento em que exerce a sua faculdade, o médium se encontra em estado perfeitamente normal?*

"Às vezes se acha num estado de crise mais ou menos acentuado. É o que lhe causa fadiga e por isso precisa de repouso. Entretanto, na maioria das vezes, seu estado quase não difere do estado normal, principalmente quando se trata de médiuns escreventes."

2. *As comunicações escritas ou verbais também podem emanar do próprio Espírito encarnado no médium?*

"A alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito. Tendes a prova disso nas visitas que vos fazem as almas de pessoas vivas, as quais muitas vezes se comunicam convosco pela escrita, sem que as chameis. Porque, ficai sabendo, entre os Espíritos que invocais, alguns estão encarnados na Terra. *Eles, então, vos falam como Espíritos e não como homens*. Por que não deveria acontecer a mesma coisa com o médium?"

2-a. *Esta explicação não parece confirmar a opinião dos que acreditam que todas as comunicações provêm do Espírito do médium e não de Espíritos estranhos?*

“Os que assim pensam só erram pelo caráter absoluto que atribuem à opinião que sustentam, pois é certo que o Espírito do médium pode agir por si mesmo. Isso, porém, não é razão para que outros não atuem igualmente, por seu intermédio.”

3. *Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium ou outro?*

“Pela natureza das comunicações. Estudai as circunstâncias e a linguagem e distinguireis. É principalmente no estado de sonambulismo ou de êxtase que o Espírito do médium se manifesta, porque então se encontra mais livre. No estado normal é mais difícil. Aliás, há respostas que não se podem atribuir a eles de modo algum. É por isso que vos digo: estudai e observai.”

Observação – Quando uma pessoa nos fala, distinguimos facilmente o que vem dela daquilo de que ela é apenas o eco. O mesmo se verifica com os médiuns.

4. *Desde que o Espírito do médium pode ter adquirido, em existências anteriores, conhecimentos que esqueceu sob o invólucro corpóreo, mas de que se lembra como Espírito, não poderá ele tirar das profundezas de si mesmo as ideias que parecem ultrapassar o alcance da sua instrução?*

“Isso acontece frequentemente, no estado de crise sonambúlica ou extática. Mas ainda uma vez repito: há circunstâncias que não permitem dúvida. Estudai *longamente* e meditai.”

5. *As comunicações que provêm do Espírito do médium são sempre inferiores às que possam ser dadas por outros Espíritos?*

“Sempre, não, pois o Espírito comunicante pode ser de ordem inferior à do médium e, então, falar com menos sensatez. É o que se vê no sonambulismo. Aí, na maioria das vezes, quem se manifesta é o Espírito do sonâmbulo, o qual, não raro, diz coisas muito boas.”

6. *O Espírito comunicante transmite diretamente o seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito encarnado no médium?*

“O Espírito do médium é o intérprete porque está ligado ao corpo que serve para falar, e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para transmitir uma notícia a grande distância, desde que haja, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente que a receba e transmita.”

7. *O Espírito encarnado no médium exerce alguma influência sobre as*

comunicações de outros Espíritos que ele deva transmitir?

"Sim, porque, se não houver afinidade entre eles, o Espírito do médium pode alterar as respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e inclinações. Porém, *não exerce influência sobre os Espíritos comunicantes*, autores das respostas. É apenas um mau intérprete."

8. *Será essa a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?*

"Não há outro motivo. Procuram o intérprete que mais simpatize com eles e que exprima com mais exatidão os seus pensamentos. Não havendo simpatia entre eles, o Espírito do médium é um antagonista que oferece certa resistência, tornando-se um intérprete de má qualidade e muitas vezes infiel. É o que acontece entre vós, quando a opinião de um sábio é transmitida por um homem estouvado ou alguém de má-fé."

9. *Compreende-se que seja assim quando se trata dos médiuns intuitivos; não, porém, quando se trata dos médiuns mecânicos.*

"É que não percebestes exatamente o papel que o médium desempenha. Existe aí uma lei que ainda vos escapa. Lembrai-vos de que, para produzir o movimento de um corpo inerte, o Espírito precisa utilizar-se de uma parcela de fluido animalizado, que toma ao médium, para animar momentaneamente a mesa, a fim de que esta lhe obedeça à vontade. Pois bem: compreendei igualmente que, para uma comunicação inteligente, ele precisa de um intermediário inteligente, e esse intermediário é o Espírito do médium."

9-a. *Isto não parece aplicar-se às mesas falantes, pois quando objetos* inertes, *como mesas, pranchetas e cestas dão respostas inteligentes, presume-se que o Espírito do médium não tenha nenhuma participação no fato.*

"É um erro. O Espírito pode dar ao corpo inerte uma vida artificial momentânea, mas não lhe pode dar inteligência. Jamais um corpo inerte foi inteligente. É, pois, o Espírito do médium que, mesmo sem o saber, recebe e transmite o pensamento, sucessivamente, com o auxílio de diversos intermediários."

10. *Parece resultar dessas explicações que o Espírito do médium nunca é completamente passivo?*

"É passivo quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito que se comunica, mas nunca é inteiramente nulo. Seu concurso é sempre necessário,

como o de um intermediário, mesmo quando se trata dos chamados médiuns mecânicos.”

11. *Não haverá maior garantia de independência no médium mecânico do que no médium intuitivo?*

“Sem dúvida alguma e, para certas comunicações, é preferível um médium mecânico; mas, quando se conhecem as faculdades de um médium intuitivo, torna-se indiferente, conforme as circunstâncias. Quero dizer que há comunicações que exigem menos precisão.”

Sistema dos médiuns inertes[2]

12. *Entre os diferentes sistemas que têm sido propostos para explicar os fenômenos espíritas, há um que proclama estar a verdadeira mediunidade num corpo completamente inerte, na cesta ou na caixa de papelão, por exemplo, que serve de instrumento; que o Espírito manifestante se identifica com esse objeto e o torna não somente vivo, mas também inteligente, do que resulta o nome de* médiuns inertes *dado a esses objetos. Que pensais desse sistema?*

“Pouco se tem a dizer a tal respeito. Se o Espírito transmitisse inteligência à caixa de papelão, ao mesmo tempo que a vida, ela escreveria sozinha, sem o concurso do médium. Seria muito estranho que o homem inteligente se transformasse em máquina e que um objeto inerte se tornasse inteligente. Esse é um dos muitos sistemas oriundos de ideias preconcebidas e que caem, como tantos outros, diante da experiência e da observação.”

13. *Um fenômeno bem conhecido poderia autorizar a opinião de que existe, nos corpos inertes animados, mais do que a vida, mais do que a inteligência: o das mesas, cestas etc. que, pelos seus movimentos, exprimem a cólera ou a afeição?*

“Quando um homem agita encolerizado uma bengala, não é que a bengala esteja com cólera, nem mesmo a mão que a segura, mas o pensamento que dirige a mão. As mesas e as cestas não são mais inteligentes do que a bengala; não apresentam nenhum sentimento inteligente, apenas obedecem a uma inteligência. Numa palavra, o Espírito não se transforma em cesta, nem a elege como domicílio.”

14. *Já que não é racional atribuir-se inteligência a esses objetos, poder-se-*

á considerá-los como uma categoria de médiuns, dando a eles o nome de médiuns inertes*?*

“É uma questão de palavras, que pouco nos importa, contanto que vos entendais. Sois livres para dar a um boneco o nome de homem.”

15. *Os Espíritos só têm a linguagem do pensamento; não dispõem da linguagem articulada, de modo que para eles só há uma língua. Assim sendo, um Espírito seria capaz de exprimir-se, por via mediúnica, numa língua que jamais falou quando vivo? E, nesse caso, de onde tira as palavras de que se serve?*

“Acabastes de responder à pergunta que formulastes, dizendo que os Espíritos só têm uma língua, que é a do pensamento. Todos compreendem essa língua, tanto os homens como os Espíritos. O Espírito errante, quando se dirige ao Espírito encarnado do médium, não lhe fala francês nem inglês, mas a língua universal que é a do pensamento. Para exprimir suas ideias numa língua articulada, transmissível, ele utiliza as palavras do vocabulário do médium.”

Aptidão de certos médiuns para coisas que não conhecem, como línguas, música, desenho etc.[3]

16. *Se é assim, o Espírito só poderia exprimir-se na língua do médium. Entretanto, é sabido que escreve em idiomas que o médium desconhece. Não há aí uma contradição?*

“Notai, primeiramente, que nem todos os médiuns são igualmente aptos a esse gênero de exercício e, depois, que os Espíritos só se prestam a isso acidentalmente, quando julgam que pode ter alguma utilidade. Para as comunicações habituais e de certa extensão, preferem servir-se de uma língua que seja familiar ao médium, porque lhes apresenta menos dificuldades materiais a vencer.”

17. *A aptidão de certos médiuns para escrever numa língua que lhes é estranha não provém da circunstância de essa língua lhes ter sido familiar em outra existência e de haverem guardado a intuição dela?*

“Certamente isso pode acontecer, mas não constitui regra. Com algum esforço, o Espírito pode vencer momentaneamente a resistência material que

encontra. É o que acontece quando o médium escreve, na sua própria língua, palavras que não conhece.”

18. *Uma pessoa que não sabe escrever poderia escrever como médium?*

“Sim, mas facilmente se compreende que terá de vencer grande dificuldade mecânica, por faltar à mão o hábito do movimento necessário para formar letras. Dá-se a mesma coisa com os médiuns desenhistas, que não sabem desenhar.”

19. *Um médium de pouquíssima inteligência poderia transmitir comunicações de ordem elevada?*

“Sim, em virtude da mesma razão pela qual um médium pode escrever numa língua que lhe seja desconhecida. A mediunidade propriamente dita independe da inteligência, bem como das qualidades morais. Em falta de instrumento melhor, o Espírito pode servir-se daquele que tem à mão. Porém, é natural que, para as comunicações de certa ordem, prefira o médium que lhe ofereça menos obstáculos materiais. Há, também, outra consideração: o idiota muitas vezes só se apresenta como idiota por causa da imperfeição de seus órgãos materiais, podendo seu Espírito, no entanto, ser mais adiantado do que se pensa. Tendes a prova disso em certas evocações de idiotas, mortos ou vivos.”

Observação – Este é um fato comprovado pela experiência. Já evocamos inúmeras vezes Espíritos de idiotas vivos, os quais deram evidentes provas de sua identidade e responderam com muita sensatez e mesmo de modo superior às questões que lhes foram propostas. Esse estado é uma punição para o Espírito, que sofre com o constrangimento em que se vê. Um médium idiota pode, pois, oferecer ao Espírito que queira manifestar-se mais recursos do que se pensa. (Veja-se: *Revista Espírita*, julho de 1860, artigo sobre a “Frenologia e a Fisiognomonia”.)

20. *Como se explica a aptidão de certos médiuns para escrever em verso, apesar de ignorantes em matéria de poesia?*

“A poesia é uma linguagem. Eles podem escrever em verso, como podem escrever numa língua que desconheçam. Depois, é possível que tenham sido poetas em outra existência e, como já vos dissemos, os conhecimentos adquiridos jamais são perdidos pelo Espírito, que tem de chegar à perfeição em todas as coisas. Nesse caso, o que eles aprenderam no passado lhes dá uma facilidade de que não dispõem no estado habitual, mesmo que não se deem conta desse fato.”

21. *Do mesmo modo, é assim que se explica a aptidão especial para o desenho e a música?*

“Sim. O desenho e a música também são formas de expressão do

pensamento. Os Espíritos se servem dos instrumentos que lhes oferecem mais facilidade.”

22. *A expressão do pensamento pela poesia, pelo desenho ou pela música depende unicamente da aptidão especial do médium, ou também da aptidão do Espírito que se comunica?*

“Algumas vezes, do médium; outras vezes, do Espírito. Os Espíritos superiores possuem todas as aptidões. Os Espíritos inferiores só dispõem de conhecimentos limitados.”

23. *Por que razão um homem dotado de grande talento numa existência deixa de o possuir na seguinte?*

“Nem sempre é assim, pois muitas vezes ele aperfeiçoa numa existência o que começou na anterior. Mas pode acontecer que uma faculdade extraordinária dormite durante certo tempo, para deixar que outra se desenvolva. É um gérmen latente, que tornará a ser encontrado mais tarde e do qual sempre permanecem alguns traços, ou, pelo menos, uma vaga intuição.”

224. O Espírito que deseja comunicar-se compreende, sem dúvida, todas as línguas, visto que as línguas são a expressão do pensamento e é pelo pensamento que o Espírito tem a compreensão de tudo. Mas, para exprimir esse pensamento, ele precisa de um instrumento e esse instrumento é o médium. A alma do médium, que recebe a comunicação do Espírito estranho, só pode transmiti-la por meio dos órgãos de seu corpo. Ora, esses órgãos não podem ter, para uma língua que o médium desconheça, a flexibilidade que apresentam para a língua que lhe é familiar.

Um médium que apenas saiba o francês poderá, acidentalmente, dar uma resposta em inglês, por exemplo, se ao Espírito apraz fazê-lo. Mas os Espíritos, que já acham muito lenta a linguagem humana, em confronto com a rapidez do pensamento, a ponto de abreviá-la quando podem, se impacientam com a resistência mecânica que encontram; por isso, nem sempre o fazem. Essa também é a razão por que um médium novato, que escreve penosamente e com lentidão, ainda que na sua própria língua, em geral não obtém mais do que respostas breves e sem desenvolvimento. Por isso, os Espíritos recomendam que só se dirijam a tais médiuns perguntas muito simples. Para as de grande alcance, é necessário um médium desenvolvido, que não ofereça nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito. Não escolheríamos para ler um texto um estudante que estivesse aprendendo a soletrar. Um bom operário não gosta de servir-se de maus

instrumentos.

Acrescentemos outra consideração de muita gravidade, no que diz respeito às línguas estrangeiras. Os ensaios deste gênero são sempre feitos por curiosidade e por experiência. Ora, nada é mais antipático aos Espíritos do que as provas a que tentam submetê-los. Os Espíritos superiores jamais se prestam a elas, afastando-se logo que se pretenda enveredar por esse caminho. Tanto se comprazem nas coisas úteis e sérias, quanto lhes repugna se ocuparem com coisas fúteis e sem objetivo. É, replicarão os incrédulos, para nos convencermos e esse fim é útil, já que pode conquistar adeptos para a causa dos Espíritos. A isso respondem os Espíritos: “A nossa causa não precisa dos que têm orgulho bastante para se suporem indispensáveis. Chamamos a nós *os que queremos* e estes são quase sempre os mais humildes e os pequenos. Porventura Jesus fez os milagres que os escribas lhe pediam? E de que homens o Cristo se serviu para revolucionar o mundo? Se quiserdes convencer-vos, dispondes de outros meios que não a força; começai por submeter-vos: não é normal que o discípulo imponha sua vontade ao mestre”.

Resulta daí, salvo algumas exceções, que o médium exprime o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos que estão à sua disposição, e também que a expressão desse pensamento pode e deve mesmo, na maioria das vezes, ressentir-se da imperfeição de tais meios. Assim, o homem inculto, o camponês, poderá dizer as mais belas coisas, expressar as mais elevadas ideias, os pensamentos mais filosóficos, falando como camponês, pois, como se sabe, para os Espíritos o pensamento está acima de tudo. Isto responde a certas críticas a propósito das incorreções de estilo e de ortografia, que se atribuem aos Espíritos, mas que tanto podem provir deles como do médium. Apegar-se a tais coisas não passa de futilidade. Não é menos pueril que se atenham a reproduzir essas incorreções com exatidão minuciosa, conforme temos visto fazerem algumas vezes. Podemos, pois, corrigi-las sem qualquer escrúpulo, a menos que caracterizem o Espírito que se comunica, caso em que é bom conservá-las, como prova de identidade. Assim é, por exemplo, que temos visto um Espírito escrever constantemente *Jule* (sem o s final), falando de seu neto Jules, porque, quando vivo, escrevia desse modo, embora o neto, que lhe servia de médium, soubesse perfeitamente escrever o seu nome.

Dissertação de um Espírito sobre o papel dos

médiuns[4]

225. A dissertação que se segue, dada espontaneamente por um Espírito superior, que se revelou mediante comunicação de ordem elevadíssima, resume de modo claro e completo a questão do papel do médium:

“Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, sejam mecânicos, semimecânicos ou simplesmente intuitivos, os nossos processos de comunicação com eles praticamente não variam. De fato, nós nos comunicamos com os Espíritos encarnados dos médiuns, da mesma forma que com os Espíritos propriamente ditos, tão só pela irradiação do nosso pensamento.

“Os nossos pensamentos não precisam da vestimenta da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos, e todos os Espíritos percebem os pensamentos que desejamos transmitir-lhes, bastando, para isso, que lhes dirijamos esses pensamentos, em razão de suas faculdades intelectuais. Quer dizer que tal pensamento pode ser compreendido por tais ou quais Espíritos, conforme o adiantamento deles, ao passo que para outros, por não despertarem nenhuma lembrança, nenhum conhecimento que lhes dormitem no fundo do coração, ou do cérebro, esses mesmos pensamentos não lhes são perceptíveis. Neste caso, o Espírito encarnado que nos serve de médium é mais apto a exprimir o nosso pensamento a outros encarnados, embora não o compreenda, coisa que um Espírito desencarnado, mas pouco adiantado não poderia fazer, se fôssemos obrigados a servir-nos dele, porque o ser terreno põe seu corpo, como instrumento, à nossa disposição, o que o Espírito errante não pode fazer.

“Assim, quando encontramos em um médium o cérebro repleto de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores, suscetíveis de nos facilitarem as comunicações, preferimos nos servir dele, porque com ele o fenômeno da comunicação se torna muito mais fácil para nós do que com um médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos, adquiridos anteriormente. Vamos nos fazer compreender por meio de algumas explicações claras e precisas.

“Com um médium cuja inteligência atual ou anterior se ache desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, graças a uma faculdade peculiar à essência mesma do Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos apropriados a dar ao nosso

pensamento a vestimenta da palavra que lhe corresponda, e isto quer o médium seja intuitivo, semimecânico ou inteiramente mecânico. É por isso que, seja qual for a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém, ainda que procedendo de Espíritos diferentes, trazem, quanto à forma e ao colorido, o cunho que lhe é pessoal. Com efeito, apesar de o pensamento não lhe ser de todo estranho, não obstante o assunto esteja fora do âmbito em que ele habitualmente se move, e embora não provenha dele o assunto que nós queremos dizer, nem por isso o médium deixa de exercer influência quanto à forma, pelas qualidades e propriedades inerentes à sua individualidade. É exatamente como se observásseis panoramas diversos, com lentes matizadas, verdes, brancas ou azuis; embora os panoramas, ou objetos observados, sejam inteiramente opostos e independentes uns dos outros, não deixam por isso de afetar uma tonalidade que provém das cores das lentes.

"Melhor ainda: comparemos os médiuns a esses recipientes de vidro cheios de líquidos coloridos e transparentes que se veem nos mostruários dos laboratórios farmacêuticos. Pois bem, nós somos como luzes que clareiam certos panoramas morais, filosóficos e internos, através dos médiuns azuis, verdes ou vermelhos, de tal sorte que os nossos raios luminosos, obrigados a passar através de vidros mais ou menos lapidados, mais ou menos transparentes, isto é, de médiuns mais ou menos inteligentes, só chegam aos objetos que desejamos iluminar, tomando a coloração, ou melhor, a forma de dizer própria e particular desses médiuns.

"Enfim, para terminar com uma última comparação: nós, os Espíritos, somos quais compositores de música que, tendo composto e querendo improvisar uma ária, só têm à mão um piano, um violino, uma flauta, um fagote ou uma gaita de dez centavos. É incontestável que, com o piano, o violino ou a flauta, executaremos a nossa composição de modo muito compreensível para os nossos ouvintes. Embora os sons produzidos pelo piano, pelo fagote ou pela clarineta sejam essencialmente diferentes entre si, nem por isso a composição deixará de ser idêntica em qualquer desses instrumentos, exceto os matizes do som. Mas, se só tivermos à nossa disposição uma gaita de dez centavos ou um instrumento improvisado, aí está para nós a dificuldade.

"De fato, quando somos obrigados a servir-nos de médiuns pouco adiantados, o nosso trabalho se torna mais demorado e penoso, pois somos forçados a recorrer a formas incompletas, o que constitui para nós uma complicação. Somos então forçados a decompor os nossos pensamentos e a ditar

palavra por palavra, letra por letra, representando isso uma fadiga e um aborrecimento, assim como um entrave real à presteza e ao desenvolvimento das nossas manifestações.

“É por isso que nos sentimos felizes quando encontramos médiuns bem adestrados, bem aparelhados, munidos de materiais prontos a serem utilizados, bons instrumentos, em suma, porque então o nosso perispírito, atuando sobre o perispírito daquele a quem *mediunizamos*, nada mais tem a fazer senão impulsionar a mão que nos serve de lapiseira ou de caneta. Já com os médiuns mal aparelhados, somos obrigados a realizar um trabalho análogo ao que executamos quando nos comunicamos por meio de pancadas, isto é, formando letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que traduzem os pensamentos que queiramos transmitir.

“É por estas razões que nos dirigimos de preferência às classes cultas e instruídas, para a divulgação do Espiritismo e para o desenvolvimento das faculdades mediúnicas escreventes, embora seja nessas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, mais rebeldes e mais imorais. É que, assim como deixamos hoje, aos Espíritos galhofeiros e pouco adiantados, o exercício das comunicações tangíveis, de pancadas e transportes, assim também os homens pouco sérios preferem o espetáculo dos fenômenos que lhes afetam os olhos ou os ouvidos, aos fenômenos puramente espirituais, meramente psicológicos.

“Quando queremos transmitir ditados espontâneos, atuamos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium e preparamos os nossos materiais com os elementos que ele nos fornece e isto à sua revelia. É como se tomássemos de sua bolsa as somas que ele aí possa ter e dispuséssemos as moedas que a compõem na ordem que nos parecesse mais conveniente.

“Entretanto, quando é o próprio médium que nos quer interrogar, seria bom que refletisse seriamente no que acabamos de dizer, a fim de fazer com método as suas perguntas, facilitando assim o nosso trabalho de responder a elas. Porque, como já vos dissemos em instrução anterior, o vosso cérebro está frequentemente em inextricável desordem, sendo para nós tão difícil quanto penoso mover-nos no labirinto dos vossos pensamentos. Quando as perguntas são feitas por um terceiro, convém que sejam comunicadas previamente ao médium, para que este se identifique com o Espírito do evocador e dele, por assim dizer, se impregne, porque, então, nós outros teremos mais facilidade para responder, graças à afinidade existente entre o nosso perispírito e o do médium que nos serve de

intérprete.

“Sem dúvida, podemos falar de Matemática, servindo-nos de um médium que a desconheça por completo; porém, quase sempre, o Espírito desse médium possui, em estado latente, conhecimento do assunto, isto é, conhecimento peculiar ao ser fluídico e não ao ser encarnado, por ser o seu corpo atual um instrumento rebelde ou contrário a esse conhecimento. O mesmo se dá com a Astronomia, com a poesia, com a Medicina, com as diversas línguas, assim como com todos os outros conhecimentos peculiares à espécie humana. Enfim, ainda temos como meio penoso de elaboração, para ser usado com médiuns completamente estranhos ao assunto tratado, o da reunião das letras e das palavras, uma a uma, como em tipografia.

“Conforme já dissemos, os Espíritos não precisam revestir seus pensamentos; eles os percebem e transmitem naturalmente entre si, pelo só fato de os pensamentos existirem neles. Os seres corpóreos, ao contrário, só podem perceber os pensamentos quando revestidos. Enquanto a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, em suma, vos são necessários para perceberdes as ideias, ainda que mentalmente, nenhuma forma visível ou tangível é necessária para nós.”

Erasto e Timóteo

Observação – Esta análise do papel dos médiuns e dos processos pelos quais os Espíritos se comunicam é tão clara quanto lógica. Dela resulta o princípio de que o Espírito haure, *não as ideias do médium*, mas sim os materiais necessários para exprimi-las, que ele encontra no cérebro do médium. Quanto mais rico em materiais for esse cérebro, tanto mais fácil será a comunicação. Quando o Espírito se exprime num idioma familiar ao médium, encontra neste, inteiramente formadas, as palavras necessárias ao revestimento da ideia; se o faz numa língua estranha ao médium, não encontra neste as palavras, mas apenas as letras. É por isso que o Espírito se vê obrigado a ditar, por assim dizer, letra a letra, exatamente como se exigíssemos que escrevesse em alemão uma pessoa que não conheça uma única palavra dessa língua. Se o médium não souber ler nem escrever, não dispõe nem mesmo das letras em seu cérebro. Torna-se necessário, então, que o Espírito lhe conduza a mão, como se faz a uma criança que começa a aprender, sendo ainda maior, nesse caso, a dificuldade que o Espírito encontra para vencer. Estes fenômenos, portanto, são possíveis e deles há numerosos exemplos. Compreende-se, no entanto, que semelhante maneira de proceder se mostra pouco apropriada para comunicações extensas e rápidas, e que os Espíritos devem preferir os instrumentos de manejo mais fácil, ou, como eles dizem, os médiuns bem aparelhados do ponto de vista deles.

Se os que solicitam esses fenômenos, como meio de se convencerem, tratassem antes de estudar a teoria, haveriam de saber em que condições excepcionais eles se produzem.

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[3]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[4]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

CAPÍTULO XX

Influência Moral do Médium

• Perguntas diversas

• Dissertação de um Espírito sobre a influência moral do médium

Perguntas diversas[1]

226. 1. *O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?*

“Não. A faculdade propriamente dita reside no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom ou mau, de acordo com as qualidades do médium.”

2. *Sempre se tem dito que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor. Por quê, então, não constitui privilégio dos homens de bem e por que se veem pessoas indignas que a possuem no mais alto grau e a empregam no mal sentido?*

“Todas as faculdades são favores pelos quais a criatura deve render graças a Deus, visto que há homens que estão privados delas. Poderíeis também perguntar por que Deus concede boa visão a malfeitores, destreza a trapaceiros, eloquência aos que só a utilizam para o mal. O mesmo se dá com a mediunidade. Se há pessoas indignas que a possuem, é que precisam dela mais do que as outras para se melhorarem. Pensais que Deus recusa meios de salvação aos culpados? Ao contrário, multiplica-os no caminho que eles percorrem; *coloca-os nas mãos deles*, cabendo ao homem aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e não curou doentes, como apóstolo? Deus permitiu que ele tivesse esse dom para tornar ainda mais odiosa, aos seus próprios olhos, a traição que praticou.”

3. *Os médiuns que fazem mau uso das suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as consequências dessa falta?*

“Se as utilizarem mal, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e não o aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é

mais censurável do que o cego que cai na valeta.”

4. *Há médiuns que recebem comunicações espontâneas e quase contínuas sobre o mesmo assunto, sobre certas questões morais, por exemplo, sobre determinados defeitos. Terá isso alguma finalidade?*

“Sim, e essa finalidade é esclarecê-los sobre o assunto frequentemente repetido ou corrigi-los de certos defeitos. É por isso que a uns os Espíritos falarão incessantemente do orgulho; a outros, da caridade. Só a insistência com que são tratados esses temas poderá, afinal, abrir-lhes os olhos. Não há médium que empregue mal a sua faculdade, por ambição ou por interesse, ou que a comprometa por causa de um defeito capital, como o orgulho, o egoísmo, a leviandade etc., e que, de tempos em tempos, não receba advertências dos Espíritos. O mal é que na maioria das vezes ele não as toma como dirigidas para si mesmo.”

Observação – Os Espíritos dão suas lições quase sempre com reserva, de modo indireto, para não tirarem o mérito daquele que sabe aproveitá-las e aplicá-las. Mas o orgulho, a cegueira de certas pessoas é tão grande que elas não se reconhecem no quadro que os Espíritos lhes põem diante dos olhos. Pior ainda: se o Espírito lhes dá a entender que é delas que se trata, zangam-se e o qualificam de mentiroso ou malicioso. Basta isso para provar que o Espírito tem razão.

5. *Quando recebe lições de sentido geral, sem aplicação pessoal, o médium não estará agindo como instrumento passivo, visando à instrução dos outros?*

“Muitas vezes, os avisos e conselhos não lhe são dirigidos pessoalmente, mas a outras pessoas, que só podemos alcançar por intermédio dele. O médium, porém, deve tomar a parte que lhe caiba em tais avisos e conselhos, caso não esteja cego pelo amor-próprio.

“Não creiais que a faculdade mediúnica seja dada apenas para a correção de uma ou de duas pessoas. Não. O objetivo é mais alto: trata-se da Humanidade inteira. Um médium é um instrumento que, como indivíduo, tem pouca importância. É por isso que, quando damos instruções de interesse geral, nós nos servimos dos médiuns que oferecem as facilidades necessárias. Tende, porém, como certo que tempo virá em que os bons médiuns serão muito comuns, de sorte que os Espíritos bons não precisarão servir-se de maus instrumentos.”

6. *Visto que as qualidades morais do médium afastam os Espíritos imperfeitos, como é que um médium dotado de boas qualidades transmite respostas falsas ou grosseiras?*

“Conheces, por acaso, todos os segredos da alma humana? Além disso, a

criatura pode ser leviana e frívola, sem que seja viciosa, necessitando, às vezes, de uma lição, a fim de se manter vigilante.”

7. *Por que os Espíritos superiores permitem que pessoas dotadas de grande poder como médiuns, e que poderiam fazer o bem, sejam instrumentos do erro?*

“Os Espíritos procuram influenciá-las; mas, quando essas pessoas se deixam arrastar por maus caminhos, eles não as impedem. É por isso que se servem delas com repugnância, visto que *a verdade não pode ser interpretada pela mentira*.”

8. *É absolutamente impossível que se obtenham boas comunicações por um médium imperfeito?*

“Um médium imperfeito pode algumas vezes obter boas coisas, porque, se dispõe de uma bela faculdade, não é raro que os Espíritos bons se sirvam dele, na falta de outro, em circunstâncias especiais. Mas só o fazem esporadicamente, pois darão preferência a outro que melhor lhes convenha.”

Observação – Deve-se observar que, quando os Espíritos bons veem que um médium deixa de ser bem assistido e, pelas suas imperfeições, se torna presa dos Espíritos enganadores, quase sempre fazem surgir circunstâncias que revelam os defeitos do medianeiro e o afastam das pessoas sérias e bem-intencionadas, de cuja boa-fé ele poderia abusar. Neste caso, quaisquer que sejam as faculdades que possua, não se deve lamentar o afastamento do médium.

9. *Qual o médium que poderíamos qualificar de perfeito?*

“Perfeito? Ah! bem sabes que a perfeição não existe na Terra; se não fosse assim, não estaríeis nela. Dizei, portanto, bom médium e já é muito, pois eles são raros. Médium perfeito seria aquele contra o qual os Espíritos maus jamais *ousassem* fazer uma tentativa qualquer para enganá-lo. O melhor é o que, simpatizando somente com os Espíritos bons, tem sido enganado com menos frequência.”

10. *Se o médium perfeito só simpatiza com os Espíritos bons, como permitem estes que ele seja enganado?*

“Os Espíritos bons permitem, às vezes, que isso aconteça com os melhores médiuns, para lhes exercitar a ponderação e para lhes ensinar a discernir o verdadeiro do falso. Depois, por melhor que seja, um médium jamais é tão perfeito que não possa ser atacado por algum lado fraco. Isto lhe deve servir de lição. As falsas comunicações, que de tempos em tempos ele recebe, são avisos para que não se considere infalível, nem se torne orgulhoso. O médium que recebe as coisas mais notáveis não tem por que se vangloriar com isso, como não

o tem o tocador de realejo, pois basta que ele acione a manivela do seu instrumento para obter as mais belas canções.”

11. *Quais as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos superiores nos chegue isenta de qualquer alteração?*

“Querer o bem; repelir o *egoísmo* e o *orgulho*. *Ambas essas coisas são necessárias*.”

12. *Se a palavra dos Espíritos superiores só nos chega pura em condições tão difíceis de serem encontradas, esse fato não constitui um obstáculo à propagação da verdade?*

“Não, porque a luz sempre chega ao que deseja recebê-la. Todo aquele que queira esclarecer-se deve fugir das trevas, e as trevas se encontram na impureza do coração. Os Espíritos que considerais como personificações do bem não atendem de boa vontade ao apelo dos que trazem o coração manchado pelo orgulho, pela cupidez e pela falta de caridade. Que se livrem, pois, de toda a vaidade humana, humilhando a inteligência ante o infinito poder do Criador, todos os homens que desejem esclarecer-se. Esta é a melhor prova da sinceridade que os anima. É uma condição que todos podem satisfazer.”

227. Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande quanto ao aspecto moral. Visto que o Espírito estranho precisa identificar-se com o Espírito do médium para que se verifique a comunicação, esta identificação só ocorre plenamente quando há simpatia entre eles, ou afinidade, se assim nos podemos expressar. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração ou de repulsão, conforme o grau de semelhança ou de diferença entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, de onde se conclui que as qualidades morais do médium exercem influência muito importante sobre a natureza dos Espíritos que por eles se comunicam. Se o médium é vicioso, os Espíritos inferiores se agrupam em torno dele e estão sempre prontos a tomar o lugar dos Espíritos bons que foram evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os Espíritos bons são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.

228. Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas ao acesso dos Espíritos maus. Porém, a que eles exploram com mais habilidade é o

orgulho, porque é a que a criatura menos confessa a si mesma. O orgulho tem perdido muitos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, se não fora essa imperfeição, teriam podido tornar-se instrumentos notáveis e muito úteis, ao passo que, presas de Espíritos mentirosos, suas faculdades, depois de se haverem pervertido, aniquilaram-se, de sorte que diversos deles se viram humilhados pelas mais amargas decepções.

O orgulho se manifesta, nos médiuns, por sinais inequívocos que devem merecer de todos a maior atenção, visto constituir uma das causas mais fortes de suspeição sobre a veracidade de suas comunicações. Começa por uma confiança cega na superioridade das comunicações que recebem e na infalibilidade do Espírito que as transmite. Daí um certo desdém por tudo o que não venha deles, já que julgam possuir o privilégio da verdade. O prestígio dos grandes nomes, com que se adornam os Espíritos que se dizem seus protetores, os deslumbra, e como neles o amor-próprio sofreria, se houvessem de confessar que são ludibriados, repelem todo e qualquer conselho. Chegam mesmo a evitá-los, afastando-se de seus amigos e de quem quer que lhes possa abrir os olhos. Se condescendem em escutá-los, não dão a menor importância às opiniões que emitem, porquanto duvidar do Espírito que os assiste seria quase uma profanação. Aborrecem-se com a menor contestação, com uma simples observação crítica, chegando mesmo a odiar as próprias pessoas que lhes prestam serviço. Por não quererem contraditores, os Espíritos os arrastam a esse isolamento e se comprazem em lhes alimentar as ilusões, fazendo que considerem coisas sublimes os mais grosseiros absurdos. Assim: confiança absoluta na superioridade das comunicações que obtêm, desprezo pelas que não venham por intermédio deles, consideração irrefletida pelos grandes nomes, recusa de todo conselho, suspeição sobre qualquer crítica, afastamento dos que podem dar opiniões desinteressadas, confiança na própria habilidade, apesar de inexperientes – tais as características dos médiuns orgulhosos.

Devemos também admitir que, muitas vezes, o orgulho é despertado no médium pelas pessoas que o cercam. Se ele tem faculdades um pouco transcendentes, é procurado e louvado; julga-se indispensável e logo toma ares de importância e desdém, quando presta o seu concurso a outrem. Por mais de uma vez tivemos motivo de deplorar elogios que dispensamos a certos médiuns, com a intenção de os estimular.

229. Em comparação com o quadro acima descrito, ponhamos em evidência as características do médium verdadeiramente bom, daquele em que se pode

confiar. Suponhamos, antes de tudo, uma facilidade muito grande de execução, que permita que os Espíritos se comuniquem livremente, sem o embaraço de qualquer obstáculo material. Sendo assim, o que mais importa considerar é a natureza dos Espíritos que o assistem habitualmente; para isso, não devemos nos ater aos nomes, mas à linguagem. Jamais o médium deverá perder de vista que a simpatia que os Espíritos bons lhe dispensam estará na razão direta dos esforços que fizer para afastar os maus. Convicto de que a sua faculdade é um dom que só lhe foi concedido para o bem, não procura de nenhum modo prevalecer-se dela, nem atribuir a si qualquer mérito por possuí-la. Aceita as boas comunicações que lhe são transmitidas como uma graça, de que se deve esforçar para tornar-se cada vez mais digno, pela sua bondade, pela sua benevolência e pela sua modéstia. O primeiro se orgulha de suas relações com os Espíritos superiores; este outro se humilha, por se considerar sempre abaixo desse favor.

Dissertação de um Espírito sobre a influência moral do médium[2]

230. A seguinte instrução sobre o assunto nos foi dada por um Espírito de quem temos inserido muitas comunicações:

“Como já dissemos, os médiuns exercem influência meramente secundária nas comunicações dos Espíritos, se levarmos em conta somente a faculdade mediúnica em si mesma. O papel deles é o de uma máquina elétrica que transmite telegramas entre dois pontos afastados da Terra. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium como o telegrafista age sobre o aparelho, isto é, do mesmo modo que o *tique-taque* do telégrafo vai traçando, a milhares de léguas, sobre uma tira de papel, os sinais reprodutores do telegrama, nós também transmitimos, por meio do aparelho mediúnico, através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo carnal, aquilo que queremos vos ensinar. Mas, assim como as influências atmosféricas perturbam, não raras vezes, as transmissões do telégrafo elétrico, também a influência moral do médium pode perturbar a transmissão das nossas mensagens de além-túmulo, já que somos obrigados a fazê-las passar por um meio que lhes é contrário. Entretanto, na maioria das vezes essa influência é anulada pela nossa energia e pela nossa vontade, de modo que nenhum ato perturbador se manifesta. Com efeito, ditados

de elevado alcance filosófico e comunicações de perfeita moralidade são transmitidos algumas vezes por médiuns pouco apropriados a esses ensinos superiores. Em contrapartida, comunicações pouco edificantes chegam algumas vezes por médiuns que se envergonham de lhes haverem servido de condutores.

"De maneira geral, pode-se afirmar que os Espíritos atraem Espíritos que lhes são similares, e que raramente os Espíritos das plêiades elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos mediúnicos, isto é, quando dispõem de bons medianeiros.

"Os médiuns levianos e pouco sérios atraem, pois, Espíritos da mesma natureza. É por isso que suas comunicações se mostram cheias de banalidades, frivolidades, ideias truncadas e, não raro, pouco ortodoxas, espiriticamente falando. Certamente eles podem dizer, e às vezes dizem, coisas aproveitáveis; mas é principalmente nesse caso que se deve submetê-los a um exame severo e escrupuloso, porque, no meio de coisas aproveitáveis, alguns Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e calculada perfídia, fatos de pura invenção, asserções mentirosas, a fim de iludir a boa-fé dos que lhes dispensam atenção. Deve-se então eliminar sem piedade toda palavra, toda frase equívoca e só conservar do ditado o que a lógica possa aceitar, ou o que a Doutrina já ensinou. As comunicações desta natureza só são de temer para os espíritas que trabalham isolados, para os grupos novos ou pouco esclarecidos, visto que, nas reuniões em que os adeptos estão mais adiantados e já adquiriram experiência, a gralha perde o seu tempo a se adornar com as penas do pavão: acaba sempre desmascarada.

"Não falarei dos médiuns que se comprazem em solicitar e receber comunicações obscenas. Deixemos que se deleitem na companhia dos Espíritos cínicos. Aliás, a natureza das comunicações desta ordem exige, por si mesma, a solidão e o isolamento; em todo o caso, não despertarão senão desprezo e repugnância entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Onde, porém, a influência moral do médium se faz realmente sentir é quando ele substitui, pelas ideias que lhe são pessoais, aquelas que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir, e também quando tira da sua imaginação teorias fantásticas que, de boa-fé, julga resultarem de uma comunicação intuitiva. Nesse caso, haverá mil possibilidades contra uma de que isso não passa de reflexo do próprio Espírito do médium. Dá-se mesmo o fato curioso de mover-se a mão do médium, quase mecanicamente às vezes, impelida por um Espírito secundário e zombeteiro. É contra essa pedra de toque que se vêm quebrar as imaginações ardentes, porque, arrebatados pelo ardor de suas próprias ideias, pelo brilho artificial de seus conhecimentos

literários, os médiuns desconhecem o ditado modesto de um Espírito criterioso e, abandonando a presa pela sombra, o substituem por uma paráfrase empolada. Contra este escolho terrível vêm chocar-se, igualmente, as personalidades ambiciosas que, em falta das comunicações que os Espíritos bons lhes recusam, apresentam as suas próprias obras como sendo desses Espíritos. Daí a necessidade de os dirigentes dos grupos espíritas serem dotados de fino tato e de rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas das que não o são, e para não ferir os que se iludem a si mesmos.

"Na dúvida, abstém-te, diz um dos vossos velhos provérbios. Não admitais, portanto, senão o que seja para vós de inegável evidência. Quando aparecer uma ideia nova, por menos duvidosa que vos pareça, fazei-a passar pelo crivo da razão e da lógica e rejeitai corajosamente o que a razão e o bom senso reprovarem. É melhor repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Efetivamente, sobre essa teoria poderíeis edificar um sistema completo, que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitardes hoje algumas verdades, porque não vos são demonstradas clara e logicamente, mais tarde um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá vos afirmar a sua autenticidade.

"Lembrai-vos, no entanto, ó espíritas! de que nada é impossível para Deus e para os Espíritos bons, a não ser a injustiça e a iniquidade.

"O Espiritismo já está bastante espalhado entre os homens, e já moralizou suficientemente os adeptos sinceros da sua santa doutrina, para que os Espíritos ainda se vejam constrangidos a usar de maus instrumentos, de médiuns imperfeitos. Portanto, se agora um médium, seja ele quem for, se tornar objeto de legítima suspeição, em virtude do seu proceder, dos seus costumes, do seu orgulho e da sua falta de amor e de caridade, repeli, repeli suas comunicações, porque aí estará uma serpente oculta entre as ervas. Eis a conclusão a que chego sobre a influência moral dos médiuns."

Erasto

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no "Sumário" da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no "Sumário" da obra, razão pela qual o inserimos nesta

versão.

CAPÍTULO XXI

Influência do Meio

231. 1. *O meio em que se acha o médium exerce alguma influência sobre as manifestações?*

“Todos os Espíritos que cercam o médium o ajudam, para o bem ou para o mal.”

2. *Os Espíritos superiores não podem vencer a má vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e dos que o cercam?*

“Sim, quando julgam conveniente e conforme a intenção da pessoa que se dirige a eles. Já o dissemos: os Espíritos mais elevados podem às vezes comunicar-se, graças a um favor especial, não obstante a imperfeição do médium e do meio; mas, então, estes se conservam completamente estranhos.”

3. *Os Espíritos superiores procuram encaminhar as reuniões fúteis a propósitos mais sérios?*

“Os Espíritos superiores não vão às reuniões onde sabem que a presença deles é inútil. Nos meios pouco instruídos, mas em que há sinceridade, vamos de boa vontade, ainda mesmo que só encontremos instrumentos deficientes. Não vamos, porém, aos meios instruídos onde domina a ironia. Em tais meios, é preciso que se fale aos ouvidos e aos olhos; esse é o papel dos Espíritos batedores e zombeteiros. Convém que aqueles que se orgulham da sua ciência sejam humilhados pelos Espíritos menos instruídos e menos adiantados.”

4. *É proibido aos Espíritos inferiores comparecerem às reuniões sérias?*

“Não; algumas vezes assistem a elas com o objetivo de aproveitarem os ensinos que vos são dados; mas, nesse caso, permanecem calados, *como estouvados numa reunião de pessoas ajuizadas*.”

232. Seria erro acreditar-se que alguém precisa ser médium para atrair a si os seres do mundo invisível. Eles povoam o espaço, estão constantemente em torno de nós, ao nosso lado, vendo-nos, observando-nos, intervindo em nossas reuniões, seguindo-nos ou fugindo de nós, conforme os atraímos ou repelimos. A faculdade mediúnica em nada influi para isto: ela é apenas um meio de comunicação. De acordo com o que dissemos acerca das causas de simpatia ou

de antipatia entre os Espíritos, facilmente se compreenderá que devemos estar cercados daqueles que têm afinidade com o nosso próprio Espírito, segundo a nossa elevação ou inferioridade. Consideremos agora o estado moral do nosso globo e compreenderemos de que gênero devem ser os Espíritos que predominam entre os Espíritos errantes. Se tomarmos cada povo em particular poderemos julgar, pelo caráter dominante dos habitantes, pelas suas preocupações e sentimentos mais ou menos morais e *humanitários*, de que ordem são os Espíritos que de preferência se reúnem no seio dele.

Partindo deste princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres; quais serão os Espíritos que preferentemente os cercarão? Não serão, por certo, Espíritos superiores, nem os nossos sábios e filósofos os que iriam passar o seu tempo em semelhante lugar. Assim, onde quer que haja uma reunião de homens, há igualmente em torno deles uma assembleia oculta que simpatiza com suas qualidades ou com seus defeitos, mesmo *na ausência de qualquer evocação*. Admitamos agora que tais homens tenham a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo invisível por meio de um intérprete, isto é, por um médium; quais os Espíritos que lhes responderão ao apelo? Evidentemente os que lá estão, à espreita de uma oportunidade para se comunicarem. Se, numa assembleia fútil, chamarem um Espírito superior, ele poderá vir e até proferir algumas palavras sensatas, como um bom pastor que atende ao chamamento de suas ovelhas desgarradas. Porém, desde que não se veja compreendido, nem ouvido, retira-se, como em seu lugar faria qualquer um de nós, deixando aos outros o campo inteiramente livre.

233. Nem sempre é suficiente que uma assembleia seja séria, para receber comunicações de ordem elevada. Há pessoas que nunca riem, mas cujo coração, nem por isso, é puro. Ora, é principalmente o coração que atrai os Espíritos bons. Nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas; entretanto, os que se acham em más condições, esses se comunicam com os que lhes são semelhantes, os quais não deixam de nos enganar e de lisonjear os nossos preconceitos.

Por aí se vê a enorme influência do meio sobre a natureza das manifestações inteligentes. Essa influência, entretanto, não se exerce como o pretendiam algumas pessoas, quando ainda não se conhecia o mundo dos Espíritos, tal como hoje se conhece, e antes que experiências mais conclusivas viessem esclarecer as dúvidas. Quando as comunicações concordam com a opinião dos assistentes, não é que essa opinião se reflita no Espírito do médium, como num espelho, mas porque tendes convosco Espíritos que vos são

simpáticos, tanto para o bem quanto para o mal, e que participam do vosso modo de ver e entender as coisas. A prova disso é que, se tiverdes a força de atrair outros Espíritos, diferentes daqueles que vos cercam, o mesmo médium usará de linguagem absolutamente diversa e dirá coisa muito distanciada das vossas ideias e das vossas convicções.

Em resumo: as condições do meio serão tanto melhores, quanto mais homogeneidade houver para o bem, mais sentimentos puros e elevados, mais desejo sincero de instrução, sem ideias preconcebidas.

CAPÍTULO XXII

Mediunidade nos Animais

234. Os animais podem ser médiuns? Muitas vezes tem sido formulada esta pergunta, e alguns fatos parecem respondê-la afirmativamente. O que, sobretudo, tem dado crédito à opinião dos que pensam assim são os notáveis sinais de inteligência de alguns pássaros que, devidamente adestrados, parecem adivinhar o pensamento do homem e tiram de um maço de cartas as que podem responder com exatidão a uma pergunta feita. Observamos essas experiências com especial cuidado, e o que mais admiramos foi a arte que houve de ser empregada para a instrução de tais pássaros.

Não se pode negar que eles possuem certa dose de inteligência relativa, embora se precise admitir que, nesta circunstância, a perspicácia deles ultrapassaria de muito a do homem, visto não haver pessoa alguma que possa vangloriar-se de fazer o que eles fazem. Seria mesmo necessário supor-lhes, para algumas experiências, um dom de segunda vista superior ao dos sonâmbulos mais lúcidos. Sabe-se, com efeito, que a lucidez é essencialmente variável e sujeita a frequentes intermitências, ao passo que nesses animais seria permanente e funcionaria com uma regularidade e precisão que não se veem em nenhum sonâmbulo. Numa palavra, ela nunca lhes faltaria.

A maioria das experiências que presenciamos são do mesmo tipo das que fazem os prestidigitadores e não podiam deixar-nos dúvida sobre o emprego de alguns dos meios de que eles se utilizam, notadamente o das cartas marcadas. A arte da prestidigitação consiste em dissimular esses meios, providência sem a qual o efeito não teria qualquer graça. Entretanto, mesmo reduzido a essa proporção, o fenômeno não se apresenta menos interessante e há sempre que admirar o talento do instrutor, tanto quanto a inteligência do aluno, pois a dificuldade a vencer é bem maior do que seria se o pássaro agisse apenas em virtude de suas próprias faculdades. Ora, levá-lo a fazer coisas que ultrapassam o limite do possível para a inteligência, é provar, por este simples fato, o emprego de um processo secreto. Aliás, há uma circunstância que jamais deixa de verificar-se: é que os pássaros só chegam a tal grau de habilidade ao final de certo tempo e mediante cuidados especiais e perseverantes, o que não seria necessário se apenas a inteligência estivesse em jogo. Não é mais extraordinário adestrá-los para tirar cartas do que habituá-los a cantar ou repetir palavras.

Aconteceu a mesma coisa quando a prestidigitação pretendeu imitar a dupla vista. Obrigava-se o paciente a ir ao extremo para que a ilusão durasse longo tempo. Desde a primeira vez que assistimos a uma sessão deste gênero, nada mais vimos do que uma imitação muito imperfeita do sonambulismo, revelando ignorância das condições essenciais dessa faculdade.

235. Seja como for, a questão principal permanece insolúvel no tocante às experiências de que acima falamos, pois assim como a imitação do sonambulismo não impede que a faculdade exista, a imitação da mediunidade por meio dos pássaros nada prova contra a possibilidade da existência, neles ou em outros animais, de uma faculdade semelhante. Trata-se, pois, de saber se os animais são aptos, como os homens, a servir de intermediários aos Espíritos, para suas comunicações inteligentes. Parece mesmo bastante lógico imaginar que um ser vivo, dotado de certa dose de inteligência, seja mais apto para esse efeito do que um corpo inerte, sem vitalidade, como uma mesa, por exemplo. Entretanto, não é isso que acontece.

236. A questão da mediunidade dos animais se acha completamente resolvida na dissertação seguinte, dada por um Espírito, cuja profundeza e sagacidade os leitores já tiveram oportunidade de apreciar, mediante citações que fizemos anteriormente. Para bem se captar o valor da sua demonstração, é essencial que se tenha em vista a explicação por ele dada sobre o papel dos médiuns nas comunicações, explicação que reproduzimos mais atrás neste livro. (Item 225.)[1]

Esta comunicação foi dada em seguida a uma discussão que tratava do assunto em questão, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

“Explanarei hoje a questão da mediunidade dos animais, levantada e sustentada por um dos vossos mais fervorosos adeptos. Pretende ele, em virtude deste axioma: *Quem pode o mais pode o menos,* que podemos “mediunizar” os pássaros e os outros animais e servir-nos deles nas nossas comunicações com a espécie humana. É o que chamais em Filosofia, ou melhor, em Lógica, pura e simplesmente um sofisma. ‘Podeis animar’, diz ele, ‘a matéria inerte, isto é, uma mesa, uma cadeira, um piano; com mais razão ainda, deveis poder animar a matéria já animada e particularmente pássaros.’ Pois bem! No estado normal do Espiritismo, não é assim, não pode ser assim.

“Em primeiro lugar, precisamos nos entender bem acerca dos fatos. O que é um médium? É o ser, o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, a fim

de que estes possam comunicar-se facilmente com os homens: Espíritos encarnados. Consequentemente, sem médium não há comunicações tangíveis, mentais, escritas e físicas, seja qual for a natureza de cada uma delas.

“Há um princípio que todos os espíritas admitem: o de que os semelhantes atuam com seus semelhantes e como seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? Será preciso que repitamos isto incessantemente? Pois bem! vou repetir mais uma vez: o vosso perispírito e o nosso procedem do mesmo meio, são de natureza idêntica, são semelhantes, em suma. Possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de magnetização mais ou menos vigorosa, que permite que nos ponhamos, Espíritos desencarnados e encarnados, muito pronta e facilmente em comunicação uns com os outros. Enfim, o que é peculiar aos médiuns, o que é da própria essência da individualidade deles, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão particular, que lhes suprimem toda refratariedade e estabelecem, entre eles e nós, uma espécie de corrente, uma espécie de fusão, que facilita as nossas comunicações. Aliás, é essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade, na maior parte dos que não são médiuns.

“Os homens se mostram sempre propensos a tudo exagerar. Uns, e não me refiro aqui aos materialistas, negam a alma aos animais, enquanto outros querem lhes atribuir uma, semelhante, por assim dizer, à nossa. Por que querer confundir assim o perfectível com o imperfectível? Não, não, convencei-vos disso, o fogo que anima os irracionais, o sopro que os faz agir, mover e falar na linguagem que lhes é própria, não tem, quanto ao presente, nenhuma aptidão para se mesclar, unir ou fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito enfim, que anima o ser essencialmente perfectível: o homem, o rei da Criação. Ora, não é essa condição essencial de perfectibilidade que constitui a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres? Pois bem! reconhecei então que não se pode assimilar ao homem, único ser perfectível em si mesmo e nas suas obras, nenhum indivíduo de outras raças que vivem na Terra.

“O cão, cuja inteligência superior entre os animais fez dele amigo e comensal do homem, será perfectível por si mesmo, por sua iniciativa pessoal? Ninguém ousaria sustentar isso, porque o cão não faz progredir o cão, e o mais adestrado entre eles sempre foi ensinado pelo seu dono. Desde que o mundo é mundo, a lontra sempre construiu sua choça em cima da água, seguindo as mesmas proporções e uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas jamais

construíram ninhos de modo diferente do que faziam seus pais. Um ninho de pardais de antes do dilúvio, como um ninho de pardais dos tempos modernos, é sempre um ninho de pardais, feito nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento de palhinhas e de fragmentos recolhidos na primavera, na época dos amores. As abelhas e formigas, em suas pequenas repúblicas bem administradas, jamais mudaram seus hábitos de abastecimento, sua maneira de proceder, seus costumes, suas produções. A aranha, finalmente, tece a sua teia sempre do mesmo modo.

"Por outro lado, se procurardes as cabanas de folhagens e as tendas das primeiras idades da Terra, encontrareis em seu lugar os palácios e os castelos da civilização moderna. O ouro e a seda substituíram as vestes de peles brutas. Enfim, a cada passo achais a prova da marcha incessante da Humanidade pela senda do progresso.

"Desse progresso constante, invencível, irrecusável do Espírito humano, e desse estacionamento indefinido das outras espécies animais, haveis de concluir comigo que, se é certo que existem princípios comuns a tudo o que vive e se move na Terra: o sopro e a matéria –, não é menos certo que somente vós, Espíritos encarnados, estais submetidos à inevitável lei do progresso, que vos impele fatalmente para diante e sempre para diante. Deus colocou os animais ao vosso lado como auxiliares, para vos alimentarem, para vos vestirem e vos ajudarem. Deu-lhes certa dose de inteligência porque, para vos auxiliarem, precisavam compreender, porém limitou essa inteligência aos serviços que devem prestar. Mas, em sua sabedoria, não quis que estivessem sujeitos à mesma lei do progresso. Tais como foram criados, se conservaram e se conservarão até a extinção de suas raças.

"Dizem que os Espíritos 'mediunizam' a matéria inerte e fazem que se movam cadeiras, mesas, pianos. Fazem que se movam, sim, 'mediunizam', não! Porque, repito mais uma vez, sem médium, nenhum desses fenômenos se produz. Que há de extraordinário em fazermos que a matéria inerte e passiva se mova, quando auxiliados por um ou por muitos médiuns, visto que é justamente em virtude da sua passividade e da sua inércia que ela se torna apropriada a executar os movimentos e as impulsões que lhe desejamos imprimir? Para isso, precisamos de médiuns, é claro, embora não seja necessário que o médium esteja presente ou tenha *consciência* do fato, pois podemos atuar com os elementos que ele nos fornece, mesmo à sua revelia e estando ausente, sobretudo para produzir os fenômenos de tangibilidade e de transportes. O nosso envoltório fluídico,

mais imponderável e mais sutil do que o mais sutil e o mais imponderável dos vossos gases, unindo-se, casando-se, combinando-se com o envoltório fluídico mais *animalizado* do médium, cuja propriedade de expansão e de penetrabilidade escapa aos vossos sentidos grosseiros, fenômeno quase inexplicável para vós, nos permite imprimir movimentos a móveis e até quebrá-los em aposentos desabitados.

"É certo que os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis para os animais. Muitas vezes, o súbito terror que deles se apodera, sem que percebais a causa, é provocado pela visão de um ou de muitos Espíritos, mal-intencionados com relação aos indivíduos presentes ou aos donos dos animais. Muito frequentemente vos deparais com cavalos que se negam a avançar ou a recuar, ou que se empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! Tende como certo que o obstáculo imaginário é quase sempre um Espírito ou um grupo de Espíritos que se comprazem em impedir que os animais avancem. Lembrai-vos da mula de Balaão que, vendo um anjo diante de si e temendo sua espada flamejante, se obstinava em não dar um passo. É que, antes de manifestar-se visivelmente a Balaão, o anjo quisera tornar-se visível somente para o animal. Mas, repito, não mediunizamos diretamente nem os animais nem a matéria inerte. Necessitamos sempre do concurso *consciente* ou *inconsciente* de um médium humano, porque precisamos da união de fluidos similares, o que não encontramos nem nos animais nem na matéria bruta.

"Dizem que o Sr. T... magnetizou o seu cão. A que resultado chegou? Matou-o, porque esse infeliz animal morreu depois de haver caído numa espécie de atonia, de langor, consequentes à sua magnetização. Com efeito, saturando-o de um fluido haurido numa essência superior à essência especial da sua natureza de cão, ele o esmagou, agindo sobre o animal à semelhança do raio, ainda que mais lentamente. Assim, pois, como não há assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais propriamente ditos, nós os esmagaríamos instantaneamente, caso os mediunizássemos.

"Isto posto, reconheço perfeitamente a existência de aptidões diversas nos animais; que certos sentimentos, certas paixões, idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, se desenvolvem neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odientos, conforme se procede bem ou mal com eles. É que Deus, que nada fez incompleto, deu aos animais – companheiros ou servidores do homem – qualidades de sociabilidade que faltam inteiramente nos animais selvagens, habitantes das solidões. Mas daí a poderem servir de intermediários

para a transmissão do pensamento dos Espíritos, há um abismo: a diferença das naturezas.

“Sabeis que tiramos do cérebro do médium os elementos necessários para dar ao nosso pensamento uma forma que vos seja sensível e apreensível. É com o auxílio dos materiais que possui que o médium traduz o nosso pensamento em linguagem comum. Pois bem! Que elementos encontraríamos no cérebro de um animal? Haveria ali palavras, números, letras, sinais quaisquer, semelhantes aos que existem no homem, mesmo na criatura menos inteligente? Entretanto, direis, os animais compreendem o pensamento do homem, chegando até mesmo a adivinhá-lo. Sim, os animais adestrados compreendem certos pensamentos, mas já os vistes alguma vez reproduzi-los? Não. Deveis então concluir que os animais não nos podem servir de intérpretes.

“Resumindo: os fatos mediúnicos não podem manifestar-se sem o concurso consciente ou inconsciente dos médiuns, e é somente entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar os que nos possam servir de médiuns. Quanto a adestrar cães, pássaros ou outros animais, para que façam tais ou tais exercícios, é problema vosso e não nosso.”

Erasto

Nota – Na *Revista Espírita* de setembro de 1861 encontra-se a explicação minuciosa de um processo empregado pelos adestradores de pássaros-sábios, com o fim de fazê-los tirar de um maço as cartas que quiserem.

[1] Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 585.

CAPÍTULO XXIII

Obsessão

• Obsessão simples

• Fascinação

• Subjugação

• Causas da obsessão

• Meios de combater a obsessão

237. Entre as dificuldades que a prática do Espiritismo pode apresentar, devemos colocar em primeira linha a *obsessão*, isto é, o domínio que alguns Espíritos exercem sobre certas pessoas. É praticada unicamente pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar, pois os Espíritos bons não impõem nenhum constrangimento. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não são ouvidos, retiram-se. Os maus, ao contrário, agarram-se àqueles a quem podem aprisionar. Se chegam a dominar alguém, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança.

A obsessão apresenta características diversas, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra *obsessão* é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*.

Obsessão simples[1]

238. Dá-se a *obsessão simples* quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, intromete-se contra a sua vontade nas comunicações que ele recebe, impede-o de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados.

Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. O melhor médium se acha exposto a isso, principalmente no começo,

quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que entre nós as pessoas mais honestas podem ser enganadas por espertalhões. Pode-se, pois, ser enganado, sem estar obsidiado. A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, do qual a pessoa sobre quem ele atua não consegue desembaraçar-se.

Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que está lidando com um Espírito mentiroso e este não se disfarça, nem dissimula de forma alguma suas más intenções e seu propósito de contrariar. O médium reconhece a fraude sem dificuldade e, como se mantém vigilante, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e só tem o inconveniente de dificultar as comunicações que se deseja receber de Espíritos sérios ou daqueles que nos são afeiçoados.

Podemos incluir nesta categoria os casos de *obsessão física*, isto é, a que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos que produzem ruídos e pancadas espontaneamente. A propósito deste fenômeno, remetemos o leitor ao capítulo “Manifestações Físicas Espontâneas.” (Item 82.)

Fascinação[2]

239. A *fascinação* tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que de certa forma paralisa a sua capacidade de julgar as comunicações. O médium fascinado não acredita que esteja sendo enganado; o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de todo mundo. A ilusão pode ir mesmo até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula. Enganam-se os que imaginam que este gênero de obsessão só pode atingir as pessoas simples, ignorantes e desprovidas da faculdade de julgar. Nem mesmo os homens de espírito, por mais instruídos e inteligentes que sejam, estão livres da fascinação, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem.

Já dissemos que as consequências da fascinação são muito mais graves. Com efeito, graças à ilusão que dela resulta, o Espírito dirige a pessoa que ele conseguiu dominar, como faria com um cego, podendo levá-la a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Mais ainda: pode arrastá-la a situações ridículas,

comprometedoras e até perigosas.

Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito que se agarra à pessoa não passa de um importuno pela sua tenacidade, do qual ela procura livrar-se. Na segunda, a coisa é muito diferente. Para chegar a tais fins, é preciso que o Espírito seja muito esperto, astucioso e profundamente hipócrita, porque só pode enganar e se impor à vítima por meio da máscara que toma e de uma falsa aparência de virtude. As grandes palavras como caridade, humildade e amor a Deus, servem-lhe de credencial, porém, mesmo assim, deixa passar sinais de inferioridade que só o *fascinado* é incapaz de compreender. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que veem as coisas com clareza, de modo que a tática deles, quase sempre, consiste em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos. Por esse meio, evitando toda contradição, fica certo de ter sempre razão.

Subjugação[3]

240. A *subjugação* é uma opressão que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir contra a sua vontade. Numa palavra, o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*.

A subjugação pode ser *moral* ou *corpórea*. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar decisões muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma espécie de fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Revela-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos mais inoportunos. Vimos alguns que, na falta de caneta ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas e nas paredes.

Algumas vezes, a subjugação corpórea vai mais longe, podendo levar a vítima aos atos mais ridículos. Conhecemos um homem, que não era jovem nem belo e que, sob o domínio de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma jovem por quem não nutria qualquer sentimento e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e por trás dos joelhos uma pressão enérgica que o forçava, não obstante a

resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e na presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações, mas estamos convencidos de que absolutamente não o era, doido, pois tinha plena consciência das coisas ridículas que fazia contra a própria vontade, sofrendo com isso horrivelmente.

241. Dava-se antigamente o nome de *possessão* ao domínio exercido pelos Espíritos maus, quando a influência deles ia até a aberração das faculdades da vítima. A possessão seria, para nós, sinônimo de subjugação. Deixamos de adotar esse termo por dois motivos: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente devotados ao mal, ao passo que não há seres, por mais imperfeitos que sejam, que não possam melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a ideia do "apoderamento" de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, quando, na verdade, só existe constrangimento. A palavra *subjugação* exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há *possessos*, no sentido vulgar do termo; há somente *obsidiados*, *subjugados* e *fascinados*.

242. A obsessão, como dissemos, é um dos maiores escolhos da mediunidade e também um dos mais frequentes. Por isso mesmo, nunca serão demais os esforços que se empreguem para combatê-la, visto que, além dos inconvenientes pessoais que acarreta, é um obstáculo absoluto à excelência e à veracidade das comunicações. Sendo a obsessão, seja qual for o grau em que se apresente, resultado de um constrangimento e não podendo este ser exercido jamais por um Espírito bom, conclui-se que toda comunicação dada por um médium obsidiado é de origem suspeita e não merece nenhuma confiança. Se, por vezes, se encontra nela alguma coisa boa, que se retenha o que for bom e se rejeite tudo o que pareça simplesmente duvidoso.

243. Reconhece-se a obsessão pelas seguintes características:

1a persistência de um Espírito em se comunicar, queira ou não o médium, pela escrita, pela audição, pela tiptologia etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam;

2a ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe;

3a crença na infalibilidade e identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas e absurdas;

4a confiança do médium nos elogios que lhe fazem os Espíritos que por ele se comunicam;

5a disposição para se afastar das pessoas que podem dar-lhe conselhos úteis;

6a reagir mal à crítica das comunicações que recebe;

7a necessidade incessante e inoportuna de escrever;

8a constrangimento físico qualquer, que domine a vontade do médium e o force a agir ou falar contra a própria vontade;

9a ruídos e perturbações persistentes ao redor do médium, dos quais ele é a causa ou o objeto visado.

244. Diante do perigo da obsessão, é de se perguntar se não é lastimável que alguém se torne médium. Não é a faculdade mediúnica que a provoca? Afinal, a obsessão não constitui uma prova de inconveniência das comunicações espíritas? Nossa resposta é fácil e pedimos que a meditem cuidadosamente.

Não foram os médiuns nem os espíritas que criaram os Espíritos, mas, ao contrário, foram os Espíritos que fizeram que houvesse espíritas e médiuns. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, é claro que há Espíritos desde que há homens; por conseguinte, desde todos os tempos eles exerceram influência salutar ou perniciosa sobre a Humanidade. A faculdade mediúnica não lhes é mais que um meio de se manifestarem. Em falta dessa faculdade, eles se revelam de mil outras maneiras, mais ou menos ocultas. Seria errôneo, pois, acreditar-se que os Espíritos só exercem sua influência por meio de comunicações escritas ou verbais. Essa influência é permanente e mesmo os que não se ocupam com os Espíritos, ou neles não creem, estão expostos a sofrê-la, como os outros e mesmo mais do que os outros, porque não têm como contrabalançá-la. A mediunidade é, para o Espírito, um meio de se fazer conhecido. Se ele é mau, sempre se trai, por mais hipócrita que seja. Pode-se, pois, dizer que a mediunidade permite se veja o inimigo face a face, se assim nos podemos exprimir, e combatê-lo com suas próprias armas. Sem essa faculdade, ele age na sombra e, tendo a seu favor a invisibilidade, pode fazer e realmente faz muito mal. A quantos atos o homem não é impelido, para infelicidade sua, e que teria evitado se dispusesse de um meio de esclarecer-se! Os incrédulos não imaginam expressar uma verdade, quando dizem de um homem que se transvia obstinadamente: “É o seu mau gênio que o impele à própria perda”. Assim, o

conhecimento do Espiritismo, longe de facilitar o predomínio dos Espíritos maus, há de ter como resultado, em tempo mais ou menos próximo e quando se achar propagado, a *destruição desse predomínio*, dando a cada um os meios de se precaver contra as sugestões deles. Quem, então, sucumbir não poderá queixar-se senão de si mesmo.

Regra geral: todo aquele que recebe más comunicações espíritas, escritas ou verbais, está sob má influência. Essa influência se exerce sobre ele, quer escreva, quer não, isto é, seja ou não seja médium, creia ou não creia. A escrita faculta um meio de nos assegurarmos quanto à natureza dos Espíritos que atuam sobre o médium, e de combatê-los, se forem maus, o que se consegue com mais sucesso quando se chega a conhecer os motivos da ação que desenvolvem. Se a cegueira dele for bastante forte, a ponto de não permitir que compreenda isso, outros poderão abrir seus olhos.

Em resumo, o perigo não está no Espiritismo em si mesmo, visto que ele pode, ao contrário, servir-nos de controle e preservar-nos do risco que corremos incessantemente, à revelia nossa. O perigo está na orgulhosa propensão de certos médiuns que, com muita leviandade, se julgam instrumentos exclusivos dos Espíritos superiores, bem como nessa espécie de fascinação, que não lhes permite compreender as tolices de que são intérpretes. Mesmo os que não são médiuns podem se deixar apanhar pelas artimanhas dos Espíritos inferiores.

Façamos uma comparação. Um homem tem um inimigo secreto, a quem não conhece, embora espalhe, contra ele e sem que ninguém saiba, a calúnia e tudo o que a mais terrível maldade possa inventar. O infeliz vê sua fortuna perder-se, os amigos se afastarem e a felicidade íntima ser perturbada. Incapaz de descobrir a mão que o fere, não pode se defender e sucumbe. Um belo dia, porém, esse inimigo oculto lhe escreve e se trai, apesar de todos os ardis de que se vale. Eis descoberto o inimigo daquele homem, que desde então pode confundi-lo e se reabilitar. Tal o papel dos Espíritos maus, que o Espiritismo nos dá a possibilidade de conhecer e desmascarar.

Causas da obsessão[4]

245. As causas da obsessão variam de acordo com o caráter do Espírito. Às vezes é uma vingança que ele exerce sobre a pessoa que o magoou nesta vida ou em existências anteriores. Muitas vezes, é o simples desejo de fazer o mal; como

o Espírito sofre, quer fazer que os outros também sofram; encontra uma espécie de prazer em atormentá-los, em humilhá-los, e a impaciência que a vítima demonstra o exacerba mais ainda, porque é esse o objetivo que o obsessor tem em vista, enquanto a paciência acaba por cansá-lo. Ao irritar-se e mostrar-se despeitado, o perseguido faz exatamente o que o perseguidor deseja. Esses Espíritos agem, não raras vezes, por ódio e por inveja do bem, o que os leva a lançarem suas vistas malfazejas sobre as pessoas mais honestas. Um deles se apegou como "sarna" a uma honrada família do nosso conhecimento, à qual, aliás, não teve a satisfação de enganar. Interrogado acerca do motivo por que se agarrara a pessoas tão distintas, em vez de apegar-se a homens maus como ele, respondeu: *estes não me causam inveja*. Outros são guiados por um sentimento de covardia, que os induz a se aproveitarem da fraqueza moral de certos indivíduos, que eles sabem incapazes de lhes resistirem. Um destes últimos, que subjugava um rapaz de inteligência muito curta, interrogado sobre os motivos dessa escolha, respondeu: *Tenho grande necessidade de atormentar alguém. Uma pessoa criteriosa me repeliria; ligo-me a um idiota, que não me opõe nenhuma resistência*.

246. Há Espíritos obsessores sem maldade, que até mesmo são bons, mas dominados pelo orgulho do falso saber. Têm suas ideias, seus sistemas sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia, e querem fazer que suas opiniões prevaleçam. Para isso, procuram médiuns bastante crédulos para os aceitar de olhos fechados e que eles fascinam, a fim de os impedir de discernirem o verdadeiro do falso. São os mais perigosos, já que os sofismas nada lhes custam e porque podem dar credibilidade às mais ridículas utopias. Como conhecem o prestígio dos grandes nomes, não têm escrúpulo de se servirem de um deles, diante dos quais todos se inclinam, não recuando nem mesmo ante o sacrilégio de se dizerem Jesus, a Virgem Maria, ou um santo venerado. Procuram deslumbrar por meio de uma linguagem empolada, mais pretensiosa do que profunda, recheada de termos técnicos e enfeitada de palavras grandiosas, como caridade e moral. Evitarão com todo cuidado dar um mau conselho, porque sabem perfeitamente que seriam repelidos. É por isso que as pessoas que eles enganam os defendem com insistência, dizendo: "Bem vedes que nada dizem de mau". É que a moral, para esses Espíritos, não passa de simples passaporte, sendo o fator que menos os preocupa. O que querem, acima de tudo, é dominar e impor suas ideias, por mais absurdas que sejam.

247. Os Espíritos afeitos aos sistemas são geralmente escrevinhadores, o

que os leva a buscar médiuns que escrevem com facilidade e dos quais tratam de fazer instrumentos dóceis e, sobretudo, entusiastas, fascinando-os. Quase sempre são loquazes, muito prolixos, procurando compensar a qualidade pela quantidade. Sentem prazer em ditar, aos seus intérpretes, volumosos escritos indigestos e quase sempre pouco inteligíveis que, felizmente, têm por antídoto a impossibilidade material de serem lidos pelas massas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são sóbrios de palavras; dizem muita coisa em poucas linhas, de modo que aquela fecundidade prodigiosa deve sempre ser tida como suspeita.

Nunca será demais a prudência, quando se trate de publicar semelhantes escritos. As utopias e as excentricidades, que neles são frequentemente abundantes e chocam o bom senso, produzem lamentável impressão nas pessoas ainda noviças na Doutrina, dando-lhes uma ideia falsa do Espiritismo, sem contar que são armas de que se servem seus inimigos para ridicularizá-lo. Entre tais publicações, existem algumas que, sem serem más e sem provirem de uma obsessão, podem ser consideradas imprudentes, *intempestivas* ou descabidas.

248. Acontece com muita frequência que um médium só pode comunicar-se com um único Espírito, que se ligou a ele e responde pelos que são chamados por seu intermédio. Nem sempre há nisso uma obsessão, já que pode resultar de falta de flexibilidade do médium, ou de uma afinidade especial sua com este ou aquele Espírito. Somente há obsessão propriamente dita quando o Espírito se impõe e afasta intencionalmente os outros, o que jamais é feito por um Espírito bom. Geralmente, o Espírito que se apodera do médium, tendo em vista dominá-lo, não suporta o exame crítico das suas comunicações; quando vê que não são aceitas, ou que os homens as discutem, não se retira, mas inspira ao médium a ideia de se isolar, chegando mesmo a dar ordens neste sentido. Todo médium que se melindra com a crítica das comunicações que recebe, faz-se eco do Espírito que o domina, e esse Espírito não pode ser bom, já que lhe inspira o pensamento ilógico de se recusar ao exame. O isolamento do médium é sempre coisa deplorável para ele, porque fica sem nenhum controle das comunicações que recebe. Não somente deve buscar a opinião de terceiros para esclarecer-se, como também precisa estudar todos os gêneros de comunicações, a fim de compará-las entre si. Limitando-se às que lhe são transmitidas, por melhores que lhe pareçam, expõe-se a se iludir sobre o valor das comunicações, sem contar que não lhe é possível conhecer tudo e que elas giram quase sempre dentro do mesmo círculo. (Item 192, *Médiuns exclusivos*.)

Meios de combater a obsessão[5]

249. Os meios de se combater a obsessão variam de acordo com o caráter que ela reveste. Não existe realmente perigo para o médium que se ache bem convencido de lidar com um Espírito mentiroso, como ocorre na obsessão simples; esta, então, não passa para ele de fato desagradável. Mas, justamente porque lhe é desagradável, o Espírito tem uma razão a mais para obstinar-se em aborrecê-lo. Nesse caso, o médium deve fazer duas coisas essenciais: provar ao Espírito que não está iludido por ele e que não lhe será possível enganar; depois, cansar a sua paciência, mostrando-se mais paciente que ele. Quando o Espírito se convencer de que perde o tempo, acabará por se retirar, como fazem os importunos a quem não se dá atenção.

Isto, porém, nem sempre basta e pode levar muito tempo, pois há Espíritos obstinados, para os quais meses e anos nada representam. Além disso, o médium deve apelar com fervor ao seu anjo bom, assim como aos Espíritos bons que lhe são simpáticos, pedindo-lhes que o assistam. Quanto ao Espírito obsessor, por muito mau que seja, deve ser tratado com severidade, mas, ao mesmo tempo, com benevolência e vencê-lo pelo bom comportamento, orando por ele. Se for realmente perverso, a princípio zombará desses meios; porém, moralizado com perseverança, acabará por emendar-se. É uma conversão a empreender, tarefa muitas vezes penosa, ingrata, desagradável mesmo, mas cujo mérito está na dificuldade que oferece e que, se bem realizada, dá sempre a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e, quase sempre, a de se haver reconduzido ao bom caminho uma alma transviada.

Convém igualmente interromper toda comunicação escrita, tão logo se reconheça que procede de um Espírito mau, providência que ele quase nunca aceita, a fim de não lhe darmos o prazer de ser ouvido. Em certos casos, pode mesmo ser conveniente que o médium deixe de escrever por algum tempo, regulando-se então pelas circunstâncias. Entretanto, se o médium escrevente pode evitar essas entrevistas, abstendo-se de escrever, outro tanto já não se dá com o médium audiente, que o Espírito obsessor persegue às vezes a todo instante com as suas proposições grosseiras e obscenas, e que nem sequer dispõe do recurso de tapar os ouvidos. Aliás, deve-se reconhecer que algumas pessoas se divertem com a linguagem trivial dessa espécie de Espíritos, animando-os e provocando-os ao rirem de suas tolices, em vez de lhes imporem silêncio e de os moralizarem. Os nossos conselhos não podem aplicar-se a esses que desejam

afogar-se.

250. Só há, portanto, aborrecimento, e não perigo, para todo médium que não se deixa enganar, porque não poderá ser enganado. Muito diferente é o que se dá com a *fascinação*, porque então não tem limites o domínio que o Espírito assume sobre o encarnado de quem se apoderou. A única coisa a fazer-se com a vítima é convencê-la de que está sendo ludibriada e reverter a sua obsessão para a obsessão simples. Isto, porém, nem sempre é fácil, para não dizer impossível, algumas vezes. O ascendente do Espírito pode ser de tal gravidade, que torne o fascinado surdo a toda espécie de raciocínio, chegando até mesmo a pô-lo em dúvida quanto ao acerto ou erro da Ciência, quando o Espírito comete alguma grosseira heresia científica.

Como já dissemos, o fascinado geralmente acolhe muito mal os conselhos que lhe dão. A crítica o aborrece, irrita e o faz tomar-se de aversão pelas pessoas que não partilham da sua admiração. Suspeitar do Espírito que o acompanha é, aos seus olhos, quase uma profanação, e outra coisa não quer o dito Espírito, pois tudo o que ele realmente deseja é que todos se curvem diante da sua palavra.

Um deles exercia, sobre pessoa do nosso conhecimento, uma fascinação extraordinária. Evocamo-lo e, depois de algumas bravatas, vendo que não conseguia enganar-nos quanto à sua identidade, acabou por confessar que não era quem se dizia. Sendo-lhe perguntado por que ludibriava de tal modo aquela pessoa, respondeu com estas palavras, que revelam claramente o caráter desse gênero de Espíritos: *Eu procurava um homem a quem pudesse manejar; encontrei-o e ficarei com ele*. – Mas, se lhe forem mostradas as coisas como são, ele vos expulsará. – *É o que veremos!* Como não há cego pior do que aquele que não quer ver, quando se reconhece a inutilidade de todas as tentativas para abrir os olhos do fascinado, o melhor que se tem a fazer é deixá-lo com as suas ilusões. Ninguém pode curar o doente que se obstina em conservar o seu mal e nele se compraz.

251. A subjugação corpórea tira muitas vezes do obsidiado a energia necessária para dominar o Espírito mau. É por isso que se torna necessária a intervenção de outra pessoa, que atue pelo magnetismo ou pela força da sua própria vontade. Em falta do concurso do obsidiado, essa pessoa deve ter predomínio sobre o Espírito; porém, como esse predomínio, ou ascendente, só pode ser moral e, portanto, só poderá ser exercido por um ser moralmente

superior ao Espírito, o seu poder será tanto maior quanto maior for a sua superioridade moral, porque então se impõe ao Espírito, que se vê forçado a inclinar-se diante dele. É por isso que Jesus tinha tão grande poder para expulsar os que, naquela época, se chamavam demônios, isto é, os Espíritos maus obsessores.

Só podemos dar aqui alguns conselhos gerais, porque não existe nenhum processo material e, principalmente, nenhuma fórmula ou palavra sacramental que tenha o poder de expulsar os Espíritos obsessores. Às vezes, o que falta ao obsidiado é força fluídica suficiente. Nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador lhe pode ser de grande utilidade. Contudo, é sempre conveniente procurar, por um médium de confiança, os conselhos de um Espírito superior ou do seu anjo da guarda.

252. As imperfeições morais do obsidiado constituem, quase sempre, um obstáculo à sua libertação. Eis um exemplo notável, que pode servir para a instrução de todos:

Havia já alguns anos que várias irmãs vinham sendo vítimas de depredações muito desagradáveis. Suas roupas eram incessantemente espalhadas em todos os cantos da casa e até pelos telhados, cortadas, rasgadas e crivadas de buracos, por mais cuidado que tivessem em guardá-las à chave. Essas senhoras, vivendo numa pequena localidade do interior, nunca tinham ouvido falar de Espiritismo. A primeira ideia que lhes acorreu foi, naturalmente, a de que estavam sendo alvo de brincalhões de mau gosto. Porém, a persistência e as precauções que tomavam afastaram delas essa ideia. Só muito tempo depois, por meio de algumas indicações, acharam que deviam procurar-nos para saberem a causa de tais transtornos e, se possível, os remédios para dar-lhes um fim. Sobre a causa não havia dúvida; quanto ao remédio, era mais difícil. O Espírito que se manifestava por semelhantes atos era evidentemente malfazejo. Ao ser evocado, mostrou-se de grande perversidade e inacessível a qualquer sentimento bom. A prece, no entanto, pareceu exercer sobre ele uma influência salutar. Mas, após algum tempo de interrupção, recomeçaram as depredações. Eis a respeito o conselho que nos deu um Espírito superior:

“O que essas senhoras têm de melhor a fazer é orar aos Espíritos seus protetores para que não as abandonem. Não lhes posso dar nenhum conselho melhor do que lhes dizer que desçam ao fundo de suas consciências para se confessarem a si mesmas, examinando se sempre praticaram o amor ao próximo

e a caridade. Não me refiro à caridade que consiste em dar e distribuir, mas à caridade da língua, porque, infelizmente, elas não sabem conter as suas, nem demonstram, por atos de piedade, o desejo que têm de se livrarem daquele que as atormenta. Gostam muito de falar mal do próximo e o Espírito que as obsidia tira a sua desforra, porque, em vida, foi para elas um alvo de gracejos. Basta que pesquisem na memória e logo descobrirão com quem estão lidando.

"Entretanto, se conseguirem melhorar-se, seus anjos da guarda se aproximarão e a simples presença deles bastará para afastar o Espírito mau, que só se agarrou a uma delas em particular porque o seu anjo guardião teve que se afastar, em virtude de atos repreensíveis ou maus pensamentos. O que elas precisam é fazer preces fervorosas pelos que sofrem e, principalmente, praticar as virtudes que Deus impõe a cada criatura, de acordo com a sua condição."

Como alegássemos que essas palavras pareciam um tanto severas, e que talvez fosse conveniente abrandá-las, para serem transmitidas, o Espírito acrescentou:

"Devo dizer o que digo e como digo, porque as pessoas em questão têm o hábito de supor que não fazem mal nenhum com a língua, quando na verdade o fazem bastante. É por isso que precisamos ferir-lhes o Espírito, de modo que lhes sirva de advertência séria".

De tudo quanto foi dito acima, tiramos um ensinamento de grande importância: o de que as imperfeições morais dão ensejo à ação dos Espíritos obsessores, e que o meio mais seguro de nos livrarmos deles é atrair os bons pela prática do bem. Sem dúvida, os Espíritos bons têm mais poder do que os maus, e basta a vontade deles para afastar estes últimos; os bons, porém, só assistem os que os ajudam, mediante os esforços que fazem por melhorar-se. A não ser assim, afastam-se e deixam o campo livre aos Espíritos maus, que, em certos casos, se tornam instrumentos de punição, visto que os bons permitem que eles ajam para esse fim.

253. Não se deve, todavia, atribuir à ação direta dos Espíritos todos os aborrecimentos que se possam experimentar, os quais, não raramente, resultam da incúria ou da imprevidência. Certo dia, um lavrador nos escreveu que nos últimos doze anos lhe vinha acontecendo toda sorte de infelicidades, relativamente aos seus animais. Ora eram as vacas que morriam ou deixavam de dar leite, ora eram os cavalos, os carneiros, os porcos que sucumbiam. Fez muitas novenas, que em nada remediaram o mal, do mesmo modo que nada

obteve com as missas que mandou celebrar, nem com os exorcismos que mandou praticar. Convenceu-se, então, de que haviam enfeitiçado os seus animais, conforme crença supersticiosa que corria no campo. Supondo-nos, provavelmente, dotado de um poder de exorcizar maior que o do padre da sua aldeia, pediu o nosso parecer. Eis a resposta que obtivemos:

"A mortalidade ou as doenças dos animais desse homem devem-se ao fato de que seus currais estão infectados e ele não os repara, porque *custa dinheiro*".

254. Encerraremos este capítulo com as respostas que os Espíritos deram a algumas perguntas, as quais vêm comprovar o que dissemos:

1. *Por que certos médiuns não conseguem livrar-se de Espíritos maus que se ligam a eles, e como é que os Espíritos bons que eles chamam não se mostram bastante poderosos para afastar os outros e se comunicar diretamente?*

"Não é que falte poder ao Espírito bom. Quase sempre, é o médium que não é bastante forte para o auxiliar. Além disso, sua natureza se presta melhor a certas relações e seu fluido se identifica mais com o de um Espírito do que com o fluido de outro. É isso que dá tão grande império aos que querem enganá-los."

2. *Parece-nos, entretanto, que há pessoas de muito mérito, de moralidade irrepreensível e que, apesar de tudo, se veem impedidas de entrar em comunicação com os Espíritos bons.*

"Isto é uma provação. Aliás, quem te diz que elas não trazem o coração manchado de certo mal? que o orgulho não domina um pouco a aparência de bondade? Essas provas, ao mostrarem ao obsidiado a sua fraqueza, devem fazê-lo inclinar-se para a humildade. Haverá alguém na Terra que possa dizer-se perfeito? Ora, um, que tem todas as aparências da virtude, pode ter ainda muitos defeitos ocultos, um velho fermento de imperfeição. Assim, por exemplo, costumais dizer daquele que não pratica nenhum mal, que é leal em suas relações sociais: que é um bravo e digno homem. Mas sabeis porventura se as suas boas qualidades não estão manchadas pelo orgulho? se não há nele um fundo de egoísmo? se não é avarento, ciumento, rancoroso, maledicente e mil outras coisas que não percebeis porque as vossas relações com ele não vos permitiram descobri-las? O meio mais poderoso de combater a influência dos Espíritos maus é aproximar-se o mais possível da natureza dos bons."

3. *A obsessão que impede um médium de receber as comunicações que deseja é sempre um sinal de indignidade de sua parte?*

“Eu não disse que é um sinal de indignidade, mas que pode haver um obstáculo contrapondo-se a certas comunicações. Cabe ao médium remover o obstáculo que se encontra nele mesmo; sem isso, suas preces e suas súplicas de nada valerão. Não basta que um doente diga ao seu médico: dê-me saúde, quero passar bem. O médico não poderá fazer coisa alguma, se o doente não fizer o que for preciso.”

4. *Assim, a impossibilidade de comunicar-se com os Espíritos bons seria uma espécie de punição?*

“Em certos casos, pode ser uma verdadeira punição, como a possibilidade de comunicar-se com eles é uma recompensa que deveis vos esforçar por merecer.” (Veja-se “Perda e suspensão da mediunidade”, item 220.)

5. *Não se pode também combater a influência dos Espíritos maus, moralizando-os?*

“Sim, mas é o que não se faz, e é o que não se pode deixar de fazer, porque, muitas vezes, isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosamente, religiosamente. Por meio de sábios conselhos é possível induzi-los ao arrependimento e apressar o progresso deles.”

5-a. *Como pode um homem ter mais influência, nesse caso, do que os próprios Espíritos?*

“Os Espíritos perversos se aproximam mais dos homens, que eles procuram atormentar, do que dos Espíritos, dos quais se afastam o mais possível. Nessa aproximação com os seres humanos, quando encontram algum que os moralize, a princípio não o escutam e até riem dele; depois, se este souber cativá-los, acabam por se deixarem tocar. Os Espíritos elevados só lhes podem falar em nome de Deus e isto os apavora. O homem, evidentemente, não dispõe de mais poder do que os Espíritos superiores, mas sua linguagem se identifica melhor com a natureza daqueles outros e, ao verem o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos inferiores, compreendem melhor a solidariedade que existe entre o céu e a Terra. Além disso, o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos guarda razão com a sua superioridade moral. Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os que lhe são inferiores em moralidade.” (Veja-se o item 279.)

6. *A subjugação corpórea, chegada a certo grau, poderá levar à loucura?*

“Sim, a uma espécie de loucura cuja causa o mundo desconhece, mas que não tem relação alguma com a loucura comum. Entre os que são tidos por loucos, muitos são apenas subjugados. Precisariam de um tratamento moral, e não de tratamentos corpóreos, pois que com estes os tornamos verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas.” (Item 221.)

7. *O que se deve pensar dos que, vendo um perigo qualquer no Espiritismo, julgam que o meio de preveni-lo seria proibir as comunicações espíritas?*

“Se podem proibir a certas pessoas que se comuniquem com os Espíritos, não podem impedir as manifestações espontâneas feitas a essas mesmas pessoas, visto não lhes ser possível suprimir os Espíritos, nem impedir que exerçam sua influência oculta. Esses tais se assemelham a certas crianças que fecham os olhos e pensam que ninguém as vê. Seria loucura querer suprimir uma coisa que oferece grandes vantagens, só porque alguns imprudentes podem abusar dela. Os meios de se prevenir os seus inconvenientes é, ao contrário, torná-la conhecida em profundidade.”

[1]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[2]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[3]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[4]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

[5]**N. do T.:** Este subtítulo não fazia parte da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo e no “Sumário” da obra, razão pela qual o inserimos nesta versão.

CAPÍTULO XXIV

Identidade dos Espíritos

• Provas possíveis de identidade

• Distinção entre os Espíritos bons e os maus

• Perguntas sobre a natureza e a identidade dos Espíritos

Provas possíveis de identidade

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. De fato, os Espíritos não nos trazem uma carteira de identidade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Justamente por isso, esta questão de identidade é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades que apresenta o Espiritismo prático. Todavia, em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real.

A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível mesmo, de modo que ficamos limitados a uma apreciação puramente moral. Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem. Se um Espírito se apresenta com o nome de Fénelon, por exemplo, e diz trivialidades e puerilidades, está claro que não pode ser ele. Porém, se as coisas que diz são dignas do caráter de Fénelon e este não as desaprovaria, haverá, quando não uma prova material, pelo menos toda probabilidade moral de que seja de fato ele. É principalmente nesse caso que a identidade real se torna uma questão acessória. Desde que o Espírito só diz coisas aproveitáveis, pouco importa o nome sob o qual elas são dadas.

Objetarão, sem dúvida, que o Espírito que tome um nome suposto, mesmo que só para o bem, não deixa de cometer uma fraude, não podendo, por conseguinte, ser um Espírito bom. É neste ponto que surgem questões delicadas, matizes muito difíceis de apanhar e que vamos tentar desenvolver.

256. À medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, as características distintivas de suas personalidades se apagam, de certo modo, na

uniformidade da perfeição; nem por isso, entretanto, deixam de conservar as suas individualidades. É o que se dá com os Espíritos superiores e com os Espíritos puros. Nessa posição, o nome que tiveram na Terra, em uma das mil existências corpóreas *efêmeras* por que passaram, é coisa absolutamente insignificante. Notemos ainda que os Espíritos são atraídos uns para os outros pela semelhança de suas qualidades, formando assim, por simpatia, grupos ou famílias. Por outro lado, se considerarmos o número imenso de Espíritos que, desde a origem dos tempos, devem ter alcançado as fileiras mais elevadas, e se o compararmos ao número tão restrito de homens que deixaram na Terra um grande nome, compreenderemos que, entre os Espíritos superiores que podem comunicar-se, a maioria não deve ter nomes para nós. Porém, como precisamos de nomes para fixar as nossas ideias, eles podem tomar o de uma personagem conhecida, cuja natureza seja mais identificada com a deles. É assim que os nossos anjos da guarda se dão a conhecer, na maioria das vezes, pelo nome de um dos santos que veneramos e, geralmente, pelo daquele que nos inspira mais simpatia. Segue-se daí que, se o anjo da guarda de uma pessoa se apresenta como São Pedro, por exemplo, não há nenhuma prova material de que seja exatamente o apóstolo desse nome. Tanto pode ser ele, como um Espírito completamente desconhecido, mas pertencente à família de Espíritos de que faz parte São Pedro. Deduz-se ainda que, seja qual for o nome sob o qual alguém invoque o seu anjo da guarda, este atenderá ao apelo que lhe é dirigido, pois é o pensamento que o atrai, e não o nome, que lhe é indiferente.

Dá-se a mesma coisa todas as vezes que um Espírito superior se comunica espontaneamente, sob o nome de uma personagem conhecida. Nada prova que seja exatamente o Espírito dessa personagem; porém, se ele nada diz que desminta o caráter desta última, há *presunção* de que seja ele, podendo-se dizer, em todos os casos que, se não é ele, é um Espírito do mesmo grau de elevação ou talvez até um enviado seu. Em resumo, a questão do nome é secundária, de sorte que se pode considerá-lo como simples indício da categoria que ocupa o Espírito na escala espírita.

A situação é outra, quando um Espírito de ordem inferior se enfeita com um nome respeitável, para dar mais crédito às suas palavras. Este caso é de tal modo frequente que toda precaução não será exagerada contra semelhantes substituições. É graças a esses nomes emprestados e, sobretudo, com o auxílio da fascinação, que alguns Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos do que sábios, procuram fazer que se aceitem as mais ridículas ideias.

A questão da identidade, como já dissemos, é, pois, quase indiferente, quando se trata de instruções gerais, pois os melhores Espíritos podem substituir-se mutuamente, sem maiores consequências. Os Espíritos superiores formam, por assim dizer, um todo coletivo, cujas individualidades nos são, com raras exceções, completamente desconhecidas. O que nos interessa não é a pessoa deles, mas o ensino que nos proporcionam. Ora, se o ensino é bom, pouco importa que aquele que o deu se chame Pedro ou Paulo. Devemos julgá-lo pela sua qualidade e não pelas suas insígnias. Se um vinho é mau, não será a etiqueta que o tornará melhor. Já não sucede a mesma coisa com as comunicações íntimas, porque aí é o indivíduo, a sua pessoa mesma que nos interessa. É razoável, portanto, que em tais circunstâncias procuremos nos certificar de que o Espírito que atende ao nosso chamado é realmente aquele que desejamos.

257. A identidade é muito mais fácil de ser comprovada quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos hábitos e características são conhecidos, porque são justamente esses hábitos, de que ainda não tiveram tempo de abandonar, que nos permitem reconhecê-los, constituindo isso um dos sinais mais seguros de identidade. O Espírito, sem dúvida, pode dar provas de identidade, em atenção ao pedido que se lhes faça nesse sentido, mas só o faz quando isso lhe convém. Geralmente, semelhante pedido o magoa, devendo, pois, ser evitado. Deixando o corpo, o Espírito não se despojou da sua suscetibilidade; melindra-se com toda pergunta que tenha por fim pô-lo à prova. *Há perguntas que ninguém ousaria fazer-lhe em vida*, pelo receio de faltar às conveniências. Por que tratá-lo com menos consideração, depois da sua morte? Se algum homem se apresentar num salão, declinando seu nome, alguém irá pedir-lhe, à queima-roupa, que apresente os documentos, sob o pretexto de haver impostores? Certamente, esse homem teria o direito de lembrar ao interlocutor as regras de civilidade. É o que fazem os Espíritos, não respondendo ou retirando-se. Tomemos um exemplo para comparação. Suponhamos que o astrônomo Arago, quando vivo, se apresentasse numa casa onde ninguém o conhecesse e que o interpelassem assim: Dizeis que sois Arago, mas não vos conhecemos; dignai-vos de prová-lo, respondendo às nossas perguntas. Resolvei tal problema de Astronomia; dizei-nos o vosso nome, sobrenome, os nomes de vossos filhos, o que fazíeis em tal dia, a tal hora etc. Que responderia ele? Pois bem: como Espírito, fará o que teria feito em vida, e os outros Espíritos procedem da mesma maneira.

258. Enquanto se recusam a responder a perguntas pueris e extravagantes, que qualquer pessoa teria escrúpulos em lhes dirigir, se fossem vivos, os

Espíritos, por outro lado, não se negam a dar espontaneamente provas irrecusáveis de sua identidade, por seus caracteres, que se revelam na linguagem de que usam, pelo emprego de palavras que lhes eram familiares, pela citação de certos fatos, de particularidades de suas vidas, às vezes desconhecidas dos assistentes e cuja exatidão se pode verificar. As provas de identidade se destacam, além disso, de um sem-número de circunstâncias imprevistas, que nem sempre se apresentam na primeira ocasião, mas que surgem com a continuação das manifestações. Convém, pois, esperá-las, sem as provocar, observando-se cuidadosamente todas as que possam resultar da natureza das comunicações. (Veja-se o fato referido no item 70.)

259. Um meio empregado, algumas vezes com sucesso, para se conseguir identificar um Espírito que se comunica, quando ele se torna suspeito, consiste em fazê-lo afirmar, *em nome de Deus onipotente,* que é realmente a pessoa que ele diz ser. É muito comum que o Espírito que se apresenta com um nome usurpado recue diante do sacrilégio e que, tendo começado a dizer: *Afirmo, em nome de...* pare e trace, com raiva, riscos sem valor no papel ou quebre o lápis. Se é mais hipócrita, contorna a questão, mediante uma restrição mental, escrevendo, por exemplo: *Confirmo que digo a verdade*; ou então: *Atesto, em nome de Deus, que sou eu mesmo quem vos fala* etc. Alguns, entretanto, são menos escrupulosos e juram por tudo o que se quiser. Um deles se comunicou a um médium, dizendo ser o próprio Deus, e o médium, honrado com tão alta distinção, não hesitou em acreditar. Evocado por nós, não ousou sustentar a sua impostura e disse: Não sou Deus, mas sou seu filho. – És então Jesus? Isto não é provável, pois Jesus é elevado demais para empregar um subterfúgio. Ousas, não obstante, afirmar, em nome de Deus, que és o Cristo? – Não digo que sou Jesus; digo que sou filho de Deus, porque sou uma de suas criaturas.

Deve-se concluir daí que a recusa de um Espírito em afirmar a sua identidade, em nome de Deus, é sempre uma prova manifesta de que o nome que ele tomou é uma impostura. Caso ele o afirme, essa afirmação não passa de uma presunção, não constituindo prova certa de identidade.

260. Pode-se também incluir entre as provas de identidade a semelhança da caligrafia e da assinatura. Mas, além de nem todos os médiuns serem capazes de obter esse resultado, ele não representa, invariavelmente, uma garantia suficiente. Há falsários no mundo dos Espíritos, como os há na Terra. Ainda aqui, essa semelhança de caligrafia não é mais do que uma presunção de identidade, que só adquire valor pelas circunstâncias que a acompanhem. Dá-se

a mesma coisa com todos os sinais materiais, que algumas pessoas têm como talismãs inimitáveis para os Espíritos mentirosos. Para os que ousam perjurar em nome de Deus, ou falsificar uma assinatura, nenhum sinal material pode oferecer obstáculo maior. A melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias fortuitas.

261. Certamente replicarão que se um Espírito pode imitar uma assinatura, também pode imitar perfeitamente a linguagem de outra pessoa. É verdade. Temos visto alguns que tomavam afrontosamente o nome do Cristo e, para melhor enganarem, simulavam o estilo evangélico e esbanjavam a torto e a direito estas palavras bem conhecidas: *Em verdade, em verdade vos digo*. Quando, porém, se estuda o ditado em seu conjunto, *de mente aberta*, perscrutando o fundo das ideias, o alcance das expressões, e se veem recomendações pueris e ridículas, ao lado de belas máximas de caridade, seria preciso estar *fascinado* para se deixar enganar. Sim, certos aspectos formais de linguagem podem ser imitados, mas não o pensamento. Jamais a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude. Sempre aparecerá de algum lado a pontinha da orelha. É então que o médium, assim como o evocador, precisam de toda perspicácia e de toda ponderação para separar a verdade da mentira. Devem convencer-se de que os Espíritos perversos são capazes de todos os ardis e de que, quanto mais elevado for o nome com que um Espírito se apresente, tanto maior desconfiança deve inspirar. Quantos médiuns têm recebido comunicações apócrifas assinadas por Jesus, Maria ou algum santo venerado!

Distinção entre os Espíritos bons e os maus

262. Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre os Espíritos bons e os maus. A individualidade deles pode até nos ser indiferente; nunca, porém, suas qualidades morais. Em todas as comunicações instrutivas, é sobre esse ponto que devemos concentrar toda a nossa atenção, porque só ele nos pode dar a medida da confiança que podemos depositar no Espírito que se manifesta, seja qual for o nome com que se apresente. O Espírito que se manifesta é bom ou mau? Em que grau da escala espírita se encontra? Eis a questão capital. (Veja-se “Escala espírita”, em *O Livro dos Espíritos*, questão 100.)

263. Já dissemos que os Espíritos, como os homens, devem ser julgados pela linguagem de que se servem. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas. Pelo estilo, pelas ideias, por uma porção de indícios, enfim, julgará se aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes, gentis ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais etc. Dá-se a mesma coisa com os Espíritos. Devemos considerá-los como correspondentes que nunca vimos e procurar conhecer o que pensaríamos do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse tais coisas. Pode-se estabelecer como regra invariável e sem exceção, que *a linguagem dos Espíritos guarda sempre relação com o grau de elevação a que já tenham chegado*. Os Espíritos realmente superiores não apenas só dizem coisas boas, como também as dizem em termos que excluem, de modo absoluto, qualquer trivialidade. Por melhores que sejam essas coisas, se forem manchadas por uma única expressão que denote baixeza, isto constitui um sinal indubitável de inferioridade, principalmente se o conjunto da comunicação chocar as conveniências pela sua grosseria. A linguagem revela sempre a sua origem, seja pelos pensamentos que traduz, seja pela forma, de modo que se um Espírito quiser iludir-nos sobre a sua pretensa superioridade, bastará conversarmos algum tempo com ele para a apreciarmos.

264. A bondade e a benevolência são atributos essenciais dos Espíritos depurados. Não têm ódio aos homens, nem aos outros Espíritos. Lamentam as fraquezas, criticam os erros, mas sempre com moderação, sem fel e sem animosidade. Admitindo-se que os Espíritos verdadeiramente bons só podem querer o bem e dizer coisas boas, conclui-se que tudo o que revele, na linguagem dos Espíritos, falta de bondade e de benignidade, não pode emanar de um Espírito bom.

265. A inteligência está longe de constituir um sinal seguro de superioridade, porque a inteligência e a moral nem sempre andam juntas. Um Espírito pode ser bom, afável, e ter conhecimentos limitados, ao passo que outro, inteligente e instruído, pode ser muito inferior em moralidade.

É crença bastante generalizada que, interrogando-se o Espírito de um homem que foi sábio em certa especialidade na Terra, dele se obterá a verdade com mais segurança. Isto é lógico; entretanto, nem sempre é o que acontece. A experiência demonstra que os sábios, tanto quanto os demais homens, principalmente os desencarnados de pouco tempo, ainda se acham sob o domínio dos preconceitos da vida corpórea, não se livrando imediatamente do espírito de

sistema. Pode, pois, acontecer que, sob a influência das ideias que acalentaram em vida e das quais fizeram para si um título de glória, vejam com menos clareza do que imaginamos. Não apresentamos este princípio como regra; longe disso. Dizemos apenas que o fato se dá e que, por conseguinte, a ciência humana que eles possuem nem sempre constitui uma prova da sua infalibilidade como Espíritos.

266. Se submetermos todas as comunicações a um exame escrupuloso, perscrutando e analisando suas ideias e expressões, como fazemos quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando, sem *hesitação*, tudo o que for contrário à lógica e ao bom senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que supomos esteja se manifestando, levaremos os Espíritos mentirosos ao desânimo, os quais acabam por se retirar, desde que fiquem bem convencidos de que não conseguirão nos enganar. Repetimos: este é o único meio, porém, meio infalível, porque não há comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. Os Espíritos bons nunca se ofendem com ela, pois eles mesmos nos aconselham a examinar as comunicações, já que não têm nada a temer do exame. Somente os maus se ofendem e procuram evitar a crítica, porque têm tudo a perder. Só por isso provam o que são.

Eis o conselho que a tal respeito nos deu São Luís:

“Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, há uma recomendação que nunca seria demais repetir e que deveríeis ter presente sempre na vossa lembrança, quando vos entregais aos vossos estudos: é a de pesar, meditar e submeter ao controle da razão mais severa todas as comunicações que receberdes; é a de não deixardes de pedir as explicações necessárias, a fim de que possais formar uma opinião segura, toda vez que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro.”

267. Os meios de se reconhecer a qualidade dos Espíritos podem ser resumidos nos seguintes princípios:

1. Não há outro critério para se discernir o valor dos Espíritos senão o bom senso. Qualquer fórmula que os próprios Espíritos venham a dar para esse efeito é absurda e não poderá provir de Espíritos superiores.

2. Apreciam-se os Espíritos pela linguagem de que usam e pelas suas ações. Estas se traduzem pelos sentimentos que eles inspiram e pelos conselhos que dão.

3. Admitido que os Espíritos bons só podem dizer e fazer o bem, tudo o que é mal não pode provir senão de um Espírito mau.

4. A linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna, nobre, elevada e isenta de trivialidade. Dizem tudo com simplicidade e modéstia, jamais se vangloriam, nem se gabam de seu saber ou da posição que ocupam entre os outros. Por outro lado, a linguagem dos Espíritos inferiores ou vulgares reflete sempre alguma coisa das paixões humanas. Toda expressão que denote baixeza, presunção, arrogância, bravata e acrimônia é indício característico de inferioridade ou de embuste, caso o Espírito se apresente com um nome respeitado e venerado.

5. Não se deve julgar a qualidade dos Espíritos pela forma material de seus escritos, nem pela correção do estilo. É preciso sondar-lhes o íntimo, analisar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Tudo o que se afaste da lógica, da razão e da prudência não pode deixar dúvida quanto à sua origem, seja qual for o nome com que se adorne o Espírito. (Item 224.)

6. A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo. Os pensamentos são os mesmos, em qualquer tempo e em todo lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidos, conforme as circunstâncias, as necessidades e as facilidades que encontrem para se comunicar; porém, jamais serão contraditórias. Se duas comunicações, trazendo o mesmo nome, se mostrem em contradição, uma das duas é evidentemente apócrifa e a verdadeira será aquela que em *nada* desminta o conhecido caráter da personagem. Entre duas comunicações assinadas, por exemplo, por São Vicente de Paulo, uma pregando a união e a caridade e a outra tendendo a semear a discórdia, não há nenhuma pessoa sensata que possa enganar-se.

7. Os Espíritos bons só dizem o que sabem; calam-se ou confessam a sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com firmeza, sem se preocuparem com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choque o bom senso, revela fraude, desde que o Espírito se apresente como sendo esclarecido.

8. Reconhecem-se ainda os Espíritos levianos pela facilidade com que predizem o futuro e falam com precisão de fatos materiais que não podemos conhecer. Os Espíritos bons podem fazer que as coisas futuras sejam pressentidas, quando isso for útil; nunca, porém, fixam datas. Toda previsão de

qualquer acontecimento para uma época determinada é indício de mistificação.

9. Os Espíritos superiores se exprimem com simplicidade, sem prolixidade. O estilo deles é conciso, sem exclusão da poesia das ideias e das expressões; é claro e inteligível a todos, sem exigir esforço para ser compreendido. Eles têm a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras, porque cada palavra é empregada com exatidão. Os Espíritos inferiores, ou pseudossábios, ocultam sob uma linguagem afetada e excessivamente enfática o vazio de suas ideias. Além disso, a linguagem deles é pretensiosa, ridícula ou obscura, como se quisessem compensar a falta de profundidade que apresentam.

10. Os Espíritos bons nunca ordenam; não se impõem, apenas aconselham e, se não são ouvidos, retiram-se. Os maus são autoritários; dão ordens, querem ser obedecidos e não se afastam, haja o que houver. Todo Espírito que se impõe trai a sua origem. São exclusivistas e absolutos em suas opiniões e pretendem ter o privilégio da verdade. Exigem crença cega e jamais apelam para a razão, por saberem que seriam desmascarados pela própria razão.

11. Os Espíritos bons não lisonjeiam. Aprovam o bem que se faz, mas sempre com reserva. Os maus exageram nos elogios, estimulam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram *exaltar a importância pessoal* das criaturas a quem desejam conquistar.

12. Os Espíritos superiores desprezam, *em tudo*, as puerilidades da forma. Só os Espíritos vulgares dão importância a detalhes mesquinhos, incompatíveis com ideias verdadeiramente elevadas. *Toda prescrição meticulosa* é indício certo de inferioridade e de mistificação da parte de um Espírito que tome um nome imponente.

13. Deve-se desconfiar dos nomes estranhos e ridículos, que alguns Espíritos adotam, quando querem impor-se à credulidade. Seria completamente absurdo tomar a sério semelhantes nomes.

14. Deve-se igualmente desconfiar dos Espíritos que se apresentam com muita facilidade, dando nomes extremamente venerados, e não lhes aceitar o que digam senão com muita reserva. É nesses casos, sobretudo, que um controle severo se faz indispensável, já que muitas vezes isso não passa de uma máscara que eles tomam para levar-nos a crer que se acham em relações íntimas com os Espíritos excelsos. Por esse meio, lisonjeiam a vaidade do médium e dela se aproveitam frequentemente para induzi-lo a atitudes lamentáveis e ridículas.

15. Os Espíritos bons são muito escrupulosos no tocante às atitudes que hajam de aconselhar. Em todos os casos, têm em vista apenas um fim *sério e eminentemente útil*. Deve-se, pois, encarar como suspeitas todas as que não apresentem este caráter ou seja condenadas pela razão, refletindo maduramente antes de adotá-las, a fim de se evitarem mistificações desagradáveis.

16. Também se reconhecem os Espíritos bons pela prudente reserva que guardam sobre todos os assuntos que possam trazer comprometimento. Repugna-lhes desvendar o mal, enquanto os Espíritos levianos ou malfazejos se comprazem em expô-lo. Os Espíritos bons procuram atenuar os erros e pregam a indulgência, enquanto os maus os exageram e sopram a discórdia, por meio de insinuações pérfidas.

17. Os Espíritos bons só prescrevem o bem. Toda máxima e todo conselho *que não se conformem estritamente com a mais pura caridade evangélica* só podem ser obra de Espíritos maus.

18. Os Espíritos bons só aconselham o que seja perfeitamente racional. Qualquer recomendação que se afaste da *linha reta do bom senso ou das leis imutáveis da Natureza*, denuncia um Espírito atrasado e, portanto, pouco digno de confiança.

19. Os Espíritos maus, ou simplesmente imperfeitos, ainda se traem por indícios materiais, a cujo respeito ninguém se pode enganar. A ação deles sobre o médium é às vezes violenta e provoca movimentos bruscos e intermitentes, uma agitação febril e convulsiva, que faz contraste com a calma e a doçura dos Espíritos bons.

20. Muitas vezes, os Espíritos imperfeitos se aproveitam dos meios de comunicação de que dispõem para dar conselhos pérfidos. Excitam a desconfiança e a animosidade contra os que lhes são antipáticos. As pessoas capazes de desmascarar suas imposturas são especialmente objeto de aversão da parte deles. Os homens fracos tornam-se alvo de seus esforços para os induzir ao mal. Ora esses Espíritos se servem de sofismas, ora de sarcasmos, de injúrias e até mesmo de demonstrações materiais do poder oculto de que dispõem, a fim de melhor convencer suas vítimas, empenhando-se em desviá-las do caminho da verdade.

21. Caso não se hajam libertado da influência da matéria, os Espíritos dos que tiveram, na Terra, uma única preocupação, seja material ou moral, continuam dominados pelas ideias terrenas e trazem consigo uma parte dos

preconceitos, das predileções *e mesmo das manias* que tinham neste mundo, o que facilmente se reconhece pela linguagem de que se servem.

22. Os conhecimentos de que alguns Espíritos se vangloriam, muitas vezes com uma espécie de ostentação, não constituem qualquer indício de superioridade. A verdadeira pedra de toque que atestará essa superioridade é a pureza inalterável dos sentimentos morais de que porventura sejam dotados.

23. Não basta interrogar um Espírito para se conhecer a verdade. Precisamos, antes de tudo, saber a quem nos dirigimos, porque os Espíritos inferiores, em virtude da própria ignorância em que se acham, tratam com leviandade as mais sérias questões. Também não basta que um Espírito tenha sido na Terra um grande homem, para que se encontre, no mundo espiritual, de posse da soberana ciência. Só a virtude, purificando-o, tem o poder de aproximá-lo de Deus e ampliar os seus conhecimentos.

24. Os gracejos dos Espíritos superiores são, muitas vezes, finos e sutis, mas nunca triviais. Entre os Espíritos zombadores, desde que não sejam grosseiros, a sátira mordaz é quase sempre útil e oportuna.

25. Estudando-se cuidadosamente o caráter dos Espíritos que se apresentam, sobretudo do ponto de vista moral, reconhece-se a natureza deles e o grau de confiança que devem merecer. O bom senso não nos poderia enganar.

26. Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiro, que cada um saiba julgar-se a si mesmo. Infelizmente, muitas pessoas tomam suas próprias opiniões pessoais por medida exclusiva do bem e do mal, do verdadeiro e do falso. Tudo o que lhes contradiga a maneira de ver, as ideias e o sistema que conceberam ou adotaram lhes parece mau. Falta a essas criaturas, evidentemente, a qualidade principal para uma apreciação sadia: a retidão do juízo. Disso, porém, elas nem suspeitam.

Todas estas instruções resultam da experiência e dos ensinos dos Espíritos. Vamos completá-las com as próprias respostas que eles deram sobre os pontos mais importantes.

268. Perguntas sobre a natureza e a identidade dos Espíritos

1. *Por que sinais se podem reconhecer a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos?*

“Pela linguagem, como distinguis um homem sensato de uma pessoa estouvada. Já dissemos que os Espíritos superiores jamais se contradizem e só falam coisas aproveitáveis. Só querem o bem, que lhes constitui a única preocupação. Os Espíritos inferiores ainda se encontram sob o domínio das ideias materiais; seus discursos refletem a ignorância e a imperfeição que lhes são características. Somente aos Espíritos superiores é permitido conhecer todas as coisas e julgá-las desapaixonadamente.”

2. *O conhecimento científico é sempre sinal certo da elevação de um Espírito?*

“Não, porque se ele ainda estiver sob a influência da matéria, pode ter os vossos vícios e preconceitos. Há pessoas que, neste mundo, são excessivamente invejosas e orgulhosas; julgais que, tão logo o deixem, perdem esses defeitos? Após a partida daqui, os Espíritos, principalmente os que alimentaram fortes paixões, permanecem envoltos numa espécie de atmosfera que lhes conserva todas as coisas más de que se impregnaram. Esses Espíritos semi-imperfeitos são mais de temer do que os Espíritos maus, porque, em sua maioria, combinam a astúcia e o orgulho com a inteligência. Pelo pretenso saber de que se vangloriam, eles se impõem aos simples e aos ignorantes, que aceitam sem exame as suas teorias absurdas e mentirosas. Embora tais teorias não possam prevalecer contra a verdade, nem por isso deixam de produzir um mal passageiro, porque entravam a marcha do Espiritismo e porque os médiuns preferem fechar os olhos sobre o mérito do que lhes é comunicado. Esse ponto exige grande estudo da parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns, os quais devem concentrar toda a sua atenção para distinguir o verdadeiro do falso.”

3. *Muitos Espíritos protetores se designam pelos nomes de santos ou de personagens conhecidas. Que se deve pensar a esse respeito?*

“Nem todos os nomes de santos e de personagens conhecidas seriam suficientes para fornecer um protetor a cada homem. Entre os Espíritos, são poucos os que têm nome conhecido na Terra, razão por que, na maioria das vezes, eles não declaram nenhum nome. Vós outros, porém, quase sempre quereis um nome; então, para vos satisfazer, o Espírito toma o de um homem que conhecestes e a quem respeitais.”

4. *O uso desse nome não pode ser considerado uma fraude?*

“Seria uma fraude da parte de um Espírito mau, que quisesse enganar; mas, quando é para o bem, Deus permite que isto seja feito, desde que entre Espíritos da mesma categoria, porque há entre eles solidariedade e analogia de pensamentos.”

5. *Assim, quando um Espírito protetor diz ser São Paulo, por exemplo, não é certo que seja mesmo o Espírito, ou a alma, do apóstolo que teve esse nome?*

“De maneira alguma, pois há milhares de pessoas às quais foi dito que têm São Paulo, ou qualquer outro santo, por anjo da guarda. Mas, que vos importa isso, contanto que o Espírito que vos proteja seja tão elevado quanto São Paulo? Como eu já disse, precisais de um nome; então eles tomam um para que os possais chamar e reconhecer, do mesmo modo que tomais os nomes de batismo para vos distinguirdes dos outros membros da vossa família. Podem tomar perfeitamente os nomes dos arcanjos Rafael, Miguel etc., sem que isto acarrete maiores consequências. Além disso, quanto mais elevado é um Espírito, tanto mais dilatada é a sua irradiação. Tende como certo que um Espírito protetor de ordem muito elevada pode ter sob a sua tutela centenas de encarnados. Entre vós, na Terra, há tabeliães que se encarregam dos negócios de cem ou duzentas famílias. Por que haveríeis de supor que fôssemos menos aptos, espiritualmente falando, para a direção moral dos homens, do que os tabeliães para a direção material de seus interesses?”

6. *Por que os Espíritos comunicantes tomam com tanta frequência o nome dos santos?*

“Os Espíritos comunicantes se identificam com os hábitos daqueles a quem se dirigem e adotam os nomes mais apropriados a causar forte impressão nos homens, de acordo com as crenças destes.”

7. *Quando evocados, os Espíritos superiores vêm sempre em pessoa ou, como supõem algumas pessoas, se fazem representar por mandatários incumbidos de lhes transmitir os pensamentos?*

“Por que não virão em pessoa, se o podem? Se, entretanto, o Espírito evocado não pode vir, o que se apresenta é forçosamente um mandatário.”

8. *Esse mandatário é sempre suficientemente esclarecido para responder como faria o Espírito que o envia?*

“Os Espíritos superiores sabem a quem confiam o encargo de os substituir.

Além disso, quanto mais elevados, tanto mais os Espíritos se confundem num pensamento comum, de tal sorte que, para eles, a personalidade é coisa indiferente, como deveria ser também para vós. Julgais, então, que no mundo dos Espíritos superiores não haja senão os que conhecestes na Terra, com capacidade para vos instruírem? Sois de tal modo levados a considerar-vos como os modelos do Universo, que sempre supondes nada mais haver fora do vosso mundo. Em verdade vos assemelhais a esses selvagens que, nunca tendo saído da ilha em que habitam, creem que o mundo não vai além dela.”

9. *Compreendemos que seja assim quando se trate de um ensino sério; mas como os Espíritos superiores permitem que outros, de baixo escalão, adotem nomes respeitáveis, para induzirem os homens ao erro, por meio de máximas não raro perversas?*

“Não é com a permissão dos Espíritos superiores que os Espíritos de baixo escalão fazem isso. O mesmo não se dá entre vós? Os que assim enganam os homens serão punidos, ficai certos, e a punição deles será proporcional à gravidade da impostura. Aliás, se não fôsseis imperfeitos, não teríeis em torno de vós senão Espíritos bons; se sois enganados, não vos deveis queixar senão de vós mesmos. Deus permite que assim aconteça para experimentar a vossa perseverança e o vosso discernimento e para vos ensinar a distinguir a verdade do erro. Se não o fazeis, é que não estais bastante elevados e precisais ainda das lições da experiência.”

10. *Espíritos pouco adiantados, porém animados de boas intenções e do desejo de progredir, não são às vezes designados para substituir um Espírito superior, a fim de que tenham oportunidade de se exercitarem no ensino de seus irmãos?*

“Nunca, nos grandes centros; quero dizer, nos centros espíritas sérios e quando se trate de ministrar um ensinamento geral. Os que aí se apresentam agem por sua própria conta, para, como dizeis, se exercitarem. É por isso que suas comunicações, ainda que boas, trazem sempre a marca da inferioridade deles. São designados apenas para as comunicações de pouca importância e para as quais se podem chamar pessoais.”

11. *As comunicações espíritas ridículas são às vezes entremeadas de excelentes máximas. Como conciliar esta anomalia, que parece indicar a presença simultânea de Espíritos bons e maus?*

“Os Espíritos maus, ou levianos, também se metem a enunciar sentenças,

sem lhes perceberem bem o alcance ou a significação. Entre vós, serão apenas os homens superiores que as enunciam? Não; os Espíritos bons e os maus não andam juntos. É pela uniformidade constante das boas comunicações que reconhecereis a presença dos Espíritos bons.”

12. *Os Espíritos que nos induzem ao erro estão sempre conscientes do que fazem?*

“Não; há Espíritos bons, mas ignorantes e que podem enganar-se de boa-fé. Desde que tenham consciência da sua ignorância, passam a aceitar o fato e só dizem o que sabem.”

13. *O Espírito que dá uma comunicação falsa age sempre com intenção maléfica?*

“Não; se for um Espírito leviano, apenas se diverte, sem outra intenção senão mistificar.”

14. *Já que alguns Espíritos podem enganar pela linguagem de que se utilizam, serão capazes também, aos olhos de um médium vidente, de tomar uma falsa aparência?*

“Sim, porém mais dificilmente. No entanto, isso só acontece com um fim que os próprios Espíritos maus desconhecem. Eles servem, nesse caso, de instrumentos para uma lição. O médium vidente pode ver Espíritos levianos e mentirosos, como outros os ouvem ou escrevem sob a influência deles. Os Espíritos levianos podem aproveitar-se dessa disposição para o enganar, por meio de falsas aparências. Isso, porém, depende das qualidades do Espírito do próprio médium.”

15. *Para não ser enganado, basta que alguém esteja animado de boas intenções? E os homens sérios, que em seus estudos não visam à curiosidade inútil, também se acham sujeitos a ser enganados?*

“Menos do que os outros, naturalmente. Mas o homem tem sempre alguns pontos fracos que atraem os Espíritos zombeteiros. Ele se julga forte e muitas vezes não o é. Deve, pois, desconfiar sempre da fraqueza que nasce do orgulho e dos preconceitos. Ninguém leva bastante em conta estas duas causas de queda, de que os Espíritos se aproveitam, porquanto, lisonjeando suas manias, estão seguros de conseguir o que desejam.”

16. *Por que Deus permite que os Espíritos maus se comuniquem com os*

homens e digam coisas ruins?

“De tudo se colhe um ensinamento, mesmo das piores coisas. Cabe a vós saber colhê-lo. É preciso que haja comunicações de toda espécie para que aprendais a distinguir os Espíritos bons dos maus e para que vos sirvam de espelho a vós mesmos.”

17. *Os Espíritos podem inspirar, por meio de comunicações escritas, desconfianças infundadas contra certas pessoas e semear intriga entre amigos?*

“Os Espíritos perversos e invejosos podem fazer, no terreno do mal, tudo o que fazem os homens, razão pela qual devem estes estar sempre vigilantes. Os Espíritos superiores são sempre prudentes e reservados quando têm de censurar; nada dizem de mal e advertem com cautela. Se quiserem que duas pessoas, no interesse delas, deixem de se ver, provocarão incidentes que as separarão de modo todo natural. Uma linguagem capaz de semear a discórdia e a desconfiança é sempre obra de um Espírito mau, seja qual for o nome com que se apresente. Assim, recebei sempre com muita reserva o que um Espírito possa dizer de mal de um de vós, sobretudo quando um Espírito bom vos tenha falado bem da mesma pessoa, e desconfiai também de vós mesmos e das vossas próprias prevenções. Das comunicações dos Espíritos, guardai apenas o que haja de belo, de grande, de racional, e o que a vossa consciência aprove.”

18. *Pela facilidade com que os Espíritos maus se intrometem nas comunicações, será legítimo concluir-se que nunca estaremos certos de ter a verdade?*

“Não é bem assim que acontece, pois tendes um juízo para apreciar as comunicações. Pela leitura de uma carta, sabeis reconhecer perfeitamente se foi um grosseirão ou um homem bem-educado, um tolo ou um sábio que a escreveu. Por que não poderíeis agir da mesma forma, quando são os Espíritos que vos escrevem? Ao receberdes uma carta de um amigo afastado, quem vos garante que a carta provém dele mesmo? A caligrafia, direis; mas não há falsários que imitam todas as caligrafias e tratantes que podem conhecer os vossos negócios? Entretanto, há sinais que não vos permitirão qualquer equívoco. O mesmo sucede com relação aos Espíritos. Imaginai que é um amigo quem vos escreve, ou que ledes a obra de um escritor, e julgai pelos mesmos critérios.”

19. *Os Espíritos superiores podem impedir que os Espíritos maus tomem nomes falsos?*

“Certamente que podem. Porém, quanto piores são os Espíritos, mais obstinados se mostram e muitas vezes resistem a todas as pressões. Também é preciso que saibais da existência de pessoas pelas quais os Espíritos superiores se interessam mais do que outras e, quando eles julgam conveniente, sabem preservá-las dos ataques da mentira. Contra essas pessoas, os Espíritos enganadores não podem fazer coisa alguma.”

20. *Qual o motivo de semelhante parcialidade?*

“Não há parcialidade, há justiça. Os Espíritos bons se interessam pelos que usam criteriosamente da faculdade de discernir e trabalham seriamente por melhorar-se. São esses os seus preferidos e, por isso, os ajudam. Entretanto, não se incomodam com aqueles juntos dos quais perdem o tempo em belas palavras.”

21. *Por que Deus permite que os Espíritos cometam o sacrilégio de usar falsamente nomes venerados?*

“Poderias perguntar também por que Deus permite que os homens mintam e blasfemem. Os Espíritos, assim como os homens, têm o seu livre-arbítrio tanto para o bem, quanto para o mal; porém, nem uns nem outros escaparão à Justiça de Deus.”

22. *Haverá fórmulas eficazes para expulsar os Espíritos enganadores?*

“Fórmula é matéria. É preferível um bom pensamento dirigido a Deus.”

23. *Alguns Espíritos afirmaram que dispõem de sinais gráficos inimitáveis, espécies de emblemas, pelos quais podem ser reconhecidos e comprovarem a sua identidade. Isso é verdade?*

“Os Espíritos superiores não dispõem de outros sinais para se fazerem reconhecer além da superioridade das suas ideias e da própria linguagem. Qualquer Espírito pode imitar um sinal material. Quanto aos Espíritos inferiores, esses se traem de tantas maneiras que só um cego se deixaria enganar por eles.”

24. *Os Espíritos inferiores não podem imitar também o pensamento?*

“Imitam o pensamento, como os cenários do teatro imitam a Natureza.”

25. *Parece assim sempre fácil descobrir-se a fraude por meio de um estudo atento?*

“Não o duvideis. Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar. Mas é

preciso ter olhos de mercador de diamantes para distinguir a pedra verdadeira da falsa. Ora, aquele que não sabe distinguir a pedra legítima da falsa se dirige ao lapidário.”

26. *Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que apreciam mais as palavras do que as ideias, que mesmo tomam ideias falsas e vulgares por sublimes. De que modo essas pessoas, que não estão aptas a julgar nem mesmo as obras dos homens, podem julgar as dos Espíritos?*

“Quando essas pessoas são bastante modestas para reconhecerem a sua incapacidade, não se fiam em si mesmas. Quando por orgulho se julgam mais capazes do que são, amargam consigo a pena da tola vaidade que alimentam. Os Espíritos enganadores sabem perfeitamente a quem se dirigem. Há pessoas simples e pouco instruídas que são mais difíceis de enganar do que outras, que são astutas e sábias. Lisonjeando-lhes as paixões, eles fazem do homem o que querem.”

27. *Quando escrevem, os Espíritos maus se traem algumas vezes por meio de sinais materiais involuntários?*

“Os habilidosos, não; os negligentes se desencaminham. Todo sinal inútil e pueril é indício certo de inferioridade. Os Espíritos elevados nada fazem de inútil.”

28. *Muitos médiuns reconhecem os Espíritos bons e os maus pela impressão agradável ou penosa que experimentam à aproximação deles. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar, em suma, são sempre indícios de má natureza dos Espíritos que se manifestam?*

“O médium experimenta as sensações do estado em que se encontra o Espírito que dele se aproxima. Quando feliz, o Espírito é tranquilo, leve, refletido; quando infeliz, é agitado, febril, e essa agitação se transmite naturalmente ao sistema nervoso do médium. Aliás, dá-se a mesma coisa com o homem na Terra: o bom é calmo, tranquilo; o mau está constantemente agitado.”

Observação – Há médiuns de maior ou menor impressionabilidade nervosa, razão pela qual não se pode considerar a agitação como regra absoluta. Aqui, como em tudo, deve-se levar em conta as circunstâncias. O caráter penoso e desagradável da impressão é um efeito de contraste, pois se o Espírito do médium simpatiza com o Espírito mau que se manifesta, será pouco ou nada afetado pela proximidade deste. Todavia, não se deve confundir a rapidez da escrita, que decorre da extrema flexibilidade de certos médiuns, com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem experimentar ao contato dos Espíritos imperfeitos.

CAPÍTULO XXV

Evocações

• Considerações gerais

• Espíritos que se podem evocar

• Linguagem a ser usada com os Espíritos

• Utilidade das evocações particulares

• Perguntas sobre as evocações

• Evocação de animais

• Evocação de pessoas vivas

• Telegrafia humana

Considerações gerais

269. Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou atender ao nosso apelo, isto é, comparecer por meio de evocação. Pensam algumas pessoas que não devemos evocar nenhum Espírito, sendo preferível que se espere por aquele que queira comunicar-se. Segundo alegam, quando chamamos determinado Espírito não podemos ter certeza de que seja ele mesmo quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, por iniciativa própria, comprova melhor a sua identidade, porquanto, assim agindo, manifesta o desejo que tem de conversar conosco.

Em nossa opinião, isso é um erro. Primeiramente, porque estamos rodeados de Espíritos, quase sempre de condição inferior, que não desejam outra coisa senão comunicar-se. Em segundo lugar, e ainda por essa mesma razão, não chamar nenhum deles em particular é abrir as portas a todos os que queiram entrar. Numa assembleia, não dar a palavra a pessoa alguma é deixá-la livre a qualquer um, e sabe-se o que daí pode resultar. A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamando-o pelo nosso desejo, impomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem um apelo direto,

muitas vezes um Espírito não terá motivo algum para vir confabular conosco, a menos que seja o nosso Espírito familiar.

Cada uma dessas duas maneiras de agir tem suas vantagens e só haveria desvantagem se uma delas fosse excluída de modo absoluto. As comunicações espontâneas não apresentam qualquer inconveniente, desde que se tenha domínio sobre os Espíritos e não se permita que os maus tomem a dianteira. Então, é quase sempre vantajoso aguardar a boa vontade dos que se disponham a comunicar-se, pois o pensamento deles não sofre nenhum constrangimento e dessa maneira se podem obter coisas admiráveis. Entretanto, pode acontecer que o Espírito por quem se chama não esteja disposto a falar, ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. O exame escrupuloso, que temos aconselhado é, aliás, uma garantia contra as comunicações más. Nas reuniões regulares, principalmente naquelas em que se faz um trabalho continuado, há sempre Espíritos habituais, que ali comparecem sem que sejam chamados, por estarem prevenidos em virtude da própria regularidade das sessões. Tomam, então, frequentemente a palavra, de modo espontâneo, para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposição ou prescrever o que se deva fazer, caso em que são facilmente reconhecíveis, quer pela forma da linguagem, que é sempre idêntica, quer pela escrita, quer por certos hábitos que lhes são peculiares.

270. Quando desejamos entrar em comunicação com *determinado* Espírito, é de absoluta necessidade que o evoquemos (item 203). Se ele pode vir, a resposta é geralmente *sim*, ou: *Estou aqui*, ou ainda: *Que quereis de mim?* Às vezes, entra diretamente no assunto, respondendo com antecedência às perguntas que lhe queiramos fazer.

Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém designá-lo com alguma precisão. Nas perguntas que lhe façamos, cumpre evitar as fórmulas secas e imperativas, que representariam para ele um motivo de afastamento. As fórmulas utilizadas devem ser afetuosas ou respeitosas, conforme o Espírito e, em todos os casos, o evocador deve dar prova da sua benevolência.

271. Muitas vezes é surpreendente a rapidez com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo da primeira vez. É como se já estivesse prevenido de que seria evocado e, de fato, é isso mesmo que acontece, quando aquele que o evoca já tinha previamente a intenção de fazê-lo. Essa intenção, ou preocupação, é uma espécie de evocação antecipada e, como temos sempre conosco os nossos

Espíritos familiares, que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam o caminho de tal sorte que, se não surge nenhum obstáculo, o Espírito que desejamos chamar já se acha presente ao ser evocado. Em caso contrário, é o Espírito familiar do médium, do interrogante ou, ainda, um dos que costumam frequentar as reuniões que o vai buscar e para isso não precisa de muito tempo. Se o Espírito evocado não pode vir imediatamente, o mensageiro – os pagãos diriam *Mercúrio* – marca um prazo, às vezes de cinco minutos, um quarto de hora, uma hora e até muitos dias. Logo que ele chega, diz: *Aqui estou*. Podem então começar a ser feitas as perguntas que se quer dirigir ao Espírito evocado.

Nem sempre o mensageiro é um intermediário indispensável, pois o Espírito pode ouvir diretamente o chamado do evocador, conforme explicado no item 282, pergunta 5, sobre o modo de transmissão do pensamento.

Quando dizemos que se faça a evocação em nome de Deus, queremos que a nossa recomendação seja tomada a sério e não levianamente. Os que nisso vejam o emprego de uma fórmula sem consequência farão melhor abstendo-se.

272. Frequentemente, as evocações oferecem mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas precisas a questões pormenorizadas. Para isto, são necessários médiuns especiais, ao mesmo tempo *flexíveis* e *positivos*, médiuns bastante raros, como já vimos (item 193), porque as relações fluídicas nem sempre se estabelecem instantaneamente com o primeiro Espírito que se apresente. Convém, por isso, que os médiuns não se entreguem às evocações minuciosas, senão depois de estarem certos do desenvolvimento de suas faculdades e da natureza dos Espíritos que os assistem, considerando-se que, com os médiuns mal assistidos, as evocações não têm nenhum caráter de autenticidade.

273. Geralmente, os médiuns são muito mais procurados para as evocações de interesse particular do que para comunicações de interesse geral. Isto se explica pelo desejo muito natural que todos têm de conversar com os entes que lhes são caros. A propósito, julgamos por bem fazer algumas recomendações importantes aos médiuns. Primeiramente que não atendam a esse desejo, senão com muita reserva, caso se trate de pessoas de cuja sinceridade eles não estejam completamente seguros, e que se acautelem contra as armadilhas que pessoas malfazejas lhes possam preparar. Em segundo lugar, que não se prestem a tais evocações sob nenhum pretexto, se só perceberem motivo de curiosidade ou de interesse, e não uma intenção séria da parte do evocador; que se recusem a fazer

qualquer pergunta ociosa, ou que saia do âmbito das que racionalmente se podem dirigir aos Espíritos. As perguntas devem ser formuladas com clareza, precisão e sem ideia preconcebida, a fim de se obterem respostas categóricas. É preciso que se repilam todas as que tenham caráter insidioso, pois é sabido que os Espíritos não gostam das que têm por objetivo experimentá-los. Insistir em questões dessa natureza é querer ser enganado. O evocador deve tocar franca e abertamente o ponto visado, sem subterfúgios e sem rodeios inúteis. Se tiver receio de explicar-se, será melhor que se abstenha.

Convém ainda que só se façam evocações com muita prudência, sem a presença das pessoas que as pediram, sendo mesmo preferível que não sejam feitas nessas condições, visto que somente aquelas pessoas se acham aptas a analisar as respostas, a julgar da identidade, a provocar esclarecimentos, se for oportuno, e fazer as perguntas acessórias que as circunstâncias indiquem. Além disso, a presença delas é um laço que atrai o Espírito, quase sempre pouco disposto a se comunicar com estranhos, que não lhes inspiram nenhuma simpatia. O médium, em suma, deve evitar tudo o que possa transformá-lo em agente de consulta, o que, aos olhos de muita gente, é sinônimo de ledor de sorte.

Espíritos que se podem evocar

274. Podemos evocar todos os Espíritos, qualquer que seja o grau em que se encontrem na escala espiritual: os bons, como os maus, os que deixaram a vida há pouco tempo, como os que viveram nas épocas mais remotas, os que foram homens ilustres, como os mais obscuros, os nossos parentes e amigos, como os que nos são indiferentes. Isto, porém, não quer dizer que eles sempre queiram ou possam responder ao nosso chamado. Independente da própria vontade, ou da permissão de uma potência superior, que lhes pode ser recusada, é possível que eles se achem impedidos de comparecer por motivos que nem sempre nos é dado conhecer. Queremos dizer que não há impedimento absoluto que se oponha às comunicações, salvo o de que trataremos a seguir. Os obstáculos capazes de impedir que um Espírito se manifeste são quase sempre individuais e geralmente dependem das circunstâncias.

275. Entre as causas que podem impedir a manifestação de um Espírito, umas lhe são pessoais e outras, estranhas. Entre as primeiras, devemos colocar as

ocupações ou as missões que ele esteja desempenhando e das quais não pode afastar-se, para ceder aos nossos desejos. Neste caso, sua visita fica apenas adiada.

Há também a sua própria situação. Embora o estado de encarnação não seja obstáculo absoluto, pode representar um impedimento em certas ocasiões, principalmente quando se passa em mundos inferiores e quando o próprio Espírito está pouco desmaterializado. Nos mundos superiores, naqueles em que os laços entre o Espírito e a matéria são muito fracos, a manifestação é quase tão fácil quanto no estado errante, mais fácil, em todo caso, do que nos mundos onde a matéria corpórea é mais compacta.

As causas estranhas residem principalmente na natureza do médium, no caráter da pessoa que evoca, no meio em que se faz a evocação e, finalmente, no objetivo que se tem em vista. Alguns médiuns recebem mais particularmente comunicações de seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados; outros se mostram aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos, dependendo isto da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o Espírito evocado, o qual pode tomá-lo por intérprete, com prazer ou com repugnância. Isto também depende, abstração feita das qualidades íntimas do médium, do desenvolvimento da faculdade mediúnica. Os Espíritos se apresentam com maior boa vontade e, sobretudo, são mais explícitos com um médium que não lhes oferece nenhum obstáculo material. Aliás, em igualdade de condições morais, quanto mais facilidade tenha o médium para escrever ou para se exprimir, tanto mais se generalizam suas relações com o mundo espiritual.

276. Precisamos ainda levar em conta a facilidade que deve resultar do hábito de comunicação com tal ou qual Espírito. Com o tempo, o Espírito estranho se identifica com o do médium e também com aquele que o chama. Posta de lado a questão de simpatia, estabelecem-se entre eles relações fluídicas que tornam mais rápidas as comunicações. É por isso que a primeira entrevista nem sempre é tão satisfatória quanto seria de desejar e é também por isso que os próprios Espíritos pedem frequentemente que os chamem de novo. O Espírito que vem habitualmente está como em sua casa: fica familiarizado com seus ouvintes e intérpretes, fala e age com mais liberdade.

277. Em resumo, do que acabamos de dizer pode-se concluir: que a faculdade de evocar todo e qualquer Espírito não implica para este a obrigação

de estar à nossa disposição; que ele pode vir em certa ocasião e não comparecer em outra, com um médium ou um evocador que lhe agrade, e não com outro; que pode dizer o que quiser, sem ser constrangido a dizer o que não queira; que pode ir embora quando bem entender; enfim, que por causas dependentes ou não da sua vontade, pode de repente deixar de vir, mesmo depois de se haver mostrado assíduo durante algum tempo.

É em razão de todos esses motivos que, quando se deseja chamar um Espírito que ainda não se apresentou, é necessário perguntar ao seu guia protetor se a evocação é possível. Caso não o seja, ele geralmente dá os motivos, sendo então inútil insistir.

278. Uma questão importante se apresenta aqui, a de saber se há ou não inconveniente em evocar Espíritos maus. Isto depende do fim que se tenha em vista e da ascendência que se possa exercer sobre eles. Não há inconveniente quando são chamados com um fim sério, instrutivo e tendo em vista melhorá-los. Ao contrário, o inconveniente é muito grande quando se faz a evocação por simples curiosidade ou por divertimento, ou, ainda, quando quem os chama se põe na dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer. Os Espíritos bons, neste caso, podem muito bem lhes dar o poder de fazerem o que lhes é pedido, sob o risco de ser punido severamente, mais tarde, o imprudente que ousou invocar o auxílio deles, supondo-os mais poderosos do que Deus. É inútil a quem assim proceda fazer bom uso do auxílio pedido e despedir o servidor, uma vez prestado o serviço, visto que tal serviço, por mínimo que seja, constitui um verdadeiro pacto firmado com o Espírito mau, e este não larga facilmente a sua presa. (Veja-se o item 212.)

279. Ninguém exerce ascendência sobre os Espíritos inferiores, a não ser pela *superioridade moral*. Os Espíritos perversos sentem que os homens de bem os dominam. Contra quem só lhes oponha a energia da vontade, espécie de força bruta, eles lutam e muitas vezes são os mais fortes. Certa vez, alguém tentava domar um Espírito rebelde, unicamente pela ação da sua vontade, recebendo a seguinte resposta: *Deixa-me em paz, com esses ares de fanfarrão, pois não vales mais do que eu. O que se diria de um ladrão que pregasse moral a outro ladrão?*

Há quem se espante de que o nome de Deus, invocado contra os Espíritos maus, não produza nenhum efeito. São Luís explicou a razão desse fato na resposta seguinte:

“O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos quando

proferido por alguém que possa servir-se dele com autoridade, em razão das virtudes que possua. Pronunciado por quem não tenha superioridade, é uma palavra como qualquer outra. O mesmo se dá com as coisas santas com que se procure dominá-los. A arma mais terrível se torna inofensiva em mãos inábeis ou incapazes de manejá-la".

Linguagem a ser usada com os Espíritos

280. O grau de superioridade ou de inferioridade dos Espíritos indica naturalmente em que tom se deve falar com eles. É evidente que, quanto mais elevados eles sejam, tanto mais direito têm ao nosso respeito, às nossas atenções e à nossa submissão. Não lhes devemos demonstrar menos deferência do que o faríamos, embora por outros motivos, caso estivessem vivos. Na Terra, levaríamos em consideração a categoria e a posição social que eles ocupam; no mundo dos Espíritos, só levaremos em conta a sua superioridade moral. A própria elevação que possuem os coloca acima das puerilidades das nossas fórmulas bajulatórias. Não é com palavras que se pode captar a benevolência deles, mas pela sinceridade dos sentimentos. Seria, pois, ridículo dar-lhes os títulos que os nossos usos consagram, para distinção das categorias, e que talvez lhes lisonjeasse a vaidade, quando vivos. Se forem realmente superiores, não somente não darão qualquer importância a esses títulos, como até se desgostarão se os empregarmos. Um bom pensamento lhes é mais agradável do que as mais honrosas qualificações que lhes dermos. A não ser assim, eles não estariam acima da Humanidade.

O Espírito de um venerado sacerdote, que foi na Terra um príncipe da Igreja, homem de bem, praticante da lei de Jesus, respondeu certa vez a alguém que o evocara dando-lhe o título de Monsenhor: "Deverias, ao menos, dizer: ex-Monsenhor, pois aqui só há um Senhor, que é Deus. E fica sabendo: muitos dos que se ajoelhavam na Terra diante de mim, hoje eu me inclino diante deles".

Quanto aos Espíritos inferiores, o caráter que revelam nos indica a linguagem de que devemos usar para com eles. Há os que, embora inofensivos e até bondosos, são levianos, ignorantes, estouvados. Dar-lhes tratamento igual ao que dispensamos aos Espíritos sérios, como fazem certas pessoas, seria a mesma coisa que nos inclinarmos perante um colegial ou diante de um asno que trouxesse barrete de doutor. O tom de familiaridade não seria descabido entre

eles, que por isso não se melindram; ao contrário, acolhem-no de muita boa vontade.

Entre os Espíritos inferiores, muitos são infelizes. Quaisquer que sejam as faltas que estejam expiando, seus sofrimentos merecem ainda mais a nossa comiseração, pois é certo que ninguém pode vangloriar-se de escapar a estas palavras do Cristo: “Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”. A benevolência com que os tratamos é um alívio para eles. Em falta de simpatia, precisam encontrar em nós a indulgência que desejaríamos que tivessem para conosco.

Os Espíritos que revelam a sua inferioridade pelo cinismo da linguagem, pelas maneiras, pela baixeza dos sentimentos, pela perfídia dos conselhos, são, indubitavelmente, menos dignos do nosso interesse, do que aqueles cujas palavras atestam o seu arrependimento; mas, pelo menos, devemos-lhe a piedade que nos inspiram os maiores criminosos. O meio de os reduzirmos ao silêncio consiste em nos mostrarmos superiores a eles, que só confiam nas pessoas de quem nada tenham a temer, pois os Espíritos perversos reconhecem a superioridade dos homens de bem, como reconhecem a primazia dos Espíritos superiores.

Em resumo, seria tão irreverente tratarmos os Espíritos superiores de igual para igual, quanto ridículo dispensarmos a todos, sem exceção, a mesma deferência. Tenhamos veneração para os que a merecem, reconhecimento para os que nos protegem e assistem e, para todos os demais, a benevolência de que talvez um dia venhamos a necessitar. Penetrando no mundo incorpóreo, aprendemos a conhecê-lo e esse conhecimento nos deve guiar em nossas relações com os que o habitam. Os Antigos, na sua ignorância, levantaram-lhes altares; para nós, eles são apenas criaturas mais ou menos perfeitas, e hoje só erguemos altares a Deus.

Utilidade das evocações particulares

281. As comunicações que se obtêm dos Espíritos muito elevados, ou dos que animaram grandes personagens da Antiguidade, são preciosas pelos altos ensinamentos que encerram. Esses Espíritos conquistaram um grau de perfeição que lhes permite abranger um campo de ideias muito mais extenso, penetrar mistérios que escapam ao alcance vulgar da Humanidade e, por conseguinte,

iniciar-nos melhor do que outros em certas coisas. Não se segue daí que sejam inúteis as comunicações dos Espíritos de ordem menos elevada; delas o observador pode colher muitas instruções. Para se conhecerem os costumes de um povo, é preciso estudá-lo em todos os graus da escala. Mal o conhece quem não o tenha visto senão por uma face. A história de um povo não é a dos seus reis, nem a das suas sumidades sociais; para julgá-lo, é preciso vê-lo na vida íntima, em seus hábitos particulares.

Ora, os Espíritos superiores são as sumidades do mundo espiritual. A própria elevação em que se acham os coloca de tal modo acima de nós que nos assustamos com a distância que deles nos separa. Espíritos mais burgueses – que nos perdoem esta expressão – nos tornam mais palpáveis as circunstâncias da nova existência em que se encontram. Neles, a ligação entre a vida corpórea e a vida espiritual é mais íntima, compreendemo-la melhor, pois ela nos toca mais de perto. Aprendendo, pelo que eles nos dizem, em que se tornaram, em que pensam e o que experimentam os homens de todas as condições e de todos os caracteres, tanto os homens de bem como os viciosos, os grandes e os pequenos, os felizes e os infelizes do século, em suma, os homens que viveram entre nós, os que vimos e conhecemos, os de quem sabemos a vida real, as virtudes e os erros, torna-se mais fácil lhes compreendermos as alegrias e os sofrimentos, partilharmos de umas e de outros e tirarmos de ambos um ensinamento moral tanto mais proveitoso quanto mais estreitas forem as nossas relações com eles. Pomo-nos mais facilmente no lugar daquele que foi nosso igual, no que no de outro que apenas divisamos através da miragem de uma glória celestial. Os Espíritos vulgares nos mostram a aplicação prática das grandes e sublimes verdades, cuja teoria os Espíritos superiores nos ministram. Aliás, nada é inútil no estudo de uma ciência. Newton achou a lei das forças do Universo no mais simples dos fenômenos.

A evocação dos Espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de nos pôr em contato com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar, por meio de bons conselhos. Todos, pois, nos podemos tornar úteis, ao mesmo tempo que nos instruímos. Há egoísmo naquele que só procura satisfação nas manifestações dos Espíritos, e dá prova de orgulho o que deixa de estender as mãos em socorro dos infelizes. De que lhe serve obter belas comunicações dos Espíritos de escol, se isso não o torna melhor para consigo mesmo, nem mais caridoso e benevolente para com seus irmãos deste mundo e do outro? Que seria dos pobres doentes se os médicos se recusassem a tocar suas

chagas?

282. Perguntas sobre as evocações

1. *Pode alguém, sem ser médium, evocar os Espíritos?*

“Todos podem evocar os Espíritos e, se aqueles que chamardes não puderem manifestar-se materialmente, nem por isso deixarão de estar junto de vós e de vos escutar.”

2. *O Espírito evocado atende sempre ao chamado que lhe é feito?*

“Isso depende das condições em que se encontre, pois há circunstâncias em que não pode atender ao chamado.”

3. *Quais são as causas que podem impedir que um Espírito atenda ao nosso chamado?*

“Em primeiro lugar, a sua própria vontade; depois, o seu estado corpóreo, caso se ache encarnado, as missões de que esteja encarregado ou, ainda, a permissão para isso, que lhe pode ser negada. Há Espíritos que nunca podem comunicar-se: são os que, por sua natureza, ainda pertencem a mundos inferiores à Terra, bem como os que se encontram nas esferas de punição, a menos que lhes seja dada especial permissão, com um fim de utilidade geral. Para que um Espírito possa comunicar-se, é preciso que tenha alcançado o grau de evolução do mundo em que é chamado, pois, do contrário, será estranho às ideias desse mundo e não terá nenhum ponto de comparação para se expressar. O mesmo já não se dá com os que estão em missão ou em expiação nos mundos inferiores. Esses têm as ideias necessárias para responder ao chamado.”

4. *Por que motivo pode ser negada a um Espírito permissão para se comunicar?*

“Pode ser uma prova ou uma punição, para ele ou para aquele que o chama.”

5. *Como podem os Espíritos, dispersos pelo espaço ou pelos diferentes mundos, ouvir as evocações que lhes são feitas de todos os pontos do Universo?*

“Muitas vezes são prevenidos pelos Espíritos familiares que vos cercam e que vão procurá-los. Porém, aqui se passa um fenômeno difícil de vos ser explicado, porque ainda não podeis compreender o modo de transmissão do

pensamento entre os Espíritos. O que vos posso dizer é que o Espírito evocado, por mais afastado que esteja, recebe, por assim dizer, o choque do pensamento como uma espécie de comoção elétrica, que lhe chama a atenção para o lado de onde vem o pensamento que o atinge. Pode-se dizer que ele ouve o pensamento, como na Terra ouvis a voz.”

5-a. *Será o fluido universal o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som?*

“Sim, com a diferença de que o som não pode ser ouvido senão num raio muito limitado, enquanto o pensamento alcança o infinito. O Espírito, no Espaço, é como o viajante que, em meio de vasta planície, ouvindo pronunciar o seu nome, se dirige para o lado de onde o chamam.”

6. S*abemos que as distâncias nada representam para os Espíritos. Contudo, causa admiração ver que respondem tão prontamente ao chamado, como se estivessem muito perto.*

“É que, às vezes, realmente estão. Se a evocação é premeditada, o Espírito é advertido com antecedência e frequentemente se encontra no lugar em que é evocado, antes mesmo que o chamem.”

7. *De acordo com as circunstâncias, o pensamento do evocador poderá ser ouvido com maior ou menor facilidade?*

“Sem dúvida alguma. O Espírito é tocado com mais vivacidade, quando chamado por um sentimento de simpatia e de bondade. É como se reconhecesse uma voz amiga. A não ser assim, acontece com frequência que a evocação *não surte o efeito desejado*. O pensamento que se desprende da evocação toca o Espírito; se é mal dirigido, perde-se no vazio. Dá-se com os Espíritos o que se dá com os homens: se aquele que os chama lhes é indiferente ou antipático, podem até ouvi-lo, porém, na maioria das vezes não o atendem.”

8. *O Espírito evocado vem espontaneamente ou constrangido?*

“Ele obedece à vontade de Deus, isto é, à lei geral que rege o Universo. Todavia, a palavra constrangido não se ajusta ao caso, já que o Espírito julga da utilidade de vir, ou deixar de vir. Ainda aí exerce o livre-arbítrio. O Espírito superior vem sempre que chamado com um fim útil; não se nega a responder, senão a pessoas pouco sérias ou que tratam estas coisas como brincadeira.”

9. *O Espírito evocado pode negar-se a atender ao chamado que lhe é*

dirigido?

“Perfeitamente. Onde estaria o seu livre-arbítrio se assim não fosse? Pensais que todos os seres do Universo estão às vossas ordens? Vós mesmos vos considerais obrigados a responder a todos os que vos pronunciam os nomes? Quando digo que o Espírito pode recusar-se, refiro-me ao pedido do evocador, visto que um Espírito inferior pode ser constrangido a vir por um Espírito superior.”

10. *Haverá, para o evocador, meio de obrigar um Espírito a vir contra a sua vontade?*

“Nenhum, desde que o Espírito lhe seja igual ou superior em moralidade. Digo – *em moralidade* e não em inteligência – porque não tendes sobre ele nenhuma autoridade. Se lhe for inferior, o evocador pode consegui-lo, desde que seja para o bem do Espírito evocado, porque, nesse caso, outros Espíritos o ajudarão.” (Item 279.)

11. *Haverá inconveniente em se evocarem Espíritos inferiores e será de temer que, chamando-os, o evocador fique sob o domínio deles?*

“Eles só dominam os que se deixam dominar. Aquele que é assistido por Espíritos bons nada tem que temer; impõe-se aos Espíritos inferiores e não estes a ele. Quando estão sozinhos, os médiuns, sobretudo os que se iniciam na tarefa, devem abster-se de tais evocações.” (Item 278.)

12. *Serão necessárias algumas disposições especiais para as evocações?*

“A mais essencial de todas as disposições é o recolhimento, quando se pretende lidar com Espíritos sérios. Com fé e com o desejo do bem, tem-se mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma por alguns instantes de recolhimento, no momento da evocação, o evocador se identifica com os Espíritos bons e os predispõem a virem.”

13. *A fé é necessária para as evocações?*

“A fé em Deus, sim. Quanto ao mais, a fé virá, se desejardes o bem e tiverdes o propósito de instruir-vos.”

14. *Reunidos em comunhão de pensamentos e de intenções, os homens dispõem de mais poder para evocar os Espíritos?*

“Quando estão reunidos pela caridade e para o bem, os homens obtêm

grandes coisas. Nada é mais prejudicial ao resultado das evocações do que a divergência de ideias.”

15. *Terá alguma utilidade a precaução de se formar corrente, dando-se todos as mãos, alguns minutos antes de começar a reunião?*

“A corrente é um meio material que não estabelece a união entre vós, se ela não existir nos pensamentos. Mais vantajoso do que isso é a união de todos num pensamento comum, apelando cada um para os Espíritos bons. Não imaginais o que se pode obter numa reunião séria, de onde se haja banido todo sentimento de orgulho e de personalismo, e onde reine perfeito sentimento de mútua cordialidade.”

16. *São preferíveis as evocações em dias e horas determinados?*

“Sim, e se for possível, no mesmo lugar, pois os Espíritos aí comparecem com mais satisfação. O desejo constante que tendes é que auxilia os Espíritos a se porem em comunicação convosco. Eles têm ocupações, que não podem deixar *de repente* para a vossa satisfação pessoal. Quando digo no *mesmo lugar*, não julgueis que isso deva constituir uma obrigação absoluta, já que os Espíritos vão a toda parte. Quero dizer que é preferível um lugar consagrado às reuniões, porque o recolhimento se faz mais perfeito.”

17. *Certos objetos, como medalhas e talismãs, têm a propriedade de atrair ou repelir os Espíritos, conforme pretendem algumas pessoas?*

“Esta pergunta é inútil, pois sabeis perfeitamente que a matéria não exerce nenhuma ação sobre os Espíritos. Ficai bem certo de que um Espírito bom jamais aconselhará semelhantes absurdos. A virtude dos talismãs, seja qual for a natureza deles, nunca existiu, a não ser na imaginação das pessoas demasiado crédulas.”

18. *Que se deve pensar dos Espíritos que marcam encontros em lugares lúgubres e em horas inconvenientes?*

“Esses Espíritos se divertem à custa dos que lhes dão ouvidos. É sempre inútil e quase sempre perigoso ceder a tais sugestões. Inútil, porque nada absolutamente se ganha em ser mistificado; perigoso, não pelo mal que os Espíritos possam fazer, mas pela influência que isso pode ter sobre cérebros fracos.”

19. *Haverá dias e horas mais propícios para as evocações?*

“Para os Espíritos, isso é completamente indiferente, como tudo o que é material, e seria superstição acreditar-se na influência dos dias e das horas. Os momentos mais propícios são aqueles em que o evocador possa estar menos distraído pelas suas ocupações habituais; aqueles em que se ache mais calmo de corpo e de espírito.”

20. *A evocação é agradável ou penosa para os Espíritos? Eles vêm de boa vontade, quando chamados?*

“Isso depende do caráter deles e do motivo com que são chamados. Quando o objetivo é louvável e quando o meio lhes é simpático, a evocação constitui para eles coisa agradável e mesmo atraente. Os Espíritos se sentem sempre felizes com os testemunhos de afeição de que são alvo. Alguns consideram grande felicidade o fato de se comunicarem com os homens e sofrem com o abandono em que são deixados. Mas, como já disse, isto também depende do caráter deles. Entre os Espíritos, também há misantropos, que não gostam de ser incomodados e cujas respostas denotam o mau humor em que vivem, principalmente quando chamados por pessoas que lhes são indiferentes, pelas quais não se interessam. Muitas vezes, um Espírito não tem nenhum motivo para atender ao chamado de um desconhecido, que lhe é indiferente e que quase sempre é movido pela curiosidade. Se vem, suas aparições, em geral, são curtas, a menos que a evocação vise a um fim sério e instrutivo.”

Observação – Há pessoas que só evocam seus parentes para lhes perguntar as coisas mais vulgares da vida material, por exemplo: um quer saber se alugará ou venderá sua casa; outro, para saber que lucro tirará da sua mercadoria, o lugar onde há dinheiro escondido, se tal negócio será ou não vantajoso. Nossos parentes de além-túmulo apenas se interessam por nós em virtude da afeição que lhes consagremos. Se os nossos pensamentos, com relação a eles, se limitam a supô-los feiticeiros, se só pensamos neles para lhes pedir informações, é claro que não podem ter grande simpatia por nós e ninguém deve surpreender-se com a pouca benevolência que lhes demonstrem.

21. *Existe alguma diferença entre os Espíritos bons e os maus no que se refere à solicitude com que atendem ao nosso chamado?*

“Há, e muito grande: os Espíritos maus só vêm de boa vontade quando esperam dominar e enganar; porém, experimentam viva contrariedade quando são forçados a vir para confessarem suas faltas, e outra coisa não procuram senão ir-se embora, como um colegial a quem se chama para repreendê-lo. Podem ser constrangidos a isso por Espíritos superiores, como castigo e para instrução dos encarnados. A evocação é penosa para os Espíritos bons, quando são chamados inutilmente, para futilidades. Então, ou não vêm ou se retiram logo. Em princípio, podeis dizer que os Espíritos, quaisquer que eles sejam, não

gostam de servir de distração a curiosos, exatamente como acontece entre vós. Muitas vezes não tendes outro objetivo, quando evocais um Espírito, senão ver o que ele vos dirá ou interrogá-lo sobre particularidades de sua vida, que ele não deseja vos contar, porque não tem nenhum motivo para vos fazer confidências. Julgais que ele vá se comprometer somente para vos dar prazer? De modo algum; o que ele não faria em vida tampouco fará como Espírito.”

Observação – Realmente, a experiência comprova que a evocação é sempre agradável aos Espíritos, quando feita com fim sério e útil. Os bons têm prazer em nos instruir; os que sofrem encontram alívio na simpatia que demonstramos a eles; os que conhecemos ficam satisfeitos em serem lembrados. Os Espíritos levianos gostam de ser evocados pelas pessoas frívolas, porque isso lhes dá oportunidade de se divertirem à custa delas; sentem-se pouco à vontade com pessoas sérias.

22. *Há necessidade de evocar os Espíritos toda vez que desejarmos que eles se manifestem?*

“Não, pois com muita frequência eles se apresentam sem serem chamados, o que prova que vêm de boa vontade.”

23. *Quando um Espírito se apresenta por si mesmo, podemos estar certos da sua identidade?*

“De maneira alguma, pois os Espíritos mistificadores empregam frequentemente esse meio para melhor enganarem.”

24. *Quando se evoca, pelo pensamento, o Espírito de uma pessoa, esse Espírito vem, ainda mesmo que não haja manifestação pela escrita ou por outro meio?*

“A escrita é um meio material de que o Espírito se serve para atestar a sua presença. Todavia, é o pensamento que o atrai, e não o ato de escrever.”

25. *Quando um Espírito inferior se manifesta, podemos obrigá-lo a retirar-se?*

“Sim, não lhe dando atenção. Mas como quereis que se retire, quando vos divertis com as suas torpezas? Os Espíritos inferiores se apegam aos que os escutam com complacência, como os tolos entre vós.”

26. *A evocação feita em nome de Deus é uma garantia contra a intromissão dos Espíritos maus?*

“O nome de Deus não é um freio para todos os Espíritos perversos, mas retém muitos deles. Por esse meio, sempre afastareis alguns, e muito mais afastareis, se a evocação for feita do fundo do coração e não como fórmula

banal.”

27. *Podemos evocar vários Espíritos ao mesmo tempo?*

“Não há nisso dificuldade alguma e, se tivésseis três ou quatro mãos para escrever, três ou quatro Espíritos responderiam ao mesmo tempo. É o que acontece quando se dispõe de muitos médiuns.”

28. *Quando vários Espíritos são evocados simultaneamente, não havendo mais de um médium, qual o que responde?*

“Um deles responde por todos e exprime o pensamento coletivo.”

29. *O mesmo Espírito poderia comunicar-se, simultaneamente, durante uma sessão, por dois médiuns diferentes?*

“Tão facilmente quanto, entre vós, certos homens que ditam várias cartas ao mesmo tempo.”

Observação – Vimos um Espírito responder, servindo-se de dois médiuns ao mesmo tempo, às perguntas que lhe eram dirigidas, por um em inglês, por outro em francês, sendo idênticas as respostas quanto ao sentido; algumas eram mesmo a tradução literal de outras.

Dois Espíritos evocados simultaneamente podem estabelecer entre si uma conversação. Embora este modo de comunicação não lhes seja necessário, visto que um lê simultaneamente o pensamento do outro, algumas vezes eles se prestam a isso para nossa instrução. Se são Espíritos inferiores, como ainda estão imbuídos das paixões terrestres e das ideias corpóreas, pode acontecer que disputem e troquem palavrões entre si, que se acusem mutuamente os erros e até que atirem os lápis, as cestas, as pranchetas etc., um contra o outro.

30. *O Espírito evocado simultaneamente em muitos lugares pode responder ao mesmo tempo às perguntas que lhe são dirigidas?*

“Pode, se for um Espírito elevado.”

30-a. *Nesse caso, o Espírito se divide ou tem o dom da ubiquidade?*

“O Sol é um só e, no entanto, irradia ao seu redor, levando longe seus raios, sem se dividir. Do mesmo modo, os Espíritos. O pensamento do Espírito é como uma centelha que projeta longe a sua claridade e pode ser vista de todos os pontos do horizonte. Quanto mais puro é o Espírito, tanto mais o seu pensamento se *irradia* e se estende como a luz. Os Espíritos inferiores são muito materiais; não podem responder senão a uma única pessoa de cada vez, nem vir a um lugar, se são chamados em outro. Já um Espírito superior, chamado ao mesmo tempo em pontos diferentes, responderá a ambas as evocações, se as duas forem sérias e fervorosas. Em caso contrário, dará preferência à mais séria.”

Observação – É o que acontece com um homem que, sem mudar de lugar, pode transmitir seu pensamento por meio de sinais perceptíveis de diferentes lados.

Numa sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, na qual fora discutida a questão da ubiquidade, um Espírito ditou espontaneamente a seguinte comunicação:

“Discutíeis esta noite acerca da hierarquia dos Espíritos, no tocante à ubiquidade. Comparai-vos a um balão dirigível que se eleva pouco a pouco nos ares. Enquanto ele rasteja na Terra, somente os que estão dentro de um pequeno círculo podem percebê-lo; porém, à medida que se eleva, o círculo se alarga e, chegando a certa altura, se torna visível a uma infinidade de pessoas. É o que se dá conosco. Um Espírito mau, que ainda se acha preso à Terra, permanece num círculo restrito, entre as pessoas que o veem. Suba ele na graça, melhore-se e poderá conversar com muitas pessoas. Quando se tornar Espírito superior poderá irradiar como a luz do Sol, mostrar-se a muitas pessoas e em muitos lugares ao mesmo tempo.”

Channing

31. *Os Espíritos puros, isto é, os que já terminaram a série de suas encarnações, podem ser evocados?*

“Sim, mas muito raramente atenderão. Eles só se comunicam com os homens de coração puro e sincero e não com os *orgulhosos e egoístas*. Por isso mesmo, é preciso desconfiar dos Espíritos inferiores que se gabam dessa qualidade para se darem mais importância aos vossos olhos.”

32. *Como se explica que o Espírito dos homens mais ilustres atenda com tanta facilidade e familiaridade ao chamado dos homens mais obscuros?*

“Os homens julgam os Espíritos de acordo com eles mesmos, o que é um erro. Após a morte do corpo, as categorias terrenas deixam de existir. Só a bondade estabelece distinção entre eles, e os que são bons vão a toda parte onde haja um bem que possam fazer.”

33. *Quanto tempo depois da morte se pode evocar um Espírito?*

“Podeis fazê-lo no próprio instante da morte, mas, como nesse momento o Espírito ainda se acha no estado de perturbação, só responde imperfeitamente.”

Observação – Sendo muito variável a duração da perturbação, não pode haver prazo fixo para fazer-se a evocação. Entretanto, é raro que, ao fim de oito dias, o Espírito já não tenha conhecimento do seu estado, para poder responder. Algumas vezes, isso lhe é possível dois ou três dias depois da morte. Em todos os casos se pode tentar a evocação, desde que agindo com prudência.

34. *A evocação no instante da morte é mais penosa para o Espírito do que algum tempo mais tarde?*

“Algumas vezes. É como se vos arrancassem ao sono, antes que estivésseis completamente acordados. Entretanto, alguns não se contrariam de modo algum

com isso e aos quais a evocação até ajuda a sair da perturbação.”

35. *Como pode o Espírito de uma criança, que morreu em tenra idade, responder com conhecimento de causa, se, quando viva, ainda não tinha consciência de si mesma?*

“A alma da criança é um Espírito *ainda envolto nas faixas da matéria*. Porém, liberto da matéria, goza de suas faculdades de Espírito, porque os Espíritos não têm idade, o que prova que o Espírito da criança já viveu. Entretanto, até que se ache completamente desligado da matéria, pode conservar, na linguagem, alguns traços do caráter da criança.”

Observação – A influência corpórea que se faz sentir por mais ou menos tempo sobre o Espírito da criança, também é notada algumas vezes, no Espírito dos que morreram em estado de loucura. O Espírito, em si mesmo, não é louco; sabe-se, porém, que certos Espíritos julgam, durante algum tempo, que ainda pertencem a este mundo. Não é, pois, de admirar que, no louco, o Espírito ainda se ressinta dos entraves que, durante a vida, se opunham à livre manifestação de seus pensamentos. Esse efeito varia conforme as causas da loucura, pois há loucos que recobram toda a sua lucidez imediatamente depois da morte.

283. Evocação de animais

36. *Pode-se evocar o Espírito de um animal?*

“Depois da morte do animal, o princípio inteligente que nele havia se acha em estado latente e é logo utilizado, por certos Espíritos incumbidos disso, para animar novos seres, nos quais ele continua a obra de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não há Espíritos errantes de animais, mas somente Espíritos humanos. Isto responde à vossa pergunta.”

36-a. *Como é então que, tendo evocado animais, algumas pessoas tenham recebido respostas?*

“Evocai um rochedo e ele vos responderá. Há sempre uma multidão de Espíritos prontos a tomar a palavra, sob qualquer pretexto.”

Observação – Pela mesma razão, se evocarmos um mito, ou uma personagem alegórica, eles responderão, isto é, algum Espírito responderá por eles e lhes tomará o caráter e as maneiras. Certo dia, alguém teve a ideia de evocar *Tartufo*, e *Tartufo* veio logo. Mais ainda: falou de Orgon, de Elmira, de Dâmide e de Valéria, de quem deu notícias. Quanto a si próprio, imitou o hipócrita com tanta arte como se Tartufo houvesse sido uma personagem real. Disse mais tarde ser o Espírito de um ator que havia desempenhado esse papel. Os Espíritos levianos se aproveitam sempre da inexperiência dos interrogantes. Evitam, porém, dirigir-se aos que eles sabem bastante esclarecidos para lhes descobrir as imposturas e que não lhes dariam crédito aos contos. Acontece a mesma coisa entre os homens.

Um senhor tinha em seu jardim um ninho de pintassilgos, pelos quais se interessava bastante. Certo dia, o ninho desapareceu. Tendo-se certificado de que ninguém da sua casa era culpado do delito, e como ele mesmo fosse médium, teve a ideia de evocar a mãe dos passarinhos. Ela veio e lhe disse em muito bom francês: “Não acuses a ninguém e tranquiliza-te quanto à sorte de meus filhotes; foi o gato que, saltando, derrubou o ninho; encontrá-lo-ás debaixo dos arbustos, assim como os passarinhos, que não foram comidos”. Indo verificar, encontrou tudo certo, conforme lhe fora dito. Devemos concluir que foi a ave quem respondeu? Claro que não, mas apenas um Espírito que conhecia a história. Isso prova quanto se deve desconfiar das aparências e quanto é preciosa a resposta acima: Evocai um rochedo e ele vos responderá. (Veja-se atrás o capítulo “Mediunidade nos Animais”, item 234.)

284. Evocação de pessoas vivas

37. *A encarnação do Espírito constitui obstáculo absoluto à sua evocação?*

“Não, mas é necessário que o estado do corpo permita que no momento da evocação o Espírito se desprenda. Quanto mais elevado for em categoria o mundo onde se acha o Espírito encarnado, tanto mais facilmente ele virá, porque em tais mundos os corpos são menos materiais.”

38. *Pode-se evocar o Espírito de uma pessoa viva?*

“Sim, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. O Espírito de um vivo também pode, em seus momentos de liberdade, se apresentar *sem ser evocado*, dependendo da simpatia que tenha pelas pessoas com quem se comunica.” (Veja-se a história do homem da tabaqueira, item 116.)

39. *Em que estado se acha o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?*

“Dorme ou cochila; é quando o Espírito está livre.”

39-a. *O corpo poderia despertar enquanto o Espírito está ausente?*

“Não; o Espírito é forçado a voltar ao corpo. Se, nesse momento, ele estiver conversando convosco, deixa-vos e frequentemente diz o motivo.”

40. *Quando ausente do corpo, como o Espírito é avisado da necessidade de voltar a ele?*

“O Espírito de uma pessoa viva jamais está completamente separado do seu corpo. Qualquer que seja a distância a que se transporte, continua ligado a ele por um laço fluídico que serve para chamá-lo, quando necessário. Esse laço só se desfaz com a morte.”

Observação – Muitas vezes esse laço fluídico é percebido pelos médiuns videntes. É uma espécie de rastro fosforescente que se perde no espaço e na direção do corpo. Alguns Espíritos têm dito que é por

ele que reconhecem os que ainda se acham presos ao mundo corpóreo.

41. *O que aconteceria se o corpo fosse mortalmente ferido durante o sono e na ausência do Espírito?*

“O Espírito seria avisado e voltaria antes que a morte se consumasse.”

41-a. *Assim, não poderia acontecer que o corpo morresse na ausência do Espírito, nem que o Espírito, ao voltar, não pudesse entrar novamente no corpo?*

“Não; seria contrário à lei que rege a união da alma ao corpo.”

41-b. *Mas e se o golpe fosse dado subitamente e de improviso?*

“O Espírito seria prevenido antes que o golpe mortal fosse desferido.”

Observação – Interrogado sobre este fato, o Espírito de uma pessoa viva assim respondeu: “Se o corpo pudesse morrer na ausência do Espírito, este seria um meio muito cômodo de se cometerem suicídios hipócritas”.

42. *O Espírito de uma pessoa evocada durante o sono comunica-se tão livremente como o de uma pessoa morta?*

“Não; a matéria sempre o influencia em maior ou menor grau.”

Observação – Uma pessoa, que se achava nesse estado e a quem foi feita essa pergunta, respondeu: “Estou sempre ligada à grilheta que arrasto comigo”.

42-a. *Nesse estado, o Espírito poderia ser impedido de vir, por se achar em outra parte?*

“Sim, pode acontecer que o Espírito esteja num lugar onde deseje permanecer e então não atende à evocação, sobretudo quando feita por quem não o interesse.”

43. *É absolutamente impossível evocar-se o Espírito de uma pessoa acordada?*

“Embora difícil, não é absolutamente impossível, porque, se a evocação *produz efeito*, pode acontecer que a pessoa adormeça. Mas o Espírito não pode comunicar-se, como Espírito, senão nos momentos em que a sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo.”

Observação – Prova a experiência que a evocação feita durante o estado de vigília pode provocar o sono, ou, pelo menos, um torpor aproximado do sono, embora semelhante efeito só se possa produzir por ato de uma vontade muito enérgica e se existirem laços de simpatia entre as duas pessoas; de outro modo, a evocação *não dará nenhum resultado*. Mesmo no caso de a evocação poder provocar o sono, se o momento é inoportuno, a pessoa, não querendo dormir, oporá resistência e, se sucumbir, seu

Espírito ficará perturbado e dificilmente responderá. Conclui-se daí que o momento mais favorável para a evocação de uma pessoa viva é o do sono natural, porque, estando livre, seu Espírito pode vir ter com aquele que o chama, da mesma maneira que pode ir a outro lugar. Quando a evocação é feita com consentimento da pessoa e esta procura dormir para esse efeito, pode acontecer que essa preocupação retarde o sono e perturbe o Espírito. Por isso, o sono não forçado é sempre preferível.

44. *A pessoa viva conserva a lembrança da evocação, depois de despertar?*

"Não; vós mesmos o sois mais frequentemente do que pensais. Só o Espírito o sabe, podendo às vezes a evocação deixar uma impressão vaga como a de um sonho."

44-a. *Quem pode nos evocar, se somos seres tão obscuros?*

"É possível que em outras existências tenhais sido pessoas conhecidas nesse mundo ou em outros. É possível também que vossos parentes e amigos desse e de outros mundos também vos evoquem. Suponhamos que o teu Espírito tenha animado o corpo do pai de outra pessoa. Pois bem! Quando essa pessoa evocar seu pai, é teu Espírito que será evocado e que responderá."

45. *Ao ser evocado, o Espírito da pessoa viva responde como Espírito ou com as ideias que tem no estado de vigília?*

"Depende da sua elevação; porém, sempre julga com mais ponderação e tem menos preconceitos, exatamente como os sonâmbulos. É um estado semelhante."

46. *Se fosse evocado no estado de sono magnético, o Espírito de um sonâmbulo seria mais lúcido do que o de qualquer outra pessoa?*

"Responderia mais facilmente, sem dúvida, por estar mais desprendido. Vai depender do grau de independência do Espírito com relação ao corpo."

46-a. *O Espírito de um sonâmbulo poderia responder a uma pessoa que o evocasse a distância e, ao mesmo tempo, responder verbalmente a outra pessoa?*

"A faculdade de se comunicar simultaneamente em dois pontos diferentes é atributo dos Espíritos completamente desprendidos da matéria."

47. *Poder-se-iam modificar as ideias de uma pessoa em estado de vigília, atuando sobre o seu Espírito durante o sono?*

"Sim, algumas vezes. Como, durante o sono, o Espírito não se acha preso à matéria por laços tão estreitos, torna-se mais acessível às impressões morais e essas impressões podem influir sobre a sua maneira de ver no estado habitual.

Infelizmente, acontece com frequência que, ao despertar, a natureza corpórea predomina e faz que ele esqueça as boas resoluções que haja tomado.”

48. *O Espírito de uma pessoa viva é livre para dizer o que quiser?*

“Ele tem suas faculdades de Espírito e, por conseguinte, seu livre-arbítrio. Como dispõe de mais perspicácia, mostra-se mais cauteloso do que no estado de vigília.”

49. *Poder-se-ia obrigar uma pessoa evocada a dizer o que não quisesse falar?*

“Eu disse que o Espírito tem o seu livre-arbítrio. Pode acontecer, porém, que, como Espírito, a pessoa dê menos importância a certas coisas do que no estado normal, podendo então sua consciência falar mais livremente. Aliás, se ela não quiser falar, poderá sempre fugir às importunações, indo-se o seu Espírito embora, pois ninguém pode reter um Espírito, como retém o corpo.”

50. *O Espírito de uma pessoa viva não poderia ser constrangido, por outro Espírito, a vir e falar, como sucede com os Espíritos errantes?*

“Entre os Espíritos, sejam de mortos ou de vivos, só existe uma supremacia: a que resulta da superioridade moral. Por outro lado, deveis compreender que um Espírito superior jamais apoiaria uma indiscrição tão covarde.”

Observação – Este abuso de confiança seria, realmente, uma ação má; entretanto, não produziria qualquer resultado, visto não haver meio de arrancar-se um segredo que o Espírito queira guardar, a menos que, dominado por um sentimento de justiça, confessasse o que em outras circunstâncias calaria. Uma pessoa quis saber, por esse meio, de um de seus parentes, se o testamento feito por este último era a seu favor. O Espírito respondeu: “Sim, minha cara sobrinha, e terás em breve a prova”. Era verdade; mas, poucos dias depois, o parente destruiu o seu testamento e teve a malícia de dar ciência do fato à interessada, sem, entretanto, saber que havia sido evocado. Um sentimento instintivo o levou sem dúvida a executar a resolução que seu Espírito tomara, de acordo com a pergunta que lhe fora feita. Há covardia em perguntar-se ao Espírito de um morto ou de um vivo o que não se ousaria perguntar à sua pessoa, covardia essa que nem mesmo tem, por compensação, o resultado que se pretende.

51. *Pode-se evocar um Espírito cujo corpo ainda se ache no ventre materno?*

“Não; sabeis perfeitamente que nesse momento ele se acha em estado de completa perturbação.”

‘Observação – A encarnação só se torna definitiva no momento em que a criança respira. Porém, desde a concepção do corpo, o Espírito designado para animá-lo é tomado por uma espécie de perturbação que aumenta à medida que o nascimento se aproxima, tirando-lhe a consciência de si mesmo e, por conseguinte, a faculdade de responder. (Veja-se *O Livro dos Espíritos*, “Retorno à vida corporal –

União da alma ao corpo", questão 344.)

52. *Um Espírito mistificador poderia tomar o lugar de uma pessoa viva que se evocasse?*

"Sem a menor dúvida e isso acontece com frequência, principalmente quando a intenção do evocador não é pura. Aliás, a evocação das pessoas vivas só tem interesse como estudo psicológico. Convém que vos abstenhais de fazê-la, sempre que não tiverdes em vista um resultado instrutivo."

Observação – Se a evocação dos Espíritos errantes nem sempre *dá resultado*, conforme expressão usada por eles, muito menos resultado dará a evocação dos que estão encarnados. É sobretudo nessas ocasiões que os Espíritos mistificadores se apresentam em lugar dos evocados.

53. *A evocação de uma pessoa viva terá algum inconveniente?*

"Nem sempre é isenta de perigo; vai depender das condições em que se ache a pessoa evocada, porque, se estiver doente, a evocação poderá aumentar os seus sofrimentos."

54. *Em que caso será mais inconveniente a evocação de uma pessoa?*

"Não convém evocar as crianças de tenra idade, nem as pessoas gravemente doentes, nem, ainda, os velhos enfermos. Em suma: ela pode ter inconvenientes todas as vezes que o corpo esteja muito enfraquecido."

Observação – A brusca suspensão das faculdades intelectuais durante o estado de vigília também poderia oferecer perigo, se a pessoa nesse momento precisasse de toda a sua presença de espírito.

55. *Durante a evocação de uma pessoa viva, seu corpo, embora ausente, experimenta fadiga em consequência do trabalho a que se entrega seu Espírito?*

(Uma pessoa que se encontrava nesse estado e que pretendia que seu corpo se fatigava, respondeu assim a essa pergunta):

"Meu Espírito é como um balão cativo preso a um poste; meu corpo é o poste, que é sacudido pelas oscilações do balão".

56. *Já que a evocação das pessoas vivas pode ter inconvenientes, quando feita sem precaução, não haverá perigo quando se evoca um Espírito que não se sabe se está encarnado e que poderia não se encontrar em condições favoráveis?*

"Não, as circunstâncias não são as mesmas. Ele só virá se estiver em condições de fazê-lo. Aliás, eu já não vos disse que perguntásseis, antes de fazer uma evocação, se ela é possível?"

57. *Quando, nos momentos mais impróprios, sentimos irresistível vontade de dormir, isto não se deverá ao fato de estarmos sendo evocados em algum lugar?*

“Pode, sem dúvida, acontecer que assim seja. Na maioria das vezes, porém, trata-se de mero efeito físico, seja porque o corpo tenha necessidade de repousar, seja porque o Espírito precise da sua liberdade.”

Observação – Uma senhora que conhecemos, médium, teve um dia a ideia de evocar o Espírito de seu neto, que dormia no mesmo quarto. A identidade foi comprovada pela linguagem, pelas expressões habituais da criança e pela narração exatíssima de muitas coisas que lhe tinham acontecido no colégio; mas ainda uma circunstância veio confirmá-la. De repente, a mão da médium para em meio de uma frase, sem que lhe seja possível obter coisa alguma. Nesse momento, a criança, meio despertada, virou-se várias vezes em sua cama. Alguns instantes depois, tendo novamente adormecido, a mão da médium começou a mover-se outra vez, continuando a conversa interrompida. A evocação das pessoas vivas, feita em boas condições, prova, de maneira incontestável, a ação distinta do Espírito e do corpo e, por conseguinte, a existência de um princípio inteligente independente da matéria. (Veja-se, na *Revista Espírita* de 1860, muitos exemplos notáveis de evocação de pessoas vivas.)

285. Telegrafia humana

58. *Duas pessoas, que se evocassem reciprocamente, poderiam corresponder-se, transmitindo de uma a outra os seus pensamentos?*

“Sim, *e essa telegrafia humana será um dia um meio universal de correspondência*.”

58-a. *Por que não poderá ser praticada desde agora?*

“Já é praticada por algumas pessoas, mas não por todos. É preciso que os homens *se depurem*, a fim de que seus Espíritos se desprendam da matéria e isso constitui uma razão a mais para que a evocação se faça em nome de Deus. Até lá, a telegrafia humana continuará circunscrita *às almas de escol*, às almas desmaterializadas, o que raramente se encontra na Terra, dado o estado dos habitantes do planeta.”

CAPÍTULO XXVI

Perguntas que se Podem Fazer aos Espíritos

• Observações preliminares

• Perguntas simpáticas ou antipáticas aos Espíritos

• Perguntas sobre o futuro

• Perguntas sobre as existências passadas e futuras

• Perguntas sobre interesses morais e materiais

• Perguntas sobre a sorte dos Espíritos

• Perguntas sobre a saúde

• Perguntas sobre as invenções e descobertas

• Perguntas sobre os tesouros ocultos

• Perguntas sobre outros mundos

Observações preliminares

286. Todo cuidado é pouco quando se deseja formular perguntas aos Espíritos, sobretudo no que diz respeito à natureza das perguntas. Duas coisas hão de ser consideradas nesse processo: a forma e o fundo. Quanto à forma, as perguntas devem ser redigidas com clareza e precisão, evitando-se as questões complexas. Outro ponto importante é a ordem que deve presidir à disposição das perguntas. Quando o assunto exige uma série delas, é essencial que se encadeiem com método, de modo a decorrerem naturalmente umas das outras. Os Espíritos, nesse caso, respondem mais facilmente e mais claramente do que quando as perguntas se sucedem ao acaso, passando, sem transição, de um assunto para outro. É por essa razão que se deve prepará-las com antecedência, sem prejuízo de outras que possam ser intercaladas no decorrer da sessão, caso as

circunstâncias assim o exijam. Além de ser melhor a redação feita com calma, esse trabalho preparatório constitui, como já dissemos, uma espécie de evocação antecipada, a que o Espírito pode ter assistido e que o predispõe a responder. É de notar-se que muito frequentemente o Espírito responde por antecipação a algumas perguntas, o que prova que já as conhecia.

O fundo da questão exige atenção ainda mais séria, porque, muitas vezes, é a natureza da pergunta que provoca uma resposta exata ou falsa. Algumas delas os Espíritos não podem ou não devem responder, por motivos que desconhecemos, sendo, pois, inútil insistir. Porém, o que sobretudo se deve evitar são as perguntas feitas com o fim de lhes pôr à prova a perspicácia. Quando uma coisa existe, dizem, eles a devem saber. Ora, é justamente porque conheceis a coisa, ou porque tendes os meios de verificá-la, que eles não se dão ao trabalho de responder. Essa suspeita os irrita e nada se obtém de satisfatório. Não temos todos os dias exemplos disso entre nós? Homens superiores, conscientes do seu valor, se divertiriam em responder a todas as perguntas tolas, que tivessem em vista submetê-los a um exame, como se fossem estudantes? O desejo de conquistar adeptos não constitui, para os Espíritos, motivo para satisfazerem a uma vã curiosidade. Eles sabem que a convicção virá, cedo ou tarde, e os meios que empregam para produzi-la nem sempre são os que supomos melhores.

Imaginai um homem grave, ocupado em coisas úteis e sérias, incessantemente importunado pelas perguntas pueris de uma criança, e tereis ideia do que devem pensar os Espíritos superiores de todas as futilidades que lhes são perguntadas. Não se segue daí que não se possam obter esclarecimentos úteis e, sobretudo, bons conselhos por parte dos Espíritos; eles, porém, respondem mais ou menos bem, conforme os conhecimentos que possuem, o interesse que têm por nós, a afeição que nos dedicam e, finalmente, o fim a que nos propomos e a utilidade que vejam no que lhes pedimos. Se, entretanto, nós os interrogamos unicamente porque os julgamos mais capazes do que outros, para melhor nos esclarecerem sobre as coisas deste mundo, claro que não nos poderão dispensar grande simpatia. A partir de então, suas aparições serão curtas e, não raro, conforme o grau de imperfeição de cada um, manifestarão mau humor por terem sido incomodados inutilmente.

287. Algumas pessoas julgam ser preferível que todos se abstenham de fazer perguntas aos Espíritos e que convém esperar o ensino deles, sem o provocar. É um erro. Os Espíritos, indubitavelmente, dão instruções espontâneas

de elevado alcance, que não se pode desprezar. Mas há explicações que teríamos de esperar longo tempo se não fossem solicitadas. Sem as questões que propusemos, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* ainda estariam por ser feitos ou, pelo menos, não seriam tão completos, ficando sem solução uma porção de problemas de grande importância. As questões, longe de terem qualquer inconveniente, são de grandíssima utilidade, do ponto de vista da instrução, quando quem as propõe sabe encerrá-las nos devidos limites. Têm ainda outra vantagem: a de concorrerem para desmascarar os Espíritos mistificadores que, mais pretensiosos do que sábios, raramente suportam a prova das perguntas feitas com cerrada lógica, por meio das quais o interrogante os leva aos seus últimos redutos. Como os Espíritos verdadeiramente superiores nada têm a temer de semelhante controle, são os primeiros a provocar explicações sobre os pontos obscuros. Os outros, ao contrário, receando ter que lidar com antagonistas mais fortes, os evitam com cuidado. Por isso mesmo, em geral eles recomendam aos médiuns que desejam dominar, e aos quais querem impor as suas utopias, que se abstenham de toda controvérsia a propósito de seus ensinos.

Quem haja compreendido perfeitamente o que temos dito até aqui, nesta obra, já pode fazer ideia do círculo em que convém limitar as perguntas a serem dirigidas aos Espíritos. Todavia, para maior segurança, transcrevemos abaixo as respostas que eles nos deram acerca dos assuntos principais sobre os quais as pessoas pouco experientes se mostram geralmente predispostas a interrogá-los.

288. Perguntas simpáticas ou antipáticas aos Espíritos

1. *Os Espíritos respondem de boa vontade às perguntas que lhes são dirigidas?*

“Conforme as perguntas. Os Espíritos sérios sempre respondem com prazer às que têm por objetivo o bem e os meios de progredirdes. Não dão ouvidos às perguntas fúteis.”

2. *Basta que uma pergunta seja séria para obter uma resposta séria?*

“Não; isso depende do Espírito que responde.”

2-a. *Mas uma pergunta séria não afasta os Espíritos levianos?*

“Não é a pergunta que afasta os Espíritos levianos, e sim o caráter de quem

a faz.”

3. *Quais as perguntas com que mais antipatizam os Espíritos bons?*

“Todas as que sejam inúteis, ou feitas por pura curiosidade, com vistas a experimentá-los. Nesses casos, eles não respondem e se afastam.”

3-a. *Haverá questões que sejam antipáticas aos Espíritos imperfeitos?*

“Somente as que possam desmascarar-lhes a ignorância ou o embuste quando procuram enganar. A não ser assim, respondem a tudo, sem se preocuparem com a verdade.”

4. *Que se deve pensar das pessoas que só veem nas comunicações espíritas uma distração e um passatempo ou um meio de obterem revelações sobre questões de interesse pessoal?*

“Essas pessoas agradam muito aos Espíritos inferiores que, do mesmo modo que elas, gostam de divertir-se e ficam satisfeitas quando conseguem mistificá-las.”

5. *Quando os Espíritos não respondem a certas perguntas, será por não quererem ou por que uma força superior se opõe a certas revelações?*

“Por ambas essas causas. Há coisas que não podem ser reveladas e outras que o próprio Espírito não conhece.”

5-a. *Caso se insistisse muito, o Espírito acabaria respondendo?*

“Não; o Espírito que não quer responder tem sempre a facilidade de retirar-se. É por isso que deveis esperar, quando solicitado e, sobretudo, que não vos obstineis em querer forçar-nos a responder. Insistir, para obter uma resposta que não se quer dar, é um meio certo de ser enganado.”

6. *Todos os Espíritos são aptos a compreender as perguntas que lhes sejam feitas?*

“Longe disso. Os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas questões, o que não os impede de responder bem ou mal, como acontece entre vós.”

Observação – Em alguns casos e quando seja conveniente, acontece com frequência que um Espírito mais esclarecido vem em auxílio do Espírito ignorante e lhe sopra o que deva dizer. Isso se reconhece facilmente pelo contraste de certas respostas e, além disso, porque o próprio Espírito quase sempre o diz. Entretanto, esse fato só ocorre com os Espíritos ignorantes, mas de boa-fé, e nunca com os que alardeiam falso saber.

289. Perguntas sobre o futuro

7. *Os Espíritos podem nos revelar o futuro?*

“Se o homem conhecesse o futuro, não cuidaria do presente. Esse é um ponto sobre o qual sempre insistis, com vistas à obtenção de uma resposta precisa. Trata-se de grande erro, pois a manifestação dos Espíritos não é um meio de adivinhação. Se fizerdes questão absoluta de uma resposta, ela vos será dada por um Espírito leviano, conforme temos dito a todo instante.” (Veja-se *O Livro dos Espíritos*, “Conhecimento do futuro”, questão 868.)

8. *Às vezes, entretanto, os Espíritos não anunciam espontaneamente alguns acontecimentos que se darão realmente no futuro?*

“Pode acontecer que o Espírito preveja coisas que julgue conveniente revelar ou que ele tem por missão tornar conhecidas. Porém, é nesses casos que se deve desconfiar ainda mais dos Espíritos mistificadores, que se divertem em fazer previsões. Só o conjunto das circunstâncias permite que se verifique o grau de confiança que elas merecem.”

9. *De que gênero são as predições mais sujeitas à desconfiança?*

“Todas as que não tiverem utilidade *geral*. As predições pessoais podem quase sempre ser consideradas como apócrifas.”

10. *Com que fim os Espíritos anunciam espontaneamente acontecimentos que não se realizam?*

“Na maioria das vezes para se divertirem com a credulidade, o terror ou a alegria que provocam; depois, riem-se do desapontamento. Algumas vezes, no entanto, essas predições enganosas trazem um objetivo mais sério: o de pôr à prova aqueles a quem são feitas, a maneira como se comportam diante do fenômeno e quais os sentimentos bons ou maus que tal revelação lhes desperta.”

Observação – Tal seria, por exemplo, a predição do que possa lisonjear a vaidade ou a ambição, como a morte de uma pessoa, a expectativa de uma herança etc.

11. *Por que razão os Espíritos sérios, quando fazem pressentir um acontecimento, não determinam a data? Será porque não podem ou porque não querem?*

“Pelos dois motivos. Eles podem, em certos casos, fazer que um acontecimento *seja pressentido*; nessa hipótese, é um aviso que vos dão. Quanto

a lhe precisar a época, muitas vezes não devem fazê-lo, ou também não o podem, porque eles mesmos o ignoram. O Espírito pode prever que um fato se dará, mas o momento exato pode depender de acontecimentos que ainda não se realizaram e que só Deus conhece. Os Espíritos levianos, que não têm escrúpulo de vos enganar, esses determinam os dias e as horas, sem se importarem com a verdade. É por isso que toda predição *circunstanciada* vos deve ser suspeita.

"Ainda uma vez: a nossa missão consiste em fazer-vos progredir; para isso vos auxiliamos tanto quanto podemos. Jamais será enganada a criatura que pedir sabedoria aos Espíritos superiores; porém, não acrediteis que percamos o nosso tempo em ouvir as vossas futilidades e em vos predizer a sorte. Deixamos esse encargo aos Espíritos levianos, que se divertem com isso quais crianças travessas.

"A Providência pôs limites às revelações que podem ser feitas ao homem. Os Espíritos sérios guardam silêncio sobre tudo o que lhes é proibido revelar. Quem insiste por uma resposta se expõe aos embustes dos Espíritos inferiores, sempre prontos a se aproveitarem das ocasiões que tenham para explorar a vossa credulidade."

Observação – É por indução que os Espíritos veem ou pressentem os acontecimentos futuros. Veem os acontecimentos se realizarem num tempo que eles não medem como nós. Para que lhes determinassem a época, seria preciso que se identificassem com a nossa maneira de calcular a duração, o que nem sempre consideram necessário. É esta, quase sempre, a causa dos erros aparentes.

12. *Não há homens dotados de uma faculdade especial, que os faz entrever o futuro?*

"Sim, aqueles cuja alma se desprende da matéria. Nesse caso, é o Espírito que vê. Quando julga conveniente, Deus lhes permite revelarem certas coisas, com vistas ao bem. Todavia, mesmo entre eles há impostores e charlatães. Essa faculdade se tornará mais comum no futuro."

13. *Que se deve pensar dos Espíritos que gostam de predizer o dia e a hora exata em que alguém morrerá?*

"São gracejadores de mau gosto, de muito mau gosto mesmo, que não têm outro objetivo, senão divertir-se com o medo que causam. Ninguém se deve preocupar com isso."

14. *Como é então que certas pessoas são avisadas, por pressentimento, da época em que morrerão?*

“Na maioria das vezes, é o próprio Espírito delas que vem a saber disso em seus momentos de liberdade, e que guardam, ao despertar, a intuição da época da morte. Essas pessoas, por estarem preparadas para isso, não se amedrontam, nem se emocionam. Não veem nessa separação da alma e do corpo mais do que uma mudança de situação, ou, se o preferirdes e para usarmos de uma linguagem mais vulgar, a troca de uma roupa de pano grosseiro por uma de seda. O temor da morte diminuirá à medida que as crenças espíritas se forem espalhando.”

290. Perguntas sobre as existências passadas e futuras

15. *Os Espíritos podem revelar as nossas existências passadas?*

“Deus algumas vezes permite que elas vos sejam reveladas, conforme o objetivo. Se for para vossa edificação e instrução, as revelações serão verdadeiras e, nesse caso, feitas quase sempre espontaneamente e de modo inteiramente imprevisto. Ele, porém, jamais o permite para satisfação da vã curiosidade.”

15-a. *Por que alguns Espíritos nunca se recusam a fazer esta espécie de revelações?*

“São Espíritos brincalhões que se divertem à vossa custa. Em geral, deveis considerar falsas, ou pelo menos suspeitas, todas as revelações desta natureza que não tenham um fim eminentemente sério e útil. Os Espíritos zombeteiros se divertem lisonjeando a vaidade das pessoas com a revelação de pretensas origens. Há médiuns e crentes que aceitam de olhos fechados o que lhes é dito a esse respeito e que não veem que o estado atual de seus Espíritos não justifica de modo algum a categoria que pretendem ter ocupado. Pequena vaidade que serve de divertimento aos Espíritos brincalhões, tanto quanto para os homens. Seria mais lógico e mais conforme à marcha progressiva dos seres que tais pessoas houvessem subido, ao invés de terem descido, o que, sem dúvida, lhes seria mais honroso. Para que se pudesse dar crédito a tais revelações, seria necessário que fossem feitas espontaneamente, por diversos médiuns estranhos uns aos outros e também daquele que primeiro fez a revelação. Só então haveria razão evidente para crer-se.”

15-b. *Já que não podemos conhecer a nossa individualidade anterior, segue-se que também nada podemos saber sobre o gênero da existência que tivemos, a posição social que ocupamos, as qualidades e os defeitos que em nós*

predominaram?

“Não, isso pode ser revelado, porque dessas revelações podeis tirar proveito para vos melhorardes. Aliás, estudando o vosso presente, podeis deduzir por vós mesmos o vosso passado.” (Veja-se *O Livro dos Espíritos*, “Esquecimento do passado”, questão 392.)

16. *Podemos ter alguma revelação sobre as nossas existências futuras?*

“Não; tudo que os Espíritos vos disserem a tal respeito não passará de gracejo, e isso se compreende facilmente: a vossa existência futura não pode ser determinada de antemão, pois dependerá do vosso proceder na Terra e das resoluções que tomardes no estado de Espíritos. Quanto menos tiverdes que expiar, tanto mais feliz será ela. Entretanto, saber onde e como transcorrerá essa existência, repetimos, é impossível, salvo o caso especial e raro dos Espíritos que só estão na Terra para desempenhar uma missão importante, porque então o caminho deles se acha, de certo modo, traçado previamente.”

291. Perguntas sobre interesses morais e materiais

17. *Podemos pedir conselhos aos Espíritos?*

“Sim, certamente. Os Espíritos bons jamais recusam auxílio aos que os invocam com confiança, principalmente no que diz respeito à alma. Mas repelem os hipócritas, *os que simulam pedir a luz e se comprazem nas trevas*.”

18. *Os Espíritos podem dar conselhos sobre coisas de interesse particular?*

“Algumas vezes, conforme o motivo. Isso também depende daqueles a quem tais conselhos são pedidos. Os conselhos que se relacionam com a vida privada são dados com mais exatidão pelos Espíritos familiares, que são os que se acham mais ligados à pessoa que os pede e por ela se interessam; é o amigo, o confidente dos vossos mais secretos pensamentos. Mas muitas vezes os fatigais com tantas perguntas banais, que eles vos deixam. Seria tão absurdo fazerdes perguntas sobre coisas íntimas a Espíritos que vos são estranhos, como seria vos dirigirdes, para isso, ao primeiro indivíduo que surgisse no vosso caminho. Jamais devereis esquecer que a puerilidade das perguntas é incompatível com a superioridade dos Espíritos. É preciso também que leveis em conta as qualidades do Espírito familiar, que pode ser bom ou mau, conforme sua simpatia à pessoa a quem se ligue. O Espírito familiar de um homem mau é um Espírito mau, cujos

conselhos podem ser perniciosos, mas que se afasta e cede o lugar a um Espírito melhor, desde que o próprio homem se melhore. O semelhante atrai o semelhante.”

19. *Os Espíritos familiares podem favorecer os interesses materiais por meio de revelações?*

“Podem e algumas vezes o fazem, de acordo com as circunstâncias; mas ficai certos de que os Espíritos bons jamais se prestam à cupidez. Os maus fazem brilhar mil atrativos diante dos vossos olhos, a fim de vos excitarem e, depois, vos mistificarem pela decepção. Sabei também que, se fizer parte da vossa prova que passeis por tal ou qual vicissitude, os vossos Espíritos protetores poderão ajudar-vos a suportá-la com mais resignação e, algumas vezes, até mesmo suavizá-las. Mas, no próprio interesse do vosso futuro, não lhes é permitido livrar-vos das vossas dificuldades. É por isso que um bom pai não concede ao filho tudo o que este deseja.”

Observação – Os nossos Espíritos protetores podem, em muitas circunstâncias, indicar-nos o melhor caminho, sem entretanto, nos conduzirem pela mão; a não ser assim, perderíamos o mérito da iniciativa e não ousaríamos dar um passo sem recorrer a eles, com prejuízo do nosso aperfeiçoamento. Muitas vezes, para progredir, o homem precisa adquirir experiência à sua própria custa. É por isso que os Espíritos sábios nos aconselham, embora quase sempre nos deixem entregues às nossas próprias forças, como faz o educador hábil com seus alunos. Nas circunstâncias comuns da vida, eles nos aconselham pela inspiração, deixando-nos assim todo o mérito do bem que façamos, como toda a responsabilidade do mal que pratiquemos.

Seria abusar da condescendência dos Espíritos familiares e equivocar-se quanto à missão que lhes cabe desempenhar o fato de os interrogarmos a cada instante sobre as coisas mais vulgares, como o fazem certos médiuns. Alguns deles, por meio de um *sim* ou de um *não*, tomam o lápis e pedem conselhos para os atos mais simples da vida. Esta mania denota pequenez nas ideias e, ao mesmo tempo, a presunção de supor, quem quer que seja, que tem sempre um Espírito serviçal às suas ordens, sem outra coisa mais a fazer senão cuidar dele e dos seus mínimos interesses. Além disso, quem assim procede aniquila o seu próprio juízo e se reduz a um papel passivo, sem utilidade para a vida presente e com prejuízo certo para o progresso futuro. Se há puerilidade em interrogarmos os Espíritos sobre coisas fúteis, também não deixa de ser pueril os Espíritos se ocuparem espontaneamente com o que se pode chamar negócios caseiros. Em tal caso, eles poderão até ser bons, mas, seguramente, ainda se acham muito presos à Terra.

20. *Se uma pessoa, ao morrer, deixar os seus negócios em dificuldade, poder-se-á pedir a seu Espírito que ajude a desembaraçá-los? Será possível também interrogá-lo sobre a quantidade de bens que deixou, caso não se conheça a quantia exata, desde que isso se faça no interesse da justiça?*

“Esqueceis que a morte é a libertação dos cuidados terrenos. Julgais então que o Espírito, feliz com a liberdade de que goza, venha de boa vontade retomar

a cadeia de que se livrou e ocupar-se com coisas que já não o interessam, apenas para satisfazer à cupidez de seus herdeiros, que talvez tenham ficado satisfeitos com a sua morte, na expectativa de que ela lhes fosse proveitosa? Falais de justiça; mas a justiça, para esses herdeiros, está na decepção que lhes sofre a cobiça. É o começo das punições que Deus lhes reserva à avidez dos bens terrenos. Aliás, os embaraços em que às vezes a morte de uma pessoa deixa seus herdeiros, fazem parte das provas da vida, não cabendo a nenhum Espírito o poder de libertar-vos delas, porque essas dificuldades se acham compreendidas nos decretos de Deus.”

Observação – A resposta acima desapontará sem dúvida os que imaginam que os Espíritos nada de melhor têm a fazer do que nos servirem de auxiliares clarividentes para nos ajudarem, não a subirmos para o Céu, mas a nos prendermos à Terra. Outra consideração vem corroborar essa resposta. Se um homem, por incúria durante a vida, deixou seus negócios em desordem, não se deve supor que, depois da morte, tenha mais cuidados com eles, porque deve sentir-se feliz de estar livre dos aborrecimentos que tais negócios lhe causavam e, por pouco elevado que seja, não lhes dará mais importância como Espírito do que como homem. Quanto aos bens desconhecidos que possa ter deixado, não há nenhuma razão para que se interesse por herdeiros ávidos, que provavelmente já não pensariam nele, se não esperassem tirar algum proveito da situação. Se estiver ainda imbuído das paixões humanas, poderá mesmo encontrar malicioso prazer no desapontamento dos que lhe cobiçavam a herança.

Se, no interesse da justiça e das pessoas que lhe são caras, um Espírito julgar conveniente fazer revelações deste gênero, ele as fará espontaneamente e, para obtê-las, ninguém precisa ser médium nem recorrer a um médium. O próprio Espírito dará conhecimento das coisas, por meio de circunstâncias fortuitas, e não por efeito de pedidos que se façam a ele, visto que semelhantes pedidos não podem anular de modo algum a natureza das provas que os encarnados devam sofrer. Pelo contrário, poderiam até agravá-las, porque são quase sempre indício de cupidez e dão ao Espírito a prova de que as pessoas que fazem tais pedidos só se ocupam com ele por interesse. (Veja-se o item 295.)

292. Perguntas sobre a sorte dos Espíritos

21. *Podemos pedir aos Espíritos esclarecimentos sobre a situação em que se encontram no mundo espiritual?*

“Sim, e eles os prestam de boa vontade, quando o pedido é ditado pela simpatia e pelo desejo de ser útil, e não pela curiosidade.”

22. *Os Espíritos podem descrever a natureza dos seus sofrimentos ou da sua felicidade?*

“Perfeitamente e as revelações desta espécie são um grande ensinamento para vós outros, porque vos iniciam no conhecimento da verdadeira natureza das penas e das recompensas futuras. Destruindo as ideias falsas que tenhais

formado a tal respeito, elas tendem a reanimar a vossa fé e a vossa confiança na bondade de Deus. Os Espíritos bons se sentem felizes em vos descreverem a felicidade dos eleitos; os maus podem ser constrangidos a descrever seus sofrimentos, a fim de serem tocados pelo arrependimento. Nisso encontram eles, às vezes, até uma espécie de alívio: é o infeliz que se lamenta, na esperança de obter compaixão.

"Não vos esqueçais de que o fim essencial, exclusivo mesmo, do Espiritismo é a vossa melhora e que, para a alcançardes, é que os Espíritos têm a permissão de vos iniciarem na vida futura, oferecendo-vos exemplos de que podeis aproveitar. Quanto mais vos identificardes com o mundo que vos espera, tanto menos saudosos vos sentireis desse orbe onde agora estais. Eis, em suma, o fim atual da revelação."

23. *Se evocarmos uma pessoa, cuja sorte nos seja desconhecida podemos saber dela mesma se ainda existe?*

"Sim, se a incerteza de sua morte não constituir uma *necessidade* ou uma prova para os que tenham interesse em sabê-lo."

23-a. *Se tiver morrido, poderá relatar as circunstâncias de sua morte, de modo que se possa verificá-lo?*

"Se ela der alguma importância a isso, poderá fazê-lo. A não ser assim, pouco se incomodará."

Observação – A experiência prova que, nesse caso, o Espírito não se acha empolgado de modo algum pelos motivos do interesse que os vivos possam ter de conhecerem as circunstâncias em que se verificou a sua morte. Se quiser revelá-las, fará tal revelação por si mesmo, quer mediunicamente, quer por meio de visões ou aparições, podendo então dar as indicações mais precisas. Caso contrário, um Espírito mistificador pode perfeitamente enganar os inquiridores e divertir-se à custa deles, induzindo-os a realizarem pesquisas inúteis.

Acontece frequentemente que o desaparecimento de uma pessoa, cuja morte não pode ser oficialmente comprovada, traz embaraço aos negócios da família. Só excepcionalmente, em casos muito raros, temos visto os Espíritos indicarem a pista da verdade, atendendo a pedidos que lhes são feitos nesse sentido. Se o quisessem, é fora de dúvida que o poderiam; porém, na maioria das vezes isso não lhes é permitido, visto que tais embaraços constituem provações para os que queiram livrar-se deles.

É, pois, uma quimera pretender alguém conseguir, por esse meio, entrar na posse de heranças, das quais o único traço positivo que lhes fica é o dinheiro despendido para tal fim. Não faltam Espíritos dispostos a alimentar semelhantes esperanças, e que não têm nenhum escrúpulo em induzir os que lhes dão crédito a se entregarem a tais pesquisas. Suas vítimas devem dar-se por muito felizes, quando daí só resulte para elas um pouco de ridículo.

293. Perguntas sobre a saúde

24. *Os Espíritos podem dar conselhos sobre a saúde?*

“A saúde é uma condição necessária para o trabalho que se deve executar na Terra, e por isso os Espíritos se ocupam de boa vontade com ela. Mas, como há ignorantes e sábios entre eles, convém que, para isso, como para qualquer outra coisa, ninguém se dirija ao primeiro que apareça.”

25. *Se nos dirigirmos ao Espírito de uma celebridade médica, poderemos estar mais certos de obter um bom conselho?*

“As celebridades terrenas não são infalíveis e, muitas vezes, alimentam ideias sistemáticas que nem sempre são justas e das quais a morte não as liberta imediatamente. A ciência terrestre é bem pouca coisa, ao lado da ciência celeste. Só os Espíritos superiores possuem esta última ciência. Mesmo sem ter nomes conhecidos para vós, eles podem saber muito mais do que os vossos sábios, sobre todas as coisas. Não é só a ciência que torna superiores os Espíritos e ficaríeis muito espantados com o lugar que alguns sábios ocupam entre nós. O Espírito de um sábio pode, pois, não saber mais do que quando estava na Terra, caso não haja progredido como Espírito.”

26. *O sábio, ao se tornar Espírito, reconhece seus erros científicos?*

“Se chegou a um grau bastante elevado, para se achar livre da sua vaidade e compreender que o seu desenvolvimento não é completo, reconhece-os e os confessa sem se envergonhar. Mas, se ainda não estiver suficientemente desmaterializado, pode conservar alguns dos preconceitos de que se achava imbuído na Terra.”

27. *Se um médico evocasse os Espíritos de seus pacientes que morreram, poderia obter esclarecimentos sobre a causa de suas mortes e sobre as faltas que haja porventura cometido no tratamento deles, aumentando assim a sua experiência?*

“Pode, e isso lhe seria muito útil, sobretudo se conseguisse a assistência de Espíritos esclarecidos, que supririam a falta de conhecimento de certos doentes. Mas, para tanto, seria preciso que ele fizesse esse estudo de modo sério, assíduo, com um fim humanitário e não como meio de adquirir saber e riqueza sem trabalho.”

294. Perguntas sobre as invenções e descobertas

28. *Os Espíritos podem guiar os homens nas pesquisas científicas e nas descobertas?*

“A ciência é obra do gênio. Só deve ser adquirida pelo trabalho, pois é somente pelo trabalho que o homem se adianta no seu caminho. Que mérito teria ele se lhe bastasse apenas interrogar os Espíritos para saber tudo? A esse preço, qualquer imbecil poderia tornar-se sábio. O mesmo se dá com as invenções e descobertas industriais. Além disso, ainda há outra consideração a fazer: cada coisa tem que vir a seu tempo e apenas quando as ideias estão maduras para a receber. Se o homem tivesse esse poder, subverteria a ordem das coisas, fazendo que os frutos brotassem antes da estação própria.

“Deus já disse ao homem: tirarás da terra o teu alimento, com o suor do teu rosto. Admirável figura, que pinta a condição em que ele se encontra nesse mundo. Tem que progredir em tudo, pelo esforço no trabalho. Se lhe dessem as coisas inteiramente prontas, para que lhe serviria a inteligência? Seria como um estudante, cujas tarefas fossem feitas por outro.”

29. *Em suas pesquisas, o sábio e o inventor nunca são assistidos pelos Espíritos?*

“Oh! isto é muito diferente. Quando chega o tempo de uma descoberta, os Espíritos encarregados de dirigir sua marcha procuram o homem capaz de levá-la a bom termo e lhe inspiram as ideias necessárias, mas de maneira a lhe deixarem todo o mérito, pois é preciso que ele elabore essas ideias e as ponha em execução. O mesmo se dá com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os Espíritos deixam cada homem na sua própria esfera; aquele que só é capaz de cavar a terra não será feito depositário dos segredos de Deus; mas sabem tirar da obscuridade aquele que seja capaz de lhes secundar os desígnios. Não vos deixeis, pois, arrastar, pela curiosidade ou pela ambição, por um caminho que não corresponda aos fins do Espiritismo e que vos conduziria às mais ridículas mistificações.”

Observação – O conhecimento mais aprofundado do Espiritismo acalmou a febre das descobertas que, no princípio, todo mundo imaginava fazer por meio dele. Houve até quem chegasse a pedir aos Espíritos receitas para tingir e fazer nascer os cabelos, curar os calos dos pés etc. Conhecemos muitas pessoas que, convencidas de que assim fariam fortuna, só conseguiram processos mais ou menos ridículos. O mesmo acontece quando se pretende, com a ajuda dos Espíritos, penetrar os mistérios da origem das coisas. Alguns deles têm seus sistemas sobre essas matérias, sistemas que não valem mais

do que os dos homens e aos quais não é prudente dar acolhida senão com a maior reserva.

295. Perguntas sobre os tesouros ocultos

30. *Os Espíritos podem fazer que se descubram tesouros ocultos?*

“Os Espíritos superiores não se ocupam com essas coisas; mas, os Espíritos zombeteiros muitas vezes indicam tesouros que não existem, ou se comprazem em apontá-los num lugar, quando se acham em lugar oposto. Isto tem a sua utilidade: mostrar que a verdadeira riqueza está no trabalho. Se a Providência destina tesouros ocultos a alguém, esse os achará naturalmente; de outra forma, não.”

31. *Que se deve pensar da crença nos Espíritos guardiães de tesouros ocultos?*

“Os Espíritos que ainda não estão desmaterializados se apegam às coisas. Avarentos, que esconderam seus tesouros, podem ainda, depois de mortos, vigiá-los e guardá-los; e o temor em que vivem, de que alguém os venha arrebatar, constitui um de seus castigos, até que compreendam a inutilidade dessa atitude. Também há os Espíritos da Terra, incumbidos de dirigir as suas transformações interiores, e que, por alegoria, foram transformados em guardas das riquezas naturais.”

Observação – A questão dos tesouros ocultos está na mesma categoria da questão das heranças desconhecidas. Bem louco seria aquele que contasse com as pretensas revelações que lhe possam ser feitas pelos gaiatos do mundo invisível. Já dissemos que, quando os Espíritos querem ou podem fazer semelhantes revelações, eles as fazem espontaneamente, sem precisarem de médiuns para isso. Aqui está um exemplo:

Uma senhora acabara de perder o marido, depois de trinta anos de vida conjugal, e se encontrava prestes a ser despejada do seu domicílio, sem nenhum recurso, pelos enteados, para com os quais desempenhara o papel de mãe. O seu desespero chegara ao cúmulo, quando, uma noite, o marido lhe aparece e diz a ela que o acompanhe ao seu gabinete. Lá ele lhe mostra a secretária, que ainda estava selada com os selos judiciais e, por um efeito de dupla vista, lhe faz ver o interior, indicando-lhe uma gaveta secreta que ela não conhecia e cujo mecanismo lhe explica, acrescentando: Previ o que está acontecendo e quis assegurar a tua sorte; nessa gaveta estão as minhas últimas disposições. Deixei-te o usufruto desta casa e uma renda de...; depois desapareceu. No dia em que foram retirados os selos, ninguém pôde abrir a gaveta. A senhora, então, narrou o que lhe acontecera. Abriu-a, de acordo com as indicações do marido, e lá estava o testamento, conforme lhe fora anunciado.

296. Perguntas sobre outros mundos

32. *Qual o grau de confiança que podemos ter nas descrições que os Espíritos fazem dos diferentes mundos?*

“Depende do grau de adiantamento *real* dos Espíritos que dão essas descrições, pois bem deveis compreender que Espíritos vulgares são tão incapazes de vos informarem a esse respeito, quanto o seria um ignorante, entre vós, para vos descrever todos os países da Terra. Muitas vezes, formulais questões científicas sobre esses mundos, que tais Espíritos não podem resolver. Se estiverem de boa-fé, falarão disso de acordo com suas ideias pessoais; se forem Espíritos levianos, divertir-se-ão em vos dar descrições estranhas e fantásticas, considerando-se que, na erraticidade, esses Espíritos são providos de tanta imaginação como na Terra, tirando dessa faculdade a narração de muitas coisas que nada têm de real. Entretanto, não julgueis absolutamente impossível obterdes alguns esclarecimentos sobre outros mundos. Os Espíritos bons se comprazem mesmo em vos descrever os orbes que eles habitam, a fim de vos servir de ensino, tendo em vista o vosso melhoramento, e para vos estimular a seguir o caminho que vos conduzirá a esses mundos. É um meio de vos fixarem as ideias sobre o futuro e não vos deixarem na incerteza.”

32-a. *Como podemos controlar a exatidão dessas descrições?*

“O melhor controle é a concordância que possa haver entre elas. Lembrai-vos, porém, de que semelhantes descrições têm por fim o vosso melhoramento moral e que, por conseguinte, é sobre o estado moral dos habitantes dos outros mundos que podeis ser mais bem informados, e não sobre o estado físico ou geológico desses globos. Com os vossos conhecimentos atuais, não podereis mesmo compreendê-lo; semelhante estudo de nada serviria para o vosso progresso na Terra, sem falar que tereis toda a possibilidade de fazê-lo quando estiverdes em tais mundos.”

Observação – As questões sobre a constituição física e os elementos astronômicos dos mundos pertencem ao campo das pesquisas científicas, das quais os Espíritos não nos podem poupar. A não ser assim, um astrônomo acharia muito cômodo pedir aos Espíritos que fizessem os seus cálculos, mas tendo o cuidado, é claro, de não o confessar mais tarde. Se os Espíritos pudessem, por meio da revelação, evitar o trabalho de uma descoberta, é provável que o fizessem em favor de um sábio bastante modesto para proclamar abertamente o meio pelo qual o alcançara, e não em proveito dos orgulhosos, que os renegam, e aos quais, pelo contrário, muitas vezes reservam as decepções do amor-próprio.

CAPÍTULO XXVII

Contradições e Mistificações

- Contradições
- Mistificações

Contradições

297. Os adversários do Espiritismo não deixam de objetar que seus adeptos não concordam entre si; que nem todos partilham das mesmas crenças; numa palavra: que se contradizem. Se o ensino vos é dado pelos Espíritos, dizem eles, por que não se apresenta idêntico? Só um estudo sério e aprofundado da ciência espírita pode reduzir estes argumentos ao seu justo valor.

Apressemo-nos em dizer desde logo que essas contradições, de que algumas pessoas fazem grande alarde, são, em regra, mais aparentes do que reais; que elas quase sempre existem mais na superfície do que no fundo mesmo das coisas e que, por conseguinte, não têm importância. As contradições provêm de duas fontes: dos homens e dos Espíritos.

298. As contradições de origem humana já foram suficientemente explicadas no capítulo referente aos “Sistemas”, item 36, ao qual remetemos o leitor. Todos compreenderão que, no princípio, quando as observações ainda eram incompletas, hajam surgido opiniões divergentes sobre as causas e as consequências dos fenômenos espíritas. Dessas opiniões, três quartas partes já caíram diante de um estudo mais sério e mais aprofundado. Com poucas exceções e postas de lado certas pessoas que não se livram facilmente das ideias que acalentaram ou engendraram, pode-se dizer que hoje há unidade de vistas na imensa maioria dos espíritas, ao menos quanto aos princípios gerais, à exceção, talvez, de alguns detalhes insignificantes.

299. Para se compreenderem a causa e o valor das contradições de origem espírita, é preciso que se esteja identificado com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado sob todos os aspectos. À primeira vista, pode parecer estranho que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira; entretanto, isso não pode surpreender a quem quer que se haja convencido do número infinito de degraus

que eles têm de percorrer antes de chegarem ao alto da escala. Supor que todos apreciassem as coisas do mesmo modo seria imaginá-los todos no mesmo nível; pensar que todos devam ver com justeza seria admitir que todos já chegaram à perfeição, o que não é exato nem poderia ser, desde que se considere que eles nada mais são do que a Humanidade despida do invólucro corpóreo. Como podem manifestar-se Espíritos de todos os graus, resulta que suas comunicações trazem a marca da ignorância ou do saber, da inferioridade ou da superioridade moral que já alcançaram. Para distinguir o verdadeiro do falso e o bom do mau é que devem servir as instruções que temos dado.

Não se deve esquecer que, entre os Espíritos, do mesmo modo que entre os homens, há pseudossábios e semissábios, orgulhosos, presunçosos e sistemáticos. Como o conhecimento de tudo é prerrogativa dos Espíritos perfeitos, para os demais Espíritos, como para nós, há mistérios que eles explicam à sua maneira, segundo suas ideias, e a cujo respeito podem formar opiniões mais ou menos exatas, ideias que, por amor-próprio, querem fazer que prevaleçam e que sejam reproduzidas em suas comunicações. O erro está na conduta de alguns de seus intérpretes, adotando muito levianamente opiniões contrárias ao bom senso e se fazendo propagadores de tais ideias. Assim, as contradições de origem espírita não resultam de outra causa, senão da diversidade quanto à inteligência, aos conhecimentos, ao juízo e à moralidade de alguns Espíritos, que ainda não estão aptos a tudo conhecerem, nem a tudo compreenderem. (Veja-se *O Livro dos Espíritos*, “Introdução”, § XIII; “Conclusão”, § IX.)

300. Para que serve o ensino dos Espíritos, dirão algumas pessoas, se não nos oferece mais certeza do que o ensino humano? A resposta é fácil. Não aceitamos com igual confiança o ensino de todos os homens e, entre duas doutrinas, preferimos aquela cujo autor nos parece mais esclarecido, mais capaz, mais judicioso, menos acessível às paixões. Assim se deve proceder com os Espíritos. Se entre eles há os que não estão acima da Humanidade, muitos também a ultrapassaram e estes nos podem dar instruções que em vão buscaríamos com os homens mais instruídos. Devemos nos aplicar em distingui-los da turba dos Espíritos inferiores, caso queiramos nos esclarecer. O conhecimento aprofundado do Espiritismo nos leva a fazer essa distinção. Porém, mesmo essas instruções têm um limite, pois, se nem os Espíritos sabem todas as coisas, como pretender que assim não suceda com os homens? Há coisas, portanto, sobre as quais será inútil interrogar os Espíritos, ou porque lhes

seja proibido revelá-las, ou porque eles próprios as ignoram, só podendo nos dar a sua opinião pessoal. Ora, são justamente essas opiniões pessoais que os Espíritos orgulhosos apresentam como verdades absolutas. É sobretudo a respeito do que deve permanecer oculto, como o futuro e o princípio das coisas, que eles mais insistem, a fim de darem a impressão de que se acham de posse dos segredos de Deus. Por isso mesmo, é sobre esses pontos que existem mais contradições. (Veja-se o capítulo precedente.)

301. Eis as respostas que os Espíritos deram às perguntas feitas acerca das contradições:

1. *Comunicando-se em dois centros diferentes, o mesmo Espírito pode dar em cada um deles, sobre o mesmo ponto, respostas contraditórias?*

"Se as opiniões e as ideias não forem as mesmas nos dois centros, as respostas poderão chegar-lhes desfiguradas, já que eles se acham sob a influência de diferentes falanges de Espíritos. Não é a resposta que é contraditória, mas a maneira por que é dada."

2. *Compreende-se que uma resposta possa ser alterada. Mas, quando as qualidades do médium excluem toda ideia de má influência, como se explica que Espíritos superiores usem de linguagens diferentes e contraditórias sobre o mesmo assunto, para com pessoas perfeitamente sérias?*

"Os Espíritos realmente superiores jamais se contradizem e a linguagem de que usam é sempre a mesma, *com as mesmas pessoas*. Pode, entretanto, diferir, de acordo com as pessoas e os lugares. Deve-se, porém, estar atento ao fato de que a contradição, muitas vezes, é apenas aparente; está mais nas palavras do que nas ideias, bastando que alguém reflita para verificar que a ideia fundamental é a mesma. Além disso, o mesmo Espírito pode responder diferentemente sobre a mesma questão, conforme o grau de perfeição dos que o evocam, pois nem sempre convém que todos recebam a mesma resposta, por não estarem todos igualmente adiantados. É exatamente como se uma criança e um sábio te fizessem a mesma pergunta. Por certo, responderias a cada um de modo que te compreendessem e ficassem satisfeitos. As respostas, nesse caso, embora diferentes, seriam fundamentalmente as mesmas."

3. *Com que fim Espíritos sérios parecem aceitar, junto de certas pessoas, ideias e preconceitos que combatem junto de outras?*

"É preciso que nos entendamos. Se alguém tem uma convicção bem

firmada sobre uma doutrina, ainda que falsa, devemos afastá-lo dessa convicção, mas pouco a pouco. É por isso que muitas vezes nos servimos de *seus termos* e aparentamos concordar com suas ideias, a fim de que não fique de súbito ofuscado e não deixe de se instruir conosco.

"Aliás, não se deve atacar bruscamente os preconceitos, pois esse seria o meio de não se ser ouvido. É também a razão que pode levar os Espíritos a falarem de acordo com a opinião dos que os ouvem, de modo a trazê-los pouco a pouco à verdade. Os Espíritos apropriam sua linguagem às pessoas, como tu mesmo farás, se fores um orador mais ou menos hábil. É por isso que eles não falam a um chinês, ou a um muçulmano, como falarão a um francês, ou a um cristão, pois, com certeza, serão repelidos.

"Não se deve tomar como contradição o que geralmente é apenas uma fase da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm a sua tarefa designada por Deus, desempenhando-a dentro das condições que julgam convenientes para beneficiar as pessoas que lhes recebem as comunicações."

4. *As contradições, mesmo aparentes, podem lançar dúvidas no espírito de algumas pessoas. Que controle podemos empregar para conhecer a verdade?*

"Para se discernir o erro da verdade, é preciso que as respostas sejam aprofundadas e meditadas por longo tempo e com seriedade. É um estudo completo a fazer-se. Para isso, é preciso tempo, como para estudar todas as coisas.

"Estudai, comparai, aprofundai. Temos dito incessantemente que o conhecimento da verdade só se obtém a esse preço. Como quereis chegar à verdade, interpretando tudo segundo as vossas ideias acanhadas, que tomais por grandes ideias? Não está longe, porém, o dia em que o ensino dos Espíritos será uniforme em toda parte, tanto nos detalhes, como nos pontos principais. A missão deles é destruir o erro, mas isso só se consegue gradativamente."

5. *Há pessoas que não têm tempo, nem a aptidão necessária para um estudo sério e aprofundado e que aceitam sem exame aquilo que lhes ensinam. Não haverá para elas inconveniente de acreditar em erros?*

"O essencial é que pratiquem o bem e não façam o mal. Para isso, não há duas doutrinas. O bem é sempre o bem, quer o façais em nome de Alá, quer em nome de Jeová, visto que existe um só Deus para o Universo inteiro."

6. *Como é que Espíritos, que parecem desenvolvidos em inteligência,*

podem ter ideias evidentemente falsas sobre certas coisas?

"É que têm suas doutrinas. Os que não são bastante adiantados, mas julgam que o são, tomam suas ideias pela própria verdade. Tal como acontece entre vós."

7. *Que se deve pensar de doutrinas segundo as quais um só Espírito poderia comunicar-se e que esse Espírito seria Deus ou Jesus?*

"O Espírito que ensina isto é um Espírito que deseja dominar; por isso, procura fazer crer que é o único a comunicar-se. Mas o infeliz que ousa tomar o nome de Deus expiará duramente o seu orgulho. Quanto a essas doutrinas, elas se refutam por si mesmas, porque estão em contradição com os fatos mais bem averiguados. Não merecem exame sério; faltam-lhe raízes.

"A razão vos diz que o bem procede de uma boa fonte e o mal de uma fonte má. Por que haveríeis de querer que uma boa árvore desse maus frutos? Já colhestes uvas em macieiras? A diversidade das comunicações é a prova mais evidente da diversidade de sua origem. Aliás, os Espíritos que pretendem ser eles os únicos que podem comunicar-se se esquecem de dizer por que razão os outros não o podem fazer. A pretensão que manifestam é a negação do que o Espiritismo tem de mais belo e de mais consolador: as relações do mundo visível com o mundo invisível, dos homens com os seres que lhes são caros e que assim estariam perdidos para eles, sem remissão. São essas relações que identificam o homem com o seu futuro, que o desprendem do mundo material. Suprimi-las é mergulhá-lo de novo na dúvida, que constitui o seu tormento; é alimentar-lhe o egoísmo. Examinando-se com cuidado a doutrina de tais Espíritos, nela se descobrirão a cada passo contradições injustificáveis, marcas da ignorância deles sobre as coisas mais evidentes e, por conseguinte, sinais certos da sua inferioridade."

O Espírito de Verdade

8. *De todas as contradições que se notam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais surpreendentes é a que diz respeito à reencarnação. Se a reencarnação é uma necessidade da vida do Espírito, como se explica que nem todos os Espíritos a ensinem?*

"Não sabeis que há Espíritos cujas ideias se acham limitadas ao presente, como se dá com muitos homens na Terra? Julgam que a situação em que se encontram haverá de durar sempre; nada veem além do círculo de suas

percepções e não se preocupam em saber de onde vêm, nem para onde vão e, no entanto, devem sofrer a ação da lei da necessidade. A reencarnação é, para eles, uma necessidade, na qual não pensam, senão quando ela lhes chega. Sabem que o Espírito progride, mas de que maneira? Para eles isso é um problema. Então, se os interrogardes a respeito, falar-vos-ão dos sete céus superpostos como andares. Alguns vos falarão até mesmo da esfera do fogo, da esfera das estrelas, da cidade das flores, da cidade dos eleitos."

9. *Concebemos que os Espíritos pouco adiantados possam não compreender esta questão; mas, então, como é que Espíritos de uma inferioridade moral e intelectual notória falam espontaneamente de suas diferentes existências e do desejo que têm de reencarnar para resgatarem o passado?*

"No mundo dos Espíritos se passam coisas bem difíceis de compreenderdes. Não tendes entre vós pessoas muito ignorantes sobre certos assuntos e esclarecidas acerca de outros? Pessoas que têm mais juízo do que instrução e outras que têm mais espírito do que juízo? Não sabeis também que alguns Espíritos se comprazem em manter os homens na ignorância, aparentando instruí-los, e que aproveitam da facilidade com que suas palavras são acreditadas? Podem seduzir os que não descem ao fundo das coisas; mas, quando pressionados pelo raciocínio, não sustentam o papel por muito tempo.

"É preciso, além disso, que se leve em conta a prudência com que, em geral, os Espíritos se comportam na divulgação da verdade: uma luz muito viva e súbita demais apenas ofusca, sem esclarecer. Eles podem, pois, em certos casos, julgar conveniente não a espalharem senão gradativamente, de acordo com os tempos, os lugares e as pessoas. Moisés não ensinou tudo o que o Cristo ensinara, e o próprio Cristo disse muitas coisas cuja compreensão estava reservada às gerações futuras. Falais da reencarnação e vos admirais de que este princípio não tenha sido ensinado em alguns países. Lembrai-vos, porém, de que num país onde o preconceito da cor impera soberanamente, onde a escravidão arraigou-se nos costumes, o Espiritismo seria repelido só por proclamar a reencarnação, pois a ideia de que o senhor viesse a tornar-se escravo e vice-versa teria parecido monstruosa. Não seria melhor divulgar primeiro os princípios gerais, deixando para tirar mais tarde as suas consequências? Oh, homens! como é curta a vossa vista, para apreciar os desígnios de Deus! Sabei que nada se faz sem a sua permissão e sem um fim, que quase nunca podeis penetrar. Tenho-vos dito que a unidade se fará na crença espírita; ficai certos de que assim será e que

as dissidências, já menos profundas, se apagarão pouco a pouco, à medida que os homens se esclarecerem, acabando por desaparecer completamente. Essa é a vontade de Deus, contra a qual não pode prevalecer o erro.”

O Espírito de Verdade

10. *As doutrinas errôneas, que certos Espíritos podem ensinar, não têm por efeito retardar o progresso da verdadeira ciência?*

“Desejais obter tudo sem trabalho. Sabei, pois, que não há campo onde não cresçam as ervas más, cuja extirpação cabe ao lavrador. Essas doutrinas errôneas são uma consequência da inferioridade do vosso mundo. Se os homens fossem perfeitos, só aceitariam o que é verdadeiro. Os erros são como as pedras falsas, que só um olhar experiente pode distinguir. Precisais, portanto, de um aprendizado, para distinguirdes o verdadeiro do falso. Pois bem! as falsas doutrinas têm a utilidade de vos exercitarem em fazerdes a distinção entre o erro e a verdade.”

10-a. *Os que adotam o erro não retardam o seu adiantamento?*

“Se adotam o erro, é que não estão bastante adiantados para compreender a verdade.”

302. *Enquanto não se faz a unidade doutrinária, cada um julga ter a verdade consigo, sustentando como verdadeiro apenas o que sabe, ilusão que os Espíritos enganadores não deixam de alimentar. Assim sendo, em que poderá apoiar-se o homem imparcial e desinteressado para formar um juízo?*

“A mais pura luz não pode ser obscurecida por nuvem alguma. O diamante sem jaça é o que tem mais valor. Julgai, pois, os Espíritos pela pureza dos seus ensinos. A unidade se fará do lado em que o bem jamais esteve misturado ao mal; é desse lado que os homens se unirão pela própria força das coisas, pois julgarão que é aí que está a verdade. Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e haverão de unir-vos num pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem. Quaisquer que sejam o modo de progressão que se imagine para as almas, o objetivo final é um só e a maneira de atingi-lo também é o mesmo: fazer o bem. Ora, não há duas maneiras de fazê-lo. Se surgirem dissidências capitais, quanto ao próprio fundamento da doutrina, dispondes de uma regra certa para as apreciar, esta: a melhor doutrina é a que melhor satisfaz ao coração e à razão, e a que dispõe de mais elementos para levar o homem ao bem. Essa, eu vos asseguro, é a que prevalecerá.”

O Espírito de Verdade

Observação – As contradições que se notam nas comunicações espíritas podem resultar das seguintes causas: ignorância de certos Espíritos; embuste de Espíritos inferiores que, por malícia ou maldade, dizem o contrário do que o Espírito falou em outro lugar, cujo nome eles usurpam; vontade do próprio Espírito, que fala conforme os tempos, os lugares e as pessoas, e que pode julgar conveniente não dizer tudo a toda a gente; insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas do mundo incorpóreo; insuficiência dos meios de comunicação, que nem sempre permitem ao Espírito expressar todo o seu pensamento; enfim, resulta da interpretação que cada um pode dar a uma palavra ou a uma explicação, segundo suas ideias, seus preconceitos, ou o ponto de vista sob o qual considere o assunto. Só o estudo, a observação, a experiência e a ausência de todo sentimento de amor-próprio podem ensinar a distinguir estes diversos matizes.

Mistificações

303. Se é desagradável ser enganado, pior ainda é ser mistificado. Aliás, esse é um dos inconvenientes mais fáceis de nos preservarmos. Os meios de se frustrarem as armadilhas dos Espíritos enganadores já foram expostos nas instruções precedentes, razão pela qual diremos pouca coisa a tal respeito. Eis as respostas que os Espíritos nos deram sobre o assunto:

1. *As mistificações constituem um dos escolhos mais desagradáveis do Espiritismo prático. Haverá algum meio de nos preservarmos deles?*

“Parece-me que podeis achar a resposta em tudo quanto vos tem sido ensinado. Certamente, há um meio simples para isso: não pedir ao Espiritismo senão o que ele possa dar. Seu fim é o melhoramento moral da Humanidade; enquanto não vos afastardes desse objetivo, jamais sereis enganados, pois não há duas maneiras de se compreender a verdadeira moral, aquela que todo homem de bom senso pode admitir.

“Os Espíritos vêm instruir e vos guiar no caminho do bem e não no das honras e das riquezas, nem vêm atender às vossas paixões mesquinhas. Se nunca lhes pedissem nada de fútil, ou que esteja fora de suas atribuições, ninguém daria acesso aos Espíritos enganadores. Conclusão: só é mistificado aquele que o merece.

“O papel dos Espíritos não consiste em vos informar sobre as coisas desse mundo, mas em vos guiar com segurança no que vos possa ser útil para o outro mundo. Quando vos falam das coisas da Terra, é que o julgam necessário, e não porque o peçais. Se vedes nos Espíritos os substitutos dos adivinhos e dos feiticeiros, então é certo que sereis enganados.

“Se os homens não tivessem senão que se dirigirem aos Espíritos para saberem de tudo, estariam privados do livre-arbítrio e fora do caminho traçado por Deus à Humanidade. O homem deve agir por si mesmo. Deus não envia os Espíritos para lhe aplainarem a estrada material da vida, mas para lhe prepararem a do futuro.”

1-a. *Mas há pessoas que nada perguntam e que, não obstante, são enganadas de modo infame por Espíritos que comparecem espontaneamente, sem serem chamados.*

“Elas nada perguntam, mas ficam contentes em ouvir, o que dá no mesmo. Se acolhessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os Espíritos levianos não as enganariam tão facilmente.”

2. *Por que Deus permite que pessoas sinceras e que aceitam o Espiritismo de boa-fé sejam enganadas? Isso não poderia ter o inconveniente de lhes abalar a crença?*

“Se isso lhes abalasse a crença, é porque a fé que possuíam não era bastante sólida. Os que renunciassem ao Espiritismo por um simples desapontamento, provariam não o haverem compreendido e não se terem apegado ao seu lado sério. Deus permite as mistificações para experimentar a perseverança dos verdadeiros adeptos e punir os que fazem do Espiritismo simples objeto de divertimento.”

O Espírito de Verdade

Observação – A astúcia dos Espíritos mistificadores ultrapassa algumas vezes tudo o que se possa imaginar. A arte com que apontam suas baterias e combinam os meios de persuasão, seria uma coisa curiosa se eles nunca passassem dos simples gracejos; porém, as mistificações podem ter consequências desagradáveis para os que não tomem suas precauções. Sentimo-nos felizes por termos podido abrir *a tempo* os olhos de muitas pessoas que nos pediram conselho e por lhes havermos poupado ações ridículas e comprometedoras. Entre os meios que esses Espíritos empregam, devem colocar-se na primeira linha, como sendo os mais frequentes, os que têm por fim tentar a cobiça, como a revelação de pretensos tesouros ocultos, o anúncio de heranças ou outras fontes de riquezas. Devem, além disso, considerar-se suspeitas, logo à primeira vista, as predições com época determinada, assim como todas as indicações precisas, relativas a interesses materiais. Toda cautela é pouca quanto aos passos prescritos ou aconselhados pelos Espíritos, quando os fins não forem eminentemente racionais. Que ninguém jamais se deixe deslumbrar pelos nomes que os Espíritos tomam para dar aparência de verdade às suas palavras; que desconfie das teorias e sistemas científicos ousados e, enfim, de tudo o que se afaste do objetivo moral das manifestações. Encheríamos um volume dos mais curiosos com a história de todas as mistificações que já chegaram ao nosso conhecimento.

CAPÍTULO XXVIII

Charlatanismo e Embuste

• Médiuns interesseiros

• Fraudes espíritas

Médiuns interesseiros

304. Como tudo pode tornar-se objeto de exploração, não haveria nada de estranho em que se quisesse também explorar os Espíritos. Resta saber como eles receberiam isso, caso tal especulação viesse a ser tentada. Diremos desde logo que nada se prestaria melhor ao charlatanismo e ao embuste do que semelhante ofício. Se já se conhecem tantos falsos sonâmbulos, muitos mais numerosos seriam os falsos médiuns e este simples fato seria suficiente para termos justificados motivos de desconfiança. O desinteresse, ao contrário, é a resposta mais decisiva que se pode dar aos que só veem nos fenômenos uma hábil manobra. Não há charlatanismo desinteressado. Qual seria, pois, o objetivo dos que usassem de embuste sem proveito, sobretudo quando a honorabilidade os colocasse acima de qualquer suspeita?

Se o ganho que um médium possa tirar da sua faculdade constitui motivo de suspeição, jamais essa circunstância constituirá, por si só, uma prova de que tal suspeição seja fundamentada. Ele poderia ter uma faculdade real e agir de boa-fé, mesmo fazendo-se retribuir. Vejamos se é possível esperar-se, nesse caso, algum resultado satisfatório.

305. Quem haja compreendido perfeitamente o que dissemos das condições necessárias para que uma pessoa sirva de intérprete dos Espíritos bons, das múltiplas causas que os podem afastar, da circunstância que, independentemente da vontade deles, possa impedi-los de comparecer, enfim, de todas as condições *morais* capazes de exercer influência sobre a natureza das comunicações, como poderia supor que um Espírito, por menos elevado que fosse, estivesse todas as horas do dia às ordens de um empresário de sessão e submisso às suas exigências, para satisfazer à curiosidade do primeiro que aparecesse?

Sabe-se da aversão dos Espíritos a tudo o que cheira a cobiça e a egoísmo, o

pouco caso que fazem das coisas materiais; como, então, admitir-se que se prestem a ajudar quem queira traficar com a presença deles? Repugna pensar isso e seria preciso conhecer muito pouco a natureza do mundo espiritual para acreditar-se que tal coisa seja possível. Como, porém, os Espíritos levianos são menos escrupulosos e só procuram ocasião para se divertirem à nossa custa, segue-se que, quando não se seja mistificado por um falso médium, tem-se toda a probabilidade de o ser por alguns de tais Espíritos. Só estas reflexões já permitem que se veja o grau de confiança que se deve dispensar às comunicações deste gênero. Além disso, para que serviriam hoje médiuns pagos, visto que qualquer pessoa, mesmo sem possuir faculdade mediúnica, pode dispô-la em algum membro da sua família, entre seus amigos ou no círculo de suas relações mais íntimas?

306. Médiuns interesseiros não são apenas os que podem exigir uma retribuição fixa. Nem sempre o interesse se traduz pela expectativa de um ganho material, mas também pelas ambições de toda sorte, sobre as quais se apoiem esperanças pessoais. É esse um dos defeitos de que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem tirar partido e de que se aproveitam com uma habilidade e uma astúcia verdadeiramente notáveis, embalando em enganosas ilusões os que se colocam sob a dependência deles. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade concedida para o bem e os Espíritos bons se afastam de quem pretenda fazer dela um trampolim para chegar ao que quer que seja, que não corresponda aos desígnios da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os Espíritos bons o combatem, não sendo lícito supor que eles o venham servir. Isto é tão racional que seria inútil insistir mais sobre este ponto.

307. Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria, já que tais efeitos geralmente são produzidos por Espíritos inferiores, menos escrupulosos. Não dizemos que tais Espíritos sejam por isso necessariamente maus. Pode-se ser um simples carregador e ao mesmo tempo homem muito honesto. Um médium dessa categoria, que quisesse explorar a sua faculdade, encontraria talvez muitos Espíritos que o assistissem sem muita repugnância. Mas, ainda aí, se apresenta outro inconveniente. O médium de efeitos físicos, do mesmo modo que o de comunicações inteligentes, não recebeu a faculdade que possui para empregá-la como bem o desejar. Ela lhe foi dada sob a condição de usá-la convenientemente; se, portanto, há abuso por parte do médium, ela lhe pode ser retirada ou causar-lhe prejuízo, porque, afinal de contas, os Espíritos inferiores estão subordinados aos Espíritos superiores.

Os Espíritos inferiores gostam muito de mistificar, mas não gostam de ser mistificados. Se se prestam de boa vontade ao gracejo, às coisas de mera curiosidade, porque gostam de se divertir, também é certo que, como os outros, não gostam de ser explorados, nem de servir de comparsas para que a receita aumente, provando a todo instante que têm vontade própria e agindo quando e como bem lhes parece, o que torna os médiuns de efeitos físicos ainda menos seguros da regularidade das manifestações, do que o médium escrevente. Pretender produzi-los em dias e horas determinados seria dar prova da mais profunda ignorância. Que fará ele então para ganhar seu dinheiro? Simular os fenômenos. É o que pode acontecer não só com os que disso façam um ofício declarado, como igualmente com as pessoas aparentemente simples, que acham mais fácil e mais cômodo esse meio de ganhar a vida, do que trabalhando. Já que o Espírito não dá coisa alguma, supre-se a sua falta: a imaginação é tão fecunda quando se trata de ganhar dinheiro! Constituindo um motivo legítimo de suspeição, o interesse dá direito a rigoroso exame, com o qual ninguém poderá ofender-se, sem justificar as suspeitas. Mas essas suspeitas são tão legítimas neste caso, quanto ofensivas em se tratando de pessoas honradas e desinteressadas.

308. A faculdade mediúnica, mesmo restrita às manifestações físicas, não foi dada ao homem para exibi-la nos teatros de feira e quem quer que pretenda ter os Espíritos às suas ordens para os exibir em público, pode, com justa razão, ser suspeito de charlatanismo ou da prática mais ou menos hábil de prestidigitação. Que se lembrem disso todas as vezes que apareçam anúncios de pretensas sessões de *Espiritismo*, ou de *Espiritualismo*, a tanto por cabeça, bem como do direito que o assistente adquire ao comprar a entrada.

De tudo o que foi dito, concluímos que o mais absoluto desinteresse é a melhor garantia contra o charlatanismo. Se ele nem sempre assegura a excelência das comunicações inteligentes, retira, por outro lado, um poderoso meio de ação aos Espíritos maus e fecha a boca de certos detratores.

309. Resta o que se poderia chamar as artimanhas do amador, isto é, as fraudes inocentes de alguns gracejadores. Podem sem dúvida ser praticadas como passatempo em reuniões frívolas e levianas; nunca, porém, em assembleias sérias, onde só se admitam pessoas sérias. Aliás, é sempre possível dar-se a si mesmo o prazer de uma mistificação momentânea; mas seria preciso que uma pessoa fosse dotada de singular paciência para representar esse papel por meses e anos e, de cada vez, durante horas seguidas. Só um interesse qualquer poderia

justificar essa perseverança, mas o interesse, repetimos, autoriza todas as suspeitas.

310. Talvez se argumente que um médium, que consagra todo o seu tempo ao público, no interesse da causa, não o pode fazer de graça, porque precisa viver. Mas é no interesse da causa, ou no *seu próprio* interesse, que ele o emprega? Não será, antes, porque vê nisso um ofício lucrativo? A tal preço, sempre haverá gente dedicada. Não tem então ao seu dispor senão essa indústria? Não nos esqueçamos de que os Espíritos, seja qual for a sua superioridade ou inferioridade, são as almas dos mortos e que, quando a moral e a religião prescrevem como um dever que se respeitem os seus restos mortais, maior é ainda a obrigação, para todos, de lhes respeitarem o Espírito.

Que diriam daquele que, para ganhar dinheiro, tirasse um corpo do túmulo e o exibisse por ser esse corpo capaz de provocar a curiosidade? Será menos desrespeitoso exibir o Espírito do que o corpo, sob o pretexto de que é curioso ver-se como age um Espírito? E note-se que o preço dos lugares será na razão direta dos truques que ele faça e do atrativo do espetáculo. Certamente, ainda que em vida tivesse sido um comediante, jamais suspeitaria que, depois de morto, encontrasse um diretor que, em proveito próprio, o fizesse representar de graça. Cumpre não esquecer, portanto, que as manifestações físicas, do mesmo modo que as manifestações inteligentes, só são permitidas por Deus para a nossa instrução.

311. Postas de lado estas considerações morais, não contestamos de modo algum a possibilidade de haver médiuns interesseiros, se bem que honrados e conscienciosos, porque há gente honesta em todas as profissões. Apenas falamos do abuso. Mas é preciso admitir, pelos motivos que expusemos, que há mais razão para o abuso entre os médiuns pagos do que entre os que, considerando uma graça a faculdade mediúnica, só a utilizam para prestar serviço.

O grau de confiança ou desconfiança que se deve dispensar a um médium pago depende, antes de tudo, da estima que inspiram seu caráter e sua moralidade, além das circunstâncias. O médium que, com um fim eminentemente sério e útil, se achasse impedido de empregar o seu tempo de outra maneira e, em consequência, se visse *exonerado*, não deve ser confundido com o médium *especulador*, com aquele que, por desígnio premeditado, faça da sua mediunidade uma indústria. Portanto, conforme o *motivo e o fim*, os Espíritos podem condenar, absolver e, até, auxiliar. Eles julgam mais a intenção

do que o fato material.

312. Não estão no mesmo caso os sonâmbulos que utilizam sua faculdade de modo lucrativo. Embora essa exploração esteja sujeita a abusos e não obstante o desinteresse constitua a maior garantia de sinceridade, a posição é diferente, tendo-se em vista que são os próprios Espíritos dos sonâmbulos que agem. Estes, por conseguinte, estão sempre à disposição deles e, na realidade, só exploram a si mesmos, já que são livres para disporem de suas pessoas como bem entenderem, ao passo que os médiuns especuladores exploram as almas dos mortos. (Veja-se o item 172, “Médiuns sonambúlicos”.)

313. Não ignoramos que a nossa severidade para com os médiuns interesseiros levanta contra nós todos os que exploram ou se veem tentados a explorar essa nova indústria, transformando-os em inimigos encarniçados nossos, sem falar dos amigos de tais médiuns que, naturalmente, lhes partilham a opinião. O nosso consolo é que os mercadores expulsos por Jesus do templo de Jerusalém também não deviam vê-lo com bons olhos. Temos igualmente contra nós os que não consideram o assunto com a mesma gravidade. Entretanto, julgamo-nos no direito de ter uma opinião e de emiti-la. Não obrigamos ninguém a adotá-la. Se a maioria a adota, é que aparentemente a acharam justa. Além disso, não vemos como se poderia provar que há menos probabilidade de se encontrarem a fraude e os abusos na especulação do que no desinteresse. Quanto a nós, se os nossos escritos têm contribuído para lançar o descrédito sobre a mediunidade interesseira, tanto na França como em outros países, acreditamos não ter sido esse um dos menores serviços que eles têm prestado ao Espiritismo *sério*.

Fraudes espíritas

314. Os que não admitem a realidade das manifestações físicas geralmente atribuem à fraude os efeitos produzidos. Baseiam-se no fato de que os prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios, para quem não lhes conhece os segredos, concluindo que os médiuns não passam de escamoteadores. Já refutamos este argumento, ou melhor, esta opinião, principalmente nos nossos artigos sobre o Sr. Home e nos números da *Revista Espírita* de janeiro e fevereiro de 1858. Aqui, pois, diremos apenas algumas palavras, antes de falarmos de coisa mais séria.

Aliás, há uma consideração que não escapará a quem quer que reflita um pouco. Existem, sem dúvida, prestidigitadores de prodigiosa habilidade, embora raros. Se todos os médiuns praticassem a escamoteação, seria preciso admitir que esta arte fez progressos inacreditáveis em pouco tempo, tornando-se subitamente muito conhecida e apresentando-se inata em pessoas que dela nem suspeitavam, e até mesmo entre as crianças.

Pelo fato de haver charlatães que recomendam drogas nas praças públicas, mesmo de haver médicos que, sem irem à praça pública, iludem a confiança dos seus clientes, seguir-se-á que todos os médiuns são charlatães e a classe médica haja perdido a consideração que merece? De haver indivíduos que vendem tintura por vinho, conclui-se que todos os negociantes de vinho são falsificadores e que não há vinho puro? Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais respeitáveis e bem se pode dizer que a fraude também tem o seu gênio. Mas a fraude visa sempre a um fim, a um interesse material qualquer; onde nada haja a ganhar, não há nenhum interesse em enganar. Foi por isso que dissemos, falando dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é o desinteresse absoluto.

315. De todos os fenômenos espíritas, os que mais se prestam à fraude são os fenômenos físicos, por motivos que convém considerar. Primeiramente, porque impressionam mais os olhos do que a inteligência, sendo, portanto, os que a prestidigitação pode imitar mais facilmente. Em segundo lugar, porque, despertando mais que os outros a curiosidade, atraem mais as multidões, sendo, por conseguinte, os mais produtivos. Sob esse duplo ponto de vista, os charlatães têm, pois, todo interesse em simular as manifestações desta espécie. Os espectadores, na sua maioria estranhos a essa arte, a ela recorrem muito mais em busca de uma distração do que de instrução séria. Ora, é sabido que se paga melhor aquilo que diverte do que aquilo que instrui. Além disso, há outro motivo não menos decisivo. Se a prestidigitação pode imitar efeitos materiais, para os quais só se precisa de habilidade, não lhe conhecemos, todavia, até o momento, o dom de improvisação, que exige uma dose incomum de inteligência, nem o dom de produzir esses belos e sublimes ditados, frequentemente tão oportunos, tão convenientes, que os Espíritos costumam dar nas suas comunicações. Isto nos faz lembrar o fato seguinte:

Certo dia, um escritor bastante conhecido veio ter conosco e nos disse que era excelente médium escrevente *intuitivo* e que se punha à disposição da Sociedade Espírita de Paris. Como temos por hábito não admitir na Sociedade

senão médiuns cujas faculdades nos são conhecidas, pedimos ao nosso visitante que primeiro nos desse provas de sua faculdade numa reunião particular. Ele realmente compareceu. Durante a reunião, vários médiuns experientes deram dissertações e respostas de notável precisão sobre questões propostas e sobre assuntos que lhes eram desconhecidos. Quando chegou a vez daquele senhor, ele escreveu algumas palavras insignificantes, disse que naquele dia estava indisposto e nunca mais o vimos. Provavelmente, achou que o papel de médium de efeitos inteligentes era mais difícil de representar do que imaginara.

316. Em todas as situações, as pessoas mais fáceis de serem enganadas são as que não pertencem ao ofício. Dá-se a mesma coisa com o Espiritismo. As que não o conhecem se deixam iludir facilmente pelas aparências, ao passo que um estudo prévio e atento as inicia não só nas causas dos fenômenos, como também nas condições normais em que eles costumam produzir-se, permitindo-lhes, assim, os meios de reconhecerem a fraude, se existir.

317. Os médiuns trapaceiros são estigmatizados, como merecem, na seguinte carta que publicamos na *Revista Espírita* do mês de agosto de 1861:

“Paris, 21 de julho de 1861

“Senhor,

“Pode-se estar em desacordo sobre certos pontos e de perfeito acordo sobre outros. Acabo de ler, na página 213 do último número do vosso jornal, algumas reflexões acerca da fraude em matéria de experiências espiritualistas (ou espíritas), às quais tenho a satisfação de me associar com todas as minhas forças. Aí, quaisquer dissidências a propósito de teorias e doutrinas desaparecem como por encanto.

“Não sou talvez tão severo quanto o sois com relação aos médiuns que, sob forma digna e decente, aceitam uma remuneração, como indenização do tempo que consagram a experiências muitas vezes longas e fatigantes. Sou, porém, tanto quanto o sois – e ninguém o seria mais – com relação aos que, em tal caso, quando se lhes oferece ocasião, suprem pelo embuste e pela fraude a falta ou a insuficiência dos resultados prometidos e esperados. (Veja-se o item 311.)

“Misturar o falso com o verdadeiro, quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos Espíritos, é simplesmente uma infâmia e haveria obliteração do senso moral no médium que julgasse poder fazê-lo sem escrúpulo. Conforme o observastes com perfeita exatidão, *é lançar a coisa em descrédito*

no espírito dos indecisos, desde que a fraude seja reconhecida. Acrescentarei que é comprometer do modo mais deplorável os homens honrados, que prestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes, que se constituem fiadores da boa-fé que neles deve existir e os patrocinam de alguma forma. É cometer para com eles uma verdadeira prevaricação.

"Todo médium que fosse apanhado em manobras fraudulentas; que fosse apanhado, para me servir de uma expressão um tanto trivial, *com a boca na botija*, mereceria ser proscrito por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para os quais constituiria rigoroso dever desmascará-los ou infamá-los.

"Se vos convier, senhor, inserir estas breves linhas no vosso jornal, ficam elas à vossa inteira disposição.

"Aceitai etc. – *Mathieu*."

318. Nem todos os fenômenos espíritas são igualmente fáceis de imitar, havendo alguns que evidentemente desafiam a habilidade da prestidigitação: tais são, notadamente, o movimento dos objetos sem contato, a suspensão dos corpos pesados no espaço, as pancadas de diferentes lados, as aparições etc., salvo o emprego dos truques e da cumplicidade. É por isso que dizemos que em tal caso é necessário observar atentamente as circunstâncias e, sobretudo, levar em conta o caráter e a posição das pessoas, o objetivo e o interesse que possam ter em enganar. Essa é a melhor de todas as fiscalizações, pois há circunstâncias que fazem desaparecer todos os motivos de suspeita. Julgamos, pois, em princípio, que se deve desconfiar de quem quer que faça desses fenômenos um espetáculo, ou objeto de curiosidade e de divertimento e que pretenda produzi-los à sua vontade e em data certa, conforme já explicamos. Nunca será demais repetir que as inteligências ocultas que se manifestam têm suas suscetibilidades e fazem questão de nos provar que também gozam de livre-arbítrio e não se submetem aos nossos caprichos. (Item 38.)

Basta que assinalemos alguns subterfúgios empregados, ou que se podem empregar em certos casos, para prevenirmos contra a fraude os observadores de boa-fé. Quanto aos que se obstinam em julgar sem aprofundarem as coisas, seria tempo perdido tentar mudar-lhes as ideias.

319. Um dos fenômenos mais comuns é o das pancadas vibradas na própria substância da madeira, com ou sem movimento da mesa, ou de outros objetos empregados. Esse efeito é um dos mais fáceis de ser imitado, seja pelo contato dos pés, seja provocando pequenos estalidos no móvel. Há, porém, um pequeno

artifício especial, que convém desvendar. Basta que uma pessoa coloque as duas mãos espalmadas sobre a mesa e tão aproximadas que as unhas dos polegares se apõem fortemente uma contra a outra; então, por meio de um movimento muscular imperceptível, provoca-se nelas um atrito que produz um ruído seco, apresentando grande analogia com o da tiptologia íntima. Esse ruído repercute na madeira e produz completa ilusão. Nada mais fácil do que fazer que se ouçam tantas pancadas quantas se queiram, o rufo do tambor etc., responder a certas perguntas, por um sim, ou por um não, por números, ou mesmo pela indicação das letras do alfabeto.

Entretanto, é muito simples descobrir a fraude, desde que se esteja prevenido. Ela se torna impossível se as mãos forem afastadas uma da outra e desde que se tenha certeza de que nenhum outro contato poderá produzir o ruído. Além disso, as pancadas reais apresentam a característica de mudarem de lugar e de timbre, à vontade, o que não acontece quando devidas à causa que assinalamos ou a qualquer outra causa semelhante. Tanto isso é verdade que as pancadas deixam a mesa para se fazerem ouvir em outro móvel, com o qual ninguém se acha em contato, nas paredes, no forro etc., e respondem a questões não previstas. (Veja-se o item 41.)

320. A escrita direta é ainda mais fácil de imitar. Sem falar dos agentes químicos bem conhecidos, para fazerem que em dado tempo a escrita apareça numa folha em branco – o que se consegue evitar com as precauções mais vulgares – pode acontecer também que alguém substitua um papel por outro, mediante hábil escamoteação. Poderia suceder, ainda, que o interessado em fraudar soubesse desviar a atenção dos outros, enquanto escreve habilmente algumas palavras. Alguém nos disse ter visto uma pessoa escrever assim com um pedaço de ponta de lápis escondido debaixo da unha.

321. O fenômeno de transporte de objetos também se presta à trapaça. Qualquer pessoa pode ser enganada facilmente por um escamoteador mais ou menos hábil, mesmo que não seja profissional do ramo. No parágrafo especial que publicamos mais atrás (item 96), os próprios Espíritos determinaram as condições excepcionais em que ele se produz, devendo-se concluir que a sua obtenção *facultativa* e *fácil* pode, no mínimo, ser tida por suspeita. A escrita direta está no mesmo caso.

322. No capítulo sobre “Médiuns Especiais”, mencionamos, de acordo com os Espíritos, as aptidões mediúnicas comuns e as que são raras. Deve-se, pois,

desconfiar dos médiuns que pretendam possuir estas últimas com muita facilidade, ou que ambicionem dispor de múltiplas faculdades, pretensão que só muito raramente se justifica.

323. As manifestações inteligentes são, conforme as circunstâncias, as que oferecem mais garantias. Entretanto, nem mesmo essas escapam à imitação, pelo menos no que se refere às comunicações banais e vulgares. Pensam alguns que estão mais seguros com os médiuns mecânicos, não só pelo que respeita à independência das ideias, como também contra os embustes. É por essa razão que certas pessoas preferem os intermediários materiais. Pois bem! Isto é um erro. A fraude se insinua por toda parte e sabemos que, com habilidade, se pode dirigir à vontade até mesmo uma cesta ou uma prancheta que escreve, com todas as aparências dos movimentos espontâneos. O que afasta todas as dúvidas são os pensamentos expressos, quer venham de um médium mecânico, quer de um médium intuitivo, audiente, falante ou vidente. Há comunicações de tal modo fora das ideias, dos conhecimentos e mesmo do alcance intelectual do médium, que só por efeito de estranha ilusão alguém poderia atribuí-las ao medianeiro. Reconhecemos que o charlatanismo dispõe de grande habilidade e vastos recursos, mas ainda não lhe descobrimos o dom de dar saber a um ignorante, nem espírito a quem não o tenha.

Em resumo, repetimos: a melhor garantia está na moralidade notória dos médiuns e na ausência de todas as causas de interesse material, ou de amor-próprio, capazes de estimular neles o exercício das faculdades mediúnicas que possuam, visto que essas mesmas causas poderiam induzi-los a simular as faculdades de que não dispõem.

CAPÍTULO XXIX

Reuniões e Sociedades Espíritas

• Reuniões em geral

• Sociedades propriamente ditas

• Assuntos de estudo

• Rivalidade entre as Sociedades

Reuniões em geral

324. As reuniões espíritas podem oferecer grandes vantagens, por permitirem que as pessoas que nelas tomam parte se esclareçam, mediante a troca de ideias, pelas perguntas e observações que façam entre si, das quais todos aproveitam. Mas, para que produzam todos os frutos desejados, requerem condições especiais que vamos examinar, pois procederia mal quem as comparasse às reuniões comuns. Aliás, sendo cada reunião um todo coletivo, o que lhe diz respeito decorre naturalmente das instruções precedentes. Como tal, com ela devemos tomar as mesmas precauções e preservá-las das mesmas dificuldades que os indivíduos isoladamente. Foi por essa razão que colocamos este capítulo em um dos últimos lugares desta obra.

As reuniões espíritas apresentam características muito diferentes, conforme o fim com que se realizam; por isso mesmo, suas condições intrínsecas devem diferir. Segundo a natureza de cada uma, podem ser *frívolas*, *experimentais* ou *instrutivas*.

325. As *reuniões frívolas* se compõem de pessoas que só veem o lado divertido das manifestações, e que se divertem com os gracejos dos Espíritos levianos. Estes as apreciam bastante e a elas não faltam, por aí gozarem de inteira liberdade para se exibirem. São nessas reuniões que se perguntam banalidades de toda sorte, que se pede aos Espíritos a predição do futuro, que se põe à prova a perspicácia deles em adivinhar as idades ou aquilo que cada um tem no bolso, em revelar pequenos segredos e mil outras coisas sem importância.

Tais reuniões não têm maiores consequências. Mas, como às vezes os Espíritos levianos são muito inteligentes e, em geral, bem humorados e joviais, ocorrem nelas, com muita frequência, fatos bastante curiosos, de que o observador atento pode tirar proveito. Aquele que só tivesse presenciado essas sessões e julgasse o mundo dos Espíritos por essa amostra, faria dele uma ideia tão falsa, como quem julgasse toda a sociedade de uma grande cidade pelos habitantes de alguns dos seus bairros. Diz o simples bom senso que os Espíritos elevados não comparecem às reuniões deste gênero, em que os espectadores não são mais sérios do que os atores. Quem queira ocupar-se com coisas fúteis deve naturalmente chamar Espíritos levianos, do mesmo modo que para divertir uma sociedade chamaria palhaços. Porém, cometeria uma profanação quem para ali convidasse entidades venerandas, porque seria misturar o sagrado com o profano.

326. As *reuniões experimentais* têm mais particularmente por finalidade a produção de manifestações físicas. Para muitas pessoas, são um espetáculo mais curioso do que instrutivo. Os incrédulos saem delas mais admirados do que convencidos, quando ainda não viram outra coisa, e se voltam inteiramente para a pesquisa de alguns artifícios, como fios ocultos etc. Como não percebem coisa alguma nesse sentido, imaginam naturalmente a existência de subterfúgios. Dá-se exatamente o contrário com os que estudaram o assunto; esses compreendem de antemão a possibilidade dos fenômenos, e os fatos positivos que observam lhes determinam ou completam a convicção. Se houver subterfúgios, eles se acharão em condições de descobri-los.

Apesar disso, as experiências desta ordem trazem uma utilidade que ninguém ousaria negar, já que foram elas que levaram à descoberta das leis que regem o mundo invisível e, para muita gente, constituem poderoso meio de convicção. Sustentamos, porém, que só por si elas são incapazes de iniciar uma pessoa na ciência espírita, do mesmo modo que a simples inspeção de um engenhoso mecanismo não torna conhecida a mecânica de quem não conheça suas leis. Contudo, se fossem dirigidas com método e prudência, dariam resultados muito melhores. Voltaremos em breve a este ponto.

327. As *reuniões instrutivas* apresentam caráter muito diverso e, como são aquelas em que se pode colher o verdadeiro ensino, insistiremos especialmente sobre as condições em que devem realizar-se.

A primeira de todas é que sejam sérias, na completa acepção da palavra. É

imperioso que todos se convençam de que os Espíritos a quem desejam dirigir-se são de natureza especialíssima; que, não podendo o sublime aliar-se ao trivial, nem o bem com o mal, quem quiser obter boas coisas precisa dirigir-se a Espíritos bons. Não basta, porém, que se evoquem Espíritos bons; é preciso, como condição expressa, que os assistentes estejam em condições propícias, para que os Espíritos bons *consintam* em vir. Ora, Espíritos superiores não comparecem a reuniões de homens levianos e superficiais, assim como jamais compareceriam quando encarnados.

Uma reunião só é verdadeiramente séria quando se ocupa de coisas úteis, com exclusão de todas as demais. Se seus integrantes aspiram a obter fenômenos extraordinários, por mera curiosidade ou passatempo, os Espíritos que os produzem podem até comparecer, mas os outros daí se afastarão. Numa palavra, qualquer que seja o caráter de uma reunião, haverá sempre Espíritos dispostos a secundar as tendências dos que a componham. Assim, pois, uma reunião séria se afasta do seu objetivo toda vez que o ensino é substituído pelo divertimento. As manifestações físicas, como dissemos, têm sua utilidade; aqueles que querem ver devem participar de reuniões experimentais e os que desejam estudar devem dirigir-se às reuniões de estudo. É assim que uns e outros poderão completar sua instrução espírita, tal como fazem os estudantes de Medicina: enquanto uns vão aos cursos, outros vão às clínicas.

328. A instrução espírita não compreende apenas o ensinamento moral que os Espíritos dão, mas também o estudo dos fatos. Abrange a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas e, como consequência, a comprovação do que é e do que não é possível; em suma, a observação de tudo o que possa contribuir para o avanço da Ciência. Ora, seria erro acreditar-se que os fatos se limitam aos fenômenos extraordinários; que só são dignos de atenção os que impressionam mais fortemente os sentidos. A cada passo os encontramos nas comunicações inteligentes, de modo que não podem ser desprezados por homens que se reúnem para estudar. Esses fatos, que seria impossível enumerar, surgem de uma porção de circunstâncias fortuitas. Embora menos admiráveis, não deixam de ser do mais alto interesse para o observador, que neles vai encontrar a confirmação de um princípio conhecido ou a revelação de um princípio novo, que o faz penetrar um pouco mais nos mistérios do mundo invisível. Isso também é filosofia.

329. Além disso, as reuniões de estudo são de grande utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, sobretudo para aqueles que desejam seriamente aperfeiçoar-se e que a elas não comparecem dominados pela tola

presunção de infalibilidade. Como já tivemos ocasião de dizer, uma das grandes dificuldades da mediunidade é a obsessão e a fascinação. Eles, pois, podem iludir-se de muita boa-fé sobre o mérito do que alcançam e facilmente se concebe que os Espíritos enganadores têm inteira liberdade de ação quando lidam com um cego. É por essa razão que afastam o seu médium de toda fiscalização; que chegam mesmo, se for preciso, a fazê-lo tomar aversão a quem quer que possa esclarecê-lo. Graças ao isolamento e à fascinação, conseguem sem dificuldade levá-lo a aceitar o que quiserem.

Nunca seria demais repetir: aí se encontra não somente uma dificuldade, mas um perigo; sim, verdadeiro perigo, dizemos. O único meio de o médium escapar a ele é a análise praticada por pessoas desinteressadas e benévolas que, apreciando as comunicações com sangue-frio e imparcialidade, lhe abram os olhos e o façam perceber o que, por si mesmo, ele não possa ver. Ora, todo médium que teme esse juízo já está no caminho da obsessão. Aquele que acredita que a luz só foi feita para ele está completamente subjugado. Se leva a mal as observações, se as repele, se se irrita ao ouvi-las, não pode haver dúvida quanto à natureza maléfica do Espírito que o assiste.

Já dissemos que o médium pode não dispor dos conhecimentos necessários para compreender seus erros; que pode deixar-se iludir por palavras retumbantes, por uma linguagem pretensiosa e ser seduzido por sofismas, tudo isso com a maior boa-fé do mundo. É por isso que, em falta de luzes próprias, deve recorrer humildemente às luzes dos outros, de acordo com estes dois provérbios: quatro olhos veem mais do que dois; e: ninguém é bom juiz em causa própria. É desse ponto de vista que as reuniões são de grande utilidade para o médium, desde que se mostre bastante sensato para ouvir os conselhos que lhe forem dados, porque ali se encontrarão pessoas mais esclarecidas do que ele e que apanharão os matizes, muitas vezes delicados, por onde o Espírito acaba por trair a sua inferioridade.

Todo médium que sinceramente não queira tornar-se instrumento da mentira deve, portanto, procurar trabalhar nas reuniões sérias, levar a elas o que obtenha em particular e aceitar agradecido, mesmo solicitar, o exame crítico das comunicações que receba. Se estiver às voltas com Espíritos enganadores, esse é o meio mais seguro de desembaraçar-se deles, provando-lhes que não o podem enganar. Aliás, o médium que se irrita com a crítica não tem razão alguma para agir assim, pois o que lhe sai da boca, ou do lápis, não vem dele, mas do Espírito comunicante. Em que, então, o seu amor-próprio seria prejudicado? O médium

não é mais responsável pelo que diz ou fala do que o seria se lesse os versos de um mau poeta.

Insistimos sobre esse ponto porque, assim como ele é um tropeço para os médiuns, também o é para as reuniões, nas quais não se deve confiar levianamente em todos os intérpretes dos Espíritos. O concurso de qualquer médium obsidiado ou fascinado lhes seria mais prejudicial do que útil, não devendo elas, portanto, aceitá-lo de modo algum. Julgamos ter exposto o assunto suficientemente, de modo a se tornar impossível aos dirigentes de uma reunião se equivocarem sobre as características da obsessão, caso o próprio médium não a puder reconhecer por si mesmo. Uma das mais evidentes é, sem dúvida, a pretensão do medianeiro de ter sempre razão, contra todos os demais integrantes do grupo. Os médiuns obsidiados, que se recusam a reconhecer que o são, se assemelham a esses doentes que se iludem sobre a própria saúde, perdendo-se por não se submeterem a um regime salutar.

330. O objetivo de uma reunião séria deve consistir em afastar os Espíritos mentirosos. Incorreria em erro, se ela se julgasse imune à ação deles, fiando-se tão só nos seus objetivos e na qualidade de seus médiuns. Tal meta não será alcançada enquanto a reunião não se achar em condições favoráveis.

A fim de compreender perfeitamente o que se passa em tais circunstâncias, rogamos ao leitor que se reporte ao que dissemos atrás, no item 231, sobre a “Influência do Meio”. Deve-se levar em conta que cada indivíduo está cercado por certo número de comparsas invisíveis, que se identificam com o seu caráter, gostos e pendores. Assim sendo, toda pessoa que entra numa reunião traz consigo Espíritos que lhe são simpáticos. Conforme o número e a natureza deles, esses comparsas podem exercer sobre a assembleia e sobre as comunicações uma influência boa ou má. Uma reunião perfeita seria aquela em que todos os seus membros, animados de igual amor pelo bem, só trouxessem consigo Espíritos bons. Em falta da perfeição, a melhor será aquela em que o bem suplante o mal. Isto é tão lógico que não precisamos insistir mais.

331. Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros, formando uma espécie de feixe. Ora, quanto mais homogêneo for esse feixe, tanto mais força terá. Se ficou bem compreendido o que foi dito no item 282, pergunta 5, sobre a maneira pela qual os Espíritos são avisados do nosso chamado, facilmente se compreenderá o poder da associação do pensamento dos assistentes. Já que o Espírito é de certo

modo alcançado pelo pensamento, como nós o somos pela voz, vinte pessoas, unindo-se com a mesma intenção, terão necessariamente mais força do que uma só; mas, a fim de que esses pensamentos concorram para o mesmo fim, é preciso que vibrem em uníssono, que se confundam, por assim dizer, em um só, o que não pode se dar sem o recolhimento.

Por outro lado, chegando a um meio que lhe seja completamente simpático, o Espírito se sentirá mais à vontade. Sabendo que só encontrará amigos, virá de boa vontade e mais disposto a responder. Quem quer que haja acompanhado com alguma atenção as manifestações espíritas inteligentes já deve ter se convencido desta verdade. Se os pensamentos forem divergentes, resultará daí um choque de ideias desagradáveis para o Espírito e, por conseguinte, prejudicial à comunicação. Acontece a mesma coisa com um homem que tenha de falar perante uma assembleia: se sente que todos os pensamentos lhes são simpáticos e benévolos, a impressão que recebe reage sobre as suas próprias ideias e lhes dá mais vivacidade. A unanimidade desse concurso exerce sobre ele uma espécie de ação magnética que decuplica seus recursos, ao passo que a indiferença e a hostilidade o perturbam e paralisam. É por isso que os aplausos arrebatam os atores. Ora, os Espíritos, muito mais impressionáveis do que os humanos, devem sofrer mais fortemente ainda a influência do meio.

Toda reunião espírita deve, pois, buscar a maior homogeneidade possível. Estamos nos referindo, naturalmente, àquelas em que se deseja chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis. Se o que se quer é apenas obter comunicações, sejam estas quais forem, sem nenhuma atenção à qualidade dos que as deem, evidentemente tais precauções se tornam desnecessárias; mas, então, ninguém deve se queixar da qualidade do produto.

332. Sendo o recolhimento e a comunhão dos pensamentos as condições essenciais de toda reunião séria, compreende-se facilmente que o número excessivo dos assistentes constitui uma das causas mais contrárias à homogeneidade. Não há, é certo, nenhum limite absoluto para esse número e bem se concebe que cem pessoas, suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições do que dez pessoas distraídas e barulhentas. Mas também é evidente que, quanto maior o número, tanto mais difícil será o preenchimento dessas condições. Aliás, é fato comprovado pela experiência que os círculos íntimos, de poucas pessoas, são sempre mais favoráveis às belas comunicações, pelos motivos que acabamos de expor.

333. Existe ainda outro ponto não menos importante: o da regularidade das reuniões. Em todas elas sempre estão presentes Espíritos a quem poderíamos chamar *frequentadores habituais*, que não devem ser confundidos com os que se encontram em toda parte e em tudo se intrometem. Estamos nos referindo aos Espíritos protetores, ou aos que são interrogados com mais frequência. Não se pense que esses Espíritos nada mais tenham a fazer, senão ouvir o que lhes queiramos dizer ou perguntar. Eles têm suas ocupações e, além disso, podem achar-se em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões se realizam em dias e horas certos, eles se preparam antecipadamente e é raro faltarem. Alguns chegam a levar a pontualidade ao excesso. Ofendem-se com o atraso de um quarto de hora e, se eles mesmos marcarem o horário da reunião, será inútil chamá-los antes desse momento.

Acrescentemos, todavia, que embora os Espíritos prefiram a regularidade, os de ordem verdadeiramente superior não se mostram tão meticulosos a esse ponto. A exigência de pontualidade rigorosa é sinal de inferioridade, como tudo o que seja pueril. É claro que eles podem comparecer mesmo fora das horas consagradas à reunião, apresentando-se de boa vontade se o fim que se tenha em vista for útil. Nada, porém, é mais prejudicial às boas comunicações do que os chamar a torto e a direito, para satisfazer a uma fantasia e, principalmente, sem motivo sério. Como não estão sujeitos aos nossos caprichos, é possível que não atendam ao nosso chamado, situação de que se aproveitam outros Espíritos para lhes tomar o lugar e os nomes.

Sociedades propriamente ditas

334. Tudo o que dissemos sobre as reuniões em geral se aplica naturalmente às sociedades regularmente constituídas, as quais, entretanto, devem lutar contra algumas dificuldades especiais, oriundas dos próprios laços existentes entre os seus membros. Resumiremos aqui alguns esclarecimentos sobre a maneira de se formarem as Sociedades Espíritas, em atenção aos inúmeros pedidos que nos têm sido feitos nesse sentido.

O Espiritismo, que mal acaba de nascer, ainda é diversamente apreciado e muito pouco compreendido na sua essência por grande número de adeptos, de modo a oferecer um laço forte que prenda entre si os membros do que se possa chamar uma Associação ou Sociedade. Esse laço só poderá existir entre os que

percebem seu objetivo moral, o compreendem e o *aplicam a si mesmos*. Entre os que nele só veem fatos mais ou menos curiosos, nenhum laço sério pode existir. Colocando os fatos acima dos princípios, uma simples divergência quanto à maneira de os considerar é suficiente para dividi-los. O mesmo já não ocorre com os primeiros, visto que, acerca da questão moral, não pode haver duas maneiras de encará-la. Tanto isso é verdade que, onde quer que eles se encontrem, uma mútua confiança os atrai uns para os outros; a recíproca benevolência que reina entre todos os integrantes de uma sociedade exclui o constrangimento e o vexame que nascem da suscetibilidade, do orgulho que se irrita à menor contradição e do egoísmo, que só cuida de seus próprios interesses.

Uma Sociedade, onde aqueles sentimentos se achassem partilhados por todos, onde os seus componentes se reunissem com o propósito de se instruírem pelos ensinos dos Espíritos, e não na expectativa de presenciarem coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer que a opinião de cada um prevalecesse, seria não só viável, mas também indissolúvel. A dificuldade, ainda grande, de reunir numerosos elementos homogêneos que atendam a esse requisito nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e para o bem da própria causa, as reuniões espíritas devem tender mais para a multiplicação de pequenos grupos do que para a constituição de grandes aglomerações. Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem desde já formar o núcleo da grande família espírita, que um dia congregará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, sancionado pela caridade cristã.

335. Já vimos como é importante a uniformidade de sentimentos para a obtenção de bons resultados. Essa uniformidade é tanto mais difícil de obter-se quanto maior for o número de pessoas. Nas pequenas reuniões, onde todos se conhecem melhor, há mais segurança quanto à eficácia dos elementos que para elas entram. O silêncio e o recolhimento são mais fáceis e tudo se passa como em família. As grandes assembleias excluem a intimidade, pela variedade dos elementos de que se compõem, exigem locais especiais, recursos pecuniários e um aparato administrativo desnecessário nos pequenos grupos. A divergência dos caracteres, das ideias, das opiniões aí se delineia melhor e oferece aos Espíritos perturbadores mais facilidade para semearem a discórdia. Quanto mais numerosa é a reunião, tanto mais difícil é se contentarem todos os presentes. Cada um quererá que os trabalhos sejam dirigidos segundo o seu modo de

entender; que sejam tratados preferentemente os assuntos que mais lhe interessam. Alguns julgam que o título de sócio lhes dá o direito de impor suas maneiras de ver. Daí as divergências, uma causa de mal-estar que acarreta, cedo ou tarde, a desunião e, depois, a dissolução, que é a sorte de todas as Sociedades, sejam quais forem os seus objetivos. Os grupos pequenos jamais se encontram sujeitos às mesmas flutuações. A queda de uma grande Sociedade seria um insucesso aparente para a causa do Espiritismo, da qual seus inimigos não deixariam de aproveitar-se. A dissolução de um pequeno grupo passa despercebida e, além disso, se um se dispersa, vinte outros se formam ao lado. Ora, vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais e farão muito mais pela propaganda do que uma assembleia de trezentos ou de quatrocentos indivíduos.

Dir-se-á, provavelmente, que os membros de uma Sociedade, que agissem da maneira que acabamos de descrever, não seriam verdadeiros espíritas, visto que a caridade e a indulgência são o principal dever que a Doutrina impõe a seus adeptos. Isto é perfeitamente justo, razão pela qual os que assim procedem são espíritas mais de nome do que de fato. Certamente não pertencem à terceira categoria. (Veja-se o item 28.) Mas quem diz que eles mereçam, ao menos, o simples qualificativo de espíritas? Aqui se apresenta uma consideração de certa gravidade.

336. Não nos esqueçamos de que o Espiritismo tem inimigos interessados em impedir a sua marcha, aos quais seus triunfos causam despeito. Os mais perigosos não são os que o atacam abertamente, mas os que agem na sombra; estes o acariciam com uma das mãos e o apunhalam com a outra. Esses seres malfazejos se insinuam por toda parte em que possam fazer o mal. Como sabem que a união é uma força, tratam de destruí-la, semeando a discórdia. Quem poderá então afirmar que, nas reuniões, as pessoas que semeiam a perturbação e a cizânia não sejam agentes provocadores, interessados na desordem? Sem dúvida alguma, não são espíritas verdadeiros, nem bons espíritas; jamais farão o bem e podem fazer muito mal. Compreende-se que têm muito mais facilidade em se infiltrarem nas reuniões numerosas do que nos núcleos pequenos. Graças a manobras escusas, que passam despercebidas, semeiam a dúvida, a desconfiança e a inimizade; sob a aparência de falso interesse pela causa, criticam tudo e formam grupinhos, que logo rompem a harmonia do conjunto; é o que querem. Com gente dessa espécie, apelar para os sentimentos de caridade e fraternidade é falar a surdos voluntários, porque o objetivo de tais criaturas é justamente destruir esses sentimentos, que constituem os maiores obstáculos às suas

manobras. Semelhante estado de coisas, desagradável em todas as Sociedades, torna-se ainda mais irritante nas associações espíritas, porque, se não ocasiona um rompimento, gera uma preocupação incompatível com o recolhimento e a atenção.

337. Mas, retrucarão, se a reunião enveredar por mau caminho, as pessoas sensatas e bem-intencionadas que a frequentam não terão o direito de crítica? Deverão, porventura, deixar que o mal passe, sem dizerem coisa alguma, e aprovar tudo pelo silêncio? De modo algum, pois esse é um direito que lhes assiste, constituindo mesmo um dever. Mas, se a intenção que as anima for realmente boa, elas emitirão suas opiniões, guardando todas as conveniências e usando de cordialidade, com franqueza e sem subterfúgios. Se não forem ouvidos, retiram-se, pois não se pode conceber que quem não esteja procedendo com segundas intenções se obstine em permanecer numa sociedade onde se façam coisas que considere inconvenientes.

Pode-se, pois, estabelecer como princípio que todo aquele que numa reunião espírita provoca desordem ou desunião, ostensivamente ou de maneira disfarçada, por quaisquer meios, é um agente provocador ou, pelo menos, um mau espírita, do qual os outros se devem desembaraçar o quanto antes. Entretanto, os próprios compromissos que ligam os componentes da reunião criam obstáculos para isso, sendo pois conveniente que se evitem os compromissos indissolúveis. Os homens de bem sempre se acham comprometidos na medida certa; já os mal-intencionados se comprometem excessivamente.

338. Além das pessoas notoriamente malévolas que se infiltram nas reuniões, existem também as que, pelo próprio caráter, levam a perturbação a toda parte aonde vão. Dessa maneira, todo cuidado é pouco na admissão de novos elementos. Os mais prejudiciais, nesse caso, não são os ignorantes da matéria, nem mesmo os que não creem. A convicção só se adquire pela experiência e há pessoas que desejam esclarecer-se de boa-fé. Aqueles, sobretudo, contra os quais devem ser tomadas maiores precauções, são os de sistemas preconcebidos, os incrédulos obstinados, que duvidam de tudo, até da evidência; os orgulhosos que, pretendendo ter o privilégio da luz infusa, procuram impor suas opiniões em toda parte e olham com desdém para os que não pensam como eles. Não vos deixeis iludir pelo pretenso desejo que manifestam de se instruírem. Encontrareis alguns que ficarão muito aborrecidos se forem constrangidos a admitir que se enganaram. Guardai-vos principalmente

desses oradores insípidos, que querem sempre dizer a última palavra, e dos que só se comprazem na contradição. Uns e outros fazem perder tempo, sem nenhum proveito para eles mesmos. Os Espíritos não gostam de palavras inúteis.

339. Diante da necessidade de evitar toda causa de perturbação e de distração, uma Sociedade Espírita deve, ao organizar-se, promover medidas que retirem dos promotores de desordem todos os meios de se tornarem prejudiciais, além de criar mecanismos que facilitem o afastamento deles. As pequenas reuniões só precisam de um regulamento disciplinar, muito simples, para a boa ordem das sessões. As sociedades regularmente constituídas exigem organização mais completa. A melhor será aquela cujo entrosamento seja menos complicado. Umas e outras poderão tirar o que lhes for aplicável, ou o que julgarem útil, do regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que damos logo adiante.

340. As Sociedades Espíritas, pequenas ou grandes, bem como todas as reuniões, seja qual for a sua importância, ainda têm de lutar contra outra dificuldade. Os causadores de perturbação não se encontram somente no meio delas, mas também no mundo invisível. Assim como há Espíritos protetores das associações, das cidades e dos povos, Espíritos malfeitores se ligam aos grupos, do mesmo modo que aos indivíduos. Investem primeiramente contra os mais fracos, contra os mais acessíveis, procurando transformá-los em seus instrumentos e aos poucos vão envolvendo as massas, já que o prazer maligno que experimentam é tanto maior, quanto maior é o número das criaturas que lhes caem sob o jugo.

Todas as vezes, pois, que num grupo uma pessoa caia na armadilha, é imperioso anunciar que há um inimigo no campo, um lobo no redil, e que todos tomem suas precauções, visto ser mais que provável a multiplicação de suas tentativas. Se enérgica resistência não o levar ao desânimo, a obsessão se tornará mal contagioso, que se manifestará nos médiuns pela perturbação da mediunidade, e nos outros pela hostilidade dos sentimentos, pela perversão do senso moral e pela perturbação da harmonia. Como a caridade é o mais poderoso antídoto contra esse veneno, este é o sentimento que eles mais procuram abafar. Não se deve, portanto, esperar que o mal se haja tornado incurável para remediá-lo, nem sequer esperar que os primeiros sintomas se manifestem; mais importante é prevenir o mal. Para isso, há dois meios eficazes, se forem bem aplicados: a prece feita de coração e o estudo atento dos menores sinais que revelam a presença de Espíritos mistificadores. O primeiro atrai os Espíritos

bons, que só assistem zelosamente os que os secundam, mediante a confiança em Deus; o outro prova aos maus que estão lidando com pessoas bastante clarividentes e bastante sensatas, para não se deixarem ludibriar. Se um dos membros do grupo for vítima da obsessão, todos os esforços devem tender, desde os primeiros indícios, para lhe abrir os olhos, a fim de que o mal não se agrave, de modo a convencê-lo de que se enganou e lhe despertar o desejo de ajudar os que procuram libertá-lo.

341. A influência do meio é consequência da natureza dos Espíritos e do modo por que atuam sobre os seres vivos. Dessa influência cada um pode deduzir, por si mesmo, as condições mais favoráveis para uma Sociedade que aspira a conquistar a simpatia dos Espíritos bons e a só obter boas comunicações, afastando as más. Essas condições dependem inteiramente das disposições morais dos assistentes e se resumem nos seguintes pontos:

– perfeita comunhão de vistas e de sentimentos;

– cordialidade recíproca entre todos os membros;

– ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;

– um único desejo: o de se instruírem e melhorarem, por meio dos ensinos dos Espíritos e do aproveitamento de seus conselhos. Quem esteja convencido de que os Espíritos superiores se manifestam com o objetivo de nos fazerem progredir, e não para nos divertirem, compreenderá que eles necessariamente se afastam dos que se limitam a lhes admirar o estilo, sem tirar nenhum proveito daí, e que só se interessam pelas sessões, de acordo com o maior ou menor atrativo que lhes oferecem, segundo os gostos particulares de cada um deles;

– exclusão de tudo o que, nas comunicações pedidas aos Espíritos, só tenha por objetivo a curiosidade;

– recolhimento e silêncio respeitosos, durante as conversações com os Espíritos;

– união de todos os assistentes, pelo pensamento, ao apelo feito aos Espíritos que sejam evocados; e

– concurso dos médiuns da assembleia, com isenção de todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia, e com o único desejo de serem úteis.

Essas condições serão tão difíceis de preencher que não se encontre quem as satisfaça? Não pensamos assim. Esperamos, ao contrário, que as reuniões

verdadeiramente sérias, como as que já se realizam em diversas localidades, se multiplicarão e não vacilamos em dizer que é graças a elas que o Espiritismo será devedor da sua mais ampla propagação. Congregando os homens honestos e conscienciosos, elas imporão silêncio à crítica e, quanto mais puras forem as suas intenções, mais respeitadas serão, mesmo pelos seus adversários. *Quando a zombaria ataca o bem, deixa de provocar o riso e se torna desprezível*. É nas reuniões desse gênero que se estabelecerão, pela própria força das coisas, laços de real simpatia e de solidariedade mútua, contribuindo para o progresso geral.

342. Seria errôneo acreditar-se que as reuniões especialmente dedicadas às manifestações físicas se achem fora desse concerto de fraternidade e que excluam toda ideia séria. Se não requerem condições tão rigorosas para serem realizadas, nem por isso se deve assistir a elas com leviandade e muito se enganará quem suponha absolutamente nulo o concurso dos assistentes nessas sessões. Tem-se a prova do contrário no fato de que, muitas vezes, as manifestações deste gênero, ainda quando provocadas por médiuns poderosos, não chegam a produzir-se em certos meios. Ou seja, há influências contrárias também nesse caso e essas influências decorrem naturalmente da divergência ou hostilidade dos sentimentos dos assistentes, paralisando os esforços dos Espíritos.

Conforme já dissemos, as manifestações físicas têm grande utilidade. Abrem campo vasto ao observador, porque é toda uma série de fenômenos estranhos, de incalculáveis consequências a se desdobrarem diante de seus olhos. Uma assembleia de objetivos muito sérios pode, pois, ocupar-se com eles, mas não logrará alcançá-los, nem como forma de estudo, nem como meio de convicção, se não se colocarem em condições favoráveis. A primeira de todas consiste, não na fé dos assistentes, mas no desejo que têm de se esclarecerem, sem intenções ocultas e sem o propósito deliberado de tudo recusarem, mesmo a evidência. A segunda é a limitação do número de assistentes, para evitar a intromissão de elementos heterogêneos. Se é certo que são Espíritos menos adiantados os que produzem as manifestações físicas, nem por isso deixam elas de apresentar um fim providencial e os Espíritos bons as favorecem, sempre que sejam capazes de dar resultados proveitosos.

Assuntos de estudo

343. Os que evocam seus parentes e amigos, ou certas personagens célebres, para lhes comparar as opiniões de além-túmulo com as que sustentavam quando vivos, ficam, não raro, embaraçados para manter com eles a conversação, sem caírem nas banalidades e futilidades. Além disso, muitas pessoas pensam que *O Livro dos Espíritos* esgotou a série das questões de moral e de filosofia. É um erro. Por isso julgamos útil indicar a fonte de onde se pode tirar assuntos de estudo, por assim dizer ilimitados.

344. Se a evocação dos homens ilustres, dos Espíritos superiores, é eminentemente proveitosa pelos ensinamentos que eles nos dão, a dos Espíritos vulgares não o é menos, embora esses Espíritos sejam incapazes de resolver as questões de grande alcance. Eles próprios revelam a sua inferioridade e, quanto menor é a distância que os separa de nós, mas os reconhecemos em situação análoga à nossa, sem levar em conta que frequentemente nos manifestam traços característicos do mais alto interesse, conforme explicamos atrás no item 281, falando da utilidade das evocações particulares. Essa é, pois, uma mina inesgotável de observações, mesmo quando o experimentador se limite a evocar aqueles cuja vida humana apresente alguma particularidade, com relação ao gênero de morte que teve, à idade, às boas e más qualidades, à posição feliz ou infeliz que lhe coube na Terra, aos hábitos, ao estado mental etc.

Com os Espíritos elevados, o campo de estudos se amplia. Além das questões psicológicas, que têm um limite, podemos propor-lhes inúmeros problemas morais, que se estendem ao infinito, sobre todas as posições da vida, sobre a melhor conduta a ser observada em tal ou qual circunstância, sobre os nossos deveres recíprocos etc. O valor da instrução que se receba, acerca de um assunto qualquer, moral, histórico, filosófico ou científico, depende inteiramente do estado do Espírito que se interroga. Compete a nós fazer o julgamento.

345. Além das evocações propriamente ditas, as comunicações espontâneas proporcionam uma infinidade de assuntos para estudos. No caso de tais comunicações, devemos apenas aguardar o assunto que o Espírito queira tratar. Nessa circunstância, vários médiuns podem trabalhar simultaneamente. Algumas vezes, poder-se-á chamar determinado Espírito. Geralmente, porém, espera-se aquele que deseje apresentar-se, o qual, na maioria das vezes, vem da maneira mais imprevista. Esses ditados servem, depois, para um sem-número de questões, cujos temas se acham assim preparados de antemão. Devem ser comentados com cuidado, para apreciação de todas as ideias que encerrem, julgando-se se eles têm o selo da verdade. Feito com severidade, esse exame,

como já dissemos, é a melhor garantia contra a intromissão dos Espíritos mistificadores. Por esse motivo, tanto quanto para a instrução de todos, será conveniente dar conhecimento das comunicações obtidas fora das sessões. Como se vê, existe aí uma fonte inesgotável de elementos eminentemente sérios e instrutivos.

346. Os trabalhos de cada sessão podem regular-se da maneira como se segue:

1º leitura das comunicações espíritas recebidas na sessão anterior, depois de passadas a limpo;

2º *assuntos diversos* – Correspondência. – Leitura das comunicações obtidas fora das sessões. – Narrativas de fatos que interessem ao Espiritismo;

3º *matéria de estudo* – Ditados espontâneos. – Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos. – Evocações;

4º *conferência* – Exame crítico e analítico das diversas comunicações. – Discussão sobre diferentes pontos da ciência espírita.

347. Os grupos recém-criados se veem, às vezes, tolhidos em seus trabalhos pela falta de médiuns. Com toda certeza, os médiuns são um dos elementos essenciais das reuniões espíritas, mas não constituem elementos indispensáveis, de modo que seria erro acreditar-se que sem eles nada se pode fazer. Certamente, os que só se reúnem com o fim de realizar experimentações não podem, sem médiuns, fazer mais do que fazem os músicos num concerto sem instrumentos. Porém, os que têm em vista o estudo sério terão mil assuntos com que se ocuparem, tão úteis e proveitosos, quanto se pudessem operar por si mesmos. Aliás, os grupos espíritas que possuem médiuns estão sujeitos, de um momento para outro, a ficar sem eles e seria lamentável que, nesse caso, julgassem não lhes caber outra coisa senão a dissolução. Os próprios Espíritos costumam, de vez em quando, levá-los a essa situação, a fim de lhes ensinarem a passar sem eles. Diremos mais: é necessário, para aproveitamento dos ensinos recebidos, que consagrem algum tempo a meditá-los.

Nem sempre as sociedades científicas têm ao seu dispor instrumentos próprios para as observações e, no entanto, não deixam de encontrar assuntos de discussão. Na falta de poetas e oradores, as sociedades literárias leem e comentam as obras dos autores antigos e modernos. As sociedades religiosas meditam as Escrituras. As sociedades espíritas devem fazer a mesma coisa, pois

tirarão grande proveito daí para seu progresso, instituindo conferências em que seja lido e comentado tudo o que diga respeito ao Espiritismo, a favor ou contra. Dessa discussão, a que cada um dará o tributo de suas reflexões, saem raios de luz que passam despercebidos numa leitura individual. Ao lado das obras especiais, os jornais pululam de fatos, de narrativas, de acontecimentos, de arroubos de virtudes ou de vícios, que levantam graves problemas morais, cuja solução só o Espiritismo pode dar. Esse é também um meio de se provar que ele se prende a todos os ramos da ordem social. Garantimos que uma sociedade espírita que organizasse o seu trabalho nesse sentido, servindo-se para isso dos materiais necessários a executá-lo, disporia de pouquíssimo tempo para se dedicar às comunicações diretas dos Espíritos. É por isso que chamamos a atenção dos grupos realmente sérios para esse ponto, isto é, dos que preferem instruir-se a encontrar nas reuniões um passatempo. (Veja-se o item 207, no capítulo “Formação dos Médiuns”.)

Rivalidade entre as Sociedades

348. Os grupos que se ocupam exclusivamente com as manifestações inteligentes e os que se entregam ao estudo das manifestações físicas têm cada um a sua missão. Nem uns, nem outros, se achariam possuídos do verdadeiro espírito do Espiritismo, se não se olhassem com bons olhos, e aquele que atirasse pedras em outro provaria, por esse simples fato, a má influência que o domina. Todos devem concorrer, embora por vias diferentes, para o objetivo comum, que é a pesquisa e a propagação da verdade. Os antagonismos não passam de efeito do orgulho superexcitado; fornecem armas aos detratores e poderão prejudicar a causa, que uns e outros pretendem defender.

349. Estas últimas reflexões se aplicam também a todos os grupos que porventura possam divergir sobre alguns pontos da Doutrina. Conforme dissemos no capítulo sobre as “Contradições”[1], essas divergências quase sempre têm por motivo questões acessórias e, muitas vezes, versam sobre simples palavras. Seria pueril, portanto, dividir-se o grupo, formando outro à parte, por não pensarem todos do mesmo modo. Seria pior ainda se os diversos grupos ou associações da mesma cidade se olhassem enciumados. Compreende-se o ciúme entre pessoas que fazem concorrência entre si e que podem causar prejuízos materiais recíprocos; mas, quando não há especulação, o ciúme nada mais é do que mesquinha rivalidade do amor-próprio. Como, afinal, não há

sociedade que possa reunir em seu seio todos os adeptos, as que se achem animadas do sincero desejo de propagar a verdade e cujo objetivo é unicamente moral, devem ver com prazer a multiplicação dos grupos e, se houver alguma concorrência entre eles, será apenas a de saber qual delas é capaz de fazer maior soma de bem. As que pretendam estar exclusivamente com a verdade terão que o provar, tomando por divisa: *amor e caridade*, que é a de todo verdadeiro espírita. Quererão prevalecer-se da superioridade dos Espíritos que os assistem? Que o provem pela superioridade dos ensinos que recebem e pela aplicação que façam deles a si mesmas. Eis um critério infalível para se distinguirem as sociedades que estejam no melhor caminho.

Alguns Espíritos, mais presunçosos do que lógicos, tentam por vezes impor sistemas estranhos e impraticáveis, por meio de nomes veneráveis com os quais se enfeitam. O bom senso acaba logo por fazer justiça a essas utopias, mas, enquanto isso não se dá, elas podem semear a dúvida e a incerteza entre os adeptos. Daí, não raro, uma causa de desavença passageira. Além dos meios que temos indicado para avaliar tais sistemas, há outro critério que dá a medida exata do seu valor: o número dos partidários que eles recrutam. Diz a razão que, de todos os sistemas, aquele que encontra maior acolhimento nas massas deve estar mais próximo da verdade do que os que são repelidos pela maioria e vê diminuírem os seus adeptos. Tende, pois, como certo que, quando os Espíritos se negam a discutir seus próprios ensinos, é porque lhes reconhecem a fraqueza.

350. Se o Espiritismo deve, conforme foi anunciado, promover a transformação da Humanidade, é claro que ele só poderá fazê-lo pelo melhoramento das massas, o que se dará gradualmente, pouco a pouco, em consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não torna melhor o homem, mais benevolente e mais indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e mais paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, se se conserva cheio de si; ao invejoso, se permanece dominado pela inveja? Assim, mesmo que todos os homens acreditassem nas manifestações dos Espíritos, ainda assim a Humanidade poderia ficar estacionária. Tais, porém, não são os desígnios de Deus. É para o objetivo providencial, portanto, que devem tender todas as Sociedades Espíritas sérias, agrupando em torno delas todos os que se achem animados dos mesmos sentimentos. Então, haverá união entre elas, simpatia e fraternidade, em vez de inútil e pueril antagonismo, nascido do amor-próprio, antagonismo mais de palavras do que de fatos; então, elas serão fortes e

poderosas, porque se apoiarão em base inabalável: o bem para todos; então, serão respeitadas e imporão silêncio à zombaria tola, porque falarão em nome da moral evangélica, que todos respeitam.

Esse é o caminho pelo qual nos temos esforçado por fazer que o Espiritismo penetre. A bandeira que desfraldamos bem alto é a do *Espiritismo cristão e humanitário*, em torno da qual já temos a ventura de ver tantos homens reunidos, em todas as partes do globo, por compreenderem que aí está a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma Nova Era para a Humanidade. Convidamos todas as Sociedades Espíritas a colaborarem nessa grande obra. Que de um extremo ao outro do mundo elas se estendam fraternalmente as mãos, aprisionando o mal em malhas inextrincáveis.

[1]**N. do T.:** Na verdade Kardec se refere ao cap. XXVII, item Contradições.

CAPÍTULO XXX

Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Fundada em 1º de abril de 1858

Autorizada por decreto do Sr. Prefeito de Polícia, em data de 13 de abril de 1858, de acordo com o aviso do Exmo. Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral.

Nota – Embora este regulamento seja fruto da experiência, não o apresentamos como lei absoluta, mas unicamente para facilitar a formação de sociedades que se queiram fundar. Os interessados aí encontrarão os dispositivos que lhes pareçam convenientes e aplicáveis às circunstâncias que lhes sejam peculiares. Se bem que bastante simples, essa organização poderá ser ainda muito mais simplificada, quando se trate, não de Sociedades regularmente constituídas, mas de simples reuniões íntimas, que apenas necessitam adotar medidas de ordem, de precaução e de regularidade nos trabalhos.

Apresentamo-lo, igualmente, para conhecimento dos que desejam manter relações com a Sociedade de Paris, seja como correspondentes, seja a título de membros da dita Sociedade.

CAPÍTULO I – Fins e formação da Sociedade

Art. 1º – A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. São proibidas nela as questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social. Ela toma por título: *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*.

Art. 2º – A Sociedade se compõe de sócios titulares, de associados livres e de sócios correspondentes. Pode conferir o título de sócio honorário a pessoas residentes na França ou no estrangeiro, que, pela sua posição ou por seus trabalhos, lhe possam prestar serviços importantes. Os sócios honorários são todos os anos submetidos à reeleição.

Art. 3º – A Sociedade só admitirá as pessoas que simpatizem com seus princípios e com o objetivo de seus trabalhos, as que já se achem iniciadas nos

princípios fundamentais da ciência espírita, ou que estejam seriamente animadas do desejo de nela se instruírem. Em consequência, exclui todo aquele que possa trazer elementos de perturbação às suas reuniões, seja por espírito de hostilidade e de oposição sistemática, seja por qualquer outra causa, fazendo, assim, que se perca o tempo em discussões inúteis. Todos os seus associados devem cultivar a mútua benevolência e o bom proceder, cumprindo-lhes, em todas as circunstâncias, colocar o bem geral acima das questões pessoais e de amor-próprio.

Art. 4º – Para ser admitido como associado livre, o pretendente deve dirigir ao Presidente um pedido por escrito, endossado por dois sócios titulares, que se tornam fiadores das intenções do postulante. O pedido deve informar sumariamente: 1º, se o requerente já possui algum conhecimento do Espiritismo; 2º, o estado de sua convicção sobre os pontos fundamentais da ciência; 3º, o compromisso de se sujeitar inteiramente ao regulamento. O pedido será submetido à comissão, que o examinará e proporá, se julgar conveniente, a admissão, o adiamento ou o indeferimento. O adiamento é de rigor, com relação a todo candidato que ainda não possua nenhum conhecimento da ciência espírita e que não simpatize com os princípios da Sociedade. Os associados livres têm o direito de assistir às sessões, de tomar parte nos trabalhos e nas discussões que tenham por finalidade o estudo, mas, em caso algum, terão voto deliberativo, no que diga respeito aos negócios da Sociedade. Os associados livres somente o serão durante o ano em que tenham sido aceitos e, para permanecerem na Sociedade, a admissão deles deve ser ratificada no fim desse primeiro ano.

Art. 5º – Para ser sócio titular é preciso que a pessoa tenha sido, pelo menos durante um ano, associado livre, tenha assistido a mais de metade das sessões e dado, durante esse tempo, provas notórias de seus conhecimentos e de suas convicções em matéria de Espiritismo, de sua adesão aos princípios da Sociedade e do desejo de proceder, em todas as circunstâncias, para com seus colegas, de acordo com os princípios da caridade e da moral espírita. Os associados livres que hajam assistido regularmente durante seis meses às sessões da Sociedade, poderão ser admitidos como sócios titulares se, além disso, preencherem as outras condições. A admissão será proposta *ex-ofício* pela comissão, com o assentimento do associado, se for, além disso, apoiado por três outros sócios titulares. Em seguida, se tiver cabimento, será votada pela Sociedade, em escrutínio secreto, após um relatório verbal da comissão. Só os sócios titulares têm voto deliberativo e gozam da faculdade concedida pelo

artigo 25.

Art. 6º – A Sociedade limitará, se julgar conveniente, o número dos associados livres e dos sócios titulares.

Art. 7º – Os sócios correspondentes são os que, não residindo em Paris, mantenham relações com a Sociedade e lhe forneçam documentos úteis a seus estudos. Podem ser nomeados por proposta de um único membro titular.

CAPÍTULO II – Administração

Art. 8º – A Sociedade é administrada por um diretor-presidente, assistido pelos membros de uma diretoria e de uma comissão.

Art. 9º – A diretoria se compõe de: 1 presidente, 1 vice-presidente, 1 secretário principal, 2 secretários adjuntos e 1 tesoureiro. Além desses, poderão ser nomeados um ou mais presidentes honorários. Na falta do presidente e do vice-presidente, as sessões serão presididas por um dos membros da comissão.

Art. 10 – O diretor-presidente deve dedicar todas as suas atenções aos interesses da Sociedade e da ciência espírita. Cabem-lhe a direção geral e a alta superintendência da administração, bem como a conservação dos arquivos. O presidente é nomeado por três anos, e os demais membros da diretoria por um ano, sendo indefinidamente reelegíveis.

Art. 11 – A comissão se compõe dos membros da diretoria e de cinco outros sócios titulares, escolhidos de preferência entre os que tiverem prestado concurso ativo aos trabalhos da Sociedade, dispensado serviços à causa do Espiritismo ou demonstrado possuir ânimo benevolente e conciliador. Estes cinco membros são, como os da diretoria, nomeados por um ano e reelegíveis. A comissão é, de direito, presidida pelo diretor-presidente ou, em falta deste, pelo vice-presidente ou por aquele de seus membros designado para esse fim. A comissão tem a seu cargo o exame prévio de todas as questões e proposições administrativas e outras que hajam de ser submetidas à Sociedade; a fiscalização das receitas e despesas da Sociedade e as contas do tesoureiro; a autorização das despesas ordinárias e a adoção de todas as medidas de ordem que julgue necessárias. Compete-lhe, além disso, examinar os trabalhos e assuntos de estudo, propostos pelos diversos sócios, formulá-los ela própria, a seu turno, e determinar a ordem das sessões, de acordo com o presidente. O presidente

poderá sempre se opor a que certos assuntos sejam tratados e postos na ordem do dia, salvo quando se recorrer da sua decisão à diretoria, que decidirá. A comissão se reunirá regularmente antes da abertura das sessões para o exame dos assuntos rotineiros e, também, sempre que julgar conveniente. Os membros da diretoria e da comissão que, sem justificativa, se ausentarem por três meses consecutivos, serão considerados como tendo renunciado às suas funções, devendo ser providenciada a sua substituição.

Art. 12 – As decisões, quer da Sociedade, quer da comissão, serão tomadas por maioria absoluta dos membros presentes. Em caso de empate, prevalecerá o voto do presidente. A comissão poderá deliberar quando estiverem presentes quatro de seus membros. O escrutínio secreto será obrigatório, desde que cinco membros o reclamem.

Art. 13 – De três em três meses, seis sócios, escolhidos entre os titulares e os associados livres, serão designados para desempenhar as funções de *comissários*. Os comissários são encarregados de velar pela ordem e regularidade das sessões e de verificar o direito de entrada de toda pessoa estranha que se apresente para a elas assistir. Para esse efeito, os sócios designados se entenderão, de modo que um deles esteja presente no início das sessões.

Art. 14 – O ano social começa em 1º de abril. As nomeações para a diretoria e para a comissão se farão na primeira sessão do mês de maio. Os membros em exercício continuarão nas suas funções até essa época.

Art. 15 – Para se proverem às despesas da Sociedade, os titulares pagarão uma cota anual de 24 francos, e os associados livres uma cota de 20 francos. Ao serem admitidos, os sócios titulares pagarão, além disso, 10 francos como joia de entrada. A cota é paga integralmente por ano corrente. Os que forem admitidos só terão que pagar, do ano em que se der a admissão, os trimestres ainda não decorridos, incluindo o trimestre em que essa admissão se verificar. Quando marido e mulher forem aceitos como associados livres, ou titulares, será exigida apenas uma cota e meia pelos dois. A cada seis meses, em 1º de abril e 1º de outubro, o tesoureiro prestará contas à Comissão do emprego e da situação dos fundos. Pagas as despesas ordinárias de aluguéis e outros gastos obrigatórios, se houver saldo a Sociedade determinará o seu emprego.

Art. 16 – Será conferido a todos os membros admitidos, associados livres ou titulares, um cartão de admissão com especificação do seu título. Esse cartão

fica com o tesoureiro, de cujo poder o novo sócio poderá retirá-lo, pagando a sua cota e a joia de entrada. O novo membro só poderá assistir às sessões depois de haver retirado o seu cartão. Não o tendo feito até um mês depois da sua admissão, será considerado demissionário, como demissionário será também considerado todo sócio que não houver pago sua cota anual no primeiro mês da renovação do ano social, apesar de avisado nesse sentido pelo tesoureiro.

CAPÍTULO III – Sessões

Art. 17 – As sessões da Sociedade se realizarão às sextas-feiras, às oito horas da noite, salvo modificação, se for necessária. As sessões serão particulares ou gerais; nunca serão públicas. Todos os que façam parte da Sociedade, sob qualquer título, devem, em cada sessão, assinar os nomes numa lista de presença.

Art. 18 – O silêncio e o recolhimento são rigorosamente exigidos durante as sessões e, principalmente, durante os estudos. Ninguém pode usar da palavra sem a ter obtido do presidente. Todas as perguntas dirigidas aos Espíritos devem ser feitas por intermédio do presidente, que poderá vetá-las, de acordo com as circunstâncias. São especialmente proibidas todas as perguntas fúteis, de interesse pessoal, de pura curiosidade, ou que tenham a finalidade de submeter os Espíritos a provas, assim como todas as que não tenham um fim geral, do ponto de vista dos estudos. São igualmente proibidas todas as discussões que possam desviar a sessão do seu objeto essencial.

Art. 19 – Todo sócio tem o direito de pedir que seja chamado à ordem aquele que se afaste das conveniências nas discussões, ou perturbe as sessões, de uma ou de outra maneira. O pedido será imediatamente votado e, caso seja aprovado, constará na ata das sessões. Três advertências no espaço de um ano acarretam a eliminação do sócio indisciplinado, seja qual for a sua categoria.

Art. 20 – Nenhuma comunicação espírita, obtida fora da Sociedade, pode ser lida, sem que antes seja submetida ao presidente ou à comissão, que podem admitir ou recusar a sua leitura. Será arquivada na Sociedade uma cópia de toda comunicação estranha, cuja leitura tenha sido autorizada. Todas as comunicações obtidas durante as sessões pertencem à Sociedade, podendo os médiuns que as receberam tirar uma cópia.

Art. 21 – As sessões particulares são reservadas aos membros da Sociedade.

Realizar-se-ão nas 1as e 3as sextas-feiras de cada mês e também na 5a quando houver. A Sociedade reserva para as sessões particulares todas as questões relativas aos negócios administrativos, assim como os assuntos de estudo que exijam mais tranquilidade e concentração, ou que ela julgue conveniente aprofundar, antes de tratá-lo em presença de pessoas estranhas. Têm direito de assistir às sessões particulares, além dos sócios titulares e dos associados livres, os sócios correspondentes, que se achem temporariamente em Paris, e os médiuns que prestem seu concurso à Sociedade. Nenhuma pessoa estranha à Sociedade será admitida às sessões particulares, salvo casos excepcionais e com a prévia anuência do presidente.

Art. 22 – As sessões gerais se realizarão nas 2as e 4as sextas-feiras de cada mês. Em tais sessões, a Sociedade autoriza a admissão de ouvintes estranhos, que poderão a elas assistir temporariamente, sem tomarem parte nos trabalhos. Cabe-lhe retirar essa autorização, quando julgar conveniente. Ninguém pode assistir às sessões como ouvinte sem ter sido apresentado ao presidente por um membro da Sociedade, de modo a garantir, como seu fiador, que o ouvinte não causará perturbação, nem interrupção da reunião. A Sociedade só admite como ouvintes as pessoas que aspirem a tornar-se seus associados, ou que simpatizem com seus trabalhos e que já estejam suficientemente iniciadas na ciência espírita para compreendê-los. A admissão deverá ser negada de modo absoluto a quem quer que deseje ser ouvinte por mera curiosidade, ou cujos sentimentos sejam hostis à Sociedade.

A palavra é interdita aos ouvintes, salvo casos excepcionais, a juízo do presidente. Aquele que, de qualquer maneira, perturbar a ordem, ou manifestar má vontade para com os trabalhos da Sociedade, poderá ser convidado a retirar-se e, em todos os casos, o fato será anotado na lista de admissão, sendo-lhe impedida a entrada no futuro. O número de ouvintes deve ser limitado aos lugares disponíveis, de modo que os que puderem assistir às sessões deverão ser inscritos previamente num registro criado para esse fim, com indicação dos endereços e das pessoas que os recomendam. Em consequência, todo pedido de entrada deve ser dirigido ao presidente, muitos dias antes da sessão, o qual expedirá os cartões de admissão até que a lista se ache esgotada. Os cartões de entrada só podem servir para o dia indicado e para as pessoas designadas. A permissão de entrada não pode ser concedida ao mesmo ouvinte por mais de duas sessões, salvo autorização do presidente e em casos excepcionais. Nenhum membro poderá apresentar mais de duas pessoas ao mesmo tempo. Não têm

limites as entradas concedidas pelo presidente. Os ouvintes não serão admitidos após a abertura da sessão.

CAPÍTULO IV – Disposições diversas

Art. 23 – Todos os membros da Sociedade lhe devem o seu concurso. Em consequência, são obrigados a colher, nos seus respectivos círculos de observações, os fatos antigos ou recentes que possam ter relação com o Espiritismo, e os comunicar. Cuidarão, ao mesmo tempo, de averiguar, tanto quanto possível, da notoriedade deles. São igualmente convidados a lhe dar conhecimento de todas as publicações que possam relacionar-se mais ou menos diretamente com o objetivo de seus trabalhos.

Art. 24 – A Sociedade submeterá a um exame crítico as diversas obras que se publiquem sobre o Espiritismo, quando julgar conveniente. Para esse fim, encarregará um de seus membros, associado livre ou titular, de lhe apresentar um relatório que será publicado, se tiver cabimento, na *Revista Espírita*.

Art. 25 – A Sociedade criará uma biblioteca especial composta de obras que lhe forem oferecidas e das que ela adquirir. Os sócios titulares poderão, na sede da Sociedade, consultar a biblioteca e os arquivos, nos dias e horas que para isso forem marcados.

Art. 26 – A Sociedade, considerando que a sua responsabilidade pode achar-se moralmente comprometida pelas publicações particulares de seus associados, determina que nenhum de seus membros poderá, em qualquer escrito, usar o título de *sócio da Sociedade*, sem estar autorizado para isso e sem que previamente ela tenha tido conhecimento do manuscrito, cabendo à comissão fazer-lhe um relatório nesse sentido. Se a Sociedade julgar que o escrito é incompatível com os seus princípios, o autor, depois de ouvido, será convidado, ou a modificá-lo, ou a renunciar à sua publicação, ou, finalmente, a não divulgá-lo com o título de membro da Sociedade. Caso ele não se submeta à decisão que for tomada, poder-se-á decidir a sua exclusão da Sociedade.

Todo escrito que um sócio publicar sob o véu do anonimato, e sem indicação alguma pela qual se possa reconhecê-lo como autor, será incluído na categoria das publicações ordinárias, cuja apreciação a Sociedade reserva para si. Todavia, sem querer impedir a livre emissão das opiniões pessoais, a Sociedade convida aqueles de seus membros que tenham a intenção de fazer publicações

desse gênero, a que previamente lhe peçam o parecer oficioso, no interesse da própria ciência.

Art. 27 – Querendo manter em seu seio a unidade de princípios e o espírito de recíproca tolerância, a Sociedade poderá decidir-se pela exclusão de qualquer de seus sócios que se constitua causa de perturbação ou se torne abertamente hostil a ela, por meio de escritos comprometedores para a Doutrina, opiniões subversivas, ou por um modo de proceder que ela não possa aprovar. A exclusão, porém, não pode ser decretada senão depois de prévio aviso oficioso, se este ficar sem efeito, e depois de ouvir o sócio acusado, se ele entender conveniente explicar-se. A decisão será tomada por escrutínio secreto e pela maioria de três quartos dos membros presentes.

Art. 28 – O sócio que se retirar voluntariamente no correr do ano não poderá reclamar a diferença das cotas que haja pago. Essa diferença, porém, será reembolsada em caso de exclusão decretada pela Sociedade.

Art. 29 – O presente regulamento poderá ser modificado, quando for conveniente. As propostas de modificação não poderão ser feitas à Sociedade, senão por intermédio de seu presidente, ao qual deverão ser transmitidas e no caso de terem sido admitidas pela comissão. A Sociedade, sem modificar o seu regulamento nos pontos essenciais, pode adotar todas as medidas complementares que lhe pareçam necessárias.[1]

[1]**N. do T.:** Tudo indica que este regulamento nunca foi modificado, pelo menos durante o tempo em que Allan Kardec esteve à frente da “Sociedade Espírita de Paris”, como ele costumava chamá-la, ou seja, até a sua desencarnação em 31 de março de 1869.

CAPÍTULO XXXI

Dissertações Espíritas

• Sobre o Espiritismo[1]

• Sobre os médiuns

• Sobre as Sociedades Espíritas

• Comunicações apócrifas

Reunimos neste capítulo alguns ditados espontâneos, que completam e confirmam os princípios contidos nesta obra. Poderíamos inseri-los em número muito maior, mas nos limitamos aos que, de modo mais particular, dizem respeito ao futuro do Espiritismo, aos médiuns e às reuniões espíritas. Oferecemo-los ao mesmo tempo como instrução e como modelos das comunicações verdadeiramente sérias. Encerramos o capítulo com algumas comunicações apócrifas, seguidas de notas apropriadas que permitem o seu reconhecimento.

Sobre o Espiritismo

I

Confiai na bondade de Deus e sede bastante clarividentes para perceberdes os preparativos da nova vida que Ele vos destina. Não vos será possível, é verdade, gozá-la nesta existência; mas não sereis felizes se, mesmo sem tornardes a viver neste globo, puderdes apreciar do Alto que a obra que houverdes começado se desenvolve sob as vossas vistas? Armai-vos de fé firme e inabalável contra os obstáculos que parecem levantar-se contra o edifício cujos fundamentos lançastes. São sólidas as bases em que ele se assenta: o Cristo colocou a primeira pedra.

Coragem, pois, arquitetos do divino Mestre! Trabalhai, construí! Deus vos coroará a obra. Mas lembrai-vos bem de que o Cristo renega, como seu discípulo, todo aquele que só nos lábios tem a caridade. Não basta crer; é

preciso, sobretudo, dar exemplo de bondade, de tolerância e de desinteresse, sem o que a vossa fé será estéril.

Santo Agostinho

II

O próprio Cristo preside aos trabalhos de toda sorte que se acham em via de execução, para vos abrirem a era de renovação e de aperfeiçoamento, que os vossos guias espirituais vos predizem. Se, com efeito, postas de lado as manifestações espíritas, lançardes os olhos sobre os acontecimentos contemporâneos, reconhecereis, sem qualquer hesitação, os sinais precursores, que vos provarão, de maneira incontestável, que os tempos preditos já chegaram. Estabelecem-se comunicações entre todos os povos. Derrubadas as barreiras materiais, os obstáculos morais que impedem a sua união, os preconceitos políticos e religiosos rapidamente se apagarão e o reinado da fraternidade se implantará, afinal, de forma sólida e durável.

Observai que os próprios soberanos, impelidos por mão invisível, tomam – coisa inacreditável! – a iniciativa das reformas. E as reformas, quando partem de cima e espontaneamente, são muito mais rápidas e duráveis do que as que partem de baixo e são arrancadas pela força. Eu já pressentia a época atual, a despeito dos prejuízos de infância e de educação. Sou feliz por isso e mais feliz ainda por vos vir dizer: Irmãos, coragem! Trabalhai por vós e pelo futuro dos vossos; trabalhai, sobretudo, por vos melhorardes pessoalmente, a fim de que possais gozar, na vossa próxima existência, de uma felicidade tão difícil de imaginardes agora, quanto difícil é para mim vo-la fazer compreender.

Chateaubriand

III

Penso que o Espiritismo é um estudo todo filosófico das causas secretas dos movimentos interiores da alma, até agora nada ou pouco definidos. Ele explica, mais do que desvenda, horizontes novos. A reencarnação, bem como as provas que o Espírito sofre antes de atingir a meta suprema, não são revelações, mas uma confirmação importante. Tocam-me vivamente as verdades que são postas

em foco por *esse meio*. Digo *meio* intencionalmente, porque, em minha opinião, o Espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira. A preocupação com as questões morais ainda está por nascer. Discute-se a política, que agita os interesses gerais; discutem-se os interesses particulares; o ataque e a defesa das personalidades apaixonam os espíritos; os sistemas têm seus partidários e seus detratores. Entretanto, as verdades morais, as que são o pão da alma, o pão da vida, ficam abandonadas sob o pó acumulado pelos séculos.

Aos olhos da multidão, todos os aperfeiçoamentos são úteis, exceto o da alma. Sua educação, sua elevação não passam de quimeras, boas, quando muito, para ocupar os lazeres dos padres, dos poetas, das mulheres, seja como moda, seja como ensino. Ressuscitando o *espiritualismo*, o Espiritismo restituirá à sociedade o impulso que a uns dará a dignidade interior, a outros a resignação, a todos a necessidade de se elevarem para o Ser supremo, olvidado e desconhecido pelas suas ingratas criaturas.

J.-J. Rousseau

IV

Se Deus envia os Espíritos para instruir os homens, é para que eles se esclareçam sobre os seus deveres, é para lhes mostrar o caminho por onde poderão abreviar suas provas e, por conseguinte, apressar o seu progresso. Ora, do mesmo modo que o fruto amadurece, também o homem chega à perfeição. Mas, ao lado dos Espíritos bons, que querem o vosso bem, há igualmente Espíritos imperfeitos, que desejam o vosso mal; enquanto uns vos impelem para frente, outros vos puxam para trás. Por isso, deveis aplicar toda a vossa atenção em saber distingui-los. O meio é fácil: basta compreenderdes que de um Espírito bom não pode vir coisa alguma que possa prejudicar a alguém e que tudo o que seja mal só pode provir de um Espírito mau. Se não escutardes os sábios conselhos dos que vos querem bem, se vos ofenderdes com as verdades que eles vos digam, é evidente que são Espíritos maus os que vos inspiram. Só o orgulho pode impedir que vos vejais tais como sois. Mas, se vós mesmos não o vedes, outros o veem por vós, de sorte que sois censurados pelos homens, que se riem de vós por detrás, e pelos Espíritos.

Um Espírito familiar

V

Vossa Doutrina é bela e santa. O primeiro marco está plantado e solidamente plantado. Agora, só tendes que caminhar. A estrada que vos está aberta é grande e majestosa. Feliz daquele que chegar ao porto; quanto mais prosélitos houver feito, tanto mais lhe será contado. Mas, para isso, não basta abraçar friamente a Doutrina; é preciso fazê-lo com ardor e esse ardor será duplicado, porque Deus está sempre convosco quando fazeis o bem. Todos os que atrairdes serão outras tantas ovelhas que voltaram ao aprisco. Pobres ovelhas transviadas! Crede que o mais cético, o mais ateu, o mais incrédulo, enfim, tem sempre no coração um cantinho que desejaria poder ocultar a si mesmo. Pois bem! É esse cantinho que deveis procurar, que deveis achar. É o lado vulnerável que se deve atacar. É uma pequena brecha que Deus deixa aberta intencionalmente para facilitar à sua criatura o meio de voltar a Ele.

São Bento

VI

Não temais certos obstáculos, certas controvérsias. Não atormenteis a ninguém com qualquer insistência. A persuasão só virá aos incrédulos pelo vosso desinteresse, pela vossa tolerância e pela vossa caridade para com todos, sem exceção. Guardai-vos, sobretudo, de violentar a opinião, mesmo por palavras ou por demonstrações públicas. Quanto mais modestos fordes, tanto mais conseguireis tornar-vos apreciados. Que nenhum móvel pessoal vos faça agir e encontrareis nas vossas consciências uma força de atração que só o bem proporciona. Por ordem de Deus, os Espíritos trabalham pelo progresso de todos, sem exceção. Espíritas, fazei o mesmo!

São Luís

VII

Qual a instituição humana, ou mesmo divina, que não encontrou obstáculos a vencer, cismas contra os quais foi preciso lutar? Se apenas tivésseis uma existência triste e apagada, ninguém vos atacaria, sabendo que sucumbiríeis de

um momento para outro. Mas, como a vossa vitalidade é forte e ativa, como a árvore espírita tem fortes raízes, admitem que ela poderá viver longo tempo e tentam atingi-la a golpes de machado. Que conseguirão esses invejosos? Quando muito, deceparão alguns galhos, que renascerão com seiva nova e serão mais robustos do que nunca.

Channing

VIII

Vou falar-vos da firmeza que deveis possuir nos vossos trabalhos espíritas. Uma citação sobre este ponto já vos foi feita. Aconselho-vos que a estudeis de coração e que lhe apliqueis o espírito a vós mesmos, porque, como São Paulo, sereis perseguidos, não em carne e osso, mas em espírito. Os incrédulos, os fariseus da época vos censurarão, vos ridicularizarão. Nada temais: será uma prova que vos fortificará, se a souberdes entregar a Deus, pois mais tarde vereis os vossos esforços coroados de sucesso. Será para vós um grande triunfo no dia da eternidade, sem esquecer que, neste mundo, já é um consolo para os que perderam parentes e amigos. Saber que eles são felizes, que podeis vos comunicar com eles, não é uma felicidade? Caminhai, pois, para frente; cumpri a missão que Deus vos dá e ela será contada no dia em que comparecerdes diante do Onipotente.

Channing

IX

Venho eu, vosso Salvador e vosso juiz; venho, como outrora, aos transviados filhos de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. O Espiritismo, como antigamente o fez a minha palavra, tem de lembrar aos materialistas que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas. Revelei a divina doutrina. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da Humanidade e disse: “Vinde a mim, todos vós que sofreis”.

Mas, ingratos, os homens se afastaram do caminho largo e reto que conduz ao reino de meu Pai, perdendo-se nos ásperos atalhos da impiedade. Meu Pai não

quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, já que a morte não existe, vos socorrais mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a dos que já não vivem na Terra, a clamar: Orai e crede, pois a morte é a ressurreição, sendo a vida a prova escolhida, durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerão e se desenvolverão como o cedro.

Crede nas vozes que vos respondem: são as próprias almas dos que evocais. Só muito raramente me comunico. Meus amigos, os que hão assistido à minha vida e à minha morte são os intérpretes divinos das vontades de meu Pai.

Homens fracos, que compreendeis as trevas da vossa ignorância, não afasteis o archote que a clemência divina põe nas vossas mãos para vos clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço do vosso Pai.

Em verdade vos digo: crede na diversidade, na *multiplicidade* dos Espíritos que vos cercam. Sinto-me tomado de muita compaixão pelas vossas misérias, pela vossa imensa fraqueza, para não deixar de estender a mão em socorro dos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades.

Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que nele se arraigaram são de origem humana. E eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: “Irmãos! nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade”.[2]

Observação – Obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris, esta comunicação foi assinada por um nome que o respeito não nos permite reproduzir, senão sob todas as reservas, tão grande seria o insigne favor da sua autenticidade e porque dele muitas vezes se tem abusado demais, em comunicações evidentemente apócrifas. Esse nome é o de Jesus de Nazaré. Não duvidamos de modo algum que Ele possa manifestar-se; mas, se os Espíritos verdadeiramente superiores somente o fazem em circunstâncias excepcionais, a razão nos inibe de acreditar que o Espírito puro por excelência responda ao chamado do primeiro que apareça. Em todo caso, haveria profanação em lhe atribuirmos uma linguagem indigna dele.

É por estas considerações que temos sempre evitado publicar o que traga esse nome, e julgamos que ninguém será cuidadoso excessivamente no tocante a publicações deste gênero, que só têm autenticidade para o amor-próprio e cujo menor inconveniente é fornecer armas aos adversários do Espiritismo.

Como já dissemos, quanto mais elevados são os Espíritos na hierarquia, com tanto mais desconfiança os seus nomes devem ser acolhidos nos ditados. Seria preciso ser dotado de bem grande dose de orgulho para alguém se vangloriar de ter o privilégio das comunicações por eles dadas e considerar-se

digno de confabular com eles, como se o fizesse com seus iguais.

Na comunicação acima, reconhecemos apenas uma coisa: a superioridade incontestável da linguagem e das ideias. Deixamos, porém, que cada um julgue por si mesmo se aquele de quem ela traz o nome a desaprovaria, ou não.

Sobre os médiuns

X

Todos os homens são médiuns, todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-lo. Agora, que uns se comuniquem diretamente com ele, valendo-se de uma mediunidade especial, que outros não o escutem senão com o coração e com a inteligência, pouco importa: não deixa de ser um Espírito familiar quem os aconselha. Chamai-lhe espírito, razão, inteligência, é sempre uma voz que responde à vossa alma e vos dita boas palavras. Apenas, nem sempre as compreendeis.

Nem todos sabem agir de acordo com os conselhos da razão, não dessa razão que mais se arrasta e rasteja do que caminha, dessa razão que se perde no emaranhado dos interesses materiais e grosseiros, mas dessa razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta a regiões desconhecidas, chama sagrada que inspira o artista e o poeta, pensamento divino que eleva o filósofo, impulso que arrebata os indivíduos e os povos, razão que o vulgo não pode compreender, porém que ergue o homem e o aproxima de Deus, mais que nenhuma outra criatura, entendimento que o conduz do conhecido ao desconhecido e lhe faz executar as coisas mais sublimes.

Escutai essa voz interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e chegareis progressivamente a ouvir o vosso anjo da guarda, que do alto dos céus vos estende as mãos. Repito: a voz íntima que fala ao coração é a dos Espíritos bons e é deste ponto de vista que todos os homens são médiuns.

Channing

XI

O dom da mediunidade é tão antigo quanto o mundo. Os profetas eram

médiuns. Os mistérios de Elêusis se fundavam na mediunidade. Os caldeus e os assírios dispunham de médiuns. Sócrates era dirigido por um Espírito que lhe inspirava os admiráveis princípios de sua filosofia; ele lhe ouvia a voz. Todos os povos tiveram seus médiuns e as inspirações de Joana d'Arc não eram mais do que vozes de Espíritos benfazejos que a dirigiam. Esse dom, que agora se espalha, se tornara mais raro nos tempos medievais; porém, nunca desapareceu. Swedenborg e seus adeptos constituíram numerosa escola. A França dos últimos séculos, zombeteira e preocupada com uma filosofia que, pretendendo extinguir os abusos da intolerância religiosa, abafou sob o ridículo tudo o que era ideal, tinha que afastar o Espiritismo, que progredia sem cessar ao Norte.

Deus havia permitido essa luta de ideias positivas contra as ideias espiritualistas, porque o fanatismo se constituíra a arma destas últimas. Agora, que os progressos da Indústria e da Ciência desenvolveram a arte de bem viver, a tal ponto que as tendências materiais se tornaram dominantes, Deus quer que os Espíritos sejam reconduzidos aos interesses da alma. Quer que o aperfeiçoamento do homem moral se torne o que deve ser, isto é, o fim e o objetivo da vida. O espírito humano segue em marcha necessária, imagem da gradação que experimenta tudo o que povoa o Universo visível e invisível. Todo progresso vem na sua hora: a da elevação moral já soou para a Humanidade. Ela não se cumprirá ainda nos vossos dias; mas, agradecei ao Senhor por haver permitido que assistais à aurora bendita.

Pierre Jouty (pai do médium)

XII

Deus me encarregou de desempenhar uma missão junto dos crentes a quem Ele favorece com o dom da mediunidade. Quanto mais graça recebem do Altíssimo, mais perigos eles correm, e esses perigos são tanto maiores, quando se originam dos próprios favores que Deus lhes concede. As faculdades de que gozam os médiuns lhes atraem os elogios dos homens. As felicitações, as adulações, eis para eles o escolho. Esquecem rapidamente a incapacidade primitiva que lhes devia estar sempre presente à lembrança. Fazem mais: o que só devem a Deus, atribuem-no ao seu próprio mérito. Que acontece então? Os Espíritos bons os abandonam, eles se tornam joguete dos maus e ficam sem bússola para se guiarem. Quanto mais se tornam capazes, mais são impelidos a

se atribuírem um mérito que não lhes pertence, até que Deus os puna, afinal, retirando-lhes uma faculdade que, desde então, somente lhes pode ser fatal.

Nunca me cansarei de recomendar que vos confieis ao vosso anjo da guarda, para que vos ajude a estar sempre vigilantes contra o vosso mais cruel inimigo, que é o orgulho. Lembrai-vos bem, vós que tendes a ventura de ser intérpretes entre os Espíritos e os homens, de que, sem o amparo do nosso divino Mestre, sereis severamente punidos, porque fostes mais favorecidos. Espero que esta comunicação produza frutos e desejo que ela possa ajudar os médiuns a se manterem atentos contra o escolho que os faria naufragar. Esse escolho, eu já o disse, é o orgulho.

Joana d'Arc

XIII

Quando quiserdes receber comunicações de Espíritos bons, deveis vos preparar para esse favor pelo recolhimento, por intenções puras e pelo desejo de fazer o bem, tendo em vista o progresso geral. Porque, lembrai-vos, o egoísmo é causa de retardamento a todo progresso, e se Deus permite que alguns dentre vós recebam o sopro daqueles de seus filhos que, pela conduta, souberam fazer-se merecedores de lhe compreender a infinita bondade, é que Ele quer, por solicitação nossa e atendendo às vossas boas intenções, dar-vos os meios de avançardes no caminho que a Ele conduz. Assim, pois, médiuns, aproveitai dessa faculdade que Deus houve por bem vos conceder. Tende fé na mansuetude do nosso Mestre; ponde sempre em prática a caridade; não vos canseis jamais de exercitar essa virtude sublime, assim como a tolerância.

Que as vossas ações estejam sempre em harmonia com a vossa consciência e tereis nisso um meio certo de centuplicardes a vossa felicidade nessa vida passageira e de preparardes para vós mesmos uma existência mil vezes ainda mais suave. Que, dentre vós, o médium que não se sinta com forças para perseverar no ensino espírita, se abstenha; porque, não fazendo proveitosa a luz que o ilumina, será menos desculpável do que outro qualquer e terá que expiar a sua cegueira.

Pascal

XIV

Falar-vos-ei hoje do desinteresse, que deve ser uma das qualidades essenciais dos médiuns, assim como a modéstia e o devotamento. Deus lhes deu essa faculdade, a fim de que auxiliem a propagação da verdade e não para que trafiquem com ela. Falando de tráfico, não me refiro apenas aos que entendessem explorá-la, como o fariam com um dom qualquer da inteligência, aos que se fizessem médiuns, como outros se fazem dançarinos ou cantores, mas também a todos os que pretendessem servir-se dela tendo por objetivo um interesse qualquer. Será racional crer-se que Espíritos bons e, ainda menos, Espíritos superiores, que condenam a cobiça, consintam em prestar-se a espetáculos e, como comparsas, se ponham à disposição de um empresário de manifestações espíritas? Não é racional se suponha que Espíritos bons possam auxiliar quem vise satisfazer ao orgulho ou à ambição. Deus permite que eles se comuniquem com os homens para os tirarem do lamaçal terrestre, e não para servirem de instrumentos às paixões mundanas. Logo, Ele não pode ver com bons olhos os que desviam do seu verdadeiro objetivo o dom que lhes concedeu, e vos asseguro que esses serão punidos, mesmo aí nesse mundo, pelas mais amargas decepções.

Delphine de Girardin

XV

Todos os médiuns são, incontestavelmente, chamados a servir à causa do Espiritismo, na medida de suas faculdades, mas são poucos os que não se deixam prender nas armadilhas do amor-próprio. É uma pedra de toque, que raramente deixa de produzir efeito. Assim é que, de cem médiuns, encontrareis, no máximo, um que, por muito ínfimo que seja, não se tenha julgado, nos primeiros tempos da sua mediunidade, fadado a obter coisas superiores e predestinado a grandes missões. Os que sucumbem a essa vaidosa expectativa – e grande é o número deles – se tornam inevitavelmente presas de Espíritos obsessores, que não tardam a subjugá-los, lisonjeando-lhes o orgulho e apanhando-os pelo seu lado fraco. Quanto mais eles pretenderem elevar-se, tanto mais ridícula lhes será a queda, quando não desastrosa.

As grandes missões só são confiadas aos homens de escol, e Deus mesmo

os coloca, sem que eles o procurem, no meio e na posição em que possam prestar concurso eficaz. Nunca será demais recomendar aos médiuns inexperientes que desconfiem do que certos Espíritos podem dizer, com relação ao suposto papel que eles são chamados a desempenhar, porque, se o tomarem a sério, só colherão desapontamentos nesse mundo, e severo castigo no outro.

Convençam-se bem de que, na esfera modesta e obscura onde se acham colocados, podem prestar grandes serviços, auxiliando a conversão dos incrédulos ou consolando os aflitos. Se daí tiverem de sair, serão conduzidos por mão invisível, que lhes preparará os caminhos, e serão postos em evidência, por assim dizer, mesmo sem se darem conta disso. Que se lembrem destas palavras: “Aquele que se exaltar será humilhado e o que se humilhar será exaltado”.

O Espírito de Verdade

Sobre as Sociedades Espíritas

Nota – Das comunicações que se seguem, algumas foram dadas na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* ou em sua intenção. Outras, que nos foram transmitidas por diversos médiuns, encerram conselhos gerais sobre os grupos, sua formação e os obstáculos que podem encontrar.

XVI

Por que não começais as vossas sessões por uma invocação geral, uma espécie de prece que predisponha ao recolhimento? Porque, ficai sabendo, sem o recolhimento, só tereis comunicações levianas. Os Espíritos bons só vão aonde os chamam com fervor e sinceridade. É o que os homens ainda não compreenderam bastante. Cabe a vós, pois, dar o exemplo, porquanto, se o quiserdes, podereis tornar-vos uma das colunas do novo edifício. Observamos com prazer os vossos trabalhos e vos ajudamos, mas sob a condição de que também, por vossa vez, nos secundeis e vos mostreis à altura da missão que fostes chamados a desempenhar.

Formai, portanto, um feixe e sereis fortes e os Espíritos maus não prevalecerão contra vós. Deus ama os simples de espírito, o que não significa dizer os tolos, mas os que renunciam a si mesmos e se encaminham a Ele sem orgulho. Podeis tornar-vos um foco de luz para a Humanidade. Sabei, logo, distinguir o joio do trigo; semeai unicamente o bom grão e evitai espalhar o joio,

pois este impedirá que aquele germine e sereis responsáveis por todo o mal que daí resulte; de igual modo, sereis responsáveis pelas doutrinas más que porventura propagueis. Lembrai-vos de que um dia o mundo pode volver os olhos sobre vós. Fazei, portanto, que nada empane o brilho das boas coisas que saírem do vosso seio. É por isso que vos recomendamos pedirdes a Deus que vos assista.

Santo Agostinho

Solicitado a ditar uma fórmula de invocação geral, Santo Agostinho respondeu: – Sabeis que não há fórmula absoluta. Deus é infinitamente grande para dar mais importância às palavras do que ao pensamento. Ora, não creiais que basta pronunciardes algumas palavras, para que os Espíritos maus se afastem. Guardai-vos, sobretudo, de vos servirdes de uma dessas fórmulas banais que se recitam por desencargo de consciência. Sua eficácia está na sinceridade do sentimento que a dita; está principalmente na unanimidade da intenção, porque aquele que não se lhe associe de coração não será beneficiado, nem poderá beneficiar os outros. Redigi-a, pois, vós mesmos e submetei-a a mim, se quiserdes. Eu vos ajudarei.

Nota – A seguinte fórmula de invocação geral foi redigida com o concurso do Espírito, que a completou em vários pontos:

“Deus Onipotente, nós te rogamos que nos envies Espíritos bons para nos assistirem e que afastes os que nos possam induzir em erro. Dá-nos a luz necessária para distinguir a verdade da impostura.

“Afasta, igualmente, os Espíritos malfazejos, capazes de lançar a desunião entre nós, suscitando-nos a inveja, o orgulho e o ciúme. Se alguns tentarem introduzir-se aqui, em teu nome, Senhor, nós os adjuramos a que se retirem.

“Espíritos bons, que presidis aos nossos trabalhos, tende a bondade de vir instruir-nos e tornai-nos dóceis aos vossos conselhos. Fazei que em nós se apague todo sentimento pessoal, ante o propósito do bem de todos.

“Pedimos, particularmente, a.., nosso protetor especial, que se digne a nos trazer hoje o seu concurso”.

XVII

Meus amigos, deixai que vos dê um conselho, visto que marchais sobre um terreno novo e que, se seguirdes a rota que vos indicamos, não vos transviareis. Já vos disseram uma verdade que desejamos lembrar: que o Espiritismo é simplesmente uma moral e que não deve sair dos limites da filosofia, nem mais, nem menos, se não quiser cair no domínio da curiosidade. Deixai de lado as questões de ciência. A missão dos Espíritos não é resolvê-la, poupando-vos ao trabalho das pesquisas. Tratai antes de vos melhorardes, pois é assim que realmente progredireis.

São Luís

XVIII

Zombaram das mesas girantes, mas nunca zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Aquelas foram o vestíbulo da ciência; aí, todo aquele que entra tem que deixar os preconceitos, como deixa a capa. Nunca vos exortarei bastante a fazerdes do vosso um centro sério. Que alhures se façam demonstrações físicas, *que alhures se observe, que alhures se ouça, mas que entre vós haja compreensão e amor*. Que supondes que sois aos olhos dos Espíritos superiores, quando fazeis que uma mesa gire ou se levante? Simples colegiais. O sábio passa o seu tempo a repetir o *abecê* da Ciência? Entretanto, ao ver que buscais as comunicações sérias, eles vos consideram como homens sérios, à procura da verdade.

São Luís

Tendo perguntado a São Luís se, com essas palavras, ele tinha a intenção de condenar as manifestações físicas, respondeu-nos:

“Eu não poderia condenar as manifestações físicas, porquanto, se elas se produzem, é com a permissão de Deus e para um fim proveitoso. Dizendo que foram o vestíbulo da ciência, assinalei o seu verdadeiro lugar e a sua utilidade. Condeno tão somente os que fazem disso objeto de divertimento e de curiosidade, sem tirarem o ensinamento que daí decorre. Elas representam, para a filosofia do Espiritismo, o que a Gramática representa para a Literatura, e quem haja chegado a certo grau de conhecimento numa ciência, já não perde tempo em repassar as suas partes elementares”.

XIX

Meus amigos e crentes fiéis, sinto-me muito feliz sempre que vos posso encaminhar para a senda do bem. É uma doce missão que Deus me dá e de que me envaideço, porque ser útil é sempre uma recompensa. Que o espírito de caridade vos reúna, tanto a caridade que dá, como a que ama. Mostrai-vos pacientes contra as injúrias dos vossos detratores; sede firmes no bem e, sobretudo, humildes diante de Deus. Somente a humildade eleva. Essa é a única grandeza que Deus reconhece. Só então os Espíritos bons virão a vós; do contrário os do mal se apossariam de vossa alma. Sede benditos em nome do Criador e crescereis aos olhos dos homens, ao mesmo tempo que aos olhos de Deus.

São Luís

XX

A união faz a força. Sede unidos, para serdes fortes. O Espiritismo germinou, lançou raízes profundas. Vai estender por sobre a Terra a sua ramagem benfazeja. É preciso que vos torneis invulneráveis contra as setas envenenadas da calúnia e da sombria falange dos Espíritos ignorantes, egoístas e hipócritas. Para chegardes a isso, é necessário que uma indulgência e uma tolerância recíprocas presidam às vossas relações; que os vossos defeitos passem despercebidos; que somente as vossas qualidades sejam notadas; que o facho da amizade santa vos congregue, ilumine e aqueça os corações. Só assim resistireis aos ataques impotentes do mal, como o rochedo inabalável à vaga furiosa.

São Vicente de Paulo

XXI

Meus amigos, quereis formar um grupo espírita e eu o aprovo, porque os Espíritos não podem ver com satisfação que os médiuns se conservem isolados. Deus não lhes concedeu essa sublime faculdade somente para eles, mas para o bem de todos. Comunicando-se com outros, eles terão mil oportunidades de se esclarecerem sobre o mérito das comunicações que recebem, ao passo que,

isolados, estão muito melhor sob o domínio dos Espíritos mentirosos, que ficam muito contentes por não sofrerem nenhuma fiscalização. Eis o que vos deixo e, se o orgulho não vos subjuga, compreendereis e aproveitareis. Aqui vai agora para os outros.

Estais bem certos do que deve ser uma reunião espírita? Não, visto que, no vosso zelo, julgais que o melhor que tendes a fazer é reunir o maior número possível de pessoas, a fim de as convencerdes. Desenganai-vos. Quanto menos pessoas, mais obtereis. É principalmente pelo ascendente moral que exercerdes que atraireis os incrédulos, muito mais do que pelos fenômenos que obtiverdes. Se somente os atrairdes pelos fenômenos, os que vos procurarem serão movidos apenas pela curiosidade; topareis com curiosos que não acreditarão em vós e que zombarão de vós. Se, entre vós, só se encontrarem pessoas dignas de apreço, muitas, talvez, não vos acreditem, mas vos respeitarão e o respeito inspira sempre a confiança. Estais convencidos de que o Espiritismo deve produzir uma reforma moral. Seja, pois, o vosso grupo o primeiro a dar exemplo das virtudes cristãs, visto que, nesta época de egoísmo, é nas Sociedades Espíritas que a verdadeira caridade há de encontrar refúgio.[3] Tal deve ser, meus amigos, um grupo de verdadeiros espíritas. De outra vez, vos darei novos conselhos.

Fénelon

XXII

Perguntastes se a multiplicidade dos grupos, em uma mesma localidade, não poderia gerar rivalidades prejudiciais à Doutrina. Responderei que os que se acham imbuídos dos verdadeiros princípios desta Doutrina veem unicamente irmãos em todos os espíritas, e não rivais. Os que vissem com ciúme outras reuniões provariam existir-lhes no íntimo uma segunda intenção ou o sentimento do amor-próprio, e que não são guiados pelo amor da verdade. Asseguro que, se essas pessoas se achassem entre vós, logo semeariam no vosso grupo a discórdia e a desunião.

O verdadeiro Espiritismo tem por divisa *benevolência* e *caridade*. Não admite qualquer rivalidade, a não ser a do bem, que todos podem fazer. Todos os grupos que inscreverem essa divisa em suas bandeiras, estenderão as mãos uns aos outros, como bons vizinhos, que não são menos amigos pelo fato de não habitarem a mesma casa. Os que pretendem que os seus guias são Espíritos

melhores que os dos outros grupos deverão prová-lo, mostrando melhores sentimentos. Que haja, pois, luta entre eles, mas luta de grandeza de alma, de abnegação, de bondade e de humildade. O que atirar pedra a outro provará, por esse simples fato, que se acha influenciado por Espíritos maus. A natureza dos sentimentos recíprocos que dois homens manifestem é a pedra de toque para se conhecer a natureza dos Espíritos que os assistem.

Fénelon

XXIII

O silêncio e o recolhimento são condições essenciais para todas as comunicações sérias. Jamais preenchereis essas condições, se aqueles que comparecerem às vossas reuniões só forem atraídos a elas pela curiosidade. Convidai, pois, os curiosos a procurar outros lugares, visto que a distração deles constituiria uma causa de perturbação.

Não deveis tolerar nenhuma conversa, enquanto os Espíritos estão sendo questionados. Recebeis, às vezes, comunicações que exigem de vós uma réplica séria e respostas não menos sérias da parte dos Espíritos evocados, os quais se sentem incomodados com os cochichos contínuos de certos assistentes. Daí, nada obtereis de completo, nem de verdadeiramente sério. O médium que escreve também experimenta distrações muito prejudiciais ao seu trabalho.

São Luís

XXIV

Falar-vos-ei da necessidade de observardes, nas vossas sessões, a maior regularidade, isto é, de evitardes toda confusão, toda divergência de ideias. A divergência favorece a substituição dos Espíritos bons pelos maus e quase sempre são estes que respondem às questões propostas. Por outro lado, numa reunião composta de elementos diversos e desconhecidos uns dos outros, por que meio se poderiam evitar as ideias contraditórias, a distração, ou, pior ainda, uma vaga e zombeteira indiferença? Gostaria de encontrar um meio que fosse eficaz e seguro. Talvez esteja na concentração dos fluidos esparsos em torno dos médiuns. Só eles, sobretudo os que são estimados, retêm os Espíritos bons na

reunião. Porém, a influência deles mal chega para dispersar a turba dos Espíritos levianos.

É excelente o trabalho de exame das comunicações. Nunca será demais se aprofundarem as questões e, principalmente, as respostas. O erro é fácil, mesmo para os Espíritos animados das melhores intenções. A lentidão da escrita, durante a qual o Espírito se afasta do assunto, que se esgota tão logo concebido, a mobilidade e a indiferença para com certas formas convencionais, todas essas razões e muitas outras vos criam o dever de só dispensardes limitada confiança ao que obtiverdes, subordinando-o sempre ao exame, mesmo que se trate das mais autênticas comunicações.

Georges (Espírito familiar)

XXV

Com que fim, na maioria das vezes, pedis comunicações aos Espíritos? Para obterdes belos trechos, que mostrais às pessoas das vossas relações como amostras do nosso talento? Conservai-as preciosamente nas vossas pastas, porém, nos vossos corações não há lugar para elas. Julgais porventura que nos sintamos lisonjeados em comparecer às vossas assembleias, como a um concurso, para fazermos torneios de eloquência, a fim de que possais dizer que a sessão foi muito interessante? Que vos resta, depois de haverdes achado admirável uma comunicação? Supondes que vimos em busca dos vossos aplausos? Não vos iludais sobre isso. Não nos agrada divertir-vos mais de um modo que de outro. Não sois movidos senão pela curiosidade, que em vão procurais dissimular. O nosso objetivo é vos tornar melhores.

Ora, quando vemos que as nossas palavras não produzem frutos e que, da vossa parte, tudo se resume numa estéril aprovação, vamos em busca de almas mais dóceis. Cedemos então o lugar aos Espíritos que só fazem questão de falar e esses não faltam. Espantai-vos quando deixamos que eles tomem os nossos nomes. Que vos importa, uma vez que, para vós, não há nisso nem mais, nem menos? Ficai, porém, sabendo que não o permitimos em se tratando daqueles por quem realmente nos interessamos, isto é, daqueles com quem o nosso tempo não é perdido. Esses são os que preferimos e os preservamos da mentira. Se, portanto, sois tão frequentemente enganados, queixai-vos tão só de vós mesmos. Para nós, o homem sério não é o que se abstém de rir, mas aquele cujo coração

se deixa tocar pelas nossas palavras, que as medita e tira proveito delas. (Veja-se o item 268, perguntas 19 e 20.)

Massilon

XXVI

O Espiritismo deveria ser um escudo contra o espírito de discórdia e de dissensão. Mas esse espírito, desde todos os tempos, vem brandindo o seu facho sobre os humanos, porque tem inveja da felicidade que a paz e a união proporcionam. Espíritas! Ele pode penetrar nas vossas assembleias e, não duvideis, procurará semear entre vós o desamor, embora seja impotente contra os que tenham a animá-los o sentimento da verdadeira caridade. Acautelai-vos e vigiai incessantemente à porta do vosso coração, como à das vossas reuniões, para que o inimigo não penetre. Se os vossos esforços forem inúteis contra o inimigo de fora, sempre dependerá de vós impedir-lhe o acesso em vossa alma. Se houver dissensões entre vós, só por Espíritos maus poderão ser suscitadas.

Mostrem-se, por conseguinte, mais pacientes, mais dignos e mais conciliadores aqueles que se achem penetrados, no mais alto grau, dos sentimentos dos deveres que a urbanidade lhes impõe, tanto quanto o verdadeiro Espiritismo. Algumas vezes os Espíritos bons permitem essas lutas, para facultarem aos bons e aos maus sentimentos a oportunidade de se revelarem, a fim de separar-se o trigo do joio. Eles, porém, estarão sempre do lado onde houver mais humildade e verdadeira caridade.

São Vicente de Paulo

XXVII

Repeli impiedosamente todos esses Espíritos que exigem que seus conselhos sejam aceitos com exclusividade, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram impor-se a homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes louvores exagerados, a fim de os fascinar e manter sob o seu domínio. São geralmente Espíritos famintos de poder que, déspotas públicos ou privados, quando vivos, ainda querem tiranizar outras vítimas, depois de mortos. Em geral, desconfiai das comunicações que trazem

caráter de misticismo e de estranheza ou que prescrevam cerimônias e atos extravagantes. Sempre haverá, nesses casos, legítimo motivo de suspeição.

Por outro lado, crede que, quando uma verdade tenha de ser revelada aos homens, ela é comunicada, por assim dizer, instantaneamente, a todos os grupos sérios, que disponham de médiuns sérios, e não a este ou àquele em particular, com exclusão dos demais. Ninguém pode ser médium perfeito se estiver obsidiado, e há obsessão manifesta quando um médium só se mostra apto a receber comunicações de determinado Espírito, por maior que seja a altura em que este procure colocar-se. Por conseguinte, todo médium e todo grupo que julguem ter o privilégio de comunicações que só eles podem receber e que, por outro lado, se entreguem a práticas de natureza supersticiosa, encontram-se inegavelmente sob o império de uma das obsessões mais bem caracterizadas, sobretudo quando o Espírito dominador se enfeita com um nome que todos, Espíritos e encarnados, devemos honrar e respeitar e não deixar que seja profanado sob qualquer pretexto.

É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil repelir-se o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado e um grupo mistificado, mas, o controle severo de outros grupos, o conhecimento adquirido, a elevada autoridade moral dos dirigentes de grupos e as comunicações dos principais médiuns, marcadas pela lógica e pela autenticidade dos melhores Espíritos, farão justiça rapidamente a esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos enganadores e malignos.

Erasto (discípulo de São Paulo)

Observação – Uma das características distintivas desses Espíritos, que procuram impor-se e fazer que sejam aceitas suas ideias extravagantes e sistemáticas, é a pretensão – bom seria que eles fossem os únicos dessa opinião – de ter razão contra todo o mundo. A tática deles consiste em evitar a discussão e, quando se veem vitoriosamente combatidos com as armas irresistíveis da lógica, negam-se desdenhosamente a responder e ordenam a seus médiuns que se afastem dos centros onde suas ideias não são aceitas. Nada é mais fatal para os médiuns do que esse isolamento, porque, assim, eles sofrem sem defesa o jugo dos Espíritos obsessores que os guiam, como cegos, e os levam frequentemente aos caminhos mais perigosos.

XXVIII

Os falsos profetas não se encontram apenas entre os encarnados, mas

também, e em número muito maior, entre os Espíritos orgulhosos que, sob falsas aparências de amor e caridade semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando de permeio os seus sistemas absurdos e fazendo que seus médiuns os aceitem. Para melhor fascinarem os que querem enganar, a fim de darem maior peso às suas teorias, eles se apoderam sem o menor escrúpulo de nomes que só com muito respeito os homens pronunciam, como os de santos venerados, os de Jesus, de Maria e mesmo o de Deus.

São eles que semeiam o fermento da discórdia entre os grupos, que os impelem a se isolarem uns dos outros e a se olharem com animosidade. Só isto bastaria para os desmascarar, porque, procedendo assim, eles próprios dão o mais formal desmentido ao que pretendem ser. Cegos, pois, são os homens que se deixam apanhar em tão grosseira armadilha.

Há, porém, muitos outros meios de serem reconhecidos. Espíritos da ordem a quem esses dizem pertencer devem ser não somente bons, mas, além disso, eminentemente lógicos e racionais. Pois bem! Submetei-lhes os sistemas ao crivo da razão e do bom senso e vereis o que restará. Concordai, pois, comigo: todas as vezes que um Espírito indicar, como remédio aos males da Humanidade, ou como meios de chegar-se à sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas; quando formular um sistema que as mais vulgares noções da Ciência contradigam, não pode se tratar senão de um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, tende a certeza de que, se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, sempre o é pelo bom senso das massas e esse é também um critério para opinardes. Se dois princípios se contradizem, tereis a medida do seu valor intrínseco procurando saber qual o que produz mais eco e encontra mais simpatia. Seria realmente ilógico que uma doutrina, cujo número de partidários diminua gradualmente, fosse mais verdadeira do que outra, cujos adeptos se vão tornando cada vez mais numerosos. Querendo que a verdade chegue a todos, Deus não a confina em um círculo acanhado e restrito; ao contrário, faz que ela surja em diferentes pontos, a fim de que por toda parte a luz esteja ao lado das trevas.

Erasto

Observação – A melhor garantia de que um princípio é a expressão da verdade, consiste em ser ensinado e revelado por diferentes Espíritos, com o concurso de médiuns diversos, desconhecidos uns dos outros e em vários lugares e, além disso, em ser confirmado pela razão e sancionado pela adesão do maior número. Só a verdade pode fornecer raízes a uma doutrina. Um sistema errôneo pode,

certamente, reunir alguns adeptos; mas, como lhe falta a primeira condição de vitalidade, a sua existência será efêmera. Não há, pois, motivo para nos inquietarmos com ele. Seus próprios erros o matam e a sua queda será inevitável diante da poderosa arma da lógica.

Comunicações apócrifas

Certas comunicações, embora assinadas com os mais respeitáveis nomes, são de tal modo absurdas que basta o senso comum para lhes demonstrar a falsidade. Existem outras, no entanto, em que o erro, dissimulado entre coisas aproveitáveis, chega a iludir, impedindo às vezes que se possa percebê-lo à primeira vista. Tais comunicações, porém, não resistem a um exame sério. Como exemplo, reproduzimos algumas delas.

XXIX

A criação perpétua e incessante dos mundos é, para Deus, uma espécie de gozo perpétuo, porque Ele vê incessantemente seus raios se tornarem cada dia mais luminosos em felicidade. Para Deus não há número, do mesmo modo que não há tempo. Eis por que centenas ou milhões não são, para ele, nem mais nem menos uns do que outros. É um pai, cuja felicidade se forma da felicidade coletiva de seus filhos e que, a cada segundo da Criação, vê uma nova felicidade vir fundir-se na felicidade geral. Não há parada nem suspensão nesse movimento perpétuo, nessa grande felicidade incessante que fecunda a Terra e o céu. Só se conhece do mundo uma pequena fração e tendes irmãos que vivem em latitudes onde o homem ainda não chegou a penetrar. Que significam esses calores de torrar e esses frios mortais, que detêm os esforços dos mais ousados? Julgais, ingenuamente, que haveis chegado ao limite do vosso mundo, quando não podeis mais avançar com os insignificantes meios de que dispondes? Poderíeis então medir exatamente o vosso planeta? Não creiais nisso. Há no vosso planeta mais lugares ignorados do que lugares conhecidos. Porém, como é inútil que se propaguem ainda mais todas as vossas instituições, todas as vossas leis más, ações e existências, há um limite que vos detém aqui e ali e que vos deterá até que tenhais de transportar as boas sementes que o vosso livre-arbítrio faz. Oh! não, não conheceis esse mundo a que chamais Terra. Vereis na vossa existência um grande começo de provas desta comunicação. Eis que vai soar a hora em que haverá uma outra descoberta diferente da última que foi feita; eis que vai alargar-

se o círculo da vossa Terra conhecida e, quando toda a imprensa cantar essa hosana em todas as línguas, vós, pobres filhos, que amais a Deus e procurais o seu caminho, o tereis sabido antes daqueles mesmos que darão nome à nova Terra.

São Vicente de Paulo

Observação – Do ponto de vista do estilo, esta comunicação não resiste à crítica. As incorreções, os pleonasmos, as expressões viciosas saltam aos olhos de qualquer um, por pouco letrado que seja. Isso, porém, nada provaria contra o nome com que está assinada, considerando-se que tais imperfeições poderiam resultar da incapacidade do médium, conforme já o demonstramos. O que é do Espírito é a ideia. Ora, quando ele diz que no nosso planeta há mais lugares ignorados do que lugares conhecidos, que um novo continente vai ser descoberto é, para um Espírito que se diz superior, dar prova da mais profunda ignorância. Sem dúvida é possível que, para além das regiões glaciais, se descubram alguns cantos de terra desconhecida, mas dizer que essas terras são povoadas e que Deus as ocultou aos homens a fim de que estes não levem para lá suas más instituições, é dar excessivo crédito à confiança cega daqueles a quem semelhantes absurdos são propagados.

XXX

Meus filhos, nosso mundo material e o mundo espiritual, que bem poucos ainda conhecem, formam como que os dois pratos da balança perpétua. Até agora as nossas religiões, as nossas leis, os nossos costumes e as nossas paixões têm feito de tal modo descer o prato do mal e subir o do bem, que se tem visto o mal reinar soberanamente na Terra. Desde séculos é sempre a mesma queixa a sair da boca do homem e a conclusão fatal é a injustiça de Deus, chegando alguns até mesmo à negação da existência de Deus. Vedes tudo aqui e nada lá; vedes o supérfluo que choca a necessidade, o ouro que brilha junto da lama e todos os mais chocantes contrastes que deveriam provar a vossa dupla natureza. De onde vem isto? De quem a falta? Eis o que é preciso pesquisar com tranquilidade e com imparcialidade. Quando sinceramente se deseja achar um bom remédio, acha-se. Pois bem! apesar dessa dominação do mal sobre o bem, por culpa vossa, por que não vedes o resto ir direto pela linha traçada por Deus? Vedes as estações se desarranjarem? os calores e os frios se chocarem inconsideradamente? a luz do Sol esquecer-se de iluminar a Terra? a terra esquecer em seu seio as sementes que o homem aí depositou? Vedes a cessação dos mil milagres perpétuos que se produzem sob os nossos olhos, desde o nascimento de um pé de erva até o nascimento da criança, o homem futuro? Mas, se tudo vai bem do lado de Deus, tudo vai mal do lado do homem. Qual o remédio para isto? É muito simples: aproximarem-se de Deus, amarem-se,

unirem-se, entenderem-se e seguirem tranquilamente a estrada cujos marcos se veem com os olhos da fé e da consciência.

Vicente de Paulo

Observação – Esta comunicação foi obtida no mesmo círculo; mas, quanto difere da precedente, não só pelas ideias, como também pelo estilo! Tudo aí é justo, profundo, sensato e, certamente, São Vicente de Paulo não a desaprovaria, razão pela qual lhe podemos atribuí-la sem receio.

XXXI

Vamos, filhos, cerrai as vossas fileiras, isto é, que a boa união faça a vossa força. Vós que trabalhais na fundação do grande edifício, vigiai e trabalhai sempre por lhe consolidar a base; então, podereis elevá-lo bem alto, bem alto! A progressão é imensa sobre todo o nosso globo; uma quantidade inumerável de prosélitos se enfileira sob a nossa bandeira; muitos céticos e até dos mais incrédulos também se aproximam.

Ide, filhos; marchai, com o coração elevado, cheio de fé; o caminho que percorreis é belo; não esmoreçais; segui sempre a linha reta, servi de guias aos que vêm depois de vós. Eles serão felizes, muito felizes!

Caminhai, filhos! Não precisais da força das baionetas para sustentar a vossa causa, não precisais senão de fé. A crença, a fraternidade e a união, tais as vossas armas; com elas sois fortes, mais poderosos do que todos os grandes potentados do Universo, reunidos, apesar de suas forças vivas, de suas frotas, de seus canhões e de sua metralha!

Vós, que combateis pela liberdade dos povos e pela regeneração da grande família humana, ide, filhos, coragem e perseverança. Deus vos ajudará. Boa noite, até a vista.

Napoleão

Observação – Napoleão era, em vida, um homem grave e sério. Todos lhe conhecem o estilo breve e conciso. Teria degenerado de tal forma depois de morto, a ponto de tornar-se verboso e burlesco? Esta comunicação talvez seja do Espírito de algum soldado que se chamava Napoleão.

XXXII

Não, não se pode mudar de religião, quando não se tem uma que possa, ao

mesmo tempo, satisfazer ao senso comum e à inteligência que se tem e que possa, sobretudo, dar ao homem consolações presentes. Não, não se muda de religião, cai-se da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade. Ide, ide, pequeno exército nosso! Ide e não temais as balas inimigas; as que vos hão de matar ainda não foram feitas, se estiverdes sempre, do fundo do coração, nos caminhos de Deus, isto é, se quiserdes sempre combater pacificamente e vitoriosamente pelo bem-estar e pela liberdade.

Vicente de Paulo

Observação – Quem reconheceria São Vicente de Paulo por esta linguagem, por estes pensamentos desconexos e sem sentido? Que significam estas palavras: Não, não se muda de religião, cai-se da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade? Com as suas balas, que ainda não estão feitas, suspeitamos bastante que este Espírito é o mesmo que acima se assinou *Napoleão*.

XXXIII

Filhos da minha fé, cristãos da minha doutrina esquecida pelos interesses das ondas da filosofia dos materialistas, segui-me no caminho da Judeia, segui a paixão da minha vida, contemplai meus inimigos agora, vede os meus sofrimentos, meus tormentos e o meu sangue derramado pela minha fé.

Filhos espiritualistas da minha nova doutrina, estai prontos a suportar, a afrontar as ondas da adversidade, os sarcasmos de vossos inimigos. A fé caminhará sem cessar, seguindo a vossa estrela, que vos conduzirá ao caminho da felicidade eterna, tal como a estrela conduziu pela fé os Magos do Oriente à manjedoura. Quaisquer que sejam as vossas adversidades, quaisquer que sejam as vossas penas e as lágrimas que houverdes derramado nessa esfera de exílio, tomai coragem, tende certeza de que a alegria que vos inundará no mundo dos Espíritos estará muito acima dos tormentos da vossa existência passageira. O vale de lágrimas é um vale que há de desaparecer para dar lugar à brilhante morada de alegria, de fraternidade e de união, onde chegareis pela vossa boa obediência à santa revelação. A vida, meus caros irmãos, nesta esfera terrestre, toda preparatória, não pode durar senão o tempo necessário para essa vida que não poderá jamais acabar. Amai-vos, amai-vos como eu vos amei e como vos amo ainda; irmãos, coragem, irmãos! Eu vos abençoo e vos espero no céu.

Jesus

Nestas brilhantes e luminosas regiões onde o pensamento humano mal pode chegar, o eco de vossas palavras e das minhas veio tocar o meu coração.

Oh! de que alegria me sinto inundado em vos ver, continuadores da minha doutrina! Não, nada se aproxima do testemunho dos vossos bons pensamentos! Vede, filhos: a ideia regeneradora lançada por mim outrora no mundo, perseguida, detida um momento, sob a pressão dos tiranos, vai doravante sem obstáculos, iluminando os caminhos da Humanidade, por tanto tempo mergulhada nas trevas.

Todo sacrifício, grande e desinteressado, meus filhos, cedo ou tarde produz seus frutos. Meu martírio vo-lo provou; meu sangue derramado pela minha doutrina salvará a Humanidade e apagará as faltas dos grandes culpados.

Sede benditos vós, que hoje tomais lugar na família regenerada! Ide, coragem, filhos!

Jesus

Observação – Sem dúvida, nada há de mau nestas duas comunicações. Porém, será que o Cristo teve alguma vez essa linguagem pretensiosa, enfática e empolada? Faça-se a sua comparação com a que citamos atrás e ver-se-á de que lado está o cunho da autenticidade.

Todas estas comunicações foram obtidas no mesmo círculo. Nota-se, no estilo, um certo tom familiar, uma mesma maneira de escrever, as mesmas expressões repetidas com frequência, como: *ide, ide, filhos* etc., pelo que se pode concluir que elas foram dadas pelo mesmo Espírito, sob nomes diferentes. Entretanto, nesse círculo, muito consciencioso, aliás, se bem que um tanto crédulo demais, não se faziam evocações nem perguntas; esperava-se tudo das comunicações espontâneas, o que, como se vê, por certo não constitui uma garantia de identidade. Com algumas perguntas um pouco insistentes e feitas com cerrada lógica, teriam colocado facilmente esse Espírito no seu devido lugar. Ele, porém, sabia que nada tinha a temer, já que nada lhe perguntavam e aceitavam sem qualquer controle e de olhos fechados tudo o que dizia. (Veja-se o item 269.)

XXXIV

Como é bela a Natureza! Como a Providência é prudente na sua previdência! Mas a vossa cegueira e as vossas paixões humanas impedem que tireis paciência da prudência e da bondade de Deus. Lamentai-vos à menor nuvem, ao menor atraso nas vossas previsões. Sabei, impacientes desconfiados, que nada acontece sem um motivo previsto, sempre premeditado em proveito de todos. A razão do que precede é para reduzir a nada, homens de temores hipócritas, todas as vossas previsões de mau ano para as vossas colheitas.

Deus inspira aos homens a inquietação pelo futuro, para os impelir à previdência; e vede como são grandes os meios para dar a última demão aos vossos temores e que, na maioria das vezes, ocultam mais pensamentos ávidos do que uma ideia de cauteloso aprovisionamento, inspirado por um sentimento de humanidade em favor dos pequenos. Vede as relações de nações a nações que daí resultarão; vede que transações deverão efetuar-se; quantos meios virão concorrer para reprimir os vossos temores! Porque, como sabeis, tudo se encadeia; por isso, grandes e pequenos virão à obra.

Então, não vedes já em todo esse movimento uma fonte de certo bem-estar para a classe mais laboriosa dos Estados, classe verdadeiramente interessante que, vós, os grandes, os onipotentes dessa terra, considerais como gente que podeis talhar à vontade, criada para as vossas satisfações?

Ora, que acontece depois de todo esse vaivém de um polo a outro? É que, uma vez bem providos, muitas vezes o tempo mudou; o Sol, obedecendo ao pensamento de seu criador, amadureceu em alguns dias as vossas sementeiras; Deus pôs a abundância onde a vossa cobiça meditava sobre a escassez e, mau grado vosso, os pequenos poderão viver; e, sem suspeitardes disso, fostes, também sem saber, a causa de uma era de abundância.

Entretanto, Deus permite algumas vezes que os maus tenham êxito em seus projetos cúpidos; mas, então, é um ensinamento que Deus quer dar a todos; é a previdência humana que Ele quer estimular; é a ordem infinita que reina na Natureza, é a coragem contra os acontecimentos que os homens devem imitar e suportar com resignação.

Quanto aos que, por cálculo, aproveitam dos desastres, crede que serão punidos. Deus quer que vivam todos os seus seres; o homem não deve brincar com a necessidade, nem traficar com o supérfluo. Justo em seus benefícios, grande na sua clemência, bom demais para com a nossa ingratidão, Deus, em seus desígnios, é impenetrável.

Bossuet, Alfred de Marignac

Observação – Esta comunicação, certamente, nada contém de mau. Encerra mesmo profundas ideias filosóficas e conselhos muito prudentes, que poderiam levar os pouco versados em literatura a equivocar-se relativamente à identidade do autor. O médium que a obteve submeteu-a ao exame da Sociedade Espírita de Paris; seus votos foram unânimes, declarando que ela não podia ser de Bossuet. Consultado, São Luís respondeu: “Esta comunicação, em si mesma, é boa; mas não acrediteis que tenha sido Bossuet quem a ditou. Um Espírito a escreveu, talvez um pouco sob a inspiração daquele outro, e lhe pôs por baixo o nome do grande bispo, para torná-la mais facilmente aceitável; mas pela

linguagem deveis reconhecer a substituição. Ela é do Espírito que colocou o seu nome, em seguida ao de Bossuet".

Interrogado sobre o motivo que o levara a proceder assim, disse esse Espírito: "Eu desejava escrever alguma coisa, a fim de me fazer lembrado dos homens. Vendo que sou fraco, resolvi valorizar o meu escrito com o prestígio de um grande nome. – Mas não imaginaste que se reconheceria não ser de Bossuet a comunicação? – Quem sabe lá, ao certo? Poderíeis enganar-vos. Outros menos perspicazes a teriam aceitado".

Realmente, a facilidade com que algumas pessoas aceitam tudo o que vem do mundo invisível, sob o prestígio de um grande nome, é que anima os Espíritos embusteiros. Todos, pois, devem consagrar a máxima atenção em lhes frustrar os embustes; porém, ninguém pode chegar a isso senão com o auxílio da experiência adquirida por meio de um estudo sério. É por isso que repetimos incessantemente: estudai, antes de praticardes, pois esse é o único meio de não adquirirdes a experiência à vossa própria custa.

[1]**N. do T.:** Os quatro subtítulos acima não faziam parte do cabeçalho do cap. XXXI da 2ª edição francesa [1861] que serve de base para esta tradução. Constam, porém, no corpo do referido capítulo e no "Sumário" deste livro, razão pela qual os inserimos nesta versão da FEB.

[2]**N. do T.:** Com alguns acréscimos, supressões e modificações, esta mensagem do Espírito de Verdade foi inserida por Allan Kardec no capítulo VI de O Evangelho segundo o Espiritismo, que trata do advento do Consolador prometido por Jesus. Pelo estilo e elevação da linguagem, muitos a atribuem ao próprio Cristo.

[3]**N. de A. K.:** Conhecemos um Senhor que foi aceito para um emprego de confiança, numa casa particular, porque era espírita sincero. Entenderam que as suas crenças eram garantia da sua moralidade.

CAPÍTULO XXXII

Vocabulário Espírita[1]

Agênere (Do grego *a*, privativo, e *geine*, *geinomai*, gerar; que não foi gerado.) – Variedade de aparição tangível; estado de certos Espíritos, quando temporariamente revestem as formas de uma pessoa viva, a ponto de produzirem completa ilusão.

Batedor – Qualidade de alguns Espíritos, daqueles que revelam sua presença num lugar por meio de pancadas e ruídos de naturezas diversas.

Erraticidade – Estado dos Espíritos errantes, isto é, não encarnados, durante o intervalo de suas existências corpóreas.

Espírita – O que tem relação com o Espiritismo; adepto do Espiritismo; aquele que crê nas manifestações dos Espíritos. *Um bom, um mau espírita; a Doutrina Espírita*.

Espiritismo – Doutrina fundada sobre a crença na existência dos Espíritos e em suas manifestações.

Espiritista – Esta palavra, empregada a princípio para designar os adeptos do Espiritismo, não foi consagrada pelo uso. Prevaleceu o termo *espírita*.

Espírito – No sentido especial da Doutrina Espírita, *os Espíritos são os seres inteligentes da Criação, que povoam o Universo, fora o mundo material, e que constituem o mundo invisível*. Não são seres oriundos de uma criação especial, mas as almas dos que viveram na Terra ou em outras esferas, e que deixaram o invólucro corpóreo.

Espiritualismo – Usa-se em sentido oposto ao de materialismo (Academia); crença na existência da alma espiritual e imaterial. *O espiritualismo é a base de todas as religiões*.

Espiritualista – O que se refere ao espiritualismo; adepto do espiritualismo. Quem quer que creia que em nós nem tudo é matéria, é *espiritualista*, o que não implica de modo algum a crença nas manifestações dos Espíritos. Todo *espírita* é necessariamente *espiritualista*; mas, pode-se ser *espiritualista* sem ser *espírita*; o *materialista* não é uma coisa nem outra. Diz-se: a filosofia *espiritualista*. – Uma obra escrita segundo as ideias *espiritualistas*. – As manifestações *espíritas* são

produzidas pela ação dos Espíritos sobre a matéria. – A moral *espírita* decorre do ensino dado pelos Espíritos. – Há *espiritualistas* que escarnecem das crenças *espíritas*.

Nestes exemplos, a substituição da palavra *espiritualista* pelo termo *espírita* daria lugar a evidente confusão.

Estereotita (Do grego *stereos*, sólido.) – Qualidade das aparições tangíveis.

Medianímico – Qualidade da força do médium. *Faculdade mediúnica*.

Medianimidade – Faculdade dos médiuns. Sinônimo de *mediunidade*. Estas duas palavras são, com frequência, empregadas indiferentemente. Caso se queira fazer uma distinção, poder-se-á dizer que *mediunidade* tem um sentido mais geral e medianimidade *um sentido mais restrito*. Ele possui o dom de *mediunidade*. *– A mediunidade mecânica*.

Médium (Do latim *medium*, meio, intermediário.) – Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens.

Mediunato – Missão providencial dos médiuns. Esta palavra foi criada pelos Espíritos. (Veja-se o capítulo XXXI, comunicação XXII.)

Mediunidade – Veja-se: *Medianimidade*.

Perispírito (Do grego *peri*, em torno.) – Envoltório semimaterial do Espírito. Nos encarnados, serve de intermediário entre o Espírito e a matéria; nos Espíritos errantes, constitui o corpo fluídico do Espírito.

Pneumatofonia (Do grego *pneuma*, ar, sopro, vento, espírito e *phonê*, som ou voz.) – Voz dos Espíritos; comunicação oral dos Espíritos, sem o concurso da voz humana.

Pneumatografia (Do grego *pneuma* e *grapho*, escrevo.) – Escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium.

Psicofonia – Comunicação dos Espíritos pela voz de um médium falante.

Psicografia – Escrita dos Espíritos pela mão de um médium.

Psicógrafo (Do grego *psiké*, borboleta, alma, e *grapho*, escrevo.) – Aquele que faz psicografia; médium escrevente.

Reencarnação – Retorno do Espírito à vida corpórea; pluralidade das existências.

Sematologia (Do grego *sema*, sinal, e *logos*, discurso.) – Linguagem dos sinais. Comunicação dos Espíritos pelo movimento dos corpos inertes.

Tiptologia (Do grego *tipto*, eu bato, e *logos*, discurso.) – Linguagem por pancadas ou batidas; modo de comunicação dos Espíritos. *Tiptologia alfabética*.

Tiptólogo – Gênero de médiuns aptos à tiptologia. Médium *tiptólogo*.

[1]**N. do T.:** Na 1a edição de *O Livro dos Médiuns* (1861), este vocabulário era muito mais extenso e constituía todo o primeiro capítulo da obra, com quase cem páginas. A partir da 2ª edição, também de 1861, que se tornou a edição definitiva, o *vocabulário espírita* foi reduzido às suas dimensões atuais. Conforme se vê na “Introdução” desta obra, era intenção de Allan Kardec publicar, mais tarde, um pequeno dicionário de filosofia espírita, providência que, por razões que ignoramos, acabou não se concretizando.

Nota Explicativa[1]

> Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticuloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo

inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

> O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)
>
> [...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)
>
> Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista

> circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)
>
> Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

> Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)
>
> O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa

metodologia:

> Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a "interpretação da doutrina dos anjos decaídos", apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversível, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

> É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente ("benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas"), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora

[1]**Nota da Editora:** Esta "Nota Explicativa", publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

Índice Geral*[1]

A

Ação magnética curadora
- magnetismo e – 131
- Revista Espírita e – 131
- teoria da – 131

Adepto do Espiritismo
- classes de – 28
- classes instruídas e – 39
- estímulo de prosélitos ao – 18

Adversário do Espiritismo
- absurdidade do Espiritismo e – 11
- argumentos do – 36
- comportamento do – 30
- efeitos físicos e – 37
- efeitos inteligentes e – 37
- questões formuladas ao – 4; 6
- razão e – 28
- sistema de negação e – 37
- sistema demoníaco e – 46
- sistemas do – 38

Afonso de Liguori, Santo

bicorporeidade e – 119, nota
evocação de – 119, 1 a 4
Agênere
aparição tangível e – 125
conceito de – 125
Revista Espírita e – 125
vocabulário espírita e – XXXII
Agostinho, Santo
dissertação espírita e – XXXI, I, XVI
Alma
ação da * no médium intuitivo – 180
animais e – 236
comunicação da * do médium – 223, 2
conceito de – 2; 9; 49; 54
consciência de si mesmo e – 2
corpo físico e – 2
destino da – 2
doutrina da localização da – 2
Espírito livre e atração da – 227
existência e individualidade da – 2
imaterialidade da – 50
Livro dos Espíritos, O, e – 50
manifestação da * após a morte – 52
manifestação espírita e propriedades da – 4
natureza da – 2; 50
objetivo final da progressão da – 302

pensamento e – 51
perispírito e – 50; 54
princípios do materialismo e – 11
prova da existência e sobrevivência da – 3
Alucinação
alma superexcitada e – 112
aparição e – 107
definição da palavra – 111
Espiritismo e teoria da – 112
explicação fisiológica da – 112
fenômenos espíritas e – 111
ideia fixa e – 113, 2
imaginação e – 113
manifestação visual e – 100, 15
origem da – 113
palavra mágica – 116
realidade das visões e – 113, 1
solução materialista para – 113, 2
teoria da – 111; 112; 113, 2
verdadeira – 113, 2
Animal
adestramento de – 236
alma do – 236
aptidões diversas no – 236
auxiliar do homem – 236
compreensão do pensamento do homem e – 236

elementos no cérebro do – 236
Espírito errante do – 283, 36
evocação do – 283, 36
inteligência relativa no – 234; 236
lei do progresso e – 236
lucidez no – 234
mediunidade no – 234
princípio inteligente do – 283, 36
reprodução do pensamento e – 236
resposta do Espírito de – 283, 36-a
segunda vista no – 234
visão da mula de Balaão e – 236
visibilidade dos Espíritos e – 236
Anjo
auréola e asas do – 102
comunicação espiritual e – 46
conceito de – 2
forma humana e – 56
missão do – 2
Anjo da guarda
afastamento de Espíritos maus e – 252
apelo ao – 203; 207; 211
assistência do – 211
inspiração e – 182
nome de santo e – 256
pensamento e atração do – 256

Anjos decaídos
doutrina dos – nota explicativa
Antiguidade
escrita direta na – 147
Antônio de Pádua, Santo
bicorporeidade e – 119, nota
Aparição
alucinação e – 107
aparência do Espírito na – 102
apresentação da – 102
características da – 100, 27
caráter individual e pessoal da – 168
causa da * noturna – 100, 18
credulidade e – 100, 18
ensaio teórico sobre – 101
entorpecimento dos sentidos e – 113, 2
Espíritos de pessoas vivas na – 115, 116 a 118
estado de vigília e – 100, 1, nota, 15; 102; 107
finalidade da – 107
forma do Espírito na – 104
frequência da – 100, 18
médium vidente e percepção da – 103
particularidade da – 102
perguntas sobre – 100
provocação da – 100, 27
registro histórico da – 100, 17

sonho e – 100, 15
susto na * de Espírito – 100, 10
teoria espírita da – 113
visibilidade dos Espíritos e – 100, 1
Aparição espontânea
frequência da * nos povos – 100, 17
Aparição tangível
ação inteligente e – 57
agênere e – 125
desaparição e – 57
fenômenos espíritas e – 17
Leis da Natureza e – 104
perispírito e – 50; 57
raridade na – 104, nota
teoria da – 17
Arremesso de objetos
Revista Espírita e – 94
São Luís e – 94
Artes
posse do gênio das – introd., p. 12

B

Balaão
mula de – 236
Balão cativo
simbologia do – 284, 55
Baltazar, festim de

escrita direta e – 146
Batedor
vocabulário espírita e – XXXII
Batedores profissionais
Espíritos batedores e – 145
Benevolência
atributo do Espírito – 264
Bento, São
dissertação espírita e – XXXI, V
Bergzabern, história de
Espírito batedor e – 88
manifestação física espontânea e – 88
pessoa elétrica e – 163
Revista Espírita e – 88
Bicorporeidade
conceito de – 119
corpo aparente e – 121, nota
corpo real e – 121
exemplos de – 119
explicações sobre – 119, 1
fenômeno natural e – 114
homem duplo e – 119
manifestação visual e – 114
milagre e – 119
perispírito e – 114; 119, 2
princípio fundamental da – 114

Bicorporeidade
Santo Afonso de Liguori e – 119, nota
Santo Antônio de Pádua e – 119, nota
transfiguração e – 114
Vespasiano e – 120
Bicorporeidade *ver também* Homem duplo
Bom gênio
agradecimento ao – 215
Bom médium – 197
aptidões do – 193
Bondade
atributo do Espírito – 264
Boussuet, Alfred de Marignac
dissertação espírita e – XXXI, XXXIV

C

Caixa de rapé
aparência da – 128, 3
confecção e destruição da – 128, 6
finalidade da – 128, 2
sensação experimentada e – 128, 1
tangibilidade da – 128, 7 a 9
Caridade
espírita imperfeito e – 28
verdadeiro espírita e – 28
Categoria de crentes
espíritas e – 27

Cérebro
comunicação espiritual e * do médium – 225
desordem do – 225
ditados espontâneos e – 225
elementos no * do animal – 236
forma do pensamento e – 236
material encontrado no * do médium – 225
memória e – 113, 2
vestimenta do pensamento e – 225
Cesta de bico
descrição da – 154
Cesta-pião
descrição da – 153
Céu
localização do – 2
Cévennes, calvinistas das
charlatanismo e – 11
Espiritismo e – 11
fanatismo e – 11
Channing
dissertação espírita e – XXXI, VII, VIII, X
Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – 282, 30-a
Charlatanismo
habilidade no – 323
médium interesseiro e – 304
melhor garantia contra – 308

sistema do – 38
Chateaubriand
dissertação espírita e – XXXI, II
Ciência
doutrina errônea e progresso da – 301, 10
torturas morais e corpóreas e – 162
Ciência celeste
ciência terrestre e – 293, 25
Espíritos superiores e – 293, 25
Ciência espírita
progresso da – 152
Ciência terrestre
ciência celeste e – 293, 25
Cobiça
aversão dos Espíritos e – 305
Comunicação apócrifa
caráter da personagem e – 267, 6
Comunicação espiritual
anjos, demônios e – 46
aprovação da consciência e – 268, 17
aptidão do médium para – 185
categorias de – 133
causa da negação da – 3
cérebro do médium e – 225
comportamento do Espírito na – 213
condições para – 186; 225; 282, 3

conselho de São Luís e – 266
contradição na – 267, 6
controle da razão e – 266
correção no estilo e ortografia e – 224
crítica da – 266
demônio e – 46
diferença entre – 133
distração, passatempo e – 288, 4
Espírito de homem ilustre e – 282, 32
espontânea – 269
evocada – 269
exame escrupuloso da – 266
hipótese da – 6
impossibilidade da – 46; 203
incrédulos e prova da impossibilidade da – 6
influência do Espírito encarnado no médium e – 223, 7
influência do organismo na – 224
instrumentos utilizados na – 157
irradiação do pensamento e – 225
manifestação da Virgem e – 46
médium de pouquíssima inteligência e – 223, 19
médium pouco adiantado e – 225
meios de obter – 138
permissão negada para – 282, 4
possibilidade da – 5
preferência do Espírito para – 185

proibição da – 254, 7
Comunicação espiritual
regularidade na – 87
requisitos para – 203
retirada de Espírito inferior e – 282, 25
ridícula – 268, 11
simbologia da – 225
vontade de Deus e – 46
Comunicação espontânea
assuntos para estudo e – 345
finalidade da – 226, 4; 269
inconveniência da – 269
Comunicação frívola
conceito de – 134
origem da – 134
Comunicação grosseira
conceito de – 134
origem da – 134
Comunicação instrutiva
características da – 137
Comunicação inteligente
Espírito do médium e – 223, 9
Comunicação séria
conceito de – 136
distinção entre falsa e verdadeira – 136
Contradição

adversários do Espiritismo e – 297
características da – 297
causas da – 302
fenômenos espíritas e – 298
grupo espírita e – 349
lançamento de dúvidas e – 300, 4
Contradição
origem espírita da – 299
origem humana da – 298
reencarnação e – 301, 8
Sociedade Espírita e – 349
tipos de – 297
Convencimento
condições para – 19
Corpo físico
bicorporeidade e * aparente – 121, nota
bicorporeidade e * real – 121
características do – 3
conceito de – 54
fadiga do * na evocação – 284, 55
ferimento do * no sono – 284, 41, 41-a, b
manifestação do pensamento no – 5
morte do * no Espírito ausente – 118
suicídio hipócrita e morte do – 284, 41-b
vida do * no Espírito ausente – 118
Corpo fluídico *ver* Perispírito

Corpo inerte animado
inteligência e vida no – 223, 13
Crença espírita
unidade na – 301, 9
Espírito de Verdade, O, e – 301, 9
Criança
autoridade da – 162
desenvolvimento anterior da – 162
evocação do espírito da – 282, 35
faculdade mediúnica na – 222
influência corpórea no Espírito da – 282, 35
linguagem do Espírito da – 282, 35
médium natural e – 221, 7
Crítica
comportamento do médium e – 228
comunicação espiritual e – 266
Espírito bom e – 266
Espírito mau e – 266
estilo, ortografia e – 224
médium e – 196; 329
reunião espírita e – 337
verdadeira – 12
Cupertino, São
levitações de – 16
Cura
dom da * pelo toque – 176, 5 a 7

explicação da – 131
imposição das mãos e – 131
magnetizador e – 175
prece e – 176, 8

D

Dama Branca, história da
realidade da – 132, 11
Delphine de Girardin
dissertação espírita e – XXXI, XIV
Demônio
comunicação espiritual e – 46
conceito de – 2
conselhos do – 46, 6a, nota
Deus e – 46
Espírito mau obsessor e – 51
justiça e bondade de Deus e – 2
Derrogação das Leis da Natureza
Doutrina Espírita e – 7
maravilhoso e – 7
sobrenatural e – 7
Deus
advertência de – 74, 25
demônios e – 46
derrogação das leis de – 15
Espíritos maus e – 46
teólogo e crença em – 18

Diabo
manifestação do – 46
temor do – 46
Dibbelsdorf, história de
manifestação física espontânea e – 88
Revista Espírita e – 88
Dicionário de filosofia espírita
publicação do – introd., p. 16
Dissertação espírita
Boussuet, Alfred de Marignac e – XXXI, XXXIV
Channing e – XXXI, VII, VIII, X
Chateaubriand e – XXX, II
Delphine de Girardin e – XXXI, XIV
Erasto e – XXXI, XXVII, XXVI Espírito de Verdade, O, e – XXXI, IX, nota, XV
Espírito familiar, Um, e – XXXI, IV
Fénelon e – XXXI, XXI, XXII
Georges e – XXI, XXIV
J.-J. Rousseau e – XXXI, III
Jesus e – XXXI, XXXIII
Joana d'Arc e – XXXI, XII
Massilon e – XXXI, XXV
Napoleão e – XXXI, XXXI
Pascal e – XXXI, XIII
Pierre Jouty e – XXXI, XI
Santo Agostinho e – XXXI, I, XVI
São Bento e – XXXI, V

São Luís e – XXXI, VI, XVII a XIX, XXIII
São Vicente de Paulo e – XXXI, XX, XXVI, XXIX
sobre Espiritismo – XXXI, nota
Vicente de Paulo e – XXXI, XXX, XXXII
Doença
manifestação visual e – 100, 16
situação do cérebro na – 113, 2
Doutrina
causa da * errônea – 301, 10 efeito da * errônea – 301, 10
Espírito de Verdade, O, e – 302
melhor – 302
unidade da – 302
utilidade da falsa – 301, 10
Doutrina Espírita
causa das manifestações físicas e – 162
derrogação da lei e – 7
diversidade humana e – nota explicativa
escopo principal da – nota explicativa
espírita imperfeito e – 28
espíritas sem o saberem e – 27
estruturação da – nota explicativa
Leis da Natureza e – 7
manifestação espírita e – 32
perispírito e – 50
ponto de partida da – 60
princípios básicos do – 1; 4

Que é o Espiritismo?, O, e princípios da – 35
Doutrina Espírita *ver também* Espiritismo
Dupla vista
animais e – 234
cego e – 167
cérebro e – 113, 2
Dupla vista
efeito de – 295, 31
êxtase e – 100, 19
médium involuntário e – 160
médium vidente e – 167
prestidigitador e – 234
Duplo etéreo
mundo invisível e * dos objetos – 128, 4

E

Efeitos físicos
adversários do Espiritismo e – 37
fenômenos espíritas e – 37
variedades especiais para – 189
Efeitos intelectuais
médiuns especiais para – 190
Efeitos inteligentes
adversários do Espiritismo e – 37
fenômenos espíritas e – 37
Egoísmo
aversão dos Espíritos e – 305

chaga da sociedade – 307
Elemento universal
fluido universal e – 74, 3
Elemento universal *ver também* Matéria cósmica universal
Embuste
médium interesseiro e – 304
sistema da loucura e – 39
Encarnação
definitiva – 284, 51
perispírito no estado de – 75
Ensino
considerações sobre a palavra – 18
metodologia do – 19
Ensino espírita
melhor método de – 31, nota
Envoltório etéreo *ver* Perispírito
Envoltório material fluídico *ver* Perispírito
Envoltório semimaterial *ver* Perispírito
Erasto
discípulo de São Paulo – 98
dissertação espírita e – XXXI, XXVII, XXVIII
fenômeno de tangibilidade e – 98
fenômeno de transporte e – 98
influência moral do médium e – 230
mediunidade dos animais e – 236
papel dos médiuns na comunicação e – 225

protetor do médium – 98
quadro sinótico e – 189; 193; 196; 197
Erraticidade
perispírito no estado de – 75
vocabulário espírita e – XXXII
Erro
adoção do – 301, 10-a
distinção do – 301, 10
inconveniente em acreditar em – 300, 5
Escala Espírita
Livro dos Espíritos, O, e – introd., p. 15; 49; 133
quadro sinótico e – 197
supressão de artigos e – introd., p. 15
Escrita direta
agregação da matéria e – 128, 18
antiguidade e – 147
atributo do Espírito – 147
Escrita direta
barão de Guldenstubbe e – 147, nota
características da – 149
conceito de – 127
condições para – 148
desaparecimento dos traços da – 128, 18
embuste e – 146
Espiritismo e – 146
explicação da – 128, 17

fenômeno da tabaqueira e – 149
fenômenos de ordem física e – 189
festim de Baltazar e – 147
Idade Média e – 147
impossibilidade da – 177
influência do local na – 148
origem da matéria e – 127
produção de matéria sólida e – 126
seriedade da – 147
teoria da – 128, 18; 148
utilidade da – 149
Escrita direta *ver também* Pneumatografia
Escrita involuntária *ver* Escrita manual
Escrita manual
desenvolvimento pelo exercício da – 178
estímulo à – 178
processo da – 200
recomendações para – 201 a 203
simplicidade da – 157; 178
Escrita mecânica
explicações sobre – 213; 214
intuição e – 214
Esopo
aparência do Espírito – 102
Espécie humana *ver* Humanidade
Espírita(s)

crença na universalidade dos – 49
Espiritismo e * esclarecido – 18
estudo atencioso do – 268, 2
materialista, espiritualista e – 19
realização de milagre e – 15
vocabulário espírita e – XXXII
Espírita cristão *ver* Verdadeiro espírita
Espírita exaltado
características do – 28
Espíritos mistificadores e – 28
incrédulos e – 28
Espírita experimentador
Espiritismo e – 28
Espírita imperfeito
caridade e – 28
Doutrina Espírita e – 28
Espiritismo
abrangência do – 13
aceitação dos fatos maravilhosos e – 11; 13
aperfeiçoamento moral e – 51
base do – 18
ciência, filosofia e – 18
classes cultas e instruídas e – 225; 39
conquista de adeptos ao – introd., p. 14
crenças populares e – 14
críticos do – 11; 14

curso de * experimental – 31
descobertas e conhecimento do – 294, 29
desejo dos adeptos do – introd., p. 11
dificuldades e desenganos no – introd., p. 11
dificuldades na prática do – introd., p. 13
ensino do – 31
erro dos sistemas e – 46
Espiritismo
espírita esclarecido e – 18
espírita experimentador e – 28
Espíritos maus e – 244
estudo sério do – 14; 18
fatos prodigiosos e – 16
finalidade do – 292, 21; 303, 1
frivolidade, divertimento e – introd., p. 13 e 14
ilusão dos que desconhecem – 316
inconvenientes na prática do – 46
incrédulos e – introd., p. 14; 13; 23; 26
inimigos do – 336
interpretação dos fenômenos do – 36
leviandade no julgamento do – 13
médium vidente e revelação do – 103
mesas girantes e – 13
objetivo sério do – introd., p. 13 e 14
papel do – 303, 1
perigo no – 254, 7

ponto de partida do – 19
primeiros passos do – 36
princípios básicos do – 1; 4
progresso do – introd., p. 14
questões da Humanidade e – 18
questões formuladas ao adversário do – 4; 6
questões formuladas ao incrédulo e – 4; 6
reencarnação e rejeição do – 301, 9
renúncia ao – 303, 2
requisitos exigidos ao crítico do – 14
revelação da lei e – 15
tato na prática do – 222
teoria da alucinação e – 112
verdadeiro – 31
vocabulário espírita e – XXXII
Espiritismo *ver também* Doutrina Espírita
Espiritismo cristão humanitário
bandeira do – 350
Espiritista
vocabulário espírita e – XXXII
Espírito (s)
abandono do médium pelo – 220, 3
ação do * sobre a matéria – 3; 7; 9; 59; 72; 74, 21; 109; 128; 130
afinidade entre – 227
alma, perispírito e – 50
animais e visibilidade dos – 236

anúncio de acontecimento pelos – 289, 10
aparência do * visível – 100, 28
apego dos – 132
aperfeiçoamento no ensino dos – 220, 16
apresentação do * em dia determinado – 132, 7-a
apresentação noturna do – 132, 7
apresentação rápida do * evocado – 271
asas simbólicas do – 100, 12
ataque ao – 11
atributos dos – 264
auxiliares clarividentes – 291, 20
aversão dos * ao egoísmo e cobiça – 305
bom senso dos – 267, 1
caligrafia e identificação do – 219
características distintivas dos – 256
causa da visibilidade do – 100, 23
Espírito(s)
causas de queda dos – 268, 15
classe dos * visíveis – 100, 2
comprovação da intervenção dos – 9
comunicação falsa e – 268, 13
conceito de – 2; 9; 19; 46; 49; 52; 243
conhecimento científico dos – 268, 2
conhecimentos latentes no * do médium – 225
conselhos da vida privada e – 291, 18
considerações sobre perguntas aos – 286

constrangimento do pensamento do – 269
crença nos – 1; 7; 350
decomposição do pensamento do – 225
desconfiança dos – 267, 14
deslumbramento pelo nome do – 303, 2
destino dos – 49
dúvida relativa à existência dos – 1
envoltório semimaterial do – 75
envoltórios do – 3
escala espírita e – 49
estudo do caráter dos – 267, 25
evocação de * pela primeira vez – 270
faculdade mediúnica e – 244
felicidade dos – 49
finalidade do ensino dos – 300
fluido universal e – 58
força muscular do – 74, 12
forma animalesca do – 100, 30
formas do – 55
frequência do * no túmulo – 132, 8
graus dos – 49
ideias falsas de * inteligentes – 300, 6
ideias terrenas dos – 267, 21
identidade dos * das personagens antigas – 255
identificação da resposta do – 223, 3
identificação do – 203; 224; 255; 262

impossibilidade de comunicação do – 203
indicação dos nomes dos – introd., p. 15
indício de superioridade e – 267, 22
indução ao erro e – 268, 12
infalibilidade do – 265
influência do meio e natureza dos – 241
influência sobre a Humanidade e – 244
inteligência do – 9
interpretação das expressões dos – 128, 3
intriga e – 268, 17
invisibilidade dos – 56
julgamento dos – 137; 256; 263; 267, 26; 302
lei do progresso e – 49
levianos – 25
lições indiretas dos – 226, 4
linguagem dos – introd., p. 12; 49; 223, 15; 255; 263; 267, 2; 268, 26; 300, 3
livre-arbítrio e – 49; 268, 21
Livro dos Espíritos, O, e sensação dos – 50
loucura e – 282, 35
lugares assombrados pelos – 132, 12
Espírito(s)
manifestação dos – 49
médium e * evocador – 225
médium vidente e – 268, 14
mediunidade nos animais e – 236
meio utilizado para identificação do – 259

mesas girantes e ação dos – 72; 73
misantropo – 132, 4-a
missão dos – 300, 4
morte do corpo no * ausente – 118
movimentação de corpo sólido e – 74, 8
mundo invisível e – 49
natureza dos – 1; 58
nomes santos e – 268, 6
nomes venerados e – 268, 21
pedido de conselhos aos – 291, 17
pensamento e – 7; 76; 100, 15
perguntas feitas ao – 205
perispírito, parte integrante do – 55
permissão para manifestação do – 100, 3
pessoas enganadas pelos – 303, 1-a
potência da Natureza e – 15; 49
predição enganosa dos – 289, 10
predileção dos * para reunião – 132, 6
preferência dos * pelas ruínas – 132, 4
prescrição meticulosa e – 267, 13
princípio inteligente e – 1
propagação da manifestação dos – 7
prova de identidade do – 260
provas infalíveis da inferioridade dos – 211
qualidades dos – 267; 267, 5
reação do * ao tato – 100, 24

reconhecimento de pessoa viva pelo – 118
recusa do * em afirmar identidade – 260
rejeição à existência dos – 1
resposta de * de animal – 283, 36-a
sensação do * e médium – 268, 28
simbologia do balão cativo e – 284, 55
simpatia e antipatia entre – 232
sinais gráficos dos – 268, 23
sinais para reconhecimento dos – 268
situação do perispírito no * encarnado – 75
substituição do – 220, 4
supremacia entre – 284, 50
suspensão de mesa pelo – 8
tato e percepção do – 104
tiptologia e atuação do – 74, 22
transmissão do pensamento do – 7
ubiquidade e – 282, 30-a
vestuário dos – 126
vida do corpo no * ausente – 118
visibilidade dos – 100, 1, 22
vocabulário espírita e – XXXII
vontade, atributo do – 131
zombeteiros – 25
Espírito atrasado
características do – 267, 18
Espírito batedor

batedores profissionais e – 145
Bergzabern e – 163
evocação do – 90
manifestação física espontânea e – 90; 185
medo do – 90
objetivo do – 90
papel do – 231
tiptologia e – 145
Espírito bom
atitude do – 267, 15
características do – 264; 267, 7, 10, 11, 17, 18
comunicação com – 254, 1, 4
coração e atração do – 233
crítica e – 266
defeitos que afastam – 227
distinção entre Espírito mau e – 262
evocação de – 282, 21
formas do – 113, 1
influência do – 103
inteligência e – 265
interesses do – 268, 20
perguntas ao – 288, 3
poder do – 254, 1
proteção de família e – 132, 10-a
qualidades que atraem – 227
reconhecimento do – 267, 16; 268, 28

recusa das comunicações e – 230
sonhos e – 101
Espírito brincalhão
comunicação frívola e – 135
manifestação física espontânea e – 88
revelação de existência passada e – 290, 15-a
Revista Espírita e – 88
Espírito cínico
comunicações obscenas e – 230
Espírito contemporâneo
identidade comprovada de – 257
Espírito de Castelnaudary
história do – 88
Espírito de Verdade, O
comunicação de um único Espírito e – 301, 7
dissertação espírita e – XXXI, IX, nota; XV
doutrina e – 302
mistificação e – 303, 2
objetivo do – 48
reencarnação e – 301, 9
Espírito elevado
campo de estudo com – 344
linguagem do – 267, 6
pensamentos do – 267, 6
Espírito encarnado
lei do progresso e – 236

Espírito enganador
afastamento do médium e – 329
comportamento do – 268, 26
fórmula para expulsar – 268, 22
liberdade de ação do – 329
Espírito errante
animal e * no mundo espiritual – 283, 36
Espírito encarnado no médium e – 223, 15
gênero de – 232
predileção do – 132, 2
transmissão do pensamento pelo – 225
vontade e – 131
Espírito familiar
abuso da condescendência do – 291, 19
Allan Kardec e – 86
Espírito familiar
homem mau e – 291, 18
interesses materiais e – 291, 19
Espírito familiar, Um
dissertação espírita e – XXXI, IV
Espírito forte
conceito de – 16
fatos prodigiosos e – 16
sinônimo de – 116
Espírito galhofeiro
comunicações tangíveis e – 225

Espírito glóbulo
efeitos de óptica e – 108
médium vidente e – 171
Espírito imperfeito
caráter do – 46
conselhos do – 267, 20
homens fracos e – 267, 20
perguntas ao – 288, 3-a
sonhos e – 101
Espírito inferior
aptidões do – 74, 12; 223, 22
artimanhas do – 244
ascendência sobre – 279
auxiliar dos Espíritos superiores – 74, 12
benevolência com – 280
características do – 307
comportamento do – 179; 267, 23
evocação de – 94, 8
imitação do pensamento e – 268, 24
linguagem do – 267, 4; 267, 9
mesas girantes e – 74, 10
necessidade da reencarnação e – 301, 9
nome respeitável e – 256
perguntas aos Espíritos e – 288, 6
reuniões sérias e – 231
semblante do – 102

simpatia com – 94, 5
Espírito inferior *ver também* Espírito vulgar
Espírito leviano
comportamento do – 186
comunicação frívola e – 135
evocação de – 282, 21
exposição do mal e – 267, 16
perguntas aos Espíritos e – 288, 2-a
predição e – 289, 11
reconhecimento do – 267, 8
reunião frívola e – 325
Espírito leviano *ver também* Espírito malfazejo
Espírito malfazejo
exposição do mal e – 267, 16
Espírito malfazejo *ver também* Espírito leviano
Espírito mau
ação do * sobre o médium – 267, 19
apego por lugar e prova de – 132, 3
assistência de – 212
características do – 267, 7, 10, 11, 17
combate à influência do 254, 2; 5
crítica e – 266
demônio e – 251
Deus e – 46
distinção entre Espírito bom e – 262
Espiritismo e – 244

estripulias do – 132, 13
evocação de – 282, 21
Espírito mau
influência do – 103
intromissão do – 268, 18
invocação do nome de Deus e – 279
linguagem de – 268, 17
lugar mal-assombrado e – 132, 9-a, nota
médium escrevente e – 212; 213
melhor meio de expulsar – 132, 13
nomes falsos do – 268, 19
obsessão e – 213
orgulho e – 228
permissão de comunicação do – 268, 16
poder do Espírito bom sobre – 254, 1
portas abertas ao acesso do – 228
possessão e – 241
reconhecimento do – 268, 28
sinais materiais do – 268, 27
Espírito misantropo
preferência do – 132, 4-a
Espírito mistificador
astúcia do – 303, 2
espírita exaltado e – 28
meios empregados pelo – 303, 2
previsões futuras e – 289, 8

Espírito obsessor
características do – 246
evocação de – 250
exemplo de atuação de – 252
imperfeições morais e ação do – 252
magnetizador e – 251
meio de se livrar do – 252
moral e – 246
poder para expulsar – 251
prece e – 252
Espírito perturbador da Rua des Noyers
auxiliar do – 95, 3 a 5
diálogo com – 95
identificação do – 95, 13 a 19
objetivo do – 95, 6 a 8
rei Luís e – 95, 16
Espírito perverso
aproximação do – 254, 5-a
Espírito protetor
indicação de melhor caminho e – 291, 19
invocação do – 182
nome de santo e – 268, 3 a 5
ocupações do – 333
Espírito pseudossábio *ver* Espírito inferior
Espírito puro
conceito de – 282, 31

evocação de – 282, 31
fluido universal e – 74, 5
forma humana e – 56
irradiação do pensamento do – 282, 30-a
nome do * na Terra – 256
Espírito sábio
aconselhamento do – 291, 19
Espírito secundário
médium escrevente e – 210
Espírito semi-imperfeito
conhecimento científico e – 268, 2
Espírito sério
ideias e preconceitos do – 300, 3
silêncio do * sobre o futuro – 289, 11
Espírito superior
apego e – 132, 14
aptidões do – 223, 22
atração do – 256
Espírito superior
características do – 145; 247; 267, 12
censura de – 268, 17
ciência celeste e – 293, 25
comportamento do – 179
contradições do – 300, 2
Espírito de baixo escalão e – 268, 9
Espírito inferior e – 74, 12

estilo do – 267, 9
evocação de – 268, 7
força moral e física e – 74, 12
gracejos do – 267, 24
imperfeição do médium e – 231
individualidade do – 256
irreverência no trato com – 280
Leis da Natureza e – 74, 25
linguagem do – 267, 4
mandatários e – 268, 7, 8
má vontade do Espírito encarnado e – 231, 2
mesas girantes e – 74, 12; 145
nome do * na Terra – 256
nomes conhecidos do – 293, 25
palavra do – 226, 11, 12
papel do médium e – 225
provas e – 224
recomendação de – 136
reconhecimento do – 268, 23
respeito ao livre-arbítrio e – 226, 7
reuniões fúteis e – 231; 232
semblante do – 102
substituição de – 268, 10
tesouros ocultos e – 295, 30
vida corpórea e espiritual e – 281
Espírito vulgar

aplicação da verdade e – 281
características do – 267, 12
evocação do – 281
Espírito vulgar *ver também* Espírito inferior
Espírito zombeteiro
astúcia e habilidade do – 306
atração do – 268, 15
comportamento do – 186
comunicação frívola e – 135
formas do – 113, 1
papel do – 231
revelação de existência passada e – 290, 15-a
sátira do – 267, 24
tesouros ocultos e – 295, 30
Espírito(s) evocado(s)
ação do pensamento no – 282, 5
apresentação imediata de – 271
conversação entre – 282, 29
Espírito familiar e – 282, 5
Espírito inferior e – 282, 29
livre-arbítrio do – 282, 8, 9
negativa do – 282, 9
obediência do – 282, 8
resposta do – 282, 30
Espiritualismo
princípios básicos do – 1

vocabulário espírita e – XXXII
Espiritualista
incrédulo de má vontade e – 22
materialista, espírita e – 19
vocabulário espírita e – XXXII
Esquecimento do passado
Livro dos Espíritos, O, e – 290, 15-b
Estereotita
vocabulário espírita e – XXXII
Estudo espírita
distinção entre real e falso e – 91
Evocação
abstenção do médium à – 282, 11
afeição dos Espíritos pela – 282, 20, 21
animais e – 283, 36
antecipada – 271
atenção ao chamado da – 282, 2
captação da * no Universo – 282, 5
causas impeditivas ao chamado da – 282, 3
certeza da morte do evocado e – 292, 23, 23-a
com mais de um médium – 282, 28, 29
comparecimento de Espírito na – 274
comunhão de pensamentos na – 282, 14
condições para – 203; 273
considerações gerais sobre – 269
constrangimento de Espírito e – 284, 49

constrangimento de pessoa e – 284, 49
criança e – 282, 35; 284, 54
despertamento do corpo na – 284, 39-a
dias e horas determinados para – 282, 16, 19
dificuldades da – 272
disposições especiais para – 282, 12
divergência de ideias na – 282, 14
durante o sono – 284, 42, 42-a
efeito da * no estado de vigília – 284, 43
em nome de Deus – 271; 282, 26
encarnação do Espírito e – 284, 37
Espírito bom e – 282, 21
Espírito de pessoa viva e – 284, 38
Espírito determinado e – 270
Espírito inferior e – 280; 282, 11, 29, 30-a
Espírito leviano e – 282, 21; 283, 36-a
Espírito mau e – 282, 21
Espírito misantropo e – 282, 20
Espírito mistificador e – 284, 52; 292, 23-a
Espírito no ventre materno e – 284, 51 Espírito puro e – 282, 31
Espírito superior e – 282, 8, 30-a; 344
Espírito vulgar e – 281; 344
estado do corpo na – 284, 37, 39
exemplo de – 203
fadiga de pessoa viva na – 284, 55
fé e – 282, 13

formação de corrente e – 282, 15
graus de Espíritos e – 274
herança, negócios materiais e – 291, 20
homem ilustre e – 344
identidade do Espírito e – 282, 23
impedimento à manifestação e – 274, 27
inconveniente na – 278; 284, 53, 54, 56
Evocação
instante da morte e – 282, 34
interesse da * de pessoa viva – 284, 52
lembrança da * em pessoa viva – 284, 44
linguagem usada na – 280
lugares lúgubres e – 282, 18
medalhas, talismãs e – 282, 17
médiuns especiais e – 272
médiuns mal assistidos e – 272
necessidade da – 282, 22
objetivos da – 273
paciente mortos e – 293, 27
parentes e – 282, 20; 343
pássaro e – 283, 36-a
pela primeira vez – 270
pelo pensamento – 282, 24
perguntas sobre – 282
pessoa acordada e – 284, 43
pessoa interessada na – 273

pessoa viva e – 284
possibilidade da – 277; 284, 44-a
prazo para – 282, 33
premeditada – 282, 6
profanação e – 222
provocação do sono na – 284, 43
recíproca – 285
resposta de pessoa viva e – 284, 45
resposta do espírito de animal e – 283, 36
resposta pronta do Espírito na – 282, 6
sacerdote e – 280
sem ser médium – 282, 1
sentimento de simpatia na – 282, 7
separação do Espírito do corpo e – 284, 40
simultânea – 282, 27 a 30; 284, 46-a
sonâmbulo e – 284, 46
sono magnético e – 284, 46
sono natural e – 284, 43
Tartufo e – 283, 36-a
utilidade da * particular – 281
Evocador
comportamento do – 273
Espírito comparece obrigado pelo – 282, 10
Espíritos bons e – 282, 12
pensamento do – 282, 7
recusa ao apedido do – 282, 9

Existência futura
revelação da – 290, 16
Existência passada
crédito à revelação da – 290, 15-a
Espíritos brincalhões e revelação da – 290, 15-a
Espíritos zombeteiros e revelação da – 290, 15-a
revelação da – 290, 15, 15-a, b Exorcismo
eficácia do – 132, 14
Êxtase
dupla vista e – 100, 19
Espírito do médium e – 223, 3
visão dos Espíritos e – 100, 19

F

Faculdade mediúnica
ambição de * excepcional – 198
ampliação indefinida da – 198
características da – 226, 1
causa da perda da – 220, 2
consequências do mau uso da – 226, 3
crianças e – 222
Faculdade mediúnica
desenvolvimento da – introd., p. 12; 100, 26-a; 198; 207; 208; 212
elasticidade da – 205
estado do médium e – 223, 1
estado patológico e – 221, 1
exercício da – 100, 26-a

fadiga e – 221, 2
gérmen da – 171; 198
idade para prática da – 221, 8
inconvenientes no exercício da – 221, 3, 4
intermitência e suspensão da – 220
interrupção da – 220, 4, 5
interrupção da * e censura – 220, 9 a 11
meio de comunicação – 232
objetivo da – 226, 5
obsessão e – 244
perda da – 220
privilégio da – 220, 14
repugnância do médium pela – 220, 13
rudimentos da – 208
sinal da existência da – 62
suspensão da – 220, 8
utilização da – 308
Faculdade mediúnica escrevente
classes cultas e instruídas e – 225
Família espírita
núcleo da – 334
Fascinação
características da – 239
caráter do Espírito e – 239
conceito de – 239
consequências da – 239

limites da – 250
mediunidade e – 329
obsessão simples e – 239; 250
subjugação moral e – 240
temor do fascinador e – 239
Fato espírita
compreensão prévia do – 34
convicção do – 33
importância do – 33
lei da matéria, incrédulo e – 6
manifestação espontânea e – 33
recomendação de registro do – 82
Fato maravilhoso
derrogação da lei e – 7
entendimento de – 7
fenômeno espírita e – 14
Leis da Natureza e – 7
propriedades do perispírito e – 58
superstição e – 10; 13
Fato sobrenatural
derrogação da lei e – 7
entendimento de – 7
Espiritismo e causa do – 14
Espiritismo e impossibilidade do – 14
fenômeno espírita e – 14
Leis da Natureza e – 7

propriedades do perispírito e – 58
Fé
Espíritas e – nota explicativa
evocação e – 282, 13
médium aprendiz e – 209
prece e – 176, 9
Fénelon
dissertação espírita e – XXXI, XXI, XXII
Fenômeno da tabaqueira
escrita direta e – 149
Fenômeno de tangibilidade
aceitação do – 98
características do – 98
fenômeno de transporte e – 98
frequência do – 98
médium e – 98
Fenômeno de transporte
aceitação do – 98
barreira do médium no – 98
características do – 96
complexidade do – 98
condições para realização do – 98
desaparecimento dos objetos e – 99, 10
dificuldades do – 98; 99, 11, nota, 12
Erasto e a teoria do – 98; 99
estado sonambúlico do médium no – 99, 1

fenômeno de tangibilidade e – 98
fraude no – 321
garantias do – 97
imprevisibilidade do – 98
invisibilidade dos objetos no – 99, 20
localização dos objetos no – 99, 5 a 9, notas
mecanismo do – 236
natureza especial do médium e – 99, 3
objetos em locais fechados e – 99, 18, 20
particularidade do – 99
pessoas antipáticas no – 98
presença de pessoas no – 99, 4
raridade do – 98
sensitivo e – 98
trazimento dos objetos e – 99, 2
visibilidade dos objetos no – 99, 19, nota
Fenômeno espírita
alucinação e explicação do – 111
aparições e – 17
condições para obtenção do – 31
contestações do – 17
contradições e – 298
convicções no – 17
derrogação das Leis de Deus e – 15
escrita direta e – 15
espécies de – 37

espontâneo e provocado – 33 filosofia espírita e – 32
fiscalização no – 318
imitação de – 318
importância da teoria do – 31; 32
inteligência, chave do – 9
inteligências extracorpóreas e – 49
leis da matéria e explicação do – 111
Leis da Natureza e – 14
Livro dos Médiuns, O, e – introd., p. 12
maravilhoso, sobrenatural e – 14
percepção das causas do – 74, 24
perispírito, chave do – 74, 9
presença do médium no – 236
princípios do – 14
prodígios e – 16
prova inteligente do – 9
racionalidade do – 15
regra geral do – 98
sistema para explicação do – 223, 12
Fenômeno espírita *ver também* Manifestação espírita
Fenômeno espontâneo
concurso do médium no – 74, 15
Fenômeno físico
motivos da fraude no – 315
Fenômeno material
explicação do – 29

materialista e – 29
oposição ao – 29
Fenômeno natural
ação dos Espíritos no – 99, 16, nota
Filosofia da ciência espírita
Livro dos Espíritos, O, e – introd., p. 14
Filosofia espírita
fenômeno espírita e – 32
Fluido
natureza do – 51
Fluido animalizado *ver* Fluido do médium
Fluido da vida
fluido universal e – 75
Fluido do médium
corpo inerte e utilização do – 223, 9
emissão do – 75
fluido universal e – 74, 14
poder do médium e – 75
sensitivo e – 98
Fluido do perispírito *ver* Fluido perispirítico
Fluido elétrico
fluido universal e – 74, 4
Fluido magnético
magnetizador e – 131
matéria cósmica e – 131
Fluido magnético animal

fluido universal e – 74, 5
Fluido nervoso *ver* Perispírito
Fluido perispirítico
criação do neologismo – 98, nota
fenômeno de transporte e – 98
fluido do Espírito e – 98
visibilidade do Espírito e – 100, 24
Fluido universal
agente intermediário do Espírito – 58
elemento universal e – 74, 3
Espíritos puros e – 74, 5
estado do – 74, 5
fluido da vida e – 75
fluido do médium e – 74, 14
fluido elétrico e – 74, 4
fluido magnético animal e – 74, 5
fluido vital e – 74, 13
fonte da vida e da inteligência e – 74, 6
natureza do – 81
perispírito e – 74, 7; 75
propriedades do – 79
São Luís e – 74
veículo do pensamento – 282, 5-a
Fluido vital
atributo exclusivo do encarnado – 98
fluido universal e – 74, 13

vida artificial e – 77
Fogos-fátuos
causa física dos – 100, 29
Força da gravitação
corpos animados e – 74, 25
Força magnética
força mediúnica e – 74, 19
origem da – 176, 2
variedade de médiuns e – 176, 1
Força mediúnica
força magnética e – 74, 19
Força muscular
Espírito e – 74, 12, 24
Forma humana
anjo e – 56
características da – 56
Espíritos não encarnados e – 56
Espíritos puros e – 56
Fraude
características da – 309
descoberta da – 268, 25
escrita direta e – 320
fenômeno de transporte e – 321
finalidade da – 314
Fraude
gênio da – 314

manifestações físicas e – 314
pancadas e – 319
refutação da * espírita – 314
Frenologia
Allan Kardec e – nota explicativa
conceito de – 113, 2
considerações sobre – nota explicativa
Futuro
anúncio de acontecimento – 289, 8
embuste dos Espíritos inferiores e – 289, 11
Espíritos mistificadores e – 289, 8
faculdade de entrever – 289, 12
Livro dos Espíritos, O, e – 289, 7
pressentimento de acontecimento – 289, 11
revelação do – 289, 7
silêncio dos Espíritos sérios e – 289, 11

G

Georges
dissertação espírita e – XXXI, XXIV
Girardin, Émile
Mesa-Girardin e – 144
Grandes-Ventes, história do padeiro das
manifestação física espontânea e – 88
Revista Espírita e – 88
Grupo(s) espírita(s)
antagonismo e – 348

contradições e – 349, nota
dirigentes do – 230
instrução no – 347
médium leviano e – 230
médium no * recém-criado – 347
missão do – 348
multiplicação dos – 349
processo utilizado no – 207
Guldenstubbe, barão de
escrita direta e – 147, nota

H

História de um danado v*er* História do Espírito de Castelnaudary
Home, Daniel Dunglas
levitação e – 16
mesas girantes e – 80
Homem(ns)
conceito de – 5
Espírito de * sábio – 265
influência do – 254, 5-a
partes essenciais do – 54
perda do talento do – 223, 23
reunião de * e assembleia oculta – 232
Homem de gênio
conceito de – 183
Homem duplo
bicorporeidade e – 119, nota

conceito de – 119
exemplos de – 119
Homem duplo
explicações sobre – 119, 1
perispírito e – 119, 2
Santo Afonso de Liguori e – 119, nota
Santo Antônio de Pádua e – 119, nota
Homem duplo *ver também* Bicorporeidade
Humanidade
marcha incessante da – 236
superioridade da – 236

I

Idade Média
escrita direta na – 147
Ideia fixa
alucinação e – 113, 2
tendência à – 222
Ideia nova
crivo da razão e da lógica – 230
Idiota
causa da apresentação do – 223, 19
constrangimento para o Espírito e – 223, 19
evocação de – 223, 19
Revista Espírita e – 223, 19
Igreja
manifestação da Virgem e – 46

Imposição das mãos
cura e – 131
Incrédulo(s)
classes de – 20 a 23
comunicação espiritual e – 6
convencimento do – 30; 98
covardia e – 24
decepções e – 25
dúvida dos – 20
escrúpulos religiosos e – 24
Espiritismo e – introd., p. 14; 13
espírito de contradição e – 24
fatos espíritas e – 6
indecisos – 26
leviandade e – 24
negligência e – 24
orgulho e – 24
queixas do – 94, 7
questões formuladas ao – 4; 6
regra para convencimento do – 19
suspensão das mesas e – 78
Incrédulos de má vontade
espiritualista e – 22
Incrédulos interesseiros
Espiritismo e – 23
Inferno

localização do – 2
Influência do meio
manifestação inteligente e – 233
natureza dos Espíritos e – 341
sobre os Espíritos – 331
Influência moral do médium
dissertação de um Espírito sobre – 230
Erasto e – 230
perguntas diversas e – 226; 227 a 230
realidade da – 230
Inspiração
anjo da guarda e – 182
características da – 182
causa da – 183, 1
conceito de – 182
evocação e – 183
médium e – 183, 3
objetivo da – 183, 2
sistema sonambúlico e – 45
Instrução espírita
características da – 328
Instrução Prática – 15
Livro dos Médiuns, O, e – introd., p. 13
objetivo da publicação da – introd., p. 13
Inteligência
animal e – 236

atual ou anterior do médium – 225
chave dos fenômenos espíritas – 9
Espírito bom e – 265
essência do Espírito – 9
Inteligência
fenômeno espírita e * extracorpórea – 49
sinal de superioridade e – 265
Intuição
escrita mecânica e – 214
Invisibilidade
teoria do fenômeno da – 124

J

Jesus
dissertação espírita e – XXXI, IX, nota; XXXIII
manifestação de – 48
prática da moral de – 220, 16
Joana d'Arc
dissertação espírita – XXXI, XII
Jobert
sistema do músculo estalante e – 41, nota

K

Kardec, Allan
aconselhamento de – 35
Espírito familiar de – 86
exemplo de manifestação física e – 86

médium interesseiro e – 313
objetivo do trabalho de – introd., p. 11, 12
obras básicas de – nota explicativa
obras espíritas e – 35
Obras Póstumas – nota explicativa
preconceito racial e – nota explicativa
Que é o Espiritismo, O – nota explicativa
Revista Espírita e – nota explicativa

L

Laboratório do mundo invisível – 126 a 131
Laço fluídico
finalidade do – 284, 40
médium vidente e – 284, 40
Lamennais
considerações sobre o perispírito e – 51
pesquisas sobre a alma e – 51
Lei da gravidade
derrogação da – 8
suspensão das mesas e – 78
Lei da matéria
fatos espíritas e – 6
incrédulos e – 6
Lei do progresso
animal e – 236
Espírito encarnado e – 236
Lei espírita *ver* Doutrina Espírita, Espiritismo

Leis da matéria
explicação dos fenômenos pelas – 111
Leis da Natureza
aparição tangível e – 104
Espírito superior e – 74, 24
existência dos Espíritos e – 7
fenômenos contrários às – 74, 25
manifestação dos Espíritos e – 7
maravilhoso, sobrenatural e – 7
verdadeiro milagre e – 15
Levitação
Daniel Dunglas Home e – 16
São Cupertino e – 16
Língua estrangeira
consideração sobre – 224
flexibilidade do organismo para – 224
Linguagem humana
rapidez do pensamento e – 224
Livre-arbítrio
perfeição e * dos Espíritos – 49
Livro dos Espíritos, O
aparições e – 118
conquista de adeptos e – introd., p. 14
distinção entre Espíritos e – 262
escala espírita e – introd., p. 15; 49; 133
esquecimento do passado e – 290, 15-b

filosofia da ciência espírita e – introd., p. 14
futuro e – 289
imaterialidade da alma e – introd., p. 14; 50
Médiuns, O, e – introd., p. 14; 35
obras espíritas e – 35
perguntas aos Espíritos e – 287
perispírito e – 50
princípio das coisas e – 51
princípios fundamentais de – introd., p. 14
prioridade na leitura de – introd., p. 14
relação entre Livro dos Revista Espírita e leitura de – 35
sensação dos Espíritos e – 50
sistema da loucura e – 39
sistema de negação e – 37
sistema do reflexo e – 43
sonâmbulo e – 174
sumário de – 35
Livro dos Médiuns, O
estudo cuidadoso do – introd., p. 12
faculdade mediúnica e – introd., p. 12
fenômeno espírita e – introd., p. 12
meio de propaganda e – introd., p. 13
objetivo de – introd., p. 11 a 14
obras espíritas e – 35
perguntas aos Espíritos e – 287
relação entre Livro dos Espíritos, O, e – introd., p. 14; 35

segunda edição de – introd., p. 15
sumário de – 35
Loucura
Espírito e – 282, 35
mediunidade e – 221, 5; 222
subjugação corpórea e – 240
Loudun, religiosas de
charlatanismo e – 11
Espiritismo e – 11
fanatismo e – 11
Lucidez sonambúlica
características da – 174
Lugar mal-assombrado
causa do assombramento do – 132, 10
origem da crença do – 132, 5, 9
temor do – 132, 12
Luís, São
arremesso de objetos e – 94
caixa de rapé e – 128
Luís, São
comunicação espiritual e conselho de – 266
dissertação espírita e – XXXI, VI, XVII a XIX, XXIII
fluido universal e – 74; 75
história da Rua des Noyers e – 94; 95
objetos tangíveis e – 18
Luz, A

sistema da alma coletiva e – 44, nota
Tirpsé, Émah e – 44

M

Magnetismo
mesas girantes e – 74, 19
prodígios e – 16
revelação da lei e – 15
subjugação corpórea e – 251
vontade e – 131
Magnetização
consequência da * de cão – 236
Magnetizador
ação dos Espíritos sobre – 176, 2, 3
ação magnética curadora e – 131
características do – 176, 2, 3
crença nos Espíritos e – 176, 3, 4
cura e – 175
Espírito obsessor e – 251
fluido magnético e – 131
fluidos do organismo e – 131
influência do * no médium escrevente – 206
poder do – 131
Mal
Espírito leviano e exposição do – 267, 16
origem do – 267, 3
Manifestação espírita

base do Espiritismo e – 32
causa da dúvida na – 52
causas impeditivas à – 275
fatos comprobatórios da – 3
influência do meio sobre – 231
meio seguro de controle da – 171
propriedades da alma e – 4
relações fluídicas na – 276
subsistência da Doutrina Espírita e – 32
visibilidade dos Espíritos e – 100
Manifestação espírita *ver também* Fenômeno espírita
Manifestação espontânea
fatos espíritas e – 33
impedimento da – 254, 7
Manifestação física
aptidão dos Espíritos inferiores para – 74, 12
conceito de – 60
Espíritos batedores e – 185
fraternidade e – 342
fraudes e – 314
mesas girantes e – 60
permissão de Deus para instrução – 310
reunião experimental e – 326
teoria da – 72
tipos de – 60
utilidade da – 327; 342

Manifestação física espontânea
atenuação dos inconvenientes da – 88
causas da – 91; 162
circunstâncias para realização da – 93
Doutrina Espírita e causas da – 162
epidemias e – 89
Manifestação física espontânea
Erasto e a teoria da – 98
Espiritismo prática natural e – 82
Espíritos batedores e – 89
Espíritos inferiores e – 85
exemplos de – 86
finalidade da – 85
história da Rua des Noyers e – 88
história de Bergzabern e – 88
história de Dibbelsdorf e – 88
história do Espírito de Castelnaudary e – 88
história do fabricante de São Petersburgo e – 88
história do padeiro das Grandes-Ventes e – 88
limitação da – 87
local de realização da – 92
localização do médium na – 92
lugares mal-assombrados e – 132
médium natural e – 92
objetivo da – 94, 7
ordem dos Espíritos provocadores da – 91

periodicidade da – 88
proporções fatigantes da – 162, nota
Revista Espírita e – 88
ruídos espíritas e – 83
utilização do fluido animalizado na – 93
Manifestação inteligente
características da – 133
condições para realização da – 66
garantia contra a fraude e – 323
influência do meio e – 233
mesas girantes e – 66; 67
permissão de Deus para instrução e – 310
tiptologia e – 68; 139
Manifestação mediúnica
cuidados no trato da – introd., p. 12
Manifestação visual
alucinação e – 100, 15
aparência do Espírito e – 100, 12, 28
aparições e – 100
aptidão para – 100, 25
classe dos Espíritos e – 100, 2
condições para realização da – 100, 26
conversa com Espírito e – 100, 11
dificuldade na percepção da – 100, 9
doença e – 100, 16
Espíritos zombeteiros e – 100, 14

exercício da – 100, 26-a
finalidade da – 100, 4 a 6
forma animalesca e – 100, 30
forma de chamas e – 100, 28-a
medo de – 100, 10, 30
mundos mais adiantados e – 100, 9
perigo na * de Espírito – 100, 10
permanente – 100, 7
permissão para – 100, 2, 8
princípio da – 100, 21
resposta de Espírito e – 100, 11-a
sono e – 100, 1
Massilon
dissertação espírita e – XXXI, XXV
Matéria
ação do Espírito sobre – 3; 7; 9; 59; 72; 109; 128; 130
Matéria
escrita direta e agregação da – 128, 18
mediunização da – 236
modificação das propriedades da – 128, 6
penetrabilidade da * pelos objetos – 99, 20
perispírito e – 106; 126
potência da Natureza – 10
quebra da agregação da – 99, 20
vida animal e – 74, 13
vida artificial e – 74, 13

Matéria cósmica *ver* Matéria cósmica universal
Matéria cósmica universal
fluido cósmico e – 131
formação de objetos e – 129
Matéria cósmica universal *ver também* Elemento universal
Matéria elementar
confirmação da existência da – 130
Matéria elementar *ver também* Matéria cósmica universal
Matéria etérea
transformações da – 128, 6
Materialismo
filosofia racional do – 11
julgamento do Espiritismo e – 11
maravilhoso e – 11
princípios do – 11
verdadeiro – 21
Materialista
classes de – 20; 21
crença do – 19
doutrina * e Livro dos Espíritos, O – 20
espírita, espiritualista e – 19
fenômeno material e – 29
indiferente – 21
método de convencimento do – 19
sistema do reflexo e ideia – 43
sistemático – 20

Mathieu
carta sobre médium trapaceiro e – 317
Medianímico
vocabulário espírita e – XXXII
Medianimidade
vocabulário espírita e – XXXII
Médium(ns)
afinidade especial do – 236
animais e – 234
aptidão de certos – 159; 185; 198; 223, 16
aptidão do * e comunicação espiritual – 185
aptidão do * para desenho e música – 223, 20
ascendente moral do – 162
atuação do Espírito à revelia do – 74, 15
características do * orgulhoso – 228
caráter do – 199
categorias de – 187
causa da preferência dos Espíritos e – 223, 8
causa do abandono do – 220, 3
causa do estímulo do orgulho no – 228
comunicação da alma do – 223, 2, 2-a; 5
comunicação inteligente e Espírito do – 223, 9
conceito de – 49; 159; 172; 176, 2; 182; 236
conhecimentos do Espírito do – 223, 4
conhecimentos latentes no Espírito do – 225

crítica e – 329
desejo natural do – 203
desenvolvimento moral do – 226, 1
deslumbre do – 228
elogios ao – 228
Erasto e papel do – 225
escolha do * mais apto – 199
escolhos do – 197; 211
espécies de – 186
Espírito enganador e – 329
Espírito errante e Espírito encarnado no – 223, 15
Espírito superior e imperfeição do – 231
estado cataléptico do – 98
estado do * e faculdade mediúnica – 223, 1
estado sonambúlico do – 99
estímulo ao – 162
estudo da especialidade do – 199
fenômeno espírita e presença do – 236
fenômeno espontâneo e – 74, 15
fluido universal e fluido do – 74, 14
formação do – 208
identificação do * com Espírito evocador – 225
idioma desconhecido do – 223, 17; 225
idioma familiar ao – 225
ignorância e leviandade dos – introd., p. 14
impressionabilidade do – 164; 268, 28

indignidade do * e obsessão – 254, 3
influência do – 225
influência do Espírito encarnado no – 223, 7
influência do Espírito pessoal do – 223, 1
instrumento para exprimir o pensamento do – 224
instrumentos do erro – 226, 7
inteligência do * e mesas girantes – 69
intuição de língua estranha e – 223, 17
isolamento do – 248
lamento pelo afastamento do – 226, 8
ledor de sorte – 273
lisonja à vaidade do – 267, 14
manifestação do orgulho no – 228
mediunidade intuitiva e – 215
mediunidade mecânica e – 215
meios mecânicos à disposição do – 224
mesas girantes e intervenção do – 61
mesas girantes e papel do – 74, 14
multiplicação do número de – introd., p. 13
não sabe ler nem escrever – 225
natureza especial do – 99, 3
ofício lucrativo do – 310
origem da comunicação do – 223, 2-a
papel dos – 225
passividade do – 226, 5
passividade do Espírito do – 223, 10

perda da faculdade mediúnica e – 220, 1
perfeito – 226, 9
perguntas do – 225
pessoas elétricas e – 74, 20
poder dos – 74, 19; 75
Médium(ns)
pouquíssima inteligência e – 223, 19
primeiro pensamento do – 215
processo de comunicação com – 225
prova da ideia estranha e – 182
quadro sinótico e – 197
qualidades dos – introd., p.12; 194, 4º; 195, 5º; 197; 226, 6
razão da vanglória do – 220, 4
receita para formar – introd., p. 12
recomendações aos – 273
repugnância do * pela mediunidade – 220, 13
resistência do Espírito do – 223, 10
responsabilidade do – 329
sensação do Espírito e – 268, 28
suspeição do – 230
tentativa de escrever e – 220, 6, 7
Timóteo e papel do – 225
transmissão do pensamento e Espírito do – 223, 9-a
vanglória do – 226, 10
vicioso – 227
vocabulário do – 15

vocabulário espírita e – XXXII
Médium ambicioso
conceito de – 196
Médium aprendiz
fé e – 209
Médium audiente
características do – 165
conceito de – 165; 190
Médium bem adestrado
atuação dos Espíritos sobre o – 225
Médium bom
características do – 229
Médium calmo
conceito de – 194
Médium científico
conceito de – 193
Médium convulsivo
características do – 194
conceito de – 194
Médium curador
características do – 175
conceito de – 189
espontaneidade do – 175
fluido magnético e – 175
prece e – 175
Médium de aparição

conceito de – 189
Médium de comunicações triviais e obscenas
características do – 193
Médium de ditados espontâneos
características do – 192, 2º
conceito de – 192, 2º
Médium de efeitos físicos
abuso da faculdade e – 307
aptidões exigidas do – 98
conceito de – 75; 160; 187
insegurança do – 307
médiuns facultativos e – 160
médiuns involuntários e – 160
pessoa elétrica e – 163
tipos de – 160
Médium de efeitos intelectuais
conceito de – 187
Médium de efeitos musicais
conceito de – 189
Médium de evocação
conceito de – 192, 2º
Médium de má-fé
conceito de – 196
Médium de pressentimento
conceito de – 184; 190
dupla vista e – 184

médium inspirado e – 184
Médium de translação e de suspensão
conceito de – 189
Médium de transporte
conceito de – 189
Médium desenhista
dificuldade mecânica do – 223, 18
Médium desenhista *ver também* Médium pintor
Médium devotado
conceito de – 197
Médium egoísta
conceito de – 196
Médium escrevente
aptidão do * para verso – 223, 20
comprovação da faculdade do – 200
conceito de – 191, 1º
desenvolvimento da mediunidade e – 200; 206; 207
diagnóstico da mediunidade no – 200
dificuldade mecânica no – 223, 18
Espíritos familiares e – 211
Médium escrevente
Espíritos levianos e – 210
Espíritos maus e – 211; 212
Espíritos secundários e – 210
estado normal do – 223, 1
exercício com * auxiliar – 206

exercícios caligráficos do – 210
guia experimentado e – 206
indício para disposição de – 210
influência do magnetizador no – 206
leitura da mensagem de – 213
manifestação da – 200
mudança de caligrafia e – 219
negação da faculdade de – 220, 15
precauções do – 211
subjugação corpórea e – 240
utilização da faculdade pelo – 217
Médium escrevente mecânico
conceito de – 191, 1º
Médium especial
aptidões particulares do – 185
características do – 185
Médium especulador
almas dos mortos e – 312
conceito de – 311
Médium excitador
conceito de – 189
Médium exclusivo
conceito de – 192, 2º
Médium experimentado
características do – 192, 2º
conceito de – 192, 2º

Médium explícito
conceito de – 192, 2º
Médium extático
conceito de – 190
Médium facultativo
características do – 160
conceito de – 188
Médium falante
atuação do Espírito no – 166
características do – 166
conceito de – 166; 190
inconsciência do – 166
médium audiente e – 166
passividade do – 166
Médium fascinado
conceito de – 196
Médium feito
conceito de – 192, 2º
verdadeiras dificuldades do – 216
Médium filósofo e moralista
conceito de – 193
Médium formado *ver* Médium feito
Médium historiador
conceito de – 193
Médium iletrado
conceito de – 191, 1º

Médium imperfeito – 196
boas comunicações e – 226, 8
repugnância pela mediunidade e – 220, 13
Médium improdutivo
características do – 210
conceito de – 192, 2º
Médium inconsciente *ver* Médium natural
Médium incorreto
conceito de – 193
Médium indiferente
conceito de – 196
Médium inerte
categoria de – 223, 14
conceito de – 223, 12
sistema do – 223, 12
Médium inspirado
conceito de – 182; 190
variedade da mediunidade intuitiva – 182
Médium interesseiro
características do – 306
charlatanismo e – 304
contestação de – 311
embuste e – 304
severidade de Allan Kardec com – 313
Médium intuitivo
característica do – 181

conceito de – 180; 191, 1º
independência do – 223, 11
origem do pensamento no – 180; 219
papel da alma no – 180
papel do – 181
pensamento no – 181
preferência dos Espíritos e – 223, 9
Médium invejoso
conceito de – 196
Médium involuntário
características do – 161
dupla vista e – 161
estado patológico e – 161
Médium involuntário *ver também* Médium natural
Médium lacônico
conceito de – 192, 2º
Médium leviano
características do – 230
conceito de – 196
Médium literário
conceito de – 193
Médium mal aparelhado
atuação dos Espíritos sobre – 225
Médium maleável
conceito de – 192, 2º
Médium mecânico

característica do – 181
conceito de – 179
fraude com – 323
inconsciência do – 179
independência do – 223, 11
movimento da mão no – 219
mudança de caligrafia e – 219
papel do – 181
pensamento no – 181
preferência dos Espíritos e – 223, 9
Médium mercenário
conceito de – 196
melhor garantia contra – 314
Médium modesto
conceito de – 197
Médium motor
conceito de – 189
Médium músico
conceito de – 190
Médium natural
características do – 161
conceito de – 188
crianças e – 221, 7
dupla vista e – 161
estado patológico e – 161
manifestação física espontânea e – 92

Médium natural *ver também* Médium involuntário
Médium noturno
conceito de – 189
truques de ventriloquia e – 189
Médium novato
conceito de – 192, 2º
dificuldade mecânica do – 224
Médium obsidiado
autoanálise do – 329
conceito de – 196
Médium orgulhoso
conceito de – 196
Médium pago
abuso no – 311
utilidade do – 305
Médium passivo *ver* Médium mecânico
Médium perfeito
conceito de – 226, 9
motivo de engano do – 226, 10
Médium pintor
conceito de – 190
Médium pintor *ver também* Médium desenhista
Médium pneumatógrafo
características do – 177
conceito de – 177; 189
escrita direta e – 177

Médium poético
conceito de – 193
Médium poliglota
conceito de – 191, 1º
Médium polígrafo
conceito de – 191, 1º; 219
Médium positivo
conceito de – 193
Médium presunçoso
conceito de – 196
Médium profético
conceito de – 190
médium inspirado e – 190
médium de pressentimento e – 190
Médium psicógrafo *ver* Médium escrevente
Médium receitista
conceito de – 193
médium curador e – 193
Médium religioso
conceito de – 193
Médium seguro
conceito de – 197
qualidade mais preciosa – 198
Médium semimecânico
característica do – 181
conceito de – 191, 1º

movimento da mão no – 219
mudança de caligrafia e – 219
pensamento no – 181
Médium sensitivo
conceito de – 164; 188
desenvolvimento do – 164
impressionabilidade do – 164
Médium sério
conceito de – 197
Médium sonambúlico
características do – 172
conceito de – 172
Médium sonâmbulo
conceito de – 190
Médium subjugado
conceito de – 196
Médium suscetível
conceito de – 196
críticas e – 196
melindre e – 196
variedade do médium orgulhoso – 196
Médium tiptólogo
conceito de – 189
Médium trapaceiro
carta sobre – 317
estigmatização do – 317

Mathieu e – 317
Revista Espírita e – 317
Médium veloz
conceito de – 194
Médium versificador
conceito de – 193
Médium vidente
aparência do Espírito e – 268, 14
características do – 167
caso da ópera Obéron e – 169
conceito de – 167; 168; 190
dupla vista e – 167
Espíritos glóbulos e – 171
estudo do mundo invisível e – 103
grau de vidência do – 100, 29-a
laço fluídico e – 284, 40
percepção da aparição e – 103
prova da influência dos Espíritos e – 170
raridade e desconfiança do – 171
reconhecimento de pessoa viva pelo – 118
revelação do Espiritismo e – 103
Servius Tulius e – 100, 29-a
simulação e – 171
sonambulismo e – 167
Médium voluntário *ver* Médium facultativo
Mediunato

vocabulário espírita e – XXXII
Mediunidade
afastamento do exercício da – 222
características da – 244; 306
comunicações morais e falta da – 220, 8
conceito de – 306
corpo inerte e verdadeira – 223, 12
desenvolvimento da – 200; 221, 6; 226, 1
dificuldade da – 329
espécies comuns de – 188
falta de flexibilidade do – 248
fascinação e – 329
idade para prática da – 221, 8
influência do exercício da * sobre a saúde – 221, 1
influência do exercício da * sobre as crianças – 221, 6
influência do exercício da * sobre o cérebro – 221, 5
inteligência, qualidades morais e – 223, 19
loucura e – 221, 5; 222
objetivo da Providência e – 220, 12
obsessão e – 242; 329
privilégio da – 226, 2
quadro sinótico da – 186
tentativas de revelação da – 218
variações da – 199
verdadeira – 163
vocabulário espírita e – XXXII

Mediunidade interesseira
Allan Kardec e – 313
descrédito da – 313
Mediunidade intuitiva
médium dotado da – 215
Mediunidade mecânica
médium deserdado da – 215
Mediunidade nos animais – 234 a 236
Erasto e – 236
Espiritismo e – 236
Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – 236
Memória
cérebro e – 113, 2
conceito de – 113, 2
Mesas falantes
emprego das – 152
Espírito do médium e – 223, 9-a
Espírito superior e – 145
Tertuliano e – 60
testemunho das – 70
tiptologia e – 64; 68; 70
vida artificial e – 77
Mesas falantes *ver também* Mesas girantes
Mesas girantes
ação da inteligência nas – 74, 16
ação do Espírito nas – 72; 73; 74, 9

ação do pensamento e – 69; 70
características das – 63
causa do fenômeno das – 74, 17
comportamento das – 63; 67
Daniel Dunglas Home e – 80
efeito de óptica e – 40
Espiritismo e – 13
Espíritos inferiores e – 74, 10
Espíritos superiores e – 74, 12
fluido universal e movimento das – 74, 9
fraudes, trapaças e – 67
histórico das – 60
inteligência do médium e – 69
inteligência oculta e – 68
intervenção do médium e – 61; 73
magnetismo e – 74, 19
manifestação física e – 60
ordem dos Espíritos atuantes nas – 74, 10, 11
papel do médium nas – 74, 14
ponto de partida da Doutrina Espírita – 60
primeira solução dada para – 65
provas de inteligência das – 65
reprodução dos fenômenos das – 69
saturação fluídica das – 77
sistema da alucinação e – 40
Tertuliano e – 60

tiptologia e – 64; 68; 70
vontade do médium e – 74, 18, 18-a zombaria e – introd., p. 14
Mesas girantes *ver também* Mesas falantes
Mesa-Girardin
característica da – 144
Émile Girardin e – 144
fraudes e – 144, nota
Milagre
acepção acadêmica da palavra – 14
caráter do – 15
Milagre
Ciência e – 15
inexplicabilidade do – 15
significado etimológico da palavra – 15
verdadeiro – 15
Mistificação
consequências da – 303, 2
escolho do Espiritismo – 303, 1
Espírito de Verdade, O, e – 303, 2
inconvenientes da – 303
permissão divina e – 303, 2
Morte
conceito de – 54; 77
crença espírita e temor da – 289, 14
evocação no instante da – 282, 34
intuição da época da – 289, 14

prazo para evocação depois da – 282, 33
predição da – 289, 13, 14
Morte aparente
reanimação do homem e – 15
Movimentos e suspensões – 74
Mundos dos Espíritos *ver* Mundo espiritual
Mundo espiritual
Espírito errante de animal no – 283, 36
ideias falsas acerca do –
introd., p. 14
lugar do sábio no – 293, 25
reunião frívola e – 325
situação dos Espíritos no – 292, 22
Mundo espiritual *ver também* Mundo invisível
Mundo invisível
duplo etéreo dos objetos no – 128, 4
impossibilidade do – 2
laboratório do – 126 a 131
localização das almas e – 2
matéria do – 128, 4
médium vidente e estudo do – 103
teoria dos objetos etéreos no – 126
Mundo invisível *ver também* Mundo espiritual
Mundo superior
manifestação no – 275

N

Napoleão
dissertação espírita e – XXXI, XXXI
Nota explicativa – XXXII, nota

O

Objetos
correspondentes etéreos dos – 126
demora no trazimento dos – 99, 2
desaparecimento dos – 99, 10; 15, nota
duplo etéreo dos – 128, 4
em locais fechados – 99, 18, 20
fabricação dos – 99, 17
forma e propriedades especiais dos – 128, 10
invisibilidade e transporte dos – 99, 20
localização dos – 99, 5 a 9, notas; 126
maneira de transporte dos – 99, 13, nota
matéria cósmica universal e – 129
Objetos
penetrabilidade da matéria pelos – 99, 20
peso dos – 99, 14, nota
teoria da formação espontânea dos – 99, 20, nota
teoria dos * etéreos – 126
visibilidade dos – 99, 19, nota
Objetos tangíveis
caixa de rapé e – 128, 1
existência temporária dos – 129
formação espontânea dos – 128 produção de – 128, 15

São Luís e – 128
transformação da matéria etérea e – 128, 6
utilização de * como comuns – 128, 14
Obras básicas
Allan Kardec e – nota explicativa
conclusões sobre estudo das – nota explicativa
Obras espíritas
aconselhamento para leitura das – 35
Que é o Espiritismo, O – 35
Livro dos Espíritos, O – 35
Livro dos Médiuns, O – 35
Revista Espírita – 35
Obsessão
caminho da – 329
características da – 237; 243; 329
causas da – 245
conceito de – 237
covardia e – 245
escolho da mediunidade – 242
faculdade mediúnica e – 244
indignidade do médium e – 254, 3
mediunidade e – 329
meios de combater – 249
perigo da – 244
propriamente dita – 248
variedades de – 237

vingança e – 244
Obsessão física
obsessão simples e – 238
Obsessão simples
características da – 238
caráter do Espírito e – 239
categorias de – 24
conceito de – 238
fascinação e – 239; 250
inconveniente da – 238
obsessão física e – 238
Obsidiado
imperfeições morais do – 252
Oração
conceito de – 132, 8-a
cura e – 176, 9
eficácia da – 176, 9
fé e – 176, 9
fórmulas de – 176, 9
local mais agradável para – 132, 8-a
médium curador e – 175
Organismo
influência do * na comunicação espiritual – 224
Orgulho
Espírito mau e – 228
motivo de perda dos médiuns – 228

qualidades manchadas pelo – 254, 2

P

Pascal
dissertação espírita e – XXXI, XIII
Penas e recompensas
causas das – 2
local das – 2
Pensamento
alma e – 51
animal e * do homem – 236
associação do * dos assistentes – 331
atração do anjo da guarda pelo – 256
atração do Espírito pelo – 100, 15
atributo do Espírito – 7
cérebro e forma do – 236
constrangimento do * do Espírito – 269
decomposição do * do Espírito – 225
divergente – 331
Espírito desencarnado e
percepção do – 225
Espírito do médium e transmissão do – 223, 9-a
Espírito encarnado e percepção do – 76; 225
evocação e – 100, 15; 282, 24
expressão do * dos Espíritos – 223, 8
fluido universal e – 282, 5-a
formas de expressão do – 223, 21

imitação do – 268, 24
interpretado pelo Espírito do médium – 223, 6
irradiação do * do Espírito puro – 282, 30-a
linguagem dos Espíritos – 223, 15
linguagem humana e rapidez do – 224
línguas e expressão do – 224
manifestação do * no corpo físico – 5
mesas girantes e ação do – 69; 70
modo de transmissão do – 282, 5
nível de percepção do – 225
nos parentes de além-túmulo – 282, 20
origem da aptidão para expressão do – 223, 22
origem do * no médium intuitivo – 180
perispírito e – 55; 76
primeiro * do médium – 215
procedência do – 215
recepção e transmissão do – 54
revestimento do – 225
tradução do * em linguagem – 236
vestimenta do – 225
Perguntas aos Espíritos
abstenção das – 287
assistência ao sábio e inventor e – 294, 29
boa vontade nas respostas às – 288, 1
compreensão das – 288, 6
conselho médico e – 293

considerações sobre – 286
diferentes mundos e – 296, 32, 32-a
Espíritos bons e – 288, 3
Espíritos imperfeitos e – 288, 3-a
Espíritos inferiores e – 288, 6
Perguntas aos Espíritos
Espíritos levianos e – 288, 2-a
Espíritos mistificadores e – 287
evocação antecipada e – 286
herança, negócios materiais e – 291, 20
inconveniente das – 287
instrução e – 287
Livro dos Espíritos, O, e – 287
Livro dos Médiuns, O, e – 287
natureza das – 286
natureza dos seus sofrimentos e – 292, 22
pesquisas científicas, descobertas e – 294, 28
puerilidade das – 291, 18
resposta negadas às – 288, 5, 5-a
resposta séria às – 288, 2, 2-a
simpáticas e antipáticas – 288
situação no mundo espiritual e – 292, 21
sobre respostas contraditórias – 300, 1
sobre saúde – 293, 24
sobre tesouros ocultos – 295, 30
vantagens das – 287

Perispírito
ação da vontade sobre – 3
alma e – 50; 54
aparições e – 50; 57
características do – 3; 54; 236
causa dos diferentes estados do – 105
chave dos fenômenos espíritas – 54; 74, 9; 109
conceito de – 50; 51; 54
condensação do – 105, nota
condições para visualização do – 105
considerações sobre – 51
densidade do – 74, 12
Doutrina Espírita e – 50
encarnação e – 75
erraticidade e – 75
Espírito e – 50
Espíritos não encarnados e – 56
essência do – 51
fenômenos fisiológicos e patológicos e – 54
fluido universal e – 74, 7
forma do – 56; 100, 28-a
função do – 54
invisibilidade do – 105
Lamennais e – 51
Livro dos Espíritos, O, e – 50
manifestação visual e – 100, 21

matéria e – 106
modificação do – 105
natureza do – 3; 9; 55; 57
origem do – 236
parte integrante do Espírito – 55
pensamento e – 55; 76
princípio das manifestações e – 109
princípio inteligente e – 50
propriedades do – 56; 57; 59; 106; 123; 236
revelação do – 50; 54
simbologia do – 54
tangibilidade do – 126
vida artificial e – 74, 24
visibilidade do Espírito e – 100, 22
vocabulário espírita e – XXXII
Perturbação
características do estado de – 53, nota; 284, 51
duração da – 282, 33
Peso dos corpos
aumento e diminuição do – 81
Pessoa elétrica
agente do fenômeno da – 163
características da – 163
médium de efeitos físicos e – 163
torpedos humanos e – 163
Petersburgo, São, história do fabricante de

manifestação física espontânea e – 88
Revista Espírita e – 88
Pierre Jouty
dissertação espírita e – XXXI, XI
Pluralidade dos mundos
teoria da – 2
Pneumatofonia
causa inteligente no – 150
cautela no fenômeno de – 150
conceito de – 146; 150
espontaneidade no fenômeno da – 151
formas de produção da – 151
Revista Espírita e – 150
vocabulário espírita e – XXXII
Pneumatografia
caráter inteligente da – 43
conceito de – 127; 146
fenômeno espírita e – 15
origem da matéria e – 127
sistema do reflexo e – 43
vocabulário espírita e – XXXII
Pneumatografia *ver também* Escrita direta
Poder mediúnico
emissão do fluido animalizado e – 75
Possessão
características da – 241

Espíritos maus e – 241
subjugação e – 241
Prancheta
descrição da – 156
Prece *ver* Oração
Preconceito
Espiritismo e – nota explicativa
Predição
desconfiança da – 289, 9; 303, 2
determinação da data na – 289, 11
dia e hora da morte e – 289, 13
enganosa – 289, 10
Espíritos levianos e – 289, 11
Pressentimento
conceito de – 184
Prestidigitador
dupla vista e – 234
experiência com – 234
prodígios do – 314
sonambulismo e – 234
Princípio inteligente
animal e – 283, 36
existência do – 1; 284, 57
perispírito e – 50
Princípio religioso
veracidade ou falsidade do – 10

Psicofonia
vocabulário espírita e – XXXII
Psicografia
características da – 149
conceito de – 146; 158
Psicografia
explicações sobre – 213
primórdios da – 71
vocabulário espírita e – XXXII
Psicógrafo
vocabulário espírita e – XXXII
Psicografia direta
características da – 157
Psicografia indireta
cestas, pranchetas e – 152, 153
conceito de – 157

Q

Quadro sinótico das diferentes espécies de médiuns
complemento da escala espírita e – 197
Erasto e – 186; 189; 193; 196; 197 importância do – 197
Sócrates e – 186; 197; 198
Que é o Espiritismo, O
obras espíritas e – 35
princípios da Doutrina Espírita e – 35
sistema da loucura e – 39
sistema de negação e – 37

sumário de – 35

R

Raças
consanguinidade e descendentes das – nota explicativa
privilégios de – nota explicativa
reencarnação e – nota explicativa
Reencarnação
contradições e – 301, 8
Espíritos inferiores e – 301, 9
rejeição do Espiritismo e – 301, 9
vocabulário espírita e – XXXII
Religião
fatos prodigiosos e – 16
reprovação da – 1
superstição e – 10
Reunião
acompanhamento de Espíritos à – 330
conceito de – 331
Reunião de estudo
utilidade da – 329
Reunião espírita
admissão de novos elementos à – 338
características da – 324
condições especiais da – 324
crítica à – 337
dificuldades na – 335

homogeneidade na – 331
segurança na – 335
vantagens da – 324
Reunião experimental
finalidade da – 326
manifestação física e – 326
subterfúgios e – 326
Reunião frívola
características da – 325
consequências da – 325
Espíritos levianos e – 325
ideia do mundo espiritual e – 325
Reunião fútil
Espírito superior e – 231; 232
Reunião instrutiva
caráter da – 327
condições para – 327
Reunião mediúnica
condições para experiência em – 62
recolhimento na – 62
Reunião perfeita
acompanhamento de Espíritos bons na – 330
Reunião séria
conceito de – 327
condições essenciais à – 332
condições para manifestação física em – 342

Espírito inferior e – 231
objetivo da – 330
trabalho do médium na – 329
Revista Espírita
ação magnética curadora e – 131
aconselhamento para leitura da – 35
adestramento de animal e – 236, nota
agênere e – 125
Allan Kardec e – nota explicativa
arremesso de objetos e – 94
Espírito batedor de Bergzabern e – 88
Espírito brincalhão e – 88
história da Rua des Noyers e – 88
história de Dibbelsdorf e – 88
história do Espírito de Castelnaudary e – 88
história do fabricante de São Petersburgo e – 88
história do padeiro das Grandes-Ventes e – 88
idiota e – 223, 19
Livro dos Espíritos, O, e – 35
manifestação física espontânea e – 88
médium trapaceiro e – 317
obras espíritas e – 35
pneumatofonia e – 150
sumário da – 35
Rousseau, J.-J.
dissertação espírita e – XXXI, III

Rua des Noyers, história da
arremesso de objetos e – 94, 1
diálogo com Espírito perturbador da – 95
evocação de Espírito inferior e – 94, 8
indispensabilidade do médium e – 94, 4
influência mediúnica na – 94, 3
Jeannet, Espírito perturbador da – 95, 18
manifestação física espontânea e – 88
objetos utilizados na – 94, 6; 95, 9 a 12
Revista Espírita e – 88
São Luís e – 94; 95
Ruído espírita
caráter especial do – 83
causa inteligente e – 83
causas do – 74, 23; 83; 92
localização do médium e – 92
manifestação física e – 83
medo do – 84
Ruído espírita *ver também* Tiptologia

S

Sábio
Espírito de homem e – 265
lugar do * no mundo espiritual – 293, 25
preconceitos do * encarnado – 293, 26
Saint-Médard, convulsionários de
charlatanismo e – 11

Espiritismo e – 11
fanatismo e – 11
Salette, pastorinhas em
aparições e – 17
Espiritismo e – 17
Saint-Étienne
transfiguração e – 122
Sematologia
conceito de – 140
exemplo de – 140
vocabulário espírita e – XXXII
Sensitivo
conceito de – 98
fluido animalizado do – 98
Seres ocultos *ver* Espíritos
Sessão de estudo
regulamentação da – 346
Sessão de experimentação
comportamento do adepto na – 34
condições para admissão na – 34
Sistema
alma coletiva e – 44
alma material e – 50
alucinação e – 40
causas físicas e – 42
charlatanismo e – 38

fenômenos e aparecimento de – 36
Livro dos Espíritos, O, e * de negação – 37
loucura e – 39
multiespírita ou poliespírita – 49
músculo estalante e – 41
negação e – 37
otimista – 47
pessimista, diabólico ou demoníaco – 46
Que é o Espiritismo, O, e * de negação – 37
reflexo e – 43
sonambúlico – 45
uniespírita ou monoespírita – 48
Sistema estranho
imposição de – 349
Sociedade Espírita
antagonismo e – 348
comportamento dos membros da – 335
condições favoráveis para – 341
contradições e – 349, nota
convite à – 350
dificuldade da – 340
formação da – 334
indissolubilidade da – 334
instrução na – 347
objetivo comum da – 348
objetivo providencial da – 350

organização da – 339
queda da – 335
Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas
administração da – XXX, II, 8º
admissão à – XXX, I, 3º
associado livre e – XXX, I, 4º
biblioteca da – XXX, IV, 25
cartão de admissão da – XXX, II, 16
Channing, Espírito e – 282, 30-a
comissão da – XXX, II, 11
comissários da – XXX, II, 13
composição da – XXX, I, 2º
comunicação espírita estranha à – XXX, III, 20
cota anual da – XXX, II, 15; IV, 28
Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas
decisões da – XXX, II, 12
diretoria da – XXX, II, 9º
diretor-presidente da – XXX, II, 10
exame das obras e – XXX, IV, 24
exclusão de sócio da – XXX, IV, 27
fundação da – XXX
limitação de associados da – XXX, I, 6º
mediunidade nos animais e – 236
membros da – XXX, IV, 23
nomeações da – XX, II, 14
objeto da – XXX, I, 1º

ouvintes da – XXX, III, 22
presidente da – XXX, II, 10
regulamento da – 339; XXX, IV, 29, nota
sessões da – XXX, III, 17 a 19
sessões gerais da – XXX, III, 22
sessões particulares da – XXX, III, 21
sócio correspondente da – XXX, I, 7º
sócio titular da – XXX, I, 5º
título de sócio da – XXX, IV, 26
ubiquidade e – 282, 30-a
Sócrates
quadro sinótico de médiuns e – 197; 198
Som espiritual *ver* Pneumatofonia
Sonambulismo
Espírito do médium e – 223, 3, 5
médium vidente e – 167
prestidigitador e – 234
provas de lucidez e – 173
sonâmbulo e – 172
Sonambulismo magnético
sonambulismo natural e – 162
Sonambulismo natural
sonambulismo magnético e – 162
Sonâmbulo
características do – 172
conceito de – 172

desprendimento natural do – 99
Espíritos estranhos e – 74, 20
evocação de – 284, 46; 46-a
faculdade lucrativa no – 312
Livro dos Espíritos, O, e – 174
médium vidente e – 172
qualidades morais do – 174
transfiguração e – 123
Sonâmbulo-médium
caso de – 173
Sonho
aparição e – 100, 15
aspecto das pessoas no – 100, 13
causas do – 112
conceito de – 100, 1
Espíritos bons e – 101
Espíritos imperfeitos e – 101
imagens no – 100, 15
interpretação do – 101
Livro dos Espíritos, O, e – 101
mediunidade de vidência e – 167
particularidades do – 101
sono e – 101
Sono
acordamento do homem no – 119, 3
aparecimento do Espírito no – 119, 3

Sono
estado do Espírito no – 284, 47
evocação e * magnético – 284, 46
evocação no – 284, 42, 42-a
ferimento do corpo no – 284, 41
liberdade do Espírito no – 114; 284, 48
manifestação aparente e – 101
manifestação visual e – 100, 1
modificação das ideias da pessoa no – 284, 47
natural e evocação – 284, 43
provocação do * na evocação – 284, 43
sonho e – 101
visibilidade dos Espíritos e – 100
Subjugação
conceito de – 240, nota
possessão e – 241
tipos de – 240
Subjugação corpórea
característica da – 240
loucura e – 240; 254, 6
magnetismo e – 251
médium escrevente e – 240
Subjugação moral
característica da – 240
fascinação e – 240
Substância alimentar

produção de * e sensação de saciedade – 128, 13
Substância salutar
produção de * e enfermidade – 128, 12
substância venenosa e – 130
Substância venenosa
permissão para produção de – 128, 11
substância salutar e – 130
Suicídio hipócrita
morte do corpo físico e – 284, 41-b
Superstição
ignorância da lei e – 15
maravilhoso e – 10; 13
religião e – 10

T

Tartufo
Espírito leviano e – 283, 36-a
evocação de – 283, 36-a
Telegrafia humana
almas de escol e – 285
Teólogo
crença em Deus e – 18
Teoria da animação artificial
abstração da – 78
Teoria espírita
aparição verdadeira e – 113
Terra

importância da – 2
privilégio da – 2
profundezas da – 2
Tertuliano
mesas girantes e – 60
Tesouro oculto
descoberta de – 295, 30
Espírito superior e – 295, 30
guardiães de – 295, 31
heranças desconhecidas e – 295, 31
Timóteo
papel dos médiuns e – 225
Tiptologia
atuação do Espírito na – 74, 22
características da – 139
conceito de – 64; 140; 158
Espíritos batedores e – 145
instrumentos utilizados na – 143
Tiptologia
localização do médium e – 92
manifestação inteligente e – 68; 139
Mesa-Girardin e – 144
mesas falantes e – 70
natureza do médium e – 64
vocabulário espírita e – XXXII
Tiptologia *ver também* Ruído espírita

Tiptologia alfabética
características da – 141
conceito de – 141
Tiptologia basculante
característica da – 139
inconvenientes da – 139
mímica e – 140
Tiptologia interna
características da – 142
conceito de – 142
Tiptólogo
vocabulário espírita e – XXXII
Trabalho
objetivo do * de Allan Kardec – introd., p.12
progresso pelo esforço no – 294, 28
Transfiguração
bicorporeidade e – 114
causa do fenômeno da – 123
conceito de – 122
diferença de peso na – 123
fenômeno natural e – 114
ilusão de óptica e – 122
manifestação visual e – 114
origem da – 123
perispírito e – 114
princípio fundamental da – 114

Saint-Étienne e – 122
sonâmbulos e – 123
teoria do perispírito e – 123
Tribos selvagens
transformações das – nota explicativa
Tulius, Servius
chama azul e – 100, 29-a
Espírito familiar e – 100, 29-a
médium vidente e – 100, 29-a

U

Ubiquidade
Channing, Espírito e – 282, 30a
Espírito e – 282, 30-a
Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – 282, 30-a
Universalidade dos espíritas
crença na – 49
Universo
alto e baixo do – 2

V

Verdade
conhecimento da – 300, 4
obstáculo à propagação da – 226, 12
prudência na divulgação da – 301, 9
Verdadeiro espírita
caridade e – 28

conclamação ao – 50
missão do – 30
Verdadeiro Espiritismo
apresentação do – 31
Vespasiano
bicorporeidade e – 120
Vestuário dos Espíritos
constituição do – 128, 5
formação dos – 128, 16
origem do – 126
Vicente de Paulo
dissertação espírita e – XXXI, XXX, XXXII
Vicente de Paulo, São
dissertação espírita e – XXXI, XX, XXVI, XXIX
Vida animal
matéria e – 74, 13
Vida artificial
fluido vital e – 77
matéria e – 74, 13
perispírito e – 74, 24
Vida corpórea
preconceitos da – 265
Vidência
desenvolvimento da – 171
Vingança
obsessão e – 245

Virtude

poder da – 267, 23

Visão da alma *ver* Dupla vista

Vocabulário Espírita – XXXII, nota supressão de artigos e – introd., p. 15

Vontade

ação da * na evocação – 204

ação da * no magnetismo – 131

ação da * sobre o perispírito – 3

conceito de – 131

Voz direta *ver* Pneumatofonia

[1] Os números arábicos isolados remetem aos itens do capítulo. Quando seguidos do número cardinal, ordinal ou romano, remetem aos subitens do respectivo capítulo. Os capítulos 30 a 32 estão indicados em números romanos, bem como os respectivos itens desses capítulos. Utilizaram-se as abreviaturas introd. e p. para as palavras introdução e página, respectivamente. Trabalho elaborado pela equipe da Biblioteca de Obras Raras em junho de 2008.

[*] Este índice corresponde a versão impessa do livro no formato 10x16cm.

Mantenha-se atualizado sobre os lançamentos da Federação Espírita Brasileira, cadastrando-se no site www.feblivraria.com.br.